

A ROSA DA MEIA-NOITE

Uma paixão para a vida toda. Uma procura sem fim.

DA AUTORA BEST-SELLER

LUCINDA RILEY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Darjeeling, Índia – Fevereiro de 2000

PRÓLOGO

Um ano depois

Londres – Julho de 2011

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Jaipur, Índia – 1911

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Astbury Hall – 2011](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Inglaterra – 1917](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Astbury Hall – Julho de 2011](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Donald – Fevereiro de 1919](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Astbury Hall – Julho de 2011](#)

[Capítulo 35](#)

Anahita – 1920

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Astbury Hall – Julho de 2011

Capítulo 42

Capítulo 43

Chalé às Margens do Riacho – Agosto de 1922

Capítulo 44

Astbury Hall – Julho de 2011

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Epílogo – Índia, 1957

Agradecimentos

Bibliografia

Notas

LUCINDA RILEY

A
ROSA DA
MEIA-NOITE

Tradução:
Elaine Cristina Albino de Oliveira



Copyright © 2013 Lucinda Riley
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda

A rosa da meia-noite / Lucinda Riley ; tradução Elaine Cristina Albino De Oliveira. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The midnight rose.

ISBN 978-85-8163-437-1

1. Ficção inglesa I. Título.

14-01711 | CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Leonora.



*Deixe meus pensamentos chegarem
até você, quando eu partir,
como o arrebol do pôr do sol à margem
de um silêncio estrelado.*

RABINDRANATH TAGORE

Darjeeling, Índia
Fevereiro de 2000



PRÓLOGO

Anahita

Completo cem anos de idade hoje. Não apenas consegui sobreviver por um século como vi nascer um novo milênio.

Enquanto a alvorada irrompe no horizonte, e o sol começa a se erguer sobre o monte Kanchenjunga através de minha janela, me deito sobre os travesseiros e, sozinha, rio de um pensamento ridículo. Se eu fosse uma mobília, uma cadeira elegante, por exemplo, seria rotulada como antiguidade. Seria polida, restaurada e orgulhosamente colocada em exibição como um objeto de beleza. Infelizmente, esse não é o caso de meu corpo, que não envelheceu como uma bela peça de mogno. Em vez disso, meu corpo se deteriorou como um flácido saco de juta comportando um conjunto de ossos.

Qualquer “beleza” que possa ser considerada valiosa em mim se esconde profundamente em minha essência. É a sabedoria de cem anos vividos nesse mundo, e um coração que tem batido em um cadenciado acompanhamento para todos os imagináveis comportamentos e emoções humanos.

Há cem anos, neste mesmo dia, como de costume entre os indianos, meus pais consultaram um astrólogo para que este lhes dissesse sobre o futuro de sua filha recém-nascida. Acredito que ainda tenha as previsões que o adivinho fez sobre meu futuro entre os poucos pertences de minha mãe que guardei. Eu me lembro deles dizendo que eu teria uma vida longa, mas em 1900, acredito, meus pais imaginaram que isso significava que, com a bênção dos deuses, eu chegaria aos cinquenta anos.

Ouçõ uma batida suave na porta. É Keva, minha fiel criada, trazendo uma bandeja com chá inglês e uma jarra de leite frio. Tomar chá ao modo inglês é um hábito que nunca consegui largar, mesmo tendo vivido na Índia, em Darjeeling, nos últimos setenta e oito anos.

Não respondo à batida na porta de Keva, preferindo ficar sozinha com meus pensamentos um pouco mais nesta manhã especial. Certamente, Keva quer conversar sobre os eventos do dia, ansiosa para me ajudar a levantar e a me vestir antes de minha família começar a chegar.

Quando o sol começa a queimar as nuvens que escondem o topo coberto de neve das montanhas, busco no céu azul a resposta que suplico todas as manhãs nestes setenta e oito anos.

Hoje, por favor, imploro aos deuses, pois eu sempre soube, a cada hora que passa desde que vi meu filho pela última vez, que ele ainda respira em algum lugar deste planeta. Se ele tivesse morrido, eu teria sabido no exato momento em que isso aconteceu, do mesmo modo que soube quando todos aqueles que amei na vida se foram.

Lágrimas enchem meus olhos, e eu me viro para o criado-mudo ao lado da

cama para estudar a única fotografia que tenho dele, um querubim de dois anos de idade, sorrindo, sentado sobre meus joelhos. Foi minha amiga Indira quem me deu essa foto, junto com sua certidão de óbito, algumas semanas depois de eu ter sido informada da morte de meu filho.

Uma vida se passou, acho. A verdade é que meu filho agora é um homem velho também. Ele celebrará seu octogésimo primeiro aniversário em outubro deste ano. Mas, mesmo com os poderes da *minha* imaginação, é impossível para mim enxergá-lo assim.

Desvio o olhar com determinação para longe da imagem dele, sabendo que hoje mereço desfrutar da celebração que minha família planejou para mim. Mas, de algum modo, em todas essas ocasiões, ao ver minha filha, netos e bisnetos, a ausência de meu filho apenas alimenta a dor em meu coração, me lembrando sempre de sua falta.

Claro que minha família acredita, como sempre acreditou, que meu filho morreu setenta e oito anos atrás.

— *Maaaji*^[1], veja, você tem até a certidão de óbito dele! Deixe-o descansar — minha filha Muna diria com um suspiro. — Desfrute da família viva que você tem.

Depois de todos esses anos, entendo que Muna se frustrar comigo. E ela, claro, tem razões para ficar assim. Ela quer ser o suficiente, apenas ela. Mas a perda de um filho é algo que não poderá jamais ser compensado no coração de uma mãe.

E, por hoje, minha filha terá seu desejo realizado. Eu me sentarei em minha cadeira e desfrutarei da dinastia que gerei. Não vou aborrecê-los com minhas histórias sobre a Índia. Quando chegarem em seus jipes ocidentais, com seus filhos brincando com seus dispositivos a bateria, não vou lembrá-los de que Indira e eu subimos a cavalo os montes íngremes ao redor de Darjeeling, que eletricidade e água encanada eram raridades no passado, ou da voracidade com que lia qualquer livro esfarrapado que caísse em minhas mãos. Os jovens ficam irritados com histórias do passado; eles preferem viver apenas o presente, assim como eu fazia quando tinha a mesma idade.

Posso imaginar que a maior parte de minha família não esteja ansiosa por atravessar a Índia para visitar sua bisavó em seu aniversário de cem anos, mas eu talvez esteja sendo dura com eles. Tenho pensado muito, nos últimos anos, sobre o porquê de os jovens ficarem desconfortáveis na presença de velhos; tantas coisas úteis e necessárias eles poderiam aprender conosco. Cheguei à conclusão de que tal desconforto é proveniente do fato de que, na presença de nosso físico frágil, eles se conscientizam do que o futuro representa para eles. Eles podem enxergar, no brilho de seu pleno vigor e beleza, que também entrarão em declínio um dia. Eles não sabem o que irão adquirir.

Como poderiam enxergar o que há dentro de nós? Compreender como nossas almas crescem uma vez que sua impetuosidade é domada e seus pensamentos egoístas são ofuscados pela experiência de tantos anos?

Mas aceito que a natureza seja assim, em toda a sua complexidade gloriosa. Deixei de questionar.

Quando Keva bate à porta pela segunda vez, eu a deixo entrar. Enquanto ela fala comigo em um hindi apressado, tomo meu chá e relembro os nomes de meus quatro netos e onze bisnetos. Aos cem anos de idade, desejo ao menos provar que minha mente ainda funciona perfeitamente.

Os quatro netos que minha filha me deu cresceram; tornaram-se pais amorosos e bem-sucedidos. Eles desabrocharam em um mundo novo trazido à Índia depois da independência do domínio britânico, e seus filhos foram ainda mais além. Ao menos seis deles, pelo que me lembro, abriram seus próprios negócios ou fizeram carreira. De um modo egoísta, eu gostaria de que um de meus descendentes tivesse interesse na medicina, tivesse seguido meus passos, mas sei que não é possível ter tudo.

Enquanto Keva me ajuda a ir ao banheiro para me lavar, penso que minha família tem uma mistura de sorte, inteligência e relações familiares a seu lado. Penso também que minha amada Índia provavelmente ainda precise de outro século antes que os milhões que passam fome nas ruas ganhem o mínimo para suas necessidades humanas básicas. Fiz o melhor que pude para ajudar ao longo dos anos, mas percebo que meus esforços foram mera ondulação contra uma maré estrondosa de pobreza e privação.

Sentada pacientemente enquanto Keva me veste em um sari novo, presente de aniversário de minha filha Muna, decido que não refletirei sobre esses pensamentos angustiantes hoje. Tentei, como pude, melhorar aquelas vidas que cruzaram a minha, e preciso ficar contente com isso.

— A senhora está linda, Madame Chavan.

Quando vejo meu reflexo no espelho, sei que ela está mentindo, mas eu a amo por isso. Meus dedos buscam as pérolas que repousam em volta de meu pescoço há quase oitenta anos. Em meu testamento, deixei-as para Muna.

— Sua filha chega às onze horas, e o resto da família chega uma hora depois. Onde devo deixar a senhora até eles chegarem?

Sorriso para ela, me sentindo como uma cadeira de mogno.

— Você pode me deixar na janela. Quero olhar minhas montanhas — digo.

Ela me ajuda a levantar, me guia gentilmente até a poltrona e me senta.

— Posso lhe trazer mais alguma coisa, madame?

— Não. Pode ir para a cozinha e se certifique de que nosso cozinheiro tem o cardápio do almoço sob controle.

— Sim, senhora. — Ela remove meu sino do criado mudo e o coloca na mesa a meu lado antes de deixar o quarto, em silêncio.

Viro meu rosto para a luz do sol, que começa a entrar pelas grandes janelas de

meu bangalô, localizado no alto de uma colina. Enquanto me deleito feito um gato com seu calor, lembro-me de amigos que já partiram e não estarão comigo hoje para a celebração.

Indira, minha mais amada amiga, faleceu há quinze anos. Confesso que aquele foi um dos poucos momentos de minha vida em que perdi a razão e chorei incontrolavelmente. Mesmo minha filha, dedicada como é, não seria capaz de igualar o amor e a amizade que Indira me ofereceu. Egocêntrica e caprichosa até o último momento, Indira esteve a meu lado quando mais precisei.

Olho para a escrivaninha, localizada em um nicho do outro lado do quarto, e não consigo evitar pensar no que está escondido na gaveta trancada. É uma carta com mais de trezentas páginas. Foi escrita para meu amado filho e conta a história de minha vida desde o início. Ao longo dos anos, comecei a me preocupar em esquecer os detalhes, para que eles ficassem borrados e granulados em minha mente, como as imagens de um filme mudo em preto e branco. Se, como eu ainda acredito, meu filho estiver vivo e for devolvido a mim, quero ser capaz de apresentá-lo com a história de sua mãe e de seu amor eterno pelo filho perdido. E os motivos que a obrigaram a deixá-lo para trás...

Comecei a escrever quando ainda estava na meia-idade, acreditando então que poderia ser levada a qualquer momento. E lá a carta ficou, por quase cinquenta anos, intocada e não lida, porque ele nunca veio a meu encontro e eu ainda não o encontrei.

Nem mesmo minha filha conhece a história de minha vida antes de sua chegada a este mundo. Às vezes me sinto culpada por nunca ter revelado a ela a verdade. Mas acredito que seja suficiente o fato de ela ter conhecido meu amor, enquanto este foi negado a seu irmão.

Olho para a escrivaninha e imagino a pilha de papéis amarelados dentro dela. Peço aos deuses que me guiem. Ficaria horrorizada se eles caíssem em mãos erradas quando eu morrer, o que certamente deve acontecer logo. Pondero por alguns segundos se devo acender uma fogueira e pedir a Keva que coloque os papéis nela. Mas não, balanço a cabeça instintivamente. Ainda há esperança. Afinal, já vivi cem anos; posso viver cento e dez.

Mas a quem devo confiá-los, enquanto isso, em caso de...?

Mentalmente examino os membros de minha família, geração por geração. A cada nome, espero ouvir uma orientação. E é no nome de um de meus bisnetos que pauso.

Ari Malik, o filho mais velho de meu neto mais velho, Vivek. Solto uma risada leve com o arrepio que sinto na espinha — o sinal que esperava lá de cima, daqueles que compreendem muito mais do eu. Ari, o único membro de minha família a ter sido abençoado com olhos azuis — além de meu amado filho perdido.

Concentro-me em lembrar os detalhes; com onze bisnetos, me conforta saber de que pessoas com a metade da idade que tenho também têm dificuldade

para se lembrar. Além disso, meus bisnetos estão espalhados por toda a Índia e eu raramente os vejo.

Vivek, pai de Ari, é o mais bem-sucedido financeiramente entre meus netos. Ele sempre foi inteligente, ainda que um pouco enfadonho. Ele é engenheiro e já ganhou o suficiente para dar uma vida bem confortável para sua esposa e os três filhos. Se me lembro corretamente, Ari estudou na Inglaterra. Ele sempre teve um quê de brilhantismo, apesar de muita coisa que fez depois de deixar a escola não me vir à memória. Hoje, decido, vou descobrir. E tenho certeza de que saberei se meu instinto está certo.

Com isso decidido, sentindo-me mais calma agora que a solução para meu dilema está ao alcance de minhas mãos, fecho os olhos e permito-me cochilar um pouco.

— Onde ele está?! — Samina Malik cochicha com seu marido. — Ele prometeu que não se atrasaria — ela acrescentou, enquanto escrutinava os outros membros presentes da família de Anahita. Eles se aglomeravam ao redor da velha senhora, na elegante sala de estar de seu bangalô, cobrindo-a com presentes e elogios.

— Não entre em pânico, Samina — Vivek confortou sua esposa. — Nosso filho logo estará aqui.

— Ari disse que nos encontraria na estação para subirmos a colina juntos, como uma família, às dez horas... Eu juro, Vivek, aquele menino não tem respeito por sua família, eu...

— Silêncio, *pyari*^[2], ele é um rapaz ocupado e um bom menino, também.

— Você acha? Não tenho certeza. Toda vez que telefono para seu apartamento, uma mulher diferente atende. Você sabe como Mumbai é; cheia de mulheres levianas e vigaristas — ela sussurrou, não desejando que qualquer outro membro da família ouvisse sua conversa.

— Acho. Nosso filho tem vinte e cinco anos agora e é dono do próprio negócio. Ele pode tomar conta de si mesmo — Vivek respondeu.

— Os empregados estão esperando ele chegar para trazerem o champanhe e fazer o brinde. Keva está preocupada com sua avó, que ficará cansada se demorarmos muito — Samina suspirou fundo. — Se Ari não chegar em dez minutos, pedirei para continuarmos sem ele.

— Já disse, não haverá necessidade de fazer isso — Vivek confirmou com um largo sorriso assim que Ari, seu filho favorito, entrou na sala. — Sua mãe estava em pânico, como sempre — ele disse a Ari, abraçando seu filho de modo afetuosamente.

— Você prometeu que estaria lá na estação. Esperamos por uma hora! Onde você estava? — Samina franziu a testa para seu belo filho, mas, como sempre, sabia que seria mais uma batalha perdida contra seu charme.

— *Ma*^[3], me perdoe. — Ari enviou um sorriso vitorioso para sua mãe e pegou a mão dela. — Me atrasei e tentei ligar para seu celular. Mas, como sempre, estava desligado.

Ari e seu pai compartilharam um sorriso. A incapacidade de Samina usar o telefone celular era uma piada na família.

— Mas estou aqui agora — Ari disse, olhando ao redor para o resto do clã. — Perdi alguma coisa?

— Não, e sua bisavó está tão ocupada cumprimentando o resto da família que podemos presumir que não notou seu atraso — Vivek respondeu.

Ari se virou e voltou os olhos para a multidão com o mesmo sangue que o seu, para a matriarca cujos genes teceram fios invisíveis através de gerações. Quando a viu, Ari notou seus olhos brilhantes e inquisitivos fixados nele.

— Ari! Você finalmente decidiu se juntar a nós — ela sorriu. — Venha beijar sua bisavó.

— Sua avó pode ter cem anos, mas não perde nada — Samina cochichou para Vivek

Assim que Anahita abriu os braços frágeis para Ari, a multidão de parentes se afastou e todos os olhos na sala se voltaram para ele. Ari caminhou em sua direção e se ajoelhou diante dela, mostrando seu respeito com uma *pranaam*^[4] e esperando sua bênção.

— *Nani* — ele cumprimentou, usando o apelido carinhoso que todos os netos e bisnetos de Anahita usavam. — Desculpe meu atraso. É uma longa jornada de Mumbai — explicou.

Quando ergueu os olhos, Ari pôde ver os olhos dela examinando-o daquele seu modo peculiar, como se ela analisasse sua alma.

— Não tem importância — ela disse enquanto seus dedos encolhidos tocavam a face do rapaz como a asa delicada de uma borboleta. Ela diminuiu o volume da voz e sussurrou de modo que apenas Ari pudesse ouvir. — Mas sempre acho útil checar antes de dormir se coloquei o alarme para despertar na hora certa. — Ela deu uma piscadinha clandestina antes de fazer um sinal para ele se levantar. — Conversaremos mais tarde. Keva está ansiosa para iniciar as comemorações.

— Sim, *Nani*, claro — Ari disse, sentindo o rosto enrubescer ao se levantar. — Feliz aniversário.

Caminhando de volta para junto de seus pais, Ari se perguntou como sua bisavó adivinhara o verdadeiro motivo do atraso.

O dia seguiu como planejado, com Vivek, na posição de neto mais velho de Anahita, fazendo um discurso emocionante sobre sua vida admirável. À medida que o champanhe era consumido, a conversa passou a fluir e a tensão peculiar de uma família reunida depois de muito tempo começou a desaparecer. A natureza

naturalmente competitiva entre irmãos foi ofuscada quando cada um reestabeleceu sua posição na hierarquia familiar e os primos mais jovens perderam a timidez e encontraram interesses em comum.

— Olhe para o seu filho! — Muna, filha de Anahita, comentou com Vivek — Suas primas estão todas babando por ele. Logo ele terá que pensar em casamento — ela acrescentou.

— Duvido que ele veja as coisas assim — resmungou Samina para a sogra. — Atualmente os jovens parecem querer curtir a vida até depois dos trinta.

— Vocês não vão arranjar nada para ele, então? — Muna perguntou.

— Vamos, claro, mas duvido que ele concorde — Vivek disse. — Ari pertence à nova geração, mestre de seu próprio universo. Ele tem seu negócio e viaja o mundo. Os tempos mudaram, *Ma*, e Samina e eu devemos permitir que nossos filhos tenham a opção de escolher seus próprios maridos e esposas.

— Sério? — Muna levantou uma sobrancelha. — Isso é bem moderno de sua parte, Vivek. Afinal, vocês dois não se saíram mal juntos.

— Sim, *Ma* — Vivek concordou, pegando a mão de sua esposa. — Você fez uma ótima escolha para mim — ele sorriu.

— Mas nadamos contra uma corrente forte — acrescentou Samina. — Os jovens fazem o que querem hoje em dia, tomam suas próprias decisões — desejando mudar de assunto, ela olhou para Anahita. — Sua mãe parece estar se divertindo hoje. Ela é um milagre, uma maravilha da natureza — Samina disse para Muna.

— Sim — Muna suspirou. — Mas me preocupo com ela aqui nas colinas, apenas com Keva para cuidar dela. É tão frio no inverno, e não deve ser bom para seus ossos velhos. Já pedi tantas vezes para ela vir morar conosco em Guhagar, para podermos cuidar dela. Mas, claro, ela recusa. Diz que se sente mais próxima dos espíritos aqui e, claro, de seu passado.

— O passado *misterioso* dela — Vivek levantou uma sobrancelha. — *Ma*, você acha que irá convencê-la a dizer quem foi o seu pai? Sei que ele morreu antes de você nascer, mas, para mim, os detalhes sempre pareceram superficiais.

— Isso era importante enquanto eu crescia, e me lembro de fazer muitas perguntas, mas agora... — Muna deu de ombros. — Se ela quer manter seus segredos, tudo bem. Ela não poderia ter sido uma mãe mais amorosa para mim, e não desejo aborrecê-la — Muna olhou para a sua mãe com carinho. Anahita encontrou seu olhar e fez um sinal para que a filha fosse até ela.

— Sim, *Maaji*, o que foi? — Muna perguntou ao se aproximar.

— Estou um pouco cansada agora. — Anahita tentou evitar um bocejo. — Quero descansar. E em uma hora quero que você traga meu bisneto, Ari, para me ver.

— Claro. — Muna ajudou a mãe a ficar de pé e a passar entre seus familiares.

Keva, como sempre rondando sua senhora, deu um passo à frente. — Minha mãe deseja repousar um pouco, Keva. Poderia ir com ela e acomodá-la?

— Certamente. Foi um dia longo.

Muna observou enquanto ela deixava a sala, depois voltou para junto de Vivek e sua esposa.

— Ela vai descansar um pouco, mas me perguntou se Ari pode ir falar com ela daqui a uma hora.

— Sério? — Vivek franziu a testa. — Me pergunto por quê.

— Quem sabe o que se passa pela cabeça da minha mãe? — Muna disse, suspirando.

— Bem, é melhor dar o recado. Sei que ele falou de ir embora logo. Ele tem uma reunião de negócios em Mumbai amanhã de manhã.

— Bem, pelo menos desta vez, sua família vem em primeiro lugar — Samina disse, firmemente. — Vou procurar por ele.

Quando Ari soube, pela mãe, que sua bisavó queria uma conversa particular em uma hora, não ficou nada contente, como seu pai havia previsto.

— Não posso perder aquele voo — explicou. — Você precisa entender, *Ma*, que eu tenho um negócio para administrar.

— Então vou pedir para o seu pai dizer a sua bisavó que o primeiro bisneto dela não tem tempo para conversar em seu centésimo aniversário.

— *Ma...* — Ari viu a expressão inflexível no rosto de sua mãe e respirou fundo. — Tudo bem. Eu fico. Com licença, preciso encontrar sinal neste lugar para fazer uma ligação e adiar a reunião.

Samina observou seu filho se afastar olhando intensamente para o celular. Ele foi uma criança determinada desde o dia em que nasceu, e, sem dúvida, ela mimou seu primogênito, como toda mãe faz. Ele sempre foi especial, desde o momento em que abriu os olhos e ela fitou, surpresa, sua cor azul. Vivek fez piadas incontáveis sobre eles, questionando a fidelidade de sua esposa. Até que eles visitaram Anahita e ela declarou que o pai de Muna tinha olhos da mesma cor.

O tom de pele de Ari também era mais claro que o do resto de seus irmãos, e sua aparência extraordinária sempre atraía a atenção. Devido à notoriedade ao longo de seus vinte e cinco anos, havia certa arrogância em sua atitude. Mas ele se redimia com a doçura de sua personalidade. Entre todos os seus filhos, Ari sempre foi o mais amoroso com ela, sempre a seu lado em um piscar de olhos se houvesse um problema. Até o dia em que partiu para Mumbai, anunciando que abriria o próprio negócio...

Hoje em dia, o Ari que visitava a família parecia mais duro, centrado, e, honestamente, Samina percebeu que gostava menos dele. Caminhando de volta

até seu marido, ela fez uma prece para que esse fosse um período passageiro.

— Meu bisneto pode entrar agora — Anahita anunciou, depois que Keva a sentou e afanou seus travesseiros.

— Sim, madame. Vou chamar seu bisneto.

— E não quero que nos incomodem.

— Não, madame.

— Boa tarde, *Nani* — Ari disse ao entrar no quarto, alguns segundos depois. — Espero que esteja se sentindo melhor agora.

— Sim — Anahita apontou para a cadeira. — Por favor, sente-se, Ari. E peça desculpas por atrapalhar seus planos para amanhã.

— Não tem problema — Ari sentiu o sangue esquentar seu rosto pela segunda vez naquele dia. Ele notou como sua bisavó o observava com aqueles olhos penetrantes e pensava como ela parecia capaz de ler seus pensamentos.

— Seu pai disse que você está morando em Mumbai e que agora é dono de um negócio bem-sucedido.

— Bem, eu não diria que é bem-sucedido ainda. Mas estou trabalhando duro para que seja no futuro.

— Posso notar que você é um jovem ambicioso. E tenho certeza de que um dia seu negócio dará os frutos que você espera.

— Obrigado, *Nani*.

Ari notou que sua bisavó esboçou um sorriso.

— Claro, pode ser que isso não traga a satisfação que você espera. Há muito mais que trabalho e riqueza na vida. Mas isso você precisa descobrir sozinho — ela acrescentou. — Agora, Ari, tenho uma coisa para você. Por favor, abra a escrivania com esta chave e pegue uma pilha de papéis que está dentro da gaveta.

Ari pegou a chave da mão de sua bisavó, virou a fechadura e removeu o manuscrito envelhecido da gaveta.

— O que é isto? — ele perguntou.

— É a história da vida de sua bisavó. Ela foi escrita como registro para o filho que perdi. Infelizmente, nunca o encontrei.

Ari viu lágrimas brotarem nos olhos de Anahita. Ele ouviu alguns comentários de seu pai, ao longo dos anos, sobre o filho que havia falecido na infância, na Inglaterra, quando sua bisavó esteve lá, durante a Primeira Guerra Mundial. Se sua lembrança estivesse certa, ele pensou, ela precisou deixar o menino para trás quando voltou para a Índia. Ao que parece, Anahita se recusava a acreditar que seu filho estava morto.

— Mas pensei...

— Sim, tenho certeza que te disseram que tenho a certidão de óbito dele. Que sou uma mãe triste e louca, incapaz de aceitar que seu amado filho se foi.

Ari se moveu desconfortavelmente na cadeira.

— Já ouvi essa história — admitiu.

— Sei o que minha família pensa e o que você provavelmente pensa também — Anahita afirmou. — Mas, acredite, há mais coisas entre o céu e a terra do que pode ser explicado por um documento feito pelo homem. Há o coração de uma mãe, e sua alma, que lhe diz coisas que não devem ser ignoradas. E eu lhe digo que meu filho não está morto.

— *Nani*, acredito em você.

— Sei que você não acredita e não me importo. Contudo, é minha culpa o fato de minha família não acreditar em mim. Nunca expliquei o que aconteceu naqueles anos.

— Por que não?

— Porque... — Anahita contemplou suas queridas montanhas através da janela. Balançou a cabeça levemente. — Não é certo te dizer agora. Está tudo aí — ela apontou o dedo para os papéis nas mãos de Ari. — Quando for a hora certa, e você saberá quando ela chegar, talvez você venha a ler minha história. E, então, vai decidir sozinho se deve investigá-la ou não.

— Entendi — Ari disse, mas não entendeu de fato.

— Tudo o que peço é que não compartilhe o conteúdo dessas páginas com ninguém até eu morrer. É a minha vida que confio a você, Ari. Como sabe — Anahita pausou —, meu tempo na Terra está acabando.

Ari olhou para ela fixamente, confuso quanto ao que sua bisavó queria que ele fizesse.

— Você quer que eu leia isso e, então, investigue o paradeiro do seu filho? — ele arriscou.

— Sim.

— Mas por onde devo começar?

— Na Inglaterra, é claro. — Anahita olhou fixamente para ele. — Você reconstituiria meus passos. Tudo o que você precisa saber está na palma de suas mãos. Além disso, seu pai me disse que você administra um tipo de empresa de tecnologia. Você, entre todas as pessoas, tem uma rede a sua disposição.

— Você quer dizer a “internet”? — Ari engoliu uma risada.

— Sim, então tenho certeza de que você vai levar apenas alguns segundos para encontrar o lugar onde tudo começou — Anahita concluiu.

Ari seguiu a direção do olhar de sua bisavó até as montanhas.

— É uma bela vista — ele comentou, sem algo melhor para dizer.

— É, e é por isso que eu permaneço aqui, mesmo que minha filha não aprove. Em breve, vou viajar lá para cima, para além daqueles picos, e vou ficar feliz com isso. Vou ver muitas pessoas que perdi e por quem chorei ao longo da vida. Mas, claro, do jeito que as coisas estão... — O olhar de Anahita encontrou o de seu bisneto mais uma vez. — Não vou encontrar a pessoa que mais desejo ver.

— Como você sabe que ele ainda está vivo?

Os olhos de Anahita voltaram a se fixar no horizonte, então suas pálpebras se fecharam com pesar.

— Como eu disse, está tudo na minha história.

— Claro. — Ari sabia que estava dispensado. — Vou deixar você descansar, Nani.

Anahita concordou com a cabeça. Ari se levantou, fez uma *pranaam* e beijou ambas as faces de sua bisavó.

— Tchau, tenho certeza de que te verei logo — ele comentou, caminhando em direção à porta.

— Talvez — ela respondeu.

Quando Ari estava prestes a deixar o quarto, ele se virou, de repente, por instinto.

— Nani, por que eu? Por que não dar sua história a sua filha ou a meu pai?

Anahita o fitou longamente.

— Porque, Ari, o que você segura nas mãos é a história do meu passado, mas também é o seu futuro.

Ari deixou o quarto se sentindo esgotado. Caminhando pelo bangalô, foi até o cabide ao lado da porta da frente, onde havia deixado sua pasta. Guardando os papéis amarelados, voltou para a sala de estar. Sua avó, Muna, se aproximou imediatamente.

— Por que ela queria te ver? — ela perguntou.

— Ah — Ari respondeu, distraidamente. — Ela não acredita que seu filho está morto e quer que eu vá à Inglaterra investigar. — Ari virou os olhos para completar o efeito.

— Outra vez? — Muna virou seus olhos também com cumplicidade e igualmente dramática. — Veja, posso te mostrar a certidão de óbito. Ele morreu quando tinha cerca de três anos. Por favor, Ari — ela colocou uma mão sobre o ombro de seu neto. — Esqueça isso. Ela insiste nisso há anos. Infelizmente, é a fantasia de uma mulher idosa e certamente não vale a pena perder seu precioso tempo com isso. Acredite no que eu digo. Já ouço essa história há muito mais tempo que você. Agora — sua avó sorriu —, venha tomar pelo menos mais uma taça de champanhe com sua família.

Ari pegou o último voo de Bagdogra para Mumbai. Tentou se concentrar nos números a sua frente, mas o rosto de Anahita continuava a surgir diante de seus olhos. Com certeza sua avó estava certa quando disse que Anahita estava enganada. Ainda assim, sua bisavó havia dito coisas enquanto estavam sozinhos — coisas que não poderia saber sobre ele — que o deixaram perturbado. Talvez houvesse algo em sua história... Talvez ele devesse examinar o manuscrito quando chegasse em casa.

No aeroporto de Mumbai, mesmo depois da meia-noite, sua namorada atual, Bambi, esperava por ele. O resto da noite foi agradável, em seu apartamento com vista para o Mar Arábico, deleitando-se com seu corpo jovem e delgado.

Na manhã seguinte, ele estava atrasado para sua reunião quando colocou os documentos de que precisava na pasta, removendo os papéis que Anahita lhe dera.

“Um dia terei tempo de ler”, ele pensou, enquanto enfiava o manuscrito na última gaveta da escrivaninha e deixava seu apartamento, com pressa.



... eu me lembro. No silêncio da noite, a mera impressão de uma brisa era um alívio abençoado do calor interminável de Jaipur. Frequentemente, eu e as outras mulheres e crianças da zenana^[5] subíamos ao telhado do Palácio da Lua e arrumávamos nossas camas ali.

Deitada lá, fitando as estrelas, ouço um canto doce e puro. E sei que, naquele momento, alguém que amo está sendo levado da Terra e gentilmente embalado rumo aos céus...

Acordo assustada, em meu quarto em Darjeeling, não nos telhados do palácio em Jaipur. Foi um sonho, tento me consolar, desorientada, pois a música permanece em meus ouvidos. Ainda assim, sei com certeza que estou acordada.

Tento recuperar os sentidos e percebo o que isso significa: se estou no presente, alguém que amo está morrendo neste momento. Os batimentos de meu coração se aceleram, fecho os olhos e penso em todos de minha família, sabendo que minha segunda visão irá me dizer quem é.

Pela primeira vez, ela não me diz nada. É estranho, penso, já que os deuses nunca erraram antes.

Mas quem...?

Fecho os olhos e respiro profundamente, com calma, ouvindo atentamente.

E, então, eu sei. Sei com certeza o que estão me dizendo.

Meu filho... meu amado filho. Sei que é ele quem está sendo levado.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu olho pela janela, para o céu, em busca de consolo. Mas é noite, e há apenas escuridão do outro lado da janela.

Ouçó uma batida leve na porta e Keva entra, preocupada.

— Ouvi a madame chorar. A senhora está se sentindo mal? — ela pergunta, atravessando o quarto, me olhando fixamente e medindo meu pulso.

Balanço a cabeça, em silêncio, enquanto ela procura um lenço para secar as lágrimas que escorreram pelo meu rosto.

— Não — respondo. — Não estou me sentindo mal.

— Então, o que foi? Um pesadelo?

— Não. — Olho para ela, sabendo que não irá entender. — Meu filho acabou

de morrer.

Keva me encara, horrorizada.

— Mas como a senhora descobriu que Madame Muna morreu?

— Não é minha filha, Keva; é meu filho. Aquele que deixei para trás, na Inglaterra, há tantos anos. Ele tinha oitenta e um anos — murmuro. — Ao menos ele viveu uma vida longa.

Keva me olha confusa outra vez e toca minha testa, verificando se estou febril.

— Madame, seu filho morreu há muitos anos. Acho que a senhora estava sonhando — ela diz, tentando convencer a si mesma e a mim.

— Talvez — respondo gentilmente, não querendo causar alarde. — Ainda assim, gostaria de anotar o dia e a hora. É um momento do qual não desejo esquecer. Porque, veja bem, minha espera terminou — sorrio debilmente.

Ela faz o que peço, anotando a hora e o dia em um pedaço de papel que, em seguida, me entrega.

— Vou ficar bem agora; você pode me deixar.

— Sim, senhora — Keva responde, incerta. — A madame tem certeza de que não está doente?

— Tenho certeza. Boa noite, Keva.

Quando ela deixa o quarto, pego uma caneta do criado-mudo e escrevo uma carta para registrar a data e a hora da morte de meu filho. Também retiro sua deteriorada certidão de óbito da gaveta. Amanhã pedirei a Keva que coloque tudo em um envelope e envie ao advogado responsável por cuidar de meus assuntos depois que eu partir. Pedirei que ele telefone para que eu o instrua sobre o envelope quando eu morrer.

Fechando os olhos, desejo que o sono venha, pois, de repente, me sinto desesperadamente só neste mundo. Percebo que estava esperando por esse momento. Agora que meu filho me deixou, é finalmente minha vez de seguir seus passos...

Três dias depois, na hora de costume, Keva bate à porta do quarto de sua patroa. Era normal não receber uma resposta imediata. Madame Chavan dormia até tarde naqueles dias. Keva se ocupou da faxina por mais meia hora. Então, retornou e bateu outra vez, evocando mais silêncio do interior do quarto. Isso *não era* normal, então Keva abriu a porta e encontrou sua patroa ainda dormindo profundamente. Apenas depois de abrir as cortinas, conversando com ela sobre nada importante, como de costume, é que Keva percebeu que Madame Chavan não respondia.

O celular de Ari tocou enquanto ele dirigia pelo tráfego caótico de Mumbai. Vendo que era seu pai, com quem não falava há semanas, pressionou o botão de viva-voz de seu telefone.

— Pai! — ele disse contente. — Como você está?

— Olá, Ari. Estou bem, mas...

Ari podia notar o tom sombrio na voz do pai.

— Sim? — ele perguntou. — O que aconteceu?

— Sua bisavó, Anahita. Lamento dizer que ela faleceu nas primeiras horas da manhã de hoje.

— Ah, pai. Sinto muito.

— Todos nós sentimos. Ela era uma mulher maravilhosa e fará muita falta.

— É verdade. Pelo menos ela viveu uma vida longa — Ari disse em tom consolador, enquanto desviava de um táxi que parou repentinamente bem a sua frente.

— Sim. Estamos planejando o funeral para daqui a quatro dias, a fim de dar tempo à família. Seu irmão e sua irmã estarão presentes, assim como todo mundo. Inclusive você, espero — Vivek acrescentou.

— Você quer dizer nesta sexta-feira? — Ari perguntou, com o coração partido.

— Isso, ao meio-dia. Ela será cremada no *ghaat*^[6], em Darjeeling, só com a presença da família. Vamos organizar um memorial depois, uma vez que muitas pessoas gostariam de celebrar a vida dela.

— Pai — Ari resmungou. — Sexta-feira será realmente impossível para mim. Tenho um cliente em potencial chegando dos Estados Unidos para falarmos sobre um contrato. Isso tiraria a empresa do prejuízo da noite para o dia. Mesmo com a maior vontade do mundo, não poderei ir a Darjeeling na sexta.

Houve apenas silêncio do outro lado da linha.

— Ari — seu pai finalmente disse. — Até eu sei que há momentos em que os negócios devem vir em segundo lugar, depois da família. Sua mãe jamais te perdoaria, especialmente depois que Anahita deixou óbvio nas comemorações de seu aniversário, ano passado, que você era especial para ela.

— Lamento, pai — Ari disse, com determinação — Não há nada que eu possa fazer.

— Essa é sua decisão final?

— Esta é minha decisão final.

Ari ouviu o som do telefone batendo do outro lado.

Ari estava eufórico quando chegou em casa na noite da sexta-feira seguinte. Tudo correu tão bem na reunião com os americanos que eles fecharam o negócio no ato. Ele ia sair com Bambi para jantar e comemorar, e passou em casa apenas para tomar um banho. Pegou uma carta de seu escaninho na recepção do prédio e tomou o elevador até o décimo sexto andar. Em seu

apartamento, abriu o envelope enquanto caminhava para o quarto e leu o conteúdo.

Khan & Chauhan Advocacia
Chowrasta Square
Darjeeling
Bengala Ocidental
Índia
2 de março de 2001

Prezado Senhor,

De acordo com as instruções de nossa cliente, Anahita Chavan, encaminho este envelope a Vossa Senhoria. Como sabe, Madame Chavan faleceu alguns dias atrás.

Com votos de profundo pesar,
Devak Khan
Sócio

Ari sentou-se na cama, percebendo que, devido a sua ansiedade com a reunião e os preparativos com a equipe, o funeral de sua bisavó nem mesmo havia passado por sua cabeça. Ele respirou fundo ao abrir o envelope que o advogado anexara à carta, duvidando que seus pais o perdoariam por não ter telefonado hoje.

— Bem, se tiver que ser assim — Ari disse a si mesmo pesarosamente, puxando a folha de papel que estava no envelope.

Meu querido Ari,

Quando estiver lendo isto, já terei partido. Seguem anexos os detalhes da morte de meu filho Moh. O dia e a hora exatos de sua morte. E, claro, a certidão de óbito original. Como você pode ver, as datas não correspondem. Isso pode não significar nada para você, meu querido, mas no futuro, se você decidir investigar o que aconteceu com ele, ambas serão relevantes.

Enquanto isso, até nos encontrarmos de novo em outro lugar, fique com o meu amor. Sempre se lembre de que nunca somos verdadeiramente donos de nosso destino. Use seus ouvidos para ouvir e seus olhos para ver, e sei que você encontrará um caminho.

*Sua bisavó,
Anahita*

Ari suspirou. Ele realmente não estava com humor para as maluquices de sua bisavó, nem para ponderar o tamanho da raiva que seus pais deviam estar sentindo dele. Não queria que nada atrapalhasse seu bom humor esta noite.

Abrindo a torneira, ele colocou um CD para tocar e ficou de pé embaixo do chuveiro ouvindo as batidas da música.

Vestido com um de seus ternos costurados a mão, desligou a música e estava prestes a deixar o quarto quando a carta de Anahita chamou sua atenção. Por instinto, ele devolveu a folha ao envelope, colocando-o na gaveta, juntamente com o manuscrito amarelado. Desligou as luzes e deixou o apartamento.

Londres
Julho de 2011





Rebecca Bradley pressionou o rosto contra a janela quando o avião iniciou sua descida sobre Londres. A colcha de retalhos em diferentes tons de verde brilhava como se estivesse coberta pelo orvalho daquela bela manhã de verão. A cidade começou a aparecer abaixo. Um vislumbre do Big Ben e das Casas do Parlamento a fez pensar que era uma cidade de brinquedo em comparação com os arranha-céus de Nova York.

— Senhorita Bradley, vamos removê-la da aeronave primeiro — a comissária de bordo informou.

— Obrigada — Rebecca conseguiu sorrir. Ela procurou seus óculos escuros na bolsa, esperando que pudessem disfarçar sua exaustão, apesar de ser improvável que fotógrafos esperassem por ela. Precisando deixar rapidamente Nova York, ela telefonou para a empresa aérea a fim de adiantar o voo.

Sentiu certa satisfação por ninguém, nem mesmo seu agente ou Jack, saber onde ela estava. Jack havia deixado seu apartamento naquela tarde para pegar um avião de volta a Los Angeles. Ela não foi capaz de dar a resposta que ele queria; disse apenas que precisava de tempo para pensar.

Rebecca mexeu ainda mais na bolsa, procurando e abrindo uma caixa de veludo vermelho. O anel que ele lhe dera era certamente substancial, mas muito suntuoso para seu gosto. Jack gostava de grandes gestos, condizentes com seu status como uma das estrelas de cinema mais famosas e bem pagas do mundo. E ele nem podia presenteá-la com nada inferior a isso, uma vez que, se ela aceitasse sua proposta, aquele anel estaria estampado nos jornais e revistas do mundo todo. Jack Heyward e Rebecca Bradley eram o casal mais quente de Hollywood, e a mídia não se cansava deles.

Rebecca fechou a caixa de veludo e olhou pela janela do avião, que se preparava para pousar. Desde que ela e Jack se conheceram, um ano antes, durante as gravações de uma comédia romântica, ela sentiu que sua vida se tornara refém daqueles que queriam viver indiretamente não apenas dos filmes em que ela estrelava, mas também de sua vida particular. A verdade era que — Rebecca mordeu os lábios enquanto o avião continuou sua descida — o relacionamento “dos sonhos” que o mundo imaginava que tinham era um faz de conta, igual a seus filmes.

Até mesmo Victor, seu agente, encorajava o relacionamento com Jack. Ele disse várias vezes que seria uma trajetória benéfica para sua estrela em ascensão.

— Não há nada que o público goste mais que um casal hollywoodiano de verdade, querida — ele disse. — Mesmo que sua carreira cinematográfica entre

pelo cano, ainda vão querer fotos de seus filhos brincando no parque.

Rebecca pensou no tempo que efetivamente passaram juntos no último ano. Ele estava estabelecido em Hollywood, ela, em Nova York, e agendas cheias significava não ver um ao outro por semanas. Quando *estavam* juntos, eram perseguidos aonde quer que fossem. Mesmo ontem, na hora do almoço, quando comeram em um restaurante italiano que não era mais que uma portinhola, foram assediados por clientes pedindo fotos e autógrafos. Jack acabou sugerindo uma caminhada no Central Park para que pudesse fazer seu pedido de casamento. Ela esperava que ninguém os tivesse visto lá...

A claustrofobia esmagadora que sentiu ao tomarem um táxi de volta para seu apartamento no SoHo e o modo como Jack a pressionara por uma resposta resultou na decisão repentina de viajar mais cedo para a Inglaterra. Ter o mundo escrutinando cada um de seus passos e ser perseguida diariamente por estranhos que, de algum modo, acreditavam ser donos de uma parte dela, para Rebecca, era insustentável. A falta de privacidade que acompanha um relacionamento de interesse público, e a impossibilidade de comprar um pãozinho e um café na padaria da esquina sem ser assediada, tem um preço alto.

Seu médico lhe receitara Valium algumas semanas antes, quando ela fora cercada na porta de seu prédio e acabara se trancando no banheiro, chorando histericamente. O Valium ajudou, mas Rebecca sabia que era um caminho sem volta. A estrada escorregadia rumo à dependência era o meio de lidar com o aumento iminente da pressão em que vivia. E disso Jack sabia muito bem.

Jack garantira nos primeiros dias do romance que a cocaína não era um hábito regular. Ele poderia abandoná-la a qualquer hora. A droga simplesmente ajudava a relaxar. Mas, à medida que o conhecia melhor, Rebecca descobriu que isso não era verdade. Ele se tornava agressivo e ficava na defensiva quando Rebecca questionava seu uso contínuo e exagerado, além da quantidade de álcool que consumia. Como não fazia uso de drogas e raramente bebia, ela não suportava quando Jack ficava drogado.

No início do relacionamento, ela pensou que a vida não poderia ser melhor: uma carreira de grande sucesso e um homem atraente e talentoso com quem compartilhar a vida. Mas, entre as drogas, as ausências e a revelação da insegurança de Jack — que culminou em um ataque de raiva sete meses antes, quando Rebecca fora indicada para o Globo de Ouro e Jack, não —, as lentes cor-de-rosa com as quais enxergava sua vida começaram a desbotar.

A oferta de um grande papel em um filme britânico, *O Silêncio da Noite*, ambientado nos anos 1920, que narra a vida de uma família aristocrática inglesa, não poderia ter vindo em momento mais oportuno.

Não era apenas uma saída drástica dos papéis de pouca importância que havia representado até então; era também uma grande honra ser escolhida por Robert Hope, o aclamado diretor britânico. Jack conseguiu tirar o brilho até mesmo disso, mencionando que era de um nome de Hollywood que eles precisavam para satisfazer os donos do dinheiro. Ele continuou, dizendo que sua grande

contribuição seria ficar linda nos figurinos e que ela não deveria acreditar que ganhara o papel por seu talento.

— Você é linda demais para ser levada a sério, querida — ele acrescentou, colocando mais vodka em seu copo.

O avião pousou em Heathrow, taxiando até parar. Rebecca desafivelou o cinto assim que as luzes se acenderam.

— Está pronta, Senhorita Bradley? — a comissária perguntou.

— Sim, obrigada.

— Não deve demorar mais que dois minutos.

Rebecca rapidamente passou um pente pelos longos cabelos negros e os enrolou na base do pescoço. Um visual “Audrey Hepburn”, como Jack costumava dizer. De fato, a mídia sempre associava Rebecca à estrela icônica. Havia até mesmo rumores de uma refilmagem de *Bonequinha de Luxo* no próximo ano.

Ela não deveria ouvir o que ele dizia, não deveria deixar sua autoconfiança como atriz enfraquecer ainda mais. Os dois filmes mais recentes de Jack haviam sido um fracasso, e sua estrela ascendente já não brilhava tão intensamente como antes. A verdade nua era que ele estava com inveja de seu sucesso. Ela respirou fundo para se acalmar. Fosse o que fosse que Jack tenha dito, Rebecca estava determinada a provar que era muito mais que um rostinho bonito, e um roteiro substancial lhe proporcionava uma chance real de fazer exatamente isso.

Pelo menos, escondida nas locações em uma área rural do interior da Inglaterra, Rebecca esperava ter um pouco de paz e tempo para pensar. Por trás de todos os seus problemas, ela sabia que havia um Jack a quem amava. Mas, a menos que ele estivesse preparado para fazer alguma coisa a respeito da dependência, ela não poderia aceitar seu pedido.

— Vamos retirá-la da aeronave agora, Senhorita Bradley — disse um segurança da empresa aérea, de terno escuro, que apareceu a seu lado.

Rebecca colocou os óculos de sol e saiu da primeira classe. Sentada na área VIP, esperando por sua bagagem, ela concluiu que seria inútil tentar mudar Jack, a menos que ele admitisse seus problemas. Talvez, ponderou, tirando o telefone da bolsa e olhando para a tela, fosse exatamente isso que deveria dizer a ele.

— Senhorita Bradley, sua bagagem já foi levada para o carro — o segurança informou. — Mas temo que haja uma barreira de fotógrafos esperando pela senhorita lá fora.

— Não! — Ela olhou para ele, consternada. — Quantos?

— *Muitos* — ele confirmou. — Não se preocupe; garanto que passaremos por eles com tranquilidade.

Ele indicou que deveriam prosseguir, e Rebecca se levantou.

— Eu não estava esperando por isso — ela comentou, enquanto caminhava com o Segurança em direção ao portão de desembarque. — Peguei um voo diferente do que havia planejado originalmente.

— Bem, a Senhorita chegou a Londres na manhã em que as notícias foram divulgadas. Posso lhe dar os parabéns?

Rebecca parou de repente.

— Que “notícias”? — ela perguntou bruscamente.

— Seu... noivado com Jack Heyward, Senhorita Bradley.

— Eu... Ah, Jesus — ela murmurou.

— Tem uma foto muito bonita de vocês no Central Park com o Senhor Heyward colocando o anel no seu dedo. Está na primeira página da maioria dos jornais de hoje. — Ele parou em frente a uma porta de correr. — Ok Preparada?

Atrás de seus óculos de sol, as lágrimas eram como ferroadas nos olhos de Rebecca, que consentiu com a cabeça, irritada.

— Bom, então vamos passar o mais rápido possível.

Quinze minutos depois, enquanto o carro deixava o aeroporto de Heathrow, Rebecca olhava impotente para a fotografia, estampada em lugar de honra na capa do *Daily Mail*, e a manchete:

JACK E BECK – AGORA É OFICIAL!

A imagem granulada de Jack colocando o anel em seu dedo no Central Park. Ela estava olhando para ele com o que *sabia* ser uma expressão de pânico, mas que o jornalista descreveu como surpresa agradável. Pior que isso, havia uma declaração de Jack, claramente feita após ter deixado seu apartamento, no dia anterior. Ele confirmava o pedido de casamento, mas dizia que ainda não haviam marcado a data.

Ela levou as mãos tremulas à bolsa e pegou o celular outra vez. Ao notar várias mensagens de Jack, de seu agente e de membros da imprensa, desligou o aparelho e o guardou novamente. Não era capaz de responder nenhuma delas no momento. Estava furiosa com Jack por ter feito comentários sobre o que ocorrera no parque.

Amanhã, a mídia mundial especularia sobre quem faria seu vestido de noiva, onde seria a cerimônia e, provavelmente, se ela estava grávida.

Rebecca fechou os olhos e respirou fundo. Aos vinte e nove anos, até a noite passada casamento e filhos não eram mais que uma ideia vaga, algo que poderia acontecer no futuro.

Jack, porém, estava perto dos quarenta anos, havia dormido com a maioria de suas coadjuvantes e, como ele mesmo disse, era hora de se estabelecer. Para Rebecca, era apenas o segundo relacionamento sério, depois de muitos anos com

seu namorado de infância. O florescimento da carreira e a fama que veio em seguida também colocaram um fim naquela história de amor.

— Temo que vamos demorar algumas horas para chegar a Devon, Senhorita Bradley — disse o motorista, simpático. — A propósito, meu nome é Graham. Me avise se precisar parar no caminho por algum motivo.

— Tudo bem — Rebecca respondeu, sentindo que, nesse momento, preferia que ele a levasse para um deserto vasto em algum lugar da África, qualquer lugar sem fotógrafos, jornais ou sinal de celular.

— É bem isolado onde estamos indo, Senhorita Bradley — Graham comentou, adivinhando seus pensamentos. — Não há luzes nem lojas em Dartmoor — acrescentou. — Aliás, a senhorita vai filmar em um lugar antigo e maravilhoso. É como voltar no tempo. Pensei que ninguém mais morasse em lugares como esse. Mas ir para o interior é uma mudança agradável para mim, com certeza. Normalmente eu levo atores para os estúdios em meio ao trânsito de Londres.

Suas palavras proporcionaram um pouco de conforto para Rebecca. Talvez a mídia a deixasse em paz se estivesse no meio de lugar nenhum.

— Parece que temos uma moto em nosso rastro, Senhorita Bradley — Graham disse, olhando para o retrovisor e abruptamente destruindo suas esperanças de privacidade. — Não se preocupe, vamos nos livrar dele assim que pegarmos a via expressa.

— Obrigada — Rebecca disse, tentando acalmar seus nervos tensos. Ela afundou no assento, fechou os olhos e fez o possível para tentar dormir.

— Estamos quase lá, Senhorita Bradley.

Depois de quatro horas e meia no carro, cochilando intermitentemente, Rebecca sentia os efeitos do *jet lag*. Ela olhou pela janela.

— Onde estamos? — perguntou enquanto observava a paisagem irregular e vazia ao seu redor.

— Em Dartmoor. Parece agradável hoje, com o sol brilhando, mas aposto que é bem sombrio no inverno. Com licença — Graham disse quando seu telefone tocou. — É o gerente de produção. Vou encostar para poder atender.

Enquanto o motorista atendia o celular, Rebecca abriu a porta e pisou na grama áspera ao lado da estrada estreita. Inspirou fundo e sentiu o doce aroma de frescor no ar. Uma brisa suave soprava pela vegetação e, ao longe, ela podia ver a silhueta de rochas no horizonte. Não havia nenhuma pessoa em quilômetros.

— Que paraíso — Rebecca suspirou, enquanto Graham dava a partida e ela entrava no carro. — É tão tranquilo aqui — acrescentou.

— É — ele concordou. — Mas infelizmente, Senhorita Bradley, o gerente de produção ligou para avisar que há um grupo de fotógrafos em frente ao hotel

onde o elenco está hospedado. Estão esperando a senhorita chegar. Ele sugeriu que eu a leve direto para Astbury Hall, onde as filmagens serão feitas.

— Tudo bem — Rebecca mordeu o lábio em desespero e eles partiram.

— Sinto muito, Senhorita Bradley. — Graham se mostrou solidário. — Sempre digo aos meus filhos que ser uma estrela do cinema, rica e famosa, não é tudo o que parece ser. Deve ser difícil, especialmente em momentos como este.

Sua compreensão deixou um nó na garganta de Rebecca.

— É, às vezes — ela concordou.

— A boa notícia é que ninguém pode se aproximar da senhorita enquanto estiver filmando. A propriedade particular ao redor da casa se estende por algumas centenas de acres, e há uns oitocentos metros de distância entre a entrada e o imóvel.

Rebecca percebeu que haviam chegado a um portão de ferro largo com um segurança de plantão ao lado. Graham fez um sinal e o guarda abriu os portões. Rebecca olhou maravilhada enquanto passavam por um gramado salpicado de carvalhos antigos, castanheiras-da-índia e faias à margem da estrada.

Logo adiante havia uma casa grande, na verdade quase um palácio, do tipo que ela havia visto apenas em livros e programas históricos na televisão. Uma confecção barroca de pedra talhada e colunas caneladas.

— Uau — ela sussurrou.

— É espetacular, não é? Mas odeio pensar em quanto custa aquecer tudo isso — Graham brincou.

Enquanto se aproximavam e Rebecca admirava uma grande fonte de mármore em frente à casa, ela desejava saber os termos arquitetônicos corretos para descrever aquela beleza. A simetria graciosa da construção, com duas alas elegantes margeando um domo central, era de tirar o fôlego. A luz do sol refletia em janelas panorâmicas, com proporções perfeitas como joias ao longo de toda a fachada e entalhes de querubins e urnas nas pedras entre elas. Sob o gigantesco pórtico central, apoiada por quatro colunas enormes, ela viu uma magnífica porta dupla de madeira.

— Feita para uma rainha, não? — Graham disse, manobrando ao redor da casa até um pátio lateral, repleto de vans e caminhões. Uma confusão de pessoas carregando câmeras, luzes e cabos para dentro da casa. — Me disseram que pretendem começar a filmar amanhã — ele acrescentou, estacionando.

— Obrigada — Rebecca agradeceu ao sair do carro, e Graham foi até o portamalas pegar sua bagagem.

— Isso é tudo o que a senhorita trouxe? Estrelas de cinema normalmente trazem contêineres em vez de malas — ele brincou, bem-humorado.

— Arrumei as malas com pressa — Rebecca admitiu enquanto o seguia pelo

pátio em direção à casa.

— Apenas lembre-se, Senhorita Bradley, que estou de plantão durante toda a filmagem. Então, se houver algum lugar onde queira ir, me avise, certo? Foi um prazer conhecê-la.

— Ah, você conseguiu! — Um homem jovem e magro caminhou a passos largos em sua direção. Ele estendeu uma mão para Rebecca. — Bem-vinda à Inglaterra, Senhorita Bradley. Meu nome é Steve Champion, gerente de produção. Lamento saber que precisou passar por um corredor polonês composto pela nossa imprensa barata. Você está livre deles aqui, pelo menos.

— Obrigada. Você sabe quando poderei ir para o hotel? Preciso tomar um banho, dormir um pouco. — Rebecca se sentia descabelada e cansada da viagem.

— Claro. Não queríamos que a senhorita passasse por outro martírio no hotel depois do que aconteceu no aeroporto esta manhã — Steve disse. — Por enquanto, Lorde Astbury, muito gentilmente, ofereceu um quarto na casa até encontrarmos uma alternativa — Steve indicou a mansão e sorriu. — Como deve ter notado, ele tem alguns quartos sobrando. Robert, o diretor, está ansioso para começar as filmagens amanhã e não queria que sua concentração fosse prejudicada, nem a dos atores que estão no hotel.

— Sinto muito por ter causado este estardalhaço — Rebecca lamentou, enrubescendo com uma onda repentina de culpa.

— Não se preocupe, é o que ganhamos por ter uma atriz jovem e tão famosa no filme. A governanta disse para procurar por ela quando a senhorita chegasse, e ela mostrará seu quarto. Há uma convocação para que todo o elenco se reúna na sala de visitas às cinco da tarde, o que significa que a senhorita pode dormir por algumas horas.

— Obrigada — Rebecca repetiu, notando o timbre de voz de Steve. Ela já foi rotulada como “problema” e tinha certeza de que o resto do elenco de atores britânicos talentosos, nenhum com uma fama ou arrecadação que pudesse se comparar às suas, concordariam com ele.

— Espere aqui. Vou procurar a Senhora Trevathan — Steve disse, deixando Rebecca parada desconfortavelmente no pátio, observando a equipe de câmeras passar com seu equipamento.

Um minuto depois, uma mulher de meia-idade, rechonchuda, com cabelos grisalhos cacheados e pele rosada saiu pela porta e veio em sua direção.

— Senhorita Rebecca Bradley?

— Sim.

— Bem, claro que sim, querida. — A mulher abriu um sorriso largo. — Reconheci você imediatamente. E, me deixe dizer, você é ainda mais bonita pessoalmente. Já vi todos os seus filmes. É um prazer conhecê-la. Sou a Senhora

Trevathan, a governanta. Vou levá-la até o seu quarto. É uma longa caminhada. Graham levará sua mala mais tarde — ela acrescentou quando Rebecca colocou a mão na alça. — Você não pode imaginar quantos quilômetros eu caminho por dia.

— Provavelmente não — Rebecca concordou, com dificuldade para entender o sotaque carregado de Devon. — Esta casa é incrível.

— Menos incrível agora, que somos apenas eu e alguns funcionários diaristas cuidando dela. Estou cansada. Há muitos anos havia trinta pessoas trabalhando aqui em período integral, mas as coisas estão diferentes agora.

— Suponho que sim — Rebecca disse enquanto a Sra. Trevathan a levava por uma série de portas até uma cozinha enorme, onde uma mulher com uniforme de enfermeira estava sentada à mesa, tomando café.

— A escada dos criados é o caminho mais rápido da cozinha até os quartos — a Sra. Trevathan explicou, levando Rebecca por um lance de escadas estreito e íngreme. — Escolhi um quarto para você nos fundos da casa. Tem uma vista encantadora dos jardins e da vegetação. Você tem sorte que o Lorde Astbury tenha concordado em oferecer um quarto aqui. Ele não gosta de visitas. É Triste... Umás quarenta pessoas dormiam confortavelmente nesta casa, mas esses dias acabaram.

Finalmente, elas chegaram a um espaçoso mezanino. Rebecca olhou para cima, maravilhada com a cúpula do domo, depois seguiu a Sra. Trevathan por um corredor largo e escuro.

— Você fica aqui — ela disse, abrindo a porta de um quarto espaçoso, com pé-direito alto, dominado por uma cama de casal. — Abri as janelas para arejar o quarto, então está um pouco gelado. Se bem que é melhor que o cheiro de umidade. Tem uma lareira elétrica que você pode ligar, caso sinta frio.

— Obrigada. Onde é o toailete?

— Você quer dizer o banheiro, querida? — a Sra. Trevathan perguntou, com um sorriso. — A segunda porta à esquerda, do outro lado do corredor. Não fizemos suítes ainda. Agora vou deixar você descansar.

— Seria possível tomar um copo de água? — Rebecca indagou, timidamente.

A Sra. Trevathan parou a meio caminho da porta, então se virou, seu rosto mostrando compreensão. — Claro, você acabou de chegar. Já comeu alguma coisa?

— Não, não consegui encarar o café da manhã no avião.

— Então que tal um chá com torradas? Você está um pouco pálida.

— Seria ótimo — Rebecca agradeceu, sentindo uma vertigem e se sentando abruptamente em uma poltrona ao lado da lareira fria.

— Certo, vou providenciar. — A governanta olhou para Rebecca, pensativa. —

Você é só uma garotinha debaixo de todo esse glamour, não é, querida? Bem, descanse. Eu te vejo logo. — Ela sorriu com bondade e deixou o quarto.

Pouco tempo depois, Rebecca caminhava pelo corredor e, após abrir portas de quartos e armários por engano, encontrou um banheiro amplo com uma antiga banheira de ferro no centro. Uma corrente de metal enferrujada estava pendurada na cisterna acima do vaso sanitário. Depois de beber um pouco de água da torneira, ela voltou para o quarto. Foi até a janela e observou a vista. O jardim do outro lado de uma varanda espaçosa, que ladeava toda a parte dos fundos da casa, era claramente bem cuidado. Plantas com flores e arbustos cresciam em abundância, suas florescências multicoloridas suavizando o verde do gramado central. Do outro lado de uma sebe de teixos, que rodeava o jardim formal, estava a vegetação, sua irregularidade em contraste direto com a superfície plana e modelada do jardim. Tirando os sapatos, Rebecca se deitou na cama, sobre um colchão amaciado por anos de uso.

Quando a Sra. Trevathan bateu de leve na porta, dez minutos depois, e entrou no quarto, encontrou Rebecca dormindo. Deixando a bandeja sobre a mesa ao lado da lareira, ela cobriu a atriz gentilmente com uma colcha e deixou o quarto em silêncio.



— Senhoras e senhores, é um prazer receber a todos em Astbury Hall, que, tenho certeza de que vocês vão concordar, é o cenário perfeito para as filmagens de *O Silêncio da Noite*. Me sinto honrado em ter permissão para gravar em uma das mais belas mansões da Inglaterra e espero que nosso tempo aqui seja feliz e produtivo.

Robert Hope, o diretor, sorriu para seu elenco.

— Penso que estas velhas paredes tremem de emoção diante desse leque de talento e experiência que abriga no momento. Muitos de vocês já se conhecem, mas eu gostaria de estender uma saudação especial a Rebecca Bradley, que vem da América para se juntar à equipe e acrescentar um toque do brilho hollywoodiano a nós, britânicos antiquados.

Todos os olhares da sala se voltaram para Rebecca, que se escondia em um canto, abalada pela presença de tantos ícones britânicos.

— Olá — ela disse, enrubescendo e sorrindo para a sala.

— Vou deixar vocês agora com Hugo Manners, cujo roteiro maravilhoso exigirá o melhor de todos — Robert continuou. — Logo vocês receberão a versão final do roteiro, ainda quente da impressão. Steve, nosso gerente de produção, também vai distribuir a programação. Então, tudo o que me resta dizer é: que as filmagens de *O Silêncio da Noite* sejam um sucesso. Agora, aqui está Hugo.

Depois de uma salva de palmas, Hugo Manners, roteirista vencedor do Oscar, tomou seu lugar. Rebecca não ouviu tudo o que ele disse, de repente se sentindo oprimida pela responsabilidade que assumiu. O sotaque inglês era o que mais a preocupava; ela teve aulas de dicção e pronúncia em Nova York e fez o possível para falar diariamente como uma inglesa nos últimos dois meses. Mas sabia muito bem que, ao aceitar o papel, havia colocado as cartas na mesa e poderia muito bem perder a aposta. Não havia nada que a mídia britânica gostasse mais do que aniquilar o desempenho de uma atriz americana em um papel inglês. Especialmente se essa atriz tivesse tanto sucesso comercial quanto Rebecca.

Não importa que tenha ganhado uma bolsa para a Juilliard, a mais conceituada escola de teatro de Nova York, ou que tenha recebido o prêmio de melhor atriz por sua interpretação de Beatrice em uma produção de *Muito Barulho Por Nada*, de Shakespeare. Toda atriz de Hollywood se considera “séria” mesmo quando migra da carreira de modelo, o que Rebecca definitivamente não fez. Enfim, ela sabia que essa era a chance de provar a si mesma seu talento como atriz clássica, de dar um salto rumo ao reconhecimento da crítica.

Houve uma segunda salva de palmas quando Hugo terminou de falar e Steve,

o gerente de produção, começou a distribuir o novo roteiro e as programações individuais.

— Você ficará contente por saber que não precisa estar no set amanhã, Rebecca. Você vai passar a manhã no figurino com a estilista e sua equipe para tirar as medidas e, depois disso, o pessoal de cabelo e maquiagem quer te ver. Robert sugeriu que você também tenha uma hora com o preparador vocal para repassar as falas do seu primeiro dia de filmagens.

— Ótimo. Você sabe quando vou poder ir para o hotel? Gostaria de desfazer a mala e me acomodar.

— Parece que os fotógrafos ainda estão por lá. Então, por hoje, o Lorde Astbury concordou com Robert em deixar você ficar aqui enquanto tentamos encontrar um lugar mais discreto. Sortuda — Steve acrescentou, sorrindo. — É um pouco mais luxuoso aqui do que o quarto em cima do pub onde eu fui colocado. Isso significa que você tem uma chance real de aproveitar a atmosfera daqui.

Um homem notavelmente atraente, com feições bem delineadas, se aproximou e estendeu a mão.

— Senhorita Bradley, presumo. Meu nome é James Vaughn. Interpreto o Lawrence e acredito que temos uma série de, como posso dizer, cenas íntimas juntos — ele piscou, e Rebecca notou seu charme natural e olhos azuis expressivos, que certamente colaboraram para colocar James à frente dos jovens atores britânicos.

— Estou feliz por conhecê-lo, James — ela respondeu, levantando-se para apertar sua mão.

— Coitadinha — ele comentou. — Você deve estar cansada. Mal chegou dos Estados Unidos e já precisa enfrentar o frenesi provocado pelo seu noivado com Jack Heyward.

— Eu... — Rebecca não sabia como responder. — Suponho que sim — completou.

— Aliás, parabéns. — James ainda estava segurando sua mão. — Ele é um homem de sorte.

— Obrigada — ela respondeu, formalmente.

— E se, em algum momento, você pensar em ensaiar nossas cenas antes das filmagens, por favor, não hesite em me informar. Cá entre nós, estou apreensivo — confessou. — Trabalhar com todos esses eruditos da indústria do cinema e do teatro é meio intimidador.

— Eu sei — Rebecca concordou, sentindo-se um pouco mais confortável com ele.

— Bem, tenho certeza de que será ótimo, e, se você quiser um pouco de companhia enquanto estiver presa aqui neste meio do nada, me chame.

— Ok, obrigada — James olhou para Rebecca mais uma vez, soltando sua mão e se afastando.

Tímida demais para se misturar com os outros atores, Rebecca se sentou e estudou sua programação, pensando como, em uma curta conversa, James conseguiu parabenizá-la pelo noivado e deixar bem claro que gostaria de vê-la fora do set.

— Rebecca, o elenco e a equipe retornarão para o hotel para jantar em alguns minutos — Steve apareceu a seu lado. — A equipe do bufê chega amanhã de manhã, então vou pedir para sua nova melhor amiga, a Senhora Trevathan, providenciar uma refeição para você na cozinha. Ela está encantada e disse que você precisa se alimentar.

— Ela é muito gentil. Quero ler o novo roteiro, de qualquer forma — ela respondeu.

— Você está bem, Rebecca? — Os olhos de Steve demonstravam preocupação.

— Sim, só sentindo um pouco *o jet lag*, e, para ser honesta, emocionada por conhecer tantos atores incríveis. Tenho medo de não passar no teste — confessou.

— Entendo. Não sei se ajuda, mas trabalho com Robert há muitos anos e ele nunca cometeu erros ao escalar o elenco de um filme. Sei que ele admira muito suas habilidades como atriz. Se não admirasse, não importa o tamanho de sua fama, você não estaria aqui. Tubo bem?

— Sim, obrigada por dizer isso, Steve — Rebecca respondeu, com sinceridade.

— Bem, então te vejo amanhã. Aproveite a noite no seu palácio. Ninguém vai aborrecê-la aqui, com certeza.

Steve se afastou e começou a tirar o elenco da sala de visitas. Quando todos haviam partido, Rebecca se levantou e observou atentamente a sala pela primeira vez. O brilho do sol de julho se infiltrava pelas janelas colossais, suavizando a austeridade da mobília de mogno que preenchia a sala. Sofás e poltronas estavam espalhados pelo cômodo, e uma grade lareira de mármore era a peça central. Rebecca tremeu, sentindo o frescor repentino da noite e desejando que a lareira estivesse acesa.

— Aí está você, querida. — A Sra. Trevathan apareceu por uma porta e atravessou a sala para se aproximar de Rebecca. — Steve me disse que você quer jantar. Tenho uma fatia de torta e algumas batatas que sobraram do almoço do Lorde Astbury.

— Batatas?

— Batatas, querida. — A Sra. Trevathan sorriu.

— Não estou com muita fome, talvez só uma salada.

— Entendo. — A governanta a fitou com os olhos arregalados. — Julgando por

sua aparência, você deve viver de dieta. Se não se importa que eu diga, Senhorita Rebecca, um vento forte poderia te carregar.

— Tenho que ter cuidado, sim — Rebecca respondeu, envergonhada com a boa intenção da governanta.

— Como desejar, mas você ficaria bem melhor com uma refeição adequada. Devo levar o jantar para o seu quarto?

— Seria muita gentileza sua, obrigada.

Quando a governanta a deixou, Rebecca franziu a testa diante do instinto da Sra. Trevathan quanto a seus hábitos alimentares. Não havia como negar que ela se preocupava com o que comia, mas o que podia fazer? Sua carreira dependia de um corpo esbelto.

Deixou a sala de visitas e foi até o saguão, onde a grande escadaria a levaria a seu quarto. Parando, ela olhou mais uma vez para o domo acima, os pequenos painéis de vidro instalados nas bordas permitindo a entrada de feixes de luz que chegavam ao chão de mármore sob seus pés.

— Boa noite.

Rebecca deu um pulo ao ouvir uma voz masculina e profunda. Olhou fixamente para o homem parado à porta de entrada, vestindo um casaco de tweed e uma calça de veludo gasta, com a barra dentro de galochas. Seu cabelo crespo e despenteado estava ficando grisalho e precisava de um corte. Ele parecia ter cinquenta e poucos anos.

— Olá — ela respondeu, incerta.

— Meu nome é Anthony. Você é...?

— Rebecca. Rebecca Bradley.

— Ah — seus olhos brilharam com reconhecimento. — A americana estrela de cinema. Me disseram que é muito famosa, mas receio que nunca ouvi falar de você. Filmes não são do meu interesse. Desculpe. — Ele chacoalhou os ombros.

— Por favor, não se desculpe. Não há razão alguma para ter ouvido falar de mim.

— Não. Mas devo ir agora. — O homem se apoiava em um pé, depois em outro, claramente desconfortável. — Tenho que fazer algumas coisas lá fora antes que a luz acabe. — Ele fez um gesto com a cabeça em sua direção antes de desaparecer pela porta.

Rebecca atravessou o saguão e subiu as escadas, admirando os retratos pintados a óleo de gerações de Astbury cobrindo as paredes. A Sra. Trevathan apareceu no topo da escada com uma bandeja e seguiu Rebecca até seu quarto.

— Aqui está, querida. Providenciei um pouco de sopa, pão fresco e manteiga. Ah, e também coloquei uma fatia da minha torta bakewell, com creme — ela

acrescentou, removendo a tampa da tigela da torta com um floreio.

— Obrigada.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não. Obrigada. Esta casa é realmente magnífica, não é?

— É sim, querida. E você não sabe os sacrifícios que são necessários para mantê-la. — A Sra. Trevathan suspirou, resignada.

— Posso imaginar. A propósito, encontrei o jardineiro no térreo — Rebecca informou.

— Jardineiro? — A governanta ergueu uma sobrancelha. — No térreo, *dentro da casa*?

— Isso.

— Bem, há um sujeito que vem uma vez por semana aparar a grama. Talvez estivesse procurando o Lorde Astbury. Certo, melhor deixar você jantar em paz. A que horas você gostaria de tomar o café da manhã?

— Geralmente não como no café, mas suco de fruta e iogurte seria ótimo.

— Vou ver o que posso fazer. — A desaprovação da Sra. Trevathan ficou óbvia quando se encaminhou para a porta, mas ela se virou e sorriu para a jovem ao sair. — Boa noite, querida. Durma bem.

— Boa noite.

Rebecca saboreou a sopa de batata com alho-poró e comeu o pão todo com muita manteiga. Apesar disso, ainda estava com fome e provou a estranha torta da Sra. Trevathan. Descobrimo que era deliciosa, comeu tudo e se jogou na cama, se sentindo culpada e sabendo que não deveria criar o hábito de devorar comida inglesa pesada, independentemente de ser saborosa.

Quando seu estômago se acalmou, Rebecca rolou na cama, procurando a bolsa. Pegando o telefone com hesitação, ligou o aparelho. Pressionou o botão para ouvir suas mensagens e colocou o telefone no ouvido. A chamada não foi completada e, ao verificar a tela, ela viu que não havia sinal. Ao pegar o seu iPad, notou que também não havia redes disponíveis.

O vislumbre de um sorriso apareceu em seus lábios. Naquela mesma manhã, desejou estar em algum lugar onde ninguém pudesse encontrá-la, e, ao que parecia, pelo menos por uma noite seu desejo foi realizado. Rebecca se deitou e olhou para o crepúsculo que se aproximava, o sol lentamente desaparecendo no horizonte, na várzea além do jardim. Percebeu que tudo o que podia ouvir era o silêncio.

Pegando o roteiro que estava na mesa de cabeceira, Rebecca começou a ler. Ela interpretaria Lady Elizabeth Sayers, a bela filha da casa. O ano era 1922, e a Era do Jazz estava no auge. Seu pai estava determinado a arranjar seu casamento com um vizinho proprietário de terras, mas Elizabeth tinha outras intenções. O

filme abordava a aristocracia britânica em um mundo em transformação, onde as mulheres começavam a dar pequenos passos rumo à emancipação e as classes trabalhadoras não aceitavam mais a subordinação perante a aristocracia. Elizabeth apaixonava-se por um poeta, Lawrence, que conheceu no cenário boêmio de Londres. A escolha entre desonrar os pais e seguir seu coração era uma história antiga. Ainda assim, no roteiro espirituoso e comovente de Hugo Manners, era um papel precioso e raro.

Como sempre, a programação das filmagens não era cronológica em relação à trama, e Rebecca gravaria sua primeira cena em dois dias, com James Waugh, que fazia no papel do poeta. Estava prevista para ser filmada no jardim e incluía um beijo ardente. Rebecca respirou fundo. Não importa o quanto fosse profissional, ou quantas vezes fosse seduzida na frente das câmeras, sempre tinha receio de gravar cenas românticas com protagonistas que ela mal conhecia.

Com o canto dos olhos, ela notou um movimento no jardim. Aproximando-se da janela, viu o jardineiro sentado em um banco. Mesmo de onde estava, Rebecca sentiu que ele possuía um ar de solidão, algo triste. A atriz observou enquanto ele ficou lá sentado, imóvel como uma estátua, olhando fixamente para o crepúsculo que chegava.

Depois de um banho, Rebecca se deitou sob lençóis ásperos e brancos. Deitada ali, pensando em suas falas e praticando o sotaque britânico dos anos 1920, ela se deu conta de como, naquela noite, realmente vivia no mundo em que o filme era ambientado. Tão pouco parece ter mudado na casa desde aquela época que era quase perturbador.

Vendo que passava das dez, mas convencida de que não conseguiria dormir por casa do *jet lag*, Rebecca apagou a luz. Para sua surpresa, dormiu profundamente a noite toda, acordando apenas quando a Sra. Trevathan apareceu logo cedo com uma bandeja de café da manhã.

Às dez em ponto, ela desceu as escadas e procurou pela equipe de figurino. Jean, a estilista escocesa, a examinou:

— Minha querida, você foi feita para essa época histórica. Tem até um rosto clássico. Tenho uma surpresa para você.

— Sério?

— Claro. Estava conversando com a governanta ontem e ela me disse que há uma coleção de vestidos antigos da década de 1920 em um dos quartos. Parece que pertenciam a uma parenta do Lorde Astbury falecida há muito tempo e que permaneceram intocados ao longo dos anos. Perguntei se poderia dar uma espiada, claro que apenas por interesse profissional, obviamente — ela piscou para Rebecca. — Eu queria ver se alguma coisa adequada serviria em você. Seria magnífico usá-los no filme.

— Seria mesmo — Rebecca concordou.

— E olha só isso... — Com ostentação, Jean abriu uma cortina de seda que

escondia vários cabides.

Rebecca perdeu o fôlego ao ver uma série de vestidos finos.

— Uau. Eles são incríveis.

— E perfeitamente preservados. Você nunca diria que têm noventa anos. Muitos deles foram desenhados pelos melhores estilistas franceses da época, como Lanvin, Vionnet e Patou. Que tesouro — Jean declarou, enquanto as duas vasculhavam os itens, admirando vestidos fabulosos. — Poderiam ser vendidos por uma fortuna em qualquer leilão. Mal posso esperar para ver você provar e ver quais lhe servem. De acordo com suas medidas, deveriam servir. Parece que a proprietária original tinha o corpo parecido com o seu.

— Mas vou ter permissão para usá-los, mesmo que sirvam? — Rebecca perguntou.

— Quem sabe? A governanta parecia duvidar, mas disse que perguntaria ao Lorde Astbury. A primeira coisa a fazer é experimentar e esperar para ver o que acontece. Agora... — Jean tirou um dos vestidos do cabide. — Que tal este para a primeira cena com James Waugh, amanhã?

Dez minutos depois, Rebecca estava admirada com sua imagem no espelho. Não vestia um figurino de época desde seus dias na Juilliard; seus papéis em Hollywood foram todos de mulheres jovens e contemporâneas, mais habituadas com calças jeans e camisetas. O vestido Lanvin era de seda revestido com chiffon e bordado a mão. A saia, com a barra em pontas, flutuava suavemente ao redor de seus calcanhares quando ela se movia.

— Certo, mesmo que seja preciso cair de joelhos e implorar, vou convencer o Lorde Astbury a alugar algumas dessas peças — Jean disse, com determinação. — Vamos provar o próximo.

Depois que Rebecca desfilou uma série de vestidos fabulosos, todos servindo perfeitamente, Jean abriu um enorme sorriso.

— Ótimo, acho que terminamos. Vou falar com a governanta assim que possível. Querida, você vai ficar um sonho — comentou, antes de ajudar Rebecca a tirar o último vestido. — Assim que a equipe de cabelo e maquiagem terminar, você será uma verdadeira beldade dos anos 1920! — Jean deu uma piscadinha marota para Rebecca antes de continuar. — Eles estão no corredor à direita.

— Acho que preciso de um GPS nesta casa — Rebecca disse, sorrindo, ao se dirigir à porta. — Vivo me perdendo.

Ela deixou o figurino e caminhou pelo corredor até encontrar a equipe de cabelo e maquiagem. Assim que se sentou em uma cadeira na frente do espelho, uma das profissionais pegou uma mecha de seu cabelo, espesso e escuro.

— O que acha de cortar e colorir amanhã? — ela perguntou.

Esse foi um ponto de divergência com seu agente, Victor, quando ela recebera

o contrato; foi exigido que seus longos cabelos fossem cortados no estilo mais curto dos anos 1920 e tingidos de loiro para combinar com a atriz interpretaria sua mãe.

— Suponho que sim — Rebecca deu de ombros. — Vai crescer de novo, não vai?

— Claro que vai. Assim que terminarem as filmagens, podemos facilmente voltar à cor original. É bom ver que você não é sentimental com isso — a cabeleireira disse, com aprovação. — Muitas atrizes são. Além disso, pode ser que você goste; você tem traços perfeitos para um estilo mais curto.

— E talvez ninguém me reconheça se eu ficar loira — Rebecca ponderou.

— Infelizmente, acho que isso não vai te ajudar — a maquiadora interrompeu, se sentando à frente de Rebecca. — O seu rosto sempre vai entregar sua identidade. E aí, como é o Jack Heyward pessoalmente? Ele é um deus na tela. Ele acorda daquele jeito? — ela brincou.

Rebecca pensou um pouco.

— Até que ele é bem bonitinho quando acorda.

— Aposto que é. — A maquiadora sorriu. — Tenho certeza de que você não consegue acreditar que vai se casar com ele.

— Sabe de uma coisa? Você está certa. Não *consigo* acreditar. Vejo vocês amanhã bem cedo para o corte! — Sorrindo para disfarçar a ironia de suas palavras, Rebecca se levantou e acenou para as duas antes de deixar a sala. Checou o relógio e viu que ainda eram três horas, o que significava que tinha duas horas antes do encontro com o preparador vocal.

Uma das camareiras do figurino havia dito que era possível conseguir sinal no celular caminhando na direção da várzea, então Rebecca foi até o quarto pegar o telefone. As filmagens já haviam começado na sala de visitas, e, ao sair por uma porta lateral da sala de jantar, que levava à varanda, Rebecca sentiu o estômago dar um nó ao pensar que amanhã seria *ela* na frente das câmeras.

Descendo os degraus calçados de pedras de demolição até o jardim, Rebecca o atravessou e caminhou a passos rápidos. Sentada no mesmo banco onde vira o jardineiro na noite anterior, ela ligou o telefone, mas o sinal oscilava entre uma barra e nada.

— Droga! — exclamou, quando não conseguiu acessar sua caixa de mensagens mais uma vez.

— Está tudo bem?

Rebecca se assustou com a voz e olhou em direção ao canteiro de rosas, onde o jardineiro estava segurando uma tesoura de poda.

— Estou bem, obrigada. Só não consigo sinal no telefone.

— Lamento. Péssima cobertura por aqui.

— Talvez não seja tão ruim ficar sem telefone. Na verdade, até que estou gostando — confessou. — Você gosta de trabalhar aqui? — ela perguntou, educadamente.

Ele olhou para ela de modo estranho, então consentiu com a cabeça.

— Nunca pensei desse modo, mas suponho que sim. Não consigo imaginar viver em outro lugar.

— Deve ser o sonho de um jardineiro. Aquelas rosas são magníficas. Cores lindas, especialmente esta que você está podando. Um vermelho aveludado tão profundo que parece quase negro.

— É — ele concordou. — Chama-se Rosa da Meia-Noite e é uma planta bem misteriosa. Está aqui há tanto tempo quanto eu, e já devia ter morrido há muitos anos. Mas todo ano, sem falta, floresce como se tivesse sido plantada recentemente.

— Tudo o que tenho no meu apartamento são plantas para interiores — Rebecca comentou.

— Você gosta de jardinagem, então?

— Quando eu era criança, tinha um canteiro só meu no jardim dos meus pais. Era o meu lugar de conforto.

— Tem alguma coisa especial em cuidar da terra que ajuda a afastar as frustrações — o jardineiro disse, concordando mais uma vez com a cabeça. — O que está achando daqui, em comparação com os Estados Unidos?

— É diferente de qualquer outro lugar onde já estive. Há anos eu não tinha uma noite de sono tão boa. É tão tranquilo. Mas vão me levar para um hotel mais tarde. Acho que o Lorde Astbury não gosta de visitas. Para ser sincera, eu queria poder ficar — Rebecca confessou. — Me sinto segura aqui.

— Bem, nunca se sabe. O Lorde Astbury pode mudar de ideia. A propósito — ele continuou —, se pedir à Senhora Trevathan, você pode usar o telefone fixo no escritório dele.

— Ok, obrigada. Vou pedir — Rebecca disse, se levantando. — Vejo você por aí.

— Aqui. — O jardineiro lhe ofereceu um botão perfeito de Rosa da Meia-Noite. — Uma coisa bonita para você admirar no seu quarto. O perfume é notável.

— Obrigada — Rebecca agradeceu, sensibilizada com o presente. — Vou colocar na água imediatamente.

Finalmente encontrando a Sra. Trevathan na cozinha, Rebecca explicou que precisava de um vaso para a rosa e que o jardineiro lhe dissera que havia um telefone no escritório. A governanta a levou até um pequeno quarto escuro, alinhado com estantes de livros e montes de papéis desarrumados sobre a

escrivadinha.

— Ai está, mas não demore muito se a ligação for para a América. O Lorde Astbury já fica nervoso com a conta do telefone sem chamadas internacionais.

Assim que a governanta deixou o escritório, Rebecca pensou que “aquela nobreza” de Lorde Astbury deveria ser um ogro.

Depois de se sentar e encontrar o número correto em seu celular, ela pegou o fone de um aparelho antiquado, com um disco. Assim que entendeu o que precisava fazer, inseriu o dedo em cada buraco, um por um, girando o disco para ligar para Jack. Rebecca se sentiu aliviada quando a ligação caiu imediatamente na caixa postal.

— Oi, sou eu. Estou em um lugar sem internet e sem sinal de celular. Vou me mudar para um hotel mais tarde, então te ligo depois. Aliás, estou bem. Eu... — Rebecca parou, pensando no que dizer, mas era um assunto tão complexo que não havia palavras. — Telefone logo. Tchau.

Pegando o fone do gancho mais uma vez e ligando para Victor, seu agente, também foi atendida pela caixa postal e deixou uma mensagem parecida.

Rebecca saiu do escritório à procura de Steve, decidida a descobrir exatamente onde ficaria hospedada durante as filmagens. Encontrou-o ao lado da van de alimentação, montada no pátio ao lado da casa.

— Eu sei, eu sei, Rebecca, você quer saber para onde vai — Steve disse, obviamente aborrecido. — Na verdade, eu estava prestes a te procurar com boas notícias. O Lorde Astbury veio me ver há cinco minutos e disse que você pode ficar aqui enquanto durarem as filmagens. Estou meio surpreso, já que antes ele era contrário à ideia — Steve observou. — Havíamos encontrado uma pousada discreta em uma das vilas da região, mas, para falar a verdade, as acomodações não são do padrão com o qual você está acostumada. E não há garantias de que os *paparazzi* não a encontrarão lá. Então, a decisão é sua.

— Certo, posso pensar um pouco? — Mesmo amando a segurança e a tranquilidade de suas acomodações atuais, tinha receio de coabitar a mansão com o, até então, invisível Lorde Astbury.

— Claro — Steve falou em seu walkie-talkie. — Com licença, Rebecca. Precisam de mim lá no set.

De volta a seu quarto, Rebecca estudou suas falas como preparação para a aula dali a meia hora com o preparador vocal. Ela se levantou e olhou pela janela. Realmente se sentia segura ali. Mais que tudo, precisava de paz e sossego para se concentrar em sua atuação. Esse papel seria o ápice ou a ruína de sua carreira.

Depois da sessão com o preparador vocal, Rebecca encontrou Steve na varanda e afirmou que seria um prazer ficar em Astbury Hall.

— Diante das circunstâncias, acho que talvez seja a melhor coisa a fazer —

Steve respondeu, aliviado com a solução do problema. — A Senhora Trevathan disse que ficará feliz em providenciar suas refeições à noite. Parece que ela te adotou. — Ele riu.

— Ah, é raro eu comer à noite, então...

— Olá — disse uma voz atrás deles.

Rebecca viu o jardineiro subindo as escadas da varanda e se dirigindo a eles.

— Boa tarde, Lorde Astbury. Rebecca disse que gostaria de ficar — Steve declarou. — É muita gentileza sua abrir uma exceção para ela.

— Anthony, por favor — o homem respondeu.

Chocada, Rebecca olhou primeiro para Steve, depois para Anthony.

— Talvez ao entardecer, Senhorita Bradley, quando todos forem embora, você queira me ajudar com o jardim — ele disse, com um brilho irônico no olhar.

— Eu... *Você é* o Lorde Astbury? — ela gaguejou.

— Sim, mas, como acabei de dizer ao Steve, todos me chamam de Anthony.

Rebecca sentiu o sangue subir para seu rosto.

— Estou envergonhada, não sabia que era você.

— Não, mas talvez eu não corresponda à imagem que você criou de mim — Anthony respondeu, sereno. — Infelizmente, os membros empobrecidos da aristocracia precisam sujar as mãos. Chega de gravatas e trajes de gala para nós. Agora, se vocês me dão licença, preciso cuidar de alguns arbustos.

Ele se virou e seguiu para o outro lado da casa.

— Ah, Rebecca — Steve tombou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. — Clássico! Não sei como é nos Estados Unidos, mas a aristocracia moderna aqui na Inglaterra tende a ser a parte mais desmazelada da sociedade. Usar roupas gastas e dirigir latas velhas se tornou um distintivo de honra. Nenhum nobre de respeito pensaria em se vestir com elegância na própria casa. Simplesmente impossível.

— Entendo — Rebecca respondeu, se sentindo tola e alienada.

— De qualquer modo, parece que sua ignorância não causou nenhum mal — ele continuou. — Garantiu um convite para ficar aqui indefinidamente.

James Waugh apareceu e foi até eles.

— Rebecca, eu queria perguntar: você está ocupada esta noite? Pensei em te convidar para comer alguma coisa e nos conhecermos um pouco melhor. Temos nossa primeira cena amanhã de manhã e é meio, como posso dizer, pessoal. — Ele sorriu maliciosamente.

— Na verdade, eu estava pensando em ir para a cama cedo — ela respondeu.

— Tenho certeza que Graham pode te pegar depois, então ainda dá para fazer

isso.

— Eu... Melhor não. A imprensa...

— Foram embora hoje de manhã — James informou. — E você não pode deixar esse negócio de celebridade atrapalhar sua atuação, certo?

— Não. Tudo bem — Rebecca finalmente concordou, não querendo parecer indiferente.

— Ótimo — James sorriu. — Te vejo às oito no hotel. E não se preocupe, vou pedir uma mesa discreta.

Depois que James se foi, os olhos de Steve brilharam em direção a Rebecca.

— Acho que você acertou aquele alvo. Cuidado com ele. James tem reputação de garoto-problema.

— Vou tomar cuidado. Obrigada, Steve. — Ela o deixou, caminhando com a cabeça erguida.

De volta ao quarto, alguém bateu à porta.

— Entre.

— Desculpe incomodar — a Sra. Trevathan disse. — Me disseram que você conheceu o Lorde Astbury.

— Sim, é verdade — Rebecca murmurou, enquanto continuava a pendurar alguns itens no velho guarda-roupa de mogno.

— Eu ajudo — a Sra. Trevathan ofereceu.

— Não, está tudo bem, eu...

— Sente-se. Podemos conversar enquanto arrumo isso.

Rebecca consentiu e se sentou na beirada da cama enquanto a Sra. Trevathan guardava os outros itens de sua mala.

— Você não trouxe muita coisa, não é, querida? — ela comentou. — Bem, vim dizer que o Lorde te convidou para jantar com ele hoje à noite. Ele janta às oito em ponto.

— Ah, não. Lamento, mas não posso. Já tenho um compromisso.

— Entendo. Bem, o Lorde ficará decepcionado. Justo depois que ele foi tão gentil por deixar você ficar aqui.

Rebecca percebeu a reprovação no tom de voz da governanta.

— Por favor, transmita minhas desculpas e diga que será um prazer jantar com ele outra noite — sugeriu.

— Claro. Ele não gosta que outras pessoas assumam o controle da sua casa. O Lorde Astbury precisa de sossego, muito sossego. Mas a necessidade nos leva a agir contra a nossa vontade.

— Como assim?

— Quero dizer, querida, que ele está precisando do dinheiro do filme para manter a casa — a Sra. Trevathan explicou, esclarecendo sua declaração anterior.

— Entendi. O Lorde Anthony tem família? — Rebecca hesitou ao perguntar.

— Não, não tem.

— Ele vive aqui sozinho?

— Isso. Certo, tudo pronto. Então, te vejo pela manhã. Bem cedo, ouvi dizer. Não volte muito tarde, querida. Você precisa estar bem descansada para amanhã.

— Prometo que chego cedo. Obrigada, Senhora Trevathan — Rebecca sabia que a velha governanta agia como sua mãe, mas era uma sensação reconfortante.

A infância era uma época que Rebecca não gostava de recordar. Poucas pessoas conheciam seu passado, e seu agente não estava entre elas. Uma noite, quando ela e Jack tiraram férias curtas em uma Nantucket tempestuosa, ela lhe falou a verdade.

Ele a abraçou enquanto chorava, carinhosamente enxugando suas lágrimas.

Rebecca balançou a cabeça e suspirou. Ela se sentiu amada de verdade naquele dia. No quarto, a atriz se levantou, andando de um lado para o outro naquele assoalho que rangia. Aquela lembrança era tão divergente das mais recentes, quando Jack estava sob a influência da droga, incoerente e agressivo. Não foi a primeira vez que desejou, de todo o coração, que fossem apenas o Sr. e a Sra. Comum, como foram naquele fim de semana, agasalhados contra o frio e anônimos. Apenas um homem e uma mulher, apaixonados.

Mas as coisas não eram assim, e ela sabia que era inútil esperar que fossem.

Deixando esses pensamentos de lado, Rebecca percebeu que tinha menos de uma hora para encontrar seu coadjuvante para o jantar.



— Boa noite — James disse quando Rebecca entrou na pequena sala de estar de sua suíte, onde uma mesa estava arrumada para o jantar. Ele beijou seu rosto e a levou até a mesa. — Pensei que seria melhor comer aqui, considerando as circunstâncias.

— Sim, obrigada — Rebecca concordou, grata pela privacidade e pela ausência de pessoas de olhos arregalados, mas ao mesmo tempo apreensiva pela fofoca entre os funcionários do hotel. Ser vista entrando no quarto de uma colega atraente era, de várias maneiras, pior do que ser vista com ele no restaurante do hotel.

— E não se preocupe com os empregados. — James pareceu ler seus pensamentos enquanto puxava a cadeira para Rebecca se sentar. — Robert me informou que o hotel assinou um termo de responsabilidade. Se uma palavra vazar para a imprensa sobre as atividades do elenco, os advogados da produtora processam.

— Certo.

— Que loucura, não? — James suspirou, se sentando do outro lado. — Mas a sopa já está aqui, então coma antes que esfrie. Vinho? — Ele ofereceu a garrafa.

— Não, obrigada. Preciso estar bem amanhã.

— Então, como você foi “descoberta”? — James perguntou, servindo-se uma dose saudável de vinho.

Rebecca mexeu a tigela de sopa rala enquanto considerava a resposta, pensando que as refeições preparadas pela Sra. Trevathan eram superiores a essa. — Não acho que *fui* descoberta. Consegui um pequeno papel em uma série de TV quando tinha vinte anos e, desde então, as participações foram ficando maiores.

— Ainda não cheguei a Hollywood. A atenção da imprensa no Reino Unido já é ruim o bastante e, pelo que ouvi dizer, isso é um pesadelo em Los Angeles.

— Ah, com certeza — Rebecca concordou. — É por isso que eu não moro lá. Tenho um apartamento em Nova York.

— Bom para você. É sensato. Tenho um amigo que atravessou o Atlântico para fazer um filme em Los Angeles há dois anos. Ele disse que a maioria dos astros literalmente nunca sai de casa. Eles se escondem por trás dos muros das suas casas nas colinas, com contingentes de segurança máxima e câmeras por todo lado. Eu não gostaria disso de modo algum — ele acrescentou com um sorriso.

— Seu amigo está certo, e isso também não me agrada. Nova York é muito

mais calma.

— Exceto por momentos como este, quando você é perseguida até os confins de Devon. — James levantou as sobrancelhas.

— Verdade, é um inferno. — Rebecca desistiu da sopa e colocou a colher no prato ao lado.

— Sempre achei irônico que o objetivo de todo jovem ator seja conseguir fama e fortuna — James refletiu. — Mas o preço é alto. Claro que não estou no mesmo nível, mas mesmo as *minhas* peripécias acabam nos jornais.

— Acho que você precisa se acostumar — Rebecca suspirou. — Acaba ficando normal. Mas são as mentiras que mais me afetam.

— Seu noivado não é uma mentira, é?

Rebecca parou e pensou, enquanto James retirava a sopa da mesa e montou dois pratos do réchaud que o serviço de quarto deixara.

— Eu diria que o anúncio foi um tanto quanto... precipitado. Mas, sim, Jack me pediu em casamento.

— E você aceitou?

— De certo modo. Mas vamos falar sobre o filme, que tal? — ela acrescentou, abruptamente.

— Claro — James entendeu a sugestão. — Então, Senhorita Bradley, amanhã de manhã vou beijar a mulher mais bonita do mundo. Pobre de mim — ele olhou para cima e suspirou dramaticamente. — Na verdade, atuar é um péssimo emprego. E devo dizer, Rebecca, que você realmente é uma criatura maravilhosa — James se inclinou sobre a mesa e a estudou. — Não consigo detectar nem um resquício de maquiagem no seu rosto. Nem mesmo um batom.

— Então você não vai me reconhecer amanhã. Vão me cobrir de maquiagem. Vou parecer uma boneca pintada, com certeza.

— Bem, esse era o visual da época — James concordou. — Então, além do Jack, você se apaixonou por algum outro colega seu?

— Não — Rebecca respondeu, honestamente. — E você?

Ele tomou um gole de vinho.

— Não diria que minha reputação seja impecável — admitiu, com um brilho nos olhos. — Sou como uma criança em uma loja de doces, trabalhando com tantas mulheres lindas. Para ser honesto, não sou melhor ou pior que qualquer homem de vinte e poucos anos com o sangue quente; a diferença é que o que faço está sob os holofotes da mídia. Então, rapidamente mudando de assunto, o que você está achando da Inglaterra até agora?

Ao longo da noite, Rebecca se sentiu mais confortável com James. Para um ator bem conhecido, ele era humilde e tinha um senso de humor afiado. Rebecca apreciou o fato de ele não levar sua posição e carreira muito a sério; era apenas

um emprego. Depois da vaidade de Jack com seu talento e a falta de oportunidade para demonstrar suas habilidades nos papéis que recebeu, a atitude de James era um alívio.

— Vamos encarar os fatos — ele disse, enquanto Rebecca tomava chá de hortelã e James, um café irlandês. — Se não fôssemos atraentes, duvido que estivéssemos interpretando Elizabeth e Lawrence. É assim que as coisas são.

Rebecca sorriu.

— Preciso ir — declarou, notando que já passava das dez.

— Claro, e vou me retirar para o armário ao lado, que passa pelo meu quarto, enquanto você é levada para dormir como uma princesa em sua torre. Vou dizer boa-noite aqui, posso? — Ele sorriu. — Não quero que algum fotógrafo escondido do lado de fora tenha uma ideia errada.

— Obrigada — Rebecca disse, se levantando. — Vejo você amanhã.

James a beijou no rosto.

— Sério, Rebecca, se você precisar conversar, conte comigo.

— Obrigada. Boa noite — ela sussurrou ao deixar a suíte. Preferiu descer as escadas a arriscar ser vista saindo do elevador e se apressou até a saída. Ao ver Graham esperando em uma Mercedes, Rebecca entrou no carro rapidamente.

Quinze minutos depois, ela abriu a porta de seu quarto. A Sra. Trevathan havia acendido o abajur sobre o criado-mudo e arrumado a cama. Despindo-se e se acomodando entre os lençóis, Rebecca decidiu que realmente se sentia como a princesa que James descreveu.

Em algum momento durante a noite, acordou assustada, certa de que havia ouvido um barulho no quarto. Acendendo a luz, viu que o quarto estava vazio. Sentiu um perfume floral pungente. Não era desagradável, apenas estranhamente forte. Rebecca deu de ombros, apagou a luz e voltou a dormir.

— No set em cinco minutos, Senhorita Bradley — disse o mensageiro, entrando na sala de maquiagem.

— Ela está pronta — respondeu Chrissie, a maquiadora, aplicando um último toque de pó na testa de Rebecca. — Pronto — ela disse, enquanto removia o avental protetor dos ombros da atriz.

— Uau — o mensageiro disse quando Rebecca se levantou e se virou para ele. — Você está incrível, Senhorita Bradley.

— Não está? — Chrissie concordou.

— Obrigada — Rebecca respondeu, ainda se acostumando com seu cabelo loiro e curto, os olhos com maquiagem pesada, a tez pálida e o batom vermelho-escuro. Quase não se parecia consigo mesma. Seguindo o mensageiro por um corredor e surgindo no saguão principal, encontrou Anthony descendo as escadas de mármore em sua direção.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Bom dia...

Quando Anthony a viu, parou junto à escada com uma expressão de choque.

— Meu Deus — ele suspirou.

— O que foi?

Anthony não respondeu; apenas continuou a encarar Rebecca.

— Precisamos ir, Senhorita Bradley — o mensageiro lembrou.

— Tchau — Rebecca disse, sem jeito, para a figura paralisada na escada e seguiu o mensageiro.

James estava na sala de visitas enquanto a equipe acertava a posição das câmeras na varanda.

— Adorei o cabelo, querida — ele disse, com um grande sorriso. — É você mesma debaixo de toda essa maquiagem?

— Em algum lugar, sim — ela entrou na brincadeira ao mesmo tempo em que foram chamados ao set.

— Bem, tenho certeza de que todo mundo já disse que você está encantadora. Mas, pessoalmente, preferiria você nua... quero dizer, seu rosto, claro — James sussurrou audaciosamente, estendendo uma das mãos.

Robert Hope, o diretor, se aproximou e colocou um braço sobre seus ombros.

— Você está perfeita, Rebecca. Pronta?

— Tanto quanto posso estar — ela respondeu, apreensiva.

— Garanto que vai se sair muito bem — tranquilizou. — Agora, vocês dois, vamos repassar a cena desde o começo.

Duas horas depois, Rebecca voltou para a sala de visitas com James e desabou em uma poltrona, exausta com a tensão.

— Estou feliz por ter acabado.

— Você foi ótima — James comentou, acendendo um cigarro ao lado da porta aberta e sorrindo para ela. — Seu sotaque estava perfeito.

— Obrigada. Você me deixou confortável.

— Acho que somos uma boa dupla, não? E realmente gostei daquele beijo — acrescentou com uma piscadinha.

Rebecca ficou vermelha e se levantou.

— Vou procurar uma bebida gelada. Te vejo depois. — Ela deixou a sala antes que ele pudesse segui-la, não querendo causar a impressão de que seu romance fictício pudesse se estender à realidade. Já vira aquele olhar no rosto de vários atores com quem contracenou. James era um homem adorável, mas ela

precisava dele como amigo, não como amante.

— Rebecca. — Steve a alcançou enquanto ela caminhava para a van de alimentação. — O escritório da produção acabou de receber uma ligação furiosa de seu agente, dizendo que seu noivo entrou em contato com ele. Ambos querem saber onde você está. Você pode entrar em contato com eles?

— Deixei uma mensagem para os dois dizendo que estou bem — ela respondeu. — Mas não há sinal de celular por aqui.

— Eu sei. Isso está causando problemas para todo mundo, então pedimos ao Lorde Astbury para usar sua linha fixa. Vamos pagar a conta, claro, então, por favor, telefone. Não querem os histórias sensacionalistas na imprensa dizendo que você foi sequestrada ou algo assim — ele acrescentou, indo embora rapidamente.

Respirando fundo, Rebecca começou a subir as escadas para seu quarto em busca de seu celular para consultar os números.

— Rebecca?

Ela se virou e olhou para o pé da escada. Anthony estava parado no saguão de entrada.

— Olá — ela disse, insegura. Mais uma vez, ele a olhava fixamente e Rebecca se sentiu incomodada sob seu exame minucioso.

— Você tem alguns minutos? — perguntou. — Gostaria de te mostrar uma coisa.

— Claro — ela respondeu. Não tinha como recusar.

Anthony estendeu uma das mãos, indicando que ela deveria descer a escada. Ele sorriu quando ela parou a seu lado, sem nunca desviar o olhar de seu rosto.

— Me siga — ele a levou por um corredor que dava acesso às salas formais com vista para o jardim nos fundos da casa. Parando do lado de fora de uma dessas salas, se voltou para ela. — Prepare-se para uma surpresa.

— Certo — Rebecca respondeu enquanto ele abria a porta e ambos entravam em uma biblioteca espaçosa. Caminhando até o centro da sala, Anthony colocou as mãos em seus ombros e a posicionou de frente para a lareira.

— Olhe para a pintura sobre a lareira.

Rebecca se viu olhando fixamente para o retrato de uma mulher jovem, loira, vestida de modo similar ao seu, usando uma tiara incrustada de joias. Mas não era apenas o que a mulher vestia que impressionava. Era seu rosto.

— Ela... — Rebecca encontrou sua voz. — Ela se parece comigo.

— Eu sei. A semelhança é — Anthony fez uma pausa — extraordinária. Quando a vi hoje de manhã com os cabelos loiros e vestida do jeito que está, pensei que estivesse vendo um fantasma.

Rebecca ainda absorvia a imagem daqueles grandes olhos castanhos, a forma do rosto tão pálido quanto a do seu, o nariz pequeno e arrebicado, os lábios grossos.

— Quem é ela?

— Minha avó Violet. Ainda mais estranho: ela era americana. Se casou com meu avô, Donald, em 1920 e veio morar com ele em Astbury. Era considerada uma das belezas de sua época, tanto na Inglaterra como na América. Infelizmente, morreu jovem, então nunca a conheci. E meu avô morreu apenas um mês depois dela — Anthony parou de falar e suspirou expressivamente. — Eu poderia dizer que foi o começo do fim para a família Astbury.

— Como Violet morreu? — Rebecca perguntou, com delicadeza.

— Seu destino foi o mesmo de muitas mulheres daquela época; ela morreu durante o parto... — A voz de Anthony desapareceu em agonia.

— Sinto muito — Rebecca disse, perplexa.

Recuperando-se, Anthony continuou. — Consequentemente, minha pobre mãe, Daisy, cresceu órfã, sob os cuidados da avó dela. Aquela é minha mãe — ele apontou para o retrato de uma senhora de meia-idade, de lábios rígidos. — Perdoe-me pelo sentimentalismo, mas é estranho que os Astbury tenham enfrentado sua ruína, de um jeito ou de outro, desde a morte de Violet. — Anthony de repente voltou a atenção do retrato para Rebecca. — Você por acaso não tem parentesco com a família Drumner, de Nova York, tem? Eles foram muito ricos e poderosos no início do século 20. Na verdade, foi o dote de Violet que salvou a mansão da ruína.

Anthony olhou para ela, ansioso por uma resposta. Seu passado não era algo que Rebecca desejasse revelar para qualquer pessoa, e certamente não para um estranho.

— Não. Minha família é de Chicago e nunca ouvi o nome Drumner antes. A semelhança deve ser apenas coincidência.

— Ainda assim... — Anthony esboçou um sorriso apertado. — É estranho você estar aqui em Astbury, interpretando uma personagem da época em que Violet viveu. *E* se parecendo tanto com ela.

— É, é estranho, mas posso garantir que não existe parentesco — Rebecca repetiu, com firmeza.

— Bem, se é assim... Como você pode imaginar, foi um choque vê-la no saguão esta manhã. Por favor, me perdoe.

— Claro.

— Bem, não vou tomar mais do seu tempo, mas senti que devia lhe mostrar o retrato de Violet. E talvez você pudesse me dar a honra de jantar comigo esta noite — acrescentou.

— Obrigada, será um prazer. Agora tenho mesmo que ir. Preciso estar de volta ao set em uma hora.

— Claro — Anthony caminhou até a porta e a abriu para Rebecca passar. Caminharam em silêncio até o saguão. Rebecca sorriu ao se despedir e subiu outra vez as escadas para pegar o celular. Quando chegou ao santuário de seu quarto, fechou a porta e suas pernas perderam a força de repente. Ela se sentou rapidamente na poltrona ao lado da lareira, apoiou a cabeça nas mãos e respirou fundo algumas vezes.

Ela mentira para Anthony. A única coisa que sabia sobre seus pais era o nome de sua mãe, Jenny Bradley. E o fato de Jenny ter entregado a filha para adoção quando Rebecca tinha cinco anos.

As pessoas que considerava seus pais eram Bob e Margaret, um casal gentil que cuidou de Rebecca desde quando ela tinha seis anos. Eles tentaram legalizar a adoção, mas Jenny sempre se recusou assinar a documentação, supondo que um dia estaria bem o bastante para cuidar da filha.

Emocionalmente, foi uma situação difícil; a estabilidade e a segurança que ela tanto queria não estavam a seu alcance. Quando era menina, foram muitas as noites em que temia que sua mãe voltasse e a levasse para uma vida da qual mal se lembrava.

Finalmente, quando Rebecca tinha dezenove anos, Bob e Margaret lhe disseram que Jenny havia morrido de overdose.

Ela nunca soube quem fora o seu pai. Também não tinha ideia se Jenny sabia. Imaginava que havia sido concebida quando sua mãe fazia de tudo pelo álcool e pelas drogas.

Rebecca olhou desamparada ao redor do quarto. Quem sabe seu pai tinha algum parentesco com Violet Drumner? Seria plausível. Mas, como não havia um nome masculino em sua certidão de nascimento, nunca seria capaz de investigar.

Pela primeira vez desde que chegara ali, Rebecca sentiu saudades do aconchego dos braços de Jack. Ela pegou o celular, que guardava o número dele, e foi para o escritório de Anthony.

Caixa postal mais uma vez. Ela sabia que Jack nunca atendia ligações de números que não reconhecia, por questões de segurança.

— Oi, querido, sou eu. Não há sinal de celular aqui, então estou usando a linha fixa outra vez. Tento novamente mais tarde. Tenho uma hora até voltar a filmar. Espero que você esteja bem. Tchau.

Encerrando a ligação, ela discou o número de Victor; desta vez ele atendeu.

— Como vai, docinho? Estava prestes a mandar a CIA atrás de você.

— Estou bem. Estamos filmando em uma casa antiga espetacular, e, por causa do interesse da imprensa, o proprietário, Lorde Astbury, me deixou ficar aqui.

Não se preocupe, Victor. Estou em segurança — garantiu.

— Que bom. Então, que história é essa de você e Jack ficarem noivos? Você deveria ter falado comigo antes de aceitar.

— Sério? Achei que a decisão de me casar fosse minha, Victor. Você não acha? — Rebecca tamborilou os dedos na mesa, irritada.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer, querida — Victor contemporizou. — É que seria mais fácil se você tivesse me dito que estava prestes a anunciar o noivado. Poderíamos ter cuidado disso para você.

— Para dizer a verdade — ela respondeu —, só entre mim e você, nem aceitei ainda — confessou.

Houve um silêncio momentâneo do outro lado da linha.

— Como? Está brincando comigo, Rebecca?

— Não, não estou — Rebecca notou o pânico na voz de Victor e queria rir. — Só disse que precisava pensar. E preciso — enfatizou. — Não tenho culpa se ele decidiu tomar a iniciativa e confirmar o noivado antes da minha resposta.

— Jesus, Rebecca. O mundo está me pressionando por um comentário seu. Você não pode voltar atrás agora; há um exército de fãs do Jack te enviando mensagens de ódio e boicotando seus filmes.

Rebecca sentiu sua pressão subir.

— Victor, preciso de tempo para pensar, ok?

— Dessa vez, posso ser o segundo cara a ser informado da sua decisão? E espero que seja uma resposta positiva. Ei! — ele acrescentou, diminuindo o volume da voz. — Você pode se divorciar se as coisas não derem certo. Esse é um momento crucial em sua carreira, e eu não quero arriscar uma publicidade negativa. — Depois de outra pausa, Victor continuou. — Não tem outro cara, tem?

— Pelo amor de Deus, Victor! Claro que não. — Rebecca estava perdendo a paciência.

— Bem, já é alguma coisa, acho. Só não comece a ficar confortável e aconchegada com o jovem inglês que interpreta o seu amante. A reputação dele com as mulheres é péssima.

— A bronca já acabou? — Rebecca perguntou. — Você quer saber como foram as filmagens hoje ou não?

— Ouça, querida, podemos conversar outra hora? Tenho que ir a uma reunião.

— Claro.

— Boa garota. Me ligue mais tarde, está bem?

— Ligo, sim. Até logo, Victor.

Rebecca encerrou a ligação e olhou, desanimada, para os sapatos de cetim em seus pés. Sabia que Victor tinha boas intenções. Ele era um bom agente e construiu sua carreira com perfeição. Mas às vezes sua proteção era exagerada. Ele não era seu dono, nem seu pai.

Olhando para os porta-retratos prateados sobre a escrivaninha de Anthony, ela o invejou pela estabilidade de uma família que podia ser traçada por gerações. As fotos eram todas em preto e branco, e Rebecca logo reconheceu a mãe de Anthony. No retrato, ela segurava a mão de uma garotinha com cachos loiros. A semelhança com Anthony era marcante, e Rebecca concluiu que deveria ser sua irmã. Ao se levantar, ela olhou para o relógio antiquado e viu que tinha apenas vinte minutos para comer alguma coisa antes de recomençar as filmagens.



A Sra. Trevathan bateu levemente à porta de Rebecca às sete e quarenta e cinco daquela noite.

— Entre — Rebecca disse, arrependida de ter aceitado o convite de Anthony para jantar. Estava exausta depois do primeiro dia de filmagens.

— Está pronta, Rebecca? — a Sra. Trevathan perguntou, seu rosto alegre espiando dentro do quarto.

— Desço em alguns minutos.

Rebecca despiu o roupão de banho, colocou um jeans e uma camiseta e secou com as mãos seu novo cabelo curto e ainda estranho. Diante do espelho, examinou seu rosto. Sem maquiagem, a nova cor do cabelo a deixava com a aparência doentia. Não se sentia ela mesma.

Ao deixar o quarto e descer a escadaria principal, ela ponderou sobre a devoção clara da Sra. Trevathan pelo Lorde Anthony. Como tudo mais ali, o relacionamento entre patrão e criada era de outra época. Era como se o tempo houvesse se esquecido de Astbury Hall e seus moradores. Ela parou do lado de fora da sala de jantar e bateu à porta.

— Entre.

Rebecca abriu a porta e encontrou Anthony já sentado à cabeceira de uma longa mesa de mogno. O fato de ele estar sozinho na grande sala formal, sentado a uma mesa feita para acomodar muitos, apenas enfatizou sua solidão.

— Olá. — Ele sorriu e indicou a ela a cadeira a seu lado. Quando Rebecca se aproximou, ele se levantou e puxou a cadeira para ela.

— Obrigada — murmurou, enquanto ele retornava ao seu lugar.

— Vinho? — ele perguntou, levantando uma garrafa com um líquido vermelho como um rubi de uma bandeja de prata. — Temos filé no cardápio, e esse claret é o acompanhamento perfeito.

— Apenas uma tacinha — Rebecca aceitou, não querendo ser rude, mas raramente bebia. Se bebesse, sua escolha não seria vinho tinto. Nem, na verdade, comeria carne bovina.

— Minha querida mãe tinha um mordomo para decantar e servir o vinho — Anthony comentou, enquanto derramava vinho em sua taça. Infelizmente, quando ele se aposentou, não houve dinheiro para contratar um novo.

— Não consigo imaginar quanto deve custar manter um lugar assim em condições adequadas — Rebecca comentou.

— Não, e você também não vai querer saber. — Anthony respirou fundo, enquanto a Sra. Trevathan entrava com uma bandeja e colocava pratos de sopa diante deles. — Mas fazemos o possível, não fazemos, Senhora Trevathan? — Ele olhou para sua governanta com um sorriso caloroso.

— Verdade, meu Lorde, verdade — a Senhora Trevathan concordou com a cabeça enquanto deixava a sala.

— A Senhora Trevathan toma conta de tudo praticamente sozinha. Se ela decidir partir um dia, não saberei o que fazer. Por favor — ele indicou a sopa. — Vamos começar.

— Ela trabalhou aqui a vida toda?

— Sim, assim como seus ancestrais antes dela. Na verdade, Mabel, mãe dela, cuidou de mim quando eu era criança.

— Deve ser maravilhoso ter anos de história familiar para contar, saber de onde você vem — Rebecca disse, tomando sua sopa.

— De certo modo, acredito que sim — Anthony suspirou outra vez. — Mas, como disse anteriormente, uma atmosfera sombria tomou conta desta casa depois que Violet morreu. Sabia, minha querida, que o vestido que você estava usando quando te encontrei na escada pertenceu a ela?

Rebecca olhou para ele e sentiu um calafrio percorrer sua espinha:

— Sêrio?

— Sim. A filha dela, Daisy, ou seja, minha mãe, manteve seus vestidos em perfeitas condições.

— Suponho que Daisy não tenha conhecido sua mãe, se Violet faleceu durante o parto.

— Não. Mas ela adorava Violet, ou pelo menos a ideia de quem sua mãe foi. Assim como eu adorava a minha — Anthony disse, com tristeza.

— Quando sua mãe morreu? — Rebecca perguntou.

— Há vinte e cinco anos. Ainda sinto saudades dela, para falar a verdade. Éramos muito próximos.

— Claro, não há nada pior que perder uma mãe.

— Éramos apenas nós dois, entende? Ela era tudo para mim.

— E o seu pai?

O rosto marcado de Anthony escureceu.

— Ele não era um bom homem. Minha pobre mãe sofreu terrivelmente em suas mãos. Ele nunca gostou de Astbury, para começar, e passava a maior parte do tempo em Londres — explicou. — Minha mãe não lamentou muito quando ele morreu, em um prostíbulo imundo em East End. Parece que bebeu tanto que caiu e quebrou o pescoço.

Rebecca notou Anthony estremecer com a lembrança. E entendeu completamente o que ele sentia. Instintivamente, queria contar que também conhecia aquela dor, mas ainda não estava preparada para compartilhar seu segredo com um desconhecido.

— Sinto muito. Deve ter sido difícil para você — conseguiu dizer.

— Felizmente eu não tinha nem três anos na época, então quase não me lembro dele. Certamente não senti falta de sua presença enquanto crescia. Mas não falemos mais do passado — Anthony colocou a colher ao lado de seu prato de sopa vazio. — Fale-me sobre você — disse ele enquanto a Sra. Trevathan retirava os pratos de sopa e colocava uma fatia espessa de filé bovino diante cada um deles.

— Ah, acho que sou uma garota americana comum de Chicago — ela respondeu.

— Nada “comum” — Anthony reprovou. — Todos me dizem que estou jantando com uma das mulheres mais belas e famosas do mundo. Assim como minha avó Violet era considerada em seus dias.

Rebecca enrubescou, envergonhada com o elogio.

— Tive sorte e oportunidades. Muitas jovens atrizes não têm.

— Tenho certeza de que o talento tem alguma coisa a ver com isso — Anthony continuou. — Embora, como já disse, ainda não tenha visto nenhum de seus filmes. Contudo, gostaria de acrescentar que muitas mulheres são bonitas, mas poucas têm um magnetismo que as destaca. Você tem, e, pelo que me disseram, Violet também tinha. Ela era o centro das atenções de Londres e de Nova York e recebeu os grandes e importantes em Astbury Hall. Aqueles eram grandes dias — acrescentou, com nostalgia. — Às vezes sinto que tive o infortúnio de nascer na época errada. Mas chega disso.

Seguiu-se um silêncio enquanto Anthony comia seu filé macio e Rebecca meramente brincava com o dela. Finalmente, Anthony perguntou:

— Você já está satisfeita, querida?

— Sim. — Rebecca sentiu-se culpada ao ver seu prato quase cheio. — Peço desculpas, mas não tenho muito apetite.

— Estou vendo. Acho que não consigo convencê-la a provar a torta de maçã com amoras da Senhora Trevathan.

— Acho que não. — Rebecca engoliu um bocejo, e Anthony colocou uma mão surpreendentemente macia sobre a sua.

— Você está cansada.

— Um pouco. Acordei muito cedo hoje para fazer o cabelo e a maquiagem.

— Claro. E tenho certeza de que a última coisa que você quer é ficar entediada com um velho rabugento como eu. Por que você não sobe? Vou pedir que a

Senhora Trevathan leve a você um pouco de leite quente. Pode ser antiquado, mas acredito em suas qualidades soporíficas.

— Se você não se importa.

— Claro que não. Mas posso muito bem solicitar o prazer de sua companhia outra vez. Apesar da minha preferência pela solidão, gostei muito desta noite. Ah, Senhora Trevathan — Anthony levantou o olhar. — Rebecca vai ser recolher e prometi que a senhora levaria um pouco de leite quente para ela.

— Claro, meu Lorde.

— Bem, então, minha querida — Anthony se levantou com Rebecca e beijou sua mão. — Foi um prazer. Durma bem.

— Vou dormir. E muito obrigada pelo jantar.

Confortável em sua cama, com um copo de leite quente a seu lado e admirando o crepúsculo que ainda parecia relutante em ceder lugar à noite, Rebecca pensou em sua conversa com Anthony. Com maneiras impecáveis e um jeito singular de falar, ele era uma representação do passado tanto como a casa. Mas vivendo aqui, no meio de gloriosos espaços vazios, em uma mansão intocada pelo presente, não era difícil imaginar como as coisas teriam sido cem anos atrás. Sem o elenco e o resto da equipe, a casa retomava seu ritmo habitual, e Rebecca quase sentia que a realidade moderna estava lentamente se desmanchando, também.

Rebecca se chacoalhou; amanhã precisaria voltar ao presente, aquele que existia do lado de fora do mundo encantado de Astbury, e fazer um esforço real para entrar em contato com Jack. Apagando a luz, ela se acomodou para dormir.

Mais uma vez, em algum momento durante as horas que precediam a alvorada, Rebecca sentiu o aroma forte de flores, que dominava seu olfato e a fez sonhar com lugares exóticos que desejava visitar um dia. Então, estava certa de que ouvia música, um som agudo que a despertou. Saindo da cama desorientada, com o som ainda em seus ouvidos, foi até a porta e a abriu. O corredor estava escuro e o som cessou abruptamente.

Rebecca se convenceu de que era um sonho e voltou para a cama. O silêncio predominava outra vez, mas o som daquela voz aguda e doce ficou com ela e a embalou para dormir.



Mumbai, Índia

Ari estava feliz por estar em casa. Fora um longo dia no trabalho, o fim de uma semana difícil. Ele abriu a porta de seu duplex e seguiu direto para a cozinha preparar um gim-tônica, esperando aliviar a tensão. E igualmente esperando que Lali não reclamasse que ele bebia demais. Em comparação com alguns de seus parceiros de negócios do ocidente, ele não consumia praticamente nada. Ele foi para a sala de estar e, notando que estava deserta, supôs que Lali estivesse no banho. Jogando-se no sofá, tomou um gole de sua bebida.

Perguntou a si mesmo por que se sentia tão estressado atualmente, já que a empresa ia de vento em popa. Especialmente quando a crise financeira mundial obrigou a América e os países europeus a voltar seus olhares para a Índia e suas alternativas menos custosas. Eles têm mais demanda agora do que podiam atender, Ari respirou fundo, e esse era o problema. Encontrar gerentes treinados e confiáveis para lidar com os novos negócios estava se tornando um pesadelo. Consequentemente, ele fazia o trabalho de dez funcionários.

Lali estava sempre pegando no seu pé para tirar umas férias, mostrando panfletos de tranquilos resorts de praia. Ela parecia não entender que essa ideia era simplesmente impossível de ser realizada no momento.

— Quando eu encontrar funcionários em quem possa confiar, poderemos ir. Prometo.

— Ari, querido, você está dizendo isso há três anos — ela suspirava, triste, enquanto recolhia os programas e panfletos para jogá-los na lixeira.

Sentindo-se culpado depois dessas discussões, Ari chegava em casa com uma joia escolhida por sua secretária, ou talvez um vestido de algum dos estilistas preferidos de Lali. Ele se desculpava por sua negligência e tentava chegar mais cedo para saírem para jantar. Nos dias que seguiam, eles discutiam como poderiam passar mais tempo juntos, mas, uma semana depois, Ari voltava a sua rotina de dezoito horas no escritório.

Enquanto tomava seu gim-tônica e preparava outra dose, Ari admitiu que às vezes, diante da frustração, gritava com ela.

— De que outro modo vou conseguir dinheiro para pagar por esse duplex? Ou comprar as coisas adoráveis que você tem no guarda roupa?

Sua resposta era sempre a mesma.

— Não importa onde moro ou o que visto. É *você* quem se preocupa com essas coisas, Ari, não eu.

Não era verdade, claro, ele pensou, quando se dirigiu à sacada do duplex para observar o Mar Árabe, do outro lado da avenida. Ela gostava de pensar que não sentiria falta de tudo isso, mas claro que sentiria.

Deixando suas horas de trabalho de lado, Ari sabia que havia um problema ainda maior. Lali estava com quase trinta anos e ansiosa para se casar. Ele não a culpava por isso; foi ela mesma quem contrariou os desejos de sua família e se mudou para seu apartamento quatro anos antes, acreditando que ele logo a pediria em casamento. Porém, por mais que Ari tentasse, ele não conseguia dizer as palavras que ela precisava ouvir. Ele não entendia por quê, já que não tinha dúvidas de que a amava. Ela era muito bonita, de natureza gentil e temperamento calmo, combinação ideal com sua personalidade mais volátil. Como seus amigos já haviam dito várias vezes, ela era perfeita para ele.

O que estava esperando, então? Ele estava com trinta e seis anos e havia curtido a vida com uma série de mulheres maravilhosas antes de Lali. Mas, de algum modo, havia um instinto que o impedia de dar o próximo passo.

Ele percebeu que ela se afastara nas últimas semanas, e com frequência não estava em casa para lhe fazer o jantar e lhe dar conforto depois de um longo dia. Ela disse que estava passando mais tempo na academia com as amigas. E quem podia culpá-la? Quando Ari trabalhava em casa, mal notava se ela estava ou não.

Ari voltou para dentro do apartamento, procurando por ela. Esta noite sentia falta de sua presença, e, ao que tudo indicava, ela não havia deixado nem mesmo um bilhete dizendo aonde fora. Ele tomou banho, depois abriu a geladeira procurando alguma coisa para comer. Aqueceu as sobras da noite anterior no micro-ondas, pegou uma taça de vinho e foi para a sala de estar. Ligou a enorme TV e zapeou até encontrar um jogo de futebol. Ele ainda tinha trabalho para fazer, como sempre, mas estava exausto demais para pensar nisso.

A boa notícia é que ele havia notado um jovem vendedor que havia contratado há dois anos com desempenho bem melhor que o de seus colegas. Ari fez uma segunda entrevista com ele duas semanas antes e ofereceu a ele uma promoção para uma posição de responsabilidade no lado indiano do negócio, que evoluía com a crescente economia nacional. Caso Dhiren viesse a provar sua capacidade nos próximos seis meses, Ari teria provas de seu potencial para se tornar diretor.

Em três semanas, Ari viajaria para se encontrar com possíveis novos clientes em Londres. Precisava de alguém para guiar o barco durante sua ausência, e esse seria um bom teste.

Talvez pensou, ele devesse convidar Lali para ir junto. Mesmo com pouco tempo para passar com ela, Lali poderia apreciar os pontos turísticos. Sim, concluiu, iria sugerir que ela o acompanhasse.

Às onze e meia, Ari desligou as luzes na sala de estar e foi para o quarto, no outro andar. Era estranho Lali não estar em casa tarde assim, especialmente sem avisar. Uma veia começou a pulsar em sua têmpora. Ele tentou ligar para o celular dela, mas só conseguiu a caixa postal. Provavelmente emburrada, ele

pensou, lembrando-se das várias ocasiões em que ela ameaçara partir. Com a ajuda de seu poder de persuasão, ele sempre conseguira mudar sua decisão. E mudaria novamente desta vez.

Às oito da manhã, ele estava tomando uma xícara de café antes de seguir para o escritório quando ouviu a chave na porta. Lali entrou na cozinha, com o semblante pálido e fechado. Sem a maquiagem perfeita, ela tinha a aparência de uma criança pequena e cansada. Parou ao lado da porta da cozinha, e Ari percebeu que ela estava apreensiva.

— Onde você estava? Posso saber? — ele perguntou.

— Passei a noite com os meus pais.

— Sério? Pensei que você não falasse mais com eles — ele disse, surpreso.

— Não falava. Sei que você não gosta deles.

— Com licença — Ari interrompeu. — Se me lembro bem, quando você disse que viria morar comigo, eles te disseram para nunca mais sujar a soleira da porta da casa deles. Pensei que você também não tivesse interesse nisso.

Ela olhou para ele fixamente, seus grandes olhos negros se enchendo de lágrimas.

— Eles são meus pais, Ari. Sinto saudade e culpa todos os dias por decepcioná-los.

— Decepcioná-los? — Ari a encarou, incrédulo. — O que você quer dizer com isso? Você tomou uma decisão da qual não gostaram, só isso.

— Eu... — Ela respirou fundo e balançou a cabeça. — Ari, acho que você está diferente comigo.

— O que está querendo dizer?

— Não importa agora. Não quero brigar.

— Lali, o que está acontecendo? Vamos, diga.

Ela parou e respirou fundo, se preparando.

— Vou voltar a morar com meus pais, Ari. Só estou aqui para pegar as minhas coisas.

— Certo. E esse novo ajuste vai ser por uma noite? Um mês? Ou para sempre?

— Para sempre. Sinto muito.

— Então, o que você está dizendo é que está me deixando — Ari confirmou, finalmente compreendendo.

— Sim. E não quero discutir nem brigar. Quero só pegar minhas coisas e ir embora.

Ari notou que ela tremia e concordou lentamente com a cabeça.

— Tudo bem. Tem certeza que não quer conversar sobre isso?

— Tenho. Não há nada para dizer. Vou começar a arrumar as malas.

Ele observou enquanto ela deu meia-volta e deixou a cozinha. Não estava muito preocupado; já haviam passado por isso antes.

Contudo, o fato de Lali voltar para a casa dos pais, que nunca o aceitaram, não era boa coisa. Ele se levantou e a seguiu até o quarto.

— Lali, *pyari*, vejo que você está muito aborrecida, mas acredito que devemos conversar. Na verdade, ia sugerir que você viesse comigo para a Europa. Você está certa, precisamos de umas férias, um tempo só para nós.

— Não vai dar tempo, Ari, nunca dá. Você vai passar seus dias em reuniões enquanto eu espero em um hotel. E, quando chegar ao quarto, você vai estar cansado demais para fazer qualquer coisa exceto dormir. — Lali tirou uma mala do guarda-roupa, abriu-a sobre a cama e caminhou em direção à cômoda. Ela começou a jogar o conteúdo das gavetas na mala.

— Lali. — Ari se moveu em sua direção para um abraço. — Eu...

— Não me toque! — ela gritou e se desviou de seus braços, antes de voltar ao armário e tirar suas roupas dos cabides.

— Lali, com o que você está aborrecida? Por favor, me diga. Eu te amo, você sabe que te amo, *pyari*, não quero que você vá embora.

— Não. — Ela o encarou com uma expressão de tristeza. — Acredito em você. Mas preciso ir, por mim. — Lali abaixou a cabeça, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mas por quê? Pensei que estava tudo bem, que as coisas estivessem bem. Eu...

— Sei que você pensa que estava tudo bem — ela disse, fechando o zíper da mala, pegando uma bolsa menor e colocando seus cosméticos nela. — Ari, não é sua culpa. É assim que as coisas são.

— Você está falando por charadas, querida, e eu não estou entendendo. Se não é minha culpa, então é culpa de quem?

Lali parou e respirou profundamente, olhando ao longe.

— Queremos coisas diferentes na vida, é isso. Eu quero casamento, filhos e um marido que tenha tempo para ficar comigo. — Seu olhar se fixou nele, e ela esboçou um sorriso. — O que você quer é sucesso e dinheiro. Espero que essas coisas tragam a satisfação que você procura. Agora... — disse, fechando a mala e tirando a mala da cama. — Meu pai está me esperando lá embaixo. Preciso ir. — Colocando uma das mãos no bolso da calça, ela pegou um chaveiro. — Aqui estão as chaves do apartamento e do carro. — Ela pôs as chaves na penteadeira e o fitou. — Adeus, Ari. Sempre vou te amar e desejo que você seja feliz.

Ari ficou parado, hipnotizado, enquanto Lali levava as malas escada acima.

Ele ouviu a porta da frente bater atrás dela antes de reagir. Saiu do apartamento correndo e viu as portas do elevador se fechando.

— Lali! — Com o punho cerrado, bateu no botão para reabrir as portas, mas o elevador já estava descendo. Ele voltou para o apartamento, fechou a porta e se apoiou nela. Com certeza Lali não estava falando sério, estava? Talvez fosse apenas um truque para forçar um pedido de casamento. Bem, se fosse, decidiu, não iria funcionar. Ele não cairia na chantagem.

Além disso, ele pensou, era de duvidar que ela conseguisse ficar mais de dois minutos no barraco de seus pais. Eles nem tinham água encanada, pelo amor de Deus, e ela teria que dividir um quarto com os outros quatro irmãos. Depois da vida que se acostumou a ter com ele, ela não iria suportar.

A raiva tomou o lugar do choque agora, enquanto ele pensava no que havia feito por ela. Lali sempre disse que não se importava com bens materiais. Que, se ele estivesse acampado em um barraco ilegal vendendo feno-grego por algumas rúpias por dia, não faria diferença. Era *ele* a quem ela amava.

— Bem — Ari disse em voz alta para o apartamento silencioso. — Depois que ela ficar na casa dos pais por algum tempo, veremos se é verdade.

Com um novo propósito, e percebendo que estava atrasado, Ari pegou as chaves do carro e foi para o trabalho.

Uma semana depois, Ari não se sentia tão entusiasmado. Lali não entrava em contato desde o dia que partiu, e ele, mesmo apreciando as horas que poderia passar sem interrupção, compensando o trabalho atrasado, passava a maior parte do tempo olhando pelas janelas, observando as famílias na praia lotada gritarem de alegria ao entrar no mar agitado.

A verdade é que ele sentia a falta dela. Sentia mais saudade do que poderia ter imaginado. Pegou o telefone inúmeras vezes e discou o número de Lali, mas seu orgulho não permitiu que a ligação fosse completada. Foi *ela* quem o deixou, seu orgulho dizia. E era Lali quem deveria entrar em contato primeiro. Ele não dificultaria as coisas para ela, pensou. Ouviria seu pedido de desculpas e a aceitaria de volta sem uma palavra, e, então, quando fosse a hora certa, a pediria em casamento. Ele a deixaria vencer...

Conforme os dias se arrastavam, a determinação de Ari começou a enfraquecer. Ele desejava, sentado sozinho em seu apartamento grande e vazio, falar com alguém sobre seu dilema, pedir conselhos. Mas, por mais que tentasse lembrar um nome, não havia ninguém com quem tivesse intimidade suficiente para conversar. Esteve muito ocupado nos últimos anos para fazer um esforço e manter contato com os amigos de infância, e, desde que se recusou a ir ao velório de Anahita, dez anos antes, seu relacionamento com seus pais e irmãos havia se deteriorado. Hoje em dia, ele telefonava uma vez por mês, no máximo, e falava com quem atendesse, perguntando se havia novidades ou como estava a saúde de todos. Mesmo sua mãe, quando atendia o telefone, soava impessoal e distante. E nenhum membro de sua família telefonava mais espontaneamente.

“Desistiram de mim”, pensou com um suspiro, descendo as escadas para sua cama grande e vazia. Deitou-se sob os lençóis e colocou as mãos atrás da cabeça, imaginando que, antes de Lali partir, parecia não haver tempo para nada, mas, agora que ela não estava ali, a noite se arrastava como uma neblina que se movia lentamente.

Na manhã seguinte, o começo de um fim de semana longo e vazio, Ari tomou uma decisão. Iria engolir o orgulho e procurar Lali. Preparando-se mentalmente, pegou o telefone, digitou o número dela e esperou a ligação completar, pela primeira vez sem encerrar a ligação. Mas, em vez de ouvir a voz alegre de Lali pedindo para deixar uma mensagem, ouviu uma voz mecânica dizendo que o número estava desativado.

Pela primeira vez desde que Lali foi embora, Ari sentiu um breve temor em seu coração. Até então, estava convencido de que tudo não passava de uma guerra de nervos que estava disposto a perder com dignidade. Nunca passou por sua cabeça que Lali pudesse estar colocando um fim definitivo no relacionamento deles.

Ari tentou mais uma vez e recebeu a mesma mensagem. Conforme seu pânico começava a aumentar, pensou como poderia encontrá-la. Ele sabia apenas que seus pais moravam em algum lugar nas ruas labirínticas de Dharavi — onde esteve uma vez, mas não sabia refazer o caminho. Ari então pensou nos amigos dela que conhecia. Lali não compartilhava sua vida social, já que a maioria das garotas com quem crescera era de família pobre, como a dela. Ela entendia que elas não pertenciam ao grupo de mulheres sofisticadas que se reuniam para jantar no Índigo Café. Ari não tinha a menor ideia de como encontrar qualquer uma delas.

Ponderou como fora possível ter vivido sob o mesmo teto que Lali por quatro anos e ainda não saber absolutamente nada de sua vida que estivesse além da porta de entrada. “Fui responsável por isso?”, ele se perguntou, enquanto andava de um lado para o outro da sacada ensolarada.

“Claro que fui”, admitiu, finalmente. Pelo menos com os pais dela, Ari deixou claro que não estava interessado em estabelecer um relacionamento. E nem mesmo se esforçou em tentar por ela. Eles não eram pessoas ruins... pobres, sim, mas trabalhadores e hindus devotos, que criaram seus filhos com um conjunto forte de valores morais e lutaram para dar a todos a melhor educação que sua renda miserável podia pagar.

Ari caiu exausto em uma cadeira e se inclinou para a frente, com a cabeça entre as mãos. Ele percebeu que menosprezou não apenas a eles, mas também aquilo que representam: o que Ari desprezava era a fé cega nos deuses, a humildade e a aceitação de sua posição no mundo. Eles pertenciam à “antiga Índia” — assim como seus próprios pais —, cuja servidão fora produzida por mais de um século de dominação britânica.

A geração mais velha parecia não entender que o poder havia mudado de mãos, que não havia mais necessidade de subserviência. Ele nasceu em meio a

uma raça que estava se formando sozinha. Não havia nada mais obstruindo seu caminho, e o céu era o limite.

Ele quis fugir dos antigos valores, que limitavam aqueles que neles acreditavam. Sentado ali, fitando o espaço, Ari percebeu que estava com raiva. Mas por quê?

De repente, fez algo que proibira a si mesmo de fazer. Colocou a cabeça nas mãos e chorou.

Ari sabia que não se esqueceria tão cedo das horas longas e escuras daquele fim de semana, quando enfrentou a pessoa que se tornou. Se lamentava a perda de Lali ou se chorava por si e pela pessoa temperamental, egoísta e solitária que havia se tornado, Ari não sabia dizer. Enquanto a dor fluía, ele imaginava se estava passando por uma crise nervosa, resultado, talvez, de quinze anos exigindo demais de si mesmo, dia após dia, sem descanso.

Sim, concluiu, era bem-sucedido nos negócios e recebeu recompensas financeiras. Mas, no processo, perdeu a si mesmo.

Ele tentou racionalizar os motivos de sua raiva e da destituição de qualquer emoção e compaixão que um dia sentiu. Recordou seus anos no colégio interno na Inglaterra e o modo como os garotos o menosprezavam porque era indiano. A Índia pode ter conquistado a independência sessenta anos atrás, mas, naquela época, a classe alta britânica não havia desistido da ideia de superioridade.

O que piorava tudo era que seus pais tiveram orgulho dele. Apesar de ele, Ari, ter visto as consequências terríveis do domínio britânico sobre a Índia, a cultura e a tradição de seus dominantes deixaram sua marca. Para eles, um garoto indiano frequentando uma escola britânica era a melhor coisa imaginável.

Contudo, Ari sabia que, mesmo que seus cinco anos na Inglaterra tenham contribuído para sua necessidade de provar que tinha tanto valor e inteligência quanto os garotos ingleses, a motivação para buscar o sucesso veio de si mesmo. Ele percebeu que, ao abandonar as qualidades únicas de sua raça, se tornara tão imperialista quanto aqueles que um dia governaram seu país. Ele perdera a alma indiana.

Na noite de domingo, Ari deixou seu apartamento e perguntou para a primeira pessoa que encontrou na Juhu Tara Road como chegar ao templo mais próximo. Envergonhado, disse que era novo em Mumbai.

Dentro do templo, removeu os sapatos e executou os rituais de adoração e prece que, alguns anos antes, eram tão naturais quanto respirar, mas que agora pareciam estranhos e exóticos. Ari ofereceu *pujas* ^[7] não para Lakshmi, a deusa da fortuna, como fez em suas raras visitas nos últimos anos, mas para Parvati, a deusa do amor, e para Vishnu, o grande protetor e conservador. Ele pediu perdão, especialmente pelo modo como se afastou de seus pais. E implorou que Lali voltasse.

Quando chegou em casa, mais calmo, Ari telefonou para seus pais. Sua mãe atendeu.

— Olá, *Ma*. Eu...

— O que foi, *beta* [8]?

O fato de Samina saber imediatamente que havia algo errado fez lágrimas brotarem nos olhos de Ari, que perdeu o controle. Ele implorou o perdão de seus pais e de seus irmãos e irmãs.

— Sinto muito, *Ma*, de verdade — lamentou.

— Meu filho, ouvir você assim parte meu coração. Foi Lali quem partiu o seu?

Ari pausou.

— Como você sabe, *Ma*?

— Ela não contou que veio nos ver há duas semanas?

— Não.

— Entendo.

— O que ela disse, *Ma*?

— Ela disse — Ari ouviu Samina suspirar — que não podia mais esperar seu comprometimento. Que tinha certeza de que era porque você não a amava o suficiente e era melhor te libertar. Você sabe como ela queria uma família, *pyara*.

— Sim. Sim, claro que eu sei. Por favor, acredite, *Ma*, eu a amo. Sinto falta dela... Quero que ela volte para casa. Se você souber onde ela está, diga isso a ela por mim. Eu... — Ari não conseguia mais falar.

— Ah, meu filho, sinto muito, mas ela não vai voltar para você.

— Por que não? — Ari percebeu que soava como uma criança mimada, perguntando por que não podia brincar com seu brinquedo preferido.

— Lamento que seja eu a dizer isso, mas talvez seja melhor assim. Tenho certeza de que você se lembra de os pais de Lali terem arranjado um casamento para ela, que ela se recusou a aceitar quando conheceu você.

— Sim — Ari se lembrava vagamente. — Um primo de algum lugar perto de Calcutá, pelo que me lembro. Ele era um fazendeiro muito mais velho que ela. Lali disse que havia sido repulsa à primeira vista.

— Bem, talvez sim, talvez não — Samina disse, evasiva. — Mas ela se casou com ele ontem.

Ari emudeceu.

— Ari, você está aí?

— Sim — ele conseguiu dizer. — Por quê? Não entendo...

— Eu entendo — sua mãe respondeu baixinho. — Lali tem quase trinta anos, Ari. Não tem um negócio ou uma profissão para se sustentar sozinha e seus pais são muito pobres para oferecer um dote. Ela disse que pelo menos estaria segura financeiramente com esse homem mais velho, pelo resto da vida.

— O quê? — Ari não conseguia acreditar no que sua mãe dizia. — *Ma*, ela tinha segurança aqui, comigo! Posso não ter tido muito tempo para ela, mas dei tudo o que podia dar financeiramente.

— Deu, mas você não deu a única coisa que ela precisava. O que toda mulher precisa, especialmente na Índia.

— Você quer dizer “casamento”? — Ari gemeu.

— Claro. Como Lali mesmo disse, se você se cansasse dela poderia jogá-la na rua, sem nada. Como sua amante, ela não tinha direito algum, nenhum status, nenhuma propriedade... Essas coisas são importantes, você precisa entender.

— Se pelo menos ela tivesse falado comigo sobre isso... — Ari mordeu os lábios.

— Acredito que ela tenha falado, muitas vezes, até desistir. — Samina respirou fundo. — Ela disse que você nunca a ouvia. Tudo o que ela tinha a seu favor eram beleza e juventude. E o tempo estava acabando.

— Eu... não compreendia. De verdade, *Ma*, acredite em mim.

— E, claro, era orgulhosa demais para implorar.

— *Ma*, o que faço agora? — Ari perguntou, desesperado.

— Começar outra vez? — Samina sugeriu. — E talvez aprender uma lição, também. Lali se foi, para sempre.

— Eu... preciso ir, tenho que trabalhar.

— Mantenha contato... — ele ouviu sua mãe dizer ao pressionar o botão para encerrar a chamada, incapaz de ouvir mais.

Pela primeira vez na vida, Ari não foi trabalhar no dia seguinte. Ligou para Dhiren, seu gerente de vendas, e disse que estava com febre. Nos dias seguintes, dormiu como se fosse um animal hibernando. Saía da cama apenas para comer, beber e ir ao banheiro. Sua energia legendária havia desaparecido, e, quando viu seu reflexo no espelho, ele parecia menor, pálido, como se uma parte dele tivesse sido arrancada. O que, de certo modo, aconteceu.

Nos raros momentos em que estava acordado, ficava deitado olhando para o teto, imaginando como a centelha de determinação que o motivou nos últimos quinze anos podia ter desaparecido. Quando recebia ligações do escritório, não atendia. Simplesmente não podia enfrentar o trabalho.

Na noite de terça-feira, cambaleou até a claridade da sacada e se apoiou no parapeito para observar o mundo, que continuava girando lá embaixo, e contemplar seu futuro. E lá estava ele, logo adiante, um vazio escuro e sombrio.

Ari apoiou a cabeça sobre as mãos.

— Lali, sinto tanto, tanto — lamentou.

Ele ouviu o interfone tocar dentro do apartamento. Correu para atender, rezando para que fosse Lali.

— Alô?

— *Beta*, sou eu, sua mãe.

— Pode subir — respondeu, decepcionado. Mas também estava surpreso; seus pais moravam a cinco horas de carro de Mumbai.

— Meu filho — Samina abriu seus braços amorosos quando Ari abriu a porta.

Naquele momento, toda a tensão e amargura dos últimos dez anos se dissolveu e Ari ficou ali, envolvido nos braços de sua mãe, chorando como uma criança.

— Sinto muito, *Ma*, sinto tanto.

— Ari — Samina tirou os cabelos dele dos olhos e sorriu. — Você voltou para sua família, e é isso que importa. Agora, que tal fazer um pouco de chá para sua velha mãe? Ela dirigiu por muito tempo.

Naquela noite, Ari conversou com sua mãe, revelando os pensamentos que o cercaram nos últimos dias e a desesperança que sentia acerca do futuro.

— Bem, pelo menos agora você está falando com o coração e não com a cabeça — Samina disse, tentando oferecer conforto. — Durante esse tempo todo, me perguntei onde meu filho estava, se um dia voltaria para mim. Então, é um bom começo. Você aprendeu uma lição importante, Ari; que a felicidade se consegue com coisas diferentes, não apenas com uma coisa. Dinheiro e sucesso nunca te farão feliz se seu coração está fechado.

— Anahita disse a mesma coisa quando a vi pela última vez — Ari refletiu. — Ela disse que um dia eu me daria conta disso.

— Sua bisavó era uma mulher muito sábia.

— Sim, e tenho vergonha de não ter ido dizer adeus.

— Bem, se você acredita em espíritos, como ela acreditava, tenho certeza de que Anahita está aqui conosco, aceitando seu pedido de desculpas. Agora... — Bocejou. — Estou cansada e preciso dormir um pouco.

— Claro — Ari respondeu, levando-a para um dos quartos muito bem decorados no andar inferior.

— Tanto espaço só para você — Samina disse quando Ari colocou sua mala no chão. — E uma noite inteira sem seu pai roncando na minha orelha. Nunca mais vou querer ir embora!

— Fique quanto tempo quiser, *Ma* — Ari disse, surpreso com a sinceridade de suas palavras e envergonhado por nunca ter convidado seus pais para visitar seu

apartamento antes. — E obrigado por vir — acrescentou, com um beijo de boa-noite.

— Você é meu filho, eu estava preocupada com você. Não importa o tamanho do seu apartamento, ou quanto dinheiro você tem. Você ainda é o meu primogênito amado. — Samina acariciou o rosto dele afetuosamente.

Quando Ari se deitou, meia hora depois, sentia um conforto bizarro pelo fato de sua mãe estar dormindo há poucos metros dele. Sentia-se diminuído pela ausência de recriminações acerca de seu passado e pelo fato de ela ter vindo imediatamente quando soube que estava com problemas. Pensou, então, em Anahita e no modo como ela se recusava a acreditar, por tantos anos, que seu *próprio* primogênito estava morto.

Havia, *de fato*, um sexto sentido inato a uma mãe quando o assunto era um filho?

Os olhos de Ari se voltaram para a cômoda. Dentro dela estava a história de sua bisavó, intocada por onze anos. Mesmo sozinho, Ari sentiu o rosto enrubescer de vergonha, assim como antes, quando esteve pela última vez na presença de sua bisavó.

Se *ela* estivesse ali aquele naquele momento, Ari esperava que ela pudesse saber como lamentava ter ignorado o que ela lhe confiou. Saindo da cama, abriu a gaveta e pegou as folhas amareladas. Observando a caligrafia imaculada, notou que era pequena e escrita em inglês.

Ari sentiu seus olhos ficarem pesados. Agora não era hora de desvendar aquelas palavras, mas prometeu a si mesmo que começaria a ler pela manhã.

No dia seguinte, Ari levou sua mãe para tomar café da manhã antes de começar a viagem de volta para casa.

— Você volta ao trabalho amanhã? — Samina perguntou. — Deveria. Isso o ajudará a se distrair, em vez de ficar chorando pelos cantos naquele apartamento frio.

— Sêrio, *Ma* — Ari disse, rindo. — Um minuto você pega no meu pé porque eu trabalho demais, no outro está me mandando de volta para o escritório!

— Deve haver sempre um equilíbrio na vida, e você precisa encontrar o seu. Então, poderá encontrar a felicidade que procura. Ah, antes que me esqueça — Samina abriu a bolsa e retirou um desgastado livro de poemas de Rudyard Kipling, *Rewards and Fairies*, e o entregou a Ari. — Seu pai mandou isto para você. Ele disse que você deve ler o poema “*Se*”, que é um dos favoritos dele.

— Sim — Ari sorriu. — Conheço, mas não leio o poema desde que estava na escola.

Assim que sua mãe partiu, arrancando de Ari a promessa de visitar a família assim que chegasse de viagem, ele foi para o escritório.

Chamando Dhiren em sua sala, Ari disse que estava deixando o negócio em suas mãos enquanto estivesse em Londres e que poderia ficar fora mais tempo que o previsto.

Vinte e quatro horas depois, embarcou em um voo noturno para Heathrow. Ignorando a seleção de filmes, Ari releu o poema de Rudyard Kipling que seu pai havia enviado e sorriu ironicamente. Ele entendeu a mensagem. Pediu, então, uma taça de vinho e tirou de sua pasta a pilha de papéis amarelados de sua bisavó.

Jaipur, Índia

1911





Anahita

Meu filho, eu me lembro. No silêncio da noite, a mera impressão de uma brisa era um alívio abençoado do calor interminável de Jaipur. Frequentemente, eu e as outras mulheres e crianças da *zenana* subíamos no telhado do Palácio da Lua e arrumávamos nossas camas ali.

A cidade de Jaipur fica em uma planície, rodeada por colinas desérticas e marrons. Quando criança, eu costumava pensar que morava no lugar mais lindo do planeta, porque a cidade tinha uma qualidade de conto de fadas. Os prédios eram coloridos com o mais belo cor-de-rosa imaginável. Casas com domos, treliças esculpidas e varandas com pilares elegantes adornavam as ruas largas. E, claro, o Palácio da Lua ocupava a melhor localização: era a própria cidade, rodeado de jardins viçosos. O interior era um labirinto, com arcos recortados levando a pátios, que por sua vez revelavam seus próprios segredos.

Os residentes de Jaipur eram coloridos: os homens usavam turbantes em amarelo, rosa ou vermelho-rubi. Eu observava, de uma das varandas mais altas com vista para a cidade, as pessoas indo e vindo sem parar.

Em meu palácio, no centro da cidade mágica, vivendo entre as pessoas mais importantes do lugar, era fácil me sentir como uma princesa, assim como muitas de minhas colegas de brincadeiras.

Mas, claro, eu não era uma princesa.

Até os nove anos de idade, vivi entre as pessoas nas ruas lá embaixo.

Minha mãe, Tira, era de uma longa família de *baidh*, o termo hindi para uma mulher sábia ou curandeira. Eu ainda era pequena quando comecei me sentar a seu lado quando as pessoas da cidade vinham procurar ajuda para seus problemas. Lá fora, em nosso pequeno jardim, ela cultivava ervas aromáticas que usava em suas poções Ayurveda e eu, com frequência, observava enquanto ela moía *guggulu*, *manjishtha* ou *gokhru*^[9] para preparar um remédio. O cliente parecia se acalmar e ia embora se sentindo feliz do fundo do coração porque seu amor verdadeiro iria voltar, ou porque seu tumor iria desaparecer, ou porque conceberia um filho em um mês.

Às vezes, quando uma cliente vinha até nossa casa, minha mãe dizia para a empregada dar uma volta por algumas horas. Comecei a notar que, quando ela fazia isso, a cliente se sentava nas almofadas do nosso quarto dos fundos com uma expressão fechada e aterrorizada.

Claro, eu não sabia como minha mãe ajudava essas mulheres, mas sei agora.

Ela ajudava essas mulheres a lidar com filhos indesejados.

Meu filho, você pode pensar que esse ato é um pecado contra os deuses. Geralmente era, porque uma mulher já tinha meia dúzia de filhos ou mais: não havia meios de evitar filhos naquela época na Índia. E as famílias eram tão pobres que simplesmente não podiam ter mais uma boca para alimentar. Por outro lado, ela também ajudava mães que desejavam trazer uma criança ao mundo. Enquanto eu crescia, ela começou a me levar para ajudar. Na primeira vez que vi um bebê nascer, admito, fechei os olhos, mas, como o qualquer outra coisa, especialmente quando é natural, você se acostuma a ver essas coisas e começa a vê-las como o milagre que são.

Às vezes minha mãe e eu montávamos o pônei que meu pai mantinha fora da cidade e visitávamos vilas fora de Jaipur. Foi então que comecei a entender que nem todo mundo vivia em uma cidade de conto de fadas cor-de-rosa, com pais amorosos e comida na mesa toda noite. Vi coisas terríveis nessas visitas: pobreza, doença, fome e toda a agonia que um ser humano pode sofrer. Aprendi ainda jovem que a vida não era justa. Foi uma lição que carreguei até o resto de meus dias.

Minha mãe, como todos os hindus, era muito supersticiosa, e meu pai costumava brincar que ela deu novo significado ao termo. Uma vez, quando eu tinha seis anos, estávamos nos preparando para visitar parentes que moravam a mais de trezentos quilômetros, durante o *Holi*, um festival alegre em que todos jogavam areia colorida uns nos outros. No fim do dia, todos estavam cobertos dos pés à cabeça em todas as cores do arco-íris.

Naquele dia, deixamos nossa casa e começamos a caminhar até a estação de trem para embarcar para a primeira parte de nossa viagem. De repente, uma coruja branca atravessou nossa frente, e minha mãe parou, assustada.

— Não podemos ir — ela disse para meu pai e para mim. — Devemos voltar.

Meu pai, acostumado com as superstições de minha mãe e querendo visitar seus parentes durante o *Holi*, sorriu e negou com a cabeça.

— Não, minha *pyari*. Foi apenas uma bela criatura passando por nós. Não significa nada.

Mas minha mãe já havia se virado e estava voltando em direção à nossa casa. Apesar dos protestos de meu pai, ela se recusou a mudar de ideia. Então, naquele fim de semana, nós nos sentamos, meu pai e eu, emburrados enquanto pensávamos em nossos primos, tios e tias se divertindo juntos a quilômetros dali.

Um dia depois, contudo, soubemos que houve enchentes na região. E uma ponte desabou sob o peso do trem em que iríamos viajar. O trem e seus ocupantes caíram nas águas lamacentas e agitadas. Cem almas de nossa cidade não voltaram para casa.

Depois disso, até mesmo meu pai começou a levar os instintos da minha mãe mais a sério. Enquanto eu crescia, ela me ensinou a preparar remédios simples

para tosse, resfriado e coração partido. Fui instruída a observar e aprender o calendário lunar — havia momentos em cada mês para preparar certos remédios que os deixavam mais fortes que em outros. Ela me contou que a lua deu às mulheres o poder feminino. E que a natureza, que os deuses criaram para proporcionar aos humanos tudo de que precisávamos, era a força mais poderosa do planeta.

— Um dia, Anni, você vai ouvir os espíritos cantando — ela me dizia quando me colocava para dormir. — Então vamos saber, com certeza, que meu dom foi passado para você.

Naquela época eu não entendia o que ela estava dizendo, mas concordava com a cabeça.

— Sim, *Maaji* — eu dizia quando ela me dava um beijo de boa-noite.

Ele sabia que pensavam, do lado materno de minha família, que minha mãe havia se casado com alguém inferior. Ela nasceu em uma casta superior. Era prima em segundo grau da esposa do marajá de Jaipur, mas, na verdade, sempre me pareceu que todo mundo na Índia era um primo nosso ou alguém que conhecíamos. Ela tinha sido prometida, aos dois anos de idade, para um primo rico de Bengali, que inconvenientemente pegou malária aos dezesseis anos e faleceu. Enquanto os pais de minha mãe procuravam outro candidato adequado, ela conheceu meu pai no festival *Navratri* e eles começaram um relacionamento secreto, composto inteiramente de cartas contrabandeadas.

Quando meus avós anunciaram que haviam encontrado um candidato nobre, porém mais velho, com cinquenta anos, que queria minha mãe como terceira esposa, ela ameaçou fugir de casa se eles não permitissem que ela se casasse com meu jovem e atraente pai. Não sei que sacrifícios meus pais fizeram para se encontrar — as histórias já eram um folclore familiar quando nasci —, mas meus avós, com relutância, concordaram com a união.

— Eu disse a seus avós que não podia dar rubis, pérolas ou um palácio para a filha deles, mas podia abrigá-la com amor para sempre — meu pai me contou.

— E, minha *beti* ^[10], você também deve se lembrar de que amar e ser amada é mais valioso que todo o tesouro do reino de um marajá.

Meu pai, Kamalesh, era o oposto de minha mãe. Filósofo, poeta e escritor, ele seguia a ideologia de Rabindranath Tagore, o famoso poeta e ativista brâmane. Ganhava uma ninharia produzindo um folheto mensal com seus pensamentos radicais, especialmente sobre a ocupação da Índia pela Grã-Bretanha. Aprendeu inglês sozinho e, ironicamente, devido a sua visão política, subsidiou seus escritos lecionando para indianos de castas elevadas que desejavam aprender o idioma para conversar com seus semelhantes britânicos.

Ele também ensinou a mim, sua filha, não apenas inglês, mas uma gama de matérias que iam de História a Ciências. Enquanto outras garotas indianas aprendiam a bordar e fazer as preces necessárias para entregar oferendas a Shiva em troca de um marido bom e gentil, eu lia *A Origem das Espécies*, de

Charles Darwin, e estudava Matemática. Também já sabia montar sem sela aos oito anos, galopando pelas planícies desérticas nos arredores da cidade. Meu pai me estimulava a ir mais depressa e a alcançá-lo. Eu adorava meu pai, como toda menininha, e me esforçava para agradá-lo.

Entre meu pai, o radical que ensinava todas as coisas com lógica, e minha mãe, que uma vez viu um morcego em seu quarto e chamou um *ojha*^[11] para limpar a casa de espíritos ruins, cresci com uma visão híbrida do mundo. Havia muito de ambos em mim, mas também havia algo unicamente meu.

Uma vez, meu pai me colocou no colo para me consolar depois que vi um grupo de meninos bater em um cachorro que estava morrendo de fome na rua. Ele levantou meu queixo e enxugou minhas lágrimas.

— Minha doce Anni, você tem um coração bom, que bate mais alto que cem *tablas*^[12]. Como seu pai, você abomina injustiças e adota a igualdade. Mas tenha cuidado, minha Anni, pois os humanos são complicados e suas almas geralmente têm muitas camadas. Onde você acredita que vai encontrar bondade, talvez encontre o mal também. E onde você enxerga apenas o mal, talvez haja algo de bom.

Quando eu tinha nove anos, meu pai morreu de repente durante uma epidemia de febre tifoide que assolou nossa cidade durante a época das monções. Nem mesmo um arsenal considerável das poções de minha mãe pôde salvá-lo.

— Era a hora dele, *pyari*, eu sabia que era — minha mãe me disse.

Lutei para entender sua aceitação plácida da morte de meu pai. Enquanto eu gritava desesperadamente, ela ficou sentada ao lado dele, imóvel e em paz, sem derramar uma lágrima.

— Anni, quando chega a sua hora e você é chamada, você tem que ir — ela me consolou. — Nada pode ser feito.

Essa resposta não me agradou nem um pouco. Gritei e esperneeiei e me recusei a deixar meu pai enquanto seu corpo era levado para a pira funerária. Lembro-me de ser arrastada com força quando os *swami*^[13] começaram a cantar e a ascender os colchões de palha sob seu corpo. Uma fumaça cáustica se misturou no ar, eu me virei e me escondi nas saias de minha mãe.

Depois que meu pai morreu, tínhamos pouco com que viver. A marani^[14] de Jaipur, na condição de prima de minha mãe, nos convidou para morar com ela. Então nos mudamos, nós duas, da casinha bonita na cidade para o Palácio da Lua e sua *zenana*.

A *zenana* era onde todas as mulheres do palácio moravam juntas, separadas de seus semelhantes do sexo masculino. Porque, claro, naquela época, quando a puberdade chegava, todas as mulheres aderiam à tradição do *purdah*^[15]. Nenhum homem, exceto maridos e parentes próximos, podia fitar o rosto de uma mulher. Mesmo quando uma de nós ficava doente, o médico precisava

diagnosticar nossa condição através de uma tela. Se saíamos em público, nossos rostos e corpos deveriam estar cobertos. Agora é difícil para mim acreditar que as coisas eram do modo que eram, mas nenhuma de nós nunca conheceu nada diferente, e isso era apenas parte de nosso cotidiano.

Logo que cheguei, demorei a me acostumar com o barulho e a agitação da *zenana*. Em nossa casa, tínhamos uma empregada e um garoto que cuidava do jardim. Depois que iam embora, no fim do dia, éramos apenas nós três, com uma porta que podíamos trancar para deixar o mundo lá fora se quisessemos. A vida no palácio era muito diferente. Nós vivíamos, comíamos e dormíamos em grupo. Às vezes eu ansiava pela paz e pela privacidade de meu antigo lar, onde podia fechar a porta do quarto e me perder em um livro sem ser incomodada.

Entretanto, a vida comunal tinha algumas vantagens. Eu sempre tinha com quem brincar, pois havia muitas garotas da minha idade morando na *zenana*. Sempre tinha alguém com quem jogar gamão, ou para tocar *veena*, um instrumento de corda, enquanto eu cantava.

Minhas colegas de brincadeiras eram todas educadas, com boas maneiras, filhas da nobreza local. Mas uma coisa de que eu sentia muita falta eram minhas aulas. Somente depois que comecei a viver na *zenana* percebi como meu pai havia sido progressivo ao começar a me educar.

Foi ele quem me deu o apelido de “Anni”: meu verdadeiro nome, Anahita, significa “cheia de graça”. Sempre senti que não combinava comigo. Posso ter tido uma mente acadêmica (e derrotar qualquer contemporâneo meu em uma corrida de cavalo), mas, quando o assunto era a “graça” feminina, eu me sentia deficiente. Observava com frequência, na *zenana*, as outras mulheres se arrumando na frente do espelho, passando horas escolhendo o corpete na cor certa para usar com uma saia – saris tradicionais não eram usados na província do Rajastão.

Todas as princesas e muitas de suas primas nobres já estavam prometidas para homens que seus pais consideravam adequados. Eu, contudo, vinha de uma casta alta, mas de família pobre. Meu pai deixara poucos bens materiais, e eu sabia que minha mãe não tinha dote para me oferecer. Eu não era “vantajosa” para nenhum homem disponível, mas minha mãe ainda percorria nossa árvore genealógica procurando alguém que pudesse me querer. Eu não estava decepcionada ou preocupada com isso; simplesmente me lembrei das palavras de meu pai para meus avós maternos quando ele pediu para se casar com minha mãe.

Eu queria encontrar o amor.

Quando eu tinha onze anos, e já estava na *zenana* havia cerca de um ano, minha educação e experiência com cavalos começaram a valer a pena. Fui escolhida pela esposa do marajá para ser a acompanhante de sua filha mais velha, a princesa Jameera.

Mesmo que a posição de acompanhante da princesa me oferecesse um leque

de privilégios e abrisse portas para todo tipo de atividade diferente e excitante, como acompanhar a princesa em uma caçada ou ter permissão para passar por partes do palácio que até então eram proibidas, não me lembro dessa época com alegria.

Jameera era mimada e difícil. Se ela perdia em um jogo, corria para a sua mãe chorando e reclamando que eu havia trapaceado. Quando eu falava em inglês com ela, como sua mãe havia me pedido, ela colocava as mãos sobre os ouvidos e se recusava a ouvir. E, se eu ousasse ser mais rápida que ela em nossas cavalgadas matinais, ela gritava de raiva e me ignorava pelo resto do dia.

Nós duas sabíamos qual era o problema; ela era a princesa, mas eu exibia certos talentos naturais e habilidades que ela não tinha. Pior ainda, apesar do fato de eu não ter nenhuma inclinação para ser vaidosa e me arrumar, todos falavam sobre minha forma esguia e boa estrutura óssea. E Jameera não foi abençoada nisso também.

— *Maaji* — eu costumava chorar nos braços de minha mãe, enquanto ela secava minhas lágrimas. — Jameera me odeia!

— É verdade que ela é uma menina difícil. *Pyari*, não há nada que possamos fazer. Não podemos dizer para a mãe dela, a marani em pessoa, que você não gosta da filha dela! Você precisa fazer o seu melhor — minha mãe me pedia. — Você teve a honra de ser escolhida por ela, e tenho certeza de que será recompensada um dia.

Como sempre, minha mãe estava certa. Em 1911, houve uma grande euforia nos principados. Eduardo VII, imperador da Índia, havia morrido no ano anterior. Seu filho, George V, tornou-se rei em uma cerimônia de coroação oficial que ocorreu na Inglaterra, em junho. Depois disso, em dezembro, haveria a grande *Coronation Durbar*, que aconteceria em Deli, para a qual todos os príncipes da Índia foram convidados. Como acompanhante da princesa Jameera, eu fazia parte da comitiva que o marajá de Jaipur, pai dela, levaria consigo.

Minha mãe estava empolgada.

— Anni — ela disse, pegando meu rosto entre as mãos. — Quando você nasceu, pedi a um astrólogo para desenhar o mapa de sua vida, como é tradição. Sabe o que ele disse?

Neguei com a cabeça.

— Não, *Maaji*, o que ele disse?

— Ele disse que, aos onze anos, algo extraordinário aconteceria. Você conheceria alguém que mudaria o rumo de sua vida.

— É realmente incrível — respondi, com respeito.

Apenas agora, enquanto escrevo esta carta, posso ver como o astrólogo estava certo.



Seria simplesmente impossível descrever com palavras o esplendor e a majestade da *Coronation Durbar*. Enquanto nos aproximávamos da planície onde o Coronation Park — a cidade erguida fora dos portões de Deli — estava situado, parecia que toda a Índia estava a caminho do mesmo destino.

Sentadas em nosso *purdah howdah*^[16], sobre um dos grandes elefantes no comboio da marani, eu, Jameera e as princesas mais jovens espiávamos entre as cortinas tentando ver o que acontecia do lado de fora. As estradas empoeiradas estavam repletas de toda forma de transporte concebível: bicicletas, carroças carregadas com bens e puxadas por touros brilhando de suor, automóveis e elefantes brigando por espaço na estrada. Ricos e pobres, todos se dirigindo para o Coronation Park.

Cada marajá tinha sua própria tenda em um acampamento; e cada acampamento era um vilarejo com água e eletricidade. Quando chegamos ao nosso, olhei com espanto para o quarto das mulheres, ricamente mobiliado.

— Tem até uma banheira — disse a Jameera, ponderando como milagres modernos podiam produzir tudo o que precisávamos para viver ali para sempre se quiséssemos.

Jameera estava menos impressionada. Foi uma longa jornada, e ela não gostava muito de viajar.

— Onde está minha caixa de *puja*^[17]? — ela gritou com as criadas que estavam abrindo os inúmeros baús que haviam trazido do palácio para as mulheres da nobreza. — Estes lençóis são ásperos — disse, emburrada, passando seus dedos gordos pelo linho sobre sua cama. — Troque para mim!

Não cedi ao mau humor de Jameera. Assim que ajudei as criadas a tirar as coisas dos baús e Jameera estava no quarto de banho com suas criadas pessoais, saí para explorar. Do lado de fora, nos imaculados belos jardins que circundavam o acampamento, as luzes do parque gigantesco iluminavam o céu noturno. Ao longe, vi uma explosão de fogos, um turbilhão de cores rodopiantes — e o cheiro pungente da fumaça se misturando ao aroma de incenso que pesava no ar. Ouvi elefantes trombeteando em algum lugar distante e o doce som de cítaras.

Era um momento de felicidade pura e plena. Todos os principados da Índia estavam reunidos naqueles poucos quilômetros quadrados. Entre milhares de pessoas que habitavam o parque, estavam as mais poderosas, sábias e veneradas da Índia. E eu, Anahita Chavan, fazia parte disso.

Me voltei para os céus e falei com meu pai.

— Estou aqui, pai, estou aqui — contei, com alegria.

É desnecessário dizer que uma aglomeração de pessoas dessa magnitude exalta o espírito de competição. Cada marajá queria que seu acampamento fosse o mais luxuoso, ou que sua comitiva fosse a maior, ou tivesse mais elefantes que seu vizinho. As festas e jantares que cada príncipe organizava almejavam ser mais opulentos que os anteriores. Os rubis, diamantes, esmeraldas e pérolas que adornavam os grandes marajás e suas esposas seguramente poderiam comprar o resto do mundo, pensei, enquanto corria para ajudar Jameera a se vestir para o primeiro banquete que seus pais dariam em nosso acampamento. Todos estavam em um estado de grande excitação.

— Dezoito príncipes e suas maranis virão hoje à noite! — Jameera comentou, enquanto tentava forçar um bracelete de ouro a passar por seus dedos rechonchudos e pousar em seu pulso. — *Maaji* me disse que o pai do príncipe de quem estou noiva estará presente. Você precisa me ajudar a ficar bonita.

— Claro — concordei.

Finalmente, as quatro esposas do marajá e as senhoras mais velhas deixaram o quarto para se sentar atrás de um *purdah* e observar seus maridos e os convidados masculinos em uma grande recepção antes do banquete. O resto de nós respirou com alívio diante disso e começou a se preparar para a chegada iminente a nossa *zenana* das mulheres e crianças que jantariam conosco, separadas dos homens.

No final da tarde, a área de recepção de nosso acampamento estava dominada por convidadas e seus filhos. Observei com espanto como as esposas dos marajás convidados foram recebidas pelas nossas próprias maranis. Para uma menina de onze anos, aquelas mulheres pareciam ter saído de um conto de fadas; cobertas com óleos, perfumadas, delicadamente tatuadas com hena, enfeitadas com pérolas do tamanho de ovos de passarinho ao redor de seus pescoços, tiaras resplandecentes com rubis e esmeraldas e adornos nasais com diamantes de valor inestimável. Seus filhos estavam vestidos do mesmo modo — meninos e meninas a partir do três anos de idade usando tornozeleiras de ouro puro, incrustadas com joias, e colares com desenhos intrincados, feitos de modo impecável.

Lembro que essas coisas me impressionaram, mas também me perturbaram. Fiquei chocada com tanta riqueza em um único quarto, algo natural para aqueles a quem adornava, quando havia tanta pobreza e fome em nosso país.

Ainda assim, não pude evitar me admirar com o espetáculo.

Foi nesse banquete que a previsão do astrólogo se concretizou. Talvez ninguém veja um momento auspicioso e central quando ele ocorre em sua vida. Aconteceu, como essas coisas geralmente acontecem, sem estardalhaço.

Eu estava sentada em um canto da área de recepção da *zenana* observando o esplendor desabrochando a meu redor. Àquela altura, estava entediada e com calor, então me levantei e fui em direção a uma abertura em nossa tenda,

procurando um pouco de ar. Abri o cortinado e espiei do lado de fora, sentindo a brisa tocar meu rosto. Lembro de ter olhado para o céu e para aquela infinidade de estrelas antes de ouvir uma voz a meu lado.

— Você está entediada?

Me virei para ver uma jovem de pé perto de mim. Eu sabia, ao notar a série de pérolas ao redor de seu pescoço e a pequena tiara sobre seus cabelos grossos e ondulados, que era uma das filhas da riqueza e da influência.

— Não, claro que não — respondi.

— Sim, você está! Posso perceber, porque eu também estou.

Timidamente, forcei meu olhar a encontrar o dela. Fitamos uma à outra por alguns segundos, como se estivéssemos analisando nosso ângulo.

— Vamos sair para explorar? — ela perguntou.

— Não podemos! — respondi, horrorizada.

— Por que não? Há tantas mulheres aqui que ninguém vai notar que saímos. — Seus olhos castanhos eram extraordinários. As íris tinham manchas cor de âmbar e me desafiavam.

Respirei fundo, sabendo que teria problemas se alguém descobrisse minha ausência. Contra a razão, concordei com a cabeça.

— Devemos ficar nas sombras, ou certamente seremos vistas — ela sussurrou. — Vamos.

E, então, ela pegou minha mão.

Ainda me lembro de seus dedos longos e esbeltos buscando os meus. Olhei em seus olhos e vi uma centelha de travessura. Meus dedos se fecharam ao redor dos dela, e nossas palmas se tocaram.

Do lado de fora, minha nova amiga apontou para o outro lado do acampamento.

— Olhe. Todos os marajás estão jantando ali.

Os arredores da tenda central estavam iluminados com milhares de velas em recipientes de vidro, clareando as formas escuras das árvores e plantas do jardim exótico.

Me vi sendo puxada naquela direção, a grama macia fazendo cócegas em meus pés descalços. Ela parecia saber exatamente aonde ia, e logo chegamos à grande tenda. Ela correu para um dos lados, de volta para as sombras, onde ninguém poderia nos ver. Depois, ajoelhou-se no chão e puxou a lona pesada para cima. Inclinando-se para a frente, colocou um dos olhos na pequena abertura.

— Cuidado, por favor. Alguém pode ver — implorei.

— Ninguém vai olhar para o chão. — Ela riu enquanto puxava a lona um

pouco mais para cima. — Venha, vou te mostrar meu pai. Acho que ele é o marajá mais bonito.

A garota abriu espaço para eu me ajoelhar no mesmo lugar, e, segurando a lona espessa entre os dedos, espiei pelo buraco.

No interior, pude ver um pé grande e enfeitado com joias e nada mais. Mas não queria decepcionar minha nova amiga.

— Sim — disse. — Realmente é um espetáculo impressionante.

— Se você olhar para a esquerda, vai ver meu pai.

— Sim, sim — falei, vendo uma série de tornozelos. — Posso ver.

— Acho que ele é mais bonito que o seu pai! — Os olhos delas brilhavam para mim.

Percebi, então, que essa garota pensava que eu era uma princesa e que o marajá de Jaipur era meu pai. Triste, neguei com a cabeça.

— Meu pai morreu. Ele não está aqui.

Sua mão bronzeada estava, outra vez, segurando a minha.

— Sinto muito.

— Obrigada.

— Como você se chama? — ela perguntou.

— Meu nome é Anahita, mas todos me chamam de Anni.

— O meu é Indira, mas minha família me chama de Indy. — Ela sorriu. Naquele momento, Indira se deitou completamente de bruços e colocou a cabeça sobre as mãos. — Quem você é, então? — ela perguntou. Seus olhos brilhantes como os de uma tigresa curiosa me examinavam. — Você é mais bonita que as outras princesas de Jaipur.

— Ah, não. Não sou uma das princesas — corrigi. — Minha mãe é prima em segundo grau da marani de Jaipur. Meu pai morreu há dois anos, daí nos mudamos para a *zenana* do Palácio da Lua.

— Infelizmente, eu *sou* uma princesa. — Ela ergueu uma sobranceira. — A filha mais nova do marajá de Cooch Behar.

— Você não gosta de ser princesa?

— Não, não muito. — De repente, Indira rolou graciosamente e se deitou de costas, com as mãos debaixo da cabeça, olhando as estrelas. — Preferiria ser domadora de tigres em um circo, acho.

Eu ri.

— Não ria — ela avisou. — Estou falando sério. *Ma* diz que não sou uma boa princesa. Estou sempre suja e me metendo em encrenca. Ela está pensando em me mandar para a Inglaterra, para um colégio interno, a fim de me ensinar boas

maneiras. Eu disse que, se ela me mandar, eu fujo.

— Por quê? Eu adoraria conhecer a Inglaterra. Nunca viajei para lugar algum — disse, melancólica.

— Sorte sua. Estamos sempre nos mudando. *Ma* é muito sociável, entende? Ela nos arrasta com ela para as temporadas aqui e na Europa. Queria ficar em casa, em nosso palácio, o tempo todo e cuidar dos nossos animais. Se não posso me tornar uma domadora de tigres, então vou ser uma *mahou*^[18] e viver com os elefantes. Mas você odiaria a Inglaterra. É cinza, fria, com neblina, e todo mundo na nossa família sempre acaba resfriado, especialmente meu pai. — Indira suspirou. — Eu me preocupo com a saúde dele, de verdade. Você fala inglês? — ela perguntou.

Comecei a perceber que suas ideias iam e vinham como uma borboleta, voando de um assunto para outro.

— Falo.

Indira imediatamente se sentou sobre os joelhos e estendeu uma mão.

— *How do you do?*^[19] — ela disse, em uma paródia perfeita do sotaque inglês. — *I'm awfully pleased to meet you.*^[20]

Estendi a mão, e nossas palmas se tocaram outra vez.

— *The pleasure is all mine.*^[21] — respondi, enquanto olhávamos nos olhos uma da outra, ainda apertando as mãos. Então, caímos na grama, morrendo de rir. Quando nos acalmamos, percebi que deveria voltar para a *zenana* antes que alguém sentisse nossa falta. Então, me levantei.

— Aonde você vai? — ela perguntou.

— Voltar para nossa tenda. Teremos problemas se descobrirem que escapamos.

— Ah — Indira respondeu, alegre. — Estou acostumada a ter problemas. Na verdade, acho que esperam isso de mim.

Eu queria dizer que, como não era princesa e ganhava cama e comida para trabalhar como acompanhante de uma, não seria tão facilmente perdoada.

— Só mais cinco minutos? — ela implorou. — Está tão quente e chato lá. Então — ela continuou —, com quem você vai se casar?

— Não está arranjado ainda — respondi, estoicamente.

— De novo, sorte sua. Conheci meu futuro marido há alguns dias, e ele é velho e feio.

— Você vai se casar com ele? Se ele é velho e feio?

— Nunca! Quero encontrar um príncipe bonito que me ame e me deixe ter tigres — ela disse, sorrindo.

— Também quero encontrar meu príncipe — concordei, baixinho.

Então, lá estávamos nós, duas garotinhas admirando as estrelas e sonhando com príncipes. Algumas pessoas dizem que gostariam de ver o futuro. Mas, pensando naquele momento de pura inocência infantil, enquanto Indira e eu estávamos deitadas sobre a grama com uma vida inteira a nossa frente, fico contente por não sabermos o que estava por vir.



Nas semanas seguintes, enquanto as festividades continuaram no Coronation Park, culminando com a grande apresentação de todos os príncipes ao Rei George, Indira e eu nos tornamos inseparáveis. Não sei como ela conseguiu escapar com tanta frequência, mas sempre chegava a nosso ponto de encontro, previamente combinado, na hora certa. Juntas, saíamos para explorar o local. O acampamento era nosso parque de diversões, um jardim repleto de prazeres para duas garotas curiosas. Barraquinhas vendiam uma gama de comidas com aromas deliciosos, como *panipuris* e outras tortas recheadas com legumes apimentados e fritas até ficarem douradas. Havia lojas de bugigangas com todo o tipo de miniatura de argila e madeira. Indira, que sempre tinha rúpias de sobra, me comprou um tigre de argila que admirei.

— Quando não estivermos juntas, olhe para os olhos desse tigre e saiba que estou pensando em você — ela disse.

Por sorte, a princesa Jameera estava ocupada com outras coisas, geralmente em visitas formais aos acampamentos de vários marajás com seus pais, e minha presença não era necessária. Perguntei a Indira por que ela raramente precisava comparecer com sua família a esses compromissos.

— Ah — explicou. — Sou a filha mais nova. Ninguém se interessa por mim.

Eu sabia que isso não era verdade, e houve ocasiões em que Indira não pôde me encontrar e reclamou, depois, de precisar ficar sentada por horas em tendas quentes enquanto seus pais se socializavam. Porém, na maioria das vezes, conseguíamos nos ver todos os dias.

Em uma manhã, quando nosso tempo juntas estava chegando ao fim e eu receava voltar para o ambiente limitado do Palácio da Lua, em Jaipur, ela chegou com os olhos brilhantes.

— Venha — disse, começando a me puxar habilmente por entre as tendas.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Você vai ver — ela respondeu, com ar de mistério.

Poucos minutos depois, chegamos aonde eu sabia ser o acampamento do marajá de Cooch Behar, uma vez que Indira já havia me mostrado o lugar.

— Em primeiro lugar, e mais importante, vou te levar para conhecer minha elefanta favorita — Indira explicou. — Ela é apenas um bebê, nascida há dois anos. Não deveria estar aqui, porque ainda não está treinada para andar em procissão, mas insisti que viesse. Ela ficaria triste sem mim e a mãe dela.

Quando entramos na *pilkhana*, minhas narinas começaram a arder com o

cheiro nocivo de estrume. Deveria haver pelo menos quarenta elefantes ali, pensei, enquanto Indira me arrastava por entre as baías, dizendo bom-dia e chamando todos pelo nome ao passar. Fomos diretamente para o fim das baías, e bem na última havia um bebê elefante. Enquanto nos aproximávamos, o jovem animal ouviu nossos passos e trombeteou quando reconheceu Indira.

— Como você está, minha linda Preema? — Indira disse, aninhando o rosto contra a elefanta. — Eu estava lá quando você nasceu, não estava, querida? — A elefanta colocou a tromba ao redor da cintura da minha amiga. Indira se virou para mim e pegou duas pencas de bananas de uma pilha.

— Ditti, nosso *mahout*, me deixou escolher seu nome, não deixou? — ela disse, enquanto alimentava a bebê elefanta. — Decidi por Preema, que significa “primeiro”. Porque ela foi a primeira elefanta que eu vi nascer. — Os olhos de Indira cintilavam. — Agora a chamo de “Pretty”, porque ela é linda, não acha?

Fitei os olhos suaves e confiantes da elefanta e senti uma alfinetada ridícula de ciúmes do amor de Indira por ela.

— Sim, ela é muito bonita — respondi.

Um indiano pequeno, de pele marrom, apareceu de repente.

— Ditti, minha Pretty está se comportando bem?

— Sim, alteza, mas sei que ela ficará feliz em voltar para casa.

— Como todos nós — Indira concordou.

O velho *mahout* fez uma reverência com a cabeça quando saímos da baía. Percebi que foi a primeira vez que vi minha amiga ser tratada como a princesa que era. Uma onda de desespero me invadiu enquanto segui Indira para fora da *pilkhana*. A garota com quem eu ria, brincava e conversava como se fosse minha irmã pertencia a um mundo diferente, a algum lugar distante, do outro lado da Índia. E logo seria tirada de mim e devolvida a ele.

Senti lágrimas começarem a brotar e pisquei o mais rápido que pude para não deixar que elas caíssem. Indira havia se tornado o centro de meu mundo, mas reconheci que eu habitava apenas a periferia do seu. Na melhor hipótese, eu a diverti por algumas semanas. Como a borboleta que era, Indira voaria para longe, para encontrar diversão em outros lugares.

Tentei pausar meus pensamentos e ser grata pelo tempo que passamos juntas. Mamãe me criticou durante toda a minha infância por esse tipo de melancolia repentina, dizendo que eu tinha uma tendência a ser absorvida pela tristeza.

— Você tem o dom de ser feliz, mas também tem a capacidade de se desesperar — ela disse uma vez.

— Vamos, ande logo. Estou te levando para conhecer uma pessoa — Indira disse.

Me forcei a abandonar os devaneios, esforçando-me para oferecer um sorriso.

— O que é agora? Animal, mineral ou humano?

Era um jogo frequente entre nós, e Indira sorriu ao perceber a referência.

— Definitivamente, humano. Estou te levando para conhecer minha mãe.

Ao ouvir isso, meu coração começou a bater mais forte. Houve muita conversa na *zenana* de Jaipur sobre a beleza de Ayesha, marani de Cooch Behar. Ouvi Jameera e sua mãe dizendo maldosamente que, porque Ayesha conheceu a imperatriz da Índia, Victoria em pessoa, no Palácio de Buckingham, ela se sentia superior às outras maranis.

— Ela fala inglês e usa roupas ocidentais na Europa! — a mãe de Jameera exclamou. — Mas todas as roupas feitas por estilistas franceses e as joias que seu marido lhe dá não fazem dela uma esposa indiana melhor, ou uma rainha.

Sei que nada daquelas coisas era o verdadeiro motivo que levava Jameera e sua mãe a criticarem a mãe de Indira. Era porque o pai de Jameera havia comparecido a um evento informal no acampamento de Cooch Behar quatro dias antes e chegara declarando que a marani de Cooch Behar era a mulher mais bela que já havia conhecido.

Meu filho, desde então compreendo que, entre as mulheres, a inveja raramente é inspirada pela inteligência, posição no mundo ou por quantas joias se guarda em um cofre. Não. Quase sempre é a habilidade de uma mulher atrair um homem que gera ciúmes.

— *Ma!* — Indira chamou quando entramos na tenda das mulheres de Cooch Behar. — Onde você está?

— Aqui fora, minha querida — uma voz suave respondeu.

Indira me levou por uma série de tendas até uma varanda agradável, protegida do sol por jacarandás. Uma pequena fonte jorrava no centro do pátio.

— Trouxe minha amiga Anni para conhecer você. Pode dizer olá?

— Claro, estava terminando o café da manhã.

A mãe de Indira estava deitada sobre uma pilha de almofadas sedosas, com uma bandeja no colo. Ela imediatamente colocou a bandeja de lado, se levantou e veio em nossa direção, abrindo os braços para sua filha.

Isso em si era um gesto incomum: toda vez que estava na presença de uma de minhas maranis da *zenana*, sempre exigiram que eu caminhasse em *pranaam* até que tivesse permissão para me levantar.

— E onde você estava, sua garotinha levada? — a marani disse, com um sorriso, abraçando Indira.

Enquanto isso, observei aquela mulher, o assunto de tanta conversa no acampamento. A mãe de Indira estava sem adornos, joias ou maquiagem. Seu corpo esbelto vestia um robe simples, e seus longos cabelos cacheados lhe caíam soltos sobre os ombros. Parada ali, senti seus olhos enormes e inteligentes — cor

de âmbar, tão parecidos com os de sua filha — me fitando e examinando. Concordei com o pai de Jameera; ela era, sem dúvida, a mulher mais bonita que já tinha visto.

— Mostrei minha bebê elefanta para Anni, só isso, *Ma*.

A marani sorriu e beijou a cabeça de sua filha.

— Bem, então é melhor você me apresentar para sua nova amiga.

— Sim, claro. Anni, esta é minha mãe, Ayesha. *Ma*, essa é Anahita Chavan.

— Olá, Anahita. — A marani me deu um sorriso cordial de boas-vindas, seus lábios vermelhos perfeitos ao redor de dentes brancos e fortes. Fiquei diante dela, emocionada e sem palavras. Sua informalidade sem precedentes, tanto comigo quanto com sua filha, apenas aumentava o encanto. Finalmente, uni minhas mãos e abaixei a cabeça em uma *pranaam* tradicional. — Estou honrada em conhecê-la — consegui dizer, ciente de que estava ficando vermelha até a raiz dos cabelos.

— Venham, sentem-se comigo e tomem um pouco de chá.

Ayesha nos levou graciosamente até as almofadas e indicou que devíamos nos sentar com ela, uma de cada lado. Eu estava incerta se deveria, uma vez que nunca havia ouvido falar de uma marani que se colocou na mesma altura de seus súditos. Em nossa *zenana*, ficávamos no chão e nossas maranis se sentavam em cadeiras, acima de nós.

Quando Indira se ajoelhou sobre as almofadas ao lado de sua mãe, fiz o mesmo, tentando ao máximo parecer pequena e sem importância. Ayesha bateu palmas e uma criada apareceu imediatamente.

— *Chai* ^[22] — ela ordenou, e a criada se curvou antes de desaparecer tenda adentro. — Agora, Anahita — Ayesha disse, me dando sua atenção. — Indira não fala em outra coisa a não ser sua nova amiga. Ela me disse que você fala inglês muito bem, também. Onde aprendeu?

— Meu pai me ensinou, alteza. Ele era acadêmico e professor — consegui responder, sem fôlego.

— Então você é uma menina de sorte por ter tido a oportunidade de estudar. Infelizmente, muitos pais ainda acreditam que não vale a pena encher a cabeça de suas filhas com conhecimento. Talvez você pudesse ensinar um pouco mais de disciplina para minha filha quanto aos estudos — ela disse, passando a mão na cabeça de Indira afetuosamente. — Ela é uma garota esperta, provavelmente mais que seus irmãos, mas no momento não tem paciência para estudar.

— *Ma*, você sabe que eu quero ser domadora de tigres, não professora — Indira fez beicinho.

Mais uma vez me surpreendi com o conforto e a intimidade com que mãe e filha conversavam.

— Indira me disse que você mora no Palácio da Lua, em Jaipur — a marani continuou.

— Moro, sim.

— Jaipur é uma bela cidade. — Ela sorriu.

O chá chegou e, quando estava servido, tomei um gole, mal conseguindo acreditar que estava tomando *chai*, em uma pilha de almofadas de seda, com a bela e famosa marani de Cooch Behar.

— *Ma*, não posso deixar minha nova melhor amiga para trás quando formos embora — Indira declarou de repente. — Quero que ela venha morar conosco no palácio em Cooch Behar.

Mais uma vez, enrubesci profundamente e olhei para meus pés.

A marani levantou uma sobrancelha perfeita.

— Entendo. — Seu olhar caiu sobre mim. — Indira discutiu isso com você, Anahita?

— Eu... bem... não, alteza — gaguejei.

— Indira, acho que Anahita não gostaria de deixar sua família, seu lar e suas amigas para ir morar conosco. Você está sendo egoísta outra vez. Peço desculpas por minha filha, Anahita. Às vezes ela fala sem pensar.

— Mas, *Ma*, estou solitária no palácio agora que meus irmãos e minha irmã foram embora para estudar. E você disse que Anni pode me motivar a ler meus livros e ajudar com meu inglês — Indira implorou. — Ela é acompanhante da princesa Jameera, faz a mesma coisa por ela.

— Esse é mais um motivo para Anahita não querer se mudar. Tenho certeza de que a pobre princesa Jameera sentiria falta dela. Você não pode simplesmente roubar as pessoas, querida Indira, não importa o quanto queira.

Abri a boca naquele momento, querendo dizer que não havia nada que eu desejasse mais do que ser “roubada” por minha nova melhor amiga maravilhosa. Mas minha língua não conseguiu formar palavras, então fiquei lá sentada, me sentindo miserável enquanto a marani continuava a reprovar a filha por seu egoísmo.

— *Ma*, você não entende, somos inseparáveis! Se Anni não puder vir, posso morrer de tristeza sem ela — Indira insistiu.

— Então tenho certeza de que podemos pedir para Anni nos visitar — a marani consolou. — Posso te chamar de Anni também? — ela perguntou.

— Claro, alteza — respondi rapidamente. — E, sim, gostaria muito de visitar vocês.

— Então vamos providenciar, querida. Agora, devo me levantar e me vestir. Temos um almoço com o vice-rei. — A marani se levantou, e rapidamente eu me levantei também. Ela sorriu para mim outra vez. — Foi um prazer conhecer

você, Anni. Espero que nos visite logo em Cooch Behar.

Indira também foi requisitada para o almoço, então voltei desanimada para meu acampamento, me reprovando por não falar quando tive a chance. Deveria ter dito a elas que me mudaria para a lua se isso significasse estar com minha nova melhor amiga.

Conforme as comemorações de Durbar se aproximavam do fim, eu encontrava Indira menos e menos. Nosso próprio acampamento estava sendo desmontado e arrumado, preparando-se para a longa viagem de volta a Jaipur.

— O que você tem hoje? — Jameera perguntou. — Você parece um gato depois de alguém pisar no seu rabo. Não se divertiu aqui?

— Sim, claro.

— Então você deveria estar grata por termos trazido você.

— Sou muito grata, Jameera.

Notei que ela apertou os lábios ao se virar. Eu sabia que não havia demonstrado o nível de gratidão e respeito que ela exigia, mas não me importei. Eu me senti querida e valorizada com Indira e sua mãe. Era um sentimento novo e maravilhoso.

Em nossa última noite em Deli, me deitei na cama, no quarto que dividia com Jameera, e tentei segurar as lágrimas. Sabia que partiríamos de manhã bem cedo e não haveria chance de me despedir de Indira. Lágrimas faziam meus olhos arderem, e eu as deixei cair livremente pelo meu rosto. Nem pensamos em trocar endereços, e eu me perguntei se uma carta destinada apenas a “Princesa Indira, Palácio de Cooch Behar”, seria entregue.

Além disso, pensei com pesar, ela voltaria para sua vida encantada de princesa e se esqueceria de mim. Finalmente, caí em um sono agitado ao som dos roncoss de Jameera.

Pensei que estava sonhando quando ouvi a voz de Indira sussurrando meu nome.

— Anni! Acorde, acorde!

Abri os olhos e a vi me olhando fixamente. Pulei na cama, imediatamente desperta:

— Como você entrou aqui? — suspirei, assustada. Jameera se mexeu na cama ao lado.

Indira levou um dedo aos lábios e estendeu uma mão para me ajudar a sair da cama. Como dois fantasmas em nossas camisolas brancas, corremos para fora do quarto e pelo acampamento adormecido até encontrarmos um cortinado aberto e sair por ele. Indira me guiou para um espaço entre duas tendas para não sermos vistas:

— Vim me despedir — ela disse.

Todas as ideias terríveis e sombrias sobre ela me esquecer desapareceram. Indira veio me encontrar no meio da noite antes de partir, e eu me senti culpada por duvidar dela. Meus olhos se encheram de lágrimas outra vez. Espontaneamente, abri os braços e ela os encontrou, e nos abraçamos apertado.

— Vou sentir tanta saudade — chorei em seu ombro.

— Eu também — ela disse, igualmente em prantos. — Mas não se preocupe, querida Anni, vou encontrar um jeito de você vir morar comigo em Cooch Behar. Vamos ficar juntas para sempre.

— Indy, não consigo ver como...

— Confie em mim — ela sussurrou. — Tem sempre um jeito. Agora preciso voltar antes que me descubram, mas... — ela removeu um pequeno pingente dourado com a imagem de Ganesh de seu pescoço e o colocou ao redor do meu. — Isto é para você nunca se esquecer de mim. Adeus, minha irmã, te amo. E prometo que não vai demorar para estarmos juntas outra vez.

Com um último brilho maroto no olhar, Indira correu como um pequeno fantasma para dentro da noite.

Minha mão tocou a gola de meu corpete umas cem vezes durante a viagem de volta a Jaipur. O colar de Indira estava escondido dentro dele; não ousei arriscar que Jameera o visse — era tão fino que ela certamente pensaria que eu o havia roubado.

Assim que retornamos ao Palácio da Lua, todos pareciam voltar rapidamente a sua rotina. Por mais que tentasse, eu não consegui. Esperava para ver qual seria o plano de Indira. Ela havia prometido não me desapontar.

Quando 1912 chegou, semanas se passaram sem notícias dela, ainda que eu olhasse nos olhos do tigre de argila em minhas mãos e suplicasse que Indira se lembrasse de mim.

No fim de janeiro, logo quando eu começava a perder a esperança, de repente fui chamada aos aposentos da mãe de Jameera.

— Venha — minha mãe disse, esfregando meu rosto com um pano e penteando meu cabelo. — A marani deseja te ver, e você deve estar bem arrumada.

Fui levada para seus aposentos e, em respeito, fiz minha *pranaam* rotineira.

— Por favor, sente-se, menina. Você também, Tira — a marani indicou.

Nos sentamos no chão, cruzando as pernas, a sua frente.

— Recebi uma carta de Ayesha, a marani de Cooch Behar, esta manhã. Ela diz que sua filha Indira ficou muita amiga sua, Anahita, enquanto vocês estavam juntas no Coronation Durbar. Isso é verdade?

Considerarei a pergunta, incerta sobre como responder. Talvez ela visse minha amizade com outra princesa como uma afronta a sua própria filha. Observei seu rosto, procurando pistas, mas, como sempre, ela parecia indiferente e demonstrava pouca emoção.

Decidi contar a verdade.

— Sim, alteza, ficamos amigas.

— Tão amigas, na verdade, que a marani escreve que, ao que parece, a princesa Indira está se recusando a comer até você ter permissão para visitá-la. Ela não está muito bem, de acordo com a mãe dela.

Se a marani acreditava nisso ou não, eu não sabia dizer.

— Ela está muito doente? — perguntei, preocupada.

— Com certeza doente o bastante para que Ayesha me pedisse pessoalmente para você viajar imediatamente para Cooch Behar e ver a princesa Indira.

Olhei para minha mãe, que também tinha uma expressão de indiferença.

— O que você acha disso, menina? — a marani perguntou.

Fiz o possível para parecer séria e preocupada, decidindo que não seria pertinente revelar que a chama que se apagava em minha alma subitamente explodiu como milhares de fogos de artifício.

— Claro, eu ficaria honrada em ajudar a princesa Indira se ela precisa de mim — respondi, com a cabeça baixa para que nenhuma das mulheres visse a felicidade pura que certamente cintilava em meus olhos.

— E você, Tira? — a marani perguntou. — Está preparada para deixar sua filha ir para tão longe, por tantas semanas?

Minha mãe, na condição de minha mãe, já sabia onde meu coração estava. Ela consentiu:

— Como Anahita, estou honrada em permitir que ela faça como sua alteza decidir.

— Já falei com a princesa Jameera e ela concorda que Anahita deve ir — acrescentou a marani.

Me esforcei para não erguer os olhos para os céus e agradecer. Não era surpreendente o fato de Jameera não insistir para que eu ficasse. Ela precisava de uma acompanhante mais maleável do que eu.

— Então, se todas estão de acordo, Anahita, a marani de Cooch Behar vai cuidar dos preparativos de sua viagem.

— Obrigada, alteza — eu disse, curvando a cabeça outra vez. — Quando viajo? — não resisti a perguntar.

— Assim que os preparativos forem feitos.

Minha mãe e eu deixamos o quarto. Quando estávamos fora da vista, ela colocou seus braços a meu redor. Inclinei o rosto em sua direção, e ela olhou em meus olhos.

— É isso que você quer? — ela perguntou.

— Mais do que qualquer coisa, *Maaji*.



Com isso, meu querido filho, exatamente como o astrólogo havia previsto, começava um novo capítulo de minha vida. Uma ajudante foi designada para me acompanhar de Jaipur a Cooch Behar. Quando desembarquei do trem, que rodava em um trilho único construído para dar acesso a Cooch Behar, a mais distante das províncias do nordeste, olhei para cima e vi a forma das grandes montanhas do Himalaia ao longe, recortando o céu. Com um carregador levando a mala gasta que pertencera a meu pai, vi que uma carroça puxada por cavalos fora enviada para me encontrar.

Antes de deixar Jaipur, li o que pude sobre a distante província de Indira. É difícil para alguém que nunca esteve na Índia imaginar como um país pode abrigar climas e paisagens tão divergentes. A Índia é uma terra de contrastes. Cada estado contém uma miríade de culturas, idiomas e pessoas. Mesmo que juntos formem um único país, tudo em nossa grande nação é dramático e variado.

O motorista me ajudou a embarcar, e minhas roupas logo grudavam em minha pele. O clima era quente e úmido, bem diferente do calor seco e sufocante de Jaipur.

Enquanto seguíamos pela cidade, vi que as casas eram simples, construídas de bambu e palha, seus telhados, cobertos com abundantes plumas de hibisco. As casas estavam empoleiradas sobre plataformas que as protegiam das grandes enchentes durante as monções. Ninguém desperdiçava dinheiro, construindo casas de pedra, como em Jaipur, que duravam de duzentos a trezentos anos. Em Cooch Behar, os proprietários sabiam que outra enchente ou terremoto poderia não deixar nada de pé.

À medida que o cavalo galopava pelas ruas de poeira vermelha, olhei ansiosa pela janela, esperando minha primeira visão do palácio. Estávamos a alguma distância fora da cidade quando o vi. Parecia enorme, com duas grandes alas saindo de um grande domo central. Começamos a dirigir pelo parque de acesso, gramados verdejantes se alongando por todos os lados. Ouvi elefantes trombeteando na *pilkhana* e vi um lago que se prolongava por toda a extensão do palácio.

Mesmo para meus olhos não treinados, o palácio não parecia tradicionalmente indiano. Descobri mais tarde que o interior seguia o modelo das mansões inglesas. Do lado de fora, pelo menos, a construção robusta de tijolos e a falta de treliças indianas nas janelas causaram a impressão de simplicidade em comparação com a beleza do Palácio da Lua, em Jaipur.

Sempre achei curioso o contraste entre a atmosfera entre o interior e o exterior

dos palácios da Índia; olhando de fora, eles pareciam desertos, uma vez que quase todas as atividades acontecem dentro de pátios sombreados, feitos especialmente para proteger seus ocupantes do sol abrasador. Enquanto escrevo, me ocorre que talvez essa também seja uma metáfora para os seres humanos; com frequência, sua pele serena e silenciosa não trai a alegria de espírito que reside em seu interior.

Esse era certamente o caso quando cheguei ao Palácio de Cooch Behar. Assim que a carroça parou e a porta se abriu para eu descer, percebi que não havia visto nem uma alma desde que entramos no parque.

Enquanto o motorista descarregava meu pequeno baú, ouvi uma voz atrás de mim:

— Surpresa!

Indira pulou como um macaco sobre minhas costas, lançando seus braços finos ao redor de meu pescoço.

— Ai! — eu disse quando ela conseguiu prender meu cabelo em sua pulseira. Ela imediatamente saiu de cima de mim e me virou de frente para ela.

— Você está aqui! Eu disse que daria um jeito!

— Sim, estou aqui! — concordei, cansada da longa viagem e, de repente, tímida e desconfortável depois de tantas semanas longe dela.

Imediatamente procurei sinais da enfermidade que havia sido descrita tão vividamente na carta de sua mãe. Mas seus olhos dançavam, seu cabelo espesso e negro brilhava em tons de azul quando o sol o tocava, seu corpo esguio não parecia mais magro desde a última vez que a vira.

— Pensei que você estivesse muito doente — reprovei. — Quase não dormi de preocupação desde que soube.

Ela colocou as mãos no quadril e virou os olhos:

— Bem, eu estava — ela disse. — Na verdade, estava tão doente que não comi por semanas. *Ma* mandou chamar inúmeros médicos para tentar descobrir o que havia de errado comigo. Todos concordaram que eu devia estar definhando por causa de alguma coisa. Ou de *alguém*. Então, assim que *Ma* concordou que você deveria vir, saí da cama, me sentindo bem e com fome. Não é um milagre? — Indira acenou com as mãos para o céu. — Desde então, estou comendo como um cavalo. — Seu olhar encontrou o meu e ficou sério. — Senti tanto a sua falta, Anni; acho que morreria se você não viesse.

Fiquei emocionada com o subterfúgio que ela usou para garantir que eu viesse. Naturalmente desconfiada, especialmente de famílias nobres e de princesas, meus sentimentos provavelmente estavam refletidos em meus olhos.

— Anni, você duvidou de mim, não é?

Abaixei a cabeça em silêncio, depois ergui o olhar para ela, estendendo

minhas mãos para pegar as suas.

— Sim, desculpe. Admito que duvidei. Mas, minha querida amiga, nunca mais vou duvidar de você.

Minhas primeiras semanas no Palácio de Cooch Behar com Indira foram cheias de experiências novas e maravilhosas. A vida no palácio e minha rotina não podiam ser mais diferentes do que estava acostumada em Jaipur. Fui avisada inúmeras vezes pelas mulheres de minha antiga *zenana* que a marani de Cooch Behar não administrava sua corte no modo hindu decente. Além de não aderir ao *purdah* no interior do palácio, Ayesha também atravessava o oceano com sua família. Isso, na interpretação da rígida religião hindu, significava que a família real havia infringido as leis das castas.

As damas de Jaipur também me disseram, com uma expressão severa nos olhos, que a marani parecia mais ocidental que indiana. E que seu palácio recebia constantemente convidados estrangeiros, inclusive aristocratas europeus e atores americanos. Concordei com a cabeça, igualmente séria, enquanto ouvia essa ladainha. Elas não sabiam o quanto essas descrições me empolgavam.

Como descobri depois, quase tudo que disseram parecia ser verdade. A marani administrava seu palácio e sua família de um jeito moderno. Toda manhã, Indira e eu acordávamos com a alvorada e íamos para os estábulos, onde dois cavalos selados esperavam por nós. No começo, eu vivia tentando alcançar Indira, que se revelou uma amazona soberba. Enquanto galopava a toda a velocidade pelo parque, rindo e gritando com o vento no rosto, me sentia viva, livre e mais feliz do que nunca.

Demorei semanas para galopar mais rápido que ela, mas, quando finalmente consegui, Indira gritou de prazer com meu triunfo.

Depois do café da manhã, de segunda a sexta, íamos para uma sala ampla onde ela estudava com um tutor particular. Indira tinha a atenção de um mosquito, e eu precisei de todos os meus poderes de persuasão para fazer com que ela se concentrasse nos estudos. Eu observava do lado de fora, esperando o momento em que ela seria liberada para visitar sua preciosa elefanta, Pretty, e dar uma volta rápida com ela, ou para jogar tênis na quadra bem cuidada.

Por outro lado, eu saboreava a oportunidade de expandir minha educação. Nosso tutor britânico era um professor de inglês, que encorajou minha paixão duradoura por livros. Em retrospecto, acredito que ele ficou tão feliz com minha presença em sua sala de aula quanto eu fiquei por estar lá. Meu vocabulário melhorou muito, e eu fiz o meu melhor, como a marani havia me pedido, para conversar com sua filha no idioma tanto quanto possível.

A marani também empregou uma governanta inglesa para cuidar das necessidades de sua filha mais nova. A Srta. Reid era uma mulher doce que claramente se preocupava em transformar Indira em uma dama.

Em inúmeras ocasiões, Indira desobedecia suas súplicas para não se atrasar

para o almoço, ou para se sentar quieta com um livro na sala de aula. No instante em que a Srta. Reid virava as costas, Indira piscava para mim e lá íamos nós em busca de aventura.

Uma de minhas partes preferidas do palácio era a vasta biblioteca, que continha várias primeiras edições de livros famosos do mundo todo. Os armários de vidro onde as obras ficavam permaneciam trancados o tempo todo; os livros não passavam de enfeites impressionantes, peças de decoração, e eu duvidava que qualquer um daqueles títulos houvesse sido lido. Com frequência eu admirava as estantes, e meus dedos coçavam de vontade de pegar um. Fui obrigada a fazer o possível com os exemplares de segunda mão de *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Oliver Twist* e *Hamlet* que meu tutor trouxera com ele da Inglaterra. Durante tardes longas e tranquilas, li e reli esses clássicos várias vezes.

Passei muitas tardes descansando no quarto elegante e arejado que dividia com Indira. Deitava em minha cama e olhava para as paredes azul-celestes, adornadas com margaridas do Himalaia pintadas a mão, e agradecia aos deuses profundamente por terem me levado até ali. Indira, provavelmente porque gastava muita energia enquanto estava acordada, adormecia imediatamente, enquanto eu continuava a meditar sobre os acontecimentos do dia.

Quando o crepúsculo se aproximava, o palácio voltava à vida. Esse era o momento do dia que eu mais amava; a sensação de ansiedade pela chegada da noite que cobria todos nós. Havia sempre convidados exóticos do mundo todo para o jantar. Indira e eu costumávamos observar as criadas arrumando a mesa na gigantesca sala de jantar, com jogos de talheres de ouro puro, facas pesadas, garfos incrustados com pedras preciosas e vasos cheios de flores maravilhosas. O ar cheirava a incenso, que era queimado no andar inferior, em um suporte de prata.

Em minha primeira noite no palácio, depois do jantar, o ritual começou. Quando Indira me disse aonde íamos, fiquei chocada.

— Nós vamos ver sua mãe se vestindo e se preparando para a noite? Por quê? — perguntei.

— Não sei, ela gosta de todo mundo lá — Indira deu de ombros.

No caminho para o amplo Durbar Hall, que ficava sob o domo e era a peça principal do palácio, com uma entrada alta o bastante para um elefante adulto entrar carregando um marajá em um *howdah*, pensei que não gostaria de uma plateia assistindo enquanto *eu* me vestisse.

Quando entramos nos aposentos particulares da marani, quase não acreditei na quantidade de pessoas reunidas em seu vestiário. Criadas, parentes, visitas e nós, as crianças, enchiam o cômodo. E lá, no centro do espetáculo, sentada em uma penteadeira delicadamente esculpida em madrepérola, estava a marani.

Indira me puxou direto por entre a multidão até sua mãe.

— Anni está aqui, *Ma*, ela está aqui! — exclamou, com alegria.

— Estou vendo — a marani respondeu, amorosamente. — E espero que agora, minha Indira, sua saúde e seu apetite voltem ao normal. — Ela me fitou, e compartilhamos um olhar de compreensão e diversão. — Seja bem-vinda, Anni. Espero que seja feliz conosco aqui no palácio.

— Obrigada — respondi. — Tenho certeza que vou ser.

Naquela primeira noite, confesso que mal prestei atenção ao que ela disse. Estava hipnotizada por seu rosto, seus olhos pintados com lápis, seus lábios ganhando tons de vermelho enquanto ela cuidadosamente os coloria com um pincel pequeno e uma latinha de pigmento. O aroma do perfume francês favorito da marani se espalhou pelo ar enquanto ela se arrumava e conversava com as pessoas a seu redor, trocando hindi por inglês ou bengalês dependendo de quem falava.

— Vamos — Indira disse. — Vou te mostrar o resto dos aposentos da minha mãe. — Ela me levou ao banheiro, que continha uma banheira no estilo ocidental. Nós, crianças, sentávamos em um banco de madeira e alguém derramava água sobre nós de urnas prateadas. O quarto tinha teto alto, adornado em branco e dourado, e uma cama de mármore enorme. Ao longo de toda a extensão dos aposentos, havia uma varanda sombreada que se abria para um pátio repleto de jacarandás, hibiscos e jasmim.

Meu filho, se um dia houve uma rainha de contos de fadas na vida real, uma que fosse jovem, bela e gentil e que vivesse em um palácio suntuoso, Ayasha, a marani de Cooch Behar, foi essa mulher. E eu me rendi completamente a seu encanto, como todo mundo.

Mais tarde, quando a marani, estonteante e de tirar o fôlego em um sari verde-esmeralda bordado, estava finalmente pronta para receber seus convidados, Indira e eu voltamos para nosso quarto, onde a Srta. Reid insistiu que vestíssemos nossas camisolas e fôssemos para a cama.

— Você não acha que a minha mãe é a mulher mais bonita do mundo? — Indira me perguntou.

— Sim, a mais bonita — respondi, sem hesitação.

— E a melhor parte de tudo é que meus pais se amam tanto — ela disse, enquanto bocejava. — Meu pai a adora. E ele é o homem mais bonito do mundo. Mal posso esperar para apresentar você a ele.

Uma mão veio de mansinho nas sombras em minha direção, e eu ofereci a minha:

— Boa noite, querida Anni — ela disse, com um suspiro satisfeito. — Estou tão contente por você estar aqui.



Percebi certa manhã, quando recebi uma carta de minha mãe, que estava em Cooch Behar havia quase dois meses. Claro que, no começo, foi decidido que eu ficaria com Indira por apenas algumas semanas. Tenho vergonha de admitir que me permiti ficar extasiada com minha nova vida e perdi a noção do tempo. A compreensão repentina de que minha vida ali era apenas temporária me atingiu como um raio.

Indira e eu éramos praticamente uma só àquela altura, e ela notou minha expressão imediatamente.

— O que foi?

Ergui os olhos.

— Minha mãe está perguntando quando eu volto.

— Para onde? — Indira parecia confusa.

— Jaipur, claro.

— Mas você não pode ir embora — ela respondeu. — Você mora aqui comigo agora. Talvez possamos dar um jeito de sua mãe vir visitar.

— Duvido que ela fique feliz em viajar essa distância.

— Vou falar com *Ma* e ver o que ela sugere.

Meu coração ficou preso na garganta enquanto Indira correu para encontrar sua mãe. E se a marani estivesse tão ocupada que simplesmente não houvesse notado que eu ainda estava ali? E se — estremei, horrorizada — eu tivesse que voltar para a *zenana* em Jaipur para sempre?

Indira voltou meia hora depois e balançou a cabeça, satisfeita:

— Não se preocupe, Anni. *Ma* vai encontrar uma solução. Ela sempre encontra.

Naquela noite, quando estávamos reunidas como de costume no vestiário da marani, ela me chamou até o espelho:

— Indira me disse que sua mãe sente sua falta e gostaria de vê-la.

— Sim, é o que ela escreveu na carta — respondi, apreensiva.

— Entendo completamente. Nenhuma mãe deseja ser privada da companhia de sua filha. Então, vamos tomar providências para ela visitar você.

— Obrigada, alteza — fiz uma reverência educada. Na verdade, queria cobrir seu rosto delicado de beijos em agradecimento.

— Vou escrever para sua mãe imediatamente. Estava pensando em escrever, de qualquer modo, uma vez que há outro assunto que desejo discutir com ela.

Meu coração bateu aliviado. Ela não estava me mandando de volta para casa.

Poucos dias depois, a marani apareceu no quarto que Indira dividia comigo. Não era com sua filha que ela desejava falar, mas comigo.

— Venha comigo, Anni — ela disse, indicando as portas que levavam à varanda.

— Posso ir também, *Ma?* — Indira perguntou, queixosa.

— Não — foi a resposta firme. — Desejo falar com Anni sozinha.

Segui a marani até um banco que ficava na sombra fresca do pátio. Mesmo vestida com sua túnica e calça casuais do dia a dia, que usava quando não havia hóspedes no palácio, a marani estava radiante.

— Anni, desejo falar com você sem a presença de minha filha por um motivo.

— Sim, alteza.

— Você está gostando de viver aqui?

— Ah, sim, alteza — garanti, empolgada.

— Você gostaria de ficar conosco por mais tempo?

— Ah, sim, por favor. Amo morar aqui! — O ímpeto com que eu disse isso não deixava dúvidas.

Ela se virou para o outro lado e olhou fixamente para o horizonte. Finalmente, suspirou:

— Queria ouvir isso da sua boca. Sei que Indira é teimosa e que foi mimada pela posição em que nasceu. Também sei que, na condição de mais nova e adorada por seus irmãos mais velhos, ela teve mais liberdade do que deveria. Assumo a culpa por isso. Sei que ela sente falta de seus irmãos e de sua irmã e estava solitária aqui antes de você chegar. Ainda assim, ela não pode esperar que tudo que pede seja dado, especialmente se ela exige uma pessoa.

— Eu a amo — eu disse. Foram as palavras mais simples e verdadeiras que eu pude dizer.

A marani me olhou e sorriu:

— Eu sei, Anni. Posso ver em seu rosto. É uma amizade verdadeira, que inclui amor, lealdade e confiança, é algo raro e precioso. Espero que, tanto pelo seu bem como pelo bem de minha filha, essa amizade continue no futuro. Contudo... — ela buscou minhas mãos e as envolveu nas suas. Sua expressão ficou séria de repente. — Você tem suas próprias ideias e vontades. E deve me prometer que nunca vai ter medo de expressar o que sente. Indira tem uma personalidade forte. — A marani parou e sorriu. — Lamento dizer que vejo muito de mim nela. Não deixe que ela a domine, certo? Seria ruim para você e ruim para ela.

— Sim, alteza — respondi, tocada pelo fato de ela me considerar merecedora de seus conselhos. Naquele momento percebi por que Ayasha, a famosa marani de Cooch Behar, era amada por todos que tinham a sorte de conhecê-la.

Ela compreendia a natureza humana.

— Sua mãe chegará em breve. Vou conversar com ela nessa ocasião.

— Obrigada, alteza.

— Eu é que devo agradecerê-la, Anni. — Ao soltar minhas mãos, ela as acariciou gentilmente com seus dedos longos antes de se levantar. — Penso que minha filha é afortunada por ter você como amiga.

Duas semanas depois, minha mãe chegou ao Palácio de Cooch Behar.

— Anni, como você cresceu! — ela exclamou quando a cumprimentei e, então, a levei para conhecer o palácio. Notei que ficou impressionada com os inúmeros cômodos, decorados com tesouros inestimáveis que a marani trouxe do mundo todo. Eu havia me acostumando ao luxo do lugar em que agora morava.

— Onde é a *zenana*? — ela me perguntou, apreensiva.

— Ah — acenei distraidamente em uma direção indistinta. — Em algum lugar por ali.

— Mas a marani certamente vive com as outras mulheres na *zenana*.

— Não, *Maaji*, ela tem seus próprios aposentos.

Percebi o desconforto de minha mãe enquanto a levava pelas áreas comuns do palácio. Havia um grande número de ajudantes e criados homens indo de um lado para o outro sem reparar em nós. Comparada com muitas mulheres de sua idade, a vida de minha mãe como curandeira, ao lado da crença de meu pai de que as mulheres tinham direito à educação, contribuiu para que ela estivesse preparada para o modo descontraído como as coisas eram feitas por ali, mas, ainda assim, pude perceber que ela estava constrangida. Ela nunca ficou diante de um homem sem seu véu, exceto meu pai.

— Você e a princesa Indira estão se aproximando da idade em que se tornarão mulheres. Você vai adotar o *purdah* e viver na *zenana* quando isso acontecer?

— Não sei, *Maaji* — respondi com sinceridade, enquanto tomávamos uma xícara de chá no pequeno pátio externo ao nosso quarto. — Tenho que perguntar. Ou talvez você. Sei que o marajá e a marani são grandes amigos de Rabindranath Tagore, que o papai admirava tanto. Ele não aprova o *purdah* — disse, tentando amenizar minhas palavras ao lembrar seu amado marido.

Ainda me lembro da ansiedade no rosto de minha mãe por causa do conflito entre a tradição e a modernidade.

— Gostaria de descansar agora — ela finalmente disse. — Foi uma longa viagem.

Eu sabia que mais tarde minha mãe seria levada para os aposentos da marani e apresentada a ela. Meu coração palpitou ao pensar no que ela veria lá. Era um altar para os costumes modernos, e a suma sacerdotisa, com seu perfume francês e acessórios ocidentais, apenas deixaria minha mãe mais consternada.

E se minha mãe acreditasse que eu não estava sendo educada na verdadeira tradição hindu? Ela teria direito de exigir que eu voltasse para Jaipur.

Mas, claro, eu não deveria ter me preocupado. Quando Indira e eu entramos no vestiário com minha mãe, Ayesha se levantou e abriu caminho entre o grupo de mulheres para cumprimentá-la. Ela vestia um sari dourado, diamantes enfeitavam seu pescoço e um adorno nasal de rubi refletia a luz do lustre Baccarat no teto.

— É uma honra conhecê-la, alteza — minha mãe disse, quase se dobrando por completo em reverência. Ao observar as duas mulheres, notei que não poderiam ser mais diferentes. Uma era impressionantemente bela, rica e independente; a outra se curvou diante das dificuldades da vida desde que meu pai havia morrido.

— Não — a marani respondeu suavemente. — A honra é minha em conhecê-la. Você deu à luz uma filha muito especial, e temos sorte de tê-la entre nós. Agora, venha ver minha sala de orações e vamos oferecer uma *puja* a Brahma por nos abençoar com filhas assim.

Dizendo isso, ela passou com minha mãe entre as espectadoras surpresas e desapareceu dentro da sala ao lado, fechando a porta.

Quinze minutos depois, quando as mulheres voltaram, elas conversavam como velhas amigas. O nervosismo de minha mãe havia desaparecido completamente, e eu também agradei aos deuses porque a marani soube exatamente o que fazer para deixar mamãe à vontade.

Naquela noite, minha mãe, assim como todo mundo, foi encantada pelo feitiço suave da marani. Ela elogiou exaustivamente o bom gosto de sua nova amiga na decoração, nas roupas e seu conhecimento vasto sobre filosofia, poesia e o mundo em geral. Elas compartilharam suas opiniões sobre medicina Ayurveda, e a marani ficou fascinada com o dom da segunda visão de minha mãe.

— Você “viu” para ela, *Maaji*? — perguntei quando ela deixou os aposentos da marani, certa tarde.

— Como você sabe, Anni, esse é um assunto particular entre a marani e eu — minha mãe respondeu.

Ao final da primeira semana, ela estava relaxada o suficiente para caminhar comigo pelo jardim à vista dos residentes masculinos do palácio. Ela ainda se recusava a remover o *ghoonghat*^[23] do rosto, e eu a respeitava por isso. Mas, em todos os outros aspectos, ela ficou tão encantada com o Palácio de Cooch Behar e seus moradores quanto eu.

Um dia antes de minha mãe voltar para casa, a marani a chamou em seus

aposentos para uma audiência reservada. Eu sabia o que iriam discutir, e Indira e eu esperamos ansiosamente do lado de fora.

— E se minha mãe quiser que eu volte com ela? Acho que eu morreria! — sussurrei.

Indira estava tranquila a meu lado, segurando minha mão.

— Ela não vai pedir para você voltar, Anni, prometo.

Indira estava certa. Minha mãe saiu sorrindo e me levou para o quarto para conversarmos em particular.

— A marani me perguntou se eu estaria preparada para deixá-la com a família dela de modo mais permanente. Ela se ofereceu também para educar você com Indira, o que é exatamente o que seu pai havia desejado.

— Sim, *Maaji* — murmurei.

— Ela também disse que entende que seria difícil, para mim, ficar sem você, e sugeri que eu fique parte do ano aqui, quando a família estiver residindo no palácio. Então, minha filha, você gostaria de ficar aqui quando eu voltar para Jaipur?

— Ah, *Maaji*, eu... — Uma lágrima brotou em meus olhos. — Acho que quero, sim. Mesmo que eu fique longe de você parte do ano e sinta saudades imensas. Mas sei que meu pai ficaria feliz em me ver estudando. Não posso fazer isso na *zenana* em Jaipur.

— Você terá maiores oportunidades aqui, concordo. E você sempre foi especial, minha *pyari*. — Ela sorriu e tocou meu rosto com uma das mãos. — Você vai me escrever toda semana enquanto estivermos separadas?

— Claro, *Maaji*. Todos os dias, se você quiser.

— Uma vez por semana está bom, querida filha. Volto para cá depois das monções, em quatro meses. Prometo que não vai parecer tanto tempo.

— Vou sentir sua falta.

— E eu a sua. — Ela abriu os braços para mim. — Apenas se lembre, sempre estarei com você.

— Eu sei, *Maaji* — respondi, abraçando-a apertado.

Ainda hoje me lembro do modo como ela me olhou naquele momento, com tanta tristeza nos olhos que acabei dizendo:

— Talvez eu deva voltar com você para Jaipur, afinal.

— Não, Anni. — Ela olhou para o céu. — Sei que seu destino é ficar.

E, assim, minha mãe voltou para Jaipur, carregada com presentes da marani. Apesar de eu ter conquistado o desejo de meu coração e poder olhar para Cooch Behar como meu lar permanente, não pude deixar de sentir certo incômodo pelo fato de que minha mãe, espiritualmente abençoada e sábia como era, fora

persuadida a abrir mão de sua preciosa filha.

Naquele verão, quando a estação das monções chegou ao fim e o calor da terra sob nossos pés fazia até nossas solas calejadas arderem como se picadas por milhares de abelhas, a comitiva real se mudou, assim como o resto da casta privilegiada da Índia, para as colinas a fim de respirar ar fresco e puro. Viajamos para Darjeeling, uma região montanhosa magnífica, com sete mil pés de altura e famosa pelas plantações de chá, cujos campos cobriam de verde as encostas até onde nossos olhos alcançavam.

Aquele foi o início de meu caso de amor com Darjeeling; apenas a visão distante do Himalaia foi o bastante para elevar meu espírito. Os britânicos também aprenderam a fugir para Darjeeling há muito tempo, e fizeram da cidade o seu lar. Fileiras de bangalôs com nomes de lugares da Inglaterra se alinhavam nas colinas, e a cidade era organizada e precisa, o oposto dos vilarejos caóticos indianos. Eu sonhava em visitar a *verdadeira* Inglaterra um dia.

Foi em Darjeeling que conheci os irmãos de Indira. Os três estavam em férias de suas escolas na Inglaterra. Com dezessete, dezesseis e quinze anos de idade, eles mimavam sua irmã mais nova, mas, por serem bem mais maduros que ela, era possível entender por que Indira se sentia como filha única. Minty, sua irmã de quinze anos, parecia adulta e sofisticada. Eu ouvia fascinada quando ela falava sobre a vida na Inglaterra. Aprendi a jogar críquete em gramados impecáveis e ganhei habilidade em uma miríade de truques com cartas graças ao irmão do meio de Indira, Abivanth. Fiquei especialmente impressionada com Raj, o irmão mais velho e herdeiro, cuja beleza e charme me deixavam muda.

A casa em que ficamos era minúscula se comparada ao Palácio de Cooch Behar, o que significava que vivíamos como uma unidade familiar. Construída no topo das colinas, era um lugar tranquilo e com privacidade, alcançado apenas com cavalos e riquixás.

Com frequência, o belo marajá — a quem eu raramente via em Cooch Behar, por causa de suas obrigações — se unia ao resto da família para um piquenique simples durante o almoço no jardim. Eu vi, no ambiente informal de Darjeeling, o que desejava para meu futuro: um amor verdadeiro e permanente entre marido e mulher. Percebi o modo como, às vezes, seus olhares se cruzavam durante o jantar, como compartilhavam sorrisos secretos e como a mão dele discretamente se enrolava ao redor da cintura da marani. Esse era o tipo afeição genuína de que eu me lembrava no relacionamento de meus próprios pais.

Mesmo governando um reino juntos, com uma enorme demanda por seu tempo, notei que a verdadeira força do casal fluía da admiração recíproca e da confiança que tinham um no outro.

Naquele verão, Indira e eu gostávamos de acordar cedo e cavalgar pelos caminhos íngremes da Colina do Tigre e ver o sol nascer sobre o Everest. Amávamos visitar o mercado no centro de Darjeeling, onde vendedores butaneses e tibetanos, com grandes chapéus de pele, vendiam seus produtos. Eu

estava, sem dúvida, mais feliz do que jamais estivera antes e me sentia bem recebida e aceita pela família.

Mesmo conhecendo as dificuldades da vida, eu era muito jovem para perceber como tudo pode virar de ponta-cabeça em um instante. E felicidade plena em um momento não garante a mesma alegria no momento seguinte.

Os menos afortunados na Índia, presos bem abaixo de nosso paraíso nas montanhas, não tiveram tanta sorte naquela estação. Tempestades de poeira rodopiavam pelas planícies, cobrindo tudo com camadas finas de terra todos os dias; mesmo uma pequena rachadura em uma janela fechada podia proporcionar um interior imundo pela manhã. As chuvas das monções enchem os rios e carregavam a terra vermelha para além do curso natural, destruindo tudo em seu caminho.

Era também uma época de doenças na Índia — a época em que todas as mães receavam por seus filhos. Enquanto vagueava pelo cemitério em Darjeeling, fiquei surpresa ao notar que um grande número de bebês britânicos morria. Anualmente, a malária, a febre tifoide e a febre amarela dizimavam a população. Aquele verão foi especialmente difícil, e ouvimos dizer que epidemias estavam ocorrendo em todas as partes do país.

Em uma noite no fim de agosto, tive uma série de sonhos estranhos, acordei transpirando e com uma terrível sensação de apreensão, que não conseguia combater. Uma semana depois, meu coração subiu pela garganta quando fui chamada até a sala de estar da marani. Nunca acreditei quando minha mãe dizia que eu herdaria seu dom. Mas, quando me aproximei da marani, sentindo um mau presságio apertando meu coração, já sabia o que ela diria.

A marani tinha uma carta nas mãos. Ela fez sinal para eu me aproximar batendo no assento a seu lado no divã.

— Ah, minha *pyari*, lamento dizer que tenho péssimas notícias.

— Como minha mãe morreu?

Foi a única vez na vida em que vi a marani sem saber o que dizer.

— Eu... Alguém já lhe contou? Recebi a carta hoje de manhã.

— Não, eu apenas... soube — respondi, lutando contra as lágrimas.

— Muitas pessoas dizem que sentimos quanto um ente querido vai embora — ela disse, recuperando a compostura. — E você obviamente é sensível a essas coisas, Anni. Lamento dizer que você está certa. Sua mãe estava com seus tios nas colinas para fugir do calor de Jaipur. Infelizmente, houve uma monção muito forte, que causou um deslizamento durante a noite. Ninguém no vilarejo sobreviveu. Sinto muito, muito mesmo, minha querida Anni. Parece que você não apenas perdeu sua mãe, mas seus tios e cinco primos.

Fiquei sentada lá, com a palma suave de sua mão segurando a minha, menor e fria. Pensei em minha mãe, em minha tia e em meu tio, em meus primos —

alguns não eram mais que bebês —, e não consegui apaziguar meu coração diante da ideia de que eles não habitavam mais este mundo.

— Se houver algo que eu possa fazer por você, Anni, basta dizer.

Neguei com a cabeça, desolada e chocada demais para falar.

— Isso aconteceu há uma semana. Eles ainda estão... — os olhos da marani se encheram de lágrimas — procurando os corpos. Se forem encontrados, claro, você precisará voltar a Jaipur para os funerais.

— Sim — respondi, mas sabíamos que não encontrariam nenhum corpo. Minha pobre mãe permaneceria sob a terra vermelha, enrijecida pelo sol, para sempre.

— Tenho certeza de que você quer ir ao templo fazer suas preces. Também providenciei isso para você. — Ela me entregou uma túnica branca, feita de seda macia. — Sempre achei um consolo nós, indianos, usarmos branco para chorar a perda de um ente querido, e não preto. Há tristeza demais nessa hora sem isso. E, querida Anni, você não deve ter medo do futuro. Fui eu quem tirou você de sua família, e sou eu quem agora assume a responsabilidade de cuidar de você. Você me entende?

Naquele momento eu não entendia nada, mas respondi que sim com a cabeça.

— Lembre-se, mesmo que não consigamos enxergar, aqueles que amamos estão sempre conosco — ela acrescentou, suavemente.

Eu me levantei, incapaz de encontrar consolo naquelas palavras.

Assim que vesti a túnica branca, um ajudante foi despachado para me levar em um riquixá até o pequeno templo hindu da cidade. Sozinha, fiz as oferendas *puja* tradicionais e orações para acelerar o processo de passagem dos espíritos. Depois, me sentei diante dos deuses, com a cabeça apoiada sobre meus joelhos. Mesmo querendo acreditar, *sentir*, que minha mãe estava comigo, quando a realidade dura começou a se revelar, pensei também em mim mesma. Eu me tornara órfã agora, sem posses nem dinheiro, completamente dependente da generosidade da família real. Era de duvidar que eu me casaria um dia — sem uma família e, pior ainda, sem dote, eu não era viável para homem algum. Mesmo que ainda recebesse educação, era improvável que eu pudesse escolher meu próprio destino na vida.

Além das lágrimas que chorei por minha família naquele dia, confesso que também chorei a perda do futuro que meu pai sonhara para mim — uma vida em que usaria essa mente viva e curiosa que ele alimentou com tanto interesse. Uma vida que foi cruelmente restringida.

Senti uma mão pousar em meu ombro, mas não me movi.

— Anni, *Ma* me contou. Sinto muito, muito mesmo. — A voz de Indira flutuou entre meus pensamentos. — Estou aqui por você, Anni, prometo, para sempre. Vou cuidar de você. Te amo.

Sua mão buscou a minha e a apertou com força. Segurei-me a ela como se fosse minha tábua de salvação.

Ela me abraçou, seu corpo firme protegendo o meu enquanto eu chorava. Não sei por quanto tempo ficamos lá, até que finalmente me levantei e disse adeus a minha família. Saí devagar do templo, de braços dados com a única pessoa no mundo que, eu sentia, realmente se importava comigo.

Mais tarde naquela noite, sem conseguir dormir, me libertei do corpo de Indira, que estava deitado a meu lado na cama, e arrisquei ir até a varanda de nosso quarto. O ar da noite estava fresco, e as estrelas brilhavam ardentemente sobre mim.

— *Maaji* — suspirei. — Eu deveria estar com você aí em cima, não aqui embaixo sozinha! — Mesmo diante de minha dor, percebi que, se ainda estivesse morando em Jaipur com minha mãe, eu também não estaria mais neste mundo.

Foi então que ouvi um som repentino e agudo em meus ouvidos. Olhei da esquerda para a direita, procurando quem cantava tão clara e suavemente. Mas a varanda e seus arredores estavam completamente desertos. A música não desapareceu, mas continuou, me acalmando e consolando, lembrando as cantigas de ninar que minha mãe cantava quando eu era um bebê.

De repente me lembrei das palavras de minha mãe, havia tanto tempo. E percebi que, como ela disse que aconteceria, ouvia o canto pela primeira vez. E parada ali, senti minha mãe perto de mim, me dizendo que seu dom estava sendo passado a mim. Que não era minha hora, que eu tinha coisas para fazer.

Um mês depois, quando as chuvas chegavam ao fim e o ar de setembro estava mais fresco, voltamos ao palácio. Uma senhora idosa, que eu conhecia apenas de vista da *zenana*, me procurou.

— Anahita, tenho uma coisa para você.

Olhei para ela surpresa, enquanto ela me guiava até um canto e me pedia para sentar.

— Você sabe quem eu sou? — ela perguntou.

— Não.

— Meu nome é Zeena e eu sou uma *baidh*. Desempenho aqui o mesmo papel que sua mãe desempenhava em Jaipur.

Seus olhos negros penetravam em mim e eu pisquei, compreendendo.

— Você é uma curandeira?

— Sim. Quando sua mãe esteve aqui para visitá-la, ela pode ter tido um pressentimento sobre a própria morte, pois me confiou algo. Disse para dar isto a você se alguma coisa acontecesse com ela. — Zeena me estendeu um pequeno saco de tecido amarrado com um pedaço de barbante. — Não sei o que ele contém, mas sugiro que você o abra em um lugar onde ninguém lhe incomode.

— Sim. Obrigada por me trazer, seja lá o que for. — Fiz uma reverência em agradecimento e me levantei.

— Ela me disse que você tem o dom de curar também, e perguntou se eu podia lhe ajudar. — Ela me olhou intensamente. — Também acredito que você tenha o dom. Ensinarei a você tudo o que sei, se você quiser.

— Minha mãe me disse, quando era pequena, que seu dom passaria para mim — respondi, tomada de emoção. — Eu soube que minha mãe estava morta antes de a marani confirmar.

— Claro que você soube. — Zeena sorriu para mim e beijou minha testa. — Você deve me procurar quando estiver pronta para começar.

— Obrigada, Zeena.

Corri para meu lugar favorito nos arredores do palácio. Era uma pequena rotunda escondida entre as árvores, dedicada a Durga, a deusa do poder feminino, onde eu geralmente me isolava para ler e pensar. Me sentei com as pernas cruzadas, minhas mãos impacientes para desfazer o nó do barbante. Eu sabia que aquela bolsinha continha os últimos presentes de minha mãe na Terra, e não imaginava o que poderia encontrar lá dentro.

Cuidadosamente, retirei três itens da bolsa e os coloquei no chão diante de mim. Havia um envelope com meu nome, um pequeno caderno com capa de couro e uma bolsa menor, de estopa, também amarrada com barbante. Decidi abrir a carta primeiro.

Minha querida Anni,

Pyari, espero estar errada, mas, na véspera do dia que deixei o Palácio de Cooch Behar e você, minha querida filha, os espíritos cantaram para mim e disseram que eu deveria me preparar. Enquanto escrevo, não tenho certeza de quando irá acontecer. Como não devemos jamais viver nossas vidas temendo o que pode acontecer, fico feliz por não sentir medo. Anahita, minha linda filha, sei que, quando você ler estas palavras, já terei deixado a Terra. Mas você vai aprender, ao longo de sua vida, que alguém que a amou de verdade nunca vai estar longe de você.

Você é uma criança especial. Sei que todos os pais pensam isso de seus filhos, mas você foi colocada neste mundo por um motivo. Não creio que sua jornada será fácil, e você deve se lembrar que o destino pode nos reservar muitas situações difíceis. Mas, quando estiver incerta do caminho correto a seguir, imploro que use seu dom da intuição. Ele nunca irá desampará-la.

Talvez você ouça a música dos espíritos quando eu partir – foi isso o que aconteceu quando minha mãe me deixou. Tenho certeza de que, enquanto você lê isto, se sente só. Não se sinta assim, Anni, porque você não está abandonada. Sua vida é exatamente como deveria ser, traçada por poderes superiores. Nunca se esqueça: nossos destinos são controlados por eles.

Talvez, pyari, enquanto você lê isso, eu esteja sentada com eles, começando a entender.

O dom que você herdou é uma bênção e uma maldição. Ele pode empurrá-la para um abismo escuro quando você pressentir a morte de alguém que ama, mas, do mesmo modo, pode levá-la às estrelas quando a ajudarem a curar alguém.

Como você vai aprender durante sua jornada pela vida, minha filha, todo poder pode ser usado para o bem ou para o mal. Sei que você usará seu dom sabiamente.

Deixei dois itens com Zeena, em quem confio cegamente e em quem você também deve confiar. Deixe que ela ensine a você tudo o que sabe – ela compreende quem você é. Um é o meu livro de fórmulas Ayurveda, as receitas de meus medicamentos de cura. Ele foi passado de geração a geração até chegar a mim, e é muito antigo e precioso. Espero que seu conteúdo a ajude durante o percurso de sua vida. Cuide bem dele, pois ele guarda o conhecimento e a sabedoria de nossas ancestrais, mulheres de habilidades extraordinárias.

O segundo item é o que seu pai chamava de “seguro”. No mínimo, seu conteúdo oferecerá um pouco de segurança a você. Devo acrescentar que seu pai nunca falou sobre sua existência até a noite em que morreu; não sei quanto valem ou como ele os conseguiu. Talvez tivesse a intenção de oferecê-los como um dote para você um dia. Se você sentir que há um uso apropriado para eles, a decisão estará em suas mãos.

Minha querida filha, não deixe que a tristeza e o desespero deste momento a impeçam de viver a vida que eu e seu pai sonhamos para você. Você pode sentir que fracassamos por não estarmos mais a seu lado, mas posso garantir que neste instante, enquanto você lê esta carta, estamos juntos, olhando para você lá de cima e a amando.

Como seu pai dizia, tente ser verdadeira consigo mesma.

Seja uma boa menina em tudo o que fizer.

Eu te amo.

Com amor, sua mãe

Li a carta muitas vezes e, nas primeiras, não conseguia enxergar as palavras por causa das lágrimas que me cegavam. Então, com dedos trêmulos, abri a bolsinha de estopa.

O barbante se desfez facilmente desta vez, e eu deixei o conteúdo cair no chão.

Havia três pedras dentro dela. Pareciam-se com um montinho de terra tirado do solo de qualquer lugar da Índia. Peguei a maior nas mãos, me perguntando por que meu pai as chamava de “seguro”. Confusa, coloquei-as no saquinho, me levantei e voltei, triste, para o palácio.

Apenas algumas semanas depois descobri seu valor; a marani recebeu um comerciante local de joias para escolher um novo colar, presente de seu marido. As pedras — peças idênticas de barro como as minhas — foram colocadas em um prato, e o joalheiro usou um instrumento especial para começar a retirar cuidadosamente a lama. Quando ele finalmente revelou um brilho vermelho vivo, entendi o que meu pai havia me deixado: três rubis.

Por fim, decidi levar a bolsinha de estopa de volta para a rotunda dedicada a Durga e, cavando um pequeno buraco sob a fundação com meus próprios dedos, a enterrei fundo na terra. Minha mãe tinha razão: mesmo não sabendo o quanto valiam, as pedras me davam um pouco de segurança por ser algo que eu podia usar em caso de necessidade. Me afastei da rotunda com o coração mais leve.

Daquele momento em diante, quando Indira estava ocupada sendo princesa em jantares e eventos de estado, passei quantas horas pude com Zeena no jardim de ervas, determinada a aprender tudo o que pudesse com ela. Mesmo com pouca intenção de me tornar curandeira, ou colocar em prática as receitas do caderninho de capa de couro da minha mãe, eu sentia que era meu dever aprender o que ela queria me ensinar. Depois que Zeena leu o caderninho de minha mãe, com suas unhas amareladas traçando as poções em cada página, pareceu me olhar com respeito renovado.

— Você vem de uma linhagem poderosa de *baidh*. Há poções aqui que poucos conhecem. — Ela virou as páginas até chegar a uma seção em particular. — Veja, há até algumas que podem matar uma pessoa imediatamente — ela disse baixinho.

Perguntei se alguma vez ela usara uma poção para prejudicar alguém.

Ela me olhou, ponderando sua resposta:

— Sou uma curandeira, Anahita. Apenas os deuses me dizem que poção usar.

Havia muito pouca coisa que eu não compartilhava com Indira, mas não contei sobre minhas horas com Zeena. Ou sobre os rubis. Eram segredos que minha intuição me dizia para guardar.



Um ano depois

Indira entrou em nosso quarto correndo, jogou-se sobre a cama e socou os travesseiros.

— Não vou! Não posso! Não vou! — Assisti, assustada, enquanto minha amiga de treze anos de idade, chorava e gritava como um bebê. — Eles não podem me obrigar! Vou fugir! Eu me recuso!

Nos últimos meses, eu via esse espetáculo toda vez que Indira não conseguia o que queria. Continuei sentada, quieta, esperando ela se acalmar. Então perguntei gentilmente:

— Que foi, Indy? Que aconteceu?

— Meus pais querem que eu faça como meus irmãos e minha irmã e estude em um colégio na Inglaterra. Eu *odeio* a Inglaterra. É chato e triste e eu sempre fico resfriada.

Olhei para Indira horrorizada. Se a mandassem estudar na Inglaterra, pensei de modo egoísta, o que aconteceria comigo?

— Não podem te obrigar, podem?

— É meu pai quem quer. E, como ele é “deus”, seu desejo é uma ordem para todos. Incluindo para mim. Juro, vou morrer! — acrescentou, dramática.

Claro que visitar a Inglaterra — a famosa terra natal daqueles que nos governavam na Índia — era uma aventura que eu sempre quisera fazer. Imaginava ver os narcisos de Wordsworth, visitar a desolação da várzea de Yorkshire, onde as irmãs Brontë escreveram suas histórias cativantes e, claro, Londres, a capital do mundo. Mas eu sabia que esses pensamentos eram inapropriados para consolar minha amiga perturbada.

— Quando você precisaria ir?

— Embarco no navio em agosto e chego para o início do ano letivo, em setembro. Eu disse a *Ma* que nunca vou ser uma boa aluna, que não nasci para ficar parada e, além disso, sei que vou murchar como um cravo naquele lugar escuro e frio.

— Ah, Indy, vou sentir muito sua falta.

— Não, Anni, você também vai.

— Eu?

— Claro! Eles não seriam tão cruéis a ponto de me mandar sozinha. Você vai

comigo, a menos que consiga pensar em alguma coisa para convencê-los a nos deixar ficar aqui. O problema é que *Ma* ama a Inglaterra e a sociedade de lá, então ela não está do nosso lado. E a *Pretty*? — Indira gritou. — Ela vai morrer de tristeza sem mim, sei que vai!

Tentei manter uma expressão de preocupação tão desolada quanto estava antes de Indira dizer que eu estava incluída na viagem para o outro lado do oceano.

— É tão ruim assim? — perguntei. — Seus pais parecem amar, e seus irmãos e irmãs também. Eles disseram que Londres é uma cidade bonita, onde as ruas são iluminadas com eletricidade e as mulheres podem andar livremente, até mostrando os tornozelos!

— Não ficaríamos nem perto de Londres — Indira abaixou a cabeça. — Estão nos mandando para onde minha irmã foi, alguma escola horrível perto do mar. Ah, Anni, o que vamos fazer?

— Pelo menos estaremos juntas — respondi, saindo de minha cama e me sentando ao lado dela. Peguei suas mãos. — Por favor, não chore mais, Indy. Enquanto estivermos juntas, nada mais importa, certo?

Indira deu de ombros, em silêncio, seus olhos abatidos. Por trás de todo aquele estardalhaço, ela sabia que havia sido derrotada dessa vez.

— Vou tomar conta de você. Prometo.

Durante nossos últimos três meses na Índia, Indira ficou continuamente emburrada, enquanto eu ficava cada dia mais empolgada. Na estação quente, nos deslocamos outra vez para a residência de verão da família, em Darjeeling.

— O clima mais fresco vai prepará-la para quando atravessar o mar — o pai dela, o marajá, disse em uma noite agradável, quando a família estava sentada na varanda depois do jantar.

— Pai, *nada* vai me preparar para a Inglaterra — Indira resmungou, mal-humorada. — Você sabe que odeio aquele lugar.

— E eu odeio lidar com inúmeros assuntos de estado e nunca ter um dia de folga — ele reprovou. — Sério, Indira, você precisa aprender que a vida não é apenas diversão.

Voltamos ao Palácio de Cooch Behar mais cedo que de costume para nos prepararmos para a viagem. A família inteira estava partindo para a Inglaterra de navio, o que exigia que baús e caixotes enormes fossem arrumados — a marani insistia em levar um pouco de seu lar para onde quer que fosse. Indira mergulhou em um poço de tristeza de onde nem mesmo eu fui capaz de tirá-la. Ela insistia em passar as noites dormindo com *Pretty*, a elefanta, na *pilkhana*, e nada que eu pudesse fazer a convencia a voltar para dentro.

— Não posso nem dizer que volto para as férias de Natal — ela disse, enquanto supervisionava os baús quase cheios em nosso quarto, lágrimas rolando por sua face. — Não há tempo para navegar de volta. Não vou ver *Pretty* por quase um

ano!

Arrumei meus poucos pertences: o livro de receitas de poções de minha mãe, seu moedor e uma pequena seleção de ervas, para o caso de ser abalada por alguma doença na Inglaterra. Depois de pensar com cuidado, decidi deixar meus rubis enterrados sob a rotunda, acreditando que estariam mais seguros ali do que em meu baú ou na mala de viagem.

Quatro dias depois, eu estava no convés do maior e mais magnífico navio que já havia visto enquanto ele se afastava do porto de Calcutá. Não sabia que ficaríamos mais tempo longe de casa do que cada um de nós poderia imaginar.

A comitiva real foi colocada em uma série de cabines luxuosas acima do convés. Indira e eu tínhamos nosso próprio quarto no corredor destinado à família e seus ajudantes, mordomos, criados e empregados em geral. Acostumada a contar rúpias em unidades, pensei que, para manter aquele estilo de vida, a riqueza da família real de Cooch Behar deveria ser suficiente para comprar duas vezes o mundo.

Até mesmo Indira conseguiu esboçar um sorriso enquanto investigávamos os muitos dispositivos modernos em nosso quarto. Também tínhamos permissão, agora que estávamos com quase quatorze anos, para nos unirmos ao resto da família para as festas que os pais de Indira davam em sua grande suite. Como Indira, fui equipada com um guarda-roupa ocidental adequado — túnicas com formas estranhas feitas de musselina e suéteres de lã que davam coceira, mas me disseram que eu precisaria deles tão logo chegasse à gélida costa da Inglaterra.

Enquanto tinha dificuldade para fechar os pequenos botões de pérola em uma blusa apertada e desconfortável, notei meu corpo florescendo no espelho. Foi constrangedor quando a Srta. Reid sugeriu que talvez fosse hora de usar um sutiã. Ela também me deu alguns trapos para o que chamava de “mensais”. Um desses havia aparecido recentemente, para meu horror, mas felizmente não acontecia desde então. Meu corpo novo, mais cheio, era ainda mais perceptível ao lado do corpo de Indira, que não pareceu mudar muito. Ela cresceu apenas para cima, não para os lados, e agora era ao menos uns sete centímetros mais alta que eu. Eu me sentia uma romã rechonchuda ao lado de uma banana.

— Vocês estão prontas, meninas? — a Srta. Reid perguntou assim que a criada acabou de escovar os cabelos lustrosos de Indira.

— Sim, Senhorita Reid — respondi por nós duas.

— Sei que vai ser um tédio — Indira disse, erguendo as sobrancelhas enquanto deixávamos nossa cabine e seguíamos pelo corredor até o salão. Podíamos ouvir a banda tocando e um cantor entoando música ocidental quando entramos na enorme sala decorada com adornos. As joias que enfeitavam os pescocoços das convidadas refletiam a luz dos lustres. Todas usavam roupas ocidentais, inclusive a marani, que estava com um estonteante vestido de noite azul-safira. Nunca fui capaz de decidir se preferia vê-la em um sari ou em um vestido formal —

Ayesha, como o camaleão que era, se adaptava a ambos com perfeição.

— Fique perto de mim — Indira disse, me puxando entre a multidão até um garçom.

— Bebida, madame? — Um criado em um uniforme branco ofereceu uma bandeja.

Indira piscou para mim e escolheu duas taças de champanhe da seleção. O garçom olhou para ela confuso, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Indira desapareceu na multidão e eu me apressei atrás dela.

— Vamos, experimente — ela disse, me entregando uma taça. — Eu gosto bastante. As bolhas sobem no seu nariz. — Ela levou a taça à boca.

— Você acha que devemos? — Olhei ao redor, nervosa. — Tem álcool nisso, Indy. Tenho certeza que vamos ter problemas se alguém nos ver.

— Quem se importa, Anni? Além disso, somos quase adultas. Vamos — insistiu.

Coloquei a taça de champanhe nos lábios e tomei um gole. Quando as bolhas subiram no meu nariz, engasguei e gaguejei, enquanto Indira ficou olhando e rindo.

— Caramba, já estão tomando champanhe, meninas? Nessa idade!

Eu poderia me esconder de tanta vergonha quando Raj, irmão mais velho de Indira, me olhou com divertimento e meus olhos ficaram úmidos.

— Aqui, Anahita, use meu lenço.

— Obrigada — eu disse, enxugando os olhos e assoando o nariz, me recriminando pela falta de sorte. Ao longo do último ano, desenvolvi uma paixão adolescente por Raj; ele chegou a Darjeeling para o verão assim que deixou Harrow, uma escola na Inglaterra que recebia os filhos da aristocracia britânica e estrangeira. Parecia incrivelmente adulto e sofisticado em suas roupas ocidentais, e era o homem mais bonito que eu já havia visto.

— Deixe-me apresentá-la a meu amigo, príncipe Varun de Patna. Estamos indo para Oxford juntos este ano. Vamos ensinar a todos uma coisa ou duas sobre críquete, não vamos? — Raj fez o gesto de arremessar uma bola.

— Com certeza — o príncipe Varun concordou. — Vocês estão apreciando a viagem?

Me virei para Indira, que normalmente responde por nós duas nessas situações. Mas Indira estava olhando fixamente para os olhos do príncipe Varun, aparentemente hipnotizada.

— Sim — apressei-me a responder. — É minha primeira vez no exterior.

— Então se prepare para ficar impressionada com a Inglaterra e horrorizada com o clima — Raj brincou. — Espero que tenham colocado muitas roupas de algodão e sal de Epsom no baú. E esteja preparada para os banhos de mostarda

caso venha a pegar um resfriado na escola. Você nunca imaginou algo igual.

Indira ainda estava em silêncio, olhando para Varun, então continuei:

— Sim, acho que estamos bem preparadas.

— Bom, bom. Vamos deixar vocês se divertirem — Raj fez uma reverência para mim e olhou para sua irmã. — Você está muito quieta, Indira. Está se sentindo bem?

— Sim. — Indira desviou seus olhos sonhadores do príncipe Varun. — Estou muito bem mesmo.

Ao contrário de sua afirmação anterior, Indira não quis deixar a festa “enfadonha” assim que possível e insistiu em se sentar em um canto e observar os convidados. Depois de certo tempo, até mesmo eu estava começando a bocejar e querer minha cama. Me levantei.

— Vamos, Indy. Estou cansada.

— Só mais cinco minutos — Indira disse. Segui seu olhar até Raj e Varun, que conversavam animadamente com duas mulheres inglesas.

Finalmente consegui arrastar Indira para fora do salão e pelo corredor que levava a nosso quarto. Nos despimos e fomos para a cama.

— Indy, você estava muito quieta esta noite. Qual o problema?

Indira fechou os olhos, mas soltou um pequeno suspiro:

— Sim. Está tudo muito bem. Acabei de conhecer o homem com quem vou me casar, só isso.

— Quê?!

— Olhei para ele e simplesmente soube.

— Você está falando de Varun?

— Claro que estou.

— Mas, Indira, ele é um príncipe! Isso significa que os pais dele já decidiram com quem ele vai se casar.

— Assim como os meus decidiram com quem vou me casar. — Os olhos dela se abriram de repente e ela lançou um daqueles olhares profundos e astuciosos em minha direção. — Te prometo, Anni, ele vai ser meu marido um dia.

Nas semanas seguintes, a vida no navio havia se transformado em um jogo de gato e rato, uma vez que Indira insistia em seguir Raj e Varun, só para ver seu “futuro marido” de relance. Isso incluía ficar discretamente do lado de fora de suas cabines na hora em que saíam para tomar o café da manhã, ou almoçar, ou jogar bilhar, ou jogar críquete em um dos conveses. Tentávamos parecer indiferentes, como se fosse coincidência que os encontrássemos aqui e ali, e nos sentávamos, assistindo ao passatempo que estavam jogando.

De repente, a menina que nunca se importou com sua aparência começou a se preocupar com o que vestiria para o jantar, roubar perfume da penteadeira de sua mãe e batom de sua irmã.

Lamento dizer que achei tudo aquilo ridículo e até mesmo irritante. Indira estava simplesmente vivenciando seu primeiro amor, e eu sabia que aquilo passaria logo. Mas, sendo como era, Indy abraçou aquela paixão completamente, como fazia com todo o resto.

Na véspera de nossa chegada a Southampton, a comitiva real foi convidada para jantar na mesa do capitão. A atenção de Indira flutuava entre o vestido que usaria e o fato de que aquela seria a última vez que veria o príncipe Varun. Diplomáticamente, evitei observar, durante a tola paixão de Indira, que, mesmo que não vestisse nada, Varun continuaria a vê-la como era: uma menina.

— Veja, Minty me emprestou um de seus vestidos antigos! — Indira explodiu porta adentro com um vestido de noite cor de pêssego, de chiffon, pendurado no braço. — E me serve perfeitamente.

— Mas você não vai se arriscar se usá-lo? — avisei, pensando nos vestidos formais de algodão, abotoados até o pescoço, que eram adequados para nossa posição ainda juvenil.

— Vou! Anni, você não entende? Tenho que fazer algo dramático para Varun me notar!

— Você não vai conseguir. A Senhorita Reid não a deixaria aparecer em público vestida *com isso* nem em um milhão de anos! Além disso, o que sua mãe diria?

— Vou fazer quatorze anos daqui a quatro meses. Minha nossa, muitas garotas na Índia já estão casadas com essa idade — Indira fez manha. — Anni, você tem que me ajudar; vou me vestir normalmente e, assim que a Senhorita Reid nos deixar na sala de jantar, digo que esqueci alguma coisa e volto para me trocar. O que acha desse plano?

Meu horror se refletiu em minha expressão:

— Por favor, Indy, e seu pai? Você quer desonrá-lo?

— Honestamente, Anni! — Indira colocou o vestido contra seu corpo. — Não é como se eu estivesse usando apenas calcinha e sutiã. É só uma versão mais adulta do que normalmente usamos.

De fato, o vestido era razoavelmente decente, com a gola quadrada, o corte do corpete abaixo do seio e ondas suaves de chiffon até os pés.

— Foi o vestido que Minty usou em seu aniversário de dezesseis anos. Então não pode ser tão ruim, pode?

Respirei fundo, percebendo que, independentemente de minha opinião, aquilo era um *fait accompli*^[24].

Mais tarde naquela noite, assim que a Srta. Reid nos levou pela grande escadaria do navio e nos aproximamos da entrada da sala de jantar, Indira levou uma das mãos até a boca.

— Ah, Senhorita Reid! Eu disse que emprestaria um livro para Lady Alice Carruthers e prometi trazê-lo para hoje à noite. Certamente vai haver muita confusão amanhã quando o navio aportar.

— Gostaria que eu o buscasse para você, querida? — a Srta. Reid perguntou.

— Não, não se incomode. Eu vou. Sei exatamente onde está.

Indira se virou e correu escada abaixo antes que pudesse ser impedida, deixando a mim e à Srta. Reid paradas diante da porta da sala de jantar.

Sentei-me em uma das cadeiras com bordas douradas do corredor.

— Por favor, Senhorita Reid, vou esperar por ela. Sei que você não comeu ainda e amanhã será um longo dia. Ficarei bem aqui, sério.

— Se você tem certeza, querida — ela concordou. — Conhecendo Indira e a bagunça em que deixa suas coisas, pode levar uns quinze minutos para ela voltar, e tenho tanta coisa para colocar nas malas depois do jantar...

— Insisto, não se preocupe — eu disse, aliviada por ter conseguido convencê-la a ir para a cantina onde os empregados faziam suas refeições. — Prometo que não me mexo até ela voltar.

— Tudo bem, querida, obrigada. Volto para pegar vocês às dez.

Enquanto a via descer as escadas, eu sabia que o fato de me considerar mais confiável que Indira ajudou nesse momento. Raramente fiz algo errado em sua presença. Enquanto esperava por Indira, me diverti observando os convidados elegantes que entravam na sala de jantar. Eles falavam com sotaque britânico, e eu me esforçava para entender muita coisa do que diziam. Foi então que percebi que aprender inglês na Índia deveria ser bem diferente da realidade de entender e se fazer entender em terras britânicas.

Finalmente, logo que os últimos convidados passaram por mim e entraram na sala de jantar, e eu já começava a me desesperar que Indira não chegaria antes da Graça — a oração que os ingleses faziam antes de cada refeição —, uma visão em chiffon pêssego subiu as escadas em minha direção.

Pisquei, mal acreditando como a minha amiga travessa havia mudado. O vestido abraçava seu corpo magro e alto com perfeição. Seu cabelo estava no topo da cabeça, preso com cliques e uma rosa cor de pêssego do lado. Ela estava estonteante. Na verdade, era uma versão mais jovem de sua mãe.

— Como estou? — sussurrou, apreensiva.

— Linda. Vamos — eu me levantei, indo em direção às portas da sala de jantar. Assim que as abri, o mestre de cerimônias bateu palmas e disse:

— Altezas, senhoras e senhores, por favor, silêncio para o capitão.

Todas as cabeças se voltaram para o capitão, que, quis o destino, estava sentado no centro da sala, a apenas alguns metros de distância das portas gigantescas por onde eu e Indira entrávamos disfarçadamente. Todos os olhos se desviaram para nós, e eu me senti pega em flagrante, ficando tão vermelha quanto o batom que enfeitava os lábios de Indira.

O capitão ajustou seu olhar, acompanhando os demais convidados.

— Senhoritas — fez um gesto em nossa direção. — Por favor, tomem seus lugares antes de eu dar início à Graça.

— Obrigada. — Sem qualquer embaraço, Indira caminhou em direção à mesa do capitão com a cabeça erguida, com uma postura magnífica e indiferente por ser o centro das atenções. Pela primeira vez eu a vi como uma princesa de verdade. Assumimos dois assentos reservados para nós no canto da mesa, mas, enquanto a seguia, meu olhar procurou pelo príncipe Varun. E não havia dúvida de que ele a admirava com uma expressão diferente nos olhos.

Continuei a observar Indira naquela noite, como se o vestido cor de pêssego houvesse lhe dado maturidade, elegância e charme. Até mesmo seus pais, que deveriam ficar chocados ao vê-la entrar, olhavam para ela com bondade.

Mais uma vez, pensei, me sentindo desarrumada e desconfortável em meu vestido de musselina, a beleza jogou seu feitiço em todos os que procuravam por ela. Longe de sentir raiva, todos abraçaram Indira. Assim que a banda começou a tocar, o próprio marajá guiou sua filha para a pista de dança. Depois dele, Raj também dançou com ela e, finalmente, o príncipe Varun. Quando a Srta. Reid chegou para nos pegar às dez horas e perguntou por Indira, apontei para a pista de dança.

Observei os olhos da Srta. Reid procurando sua pupila.

— Onde?

— De vestido cor de pêssego, dançando com o príncipe Varun.

Vi quando ela reconheceu Indira. Uma mão lentamente se levantou até seus lábios, horrorizada, enquanto olhava apreensiva em direção à marani.

— Certamente vou perder o emprego. Você sabia do plano dela?

— Sabia. Mas o que eu podia fazer?

— O que qualquer uma de nós podia fazer? — A Srta. Reid suspirou com pesar. — Ela é uma princesa.

Deitada na cama naquela noite, ouvi os detalhes do triunfo de Indira, que culminou numa dança com o príncipe Varun. Aparentemente, no final, ele sussurrou em seu ouvido que ela estava se transformando numa mulher linda, como sua mãe. E alguma coisa dentro de mim — nada mais que uma pequena rachadura — começou a corroer minha crença de que Indira e eu ficaríamos juntas para sempre. Ela estava crescendo diante de meus olhos e um dia, pensei, mordendo os lábios com força para não chorar, minha amizade apenas não seria

mais suficiente para ela. Ela desejava o amor de um homem.

Acordei com uma sensação de apreensão no dia seguinte, esperando as repercussões da performance de Indira. Mas não houve nenhuma. Em vez disso, enquanto todos corriam de um lado para o outro, despedindo-se dos amigos que fizeram a bordo, tudo o que ouvi foi que Indira estava deslumbrante na noite anterior. Parecia que o patinho feio se tornara um cisne e ninguém parecia se incomodar com o modo como ela ignorara as regras da sociedade.

Enquanto Indira pulava de cabine em cabine se despedindo de seus novos amigos, fiquei no convés para ver o país do qual tanto ouvira a respeito.

Embora ainda fosse agosto, um dos meses mais quentes na Inglaterra, como disseram, eu tremia em minha blusa fina de algodão. Ainda era cedo, e uma neblina baixa cobria o porto de Southampton. Inspirei o ar inglês pela primeira vez, e, pensei, sua brandura era marcante. Tinha o aroma limpo de brisa salgada.

Tentei me libertar de meu humor melancólico, lembrando que estava a uma hora de pisar na terra verdejante e agradável que havia inspirado alguns dos maiores escritores do mundo em suas obras-primas.

Mas não consegui.

Talvez, me consolei, estivesse exausta por causa do estresse emocional da noite anterior, mas sabia que era mais que isso. Ainda não habituada aos sentimentos novos e estranhos dentro de mim, que chegaram com o som daquela música, e fiquei ali parada enquanto um arrepio percorria minha espinha, minha pele formigava e os pelos finos de meus braços se eriçavam. Aprendi, desde então, que aquela sensação me alertava do perigo. Mas, naquele dia, enquanto me esforçava para entender o significado daquilo, apenas sentia como se cada um de meus sentidos estivesse em alerta geral.

O navio soou sua trombeta uma última vez enquanto aportávamos e o convés exibia um júbilo festivo. No cais, figuras diminutas acenavam com bandeiras do Reino Unido enquanto aguardavam um primeiro vislumbre de seus entes queridos retornando para casa.

Assim que todos desapareceram para dentro de suas cabines para coletar seus pertences e se preparar para o desembarque, o convés ficou vazio e eu me vi só. Estremeci outra vez, tanto por causa da sensação de solidão e de medo como de frio. O levar uma mão no bolso para encontrar um lenço, um par de braços marrons e quentes abraçou minha cintura por trás.

— O que você está fazendo aqui sozinha? Procurei por você em todo lugar. — Indira me abraçou apertado, sua respiração suave derretendo o gelo que se formava em minhas veias.

— Estava olhando para a Inglaterra.

Ela me virou de frente para ela e me estudou.

— Você estava chorando, Anni. Por quê?

— Não tenho certeza — respondi, com honestidade.

Um dedo esguio enxugou uma lágrima de meu rosto.

— Não chore, Anni, e não tenha medo, por favor. Estou aqui, lembra? —
Indira colocou seus braços a meu redor e me abraçou. — E sempre vou estar.



Durante as duas semanas seguintes, ficamos todos em uma casa de arquitetura vitoriana na Pont Street, em Knightsbridge. Apesar de parecer uma toca de coelho em comparação com o palácio com que estávamos acostumados, seu tamanho não tinha importância já que havia tanto para ver do lado de fora. Apesar dos protestos de Indira de que odiava a Inglaterra, ela imediatamente confiscou o motorista da família, determinada a me mostrar as belezas de Londres. Passeamos pela The Mall para ver o Palácio de Buckingham e a troca da guarda. Visitamos a Torre de Londres, onde Indira se divertiu me contando histórias com detalhes sombrios sobre como Henrique VIII, rei da Inglaterra, decepcionou a cabeça de duas de suas esposas porque vivia querendo se casar com outra.

— Que tolice terem permissão para se casar com apenas uma mulher de cada vez e ter que matar uma se quiserem se casar com outra — ela disse, rindo. — Sabe, meu pai já poderia ter oito esposas se quisesse.

Fomos para a Trafalgar Square, alimentamos os pombos perto da Nelson's Column e tomamos um barco para navegar pelo Rio Tâmis. Mas, na verdade, o lugar preferido de Indira em Londres ficava a apenas alguns metros de nossa casa na Pont Street.

Enquanto me guiava pelas portas de entrada, ela me informou que estávamos entrando na loja mais famosa do mundo.

— Amo a Harrods; eles vendem de tudo, de chaves novas para um cadeado quebrado a queijo, roupas, até elefantes indianos! E — acrescentou, enquanto tomávamos o elevador — *Ma* tem uma conta aqui, então, se quiser alguma coisa, é só falar.

De fato, a Harrods, ou loja de departamentos, como Indira dizia, era como a caverna de Aladim. Às vezes Indira brincava com os vendedores de expressão rígida, perguntando se tinham papagaios ou jacarandás em estoque.

— Sim, madame, você irá encontrar papagaios no departamento de animais e as árvores no departamento de jardinagem. Se não encontrar o que deseja, tenho certeza de que a Harrods poderá providenciar — o vendedor respondia.

— Ah, Indy, por favor não os irrite! — eu implorava, enquanto ela se afastava rindo e eu morria de vergonha.

Ela me levou para o andar superior, para o espetacular departamento de brinquedos, onde as vendedoras a cumprimentavam como uma amiga que há muito tempo não viam.

— Quando era bem pequena, eu costumava fugir de casa e vir aqui comprar

tudo o que queria. Colocava na conta da *Ma* e ela demorava para notar — Indira riu, me levando para as escadas que se mexiam sozinhas e que ela chamava de escadas rolantes.

— Você não vai comprar nada lá hoje?

— Não, acho que já estou crescida para esses brinquedos, não acha? Vamos ao departamento de roupas femininas. Nunca experimentei um vestido pronto antes. Vai ser divertido!

Reunindo um grupo de vendedoras que ofereciam um vestido maravilhoso depois do outro, segui Indira para o provador enquanto ela os experimentava. Depois de ficarmos lá por umas duas horas, minha paciência começou a se esgotar.

— Tem certeza de que sua mãe não vai se importar? — perguntei enquanto Indira dava uma pirueta em mais uma criação impressionante e disse à vendedora para acrescentar a sua compra, que já estava enorme.

— Não enquanto não receber a conta, em algumas semanas — sorriu.

Voltando para a entrada, passamos pelo departamento de livros e parei, desejosa, por um instante. Indira notou e, talvez porque estivesse se sentindo culpada por me segurar por tanto tempo no provador, sugeriu dar uma olhada.

Foi então que me encontrei em uma terra das maravilhas toda minha.

À minha frente, na Harrods, estavam inúmeras prateleiras com os mesmos livros que eu havia cobiçado na biblioteca do Palácio de Cooch Behar. E estavam ali para eu os pegar à vontade. Peguei volumes e mais volumes nas mãos, acariciando seus títulos gravados em dourado.

— Escolha o que quiser, Anni — Indira disse, tão impaciente a meu lado quanto fiquei no departamento de roupas femininas.

Pela primeira vez não protestei, e escolhi três livros: *Bleak House*, de Charles Dickens; *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë; e *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. E os abracei junto a mim quando deixamos a Harrods, não acreditando que eram meus e que nunca precisaria devolvê-los.

No quarto que Indira dividia comigo no último andar da casa na Pont Street, arrumei um espaço em uma prateleira e coloquei meus três livros. Jurei, naquele momento, que um dia teria dinheiro suficiente para comprar quantos livros quisesse.

Mesmo maravilhada com os novos cenários e sons da Inglaterra, esse tempo em Londres aumentou minha sensação de dependência da família real de Cooch Behar. No palácio, minhas necessidades eram pequenas, já que eu era apenas uma entre centenas de pessoas que alimentavam e cuidavam. Mas em Londres eu me sentia muito mais consciente disso. Mesmo que Indira sempre tivesse dinheiro de sobra e fosse generosa até demais, eu não gostava de pedir nada a ela. No pequeno quarto de oração, montado em um dos cômodos mais

silenciosos do fundo da casa, fiquei de joelhos e ofereci uma *puja* para Lakshmi, a deusa da fartura, na esperança de que um dia encontrasse um caminho para minha independência financeira.

Alguns dias depois, nossa segunda visita à Harrods, sob o olhar cuidadoso da Srta. Reid, nos levou a um departamento diferente: uniformes escolares.

— Temos que usar gravata como os homens! — Indira reclamou, enquanto a Srta. Reid a ensinava a amarrar o acessório ao redor do pescoço. — Aargh! — Indira colocou as mãos na garganta e arregalou os olhos, fingindo estar aterrorizada. — Parece que estou sendo estrangulada.

Depois, houve um desfile de blusas, aventais e agasalhos que coçavam tanto que parecia que mil pulgas pulavam sobre minha pele.

— E estes — a vendedora disse — são para as meninas vestirem para os jogos, como netball e hóquei — ela exibiu duas túnicas marrons, grandes, sem forma definida, com calças que combinavam.

— Netball? Hóquei? Não quero saber como se jogam essas coisas — Indira disse, insolente.

— Tenho certeza de que você vai adorar quando experimentar, querida — disse a Srta. Reid, uma fonte de paciência infinita. — E você é tão boa com atividades ao ar livre. Você vai gostar dos jogos ingleses como os patos gostam de água.

— Tenho certeza que não — Indira teimou. A Srta. Reid e eu nos olhávamos enquanto Indira entrava batendo os pés no provador para experimentar a túnica horrorosa.

Uma semana depois, fomos levadas de carro até Eastbourne, em Sussex. Indira sentou do meu lado no banco de trás do Rolls-Royce luxuoso, olhando deprimida para a paisagem verde da Inglaterra, que achei muito bonita. O outono havia começado a aparecer; as folhas começavam a ficar douradas e a suavidade das neblinas matinais tinha um efeito soporífico. A Srta. Reid nos acompanhava na viagem, sentada no banco da frente, conversando com o motorista. Chegamos a um prédio cinza e sóbrio, que me fez pensar, talvez injustamente, em Dotheboys Hall, a escola onde o jovem Nicholas Nickleby consegue um emprego de assistente na história de Charles Dickens.

O motorista descarregou nossos baús do porta-malas na frente do carro enquanto Indira se recusava a sair de dentro dele. Eu e a Srta. Reid saímos do veículo e examinamos a escola.

— Não fique nervosa, querida, tenho certeza de que o tempo que você passar aqui vai ser muito benéfico — ela disse, depois acrescentou, falando mais baixo. — Indira vai ficar sem sua criada pela primeira vez enquanto estiver aqui. Lembre-se, você pode não ser uma princesa, mas é uma jovem bem-educada, prima de uma marani. Não deixe que ela trate *você* como criada, entendeu?

— Tenho certeza de que ela não vai fazer isso — respondi, com lealdade.

A Srta. Reid não teve tempo de dizer mais nada, já que uma Indira petulante finalmente saiu do carro e agora estava sentada de pernas cruzadas na passarela de pedriscos.

— Levante-se, querida. — A Srta. Reid chamou sua atenção. — E comece a agir como a jovem adulta que você estava tão desesperada para ser nestas últimas semanas.

Indira não se mexeu. Simplesmente cruzou os braços, como se estivesse querendo provar seu ponto de vista, e olhou em silêncio para o horizonte.

Caminhei até o lado do carro e me agachei perto dela.

— Vamos, Indy, as outras garotas podem te ver e pensar que você é uma criança. Além disso — acrescentei —, pode ser divertido.

— Odeio isso — ela resmungou, e vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Ninguém na minha família se importa que eu vim embora. Meu pai estava até ocupado demais para se despedir. Eles só querem se livrar de mim.

— Você sabe que não é verdade. Eles te adoram; seu pai, especialmente, quer sentir orgulho de você. Ouça — sussurrei, pensando rápido. — Você tem bastante dinheiro, não tem?

Ela concordou com a cabeça.

— Certo — lancei minha última carta. — Então, se a gente não gostar, podemos fugir e embarcar no primeiro navio de volta para a Índia. O que você acha?

Com isso, ela me olhou e seus olhos cintilaram com a possibilidade de tamanha aventura.

— Certo — ela disse, se levantando finalmente e tirando a poeira branca dos gravetos que salpicavam sua saia. — Isso faria eles se arrependem, não faria?

— Sim. Pronta? — perguntei.

— Pronta.

Com nossos dedos firmemente entrelaçados, subimos os degraus e entramos na escola.

A Srta. Reid já havia nos avisado de que chamaríamos a atenção das outras alunas. Meninas indianas ainda eram raras em um colégio interno inglês. Na primeira semana, estávamos preparadas para os olhares e cochichos que nossa presença geraria, além dos risos de quando nos serviam frango em vez de carne bovina na sala de jantar. Como as outras garotas nos ignoravam, nos apoiávamos uma na outra. Especialmente à noite, em um dormitório frio que abrigava dez alunas, quando Indira subia em minha cama e nos abraçávamos, compartilhando calor e conforto.

— Quero ir para casa — ela chorava, e suas lágrimas molhavam minha

camisola. — Por favor, Anni, vamos fazer como você disse e fugir.

— Prometo que vamos logo, mas precisamos ficar tempo suficiente para seus pais perceberem que você realmente tentou.

Indira não era a única que estava triste. Eu também achava que minha nova vida era assustadora. Odiei o frio da alvorada inglesa, quando meus ossos congelavam, e meu corpo se cobria de arrepios à noite. A comida inglesa sem gosto, que parecia ter sido cozida na água usada para lavar os pratos, não tinha tempero e me enjoava. Mesmo quando eu achava que meu domínio e compreensão da língua inglesa eram bons, me esforçava para entender os empregados e as outras alunas, que falavam tão rápido e pronunciavam palavras conhecidas de um jeito muito diferente. Quando faziam uma pergunta, eu ficava parada, sem dizer nada, e só entendia mais tarde o que haviam dito. Os jogos ao ar livre, com bastões de madeira, praticados sobre campos molhados e lamacentos com um conjunto de regras tão confusas que pareciam ridículas, estavam além da minha capacidade. Nunca tive aptidão para jogos com bola, e essas eram as horas do dia de que eu menos gostava.

Devido à incessante chuva inglesa, tudo cheirava a umidade. À noite, não havia aroma de incenso no ar, como no palácio em Cooch Behar; tudo o que brilhava acima de nós era a luz de uma lâmpada nua.

Quando as duas primeiras semanas acabaram, era *eu* quem queria fugir.

Então, o professor de história, que aparentemente estivera de licença para uma viagem ao exterior, chegou em uma manhã a nossa gélida sala de aula. Ele era mais jovem que os professores que conhecíamos até o momento, e sua pele tinha um bronzeado marrom-escuro.

— Bom dia, meninas — ele disse ao entrar na sala. Respeitosamente, todas nos levantamos e em coro respondemos: — Bom dia, senhor.

— Bem, espero que todas tenham tido boas férias de verão. Eu certamente tive. Fui visitar meus pais na Índia.

O resto das meninas parecia entediado, mas eu e Indira ficamos imediatamente interessadas.

— Parece que temos duas alunas novas daquele país. Acredito que uma de vocês seja uma princesa. — Seus olhos se fixaram em mim e em Indira. — Qual das duas seria?

Cochichos animados tomaram a sala repentinamente, e todas as meninas se viraram para nos olhar, tentando adivinhar qual de nós era a princesa. Indira levantou a mão devagar:

— Sou eu, senhor.

— Sua alteza, princesa Indira de Cooch Behar. — O professor sorriu. — Visitei Cooch Behar há dois anos e vi o palácio maravilhoso onde sua família mora.

Isso causou outra onda de cochichos animados e muito olhares pasmados.

— Sim, senhor. — Indira baixou os olhos.

— Talvez, Indira, você queira nos contar, em algum momento, a história de sua família e o modo como vive. Acho que todas as meninas aprenderiam muito com seu relato.

— Sim, senhor.

— E você? — perguntou, olhando para mim. — Onde você vive?

— Moro no palácio também, senhor.

— Entendo. Mas você não é uma princesa?

— Não, senhor, não sou.

— Anni é minha melhor amiga — Indira disse, com elegância. — E minha acompanhante.

— Que bom, que bom. Bem, agora, meninas, espero que estejam ajudando a princesa Indira e a Senhorita Chavan a se sentirem em casa. Vou contar o que vi durante minhas viagens pela Índia Britânica.

Assim que a aula terminou, fomos coletar nossas garrafas de leite amarelado para o lanche das onze e um pouco do ar revigorante da costa, que os britânicos pareciam pensar ser essencial. Normalmente, Indira e eu ficávamos em um canto do pátio, discretamente derramando nosso leite nos arbustos. Naquele dia, foi diferente. As garotas nos seguiram.

— Você é uma princesa mesmo?

— Você mora em um palácio?

— Você tem muitos criados?

— Você já andou de elefante?

— Você usa coroa quando está em casa?

As garotas, empolgadas, se aglomeraram ao redor de Indira e eu fiquei de lado, observando enquanto ela sorria graciosamente e respondia quantas perguntas pudesse. Mais tarde, quando o sino do almoço tocou e entramos em fila na sala de jantar, uma garota chamada Celestria, que todo mundo em nossa classe gostaria de conhecer, se aproximou de nós.

— Você gostaria de se sentar conosco, princesa Indira?

— Claro.

Observei Indira se afastar de mim, conversando com Celestria. Então, ela se virou e fez um sinal para mim:

— Anni, você tem que vir também.

Celestria concordou, mas, quando chegamos à mesa longa, as meninas se juntaram nos bancos para dar espaço para Indira e Celestria no centro. Fui deixada na ponta da mesa, quase sem espaço.

Naquela hora, assisti Indira florir com a atenção e admiração que recebeu. Não podia culpá-la por isso. Ela passou a vida toda rodeada por pessoas demonstrando subserviência e a aceitação de cada uma de suas vontades. Ela nasceu “especial”. Eu, Anahita, não.

Vou me lembrar daquele primeiro inverno na Inglaterra como um dos períodos mais desoladores de minha vida. Conforme a confiança de Indira aumentava, sua personalidade exuberante começava a se impor, e as outras garotas competiam por sua atenção. Ela subiu na hierarquia para assumir seu posto de direito como abelha-rainha, tão naturalmente quanto o nascer do sol de todas as manhãs. Mesmo que fizesse o possível para me incluir, as outras meninas deixavam claro que não estavam interessadas em uma mera acompanhante, que não exibia o tipo de charme cativante que Indira tinha de sobra. Fiquei cada vez mais isolada e passei muitos horários de almoço na biblioteca, lendo sozinha, não desejando envergonhar Indira com minha presença incômoda.

Para piorar as coisas, o corpo de Indira cresceu como o de um cisne, com todas as partes que surgem na puberdade combinando com sua altura e nas proporções certas, apenas aumentando sua elegância. Os hormônios e a dieta pesada inglesa apenas faziam meu corpo crescer ainda mais dos lados. Também notei que, quando estava lendo sob a luz fraca, mal podia decifrar as palavras. Fui enviada para o médico da escola, que me receitou um par de lentes feias e grossas para leitura.

Em raras ocasiões, Indira se deitava em minha cama à noite e me abraçava.

— Você está bem, Anni? — ela perguntava baixinho em meu ouvido.

— Sim, claro — eu mentia.

Ela raramente me notava durante o dia, quando passava o tempo com suas novas amigas da aristocracia inglesa. Eu sentia que me tornara um fardo e motivo de vergonha para ela. Então me fechei em meu mundo de livros e ansiei pelo mês de junho, quando voltaríamos ao palácio e tudo seria como antes entre nós.

Meu coração ficou mais leve quando a primavera chegou à Inglaterra e voltamos para a casa de Londres para o feriado da Páscoa. Mas, mesmo lá, vi Indira menos do que via na escola, uma vez que ela era convidada para ficar com inúmeras de suas novas amigas ou para tomar chá em hotéis refinados.

Uma tarde, ela voltou de um desses eventos e me encontrou lendo na cama.

— Anni, será que eu poderia pedir a você um grande favor? — ela começou, com seu novo sotaque inglês, adotado recentemente.

Tirei os óculos e olhei para ela:

— Sim, Indy, o que é?

— Bem, é que os pais da Celestria estão na França e ela estava dizendo que é

um tédio ficar na casa de campo só com a companhia da governanta. Ela me perguntou se podia ficar conosco aqui na Pont Street. *Ma* disse que sim.

— Que bom — consegui dizer.

— Bem — ela suspirou. — O problema é que o único quarto disponível é aquela coisa velha no corredor. Não posso hospedar Celestria nele. Ela é filha de um lorde, afinal. Então, estava pensando, se você não se importar *muito*, só na semana em que ela ficar aqui, de se mudar para lá.

— Claro — respondi.

No fundo, não me importava — não estava preocupada por me mudar para um quarto de empregados. Mas aquele momento contribuiu para aquela sensação de medo e receio crescente que se apoderara de meu coração durante todo o inverno. Ela estava destinada a se unir às classes mais altas da sociedade e um dia se tornar a esposa de um marajá, enquanto eu...

Eu não sabia.

Para piorar as coisas, quando Celestria tomou meu lugar na velha cama ao lado da cama de Indira, os rumores da guerra iminente aumentavam. Todos em Londres asseguravam uns aos outros que, claro, o *Kaiser* não seria tolo o bastante para lançar um ataque não provocado a um país vizinho. Tudo em que eu pensava era que, se houvesse guerra, certamente não poderíamos voltar para a Índia durante as férias de verão, dali a dois meses.

Os pais de Indira voltaram para casa poucos dias depois do feriado da Páscoa. Na viagem de volta para a escola, quando finalmente eu tinha Indira só para mim, toquei no assunto com ela.

— Todos dizem que não haverá guerra — ela disse, desconsiderando meu comentário. — Além disso, tenho certeza de que podemos ficar na casa na Pont Street, se for necessário. Ouvi dizer que a temporada social é divertida em Londres.

Fiquei chocada com sua indiferença. Essa era a mesma garota que, apenas alguns meses antes, chorou porque sentiria falta de sua elefanta de estimação? O ar de sofisticação falso que Indira, sendo uma grande mimica, insistia em copiar de suas amigas inglesas me fez desejar chacoalhar a cabeça dela com força de tanta frustração.

Mais tarde, quando chegamos de volta à escola e Indira me perguntou se estava tudo bem se ela se mudasse para um dormitório com Celestria e suas outras amigas, concordei sem protestar. Tive que aceitar que Indira estava mudando irrevogavelmente.

O bimestre de verão passou mais rápido que os anteriores, em parte porque percebi que Indira, pelo menos por enquanto, estava perdida para mim. Charlotte, a garota que agora ocupava a antiga cama de Indira ao lado da minha, era gentil e simpática. Seu pai era um missionário da igreja cristã no exército, servindo no exterior. Ainda que jamais pudesse ter outra amizade como aquela

que compartilhava com Indira, Charlotte e eu tínhamos coisas em comum. Como sua educação era paga pelo exército, ela levava os estudos a sério, ao contrário de muitas de nossas colegas de classe, que viam a escola como um lugar de distração até serem apresentadas à sociedade e a um casamento vantajoso. Charlotte havia decidido se tornar governanta quando deixasse a escola.

— Meu pai ganha pouco, que ele guarda para usar quando ele e minha mãe se aposentarem. Mas não há nada para mim, então devo ficar em casa com eles ou trabalhar para viver — ela me confidenciou uma noite.

Isso me fez pensar que eu talvez pudesse ter um futuro como governanta também. Ao final de meus estudos, certamente estaria educada o suficiente para ensinar crianças pequenas. Mas então, pensei, suspirando: quem iria me querer? Na Índia era questão de status empregar mulheres inglesas, mas nenhuma família, em nenhum dos dois continentes, iria querer uma indiana ensinando seus filhos, não importava quão competente ela fosse.

Conforme os dias passavam, percebi que estava presa em uma terra de ninguém. Fui criada em um palácio, mas era pobre; estava sendo educada na Inglaterra, mas tinha a cor errada para fazer uso de minhas qualificações. Eu não era parte da classe trabalhadora, mas também não pertencia à aristocracia para conseguir um bom casamento. Pensei na pequena bolsa de estopa enterrada debaixo da rotunda nos jardins do Palácio de Cooch Behar e pedi a todos os deuses e deusas que conhecia que ainda estivesse lá, segura e intocada.



Mais rumores de guerra se espalharam no início de junho. Não havia possibilidade de voltarmos para a Índia. Nem de passar o verão na casa na Pont Street, que foi fechada, e a maioria dos empregados se alistou. Além disso, a mãe de Indira tinha medo das possibilidades de bombardeios em Londres, então foi providenciado para que passássemos o verão o mais longe possível dali. Viajamos para um condado chamado Devon, no sudoeste da Inglaterra. A viúva de um ex-residente de Cooch Behar — oficial britânico de cargo mais elevado presente em um dos principados — se ofereceu para nos receber durante as férias.

— Não acredito que *Ma* esteja nos obrigando a ir para lá! Ainda nem declararam guerra — Indira reclamou, jogando suas roupas de qualquer jeito em um baú. — Implorei para ela me deixar ficar com Celestria, mas ela disse não. O que vou fazer por um verão inteiro, presa no meio do nada sem nenhum amigo?

Eu *queria* dizer — queria, mas não disse — que estaria lá como companhia. Mas, quando partimos rumo a Devon, ela se sentou tão longe de mim quanto pôde, seu rosto virado para o outro lado. Como de costume com Indira, a linguagem de seu corpo revelava tudo o que suas palavras não diziam. Eu queria poder ter ficado na escola, como algumas das meninas cujos pais estavam no exterior. Incluindo minha amiga Charlotte. Mas como poderia explicar para a marani que a filha dela não me queria mais como sua acompanhante?

Esses eram pensamentos que eu não podia revelar a uma mulher que havia me dado abrigo e pagado por minha educação porque acreditava que sua filha me amava e precisava de mim.

Olhei para uma Indira emburrada e sabia que ela não precisava mais de mim.

Quando entramos no parque que contornava Astbury Hall, demorou alguns minutos para vermos a casa. Olhei para ela fascinada, pois lembrava muito o Palácio de Cooch Behar na forma e no estilo. Era como se fossem almas gêmeas: uma nascida do calor; a outra, do gelo. Mais tarde, descobri que o arquiteto que desenhara o palácio inspirou-se em certa medida em Astbury Hall, então não era surpreendente o fato de que o prédio a minha frente, com sua cúpula em domo como centro da estrutura, parecia familiar.

Quando paramos em frente aos degraus enormes que levavam à porta de entrada, ela se abriu, e empregados da casa começaram a sair. Eles formaram uma fila ao longo da escadaria enquanto saíamos do carro. A princesa Indira estava recebendo boas-vindas dignas de um membro da realeza. Subimos a escada, passando pelos criados, em direção a uma mulher de expressão rígida e

quadris largos, usando um vestido antiquado da era eduardiana.

— Meu nome é Maud Astbury. Seja bem-vinda a Astbury Hall, princesa Indira.

— Obrigada, Lady Astbury — Indira respondeu, com educação.

Ela levou Indira para dentro e eu as segui.

— Espero que seu quarto esteja adequado, querida. Estamos com poucos criados, já que os jovens estão se alistando.

Indira, sempre graciosa quando era tratada como realeza, concordou com a cabeça:

— Claro, entendo. É muita generosidade sua me receber.

— Meu filho, Donald, está voltando para casa em alguns dias para as férias. Ele, pelo menos, vai ser capaz de entretê-la.

Como sempre, eu estava atrás de Indira, me sentindo desconfortável. Finalmente, os olhos de Lady Astbury me encontraram.

— Vejo que você trouxe sua própria criada.

— Não — Indira disse, rapidamente. — Anahita é minha amiga e acompanhante.

— Entendo. — Havia surpresa na expressão de Lady Astbury quando levou Indira para longe de mim até o pé de uma grande escadaria. Ela aproximou a cabeça para perto de Indira e as duas cochicharam.

— Claro, vou ver o que pode ser providenciado. Agora, princesa Indira, a criada irá levar você e sua... acompanhante para seus quartos. Por favor, me diga se há algo de que precise em sua estadia. Vejo você no jantar.

— Sinto muito, Anni — Indira disse outra vez quando viu o espaço pequeno e escuro no sótão onde fui confinada. — Obviamente *Ma* estava tão nervosa que se esqueceu de mencionar que você vinha também. Lady Astbury prometeu preparar um quarto no andar principal para você amanhã. Você se incomoda muito em ficar aqui esta noite?

— Claro que não — respondi, satisfeita com o que parecia ser uma preocupação genuína. — A vista é linda daqui.

Indira espiou pelo pequeno painel de vidro instalado no beiral da casa.

— Sim, você está certa. De qualquer modo, se não suportar ficar aqui, minha cama é grande o bastante para ao menos outras quatro pessoas. — Ela sorriu para mim.

— Vou ficar bem aqui.

— Bem, estarei lá embaixo, se você precisar de mim. Anni — ela disse, pegando minhas mãos. — Desculpe se eu a abandonei na escola. Não era minha

intenção, de verdade.

Ela colocou os braços a meu redor, como costumava fazer nos dias em que éramos apenas nós duas contra o mundo.

— Desça quando terminar de arrumar as coisas — ela pediu, com um pequeno aceno ao sair.

Uma semana após nossa chegada à casa, Lady Astbury parecia ter convenientemente se esquecido de minha mudança para um quarto no mesmo andar que Indira, e eu ainda estava acomodada no pequeno quarto no sótão. Descobri que era impossível dormir além das seis, quando o sol atravessava minha janela sem cortina e banhava o quarto com sua luz incandescente. Olhei para fora e vi que era mais um dia lindo. Agitada, lavei o rosto na bacia que providenciaram para mim e desci as escadas através da cozinha para apreciar o nascer do sol de lá de fora.

Enquanto caminhava pela enorme varanda, que não precisava de jacarandás para protegê-la do fraco sol inglês, senti o aroma da grama recém-cortada. Desci os degraus e segui até o jardim, onde perambulei admirando canteiro por canteiro de rosas magníficas. Enquanto eu me luxuriava com a tranquilidade e o silêncio da manhã, minha mente retornou para uma manhã de verão típica na Índia. Aqui na Inglaterra constante e moderada, o clima não dominava nem destruía. As temperaturas caíam no inverno, tornando a vida menos agradável, mas, até onde pude notar, não havia monções, terremotos nem, na verdade, qualquer desastre natural nas ilhas britânicas.

Na Índia, pensei, era o oposto. Tudo era vibrante, colorido, com drama de sobra. As temperaturas eram altas, o vento soprava forte, os rios transbordavam; tudo era violento e imprevisível.

Eu também estava começando a entender que, ao contrário da natureza impetuosa dos homens de meu país, via de regra os britânicos não demonstravam emoções. Sentada em um banco, me lembrei de quando minha amiga Charlotte soube da morte de sua mãe, um pouco antes do fim do bimestre. Ela recebeu a notícia estoicamente, com resignação e poucas lágrimas. Então pensei em mim, dois anos atrás, chorando e gritando pela perda de minha mãe, e naquele dia terrível no templo.

E eu sabia que, ainda que os britânicos estivessem sempre em guerra em alguma parte distante e estranha do mundo, o solo em que pisava não era invadido havia mais de duzentos anos.

Mas tudo isso poderia mudar nas próximas semanas ou meses. O *Kaiser* marcharia com suas botas pesadas de couro pela Europa e levantaria o punho para essa pequena nação que, de algum modo, havia conquistado uma parte do mundo e construído um império onde, como os ingleses adoravam lembrar, o sol nunca se punha?

— Olá, você é nossa princesa indiana?

Eu estava tão imersa em meus pensamentos que não ouvi ninguém se aproximar. Ergui os olhos para encontrar os olhos mais azuis que já havia visto. Eles adornavam um rosto que ainda tinha as feições indistintas da adolescência, que antecediam os contornos finais da aparência adulta. Seu cabelo, para meus olhos indianos, era da cor e da textura da palha. Ele tinha a palidez rosada típica dos ingleses, que tantos indianos almejavam.

Para mim, diante daquele amanhecer, ele se parecia com o Adônis dos mitos gregos que estudei nas aulas de História.

— Eu...

Quando comecei a responder, o som suave da música começou em meus ouvidos, e eu achei difícil me concentrar. Um arrepio já familiar correu por minha espinha. Alguém, ou alguma coisa, estava me dizendo que aquele estranho teria um papel a desempenhar em meu futuro.

— Você entende inglês? — ele insistiu.

— Sim — tentei ignorar o som em meus ouvidos dizendo aos deuses que entendia o que estavam tentando me dizer. Que recebi a mensagem em alto e bom som. — Falo um bom inglês — respondi.

— E seu nome é Indira?

— Não, sou acompanhante dela. Meu nome é Anahita Chavan, ou apenas Anni.

— Olá, Senhorita Chavan, ou apenas Anni — ele disse, estendendo a mão. — Sou Donald Astbury. Como está?

Como era o caso entre todos os ingleses, suas maneiras eram impecáveis.

— Muito bem, obrigada — respondi, modestamente.

Ele se sentou a meu lado no banco.

— Então, posso perguntar o que você está fazendo no jardim tão cedo?

— O sol que entra pela minha janela me acorda. E você?

— Ah, cheguei da escola na noite passada. Somos despertados às seis e meia por lá, então acordei aqui pontualmente. Está uma manhã tão gloriosa que decidi me levantar e visitar minha égua no estábulo.

— Eu amo cavalos — disse pesarosamente.

— Você monta?

— Sim, aprendi antes mesmo de andar sobre meus dois pés.

— Não sabia que ensinavam montaria desde o berço na Índia, como fazem aqui.

— Claro! De que outro modo você acha que nos locomovemos por milhares de anos?

— Certo, certo — Donald disse, com um sorriso. — O que você acha de conhecer nossos estábulos?

— Adoraria — respondi, empolgada.

— Então, venha. — Ele me ajudou a levantar e começamos a atravessar o jardim. — O que está achando da Inglaterra?

— Há algumas coisas de que gosto, outras não.

Ele me olhou de repente:

— Você é sensata, e seu inglês é excelente. Posso perguntar sua idade?

— Completarei quinze anos em poucos meses — respondi, exagerando um pouco.

— Meu Deus. As inglesas da sua idade que conheço ainda são crianças tolas.

— Obrigada.

— Por nada — ele respondeu, enquanto nos aproximávamos dos estábulos. — Agora, veja, esta é minha égua, Glory. Minha mãe escolheu o nome Gloria, por causa de uma tia solteira, mas não achei que combinava com ela, então mudei. O que você acha dela?

Olhei para a égua e vi que Glory realmente era uma puro-sangue gloriosa. Pelos meus cálculos, tinha dezesseis palmos de altura. Estendi a mão e a coloquei sob seu queixo, acariciando seu rosto longo e lustroso.

— Nossa, estou impressionado — Donald comentou. — Normalmente ela é manhosa e reclama quando um estranho a toca. Você obviamente tem o dom, Anni.

— Parece que os entendo, de algum modo.

— Bem, o que você acha de montar? Eu adoraria ver se Glory aceitaria você sobre ela. Normalmente ela empina e joga o cavaleiro longe. Vamos ver se ela deixa você montar.

— Eu gostaria de tentar — disse, ansiosa.

— Saia com ela que vou colocar a sela — meu novo amigo me instruiu. — Tenho certeza de que ela vai nos dizer se está de bom humor para nos agradar.

Fiz o que ele pediu e, então, assim que Glory ficou parada, montei em suas costas, levantando minha longa saia até onde a modéstia me permitia para montar com uma perna em cada lado.

Donald sorriu.

— Parece que ela está perfeitamente feliz com você aí. Vou pegar o garanhão.

Cinco minutos depois, estávamos trotando amistosamente pelo parque. Ele parou seu cavalo de repente e me olhou.

— Está disposta a tentar um terreno mais acidentado? Dartmoor fica,

literalmente, a poucos minutos daquele lado — ele disse, apontando para a sua esquerda. — É um terreno maravilhoso, e acho que você é boa o bastante para conseguir.

— Claro — concordei, sem saber o que esse Dartmoor era, mas me sentindo mais feliz e mais livre do que me sentia há meses. — Seguirei você.

— Certo — Donald concordou, e imediatamente saiu galopando, com Glory e eu fazendo nosso melhor para acompanhá-lo.

Assim que deixamos o parque e aceleramos na várzea, uma brisa quente soprou entre meus cabelos e eu senti o pesar que me afligia começar a ficar mais leve. Primeiro me concentrei em guiar nosso caminho pelo terreno desigual e rochoso. Mas Glory parecia saber exatamente aonde ir. Percebendo que ela estava no controle, relaxei e apreciei a cavalgada.

Quarenta minutos depois, estávamos de volta aos estábulos, cavalos e cavaleiros ofegando de cansaço.

— Minha nossa — Donald disse, desmontando e entregando as rédeas para o garoto sonolento no estábulo. — Você é de longe a melhor amazona que já vi.

Percebi que ele me olhava com admiração genuína.

— Obrigada. Tenho certeza de que você vai descobrir que a princesa Indira é igualmente competente — respondi, com lealdade.

— Então estou ansioso por testá-la também, mas duvido que ela possa ser melhor que você. — Ele me ofereceu uma mão para me ajudar a desmontar. — Bem, Anni, espero que me acompanhe em cavalgadas futuras — disse, enquanto caminhávamos juntos de volta para a casa. — Amanhã de manhã, talvez? As seis e meia em ponto?

— Adoraria, claro.

Subi as escadas flutuando para me lavar antes do café da manhã, me sentindo feliz depois de meses.

Apesar de meu receio de não poder voltar para a Índia, nunca esquecerei aquele primeiro verão em Astbury. Mesmo com a Grã-Bretanha oficialmente declarando guerra à Alemanha em 4 de agosto, permanecemos relativamente intocados. Quando o racionamento de comida começou, quase não percebemos, uma vez que a casa, com seus milhares de acres de terra fértil, era autossuficiente.

Ainda que Donald fosse muito jovem para se alistar, um evento em particular me fez perceber o sofrimento e a mudança pela qual outros estavam passando. Selina, filha de Lady Astbury, veio morar conosco quando seu marido, capitão do exército britânico, foi deslocado para a França. Estavam casados havia pouco mais de um ano, e Selina estava grávida de oito meses de seu primeiro filho.

Às vezes, durante a tarde, eu a encontrava sentada no pomar, que abrigava

muitas plantas exóticas que gerações de Astburys haviam trazido de suas viagens. Reconheci algumas do livrinho de capa de couro de minha mãe e comecei a colher algumas folhas, para depois moer, deixando-as secar ao sol que iluminava o minúsculo beiral da janela de meu quarto no sótão. Durante minhas expedições pelo jardim e, às vezes, pela várzea, encontrei ervas e plantas ainda menos comuns e, depois de pedir alguns potes que não eram úteis na cozinha, minha coleção começou a crescer.

— O que você faz com todas essas folhas que pega, Anni? — Selina me perguntou em uma tarde úmida no pomar, enquanto se abanava de sua cadeira e me olhava com aparente interesse.

Eu não sabia como responder, mas decidi dizer a verdade:

— Uso para fazer remédios — disse.

— Verdade? Você aprendeu isso na Índia?

— Sim. Minha mãe me ensinou. — Eu não queria me aprofundar no assunto, preocupada que ela pudesse achar que eu fosse algum tipo de bruxa.

— Minha nossa, como você é inteligente — ela respondeu, com admiração sincera. — Sei que meu pai acreditava fielmente em remédios locais quando estava na Índia. Bem, se você tiver alguma poção especial para apressar o nascimento dessa criança, eu ficaria grata.

Estudei a forma de sua barriga, vi que a criança que carregava havia descido nos últimos dias, o que significa que a cabeça já estava para baixo.

— Não acho que vá demorar muito.

— Verdade? Você pode ver?

— Sim. — Sorri. — Acredito que sim.

Infelizmente, apesar de seus protestos sinceros no dia em que chegamos a Astbury, eu via Indira com menos frequência, como jamais acontecera. Lady Astbury cedeu a suas súplicas e aceitou que algumas de suas amigas de Londres fossem convidadas para lhe fazer companhia. Tive a impressão de que Lady Astbury tinha segundas intenções com isso; afinal, logo Donald teria que escolher uma noiva bem-educada entre a alta sociedade britânica. As amigas que Indira apresentava à família poderiam ser valiosas.

— Nunca tivemos tantas garotas adoráveis entrando por nossa porta antes — ela anunciou um dia, quando a encontrei na grande escadaria. — Anahita, querida, você pode correr lá para cima e verificar se as criadas colocaram flores no quarto de Lady Celestria?

— Claro — respondi e corri para ver as criadas.

Não gostava de Lady Astbury e sei que ela não gostava de mim. Ela havia morado na Índia quando seu marido era residente de Cooch Behar e eu percebi, pelas coisas que ela dizia, que detestou cada segundo; ela me tratava pouco

melhor que a uma criada. Sua atitude superior perante meus conterrâneos — “pagãos sujos”, ouvi ela nos chamar uma vez — exacerbava seu desdém por mim. Eu sabia que ela era uma católica rigorosa e ia à missa na capela de Astbury Hall todos os dias.

Para mim, sua formalidade inflexível e sua arrogância intrínseca resumiam o que de pior havia na Grã-Bretanha. Indira, claro, era nobre e fora criada na cultura ocidental. Lady Astbury era capaz de tratá-la com igualdade... *quase*.

Embora eu também tivesse parentesco com a nobreza indiana, mais e mais me via encarregada de incumbências de Lady Astbury. Ela frequentemente pedia, quase distraída, para eu “correr” e encontrar seu bordado, ou pegar um livro da biblioteca.

A situação ficou ainda mais crítica devido à falta de criadagem na casa. Com tantos homens deixando Astbury Hall para lutar na França, as criadas tinham o dobro do trabalho normal. Sem querer parecer rude e ingrata, eu sempre cedia a essas solicitações. Não era um esforço grande ajudar as empregadas, que eram gentis e simpáticas, e ficavam contentes por ter um par de mãos a mais para fazer uma cama ou tirar a poeira de um quarto.

Nos primeiros dias em Astbury, eu descia para jantar na sala formal com Indira, mas era ignorada, o que me deixava desconfortável. Então, na quarta noite, uma bandeja foi enviada para meu quarto no sótão, e eu entendi a mensagem. Não fiquei triste, já que meu guarda-roupa não continha a pleto de vestidos formais necessários para tais ocasiões, e não quis mencionar isso a Indira.

Tilly, uma das criadas, a que trouxe minha bandeja para o quarto no sótão em uma de suas muitas jornadas escada acima, comentou que deveria ser solitário jantar sozinha. Sugeriu que talvez eu preferisse me unir à criadagem na cozinha. Como eu sabia que isso também faria bem a suas pernas, concordei. Desde então, eu comia com os empregados todas as noites, respondendo suas perguntas frequentes, já que todos estavam fascinados com minha vida no palácio, na Índia.

Em uma ocasião, a cozinheira, Sra. Thomas, reclamou de artrite nas mãos. Perguntei se ela gostaria de alguma coisa para ajudar com a dor e a inflamação.

— Não creio que irá ajudar — ela comentou. — Mas também não vai fazer mal.

Moí uma raiz de cálamo que encontrei crescendo no pomar e acrescentei água para fazer uma pasta. Naquela noite, mostrei à Sra. Thomas como aplicar a pasta nas mãos.

— Você precisa fazer isso duas vezes ao dia, todo dia, por uma semana. Acho que vai ajudar.

Uma semana depois, a Sra. Thomas dizia para todo mundo que eu era “milagrosa”. Isso rapidamente gerou uma série de “clientes” da cozinha, que me

pediam para preparar remédios para todo tipo de dor. Fiquei feliz em ajudar, e isso me deu uma chance para colocar em prática o que aprendi com Zeena e minha mãe. Também apreciei o calor e a aceitação sincera dos empregados — não sentia isso havia muito tempo.

Mas o principal motivo de minha felicidade naquele verão, e uma felicidade tão grande que mesmo o descaso de Indira e o tratamento de Lady Astbury não podiam estragar meu humor, eram minhas manhãs com Donald Astbury.

Um dia depois de nossa primeira cavalgada, saltei da cama me perguntando se ele estaria nos estábulos, como combinamos.

— Anni — ele disse, sorrindo. — Disposta para outro passeio?

— Sim — concordei, ansiosa. Selamos os cavalos e voamos pela várzea sob o sol suave do início da manhã. Daquele momento em diante, nos encontrávamos quase todas as manhãs. Durante esses passeios, começamos a formar uma amizade.

Donald era simpático e aberto, o oposto de sua mãe, e eu sentia que podia conversar livremente com ele sobre minha vida. Ele estava fascinado por ouvir sobre a Índia, nossos costumes e cultura.

— Meu pai amava a Índia e seu povo — explicou. — Infelizmente, minha mãe não gostava, e foi por isso que voltaram para a Inglaterra quando eu e Selina éramos muito pequenos. Infelizmente, meu pai morreu cinco anos depois. Minha mãe culpa a Índia por sua morte, e, devo admitir, ele sofreu com as recaídas da malária que contraiu lá, mas, no fim, morreu de pneumonia. Ele dizia que o clima inglês não combinava com ele. Era um bom homem. Sempre tentando ajudar as pessoas.

— Você é como ele? — perguntei, enquanto descansávamos sobre a grama áspera de Dartmoor e nossos cavalos bebiam de um riacho.

— Minha mãe diz que sim. Mas não acho que aprovava aquilo que chama de “seu bom coração”. Meu pai sempre estava em alguma missão ou para ajudar os menos afortunados, geralmente em detrimento de nossa conta bancária. Também não se importava com a cor ou crença de ninguém, enquanto minha mãe é... mais tradicional em suas opiniões.

Durante nossos passeios a cavalo pela várzea, ele me falava sobre o medo do futuro por causa da guerra e que se preocupava com sua capacidade para assumir a administração das propriedades da família Astbury em alguns anos. A responsabilidade seria dele quando chegasse à maioridade, aos vinte e um anos.

— Quase não há dinheiro para cobrir as despesas da mansão — suspirou. — Muito menos para restauração. Algumas partes da casa não são tocadas há cem anos. Minha mãe a herdou, entende? Meu pai não era um homem de negócios, nem imaginava morrer enquanto eu ainda era tão pequeno. Então, prefiro pensar que minha mãe não viu os sinais de perigo. Ou, para ser mais exato, deixou nas mãos de Deus. Não quero dizer a ela como as coisas estão difíceis, mas duvido

que Deus possa nos ajudar.

Olhei para ele e me senti humilde diante do fato de que, apesar de ter apenas dezesseis anos, o peso do mundo parecia estar em suas costas.

— Tantas vidas dependem de mim para garantir o pão das duas famílias — ele então rolou na grama e sorriu para mim. — Bem, acho que a única coisa a fazer é me casar com uma herdeira rica! Vamos, é hora de voltar.

Depois que Donald desaparecia casa adentro para se preparar para o café da manhã, eu raramente o via até a manhã seguinte. Suas atividades consistiam em entreter Indira e suas amigas com lanches, jogos de tênis e passeios a cavalo pelo parque, bem mais moderados que os da manhã. Não acredito que falasse sobre nossas cavalgadas matinais — eu certamente nunca as mencionei. Era outro segredo que guardava durante aquelas longas e agradáveis noites de verão.



No fim de agosto, dois dias antes de Indira e eu voltarmos para a escola, Selina entrou em trabalho de parto. As empregadas subiam as escadas com toalhas e água quente. A atmosfera na cozinha estava tensa, com uma mistura da ansiedade pela chegada de um bebê e a apreensão de que a noite pudesse ser difícil.

— O Doutor Trefusis está voltando do hospital em Exeter. Só mesmo Lady Selina escolheria dar à luz em um domingo à noite. Vamos esperar que ele chegue logo — a Sra. Thomas disse, virando os olhos.

Uma hora depois, Tilly, criada pessoal de Selina, desceu pávida.

— Ela está em um estado terrível, rolando na cama em agonia e gritando até perder o fôlego. Não sei o que fazer para acalmá-la. O que posso dar a ela, Senhora Thomas? Estou preocupada que o bebê esteja preso ou algo assim.

— Você chamou Lady Astbury? — a Sra. Thomas perguntou.

— Sim, mas você sabe que Lady Astbury não chega nem perto do quarto de parto. Acho que ela pagou alguém para que desse à luz a seus próprios filhos em seu lugar!

— Lady Selina deve estar cansada — comentei da minha cadeira no canto da cozinha.

— Ela está exausta, Senhorita Anni. Já está assim há seis horas — Tilly explicou.

— Então você deve dar um pouco de água com açúcar para manter a glicose dela alta — sugeri. — E a faça andar pelo quarto o máximo possível.

Todos os olhos na cozinha se voltaram para mim.

— Você já viu um bebê nascer, Senhorita Anni? — a Sra. Thomas perguntou.

— Ah, já. Acompanhei minha mãe muitas vezes para ajudar mulheres da região durante o parto.

— Bem, qualquer porto durante uma tempestade... — a Sra. Thomas disse. — Senhorita Anni, você subiria com Tilly, que vai perguntar se Lady Selina aceita ver você?

— Se você tem certeza... — respondi, me levantando da cadeira.

— Tudo o que ela pode fazer é dizer não, não é? Mas me parece que precisa de toda ajuda que conseguir. Vai lá, querida.

Segui Tilly escada acima e, enquanto esperava do lado de fora do quarto de

Selina, podia ouvir seus gemidos.

Tilly colocou a cabeça para fora da porta e me chamou:

— Ela parece não ter entendido o que eu disse, mas entre assim mesmo.

Entrei no quarto e vi Selina deitada de costas, com o rosto pálido e os cabelos molhados de suor.

— Lady Selina, é Anahita. Já ajudei a trazer bebês para este mundo antes. Você se importa se eu tentar ajudar?

Selina ergueu uma mão exausta, que considerei um sinal de consentimento.

— Primeiro, vamos levantá-la sobre os travesseiros, assim ela pode beber a água com açúcar. Depois, precisamos buscar algumas flanelas molhadas para colocar em sua testa. E prender seu cabelo também — eu disse a Tilly. — Para refrescar.

Assim que persuadimos Selina a se sentar e Tilly a forçava engolir um pouco de água com açúcar, senti seu pulso, que estava acelerado.

— Lady Selina, posso examinar a senhora? Preciso saber como está.

Ela concordou relutantemente, com os olhos ainda fechados.

Levantei sua camisola para examiná-la e senti que estava apenas com quatro dedos de dilatação. Ela precisava de dez antes de pensar em empurrar.

— Lady Selina, o bebê está pronto para chegar, mas seu corpo não está. Preciso que se levante e ande comigo. Garanto que a gravidade vai ajudar. Você consegue?

— Não, não... a dor, a dor... — ela gemeu.

— Bem, vamos pelo menos tentar.

Colocando um braço debaixo de suas costas, levantei-a, virei suas pernas para o lado da cama e, com toda a minha força, ergui-a até ficar de pé.

— Agora vamos andar — instruí. — Isso também aliviará a dor — Devagar, a fiz colocar um pé na frente do outro e começamos a caminhar até o outro lado do quarto.

— Isso. Você está indo muito bem — encorajei.

Por duas longas horas, guiei Selina de um lado para o outro do quarto, respirando com ela, sussurrando palavras de incentivo. O movimento constante a acalmou, e seu pulso começou a estabilizar.

— Preciso empurrar — ela declarou de repente.

Aquele foi o momento em que eu soube que tudo deveria estar pronto. Pedi a Tilly para colocar toalhas na cama. Ajudei Selina a se deitar sobre elas.

— Não empurre ainda, Lady Selina, respire fundo primeiro, como um cachorro com sede... Assim... — ofeguei algumas vezes e sorri quando ela

começou a me imitar. Rapidamente verifiquei se estava dilatada o bastante para a passagem do bebê. Satisfeita, informei que deveria empurrar com toda a sua força assim que sentisse vontade outra vez. Um grito cortou o ar calmo da noite e eu vi a cabeça do bebê aparecer.

Foram necessários vários empurrões até a cabeça do bebê sair, com Selina apertando minha mão com tanta força que parecia que meus ossos estavam sendo triturados. Então, ajudei o restante de seu corpo minúsculo e perfeito a deixar sua mãe.

— O bebê está bem, Anahita? — Selina perguntou, tentando erguer a cabeça para ver, mas fracassando.

— Ah, oh — Tilly colocou as mãos no rosto enquanto o bebê chorava entre as pernas de Selina. — É uma menina! Parabéns, Lady Selina!

Peguei o bebê e o coloquei imediatamente nos braços de Selina. Naquele momento, a porta se abriu e o médico entrou.

— Bem, bem — disse, enquanto caminhava até a cama e olhava mãe e filha, calmas agora, mas exaustas e triunfantes. Ele abriu sua caixa médica e tirou um instrumento para cortar o cordão umbilical. O médico me olhou e me deu um sorriso grosseiro. — Posso assumir o controle daqui?

— Claro. — Sabendo que não precisavam mais de mim, nem me queriam ali, comecei a deixar o quarto. Mas Selina imediatamente estendeu uma mão em minha direção:

— Obrigada, Anni. Você foi maravilhosa.

Na manhã seguinte, quando descí para tomar café da manhã na cozinha — tão cansada que não consegui acordar cedo para minha cavalgada matinal com Donald —, fui recebida como uma heroína.

— Você salvou a vida dela! Bem, pelo menos é o que Lady Selina diz — Tilly anunciou para a cozinha. — A Senhorita Anni foi incrível. Sabia exatamente o que fazer e acalmou Lady Selina no fim. Espero que aquela velha bruaca esteja agradecida, Senhorita Anni. Dá para acreditar que ela nem chegou perto da sua pobre filha durante toda aquela agonia? E então eu a ouvi dizendo ao médico, depois, que Lady Selina teve sorte por ter tido um parto rápido. Tudo o que posso dizer é que ela deveria agradecer por você estar aqui e saber o que fazer.

Mais tarde naquele dia, fui convidada a ver Selina e o bebê. Selina estava contente, deitada com a filha em seus braços. Ela me deu um sorriso radiante quando entrei.

— Olá, Anni. Venha ver minha neném perfeita e adorável. — Ela deu uns tapinhas na cama a seu lado e eu me sentei com certa hesitação.

— Ah, ela é linda! — eu disse, estendendo um dedo para tocar sua pele de veludo. — Como se chama?

— Lamento que não tenha muita escolha. Ela se chama Eleanor, em

homenagem a sua avó paterna. É preciosa, você não acha? Gostaria de segurá-la, Anni?

— Adoraria — respondi, e Selina colocou o bebê em meus braços.

— Eu queria dizer, querida Anni, que você foi maravilhosa ontem à noite. Eu disse a toda a minha família esta manhã que não sei o que teria feito se você não estivesse aqui. Obrigada, de nós duas.

— Por nada. — Sorri. — Foi uma honra participar do milagre de uma nova vida.

— Verdade. Eu só queria que o pai desta pequena estivesse aqui para ver sua filha. Enviamos um telegrama para a França, claro, mas só Deus sabe quando ele receberá a mensagem.

De repente, a música suave começou em meus ouvidos e meu coração se encheu de angústia. Eu soube que aquele criança nunca veria o seu pai. Trêmula, forcei um sorriso:

— Ele estará de volta logo — menti.

— Só posso orar por isso. Mas a princesa Indira me disse que vocês voltam para a escola amanhã?

— Sim.

— É uma pena, Anni. Queria que você cuidasse de nós, não aquela enfermeira antiquada que minha mãe contratou. Acho o seu jeito muito mais reconfortante. Me promete que volta logo?

— Claro — eu disse, devolvendo o bebê.

— Adeus, então, Anni. E obrigada mais uma vez.

— Adeus. Boa sorte para você e sua linda pequena.

Quando me levantei e caminhei em direção à porta, Selina disse:

— Você realmente só tem quatorze anos, Anni? Não consigo acreditar. Ontem à noite, me senti como se estivesse com uma mulher no mínimo três vezes mais velha e com mais experiência.

— Tenho, sim. — Retribuí com um pequeno sorriso de despedida e deixei o quarto.

Partiríamos de volta para a escola às onze da manhã do dia seguinte, o que me dava tempo para ir a um último passeio com Donald. Ele, claro, havia ouvido a história sobre como ajudei sua sobrinha a chegar ao mundo.

Quando nos sentamos em nosso lugar de sempre às margens do riacho, ele perguntou como eu soube o que fazer.

— É muito simples — expliquei. — Você sempre segue a natureza. O corpo da sua irmã sabia tudo, só tentei mostrar a ela que podia confiar nele.

Pude ver um novo respeito por mim nos olhos de Donald.

— Minha nossa, se mais pessoas no mundo pensassem assim. Meu pai tinha grande respeito pela natureza. Você é incrivelmente sábia para alguém tão jovem, Anahita.

— Às vezes — eu disse, encravando o calcanhar de minhas botas no solo seco. — Acho que é tanto uma maldição quanto uma bênção.

— O que você quer dizer?

— Bem, ter uma mente que quer encontrar sentido no mundo. — Olhei para ele. — Para a maioria das mulheres, ser bonita e ter muitos vestidos é o suficiente.

— Bem, não posso ajudá-la com os vestidos — ele riu. — Mas posso dizer que você é bonita. Muito bonita, na verdade. Agora, melhor voltarmos para casa.

Enquanto caminhávamos dos estábulos para a casa, Donald disse de repente:

— Vou sentir falta das nossas manhãs juntos.

— Eu também — falei, do fundo do coração.

Ele se inclinou e beijou meu rosto suavemente.

— Adeus, Anni, volte logo para nos visitar. Você é muito especial e foi um prazer conhecê-la.

Meu coração cantou feliz durante todo o percurso de volta para Eastbourne. Até mesmo a tagarelice de Indira, sobre estar ansiosa em ver Celestria e o resto das garotas, e a ideia de ficar encarcerada e sozinha outra vez não puderam abalar meu espírito.

Eu havia conhecido alguém que gostava de mim como eu era. Éramos amigos, apenas isso. Pelo menos me esforcei para acreditar nisso, mas a lembrança de seus lábios em meu rosto contava uma história diferente para meu coração.



A guerra se propagou pela Europa nos dois anos seguintes, e Indira e eu não pudemos voltar para a Índia. Permaneci na escola durante as férias, enquanto Indira ficava com várias amigas. Não me importei, já que muitas meninas estavam na mesma situação, inclusive Charlotte. Usei o tempo para estudar para meu último ano.

Indira e eu comemoramos nosso aniversário de dezesseis anos em um evento reservado na escola, com bolos que pareciam pedras por causa do ovo em pó. Indira ficava de bem e de mal de suas amigas, me procurando sempre que uma delas dizia algo particularmente maldoso. Finalmente aceitei a gangorra que nossa amizade havia se tornado, ciente de que, quando sua confiança diminuía, ela me procurava em busca de conforto.

Embora doesse muito, eu dizia a mim mesma que minha posição em sua vida me proporcionava a educação que meu pai sempre havia sonhado me dar. Eu era uma das alunas mais brilhantes da sala, ou pelo menos a mais dedicada e esforçada, e os professores começaram a falar sobre universidades. Claro, isso era impossível, mas era animador saber que tinham uma boa opinião sobre mim.

Passamos o Natal de 1916 em Astbury — eu me lembro que foi um momento sombrio. Como eu previa, Selina foi notificada de que seu marido havia morrido na França em outubro. Uma casa em luto não era um lugar para comemorações.

Selina parecia magra e pálida em seus trajes negros de viúva. Ela conseguiu sorrir ao me ver.

— Olá, querida Anni. Que alegria ver seu rosto outra vez em Astbury.

Na tarde seguinte, ela me procurou pedindo que a acompanhasse em uma caminhada.

— Lamento saber da morte de seu marido, Lady Selina — eu disse enquanto andávamos pelo jardim coberto de geadas. Uma neblina pesada pairava baixa, e o fraco sol de inverno estava se retirando diante do avanço rápido da noite.

— Obrigada — Selina disse. — No momento, estou tentando encontrar sentido em tudo isso. Hugo era tão jovem, Anni, com a vida inteira pela frente. E agora — ela parou — ele se foi. Minha mãe insiste que devo procurar consolo em Deus e nas orações, como ela. Mas, para dizer a verdade, apenas repito palavras vazias, sem significado. Não consigo ir à capela. É terrível demais admitir que, logo quando mais preciso, minha fé parece me abandonar?

— Não, claro que não. Às vezes é impossível compreender por que aqueles a quem amamos são tirados de nós — concordei. — Mas, se por um lado os deuses tiraram, por outro eles deram. Você tem sua linda filha e ela carrega uma parte

de Hugo.

— Verdade, e agradeço a Deus, ou aos deuses, se você preferir, por ela — Selina disse, tranquila. — Mas também seria terrível admitir que a morte de Hugo me tornou viúva aos vinte e dois anos, morando em casa, apenas com minha mãe como companhia e com pouca chance de sair daqui no futuro?

— Lady Selina, haverá outra chance para ser feliz em seu futuro, eu garanto — respondi, meus instintos de repente alertas. Não era a hora apropriada para dizer que um novo amor estava prestes a cruzar seu caminho, mas eu sentia, em cada osso de meu corpo, que isso era verdade.

— Você realmente acha que sim, Anni?

— Sim, acho. E lembre-se de que não é necessário orar em uma igreja todos os dias. Todos somos parte de Deus. Há um pouco Dele em cada um de nós. *Ele* irá ouvi-la, onde quer que esteja.

— Obrigada, querida Anni. — Selina colocou uma mão sobre a minha enquanto caminhávamos de volta para Astbury Hall, prontas para deixar o frio.

Não houve cavalgadas matinais naquele Natal. Donald, depois de ser chamado para prestar serviço militar algumas semanas antes, estava treinando em algum lugar com seu batalhão.

Em uma manhã gélida de dezembro, enquanto eu tomava o café da manhã na cozinha, me entregaram uma carta.

Quartel de Chelsea

Londres

19 de dezembro de 1916

Querida Anahita,

Espero que não se importe que eu escreva para você. Não consegui pensar em mais ninguém em quem pudesse confiar meus pensamentos mais íntimos. Meu treinamento (ou as poucas semanas que passei marchando de um lado para o outro e aprendendo a atirar com um rifle) está completo, e eu embarco amanhã para um lugar desconhecido, que todos aqui suspeitamos que seja a França. Escrevi, claro, uma carta formal para minha mãe e minha irmã, informando sobre minha partida iminente e soando como devo, forte e valente.

Os soldados com quem estou estão entusiasmados com a diversão que teremos nas trincheiras, mas sei que estamos ignorando o fato de que muitos de nós não voltarão. Então, enquanto escrevo estas palavras para você, apenas algumas horas antes de partir, quero que você saiba, Anni, que não quero morrer ainda. Ou viver, como tantas pobres almas estão vivendo, aleijado para o resto da vida.

Perdoe-me, nunca escrevi uma carta assim antes. Mas sei, pelo que

nostros criados dizem, e pelos momentos que passamos juntos, que talvez você tenha certos poderes. Se você tem, Anni, me mande o que puder para me proteger. Se você me disser que ficarei bem, sei que ficarei. Você é meu talismã.

Você pode me responder no endereço acima? Gostaria muito de receber uma carta sua. Mas continuo pensando naquelas manhãs gloriosas que passamos juntos deitados às margens do riacho. Era tudo tão tranquilo. Talvez seja egoísmo, mas quero mais dias assim.

Confio que você guardará consigo o conteúdo desta carta. Espero que esteja bem e, por favor, ore por mim.

Com carinho,

Donald Astbury

Li e reli a carta de Donald muitas vezes. Então, atravessei o jardim, caminhando para longe da casa. Se Donald estivesse destinado a deixar este mundo logo, eu sabia que ouviria e sentiria. E... não senti nada. Um nada puro e claro.

Meu coração saltou de alegria, pois agora sabia que ele sobreviveria a esse martírio e voltaria ileso para casa.

Portanto, fui capaz de compor com sinceridade a mesma carta que escreveria se presentisse notícias boas ou ruins.

Astbury Hall

Devon

30 de dezembro de 1916

Querido Donald,

Obrigada por sua carta.

Por favor, não tenha medo. Tenho absoluta certeza de que ainda não é hora de você deixar este mundo. Espero te ver logo, quando regressar da França.

Atenciosamente,

Anahita Chavan

Nem mesmo as amigas de Indira vieram visitar Astbury durante as férias de Natal. O racionamento de combustível proibiu viagens longas partindo dos condados do sul, onde a maioria vivia. Dada a atmosfera pesada na sala de visitas do andar superior, na véspera de Ano-Novo, Indira não teve outra opção a não ser se juntar a mim e aos criados. Havia um piano, de onde a Sra. Thomas arrancou algumas canções inglesas antigas. Sem dúvida, quando 1916 deu lugar a

1917, era o lugar mais animado da casa para estar.

Uma noite, logo depois do Ano-Novo, ouvi uma batida na porta do sótão.

— Entre.

Indira apareceu, com os olhos vermelhos de tanto chorar, e estendeu seus braços em minha direção. Hesitando em sair da cama — não havia lareira em meu sótão —, enrolei as cobertas a meu redor, me levantei e fui até ela.

— O que foi? — perguntei.

— Ah, Anni, estou com tanta saudade de *Ma* e *Pa...* e da Índia. Odeio este lugar. Não é divertido e é tão frio. Sério, me sinto tão órfã quanto você!

— Tenho certeza de que a guerra vai acabar logo e você poderá ver sua família — consolei.

— E... Ah, Anni, percebi que fui má com você, te ignorando e fazendo você dormir neste sótão frio sem dizer nada a Lady Astbury. Ouça — ela estremeceu de repente. — Vamos lá para baixo comigo, durma na minha cama. Tem fogo na lareira, e pelo menos podemos conversar.

Cedi a seus desejos, como sempre fazia, e, assim que estávamos enroladas em cobertores na frente da lareira de seu quarto, ela olhou fixamente para o fogo e suspirou:

— Sabe, tenho sonhado com o palácio toda noite. Nunca apreciei o que tinha. Nem mesmo você — ela acrescentou. — Sei que tenho sido uma amiga cruel e provavelmente uma pessoa má. Você pode me perdoar, Anni?

— Claro que te perdoo. — Sorri.

— Vamos voltar para a Índia um dia, não vamos?

— Claro que vamos. Estamos vencendo a guerra, e todos dizem que não vai demorar muito.

— Sabe, meu lugar não é na Inglaterra. É na Índia. Sinto tanta saudade. Pretty deve pensar que a abandonei completamente.

Pensar em sua elefanta de estimação causou outra onda de lágrimas.

— Talvez esta guerra esteja nos ensinando a valorizar o que temos, não o que nos falta — comentei.

Ela olhou para mim, seus olhos âmbar arregalados.

— Você é tão sábia, Anni. *Ma* disse que eu deveria sempre te ouvir, e acho que ela estava certa.

— Não sou sábia, Indy, apenas tolerante. Não podemos mudar como as coisas são, não importa o quanto tentemos.

— E. — Indira mordeu o lábio. — Acho que meu príncipe pode ter se esquecido de mim.

— Como eu disse, se vocês dois estão destinados um para o outro, ficarão juntos.

— Você está certa — Indira concordou. — Anni, você pode dormir comigo aqui hoje? Não quero ficar sozinha.

— Claro, se você quiser.

Então nos aconchegamos na cama grande de Indira, como costumávamos fazer quando éramos crianças.

— Tem certeza de que me perdoa, Anni? — ela perguntou enquanto eu apagava a luz.

— Te amo, Indy. Sempre vou te perdoar.

Indira cumpriu sua palavra, e, quando voltamos para a escola, passou mais tempo comigo que nos anos anteriores. Isso foi, em parte, porque sua melhor amiga, Celestria, saiu da escola. Havia agora a possibilidade real de a Inglaterra ser bombardeada, e sua mãe queria a filha em segurança em casa com ela. Outras meninas também deixaram o colégio. Apesar de Londres ser o alvo principal de ataques aéreos até aquele momento, o país todo permanecia em elevado estado de apreensão e medo.

Na Páscoa, arrumamos nossas malas, esperando pegar o trem para Dartmoor. Fomos surpreendidas quando um chofer chegou em um Rolls-Royce no último dia de aula.

— Para onde estamos indo? — Indira perguntou, uma vez que não conhecia as estradas bem o bastante para descobrir. O motorista permaneceu em silêncio, e foi apenas quando chegamos às ruas familiares de Londres que Indira abriu um sorriso. Quando o carro parou diante da casa na Pont Street, Indira se jogou para fora do veículo e subiu as escadas correndo.

A porta se abriu e lá estava a marani em pessoa.

— *Ma!* — Vi Indira se jogar nos braços abertos de sua mãe.

— Surpresa! — a marani disse enquanto abraçava sua filha apertado. — Não quis contar a você que estaria aqui em definitivo até que o navio aportasse com segurança na Inglaterra, o que aconteceu apenas ontem.

— Mas como? Pensei que era impossível viajar, com todos os navios confiscados para as tropas — Indira perguntou enquanto entrávamos.

— Vou contar tudo. Foi uma grande aventura! — ela riu, e seu olhar finalmente me encontrou. — Anni, como você cresceu! Veja, Indira, nossa Anni está se transformando em uma beldade!

Considerarei o comentário um cumprimento educado, e as segui até a elegante sala de visitas, onde um fogo aconchegante estava aceso na lareira.

— Então, *Ma*, conte como você chegou à Inglaterra — Indira pediu enquanto nos sentávamos e a marani dizia à criada para servir chá.

— Falei que era questão de urgência viajar para cá. Disse ao residente que minha filha mais nova estava seriamente doente em Londres e que precisava vir, não importando as consequências. Daí, o capitão de um dos navios da tropa britânica na Índia me aceitou a bordo. Ele me avisou muito seriamente que não podia garantir minha segurança e que eu dormiria em uma rede ao lado dos soldados! — A marani sorriu, visivelmente contente com a aventura. — Claro que providenciaríamos acomodações mais confortáveis que essa e comi muito bem todas as noites com o capitão e seus oficiais.

— Ah, *Ma* — Indira exclamou, de olhos arregalados. — Você poderia ter morrido no caminho! Você sabe quantos navios já se perderam.

— Eu sei, minha *pyari*, mas não suportava ficar mais um dia sem ver minha filha. Além disso, o navio viajou a todo o vapor, em velocidade máxima para nos trazer aqui sem incidentes. Chegamos na metade do tempo que geralmente leva. Mas e vocês, como estão? — Seu olhar passou por mim e voltou para sua amada filha.

— Anni e eu estávamos tão tristes quanto os pássaros na estação das monções — Indira reclamou. — A comida é horrível, o frio é insuportável e todo mundo aqui está miserável. *Ma*, acho que você não sabe como a Inglaterra é de verdade. É um país escuro e terrível. Mal posso esperar para voltar para casa.

— As coisas também não estão fáceis na Índia. Muitos de nossos jovens estão lutando pela Inglaterra na guerra. — A marani suspirou. — Estamos todos vivendo em uma época difícil e preocupante. Mas — ela disse, se controlando. — Devemos fazer o nosso melhor. Então, enquanto estiver em Londres, vamos fazer exatamente isso.

Ela cumpriu a promessa, e a casa se encheu de hóspedes vindos de uma Londres faminta por diversão, hóspedes que estavam ansiosos para apreciar o estilo suntuoso de seus entretenimentos. Ela deu jantares e festas, mas, como conseguia tantas guloseimas — ovos de codorna, salmão defumado e caviar — em uma Londres em tempos de guerra, não faço ideia.

A marani ficou horrorizada com o estado de meu guarda-roupa, que não era reposto havia quase dois anos. A maioria das coisas que eu tinha não me servia mais, então ela nos mandou para a Harrods para comprar o que quiséssemos. Desta vez me vi mais interessada no departamento de roupas femininas. Não iria tão longe a ponto de concordar com a marani quando ela gentilmente declarou que eu era uma “beldade”. Mas era capaz de ver, quando experimentava lindos vestidos e me olhava no espelho, que minha gordura infantil desaparecera, revelando um bem formado e até aceitável manequim.

— Anni, você deveria ter escrito para mim! — ela disse, me repreendendo outra vez. Por favor, não se sinta acanhada futuramente em pedir coisas das quais você possa precisar.

A marani também me mandou a um oculista para substituir meus óculos; eu certa vez os consertara muito mal com um arame quando se quebraram. Indira e

eu precisávamos fazia tempo de um corte de cabelo, e deixamos o salão com um estilo curto e moderno. Também recebemos tratamento de manicure pela primeira vez, de uma mulher que veio até a casa a pedido da marani. Naquela noite, enquanto eu descia para o jantar em meu novo vestido de seda da Harrods, pensei até ter recebido olhares apreciativos dos outros convidados.

Em meados das férias, Indira ficou extasiada quando o príncipe Varun apareceu em uma das *soirées* da marani. Ele estava em Londres por duas semanas, de folga de seu regimento.

Desde que se encontraram pela última vez, Indira se transformara em uma mulher extremamente bela. Observei atentamente naquela noite, sem perceber se alguém mais à mesa notava a química entre eles.

Naquela noite, depois do jantar, Indira chegou a nosso quarto logo quando eu me deitava sob os cobertores. Seus olhos brilhavam e ela formigava de empolgação dos pés à cabeça.

— Ah, Anni, ele não é lindo? — disse, lançando-se sobre a cama e ficando lá deitada, de olhos fechados, com uma expressão sonhadora no rosto.

— Ele é bonito, sim.

— E adivinha só. Ele quer me encontrar outra vez enquanto estiver em Londres. Você acredita? — Ela bateu palmas de excitação. — Claro, *Ma* nunca vai me deixar ir sozinha. Então, você, minha querida Anni, você pode me acompanhar para um chá no Ritz, e então me deixar na porta do hotel e dar um passeio por uma hora? Por favor — implorou. — Não sei quando vamos nos ver outra vez. *Preciso* ir.

— Indy, não posso fazer isso. Você sabe que *nunca* deve ser vista em público sozinha com um homem. Você é uma princesa, existem regras.

— Não ligo! — Indira afundou o rosto no travesseiro, então se virou para mim, com um brilho nos olhos. — Afinal, não creio que vamos fazer muita coisa enquanto tomamos uma xícara de chá e comemos alguns sanduíches de pepino, vamos? A menos que ele me leve para o quarto, claro...

— Por favor, nem diga isso! — Virei os olhos, horrorizada. — Se sua mãe descobrir, o que certamente vai acontecer, já que tem espiões por todo lado, nós duas teremos problemas sérios.

— Bem, isso não é novidade para mim, é? O que ela vai fazer? Vai me colocar de volta no *purdah*? *Por favor*, diga que fará isso por mim, Anni, só dessa vez.

— Tudo bem — suspirei, resignada. — Só dessa vez e apenas por uma hora.

— Obrigada! — Indira, conseguindo o que queria, colocou seus braços a meu redor. — Você realmente é a melhor amiga que uma menina poderia ter.

Na tarde do dia seguinte, vestimos modelos adequados para tomar chá no Ritz e chamamos o chofer para nos levar até lá. Indira, sentada no banco de trás a

meu lado, não conseguia controlar a empolgação.

— Você entendeu o plano, não entendeu, Anni? Vamos dizer ao motorista para nos pegar às quatro. Você finge que entra, mas me deixa na entrada.

— Certo — franzi a testa. Era a centésima vez que ela me falava isso. — Boa sorte — eu disse quando descemos em frente à grande entrada do Ritz e vi o motorista ir embora. Ela me jogou um beijo enquanto entrava. Eu me virei e caminhei em direção ao Green Park, não muito ansiosa por uma hora sem ter o que fazer, sozinha, no frio de um dia de primavera em Londres. Olhei por acaso para o outro lado da rua e vi um edifício elegante de pedra, que se autodenominava Royal Academy of Arts. Atravessando a rua, estudei o painel no lado de fora. Aparentemente, novos artistas estavam em exposição, então atravessei o grande pórtico e subi as escadas. Do lado de dentro, me aproximei de uma mesa que ficava no centro de um saguão impressionante.

— Gostaria de visitar a exposição. Quanto custa? — perguntei para a mulher sentada do outro lado da mesa.

— Você é membro da Royal Academy?

— Não. Preciso ser?

Ela pensou por um momento, então respondeu:

— Sim. Você precisa.

— Então me perdoe pelo incômodo — respondi, e comecei a caminhar de volta à entrada com toda a dignidade que pude. Enquanto fazia isso, duas mulheres inglesas que estavam esperando atrás de mim se aproximaram da mesa. A recepcionista perguntou se eram membros e elas responderam, como eu, que não.

— Então são cinco xelins cada — a recepcionista respondeu. As mulheres pagaram e entraram.

Aquele momento, sem o véu da nobreza indiana sobre meus ombros, foi a primeira vez em que provei o preconceito racial na Grã-Bretanha, o país que nos regia há mais de cento e cinquenta anos. Infelizmente, não seria o único.

Consequentemente, passei as três tardes seguintes tremendo de frio no Green Park, esperando Indira terminar seus encontros com o príncipe. Mesmo que Fortnum e Mason e as delícias de Piccadilly ficassem bem próximos dali, eu estava muito assustada com a reação da mulher na Royal Academy para me aventurar em qualquer outro lugar sozinha. Percebi que deveria parecer estranha fora de um conjunto, sem o resto da comitiva real: com meu corpo e rosto marrons, envolvidos em roupas ocidentais, certamente atraí a atenção de muitas pessoas que passavam pelo meu banco no parque. Voltei os olhos para meu novo melhor amigo, Thomas Hardy, e me concentrei em *Far from the Madding Crowd*.

Quando encontrei Indira na hora combinada em frente à entrada lateral do Ritz

e subimos no carro para voltar para casa, nossos espíritos estavam em extremidades opostas: ela vivia a excitação do primeiro amor; eu percebia mais claramente que não pertencia a lugar algum.

— Ah, Anni — dizia, enquanto eu ouvia mais uma torrente de superlativos sobre seu príncipe. — Estou tão apaixonada... Hoje ele disse que está apaixonado por mim!

— Estou muito feliz por você, Indy, mas... — Eu já tinha feito minha pesquisa sobre o príncipe de Indira. — Ele já é casado. Você sabe.

— Claro que sei! Ele é um príncipe, afinal. Foi arranjando antes de começar a andar. Mas é oficial, só isso. Não é uma união por amor.

— Assim como seu casamento já foi arranjado com o marajá de Dharampur — lembrei bruscamente. — Fale honestamente, Indira: você suportaria ser apenas a segunda esposa? Além disso, sabemos como seu pai tem uma atitude bem moderna com sua mãe. O príncipe Varun provavelmente vai esperar que você fique no palácio, atrás do *purdah*, enquanto ele viaja.

— Sim, talvez no começo, para manter as aparências — Indira argumentou. — Mas depois vai querer que eu seja sua companheira e que viaje o mundo com ele, assim como *Ma* faz com *Pa*.

— Você está me dizendo que você e o príncipe Varun já discutiram isso?

— Claro! Ele quer se casar comigo. Hoje ele disse que soube que um dia nos casaríamos no momento em que me viu.

Olhei para ela, chocada. O que Indira estava me dizendo era ridículo. Ela já estava prometida para outro, e um casamento arranjado havia anos entre dois principados e suas famílias *não* podia simplesmente ser cancelado.

Eu também sabia muito bem que Indira estava acostumada a conseguir tudo o que queria, mas com certeza aquilo seria demais, mesmo para ela. Para piorar as coisas, eu estava igualmente furiosa comigo mesma por favorecer esse romance.

— Indy, por favor — implorei. — Você precisa entender que é impossível você e o príncipe Varun ficarem juntos.

— Não diga isso! — ela respondeu, irritada. — Claro que é possível. Tudo é possível quando se ama...

Como sempre, quando não concordava com as ideias e sentimentos de Indira, ela se distanciava de mim. Eu me recusei a continuar contribuindo com sua ilusão, mas sabia muito bem que toda tarde, quando dizia a sua mãe que estava saindo para visitar uma amiga, ela estava se encontrando com o príncipe. Eu ficaria feliz em voltar para a escola com Indira e deixar Londres.

Uma semana depois, Varun regressou para seu regimento e Indira entrou em depressão profunda, recusando-se a sair do quarto com a desculpa de que não estava bem.

Duas noites antes de voltarmos para a escola em Eastbourne, a marani me chamou à sala de visitas para conversar.

— Querida Anni, acho que é hora de discutirmos o seu futuro.

— Sim, alteza.

— Por favor — ela apontou para uma cadeira ao lado da lareira, que estava sempre acesa na sala de visitas. — Sente-se. Chá?

Aceitei uma xícara e esperei para ouvir o que ela tinha a dizer.

— Indira não sabe ainda, mas vou levá-la comigo de volta para a Índia quando partir, em poucos dias. Esse mal-estar recente me ajudou a decidir. Desejo que minha família fique unida nesta época difícil, e a Índia, pelo menos por enquanto, é um lugar seguro. — Ela sorriu. — Sei que você está indo muito bem na escola. Li todos os seus boletins, sabe? Você é uma menina inteligente, como eu sempre soube que era, e uma boa influência para Indira.

Tentei controlar meu rubor, me repreendendo pelos engodos das últimas duas semanas.

— Obrigada, alteza.

— Então, é hora de perguntar o que *you* quer, Anni. Você tem o último ano e o fim de sua educação formal começando em duas semanas. Para Indira, isso não tem importância. — A marani suspirou. — Ela irá se casar com o marajá de Dharampur em algum momento nos próximos dezoito meses. Claro, sempre haverá um lugar para você em minha casa, e não duvido de que Indira queira sua companhia em seu novo palácio quando se casar. Mas sinto que preciso perguntar, Anni, se você deseja voltar para a Índia conosco. Ou se quer ficar na Inglaterra e completar seus estudos.

— Não sei, alteza.

— Também recebi uma carta de Lady Selina, de Astbury Hall. Como você deve saber, ela é uma velha amiga de Minty, minha filha. Disse que você ajudou quando ela deu à luz sua filha.

— Sim, alteza, ajudei.

— Então... — a marani continuou. — Caso decida ficar na Inglaterra, Selina lhe ofereceu um emprego em Astbury Hall, para cuidar de sua filha. Parece que ela está com dificuldade para encontrar uma boa ama-seca durante esta crise.

Admiti que meu coração saltou com a possibilidade de viver na casa para onde Donald retornaria um dia, quando a guerra finalmente chegasse ao fim.

— É muita gentileza dela, e certamente vou pensar a respeito.

— É preciso, claro, ser uma escolha sua — ela continuou. — Mas acho que você tem um futuro mais promissor do que sendo uma mera ama-seca.

Eu sabia que tinha apenas alguns instantes para assimilar o que ela dizia. Aquela mulher, que não precisava perguntar o que eu queria para meu futuro,

mas teve a graça e a integridade de fazer exatamente isso, estava me oferecendo minha liberdade.

— Sinto muita saudade da Índia — respondi, honestamente. — E, se ficar aqui, sentiria falta de Indira também. Ela é como uma irmã.

— Todos sentimos falta da Índia e de nossos amigos quando estamos longe — a marani concordou. — Mas a vida que você teria lá como mulher adulta talvez não seja o que você quer. Mesmo que doa em minha filha perdê-la, não gostaria de ver você presa em uma *zenana* pelo resto de sua vida, incapaz de usar o cérebro brilhante que você tem — a marani suspirou. — Perdoe-me por falar a verdade, mas, mesmo que eu tente ajudar, suas perspectivas de matrimônio são... limitadas.

— Sim, eu sei.

— Então, Anni, a decisão é sua. Ficarei feliz se desejar ficar na Inglaterra e completar sua educação. Sinto que seria injusto você ter trabalhado tanto e não terminar... Ou se você quiser voltar para a Índia comigo e Indira. Sua passagem de volta já está reservada, mas posso facilmente cancelar.

— Alteza, preciso de um tempo para pensar — respondi.

— Claro. Conversaremos amanhã de manhã. Resta a esperança de que Indira se recupere dessa indisposição e possa viajar.

— Sim.

Quando me levantei e caminhei em direção à porta, a marani me seguiu e colocou uma mão sobre meu ombro:

— Lembre-se, Anni. Conheço minha filha muito bem. Ela é muito igual a mim. Seu coração controla sua razão.

Entendi que a marani estava dizendo que sabia da paixão de Indira pelo príncipe Varun e lidaria com isso. Tive certeza de que tal fato foi fundamental em sua decisão de levar Indira para casa e me senti aliviada pelo fardo ter sido tirado de meus ombros.

Naquela noite, andei silenciosamente de um lado para o outro do quarto enquanto Indira dormia. Estava feliz e ansiosa com aquela sensação nova e rara de tomar minhas próprias decisões — meu destino estava em minhas mãos. Ficar sozinha na Inglaterra e completar minha educação seria corajoso, enquanto retornar à Índia com a marani e Indira manteria a proteção da família real a meu redor. Pensei naquele dia na Royal Academy of Arts e estremei. Mas, se o casamento arranjado de Indira se concretizasse, meu futuro seria, como a marani sutilmente indicou, limitado aos confins da *zenana* do novo palácio de Indira. E eu continuaria solteira pelo resto da vida.

Na Inglaterra estava minha liberdade e também — me forcei a ser honesta sobre por que o emprego que Selina me ofereceu era tão tentador — Donald.

Eu sabia que éramos apenas amigos e entendia que, dadas as nossas posições

na vida, não podíamos nunca ser algo além disso. Mas, se eu retornasse para a Índia, nunca mais o veria.

Finalmente, fiz o que qualquer jovem faz quando tem uma decisão importante pela frente: conversei com meus pais. Sentei-me com as pernas cruzadas no chão, olhei para os céus e lhes perguntei o que sua filha deveria fazer. Então esperei por uma resposta...

— Decidi que quero ficar na Inglaterra e completar meus estudos.

A marani sorriu.

— Imaginei que seria essa a sua resposta, Anni.

— Acho... — Essa foi a primeira vez que dei voz aos pensamentos que invadiam minha mente havia algum tempo e que foram consolidados na noite anterior, quando consultei meus pais. — Acho que quero me formar enfermeira.

— Sim, sei que isso combina com você, por causa de seus dons. — Ela me deu um sorriso doce e reconfortante.

— Mas e a princesa Indira? Não ficamos separadas há quase seis anos. Não quero que pense que a estou abandonando.

— Como nós duas sabemos, Anni, o coração de minha filha está em outro lugar no momento. Ela não vê e nem sente mais nada.

— Sim — respondi, e compartilhamos um momento de compreensão.

— Deixe-a comigo, Anni, confie em mim para cuidar dessa situação. Acho certo que você trace seu próprio caminho. Vou enviar a você uma pensão todo mês, que deve ser adequada para suas necessidades, e, se você quiser, vou escrever para Selina dizendo que você aceita o emprego.

— Sim, alteza, mas só durante o verão — acrescentei. — Depois, sinto que devo me unir ao Destacamento de Ajuda Voluntária, como enfermeira, e ajudar no esforço de guerra.

— Isso é admirável de sua parte, Anni, e irá prepará-la bem para o futuro. Então, estamos decididas?

— Sim. Não posso agradecer o suficiente por tudo o que a senhora tem feito por mim. Tem sido tão generosa, tão bondosa. — Lágrimas brotaram em meus olhos e eu mordi o lábio para estancá-las.

— Querida Anni, por favor, lembre-se de que prometi a sua mãe que cuidaria de você quando ela a deixou comigo. Quero que se lembre de que estou aqui no lugar dela. Se houver alguma coisa de que precise, você deve prometer que vai me escrever, pois não sei quanto tempo se passará até que nos vejamos outra vez. Venha.

A marani abriu os braços para mim e eu me deixei ser envolvida por eles.

— Te amo como se você fosse minha, Anni. Nunca tenha medo de pedir

minha ajuda se precisar dela no futuro.

— Obrigada, alteza — sussurrei com os olhos cheios de lágrimas. Agradei aos céus por terem trazido aquela mulher maravilhosa, uma rara combinação de poder e bondade, para minha vida. Naquele momento, me senti verdadeiramente abençoada.

Como a marani havia previsto, Indira não ficou particularmente perturbada quando confessei que ficaria na Inglaterra e concluiria os estudos.

— Você vai escrever? — perguntou. — Todo dia?

— Talvez não todo dia, pois estarei estudando muito — respondi, sorrindo. — Mas com frequência.

Enquanto meu baú era fechado e carregado para o andar inferior, ela me olhou de repente.

— Pensei que não gostasse da Inglaterra. Por que você quer ficar?

— Porque sei que é a coisa certa a fazer — respondi.

Apenas depois de me despedir da marani com um beijo e abraçar Indira pela última vez, antes de entrar no carro que me levaria para longe delas, talvez para sempre, percebi a seriedade da decisão que havia tomado.

Astbury Hall

2011





Sentado em seu carro ao lado de uma estrada estreita que atravessava Dartmoor, Ari bateu no GPS com frustração; o sinal ficou instável havia uns dez minutos — que foi mais ou menos quando ele viu algum tipo de placa pela última vez. Ele estava completamente perdido.

Por falta de algo melhor para fazer, Ari saiu do carro e respirou fundo o ar fresco da várzea. Era um dia quente para os padrões da Inglaterra. Olhando a paisagem irregular, apreciou a beleza que sua bisavó descrevia tão vividamente em sua história. A tranquilidade era o que mais impressionava; o mero sinal de uma brisa, o silêncio interrompido apenas por um falcão que sobrevoava o terreno acidentado — ele duvidava de que algo houvesse mudado desde que Anahita estivera ali pela última vez.

Devido a sua agenda caótica de trabalho em Londres, além do *jet lag*, Ari ainda precisava terminar de ler a história. Mas o que havia lido até então no avião era intrigante o bastante para alugar um carro e partir rumo a Devon para dar uma olhada em Astbury Hall. Mesmo antes de chegar a seu destino, ele já podia adivinhar o que havia acontecido.

Enquanto ficava ali observando a várzea, Ari percebeu que os próximos dias eram o mais perto que chegara até então de umas férias nos últimos quinze anos. Mesmo se descobrisse que a história de sua bisavó não valia a pena ser investigada, pelo menos teria tempo para esfriar a cabeça antes de voltar à Índia e enfrentar a bagunça que fez da própria vida.

— *Porque... também é o seu futuro.*

As últimas palavras de Anahita fluíam em sua memória enquanto dirigia para Devon naquela manhã.

Ari voltou ao carro e deu a partida outra vez. Simplesmente dirigiria até encontrar uma vila onde pudesse pedir informações. Pela primeira vez não tinha prazo a cumprir, então se sentou, relaxou e começou a desfrutar da paisagem.

Uma hora depois, parou em frente a portões de ferro e observou a estrada que seguia adiante além deles. Não era possível ver uma construção do ponto onde estava, mas ele notou que os portões estavam firmemente trancados e havia um segurança mantendo guarda. Enquanto se perguntava o que fazer, uma van branca apareceu do outro lado dos portões. O segurança fez um movimento afirmativo com a cabeça e os abriu para a van passar.

— Tudo bem, colega? — o homem na van disse ao passar por Ari.

— Sim, aqui é Astbury Hall, não é?

— Sim, e também é um pesadelo para encontrar. Acabei de entregar alguns

cabos extras e levei pelo menos uma hora para achar o lugar. Você está aqui para as gravações?

— Sim — Ari mentiu.

— Se estiver procurando Steve Campion, o gerente de produção, siga reto e vire à direita quando chegar na casa. Ele deve estar no pátio. — O motorista foi embora. Quando os portões estavam prestes a fechar, Ari decidiu seguir por eles.

— Me disseram para encontrar Steve Campion no pátio — ele disse para o segurança.

O guarda consentiu sem muito interesse e fez sinal para Ari seguir em frente. Enquanto atravessava o parque que circundava a casa, Ari supôs que o lugar agora era usado para fins comerciais, provavelmente um hotel ou centro de convenções. Foi isso que aconteceu com alguns dos maiores palácios da Índia.

Quando Astbury Hall finalmente surgiu no horizonte, não foi apenas sua grandeza que tirou o fôlego de Ari. Aglomerados nos degraus de entrada da casa, estavam homens usando cartolas e mulheres com uma variedade de vestidos de época. Havia um Rolls-Royce antigo estacionado próximo à casa, e um homem de pé ao lado do carro vestia um uniforme de chofer antiquado.

Ari diminuiu a velocidade e piscou rápido, pois a cena a sua frente foi arrancada de outra era. Apenas quando notou o equipamento cinematográfico ao redor dessas pessoas ele sorriu, percebendo que o homem da van quis dizer gravações de um *filme*.

Ele viu alguém acenando em sua direção com afobação, indicando que deveria contornar a casa pela direita. Obviamente estavam no meio de uma cena ali. Fazendo como foi orientado, Ari chegou a um pátio borbulhando de atividade. Depois de encontrar um lugar para estacionar, saiu do veículo ao lado de uma multidão de técnicos e atores em seus trajes de época, que formavam fila diante de uma van de alimentação. Espiando por uma porta lateral da casa e hesitantemente atravessando um saguão, ele parou em uma cozinha ampla e deserta.

Ari examinou a mesa longa de pinho lustrado, o fogão antiquado e um piano encostado verticalmente na parede. Uma cadeira surrada estava perto da lareira. Ele se perguntou se essa era a mesma cozinha onde Anahita se sentara quase cem anos antes.

— Posso ajudá-lo?

Uma voz feminina o despertou de sua fantasia.

Uma mulher robusta, de meia-idade, olhava para ele com suspeita.

— Não tem comida aqui, querido, todos os envolvidos com o filme comem lá fora na van. E os banheiros químicos estão atrás da casa — ela acrescentou.

— Perdoe-me — Ari disse. — Não sou parte da equipe de filmagens.

— Então por que você está na minha cozinha?

— Vim visitar Astbury Hall.

— A casa não é aberta ao público, então você não tem permissão. — Ela o fitou desconfiada, com os olhos semicerrados. — Você não é um daqueles jornalistas, é? Como entrou aqui? Disseram que havia um segurança no portão.

— Não, não é isso — Ari acrescentou depressa, imaginando como poderia explicar sua presença. — É sobre... uma relação familiar.

— Sério?

— Sim. Uma familiar minha trabalhou em Astbury Hall há muitos anos.

— Quem?

— Seu nome era Anahita Chavan.

— Nunca ouvi falar dela — a mulher respondeu.

— Ela esteve aqui há mais de noventa anos. Estou na Inglaterra a negócios por estes dias e pensei que seria interessante conhecer o lugar de que tanto ouvi falar.

— Então você entrou aqui sem pelo menos pedir “com licença”?

— Por favor, aceite minhas desculpas. Não sabia com quem deveria falar. Há um Lorde Astbury atualmente?

— Sim, mas ele é ocupado demais para atender você sem agendamento.

— Claro — Ari concordou, e tirou um cartão do bolso. — Talvez você possa entregar isto a ele. Tem meu telefone e meu e-mail.

Enquanto ela examinava o cartão, Ari percebeu outra presença na cozinha. Ele se voltou para a porta interna e viu uma mulher jovem, alta, esbelta e atraente parada ali. Ela usava um vestido vintage de seda macia, que caía elegantemente até seus tornozelos magros.

— Estou interrompendo, Senhora Trevathan?

Ari notou que a jovem falava com sotaque americano.

— Não, querida, nem um pouco. Este cavalheiro já estava de saída. — A mulher mais velha voltou sua atenção para Ari. — O Lorde Astbury não tem e-mail e raramente usa o telefone. Sugiro que coloque seus interesses no papel e envie pelo correio aos cuidados dele. Senhorita Rebecca, o que posso fazer por você?

— Queria saber se a senhora tem anti-histamínico. Meu nariz está coçando e meus olhos estão lacrimejando. É época de ambrósia [\[25\]](#) aqui?

— Não sei o que é ambrósia, mas junho certamente é época de alergias. O Lorde Astbury sofre desse problema às vezes. — A Sra. Trevathan caminhou até um armário e removeu uma caixa de plástico de uma das gavetas. Encontrando alguns comprimidos, entregou uma cartela para a jovem.

— Obrigada, Senhora Trevathan. Vou tomar no almoço. Devo voltar ao set agora.

— Desculpe incomodar — Ari disse. — Vou fazer como sugere e escrever para o Lorde Astbury. Adeus — Ele seguiu a jovem em direção à porta. — Posso?

— Obrigada — ela respondeu, examinando-o com seus enormes olhos castanhos enquanto ele abria a porta para ela.

— Perdoe minha presunção — Ari disse ao pisar no pátio ensolarado. — Mas você me parece muito familiar. É possível que já tenhamos nos encontrado antes?

— Duvido — ela respondeu. — Muitas pessoas pensam que me conhecem. Você é da equipe de produção?

— Não, estou aqui por questões familiares. Tive uma parenta que trabalhou nesta casa muito tempo atrás. Gostaria de uma entrevista com o Lorde Astbury, mas tenho a sensação de que será uma luta conseguir.

— A Senhora Trevathan protege muito o Lorde, portanto seu instinto está correto — a jovem respondeu ao pararem ao lado do carro de Ari.

— É uma pena, na verdade, já que ele pode estar interessado em uma parte da história de sua família que desconhece. De todo modo, vou fazer como a mulher na cozinha sugeriu e colocar os detalhes no papel.

— Vejo o Lorde Astbury com frequência. Talvez possa mencionar que você esteve aqui.

— Seria de grande ajuda, uma vez que estarei na Inglaterra por um bom tempo. — Ele pegou uma caneta e outro cartão da carteira, e escreveu alguma coisa. — Você pode entregar isto a ele? Este sou eu, Ari Malik, e este é o nome da minha bisavó, que trabalhou aqui. Nunca se sabe. Ele pode ter ouvido alguma coisa sobre ela.

A jovem estudou o cartão enquanto Ari abria o carro.

— Anahita Chavan. Sim, Senhor Malik, vou garantir que ele receba isso.

— Obrigado. — Então, seguindo um instinto repentino, Ari estendeu o braço até o banco de trás e pegou a pasta plástica que continha a história de sua bisavó. Separou as páginas que já havia lido e entregou à jovem. — Talvez você possa entregar isto também. É uma cópia de parte da história da vida da minha bisavó. É, pelo menos, uma perspectiva fascinante de Astbury Hall e de seus moradores durante os anos 1920.

— É a época da história que estamos filmando aqui — ela murmurou, pegando as páginas. — Isso vai revelar alguns esqueletos no armário dos Astbury? Tenho certeza de que esse lugar esconde segredos.

— Não cheguei ao final da história ainda, mas tenho a impressão de que sim.

— Ari sorriu para ela.

Ele se sentou no banco do motorista.

— A propósito, não sei seu nome.

— Rebecca. Rebecca Bradley. Vejo você por aí, Senhor Malik — Com um sorriso e um aceno, ela se afastou.

Ari a observou pelo retrovisor, ainda pensando que era familiar. Certamente era atraente, apesar de as loiras não serem sua preferência, ele pensou, enquanto manobrava para fora do pátio e retornava pelo caminho ao longo do parque, pensando em procurar um hotel nas proximidades.

Assim que terminou de filmar naquele dia, Rebecca atravessou o saguão e entrou no escritório que continha o único telefone da casa. Fechando a porta, sentou-se na cadeira de couro rasgado e discou o número de Jack Eram dez da manhã em Los Angeles, e Jack deveria estar no mundo dos vivos.

— Alô? — Sua voz familiar ainda soava sonolenta.

— Oi, sou eu, Rebecca.

— Jesus, Beck! Estava começando a me perguntar se você ainda estava viva.

— Deixei várias mensagens, Jack. Você não recebeu?

— Claro que recebi... Como você está? Está chovendo aí?

— Não, por quê?

— Sempre chove do outro lado do Atlântico, não chove?

— Não o tempo todo — ela respondeu, irritada com o comentário. — Então, como estão as coisas com você?

— Ah, você sabe, lendo roteiros, procurando um bom projeto. Recebi algumas coisas que parecem boas, mas meu agente não está contente com minha bilheteria.

— Sinto muito.

— E você, Beck? Sentindo minha falta?

— Claro que estou. Estou hospedada em uma casa espetacular aonde a imprensa não consegue chegar. É bem tranquilo. As filmagens estão indo bem, e acho que Robert Hope está contente com a minha atuação.

— Bom, bom. Quanto tempo você ainda vai ficar aí?

— Mais um mês, acho.

— É um longo tempo, querida. Como vou sobreviver sem você?

— Tenho certeza de que você encontra um jeito, Jack — ela respondeu, bruscamente.

— Bem, talvez eu pegue um avião e vá ver você. Afinal, temos planos para discutir, datas para definir.

— Jack, eu... — A voz de Rebecca perdeu a força e ela suspirou em silêncio. Ele parece ter se esquecido de que a foi a imprensa quem afirmou seu noivado, e ela ainda tinha que dar uma resposta final. — Vamos ver como as coisas ficam, tudo bem? Minha agenda de filmagens está apertada nas próximas semanas. Você sabe como é.

— Sim, eu sei, mas realmente estou com saudades, querida.

— Eu também. Preciso ir. Tentarei te ligar durante o fim de semana.

— Sim, faça isso, por favor. Parece loucura não conseguir falar com você quando tenho vontade. Tem certeza de que não tem mesmo sinal de celular aí?

— Claro que tenho, Jack. Por que eu mentiria? Ouça, preciso ir.

— Tudo bem. Te amo.

— Eu também. Tchau.

Rebecca desligou o telefone e subiu as escadas até seu quarto. Jogou-se na cadeira ao lado da lareira com um suspiro. O que estava errado com ela? Alguns meses atrás estava irremediavelmente apaixonada por Jack. Mas, agora, mal suportava falar com ele. Imagine sussurrar palavras românticas ou dizer a ele que sentia saudades.

Talvez, pensou, fosse porque estava pressionada contra a parede. Aprisionada, sentia-se paralisada. E, na Inglaterra, passava horas na companhia de homens que pareciam muito menos pretensiosos que Jack.

Rebecca nunca se acostumou com o fato de ele usar mais cremes e produtos para a pele que ela mesma. Ela riu ao imaginar o Lorde Anthony fazendo a mesma coisa. Provavelmente sua única concessão à vaidade física fosse um barbeador que usava desde a mocidade.

Isso a lembrou de que deveria procurar Anthony para entregar o cartão e os papéis que o Sr. Malik havia deixado com ela. Olhando pela janela, viu Anthony no jardim, podando as roseiras. Saiu do quarto e seguiu até o terraço. Assim que pisou do lado de fora, ele a viu e atravessou o jardim em sua direção.

— Como está, Rebecca?

— Foi um bom dia — disse ela. — E você?

— Ah, o mesmo de sempre — ele disse, amigavelmente.

— A Senhora Trevathan mencionou que tivemos um visitante hoje?

— Não. Quem?

— Um jovem indiano chamado Ari Malik, que nos falou sobre uma parenta que trabalhou aqui há muitos anos. Ele me pediu para entregar estas páginas para você. Foram escritas pela bisavó dele, sobre a época em que trabalhou em

Astbury Hall no início do século 20. Esse era seu nome — Rebecca entregou o cartão, que Anthony leu com atenção.

— Anahita Chavan... Receio de que não me lembro. Mas, se foi uma criada, seu nome deve estar na lista de pagamentos nos registros antigos que guardo na biblioteca.

— Bem, talvez estas páginas digam mais. O Senhor Malik disse que você pode gostar de ler.

Anthony olhou para os papéis, e Rebecca notou que ele parecia incerto.

— Não é do meu interesse mergulhar na história da minha família. Qual o objetivo de reviver o passado se ele guarda tanta dor?

— Desculpe, Anthony, não foi minha intenção aborrecê-lo.

— Perdão. — Anthony se recuperou e esboçou um sorriso. — É o mínimo que posso fazer para sobreviver no presente.

— Entendo. Então, você se importa se eu ler? Pode me dar um vislumbre da era em que Elizabeth viveu.

— Elizabeth?

— Minha personagem no filme — Rebecca explicou.

— Ah, claro. Por favor, vá em frente — Anthony concordou. — Talvez você possa me dar a honra de se juntar a mim para um drink quando sua agenda permitir.

— Claro, adoraria.

— Vou esperar ansioso. Adeus, por enquanto — ele disse, colocando no bolso o cartão que ela havia lhe dado e descendo outra vez os degraus que levavam a seu precioso jardim.

Rebecca passou a meia hora seguinte gravando a cena da festa no vilarejo que havia sido montado no parque em frente à casa. Crianças dos vilarejos da região corriam empolgadas de um lado para o outro, e Rebecca notou a enfermeira que viu na cozinha, quando chegou naquele primeiro dia, empurrando uma senhora em uma cadeira de rodas. Ela assistiu impressionada enquanto Marion Devereaux — lenda dos palcos e das telas britânicas — completava uma parte longa e complicada do diálogo em uma tomada única e perfeita.

Bocejando de repente, Rebecca voltou para seu quarto. Ela se acomodou na cama e revisou suas falas por meia hora, então viu sua atenção se voltar para a pasta plástica que Ali Malik havia confiado a ela.

Quando ergueu os olhos outra vez, notou que já passava da meia-noite. Ela se deitou sob as cobertas e adormeceu imediatamente, sonhando com marajás, rubis e um príncipe indiano de olhos azuis...



O clima permaneceu quente e seco nas três noites seguintes, com a lua cheia brilhando intensamente em um céu cheio de estrelas. Consequentemente, Robert decidiu gravar as cenas noturnas, e era mais de duas da manhã quando Rebecca desabou, exausta, sobre a cama. Naquela noite, suspirando enquanto esperava ao lado de James para fugirem juntos em um Rolls-Royce antigo, parecia que era bem mais tarde.

— E dizem que ser ator é uma profissão glamourosa — James disse, bocejando na escuridão. — Ficaria mais que feliz em fugir com você a qualquer hora, Beck. Mas repetir isso sete vezes à uma da manhã e só conseguir percorrer trinta metros a cada tomada está testando minha paciência. Que modo ridículo de ganhar a vida.

— Pelo menos estamos em uma locação incrível, e não presos a um cenário sob ar-condicionado em um galpão de Hollywood — Rebecca lembrou.

— Verdade, verdade. Então, é possível que nossa queridinha da América esteja se apaixonando pela Inglaterra? Vi você conversando com o nosso anfitrião outro dia no jardim. Como ele é? Parece bem indiferente.

— Anthony é um cara legal, na verdade. Só um pouco tímido, acho.

— “Anthony”, é? Em vez de Lorde Astbury? Bem amigável, hein? — James alfinetou. — Você gostaria de ter um título de nobreza, Beck? Estaria seguindo os passos de seus ancestrais americanos. Muitas herdeiras trocaram a fortuna de suas famílias por uma posição entre a aristocracia britânica. Pensando nisso, “Lady Rebecca Astbury” tem certo charme — ele brincou.

— Ha-ha — Rebecca resmungou baixinho enquanto o técnico de som indicou que estavam prontos.

— Vinte segundos!

— Parece que este lugar agradeceria por uma nova fortuna americana. Eu tomaria cuidado se fosse você, querida. O Lorde Anthony pode estar interessado no seu dinheiro.

— Dez segundos!

— Ele é gentil, mas não é o meu tipo — Rebecca sussurrou.

— Cinco segundos!

— Qual é o seu tipo?

Rebecca não teve tempo de responder mais nada quando a claquete estalou na frente do para-brisa e James manobrou o carro pela estrada.

Depois de alguns minutos, o assistente de direção anunciou que a tomada finalmente estava boa e que estavam encerrando os trabalhos por aquela noite. Steve abriu a porta para ela e Rebecca saiu do carro.

— Tudo bem? — ele perguntou.

— Sim, obrigada.

— Lamento que você tenha que se apresentar cedo amanhã de manhã, mas depois disso temos alguns dias de folga no fim de semana — ele disse, enquanto os três subiam os enormes degraus em frente à casa. — Você ficará bem aqui no Hall, ou quer que eu peça ao Graham para levá-la a Londres?

— Isso, venha comigo para Londres — James sugeriu. — Vou levar você para conhecer os pontos turísticos.

— Gentileza sua, mas tenho uma agenda lotada na semana que vem — Rebecca explicou. — Acho que vou ficar aqui e estudar minhas falas em paz, talvez explorar um pouco a região.

— Sem problemas. Graham vai ficar de plantão para levar você aonde quiser ir — Steve garantiu. — Certo, então, vejo você às seis da manhã.

— Tem certeza absoluta de que não quer vir comigo, Beck? — James perguntou. — Não gosto de pensar em você aqui sozinha, nas mãos do misterioso Lorde Astbury e da versão de Senhora Danvers aqui do Hall — ele brincou. — De todo modo, se mudar de ideia, pego a estrada assim que as filmagens terminarem amanhã à tarde.

— Obrigada. Boa noite, James — ela respondeu, indo em direção ao figurino para tirar seu traje. Talvez fosse o cansaço daquela noite, mas não tinha vontade alguma de deixar Astbury Hall. Além disso, de acordo com sua sorte atual, ela e James seriam vistos juntos e imediatamente haveria uma foto circulando pelo mundo.

Elenco e equipe técnica deixaram Astbury Hall por volta das cinco horas na tarde seguinte, e Rebecca aproveitou a oportunidade para relaxar na banheira. Decidiu pedir a Graham para levá-la à cidade mais próxima, no dia seguinte, para comprar algumas roupas e medicamentos mais fortes para sua alergia.

Saindo do banho, Rebecca seguiu pelo corredor de volta a seu quarto e encontrou a Sra. Trevathan esperando por ela do lado de fora.

— Trouxe um pouco de chá caseiro de camomila, minha querida.

— Obrigada — Rebecca respondeu.

— Vai ajudá-la a relaxar depois de uma longa semana. O Lorde Astbury também a convidou para tomar um drink com ele no terraço esta noite. Ele disse que vocês falaram sobre isso no início da semana.

— Sim, falamos. Que horas seria ideal para ele?

— Sete e meia? E ele disse que você é bem-vinda para se juntar a ele para o

jantar, também, se quiser — a Sra. Trevathan acrescentou.

— Não esta noite, obrigada. Minha alergia está péssima no momento.

— Ah, pobrezinha. Bem, nada que uma boa noite de sono não possa curar, tenho certeza. Direi ao Lorde que você irá descer às sete e meia, querida.

Terminando seu delicioso chá de camomila, Rebecca passou uma hora imersa nas cenas que gravaria na semana seguinte. Então, se vestiu, pegou um casaco e seguiu escada abaixo até a varanda de lajota que se alongava por quase toda a extensão principal da casa.

Anthony estava sentado à mesa de ferro trabalhado, de um lado da varanda que oferecia uma vista esplêndida dos jardins floridos e do gramado que cobria todo o parque.

— Boa noite — ele disse, e sorriu ao se levantar para puxar uma cadeira para ela.

— Obrigada — Rebecca disse, se sentando. — Que pôr do sol maravilhoso. A natureza realmente está dando um espetáculo para nós. Sabe, nunca apreciei o céu até vir para Astbury. As estrelas são tão brilhantes aqui.

— Bem, apenas talvez não seja possível notá-las na cidade — Anthony disse, pegado uma jarra e derramando um líquido cor de âmbar, com frutas e gelo, em seu copo.

— O que estamos bebendo? — Rebecca perguntou, olhando a mistura com certa suspeita.

— Pimm's. É o que nós, britânicos, tomamos em noites raras de verão como esta. Tem bastante limonada, você não vai ficar embriagada.

Rebecca hesitou ao levar o copo aos lábios e tomar um gole.

— É muito bom, obrigada — ela disse.

— Fico feliz que tenha gostado. A Senhora Trevathan me disse que você está sofrendo com alergias.

— Sim, tenho alergias desde criança e às vezes fico abatida. A propósito, li as primeiras páginas da história que o Senhor Malik deixou comigo ontem à noite, aquela escrita por uma parenta dele que trabalhou aqui. Nenhum esqueleto até agora. — Rebecca sorriu. — Mas Donald, acho que você disse que era o seu avô, faz uma aparição memorável.

— Ele aparece, sério? — Anthony tomou um gole de Pimm's, pensativo. — Verifiquei os registros na biblioteca e não encontrei ninguém com o nome de Anahita Chavan durante o período que você sugeriu.

— De acordo com a história dela, ela definitivamente trabalhou aqui, ainda que por um breve período — Rebecca elaborou. — Ela foi ama-seca de Eleanor, filha da irmã de seu avô.

— Selina Fontaine. Pelo que minha mãe me contou, ela era a ovelha-negra da

família. Se casou com um conde francês e se mudou para a França. Depois disso, não passou muito mais tempo por aqui.

— Estou surpresa — Rebecca disse. — Ela parece uma boa pessoa na história. Desculpe a franqueza, Anthony, mas estou surpresa por você não querer saber mais sobre o passado da sua família. Eu adoraria poder descobrir um pouco mais sobre a minha.

— Perdoe-me se não concordo — ele respondeu, parecendo um pouco agitado. — Na minha família em particular, como a Senhora Trevathan sempre diz, é melhor não cutucar a onça com vara curta.

— Pode ser verdade, mas o que li aconteceu há quase cem anos. Por acaso haveria algum mal em saber um pouco mais sobre aqueles que viveram aqui antes de você?

Anthony fitou o horizonte, então se virou para ela:

— Você acha que isso me ajudaria, Rebecca?

— Eu... — Ela olhou para ele, sua expressão remetendo à de uma criança pedindo conselhos para a mãe. Ela levantou os ombros. — Talvez seja o estilo americano, mas sempre quero conhecer os fatos — respondeu.

— Bem, talvez você esteja certa e eu devesse ler esse documento, que parece tê-la fascinado tanto — finalmente concordou.

— Desculpe, Anthony, isso não é da minha conta. Não tive a intenção de me intrometer.

— Esse Senhor Malik parecia um bom sujeito?

— Bem, ele não parecia estar procurando por nada além de uma conversa sobre sua bisavó — Rebecca confirmou.

— Vou pensar a respeito, com certeza. Agora, quais são seus planos para o fim de semana? — Anthony perguntou, mudando abruptamente de assunto. — Admito que vou desfrutar deste pequeno hiato para ter a minha casa de volta.

— Tenho certeza de que vai. Prometo que também fico fora do seu caminho amanhã — acrescentou logo. — Vou pedir a Graham, meu motorista, para me levar à cidade mais próxima. Preciso comprar mais algumas coisas para vestir. Trouxe tão poucas roupas e está mais quente aqui do que esperava. E talvez vá fazer um pouco de turismo nas imediações. Há algum lugar em especial que você acha que eu deveria visitar?

— Claro, mas quando disse que queria a casa de volta não me referia a você. Na verdade, ficarei feliz em lhe mostrar o lugar pessoalmente. Duvido que alguém conheça esta parte do mundo tão bem quanto eu.

— Sério, Anthony, não será necessário. Tenho certeza de que a última coisa que você quer fazer neste fim de semana é bancar o guia turístico.

— Eu insisto. Não considero sua presença aqui uma intromissão. Seria um

prazer. A Senhora Trevathan diz que você está muito cansada para jantar comigo esta noite, então o que você acha de me encontrar aqui na varanda amanhã de manhã, vejamos, às dez horas?

— Tudo bem, se você tem certeza — Rebecca concordou. — Mas não quero causar nenhum incômodo.

— Não é incômodo algum. Então me diga: como estão as filmagens?

Rebecca conversou sobre o filme, contente por ver a tensão anterior de Anthony desaparecer enquanto ele a ouvia.

— Claro, a verdadeira estrela do filme é Astbury Hall. Todos se sentem privilegiados em estar aqui, e o Hall ficará fabuloso nas telas de cinema.

— Pelo menos vai pagar pela manutenção — Anthony suspirou. — O irônico é que foi justamente a falta de verba para reformas que deixou o lugar tão atraente como cenário para o seu filme.

— Amo este lugar, Anthony, não importa quão antiquados sejam os banheiros — ela acrescentou, com um sorriso.

— Sêrio? De verdade?

— Sim, de verdade — ela confirmou.

— Isso me agrada. — Uma expressão de prazer quase infantil passou pelo rosto de Anthony.

Quando a Sra. Trevathan apareceu para informar que o jantar de Anthony estava pronto, Rebecca se sentiu culpada por finalmente poder voltar para o quarto e para uma refeição leve, sozinha e em silêncio.

Rebecca acordou desnordeada na manhã seguinte e com o tipo de dor de cabeça que a fez questionar se havia bebido muito na noite anterior. Ela se perguntou se a bebida que Anthony serviu era mais forte do que ele havia sugerido. A Sra. Trevathan chegou a seu quarto pontualmente às nove para colocar uma bandeja com chá, torrada e um ovo cozido em seu colo. Rebecca se sentou na cama e, se sentindo enjoada, tentou, mas não conseguiu comer muita coisa. Ela engoliu um ibuprofeno, vestiu uma camiseta e uma calça jeans e desceu as escadas.

— Bom dia — Anthony já estava na varanda esperando por ela. — Vamos?

Eles contornaram a passagem na frente da casa, onde uma antiga Range Rover estava estacionada.

— Pode subir. Lamento que não seja nem de longe parecido com o que você está acostumada — ele se desculpou.

Rebecca se sentou no banco do passageiro enquanto Anthony dava a partida, pensando que seu anfitrião nunca deixava de usar seu uniforme: camisa xadrez e um antigo casaco de tweed. Talvez fossem suas únicas roupas. Ela esperava que a Sra. Trevathan as lavasse de vez em quando.

— Pensei em levá-la até Ashburton. Tem algumas butiques lá, mas não sei dizer se o que vendem é do seu gosto — Anthony comentou enquanto deixavam o Hall. — Depois seguimos para Widecombe-in-the-Moor, e lá almoçamos em um pub. Depois, você gostaria de visitar Dartmoor? É mais agradável ir a cavalo, mas não sei se você monta.

— Amo cavalgar, na verdade — Rebecca disse, se alegrando com a ideia. — Precisei aprender para um papel que fiz há alguns anos. O filme foi rodado em Montana, e eu aprendi com caubóis de verdade. Tenho certeza de que meu estilo não é tão sofisticado como o seu.

— Bem, bem, veja só — Anthony disse, claramente surpreso. — Infelizmente nossos estábulos não são como antes. Eu os alugo para a garota que cuida da escola de montaria local, e em troca ela cuida de alguns dos meus cavalos lá. Nunca fui um ginete quando era jovem, e minhas costas me incomodam hoje em dia, então eles não se exercitam muito. Por favor, sinta-se à vontade para cavalgar sempre que desejar enquanto estiver aqui. Seria de grande ajuda.

— Sabe de uma coisa? Acho que vou mesmo — Rebecca concordou.

— Aliás, pensei no que você disse ontem à noite. Entrei em contato com o Senhor Malik hoje de manhã e pedi que viesse almoçar no Hall amanhã. Com uma condição — Anthony acrescentou.

— Qual?

— Você almoça conosco. Afinal, foi você quem me convenceu de que deveria encontrá-lo.

— Claro, será um prazer. E, Anthony, se o Senhor Malik vem almoçar amanhã, acho que você devia pelo menos começar a ler a história de sua bisavó antes da chegada dele. É realmente fascinante.

Anthony olhou para ele, apreensivo:

— Você me garante que não há esqueletos no armário da minha família que possam me chocar?

— Nenhum, até onde li, pelo menos. A maior parte é sobre a infância de Anahita na Índia. Senti como se estivesse entrando em um mundo diferente, e me deu até vontade de visitar aquele país. Ela morou em um palácio impressionante, como acompanhante de uma princesa, antes de as duas virem para a Inglaterra estudar em um colégio interno.

— Talvez seja essa a relação com a minha família — Anthony refletiu enquanto dirigia. — Sei que meu bisavô foi residente em Cooch Behar antes de morrer.

— Isso. Tenho a impressão de que ele amava o lugar, mas sua bisavó, Maud, não compartilhava desse sentimento.

— Tenho certeza. Infelizmente ela não aprovava muita coisa. Certamente não aprovava a nós, homens — ele acrescentou, com ênfase.

— Bem, acho que você deve ler e tirar suas próprias conclusões.

— Então eu vou ler. E vou informar a Senhora Trevathan sobre o almoço de amanhã — Anthony disse, enquanto estacionava o carro em uma charmosa e movimentada rua. — Agora, vamos às compras.

A manhã foi mais agradável do que Rebecca esperava. Caminhando sob o sol com seu protetor masculino e seu cabelo recém-tingido, Rebecca desfrutou da liberdade de estar em público e não ser reconhecida. Depois de entrar em algumas lojas e escolher camisas, ela comprou mais anti-histamínico na farmácia e os dois foram para Widecombe-in-the-Moor.

Sentaram-se do lado de fora do Rugglestone Inn, desfrutando do sol e de uma salada de caranguejo fresco.

— É exatamente uma imagem de cartão-postal como eu imaginava que fosse a Inglaterra — Rebecca disse, absorvendo a singularidade das casas da rua, que pareciam ilustrações de caixas de bombons. — Na verdade, falando em cartões-postais, acho que vou enviar alguns.

— É uma bela parte do mundo, com certeza. E é bom, para mim, ver tudo com novos olhos. Nunca viajei muito, e suponho que ficamos um pouco saturados com o que é familiar.

— Você foi para um colégio interno quando era criança, como seu avô Donald? — Rebecca perguntou.

— Não. Fui educado em casa. Minha mãe não aprovava colégios internos — explicou.

— Sério? Estou surpresa. De acordo com o roteiro do filme e minha pesquisa sobre a época, pensei que fosse um rito de passagem para todos os meninos de famílias britânicas.

— Minha mãe sentiria muito a minha falta. Você pode imaginar como seria para ela ficar no Hall sozinha.

— Claro. — Rebecca notara nele um vislumbre de feminilidade toda vez que falava de sua mãe. Ela se perguntou se o verdadeiro motivo de Anthony nunca ter se casado era a homossexualidade. — Pelo que ouvi dizer sobre colégios internos, você teve sorte em escapar. Não consigo entender por que alguém teria um filho para mandá-lo embora.

— Minha mãe achava uma piada que nós, jovens britânicos, fôssemos enviados a um colégio para nos preparar para comandar o império. No final dos anos 1950, quando eu ainda era um garoto, já não havia mais império para administrar. — Ele respirou fundo. — Ainda assim, todos dizem que os colégios internos são mais amenos hoje em dia. Parece que até fornecem água quente agora.

— Nunca considerei essa possibilidade para um dos meus filhos. — Rebecca estremeceu.

— Como você disse, é a tradição, querida. Bem, talvez você queira dar uma volta em Dartmoor esta tarde.

Depois de almoçar, Rebecca estava enjoada, e a dor de cabeça estava voltando.

— Talvez amanhã. Ainda estou um pouco cansada.

— Então que tal voltarmos para casa e eu mostro a você a capela da família? — ele sugeriu. — Foi projetada por Vanbrugh, um famoso arquiteto inglês. Fica dentro da casa, perto da galeria.

— Sim, se não for incômodo para você, Anthony — Rebecca respondeu.

Vinte minutos depois, de volta ao Hall, Rebecca seguiu Anthony pela elegante galeria. Ele parou diante de uma porta de carvalho e usou uma chave grande para abri-la.

Rebecca entrou e olhou com admiração para a floresta de colunas adornadas que ascendiam em direção a um pequeno domo, cujas laterais eram enfeitadas com nuvens e querubins.

— É linda — ela sussurrou, voltando-se para Anthony.

— Sim, mas infelizmente um desperdício nos dias de hoje. Raramente venho aqui. Por favor — ele disse, sentando-se em um banco. — Fique à vontade para explorar.

Rebecca fez exatamente isso, apreciando a atmosfera calma e o peso da história que a capela carregava. Olhou para o chão de mármore já gasto, evidência tangível de que muitas almas haviam estado ali ao longo dos anos, em busca de consolo.

Ela se virou e olhou novamente para seu acompanhante. Anthony olhava diretamente para a frente, claramente perdido em seus pensamentos. Sentado ali, sozinho, ela sentiu a vulnerabilidade de seu anfitrião. Caminhou até ele e se sentou a seu lado no banco.

— Você acredita em Deus, Anthony?

— Minha bisavó, Maud, era muito religiosa. Ela criou minha mãe no catolicismo romano. E, como Maud ainda era viva quando nasci, também fui criado assim. Particularmente, não acredito em nada disso. Nunca acreditei, para ser sincero, apesar de fingir que acreditava na frente dela. Você acredita?

— Nunca pensei muito sobre religião. Não foi parte da minha infância, com certeza.

— Foi uma grande parte da minha, mas não pensei nisso mais que você. Era simplesmente uma rotina sem significado. Um tédio, como uma aula de Ciências ou Matemática. Para ser franco, consigo ver apenas o dano que causou ao longo dos séculos. A obsessão de Maud pela religião também não ajudou minha família. Ela não era uma pessoa... agradável. Mas aqui estamos nós. — Ele olhou

para Rebecca com um sorriso triste. — Vamos embora?

— Vamos. Obrigada por me trazer aqui. Sinto-me privilegiada por ter visto este lugar.

— O prazer foi meu — ele garantiu, com entusiasmo.

— Onde seus ancestrais estão enterrados? — Rebecca perguntou, esperando que a resposta não fosse uma catacumba sob seus pés.

— Naquele que considero um prédio medonho no meio de um emaranhado de árvores no parque. Posso levá-la ao mausoléu agora, se quiser — Anthony ofereceu, enquanto caminhavam pela galeria outra vez.

— Realmente estou com dor de cabeça. Talvez outro dia.

— Bem, espero que você esteja bem o bastante para se juntar a mim e ao nosso amigo indiano amanhã. A Senhora Trevathan sempre prepara um assado daqueles para o almoço.

— Sim, claro. Tenho certeza de que me sentirei melhor depois que descansar um pouco.

— Rebecca, eu... — Anthony olhou fixamente para ela por um momento, então balançou a cabeça. — Não é nada. Espero que esteja melhor amanhã. Você precisa de alguma coisa?

— Só dormir um pouco, creio.

— Bem, vou voltar para meu jardim. Obrigado por esse dia agradável.

Anthony caminhou em direção à varanda e Rebecca se voltou para as escadas. Fechando a porta de seu quarto, ela tomou mais um ibuprofeno e se deitou na cama, desejando pela primeira vez estar em um hotel e poder colocar um aviso de “não perturbe” na porta. Fechando os olhos, ela tentou relaxar.



— Rebecca... Rebecca...?

Ela ouviu uma voz chamando. Abrindo os olhos, viu a Sra. Trevathan olhando para ela.

— Você está adormecida há mais de três horas. Pensei que deveria acordá-la, já que são quase sete da noite e você não vai conseguir dormir depois se dormir mais agora. Trouxe um pouco de chá e bolinhos.

— Ah, obrigada. — Rebecca estava desorientada e trêmula.

— O Lorde Astbury disse que você está sofrendo com dores de cabeça. Posso providenciar alguma coisa? Você está bem pálida, querida.

— Não, estou bem, obrigada — Rebecca respondeu, saindo da cama e indo até a mesa. — Sinto-me melhor depois desse cochilo.

— Posso servir o chá?

— Sim, por favor.

— Ouvi dizer que temos um convidado a mais para o almoço de amanhã. Parece que você informou o Lorde sobre aquele senhor indiano que nos visitou.

— Informei, sim. — Rebecca ergueu os olhos e viu reprovação na expressão da Sra. Trevathan. — Há algum problema nisso?

— Não, não. É que está tudo tão caótico no momento. Acho que não estou acostumada com mudanças em nossa rotina.

— Posso imaginar — Rebecca respondeu, com simpatia. — Anthony tem sido tão gentil comigo. Mas ele parece uma pessoa muito solitária. Tenho certeza de que não é da minha conta, mas Anthony já teve alguma namorada?

— Não, na verdade, não. Suponho que o Lorde seja o que chamam de solteiro convicto. Ele é único, ele é, com certeza. — A Sra. Trevathan se permitiu um sorriso afetuosos.

— Não sei se gostaria de passar a vida inteira sozinha — Rebecca suspirou e tomou um gole de chá.

— Cada com sua preferência, é o que eu sempre digo. Nem todos podemos ter sorte no amor, podemos? Além disso, estou sempre aqui para fazer companhia para ele, querida. Bem, vou deixá-la comer.

— Ah, a propósito. Prometi a Anthony o manuscrito que o Senhor Malik me entregou para que ele possa ler. — Rebecca pegou a pasta de papéis sobre o criado-mudo e a entregou à Sra. Trevathan.

Ela fitou a pasta com suspeita.

— Sobre o que é isso, então?

— É principalmente sobre a vida na Índia. E, claro, Astbury Hall.

— Entendo. Não tem nada aqui que possa perturbar o Lorde, tem? Ele é muito... — procurou a palavra adequada — sensível. Não quero que se aborreça.

— Nada para se preocupar.

— Mas o que aquele sujeito indiano quer? O que você acha? — a Sra. Trevathan insistiu.

— Apenas descobrir mais sobre o passado de sua bisavó. O que mais poderia ser?

— Nada... Nada — a Sra. Trevathan murmurou, pouco convencida. — Certo, vou deixar você apreciar o seu chá em paz.

Enquanto Rebecca saboreava os bolinhos deliciosos, pensou em como a Sra. Trevathan era protetora com Anthony. De fato, poderiam ser marido e mulher. Afinal, ela desempenhava todas as tarefas domésticas que uma esposa tradicionalmente desempenha, e, obviamente, eles estavam juntos havia muito tempo. Rebecca então se perguntou como a Sra. Trevathan se sentiria se outra mulher *entrasse* na equação. Ela não conseguia deixar de considerar como o relacionamento entre eles era estranho. Era tão... íntimo em alguns aspectos, ambos dependendo tanto um do outro, mas tão distante em outros. Talvez, pensou fazendo uma careta, os casamentos fossem assim.

Rebecca colocou seu prato vazio sobre a bandeja, que deixou do lado de fora da porta como sinal de que não queria ser incomodada. Sentou-se em uma cadeira e tentou considerar, de um ponto de vista racional, como sua vida seria caso viesse a se casar com Jack. Não haveria um relacionamento “mestre e criado”, porque eles eram iguais. Mas isso era possível? O ego de Jack era do tamanho do Titanic, e, como o seu era menos inflado e sua natureza era a de evitar conflitos a qualquer custo, supôs que se renderia primeiro.

Rebecca se levantou e foi tomar um banho, depois voltou para a cama com o roteiro. Foi difícil manter-se concentrada. Seus pensamentos voltavam constantemente para Jack e o pedido de casamento. Finalmente seus olhos ficaram pesados e ela se preparou para dormir, concluindo que a única coisa de que tinha certeza era que ainda não estava pronta para um compromisso para a vida inteira.

— Ah, Rebecca, estava prestes a mandar a Senhora Trevathan te chamar. — Anthony se levantou da mesa da sala de jantar para cumprimentá-la. — Você parece bem melhor hoje. A dor de cabeça passou?

— Sim, obrigada — Rebecca confirmou enquanto entrava na sala.

— Acredito que já se conhecem. Rebecca, este é o Senhor Ari Malik —

Anthony disse.

— Olá outra vez — Rebecca respondeu, sorrindo e estendendo a mão para Ari.

— Rebecca — Ari disse, envergonhado. — Devo me desculpar por insistir que a conhecia quando nos encontramos da última vez. Somente depois, me dei conta de quem você era.

— Não tem problema. Na verdade, é uma mudança animadora — ela disse, com um sorriso.

— Vi uma foto sua com seu noivo no jornal ontem mesmo — Ari continuou. — Posso oferecer meus parabéns?

— Obrigada. — Rebecca enrubesceu, constrangida.

— Você está noiva? — Anthony olhou para Rebecca surpreso. — Não sabia disso.

— Eu... Sim.

— Entendo. Vamos nos sentar? — Anthony disse, abruptamente. — Senhor Malik, não estou certo se o cardápio o agrada. Minha governanta costuma servir pratos ingleses tradicionais.

— Por favor, me chame de Ari. E não se preocupe. Eu me acostumei com a culinária inglesa quando estava na Harrow.

— Você frequentou a Harrow? — Anthony perguntou, um tanto quanto perplexo.

— Sim, meus pais acreditavam que a educação britânica era a melhor do mundo. Portanto...

Enquanto Ari continuou falando, suas palavras passaram despercebidas por Rebecca, que se viu notando cada detalhe de seu físico atraente.

Ele tinha cabelos escuros, espessos e ondulados, que brilhavam com algumas mechas que pareciam azuis sob os raios de sol vindos da janela. Eram longos o bastante para tocar a gola de sua camisa, mas não para prejudicar sua aparência máscula. O tom de sua pele era marrom-claro, e ele vestia uma camisa branca impecável. Mas foram seus olhos que chamaram a atenção de Rebecca — ela era incapaz de descrever sua cor, porque eram azuis, mas também continham toques de verde e âmbar, o que a fez se lembrar da vez em que olhou em um caleidoscópio quando criança.

— O que você acha, Rebecca? — Anthony perguntou.

— Perdão. — Forçou sua atenção de volta para a conversa. — Acho que não estava atenta.

— Eu estava dizendo a Ari que, desde o declínio do império britânico, talvez muitas de nossas tradições não sejam consideradas pelo mundo com o mesmo respeito de antes.

— Não tenho tanta certeza disso. — Rebecca sorriu. — Nós, ianques, ainda amamos vocês. Quero dizer, estou aqui fazendo um filme sobre sua aristocracia para o mercado americano.

— Concordo com Rebecca — Ari disse. — Muito dos costumes mais arraigados do meu país surgiram durante as décadas de domínio britânico. Mas, nos dias de hoje, acho que somos melhores em alguns deles que vocês. No críquete, por exemplo — ele brincou.

— Você ainda mora na Índia? — Rebecca perguntou, enquanto a Sra. Trevathan servia a sopa.

— Sim. Estou estabelecido em Mumbai, mas passo uma grande parte do meu tempo em viagens no exterior.

— O que você faz, exatamente? — Anthony perguntou.

— Minha companhia fornece soluções tecnológicas para empresas. Simplificando, desenvolvemos softwares por encomenda.

— Verdade? Lamento admitir que sou um dinossauro — Anthony disse. — Não possuo um computador e nunca terei um. Para ser honesto, eles me assustam.

— Por outro lado, meu sobrinho de seis anos sabe mexer nos programas tão rápido quanto vira as páginas de um livro — Ari comentou. — Gostando ou não, o mundo digital mudou nossa vida irrevogavelmente.

— Exceto a minha — Anthony respondeu, com rancor. — Como você deve ter notado, eu e meu lar somos antiquados, e eu sou feliz por isso. Agora, por favor, comam.

Durante o almoço, Rebecca ficou contente em ouvir com interesse enquanto os dois homens discutiam sobre a história britânica e indiana e a mistura estranha, mas duradoura, que duas culturas tão diferentes produziram.

Quando a refeição chegou ao fim, Anthony disse:

— Vamos para a sala de visitas tomar um café?

Assim que estavam acomodados na sala de visitas e a Sra. Trevathan serviu café para os homens e chá de camomila para Rebecca, Anthony pegou o manuscrito de uma gaveta e o entregou para Ari.

— Obrigado por me permitir ler isto. Achei fascinante, especialmente a visão da Índia de 1911. Meu bisavô fez parte desse mundo.

— Também aprendi muitas coisas sobre a minha própria cultura nestas páginas — Ari concordou.

— Mas — Anthony continuou —, lendo o que li até agora, não vejo qual a sua relevância para minha família ou para Astbury Hall.

— Entendo o que quer dizer — Ari respondeu. — Entretanto, agora que li a história completa da minha bisavó, posso garantir que há grande relevância.

— Sua bisavó descreve que trabalhou aqui, claro, mas, como eu disse a Rebecca, não encontrei nenhum registro dela em nossos livros daquele período.

— Não me surpreende que você não tenha encontrado nenhum documento sobre ela em Astbury Hall. Infelizmente, seu tempo aqui não teve um final feliz para todos os envolvidos.

— Então não tenho certeza se quero saber — Anthony declarou, com convicção.

— Na verdade, o motivo da minha visita a Astbury Hall é a esperança de que você possa me ajudar a encontrar uma peça do quebra-cabeça que é a história da minha família.

— E o que seria essa peça?

— Em poucas palavras, logo após a morte de Violet Astbury, Anahita foi informada de que seu filho também havia morrido. Mas, pelo resto de sua vida, ela se recusou a acreditar nisso. — Ele indicou uma pasta contendo o restante da história. — É complicado, mas acredito que ela explique muito melhor do que eu conseguiria. Você gostaria de ler o final?

— Talvez. — Anthony se levantou de repente, visivelmente perturbado. — Rebecca, você mencionou ontem que gostaria de cavalgar pela várzea.

— Sim, mencionei.

— Sabe montar, Ari? — Anthony perguntou.

— Sim.

— Então, por que vocês dois não se exercitam um pouco? Tenho trabalho no jardim.

— Está um dia tão lindo. Eu adoraria dar um passeio — Rebecca disse. — Você quer vir comigo, Ari? — ela encorajou. Era óbvio que Anthony queria ficar sozinho.

— Sim, claro, se vocês têm certeza. O almoço estava delicioso, Anthony, muito obrigado por sua hospitalidade — Ari disse, percebendo a indireta e seguindo Rebecca pelas portas que levavam à varanda. — Mas não tenho botas nem roupas para montar.

— Vire à esquerda. Os estábulos estão a uns oitocentos metros, do outro lado do pátio — Anthony explicou. — Diga a Debbie que enviei vocês. Ela tem roupas de montaria por lá.

— Obrigada — Rebecca disse. — Até mais tarde.

— É óbvio que o aborreci — Ari disse quando ele e Rebecca estavam longe dos ouvidos de Anthony,

— Talvez ele saiba mais do que está admitindo. — Ela ergueu os ombros.

— Talvez. Você está hospedada aqui com ele?

— Estou. Sei que Anthony parece um tanto peculiar, mas ele tem sido gentil e hospitaleiro comigo. Mesmo assim, obrigada por concordar em vir cavalgar — ela disse quando chegavam ao pátio. — Acho que ele precisa de um tempo sozinho.

— O prazer é meu. — Ari sorriu para ela.

— Espere aqui enquanto vou procurar Debbie — Rebecca disse, passando por uma fileira de cavalos e tocando suas cabeças aveludadas.

Debbie, a jovem que cuidava dos estábulos, sugeriu uma égua cinza para Rebecca e um garanhão castanho para Ari. Selando os cavalos, ela indicou a direção da várzea:

— Siga pela trilha quando chegar lá — recomendou. — Até você conhecer a área melhor, não saia dela. Poderá ter problemas para encontrar o caminho de volta se sair. Estarei aqui até as seis — concluiu, enquanto os dois deixavam os estábulos.

— Que tarde espetacular — Ari comentou. — O clima inglês é tão moderado, raramente chega a extremos. Assim como as pessoas que vivem aqui — ele acrescentou, com um tom de ironia na voz.

— Lembro-me de que sua bisavó escreveu quase a mesma coisa. Com certeza os ingleses são menos transparentes que nós, americanos.

— E nós, indianos. Mas fui educado aqui e me ensinaram a controlar minhas emoções. Agora... — Ele sorriu e disse quando chegaram à várzea. — Como você está se sentindo? Está disposta para um galope?

— Posso tentar, mas se eu ficar para trás siga em frente, se quiser.

Ari deu uma leve batida no flanco do cavalo e o garanhão começou a galopar. Rebecca fez uma pressão suave com seus calcanhares e seguiu em um ritmo mais sereno. Conforme ganhava confiança, começou a acelerar e logo estava acompanhando Ari. Não disseram nada e deixaram os cavalos correrem. Quando os quatro estavam ofegantes, Ari notou um riacho correndo em uma fissura da várzea.

— Vamos deixar os cavalos beber água e desfrutar um pouco deste cenário maravilhoso? — ele sugeriu.

— Claro — Rebecca respondeu, desmontando e levando sua égua até a margem do riacho. Ela desabou na grama áspera e olhou fixamente para o céu sem nuvens. Ari fez o mesmo. Ficaram um ao lado do outro, em silêncio.

— Você está ouvindo? — Ari perguntou.

— O quê?

— Exatamente — ele sorriu. — Nada.

— Eu amo isso. — Rebecca suspirou de prazer. — Quanto tempo você vai ficar na Inglaterra?

— Vou esperar mais uns dias e ver se Anthony se inspira a ler mais da história de Anahita. Posso investigar algumas coisas sozinho e tentar rastrear o filho perdido dela. Para falar a verdade, é um bom momento para isso. Precisava deixar a Índia por algum tempo.

— Por quê?

— Acho que cheguei a um ponto decisivo em todos os aspectos da minha vida — Ari respirou fundo. — Talvez seja uma crise de meia-idade, mas tudo o que costumava ter valor, tudo o que importava, de repente não importa mais.

— Você sabe o que causou isso? — Rebecca perguntou, com delicadeza.

— Infelizmente, sim. Perdi uma garota incrível porque estava obcecado com minha carreira e com o sucesso. Só olhando para trás pude ver o que tinha e perdi.

— Por que você não diz isso a ela?

— Ela se casou com outro há duas semanas. Não a culpo por desistir de mim. Ela ficou ao meu lado durante todo o tempo que levei para construir o meu negócio e simplesmente não lhe dei atenção — ele suspirou com tristeza. — Mas o que está feito está feito, e não é bom pensar no que poderia ter sido.

— Bem, não vim aqui em busca de respostas — Rebecca disse, apoiando-se nos cotovelos e colocando o queixo nas mãos. — Mas acho que este lugar está me dando algumas mesmo assim.

— Por exemplo? — Ari incentivou.

Rebecca respirou fundo.

— Só entre nós, decidi que não quero me casar ainda.

— Entendo. Isso não vai te causar um problema ou dois? De acordo com o que li outro dia nos jornais, o mundo já está planejando seu casamento.

— Ah, sim, mas prefiro ter esse problema agora a um divórcio complicado daqui a cinco anos. Talvez possamos ficar noivos por algum tempo, mas... — Rebecca rolou e começou a picar a grama. — Também não estou certa de que seja essa a resposta.

— Você o ama?

— Eu... não sei mais.

— Bem, descubra com certeza antes de decidir. — Ari se deitou de costas, fechou os olhos e colocou os braços atrás da cabeça. Olhando para ele, Rebecca pensou outra vez em como era atraente. Ela estava, ao mesmo tempo, aliviada e desapontada por ele confessar estar lamentando a perda de alguém que amou. Não estava interessado nela, isso era óbvio. Ela também se virou de costas sobre a grama e fechou os olhos, refletindo sobre essa situação incomum. Depois de anos com homens dando em cima dela na primeira oportunidade, era estranho que Ari parecesse contente por apenas conversar.

— Você está sorrindo — ele disse de repente. — Por quê?

Ela abriu os olhos e notou que Ari olhava para ela fixamente.

— Estou me sentindo calma e feliz.

— Aproveite o momento, como todos os gurus dizem. É o segredo de uma vida feliz. E então, disposta a cavalgar ainda? Eu gostaria de explorar um pouco mais.

— Claro — Rebecca concordou e eles montaram nos cavalos.

— Agora... — Os olhos de Ari varreram o horizonte. — Se este é o riacho que minha bisavó descreve em sua história, tenho certeza de que há uma cabana por perto. Vamos dar uma olhada e ver se conseguimos encontrar.

Rebecca saiu da trilha com Ari e se embrenharam várzea adentro. Ele parecia ser guiado por alguma coisa e, depois de alguns minutos de busca, viram a ponta da chaminé de um edifício, meio escondido em uma área mais baixa do terreno irregular.

— Lá está — Ari disse. — Sei que é ela.

— O que é?

— A cabana onde Anahita viveu. Vamos!

— Mas pensei que ela tivesse morado no Hall. Você não pode me dizer isso e não explicar o que significa! — Rebecca gritou quando Ari já galopava.

— Tudo tem a hora certa — ele gritou, olhando para trás. Rebecca trotou atrás dele, abrindo caminho no terreno íngreme e contornando até a frente da cabana.

— Tem que ser aqui — Ari disse, saltando do cavalo. — Vamos dar uma olhada. — Ajudando Rebecca a desmontar, ele caminhou até o portão. O jardim do outro lado havia sido engolido havia muito tempo por plantas selvagens e pela várzea.

— É quase como se Dartmoor tivesse tomado o lugar para si — ele comentou enquanto tentava abrir o portão com toda a força. — Parece que não mora ninguém aqui há muito tempo. Talvez ninguém desde que Anahita esteve aqui, noventa anos atrás. — Ele pensava enquanto pisoteava a grama alta para abrir caminho até a porta da frente.

Cada centímetro da cabana estava coberto por trepadeiras grossas, então Ari usou as mãos para tentar afastar a planta das janelas, mas era impenetrável. Depois tentou a porta, usando seu próprio peso para abri-la através da trepadeira, mas também fracassou.

Enquanto Rebecca esperava, com grama e arbustos até a cintura, uma cor inesperada e profunda chamou sua atenção entre o matagal. Afastando o mato, Rebecca perdeu o fôlego ao ver uma rosa pequena, de cor idêntica àquela que Anthony havia dado a ela logo que chegou a Astbury. Abaixando-se para olhar mais de perto, percebeu que havia outros botões na planta, desesperados para desabrochar, e sentiu certa tristeza que algo tão belo ainda pudesse florir no caos

sufocante ao redor.

— Talvez devêssemos quebrar o vidro de uma das janelas — Ari sugeriu. — Ou talvez tenha outra porta nos fundos.

— Não acho que deveríamos invadir — Rebecca disse, preocupada. — Deve haver um proprietário.

— Tem. Anthony — Ari confirmou.

— Então vamos pedir uma chave — Rebecca sugeriu, ansiosa para ir embora. Alguma coisa naquele lugar a deixava apreensiva.

— Vou dar a volta para ver se tem outra entrada. — Ari se virou e passou por ela, em direção ao portão.

— Devemos voltar agora — ela disse. — Já passa das seis, e prometemos a Debbie que estaríamos de volta a esta altura.

Ari verificou o relógio.

— Você tem razão. Pelo menos sei onde a cabana fica. Talvez peça permissão a Anthony para voltar e investigar.

— O que você quer ver? — ela perguntou enquanto voltavam aos cavalos, sentindo um alívio palpável ao se afastarem.

— Se tem alguma coisa lá dentro que comprove a presença da minha bisavó.

— Mas, se foi há noventa anos, pode não ter nada.

— Você provavelmente está certa, mas eu gostaria de satisfazer minha curiosidade mesmo assim.

Chegando aos estábulos, entregaram os cavalos a Debbie, pedindo desculpas por deixá-la esperando, e caminharam de volta ao Hall. Quando subiam os degraus da varanda, Rebecca viu que Anthony estava trabalhando no jardim. Ele fez sinal para irem a seu encontro.

— Bom o passeio? — perguntou.

— Sim. Obrigado por emprestar os cavalos — Ari disse.

— Sem problemas. As pobres criaturas fazem pouca atividade atualmente. Sinta-se à vontade para usar um quando quiser. Por quanto tempo vai ficar?

— Não tenho certeza — Ari respondeu.

— Bem, estive pensando enquanto estava aqui cavando que não deveria ter medo do passado da minha família. Então, vou continuar a ler a história da sua bisavó. E, quando terminar, conversaremos outra vez.

— Obrigado. Isso me deixa contente. Espero seu contato.

— Por favor, fique à vontade para conhecer a propriedade enquanto isso. Essa é a época do ano em que ela fica mais bonita. Adeus por enquanto. — Anthony se afastou, voltando para o jardim.

Rebecca sorriu para Ari.

— Cuidado. Se você vier aqui amanhã, pode acabar no filme.

— Duvido. A menos que tenha um criado indiano em algum papel de figurante. E obrigado, Rebecca. Foi só por sua causa que Anthony me recebeu.

— Sem problemas. Até logo, Ari.

— Espero que sim. — Ele sorriu e foi embora.



— Você está bem, Rebecca? — James perguntou na manhã de segunda-feira. — Não parece alegre como de costume.

— Não tenho certeza. — Rebecca olhou para suas mãos trêmulas e sabia que seu nervosismo não era causado pela cena que estavam prestes a gravar. — Estou me sentindo estranha, mesmo depois de dois dias de folga.

— Provavelmente pegou alguma virose, ou talvez a comida britânica não tenha caído muito bem para sua constituição delicada. Podemos pedir ao Steve para chamar um médico, se você precisar.

— É essa dor de cabeça que parece não ir embora. Pensei que tivesse melhorado ontem, mas voltou hoje. Talvez seja enxaqueca, mas nunca tive isso antes. Obrigada, acho que vou esperar para ver — ela disse, com um sorriso diminuto.

— Atenção todos, trinta segundos!

Rebecca estava contente por ficar sentada na cena. Além da dor de cabeça, estava enjoada e tonta. Precisaria tomar mais ibuprofeno durante a pausa para o almoço.

Uma hora depois, quando Rebecca se apressava até o quarto para pegar alguns comprimidos, Steve a surpreendeu.

— O escritório da produção recebeu outro telefonema do seu noivo esta manhã. Ele parecia bem preocupado, já que você disse que entraria em contato no fim de semana, mas não entrou.

— É impossível conseguir sinal no celular aqui, e não gosto de usar o telefone da casa — Rebecca explicou.

— Ouça, entendo, de verdade, mas o seu noivo, não. Já disse que estamos pagando todas as contas, então use o telefone no escritório do Lorde.

— Tudo bem, ligo mais tarde. Desculpe se ele está sendo um incômodo. — Ela se virou e continuou subindo as escadas.

Por sorte, Rebecca não precisava estar no set naquela noite. Sem se sentir melhor ao longo do dia, voltou para o quarto e se acomodou na cama.

A Sra. Trevathan apareceu alguns minutos depois, sua expressão demonstrando preocupação.

— Você não está bem, minha querida? — disse ela, enquanto se aproximava e colocava uma mão na testa de Rebecca.

— Vou ficar bem. É só uma dor de cabeça.

— Não parece que você está com febre. Que tal se eu trazer um pouco de sopa e assim você se recolhe mais cedo?

— Obrigada, não quero comer nada — respondeu, desejando que a Sra. Trevathan fosse embora para poder fechar os olhos.

— Tudo bem, querida, mas volto mais tarde para ver como você está.

— Não é necessário.

— Você quer paz e tranquilidade — a Sra. Trevathan disse, sua voz quase um sussurro. — Entendo. Boa noite, então, querida.

Assim que ela deixou o quarto, Rebecca imaginou se aqueles que viveram em Astbury no passado se sentiram sufocados pela atenção dos empregados. Não havia privacidade. Suspirou enquanto se despia e se deitou entre os lençóis. Não havia telefonado para Jack ainda, mas se sentia muito mal para ligar agora. Tinha certeza de que se sentiria melhor depois de uma boa noite de sono.

Rebecca teve sonhos estranhos naquela noite. Ela estava na cabana da várzea e havia perigo, mas a porta estava trancada e, quando tentou abrir a janela, a trepadeira que a cobria se enrolou em suas mãos e a prendeu. Sentiu o perfume pungente outra vez e uma mão se pôs sobre seu nariz e sua boca, e ela não podia mais respirar...

Rebecca acordou assustada, seu coração batendo forte. Estendeu a mão para acender o abajur e derrubou o copo de água que estava sobre o criado-mudo. Saindo da cama e dizendo a si mesma que foi apenas um pesadelo, possivelmente resultado de uma febre — sentiu que estava quente quando tocou sua testa —, Rebecca abriu a porta e cambaleou pelo corredor até o banheiro para encher o copo outra vez. Lavando o rosto com água fria, deixou o banheiro e voltou para o quarto sob uma luz turva.

Ela engoliu um grito quando uma figura indistinta a surpreendeu perto da porta.

— Você está bem?

— Eu... — Seus olhos se concentraram na figura, e ela viu que era Anthony, vestido com um robe de lã estampado. — Eu não esperava encontrar ninguém — disse, tentando recuperar o fôlego.

— Desculpe se a assustei. Ouvi alguém gritar do outro lado do corredor e resolvi investigar.

— Acho que tive um pesadelo. Sinto muito se o acordei.

— Não se preocupe com isso. Raramente durmo bem — Anthony a consolou. — Se você tem certeza de que está tudo sob controle, boa noite.

— Boa noite. — Rebecca entrou no quarto fechou a porta atrás de si.

— Jack ligou de novo — Steve disse, encontrando Rebecca na manhã seguinte.

— Vá para o escritório e telefone para ele agora, enquanto tem um intervalo e antes que eu acabe nos tabloides acusado de interferir em seu conto de fadas. — Ele sorriu e foi embora.

Rebecca deixou a varanda, onde acabava de filmar, e seguiu para o escritório de Anthony. Sua dor de cabeça estava melhor essa manhã, e ela finalmente se sentia capaz de lidar com Jack.

Como sempre, tanto a linha residencial quanto o celular responderam diretamente com a caixa postal. Respirando fundo por causa da frustração, Rebecca voltou para a varanda da ala sul, onde a equipe de alimentação havia montado mesas sob o sol, e se juntou ao resto do elenco para almoçar.

— Venha aqui, querida, sente-se perto de mim — Marion Devereaux disse, indicando uma cadeira livre a seu lado.

— Obrigada — Rebecca respondeu, sentindo um frio no estômago. Até aquele momento, não tinha tido coragem de se aproximar da legendária atriz, cuja carreira angariou todos os prêmios e méritos existentes.

— Estava observando você no set esta manhã, querida, e quero dizer que você é boa. Na verdade, você é muito boa.

— Obrigada. — Rebecca enrubescou com prazer.

— Você tem uma naturalidade adorável na frente das câmeras. Já atuou no teatro?

— Sim, quando estava na Juilliard, em Nova York, mas desde que me formei tenho trabalhado apenas em filmes.

— Espero que tenha uma oportunidade para estar nos palcos outra vez. Não há nada como uma plateia para fazer a adrenalina aumentar e um ator dar o melhor de si. — Marion sorriu, acendendo um cigarro fino. — Mas você ganha uma miséria.

— Não ligo muito para dinheiro. Nunca liguei.

— Não, querida, suponho que você não precise, com todos esses filmes de Hollywood no currículo — Marion comentou, com desdém.

Rebecca enrubescou com a insinuação.

— Você tem algum conselho para mim? Como posso melhorar como atriz?

Os olhos violetas da velha dama se voltaram para Rebecca:

— Sim, querida, apenas *viva*. Colecione experiências e conheça a si mesma. A compreensão da psique humana traz veracidade e substância emocional a uma atuação, e a técnica não é capaz de reproduzir sozinha. Atue tanto com sua alma como com seu cérebro — ela disse, colocando as mãos em seu peito avantajado.

Parte de Rebecca queria rir, mas ela concordou solenemente:

— Obrigada, Marion. Vou tentar fazer exatamente isso.

— Como eu queria ser como você, ainda começando, com uma gama de papéis maravilhosos a minha frente. — Ela suspirou. — Entretanto, sou uma atriz muito melhor hoje do que eu era quando tinha sua idade. Precisamos jantar juntas uma noite, antes do fim das gravações. Agora, preciso me despedir — ela disse, se levantando. — O sol está acabando com minha maquiagem.

Rebecca continuou onde estava, apreciando o elogio, o calor do dia e o momento, livre da dor de cabeça. James apareceu e se sentou a seu lado, na cadeira que Marion havia deixado poucos segundos antes.

— Você está bem? — perguntou. — Parece melhor.

— Estou, sim, obrigada.

— Bem o bastante para jantar comigo esta noite? Poderíamos ir naquele pub que você mencionou.

— Por que não? — Rebecca respondeu, sentindo que talvez precisasse de um tempo longe dos confins de Astbury Hall.

— Excelente, mas se lembre de que precisamos estar lá por volta das oito. Tudo fecha cedo aqui no interior.

— Falou como um verdadeiro garoto da cidade — Rebecca brincou.

— Isso mesmo, não nasci para o interior, sou mais do tipo que está em uma casa noturna esfumada às duas da manhã. Mas, quando se está em Roma... — com isso, James foi embora.

— Aonde você vai esta noite? — a Sra. Trevathan perguntou quando Rebecca abriu a porta de seu quarto para que ela entrasse. — Você está toda arrumada.

— Nem tanto. Esta camisa eu comprei sábado passado. Estou indo ao pub com um dos atores.

— Então, você não vai jantar aqui?

— Não, hoje não. — Rebecca se sentiu tentada a acrescentar: *Contanto que eu tenha permissão*, mas controlou a língua.

— O Lorde Astbury tinha esperanças de que você jantasse com ele. Ele queria falar com você sobre a história que o senhor indiano deixou. Ele foi convidado para jantar amanhã à noite. Você estará disponível amanhã, certo?

— Sim, claro. Por favor, transmita minhas desculpas e diga que estou ansiosa para vê-lo amanhã.

— Certo, então até mais tarde, querida. Vou esperar você chegar. O Lorde gosta que eu tranque a casa antes de ir dormir.

— Não precisa, não quero que fique acordada por minha causa. Talvez possa pegar uma chave emprestada, só por hoje.

— Isso não será necessário — a Sra. Trevathan disse, com firmeza.

— Tudo bem — Rebecca concordou. — Creio que não vá demorar. A propósito, queria perguntar — acrescentou incerta. — Em que parte da casa fica o quarto do Lorde?

— No corredor da ala oeste, do outro lado da escada principal. Por que quer saber? — A Sra. Trevathan parecia tanto surpresa como desconfiada.

— Ah, não é nada. Pensei ter ouvido alguém conversando do lado de fora do quarto ontem à noite, mas provavelmente estava sonhando.

— Sim, tenho certeza de que foi isso. Tenha uma noite agradável, querida.

A mente de Rebecca estava um turbilhão enquanto caminhava em direção a James, que a esperava no carro de Graham. Se Anthony dormia do outro lado da casa, não poderia ter ouvido seu grito a noite passada. Então, o que ele estaria fazendo na porta do quarto dela?

James correu para abrir a porta do lado do passageiro.

— Querida, você está tão... moderna! — ele exclamou, brincando.

Conversaram sobre as gravações durante o percurso até o Rugglestone Inn. Quando chegaram, foram direcionados a uma mesa discreta, em um dos cantos.

James foi ao bar e voltou com uma garrafa de vinho. Sentou-se e serviu um pouco para Rebecca.

— Já está bom! — ela anunciou quando a taça já estava pela metade. — Depois dessa terrível enxaqueca, não quero arriscar nada que possa fazê-la voltar.

— Você não bebe muito, certo?

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim — ela o censurou.

— Claro que não. Quando estive em Hollywood, notei que os atores americanos parecem se abster. Os britânicos, por outro lado, são um bando de alcoólatras. Saúde. — James tocou sua taça na de Rebecca. — Um brinde aos nossos vícios. Então — continuou, com um sorriso —, como está a vida em Astbury Hall?

— Cá entre nós, quanto mais fico lá, mais esquisito o lugar parece ser — confessou. — Por exemplo, a governanta, Senhora Trevathan, protege tanto o Lorde Astbury que é quase uma obsessão.

— Talvez seja apaixonada por ele; as criadas geralmente se apaixonam por seus patrões. É um clichê, mas acontece.

— É possível, mas ela também está constantemente no meu quarto, me mimando e me trazendo coisas para comer e beber.

— Para mim, soa como um paraíso. Gosto de uma mulher atenciosa cuidando de mim — James disse, sorrindo.

— Sei que ela está apenas tentando ser gentil, mas parece que nunca me deixa

sozinha.

— Pensei que seria maravilhoso viver como uma princesa em um palácio e ter tudo de mão beijada. Não temos nem mesmo serviço de quarto depois das dez no hotel — James ergueu as sobrancelhas. — Mas certamente ter esse pouco de paz está fazendo bem a você, diante das circunstâncias.

— Sim, está. Quanto a isso, é maravilhoso. Desculpe se pareço uma menina mimada. Não ando me sentindo muito bem.

— E o enigmático Lorde Astbury? Não tentou nada com você ainda?

— Pelo amor de Deus, não! — Rebecca virou os olhos. — Tenho a impressão de que ele não tem interesse por mulheres, ou homens, ou relacionamentos de qualquer tipo.

— Bem, não consigo entender — James concordou. — Vivendo naquela mansão sozinho por todos esses anos, sem internet ou comodidades modernas. Ele é estranho, com certeza.

— Gosto dele, na verdade, e concordo que é estranho, mas sinto que há uma tristeza pairando sobre ele. Às vezes tenho vontade de lhe dar um abraço — Rebecca admitiu.

— Então você *está* se apaixonando por ele?

— De jeito nenhum! Apenas sinto vontade de protegê-lo, só isso. É como se ele não entendesse o mundo moderno. Minha nossa, estou falando igualzinho à Senhora Trevathan! — gemeu.

— Diante do que você disse, é bom que ele tenha a devoção incomum da Senhora Trevathan cuidando dele — James comentou.

— Começo a me questionar se isso não é parte do problema. Mesmo se ele conhecesse alguém, duvido que tivessem uma chance com ela vigiando cada um dos seus passos.

— De acordo com o que você disse, ela certamente *está* apaixonada por ele. Talvez estejam dormindo juntos secretamente há anos — James abriu um grande sorriso. — Imagino encontros clandestinos no armário do corredor ou atrás do galpão do jardim.

— Para com isso! — Rebecca implorou, desconfortável com a imagem mental. — De todo modo, isso não é da minha conta, é?

— Não, mas é sempre interessante imaginar a vida de outras pessoas. E nós *somos* atores, querida. Analisar o comportamento humano é parte do nosso trabalho.

— Outra coisa que me incomoda é o fato de Anthony viver me dizendo que pareço com sua avó, Violet. É perturbador.

— Você se parece com ela?

— Vi o retrato e, sim, pareço. Especialmente com o cabelo desta cor.

— Isso está ficando cada vez mais curioso, como Alice disse uma vez. Você por acaso não tem parentesco com essa Violet, tem?

— Não. Meus ancestrais certamente não tinham ligação com a aristocracia inglesa. — Rebecca tomou um gole de vinho. — É o oposto, na verdade.

— Bem, pelo modo como você fala, a vida em Astbury Hall é bem mais interessante do que a trama que estamos filmando — ele ponderou.

— Sabe, às vezes, quando estou vestida com os trajes da época, tenho essa sensação estranha de que *sou* Violet, a mulher com quem me pareço, vivendo sua vida em Astbury Hall durante os anos 1920. É bem surreal.

— Bem, tente não ficar maluca ainda, querida. Não é uma boa ideia começar a confundir ficção e realidade. Sempre que quiser voltar ao mundo real, sou seu homem. Agora, vamos pedir?

Uma mulher de meia-idade apareceu timidamente ao lado da mesa.

— Desculpe interromper, mas vocês não são James Waugh e... minha nossa! Você é Rebecca Bradley! Não a reconheci com essa cor de cabelo.

— Boa observação — James disse, sorrindo para a mulher. — O que podemos fazer por você?

— Bem, queria seu autógrafo e uma foto, se possível.

— Claro. — James pegou o guardanapo e a caneta que ela segurava e estampou sua assinatura nele. Ele passava o guardanapo para Rebecca quando um flash disparou em seus rostos.

— Muito obrigada. Desculpe incomodá-los. Espero que aproveite a sua estadia na Inglaterra, Senhorita Bradley.

Quando a mulher se afastou da mesa, Rebecca olhou para James horrorizada.

— Você a deixou tirar uma foto? Nunca permito isso sem que o fã assine uma declaração se comprometendo a não publicar a imagem fora de seus álbuns particulares!

— Calma, Rebecca. Duvido de que ela envie a foto imediatamente para o tabloide mais próximo.

— Bem, geralmente é isso que acontece quando alguém tira uma foto sem assinar nada — Rebecca respondeu, ficando enjoada.

— Suponho que você seja mais valiosa para os jornais que eu. — James levantou os ombros. — Vamos torcer para que ela não faça isso.

Depois disso, foram constantemente interrompidos por uma fila de moradores locais pedindo autógrafos.

— É hora de ir embora, não acha? Sinto muito, Rebecca — ele disse enquanto a guiava para fora do pub na direção do carro que os aguardava. — Claramente substituí sua fama, mesmo em um pequeno vilarejo solento como este.

— Deixa pra lá — Rebecca respondeu, agitada. — Esqueça tudo de ruim que eu disse sobre a vida em Astbury Hall antes. Estou contente por voltar para lá agora, regressando para a segurança que o lugar oferece.

— Nossa, sua vida deve ser um inferno. — James rolou os olhos. — Como você aguenta?

— Não aguento, e a verdade é que não concordei em me casar com Jack ainda. Foi a mídia que fez todo esse estardalhaço. — Ela mordeu o lábio. — Não sei o que vou fazer.

— Entendo — James sussurrou enquanto Graham dirigia ao longo da várzea majestosa sob um céu estrelado.

— De qualquer maneira — Rebecca suspirou —, estou certa de que vou precisar resolver isso quando voltar aos Estados Unidos. Não digo que as coisas terminaram entre nós, só não quero um casamento apressado.

— Bem, caso decida por se desfazer dele, estarei disposto a tomar o seu lugar como pretendente.

— Ah, muito obrigada, gentil senhor — Rebecca respondeu, alegremente. — Mas acho que não será necessário.

— Que pena. — Quando estacionavam em frente ao Hall, ele continuou. — Acredito que não seja apropriado me convidar para uma xícara de café ou um último drink em sua mansão, então direi boa-noite aqui.

— Boa noite, James, e obrigada pelo jantar.

Rebecca abriu a porta do carro, mas antes de sair ele a pegou pela mão e a envolveu em um abraço caloroso.

— Lembre-se, querida, estou aqui se precisar conversar.

— Obrigada. — Libertando-se de seu abraço, Rebecca saiu do carro, mandou um beijo e acenou enquanto Graham se afastava. Ao se virar para subir as escadas e entrar na casa, precisou olhar outra vez quando reconheceu a figura que estava junto à porta.

— Jack — disse, vacilante, enquanto lentamente subia os degraus em sua direção. — O que está fazendo aqui? — Ela podia ver a expressão tempestuosa em seu rosto.

— Tentei falar com você e avisar que vinha, mas você nunca retornou a ligação. Acho que acabei de entender por quê. Quem era o namoradinho no carro? — ele perguntou, em tom furioso.

— Não, Jack — ela negou com a cabeça. — Ele não é... Quero dizer, na verdade, eu...

— Bem, pelo menos explica por que não tive quase nenhuma notícia sua nas últimas duas semanas. Acho que a melhor coisa a fazer é ir embora agora.

— Jack, por favor! Não é nada do que você está pensando!

— Então, que diabos é? Se não é por causa dele, por que não falei com você mais de uma vez desde que veio para cá e concordamos em nos casar?

— Não concordamos! Ouça, por favor — Rebecca estava ciente de que estavam diante de uma porta aberta e qualquer pessoa dentro da casa poderia ouvir a conversa. — Por favor, vamos entrar e eu explico.

— Jesus! — Jack ofereceu um sorriso gélido. — Você parece comigo quando sou pego em uma situação desagradável.

A Sra. Trevathan apareceu na porta, visivelmente aborrecida:

— Talvez seja melhor vocês entrarem. O Lorde está dormindo e não quero que seja perturbado.

— Sinto muito, Senhora Trevathan — Rebecca disse. — Eu não sabia que meu... amigo viria.

— Não, provavelmente era por isso que ela estava nos braços de seu novo amante e não se incomodou em retornar minhas ligações!

— Por favor, senhor, agradeceria se falasse mais baixo — a Sra. Trevathan repreendeu.

— Você prefere que nos mudemos para um hotel? — Rebecca perguntou enquanto eles seguiam a governanta. — Meu motorista pode nos levar.

— Duvido que encontrem algum lugar aberto às dez e meia da noite — a Sra. Trevathan respondeu com sarcasmo, seguindo por um corredor e abrindo a porta de uma pequena sala de estar. — Espero que possam resolver suas diferenças aqui. — Ela fechou a porta e saiu.

— Ela foi recomendada pela Central Casting ou o quê? E então... — Jack cruzou os braços. — Você gostaria de me explicar que diabos está acontecendo? Está acabado entre nós e você não teve coragem de me dizer?

— Já disse, Jack, não consigo sinal de celular ou internet aqui, e só há uma linha na casa, que não gosto de usar.

— Bem, julgando pelas aparências, você não está mentindo quanto a isso — ele admitiu. — Este lugar parece ter saído de um livro de história. Mas, ainda que tenha sido difícil entrar em contato comigo, quando deixei uma série de recados no escritório da produção pedindo para você ligar, você não me telefonou, ou então só fez isso em momentos em que você sabia que eu não atenderia. Quero saber por quê, Beck.

Rebecca sentou-se no sofá, chocada, exausta e despreparada para esse confronto.

— Acho que precisava de algum tempo para pensar.

— Para pensar em quê? Em nós? Na véspera de sua viagem eu dei a você um anel de noivado e lhe pedi para ser minha esposa! — ele gritou. — E então você fugiu no dia seguinte, não me disse onde estava ou o que se passava nesta sua

cabecinha, Beck. Na única vez em que nos falamos, você parecia tão distante, como se mal pudesse esperar para desligar o telefone. Estou maluco desde então. — Jack passou uma mão pelos cabelos e andou de um lado para o outro. — Você não vê que isso é cruel me deixar sem resposta, sem saber o que você está pensando? Eu te amo, Beck. Naquela noite eu pedi para passar o resto da minha vida com você! Então, por que você fugiu?

— Não fugi — ela respondeu, tentando manter a calma. — Se você está lembrado, eu estava com um voo para a Inglaterra marcado para o dia seguinte. Apenas decidi pegar o avião mais cedo, só isso.

— Qual é? É comigo que você está falando! Não me faça de bobo.

— Sinto muito. Acho que... — ela procurou as palavras adequadas. — Fiquei apavorada. Casamento é uma coisa séria, e ultimamente estávamos com alguns problemas.

— Que problemas? Não sabia que tínhamos problemas, ou então não pediria para se casar comigo naquela noite.

— Bem — respirou fundo. — São as drogas, Jack. Os últimos meses foram terríveis.

— *O quê?* Que inferno, Beck! Eu não consigo acreditar que você pensa que tenho um problema. A maioria em Hollywood usa uma ou outra. É normal. Você fala como se eu fosse um viciado!

— Desculpe. Eu simplesmente não gosto. Só isso.

— Todo mundo tem direito a um pouco de diversão de vez em quando, não tem? Especialmente enquanto passo por um momento conturbado em minha carreira. Mas, claro, você não poderia entender isso, poderia? — declarou, maliciosamente.

— Jack, por favor, tente entender que preciso de um tempo para pensar. Quando descí daquele avião e fui recebida por uma multidão de jornalistas me parabenizando pelo noivado, me senti enganada. — Rebecca torcia as mãos em desespero. — Você anunciou para a mídia que estávamos noivos?

— Não, eu não disse nada!

— Sério? Então de onde tiraram sua confirmação?

— De onde sempre tiram, querida, como você bem sabe. Do meu assessor, que ficou maluco com essa coisa toda. — Jack virou os olhos. — Vamos lá, Beck, não seja ingênua. Você sabe como as coisas funcionam, e estou magoado por você ter me culpado por isso.

— Desculpe — ela repetiu, sem saber o que dizer.

— Mas sabe o que realmente me perturba? — Ele se levantou e, com um olhar penetrante, se postou diante dela. — Ainda que eu *tivesse* confirmado que havia pedido você em casamento, seria tão ruim assim? Quero dizer, acho que entendi

errado. Esperava que você ficasse feliz.

— Essa é uma decisão importante e...

— Bem, você certamente teve tempo e espaço aqui. Posso perguntar se chegou a uma decisão?

Rebecca continuou em silêncio, lutando por uma resposta.

— Tudo bem — Jack suspirou. — Acho que essa reação diz tudo. E aquele cara que eu vi com você no carro? Estava consolando você enquanto decidia, certo?

— Não! James é um ator do filme. Ele é gentil. Gosto dele, mas quase não o vi fora do set. Ele me convidou para jantar hoje, foi só isso.

Jack a encarou:

— E você espera que eu acredite nisso? Transar com o seu coadjuvante no set é uma tradição antiga. Não tente negar. Apareci aqui depois de duas semanas sem falar com a minha namorada e a encontro nos braços de outro homem. O que *devo* pensar? Você seriamente espera que eu acredite que as duas coisas não estão relacionadas?

— Posso garantir que não — Rebecca reiterou, exausta. — Pergunte à Senhora Trevathan, se quiser. Ela sabe que fiquei aqui todas as noites. Sei o que pode parecer para você, Jack, mas não é a verdade.

— Jesus, você está falando diferente. Esse sotaque inglês é outra coisa que você parece ter adquirido desde que chegou aqui.

Ambos ficaram em silêncio por alguns instantes, magoados com o que disseram um ao outro.

— Então, você está me dizendo que ainda estamos juntos? — Jack finalmente perguntou.

— Sim, todos aqui sabem que estamos juntos.

— Mas a questão é, Beck, *você* sabe? Já tomou uma decisão sobre o meu pedido? Porque você certamente teve todo o tempo do mundo para pensar. Se for um “sim”, também poderá ajudar a me convencer de que você não está dormindo com aquele ator.

Sua mente era um emaranhado de pensamentos confusos.

— Eu... — Rebecca levou os dedos à têmpora. — Jack, ainda estou em choque por encontrá-lo aqui. Podemos nos acalmar e conversar sobre isso amanhã, depois de dormirmos um pouco? Estive doente, com uma enxaqueca forte nos últimos dias e...

— Por favor, não tente me fazer sentir pena, Beck. Você estava bem o bastante para jantar com o seu namoradinho. Certo... — Jack suspirou. — Acho que já vi tudo o que precisava. A melhor coisa que me resta fazer é voltar para casa.

— Jack, por favor! Não vá — implorou. — Precisamos resolver isso. Só porque fugi assustada com o seu pedido de casamento não significa que decidi terminar tudo. Um dos nossos problemas é que nunca temos tempo ou privacidade para conversar. Você está sempre em um lugar e eu em outro. Aqui e agora, realmente temos tempo e privacidade. Pelo nosso bem, você não acha que devemos aproveitar isso?

Jack desabou no sofá ao lado dela e balançou a cabeça.

— Não sei o que quero neste instante, Beck. Casar com você era a única coisa que ainda me sustentava. Minha carreira está um desastre, não têm surgido papéis bons como antes, estou começando a pensar que estou acabado. Eu...

Jack começou a chorar. Rebecca foi até ele e o abraçou.

— Sinto muito, Jack, de verdade. Claro que você não está acabado. Você apenas está passando por uma fase difícil, e que com certeza vai acontecer comigo também um dia.

— Talvez, mas você ainda tem anos pela frente como protagonista, enquanto eu já passei dessa fase. E sim — admitiu. — Talvez eu esteja me drogando demais recentemente, mas juro, Beck, não sou um dependente. Apenas tenho me sentido deprimido e acabo buscando uma solução rápida. Você acredita em mim, não acredita?

— Claro que acredito — Rebecca respondeu. O que mais ela poderia dizer? Ela estava na defensiva desde que Jack apareceu em Astbury.

— E dói, Beck, dói muito ver que você não me levou a sério quando lhe pedi para ser minha esposa. Que você imaginou que fosse uma brincadeira e não percebeu o quanto a amo.

Rebecca acariciou seu cabelo suavemente.

— Sinto muito por tê-lo magoado, Jack. De verdade.

— Obrigado. Uma bebida cairia bem agora. Será que tem alguma neste lugar abandonado por Deus?

— Se tem, não sei onde fica. Por que não vamos lá para cima e tentamos dormir um pouco? Podemos conversar mais amanhã, apesar de eu precisar estar no set logo cedo.

— Se você tem certeza que me quer na sua cama outra vez — ele estremeceu. — E você pode jurar o quanto quiser que não estava dormindo com aquele ator, porque com certeza o resto do elenco e da equipe sabe e eu não vou ficar por aqui fazendo papel de bobo.

— Não, Jack — Rebecca respondeu, cansada. — Juro que não dormi com ele.

Finalmente, Jack esboçou um sorriso.

— Acho que vou ter que acreditar em você. Leve-me para a sua torre, bela donzela, onde pretendo compensar o tempo perdido. — Trazendo Rebecca para

junto de si, ele a beijou.

— Vamos — ela disse, pegando sua mão e o levantando do sofá. — Há grandes chances de a Senhora Trevathan ainda estar por aí em algum lugar. Ela se recusa a ir para a cama antes de todo mundo se recolher. — Rebecca o levou pelo labirinto de corredores escuros até que chegaram ao saguão. A Sra. Trevathan apareceu como um fantasma ao lado deles.

— Seu... *amigo* deseja passar a noite aqui? — ela perguntou.

— Sim, se estiver tudo bem para você e Anthony — Rebecca respondeu.

— Não posso pedir permissão ao Lorde a esta hora da noite, posso? Ele está dormindo. Vou, claro, informá-lo da presença deste homem na casa pela manhã. Boa noite.

— Boa noite, madame, e obrigado. Lamento pelo barulho. — Jack estampou um de seus sorrisos legendários, mas a expressão da Sra. Trevathan permaneceu indiferente.

— Jesus, ela é estranha, não é? — Jack disse quando estavam no quarto de Rebecca. — Ei, não tem mesmo como trancar esta porta? — ele perguntou de onde estava, sentado na cama.

— Infelizmente, não — Rebecca respondeu, se sentindo desconfortável de repente, quando Jack abriu os braços para ela.

— Venha aqui.

Ela caminhou até ele, que a abraçou.

— Havia esquecido como você é linda. Você fica bonita loira, com certeza. Senti sua falta, Beck

Quando fizeram amor, ela tentou relaxar e aproveitar. Depois, quando Jack adormeceu, Rebecca saiu da cama para usar o banheiro. Voltando depressa, ela se deitou em silêncio a seu lado e desligou o abajur.

Nas primeiras horas da manhã, ele acordou e buscou o corpo dela na escuridão. Enquanto seu corpo se moldava ao dele, ela teve o pressentimento de que havia uma presença no quarto, alguém observando...

Descansando a cabeça no ombro de Jack, ela deixou a ideia escapar de sua mente e caiu em um sono sem sonhos.



A chegada inesperada de Jack durante a noite foi o centro das atenções no set no dia seguinte. As maquiadoras quase desmaiaram quando ele chegou a sua sala procurando por Rebecca. Ela observou enquanto ele as enfeitava e todas caíam em seu encanto.

— Você tem muita, muita sorte — Chrissie, a principal maquiadora, comentou. — Ele é ainda mais atraente pessoalmente — acrescentou, depois que Jack beijou Rebecca e saiu à procura de alguma coisa para o café da manhã na van de alimentação.

— Quando *ele* apareceu, então? — James perguntou quando assumiam suas posições no set uma hora depois. — Ontem à noite você não mencionou que ele vinha.

— Eu não sabia. Ele estava me esperando quando saí do carro. Infelizmente, ele viu você me abraçar e imaginou o pior. — Rebecca suspirou.

— Entendo. Bem, antes que haja um duelo em defesa de sua honra, minha donzela, ficarei feliz em corrigir sua interpretação — James brincou. — Vou dizer que teria ficado contente em desfrutar do seu charme a qualquer hora, mas que, infelizmente, você me rejeitou. — Ele deu um de seus sorrisos marotos. — Ele é boa-pinta. Com certeza. Se eu fosse competitivo, me sentiria ameaçado. Ainda bem que não sou.

Por volta do horário de almoço, Jack já estava de volta a seu entusiasmo natural, aproveitando a atenção que estava recebendo.

— Estou feliz por ter vindo, Beck — disse, tomando em um único gole a cerveja que Steve havia conseguido para ele. — Sua equipe é simpática.

— Verdade, todo mundo me recebeu muito bem.

— Mal posso esperar para colocar as minhas mãos debaixo da sua saia mais tarde e sentir essas meias de seda e aquela cinta-liga — ele sussurrou para ela. — Gosto dessa cor de cabelo também. É como se tivesse outra namorada.

Depois do almoço, Jack puxou Rebecca para dentro da casa.

— Hora de tirar uma soneca — ele disse enquanto subiam as escadas até o quarto.

— Rebecca, você faria a gentileza de me apresentar ao seu convidado? — uma voz grave disse atrás deles.

— Olá, Anthony — Rebecca disse, se virando e tentando não parecer culpada. — Desculpe não ter a chance de apresentar meu namorado a você antes. Ele chegou inesperadamente ontem à noite, e a Senhora Trevathan disse que você já

estava dormindo. Esse é Jack Heyward. Jack, este é o Lorde Anthony Astbury.

— Olá, senhor... quero dizer, Lorde Anthony — Jack disse, deserdado de sua confiança natural. Ele desceu as escadas e estendeu a mão para Anthony. — Obrigado por me deixar ficar aqui sem aviso prévio.

Anthony o examinou, impassível.

— Parece que a decisão não foi minha, mas seja bem-vindo mesmo assim.

— Obrigado. E para mim tudo bem se eu e Beck nos mudarmos para um hotel, se assim for mais apropriado.

— A Senhora Trevathan já preparou um quarto para você, presumo.

— Ah, não, senhor... Lorde. Dormi com Beck, quero dizer, no mesmo quarto.

Rebecca queria rir do desconforto aparente de Jack

— Entendo — Anthony ergueu uma sobrancelha. — Bem, se precisar de mais alguma coisa, por favor, fale com a Senhora Trevathan. Suponho que você não irá jantar comigo essa noite. Você sabe que o Senhor Malik estará presente?

— Sinto muito, Anthony. Jack e eu temos algumas coisas para discutir.

— Muito bem. — Ele fez um movimento com a cabeça e atravessou o saguão.

— Minha nossa, achei que a governanta fosse estranha, mas esse cara ganha o prêmio! — Jack comentou enquanto subiam a escada outra vez.

— Ele é agradável quando você o conhece melhor, sério. Acho apenas que ele é muito bom em lidar com pessoas.

— Quer dizer que ele é um sociopata? — Jack riu, abrindo a porta do quarto.

— Quero dizer que ele passou a vida toda morando aqui, sozinho, e não interage muito com outras pessoas — Rebecca defendeu.

— Como eu disse, um maluco. Obviamente não aprova que eu divida o quarto com você. Não me diga que ele acredita em sexo só depois do casamento — Jack disse, uma mão deslizando sobre a coxa de Rebecca até chegar à cinta-liga.

— Acho que ele não acredita em sexo — Rebecca disse, rindo, e Jack jogou sobre a cama e silenciou suas gargalhadas com um beijo.

Mais tarde, Rebecca iria gravar uma cena complicada, que levaria algumas horas. Jack disse que faria uma visita ao hotel em que James estava hospedado para usar o wi-fi.

— Você não estava brincando quando disse que não havia sinal aqui — ele disse, beijando seu nariz. — James me convidou para tomar alguma coisa e compensar a má impressão que causou ontem à noite. Está tudo bem, Beck. Acredito em você e sinto muito por tirar conclusões precipitadas.

— É compreensível. Também sinto muito.

— James disse que eu preciso experimentar a cerveja. Particularmente, prefiro uma dose ou duas de vodca.

— Divirta-se — ela disse quando ele saiu, rindo da ironia de que Jack e James pareciam ter algo em comum. De certo modo, eles eram similares, e ela detestava pensar na reação da população feminina local quando chegassem juntos ao bar do hotel.

— Você parece mais alegre hoje, querida — Robert piscou quando ela chegou ao set, meia hora depois. — Acabei de assistir às cenas que filmamos hoje e você está radiante na tela. Talvez devêssemos acrescentar a presença do seu noivo como cláusula obrigatória em contratos futuros. Foi só uma brincadeira, querida. Vamos começar.

Para variar, conseguiram gravar a cena sem empecilhos, e, por volta das sete e meia, Rebecca já estava de volta em seu jeans, no andar térreo da mansão, procurando por Anthony. Ela queria se desculpar pela chegada inesperada de Jack antes do jantar que ele teria com Ari. Pensando que poderia encontrá-lo no jardim, desceu os degraus da varanda. Em vez de Anthony, encontrou Ari sentado no banco próximo às roseiras. Ele ergueu os olhos em sua direção.

— Olá, Rebecca.

— Oi, o que está fazendo aqui fora?

— A Senhora Trevathan me disse que Anthony ainda estava no quarto e sugeri que eu desse uma volta enquanto o esperava. Para ser honesto, acho que ela não gosta de mim.

— Acho que ela não gosta de ninguém que interfira em sua rotina — Rebecca disse.

— Vamos dar uma volta? — Ari se levantou.

— Por que não?

— É tão bonito aqui, não é? O interior inglês tem certa... — Ari pausou, procurando a palavra exata enquanto caminhavam pelo gramado. — ... serenidade, algo que raramente se encontra em Mumbai.

— Ou em Nova York

— É lá que você mora?

— Sim.

— A sensação de espaço aqui é tão diferente da Índia. As cidades da minha terra natal são superpopulosas, todo mundo briga por alguns centímetros de espaço. E o barulho nas ruas nunca para, dia ou noite. Mesmo em nossos templos, as pessoas cantam e conversam do mesmo jeito que interagem nas ruas. É quase impossível encontrar um pouco de tranquilidade.

— Nunca estive na Índia — Rebecca disse. — Na verdade, nunca viajei para fora dos Estados Unidos antes. É interessante como você fala que é caótico.

Todos os livros que li falam de pessoas que viajam para lá em busca de algum tipo de paz interior.

— Ah, tem muito disso — Ari concordou. — Mas, se você está vivendo em um cômodo com seus parentes idosos, seu marido e seus filhos, com apenas algumas rúpias para comprar arroz, você precisa de uma fé muito forte. Aqui no ocidente, a fé em algo superior à própria pessoa talvez não seja mais tão necessária. Conforto físico, materialismo, se preferir, é inimigo da espiritualidade, creio. Quando você está aquecido e bem alimentado, sua alma pode permanecer vazia e ainda sobreviver mais um dia. E essa, descobri recentemente, é a maior pobreza de todas — ele acrescentou, com um suspiro.

— Nunca pensei nisso sob esse ponto de vista, mas você está certo.

— Talvez tenha vindo para a Inglaterra para procurar a minha alma — Ari disse, esboçando um sorriso enquanto fitava o intenso brilho âmbar do pôr do sol.

— É triste, mas conheço muito poucas pessoas que são realmente *felizes* — Rebecca comentou. — Todo mundo é tão ganancioso. Nunca estão satisfeitos com o que têm.

— No meu país, somos ensinados que o nirvana é alcançado apenas quando você se desapega de seus bens materiais. Convenientemente, se você é um indiano pobre, você raramente tem bens materiais, para começar. Acho que muita coisa depende de ter expectativas sobre como nossa vida deveria ser. Quanto menos você espera, mais contente você é. Está vendo? — Ari abriu os braços para o universo. — Estamos criando o nosso próprio *ashram*^[26] nos jardins de uma mansão histórica na Inglaterra.

Rebecca sorriu com a ideia.

— Está esfriando — ele continuou. — Vamos voltar?

— Vamos.

— Você vai jantar conosco esta noite?

— Não, tenho visita. Meu namorado chegou ontem à noite, de repente — explicou.

— Entendo. E, dada nossa conversa aquele dia na várzea, como você se sente com isso? — Ari perguntou.

— Eu me sinto... bem. Melhor do que esperava.

— Bom. Deseje-me sorte no jantar. Espero que Anthony não tenha se aborrecido muito com a história da minha bisavó.

— Como não sei o que acontece, não posso comentar — Rebecca disse quando chegavam ao saguão.

— Conto a você algum dia, mas, se eu não correr agora, vou me atrasar para encontrar meu anfitrião, o que não vai colaborar com a minha busca por informações.

— Boa sorte — ela disse, subindo as escadas.

— Obrigado.

Ari se virou em direção à sala de jantar.

Anthony ergueu os olhos quando ele entrou.

— Olá, Senhor Malik. Por favor, feche a porta antes de se sentar. Prefiro que ninguém nos ouça. Como está?

— Estou bem, obrigado — Ari respondeu, seguindo as instruções de Anthony antes de se juntar a ele na mesa. — E você?

— Para ser honesto, chocado com o que li até agora.

— Sim — Ari disse, notando o nervosismo de Anthony.

Anthony serviu uma taça de vinho para Ari.

— Então — ele suspirou. — Devemos falar sobre o passado...

Inghilterra

1917





Anahita

De volta à escola, me concentrei nos exames, ciente de que, se ousasse entrar na profissão médica britânica, meus resultados precisariam ser mais que excepcionais. Os exames finais aconteceram em um misto de longas noites de estudo, dores de cabeça e preocupação. Eu imaginava ter ido bem, mas não saberia os resultados até o fim do verão.

Assim que as aulas acabaram, e antes de assumir a posição de ama-seca do bebê da Selina, deixei Eastbourne com minha amiga Charlotte, a filha do vigário, e viajei até sua casa em Yorkshire. Havia mencionado várias vezes que desejara conhecer a casa onde minhas amadas irmãs Brontë viveram.

O pai de Charlotte fazia pregações na África e, como eu já disse, sua mãe havia morrido no ano anterior. O irmão gêmeo de Charlotte, Ned, era a doçura em pessoa, e ambos me acompanharam de ônibus da paróquia até Haworth Moor.

Naquela noite, nós três nos sentamos no jardim da paróquia e jantamos juntos.

— O que você vai fazer agora que terminou os estudos? — perguntei a Ned enquanto tomávamos café.

— A menos que esta guerra termine logo, e todos sabemos que isso não vai acontecer, vou me juntar ao exército em seis semanas. Lutar não é o meu estilo — acrescentou, complacente. — Preferia seguir as Brontë e escrever.

— Você não tem interesse em se tornar pastor, como o seu pai?

— De jeito nenhum! Se tivesse alguma fé antes de essa guerra começar, infelizmente, a esta altura, já a teria perdido.

— Ah, Ned — Charlotte respondeu. — Não diga isso, por favor. Tenho certeza de que vai acabar logo.

— E nunca devemos perder a fé, Ned — acrescentei. — O que mais teríamos sem ela?

No dia seguinte, enquanto Charlotte visitava um parente, Ned e eu caminhamos até Keighley Moor. Conversamos sobre literatura, um pouco de filosofia e ele me perguntou sobre a vida na Índia. Gostei de sua natureza pensativa e gentil, e admito que pensei muito nele nos meses subsequentes. Na manhã seguinte, disse um adeus emocionado a Charlotte na estação ferroviária de Keighley e comeci a longa viagem rumo a Devon.

— Anni! Querida Anni, seja bem-vinda! — Selina colocou seus braços ao meu

redor com um sorriso de alegria genuína quando desci da charrete. — Entre e me perdoe por não mandar um carro até a estação. O racionamento de gasolina chegou aqui, e, já que vivemos tão longe de qualquer lugar, temos que economizar o máximo possível. Preparei um quarto ao lado do quarto de Eleanor, no andar principal — ela dizia enquanto me levava escada acima. — Ela normalmente dorme a noite toda, mas pensei que será bom você estar perto caso ela acorde.

— Obrigada — respondi, emocionada com sua recepção calorosa. — Você sabe que tenho pouca experiência com crianças, não sabe?

— Anni, você ajudou Eleanor a chegar a este mundo! Confio em você plenamente. Aqui estamos — ela disse, abrindo a porta. — É o suficiente?

Olhei ao redor do meu quarto, com uma vista esplêndida do jardim e da várzea ao longe.

— Sim, é adorável. Obrigada.

— Posso pedir um chá e trazê-lo aqui para você?

— Na verdade, prefiro descer e ver minhas amigas na cozinha. Tomo o chá lá mesmo.

— Estou tão feliz por você estar aqui, Anni. Você não sabe como tem sido um pesadelo encontrar uma pessoa adequada para me ajudar com Eleanor. A ama-seca antiquada que minha mãe contratou era medonha, então a mandei embora, o que não agradou mamãe. — Selina virou os olhos. — Cuidei de Eleanor sozinha nos últimos meses. Agora, depois de se acomodar e dizer olá para todos na cozinha, nos veremos no quarto de Eleanor.

Enquanto tirava as coisas do baú, não consegui não rir da noção de que pode ser considerado escandaloso uma mãe cuidar do próprio filho. Quando terminei de arrumar minhas coisas, fui para a cozinha. Todos se aglomeraram a meu redor, a Sra. Thomas insistiu para que eu comesse bolo e tomasse chá, Tilly me abraçou apertado; senti alegria por pertencer àquele lugar.

Depois, voltei para o andar superior para ver Eleanor. Agora com quase três anos de idade, ela era uma garotinha encantadora, que se apegou a mim imediatamente. Com sua mãe observando, dei banho nela, vesti-a com sua camisola e cantei para ela dormir.

— Você é impressionante — Selina disse quando deixamos o quarto de mansinho. — Parece que Eleanor já a adora. Estive pensando, Anni, que, assim que ela se acostumar com você, talvez eu vá a Londres. Não deixo esta casa há um ano e tenho tantos amigos que gostaria de rever.

— Claro, Lady Selina. É por isso que estou aqui. Contanto que confie em mim, pode ir para onde quiser.

— Então acho que vou! Está tudo tão triste por aqui ultimamente. Mais tarde, quero que você jante comigo e com minha mãe. Estou ansiosa para ouvir

notícias de Minty, Indira e de toda a família de Cooch Behar.

Coloquei meu melhor vestido da Harrods e desci para a sala de jantar formal. Lady Astbury me tratou com o mesmo desdém de antes e praticamente não dirigiu uma palavra a mim. Sabia que estava desconfortável comigo, uma mera ama-seca, sentada à sua mesa. Selina, entretanto, se divertiu com as histórias que contei sobre o tempo que passei com Indira em Londres e como a marani conseguiu vir à Inglaterra em um navio de combate.

— Mãe, já que Anni está aqui para cuidar de Eleanor, pensei em ir a Londres na próxima semana. Posso? — Selina sugeriu depois da sobremesa.

Senti-me terrivelmente triste por ela ter que pedir permissão à mãe quando já era uma mulher casada, e tinha sua própria casa para administrar. O destino quis que a vida independente de Selina chegasse a um fim antes mesmo de começar.

— Se você precisa ir, Selina, querida. — Lady Astbury parecia desaprová-lo. — Tem certeza de que está confortável com a criança, Senhorita Chavan? — ela me perguntou. — Certamente não terei tempo para lidar com isso.

— Claro, Lady Astbury. Eleanor e eu ficaremos bem — respondi.

Poucos dias depois, Selina estava preparada para viajar a Londres. Sua expressão exibía uma mistura de entusiasmo e apreensão enquanto vestia as luvas e subia na charrete que a levaria até a estação.

— Divirta-se, Lady Selina. Você é jovem e linda e merece um pouco de diversão depois de um período tão difícil — eu disse.

— Obrigada, Anni, você sempre sabe o que dizer. Por favor envie um telegrama para nosso endereço em Londres se houver algum problema com Eleanor.

— Prometo que envio — eu disse, acenando.

No fim, satisfeita por tudo estar como deveria com sua filha, Selina ficou em Londres por quase um mês. *Quem poderia culpá-la?*, pensei comigo uma noite. Uma atmosfera sombria pairava sobre Astbury. Mesmo eu, que não percebia inconveniências como a falta de água quente ou a fachada caindo aos pedaços, sabia que a casa estava em decadência.

Além disso, o filho e herdeiro da casa, meu amado Donald, ainda estava em combate no exterior. Ninguém tinha notícias dele havia semanas, e, enquanto caminhava até os estábulos com Eleanor para ver os cavalos, descansei a cabeça sobre a crina elegante de Glory.

— Seu dono voltará para casa logo, prometo — sussurrei.

Quando agosto chegou, vi os campos de milho ficarem marrons sem serem colhidos, pois não havia mão de obra suficiente para apanhar e debulhar a colheita. As ovelhas permaneceram soltas na várzea, não tosquiadas, transpirando sob o sol do verão com suas vestes pesadas de lã que poderiam estar

aquecendo muitos soldados que passavam frio em terras estrangeiras.

Na liderança de todo esse caos estava a figura estoica de Maud Astbury. Algumas vezes a observei, enquanto tomava seu chá no gramado exatamente às três da tarde todo dia, antes de caminhar para a privacidade da capela às seis, sua rotina inalterada enquanto Astbury Hall definhava.

Tentei ser compreensiva, me lembrando de que, quando ela se casou com o pai de Donald, vinte e cinco anos antes, o mundo era diferente. Ela não havia sido criada para assumir sozinha uma responsabilidade tão grande quanto Astbury. Expliquei isso aos empregados, que começavam a reclamar da incapacidade de sua patroa para melhorar o estado deplorável das coisas.

— Então a nobre dama deveria *aprender* a administrar as coisas — a Sra. Thomas comentou. — Se não fizer alguma coisa logo, o jovem Lorde não vai encontrar nada aqui quando voltar!

— Vamos esperar que não caia tudo sobre você, Eleanor — sussurrei uma tarde quando a levava para um passeio pelo parque. — Rezo para que meus espíritos estejam certos e que seu tio retorne são e salvo.

Recebi o resultado de meus exames em meados de agosto. Passei com honras, e o verão prolongado e angustiante me convenceu de que, ao contrário dos outros residentes de Astbury Hall, eu não estava preparada para sentar e esperar a guerra acabar para começar a viver.

Dois dias depois que Selina regressou de Londres, falei com ela.

— Lady Selina — comecei. — Decidi que quero realmente ajudar com o esforço de guerra. Fiz uma solicitação para me unir ao Destacamento de Ajuda Voluntária.

— Ah, querida. — Selina parecia desapontada. — A marani mencionou que você poderia fazer isso no fim do verão, mas eu esperava que mudasse de ideia.

— Lamento, mas não mudei. Começo meu treinamento como enfermeira em Londres em setembro. Sei que você precisa encontrar outra pessoa para tomar conta de Eleanor, mas notei que Jane, a criada nova que veio do vilarejo, tem afinidade com sua filha, que também gosta dela. Acho que você vai perceber que Jane pode cuidar muito bem de Eleanor.

Selina deu um longo suspiro.

— Bem, Anni, espero que saiba a posição em que está se colocando. Uma de minhas amigas se juntou à DAV e não ficou mais que uma semana. Ela tinha que limpar urinóis! — Ela franziu o nariz. — Suponho que seria traição ao rei e ao país pedir para você reconsiderar. Mas claro que você deve ir. Vou ficar sentada aqui neste nosso canto esquecido e ser o quarto jogador das partidas semanais de bridge com minha mãe, o padre e a irmã septuagenária dele!

Por instinto, peguei uma de suas mãos pequenas e pálidas na minha.

— Lady Selina, sei que há muita felicidade no seu futuro. Na verdade, acho que você até percebeu isso enquanto estava em Londres.

Ela me olhou, surpresa.

— Ah, Anni, como você sabe dessas coisas? Sim, conheci um homem, mas, como você sabe, estou viúva há menos de um ano e minha mãe não aprovaria. Ele é estrangeiro, um conde francês que está trabalhando em Londres como representante oficial do governo.

Ela enrubesceu adoravelmente e me olhou com timidez.

— Para ser perfeitamente direta, Anni, gosto dele mais do que deveria.

— Garanto, Lady Selina, que, se você seguir o seu coração e não permitir que outros a convençam do contrário, tudo vai ficar bem.

— Obrigada, Anni, obrigada. Parece que você sempre dá esperança para as pessoas a seu redor.

— Apenas digo o que meus instintos me dizem.

— Bem, *eu* digo que você também merece alguém especial.

— Obrigada, Lady Selina. — Enquanto eu me afastava, duvidei de que mesmo *ela* aprovaria se soubesse quem é a pessoa especial que eu gostaria que fosse.



Novembro de 1918, Noroeste da França

Meu filho, não quero entrar em detalhes sobre o que vi durante o tempo que cuidei de nossos pobres meninos na França. Você já deve ter lido sobre essas atrocidades nos livros de História, tenho certeza. Posso apenas afirmar que qualquer coisa que escreveram nunca poderia descrever o horror que testemunhei.

Fui enviada para a França poucas semanas depois do treinamento inicial. Provei que tinha competência, e eles estavam desesperados por enfermeiras para cuidar dos feridos na frente de batalha. Assim como aconteceu com todos que estavam presentes ali, as lembranças continuam enraizadas em minha alma. O desespero que surgiu ao ver a raça humana se destruindo testou minha fé. Fiquei grata pelas vezes em que minha mãe me levou aos vilarejos ao redor de Jaipur quando era criança, por já ter visto sofrimento real antes. Eu estava, pelo menos, mais preparada que a maioria.

Vou contar, entretanto, que encontrei Ned, irmão gêmeo de minha amiga Charlotte. Ele ficou no meu hospital de campo por alguns dias com um corte profundo na testa. Cuidei do ferimento, e foi um prazer ver um rosto familiar, de uma época mais tranquila da minha vida.

Ned deve ter se sentido do mesmo jeito, e, como seu posto era próximo ao nosso hospital, atrás da linha de frente, ele me levava à cidade de Albert durante nossas raras horas de folga, onde tínhamos ao menos alguns momentos de alívio. Conversávamos sobre livros, arte, teatro ou qualquer coisa não relacionada à realidade que enfrentávamos diariamente.

Eu estava com ele no dia que o cessar-fogo finalmente foi declarado. Àquela essa altura, as trincheiras estavam com a metade da força de batalha, em parte por causa da terrível segunda batalha de Somme e também porque não havia motivo para enviar mais munição para os canhões, uma vez que ficava cada vez mais aparente que os alemães não teriam outra escolha além da rendição.

Estivemos entre uma multidão de enfermeiras e soldados que seguiam para Albert em um jipe, nenhum de nós ousando acreditar que o cessar-fogo era real. Soldados de todas as nacionalidades chegavam à praça da cidade, vindos de toda a extensão da linha de batalha — ingleses, franceses, americanos e até mesmo indianos —, e uma banda improvisada tocou naquela noite em meio a uma cacofonia eufórica de sons alegres.

Lembro-me vividamente de alguém soltando fogos de artifício, e a praça toda de repente ficou em silêncio. Nossos sentidos estavam alertas, temendo não ter

recebido a informação correta de que aquele seria o som dos foguetes alemães. Mas, quando os fogos explodiram no céu, as cores brilhantes e os desenhos iluminados nos asseguraram do contrário.

E foi logo depois dos fogos de artifício que alguém deu uma batidinha em meu ombro.

Eu estava nos braços de Ned naquele momento, dançando ao som da Dixieland Jazz Band. Paramos, olhei para trás e lá estava ele, uma sombra envelhecida do menino que conheci, Donald Astbury.

— Anahita? É você?

— Donald? — Prendi o fôlego. Mal podia acreditar.

— Sim. — Ele sorriu. — Selina escreveu que você tinha se juntado às DAVs, mas que coincidência encontrá-la aqui esta noite!

Ned estava em posição de sentido — Donald era um oficial superior —, então cumpri a obrigação de fazer as apresentações, e os dois homens se cumprimentaram.

Donald me olhou com afeição.

— Sabe, sargento Brookner, a última vez que vi esta jovem ela não tinha ainda quinze anos. E agora olhe só você, Anni! — Seus olhos percorreram meu corpo com admiração. — Está crescendo. Quase não a reconheci. E — Donald explicou para Ned — foi Anni quem disse que eu sobreviveria a esta guerra. Foram muitas as vezes que reli sua carta enquanto estava nas trincheiras, Anni, e acreditei que sobreviveria. E veja — Donald sorriu de repente, seu rosto pálido e cansado se iluminando —, aqui estou!

Os músicos começaram a tocar “Let Me Call You Sweetheart”.

— Você se importa, colega, de me conceder esta dança com Anni? — Donald perguntou a Ned.

— Claro que não, senhor — Ned respondeu, com um tom de tristeza.

— Obrigado. Vamos, Anni, vamos comemorar esta ocasião feliz. — Donald pegou minha mão e me levou para o meio da multidão.

Tenho vergonha de admitir que não voltei para os braços de Ned naquela noite. Eu e Donald dançamos juntos o resto da noite, na praça daquele vilarejo no noroeste da França, como se nossas vidas estivessem apenas começando. E, de muitas maneiras, estavam.

— Não acredito como você cresceu! — ele me disse pela centésima vez. — Anni, você está tão linda!

— Por favor... — Eu ficava vermelha a cada elogio dele. — Meu vestido tem uns três anos de uso e não corto o cabelo há pelo menos um ano e meio.

— Seu cabelo está glorioso — Donald disse, correndo os dedos por ele. — *Você* está gloriosa! Estávamos destinados a nos encontrar aqui esta noite.

Eu entendia que todos estavam empolgados naquela noite, um tipo de euforia que é impossível descrever. Enquanto Donald me cobria de elogios e dizia que havia pensado em mim todos os dias nos últimos três anos, guardei cada palavra em um compartimento longe de meu coração, pois entendia por que ele dizia aquilo.

Quando a praça começou a ficar vazia naquela noite gélida de novembro, nos sentamos na borda de uma fonte e fitamos as estrelas no céu limpo e claro.

— Cigarro? — ele ofereceu.

Aceitei um e ficamos sentados ali, fumando amigavelmente.

— Não consigo acreditar que acabou — ele disse.

— Nem eu, mas preciso voltar para o hospital logo. Ainda tenho muitos pacientes doentes e feridos que precisam de mim, com ou sem cessar-fogo.

— Tenho certeza de que se recuperarão rapidamente sob seus cuidados, Anni. Você nasceu para ser enfermeira.

— No futuro, gostaria de ver mais dos meus pacientes sobrevivendo — estremeci. — Fiz o que pude, mas não fui capaz de ajudar em muitas ocasiões. Acho que vou continuar fazendo isso quando a guerra acabar.

— A guerra *acabou*, minha querida Anni — Donald brincou, e ambos rimos da frase que o mundo repetiu, todos os dias, nos últimos quatro anos.

— Realmente preciso voltar. A supervisora vai me matar.

— Duvido. Não esta noite. Mas, se você precisa ir, eu a acompanho.

— Deve ser fora do seu caminho — eu disse, enquanto me levantava.

— Não tem importância. Poderia andar por um milhão de quilômetros hoje.

Caminhamos de braços dados pela estrada deserta, o ar ainda cáustico depois de meses de artilharia.

— Sabe, realmente acredito que você foi meu talismã — Donald disse quando nos aproximávamos da entrada do acampamento que abrigava meu hospital. — Estive na linha de frente várias vezes e nunca saí com mais que um arranhão.

— Você nasceu com sorte. — Sorri para ele.

— Talvez, mas você me ajudou a acreditar nisso. E isso foi o mais importante. Boa noite, Anni.

Foi então que Donald se inclinou e me beijou. Fico constrangida em dizer que nos beijamos por um longo tempo.

As duas semanas seguintes foram agitadas para mim, cuidando dos homens que ainda estavam no hospital, preparando cada um para sua viagem de volta a Inglaterra. Donald me pegava toda noite em seu jipe. As outras enfermeiras erguiam as sobrancelhas e riam entre si.

— Nossa Anni arrumou um homem, e um oficial, ainda por cima! E ele tem dois braços e duas pernas. Sortuda! — uma das enfermeiras disse, mas não com maldade.

Tentei desesperadamente proteger meu coração de Donald e do dano que ele poderia causar. Nenhum de nós falou sobre o futuro durante aqueles momentos preciosos que passamos juntos, em um mundo sem regras e costumes, sem a sociedade dizendo como deveríamos nos comportar ou a quem deveríamos amar. Simplesmente vivemos o momento, aproveitando cada segundo.

Quando esses momentos chegavam ao fim e eu estava prestes a atravessar o Canal de volta para a Inglaterra em um navio-hospital com alguns de meus pacientes, a intensidade entre nós atingiu níveis incontroláveis.

— Vou ver você em Londres, não vou? — Donald me perguntou com desespero em nossa última noite juntos. — E você vai ficar em Astbury? Você sabe que todos a adoram lá.

— Menos a sua mãe. — Virei os olhos, me acomodando em seu abraço no jipe.

— Não se preocupe, ela não gosta de ninguém. Meu Deus, eu não podia esperar a guerra acabar quando estava no auge, mas, agora que preciso ponderar e encarar minha mãe e a propriedade, me sinto menos animado. — Ele franziu o cenho. — Em termos legais, Astbury passou a ser minha no meu aniversário de vinte e um anos, poucas semanas atrás. Agora é de minha inteira responsabilidade.

— Acho que você vai ter trabalho por lá — respondi, a rainha da informação óbvia.

— Onde você vai ficar quando voltar?

— Há uma pensão para enfermeiras perto do hospital para onde estão me enviando com meus pacientes — respondi. — É em Whitechapel. Vou trabalhar lá por enquanto.

— Anni — Donald disse, com certa urgência em sua voz. — Não volte esta noite. Venha comigo para o vilarejo. Tenho um quarto lá. Pelo menos podemos ficar mais algumas horas juntos.

— Eu...

— Sério, Anni, sou um cavalheiro e não faria nada para comprometer sua virtude.

— Quietos — interrompi, incapaz de me controlar. — Vou com você.

Claro, naquela noite foi impossível, como em qualquer lugar do mundo, que duas pessoas apaixonadas não desejassem se unir daquele jeito humano especial. Naquele pequeno quarto escuro, a luz suave da praça se infiltrando pelas cortinas, quando Donald gentilmente removeu minha roupa, não senti nenhum indício de culpa. E quando ele beijou meu corpo todo e nos tornamos um, senti que minha

fé nos deuses e na humanidade fora restaurada.

— Te amo, minha querida Anni, preciso de você — ele gemeu. — Preciso de você, preciso de você...

— Também te amo — sussurrei em seu ouvido enquanto nossa urgência aumentava. — Sempre vou te amar.



Não vi Donald por um mês depois de voltarmos à Inglaterra. Era Natal — o primeiro que ele passou com a família em Astbury Hall depois de três anos. Mas ele me escrevia todos os dias; cartas longas e sinceras, me dizendo que sentia saudades, que me amava e estava ansioso para me rever.

Eu respondia falando da rotina no hospital. Mesmo que meu coração estivesse transbordando de amor por ele, me forçava a não deixar que transparecesse no papel como ele fazia. Agora que estava de volta à Inglaterra, meu lado pragmático sabia que não deveria me permitir me envolver com ele, pois não era capaz de enxergar como poderíamos ficar juntos no futuro. Mantive-me ocupada, graças aos deuses, no London Hospital, em Whitechapel. Uma tarde fui chamada à sala da supervisora e me mandaram sentar.

— Enfermeira Chavan, falei sobre você hoje em minhas reuniões semanais com os médicos. Todos concordamos que você tem uma aptidão natural para a enfermagem. Seu histórico na França a recomenda, e seu trabalho aqui, até o momento, é da melhor qualidade.

— Obrigada — respondi, me sentindo gratificada com o elogio. Não acontecia sempre.

— Antes de ser enviada para a França, você recebeu apenas o treinamento básico de uma auxiliar de enfermagem, correto?

— Sim, senhora, mas, enquanto estive na França, todas as mãos eram necessárias, e aprendi muitas coisas com os médicos com quem trabalhei. Sei fazer sutura profissional, curativos, aplicar injeções e também auxiliei médicos durante operações de emergência.

— Sim, sei de tudo isso. Você também tem um semblante de autoridade e é tranquila, o que dá confiança aos pacientes. Também notei que enfermeiras mais qualificadas procuram sua ajuda e a respeitam. Então, nós aqui no hospital gostaríamos que você buscasse os treinamentos adequados para se qualificar como enfermeira e, talvez, até se tornar supervisora de uma ala.

Fiquei emocionada. Não sabia que meu talento havia sido notado.

— Obrigada, senhora. Estou honrada.

— Você ainda terá uma posição aqui no hospital, mas três vezes por semana deverá ir ao nosso colégio para aprender o aspecto técnico adequado, que você não teve ainda. Estará qualificada oficialmente como enfermeira em um ano. Como você se sente?

— Gostaria muito de frequentar o curso — respondi.

— Bom. Vou fazer sua matrícula imediatamente, e você poderá começar semana que vem.

— Obrigada, senhora — eu disse ao me levantar e deixar a sala. Do lado de fora, dei um grito espontâneo de prazer e empolgação, pensando que meus pais teriam orgulho de mim. Dois dias depois, para completar minha felicidade, Donald chegou a Londres. Ele estava hospedado na casa dos Astbury em Belgrave Square, onde Selina atualmente residia com Eleanor e sua ama-seca, Jane, a garota que sugeri para assumir meu lugar.

Sabendo que ele estava a caminho, tirei um dia de folga no hospital e peguei um ônibus até Selfridges, onde gastei parte de minha remuneração suada em um casaco novo especialmente para a ocasião. Quando me aproximei de Piccadilly Circus — combinamos nos encontrar diante da estátua de Eros —, meu coração começou a palpitar. Talvez Donald mudasse de ideia e não viesse, pensei enquanto procurava seu rosto familiar na multidão. Mas lá estava ele, procurando por mim tão ansiosamente quanto eu procurava por ele. Ele caminhou em minha direção e me pegou nos braços.

— Querida, meu Deus, senti tanto a sua falta! — Levantando meu queixo, ele estudou minha expressão. — Você sentiu saudades de mim?

— Claro que senti, e tenho tanta coisa para contar. Vamos tomar chá em algum lugar? — sugeri.

— Sim — ele disse, aconchegando seu rosto em meu pescoço. — Uma xícara de chá é a última coisa que quero agora. Mas, ei, terá que ser o suficiente.

Nos sentamos juntos na Lyons' Corner House, na Shaftesbury Avenue, e conversamos até a escuridão aumentar do lado de fora. Donald parecia tão empolgado quanto eu com minha promoção.

— Você é uma enfermeira maravilhosa — ele disse, com admiração. — Todos os soldados que conheço que passaram por suas mãos carinhosas na França se lembram de você. E, claro, minha irmã a adora. Falando nisso, comentei que encontraria você hoje e ela disse que gostaria de vê-la. É possível nos visitar amanhã à noite? Você poderia ver Eleanor e ficar para jantar com Selina, comigo e com o novo *amour* dela, Henri Fontaine.

— Lady Selina se apaixonou? Eu sabia! — Bati palmas, feliz com a notícia.

— Sim, e muito — Donald confirmou. — Entretanto, por motivos que você deve entender, minha mãe ainda não sabe de nada. Não aprovaria.

— Preciso verificar minha escala, mas, sim, acho que consigo ir. Será mais fácil assim que estiver no colégio, na semana que vem. Minhas aulas terminam às quatro. Selina sabe sobre... nós? — perguntei, temerosa.

— Não entrei em detalhes, especialmente com minha mãe por perto durante o Natal, mas Selina sabe que nos vimos com frequência na França. E, claro — ele sorriu —, vai adivinhar no momento em que nos vir juntos.

— E você não se importa?

— Anni, por que iria me importar? Selina adora você e, além disso, ela ainda não admitiu para minha mãe por que *ela* vem a Londres com tanta frequência — Donald acrescentou.

— Sua mãe não gosta de estrangeiros — concordei, serenamente.

— Minha mãe vive no passado, em uma era diferente. Você sabe disso, Anni.

— Sei, mas...

— Shhhh! — Donald colocou um dedo em meus lábios. — Ela não está aqui agora e não quero que sua sombra atrapalhe o pouco tempo que temos juntos.

Olhei para o relógio e notei que precisava estar de volta à pensão em menos de uma hora.

— Preciso ir — disse.

— Sério?

— Sim.

Donald pediu a conta e saímos para o ar fresco da noite. Enquanto caminhávamos de volta a Piccadilly Circus, onde eu tomaria meu ônibus, ele me puxou para uma soleira e me beijou ardentemente.

— Então... — disse, quando finalmente me soltou. — Vejo você amanhã à noite em nossa casa? Belgrave Square, número vinte e nove. Tenho um compromisso com o gerente do banco da família amanhã no clube, às seis, então, dependendo do quanto nossas finanças estiverem ruins, posso me atrasar um pouco.

— Estão muito ruins?

— Para ser honesto, Anni, caso o banco se recuse a prolongar o empréstimo, não terei escolha a não ser vender a propriedade, o Hall e as terras. Então, sim — Donald disse, com um suspiro. — Duvido que pudesse estar pior.

— Não perca a esperança ainda. Vejo você amanhã. — Eu o beijei e corri para pegar o ônibus.

Na noite seguinte, me dirigi a Belgrave Square. Selina e Eleanor ficaram tão contentes em me ver quanto Donald disse que ficariam.

— Anni, que prazer recebê-la aqui — Selina disse, me levando até Eleanor, que estava olhando um livro de figuras no carpete em frente à lareira. — Eleanor, veja, é Anni.

Logo Eleanor estava em meu colo e Selina pedia para a criada servir o chá.

— Enquanto Donald não chega, quero que me conte suas aventuras na França. E, claro, como você o encontrou lá. — Ela sorriu para mim.

Narrei uma versão editada com cuidado sobre o tempo que passei trabalhando

nas proximidades da frente de batalha e fez um relato, também sem detalhes, sobre como reencontrei Donald. Selina pediu a Jane que levasse Eleanor para cama, e, assim que ficamos sozinhas, ela continuou o interrogatório.

— Ah, Anni, você e Donald se reencontraram no Dia do Armistício e dançaram a noite toda juntos na França. Que romântico! Mas — se aproximou e abaixou o tom de voz. — Acho que você não está me contando tudo. Conheço o meu irmão muito bem, e soube que estava apaixonado no momento em que o vi. Ah, por favor, Anni, pode confiar em mim. Se for você, acho que é adorável! — Sua risada soava como sinos.

— Acho que você deveria perguntar isso ao Donald.

— Não se preocupe, eu vou. Lembra, foi você quem disse que havia alguém esperando por *mim*. E você estava certa, Anni. Estou muito feliz.

— Fico contente por você, Lady Selina.

— Por favor, me chame de Selina; de um jeito ou de outro, sinto como se fôssemos quase uma família. — Ela sorriu. — De qualquer forma — continuou —, confio em você para confessar que estou perdidamente apaixonada por Henri e que planejamos nos casar assim que possível, não importa o que minha mãe tenha a dizer sobre o assunto. Espero que você goste dele. Ele vai chegar a qualquer momento. Sabe, Anni, às vezes me sinto culpada. Acho que não senti pelo pai de Eleanor o que sinto por Henri.

— Entendo, mas não podemos escolher quem amamos de verdade, podemos? — respondi.

— Não, parece que não. Hugo era um bom homem e tinha uma posição social perfeita para mim, como o minha mãe dizia, mas nunca roubou meu coração.

— Vocês ficarão em Londres ou se mudarão para a França?

— Um pouco dos dois, acho. Henri tem um *château* no sul do país, que aparentemente é muito bonito, mas ele também adora Londres.

Naquele momento, Donald entrou na sala. Ele parecia cansado, mas seus olhos brilharam ao me ver. Começou a vir em minha direção, mas então notou sua irmã sentada a minha frente e se controlou.

— Selina, você está linda esta noite, como sempre — ele disse. — E, Anni, como está? — Enquanto beijava minha mão, seus olhos me disseram tudo o que seu corpo não podia revelar.

— Estou bem, obrigada, Donald — respondi formalmente, com um brilho nos olhos.

Pude ver Selina nos observando fascinada, mas não houve tempo para nos questionar. A porta da sala de visitas foi aberta novamente e a criada anunciou um homem diminuto, com um bigode e cabelos com um comprimento considerado boêmio na Inglaterra.

— Henri, seja bem-vindo. — Selina o recebeu e ambos, também, procederam com as formalidades. — Deixe-me apresentar o meu irmão, Lorde Donald Astbury, e nossa amiga, Senhorita Anahita Chavan.

— *Enchanté, mademoiselle* — o conde disse, beijando minha mão.

— Muito bem, agora quem gostaria de beber o quê? — Selina disse.

Assim que estávamos acomodados e o vinho foi servido com o jantar, nossa reticência diminuiu. Começamos a discutir os planos de Selina e Henri para o futuro.

Em determinado momento, Henri se debruçou em minha direção e sussurrou:

— A mãe deles é mesmo tão assustadora como Selina descreve?

— Infelizmente, sim. E não gosta de estrangeiros.

Compartilhando as semelhanças entre nossas posições, rimos abertamente da ironia do jantar daquela noite. As mãos de Donald se esgueiraram sob a mesa em minha direção e pousaram sobre meu joelho enquanto Henri continuava a confiar em mim.

— Vou com Selina para Devon em duas semanas para informar “*Madame le Dragon*” que pretendo me casar com sua filha. Vou ser engolido vivo?

— Há grandes chances de voltar sem um dedo ou dois. Mas duvido que o resto esteja em perigo. Você é francês, afinal, e não seria do paladar dela.

Depois do jantar, como era costume na época, Donald e Henri ficaram à mesa para fumar charutos e tomar conhaque enquanto eu e Selina nos retiramos para a sala de visitas.

— Henri não é maravilhoso? — ela disse, se sentando contente em uma cadeira ao lado da lareira.

— Gostei muito dele. Acho que será um bom marido — garanti.

— Mas e você? Posso ver que Donald a adora tanto quanto Henri me adora. Talvez pudéssemos ter um casamento duplo — ela disse, explodindo em risos.

— Selina — eu disse, séria. — Sua circunstância é bem diferente da posição de Donald. Ele é o herdeiro de Astbury. Como ele me disse uma vez, precisa se casar com alguém que ajude a salvar a propriedade. Você sabe muito bem que a casa precisa de reparos.

— Tenho certeza de que você está certa, Anni, mas não estou envolvida com os negócios.

— Bem, Donald me disse que as finanças da família estão com problemas.

— Mas com certeza o que ele precisa é de alguém forte como você ao lado dele, que pudesse oferecer apoio enquanto ele tenta reerguer a propriedade — Selina argumentou.

— Infelizmente, ambos sabemos que sua mãe não vê as coisas assim.

— Você o ama, Anni?

— Mais que ao céu e à terra — respondi, com sinceridade. — Mas não quero arruinar o futuro dele, Selina. Não tenho dote, e casamentos inter-raciais ainda são vistos com desaprovação na Inglaterra. Não que Donald tenha me pedido em casamento, claro — acrescentei, depressa.

— Besteira! Uma semana atrás recebi uma carta de minha amiga Minty, irmã de Indira, dizendo que uma de suas amigas se casou recentemente com um inglês.

— Sim, e talvez essa amiga seja uma princesa, não uma simples auxiliar de enfermagem. — Suspirei. — Ambas sabemos que sua mãe ficaria horrorizada.

— Minha mãe que se dane! Donald é adulto, *ele* é o Lorde Astbury, responsável por nossas terras e pelo seu próprio destino. Você o faz feliz, Anni. O que mais importa?

Encerramos a discussão quando os homens se juntaram a nós na sala de visitas. Olhei o relógio e vi que passava das onze. Tinha autorização para chegar mais tarde à pensão, mas ainda assim precisava chegar antes da meia-noite.

— Preciso ir — disse a Donald baixinho, não querendo interromper a conversa.

— Claro. Vou chamar um táxi para levá-la até em casa.

Me despedi de Selina e de Henri, e Donald me acompanhou até a porta. Enquanto ficamos na Belgrave Square, esperando um táxi passar, perguntei a ele:

— Como foi sua reunião com o gerente do banco?

— Péssima, como eu esperava — respondeu. — Nossa propriedade está no limite da falência, e fui informado esta noite de que o banco não pode prorrogar o empréstimo. Minha mãe deixou tudo cair em ruínas, sem pensar em ser prudente.

— Sinto muito, Donald — respondi.

— Bem, como o gerente do banco me disse, não sou o único que voltou para casa depois de quatro anos de guerra para encontrar uma situação como essa. O problema é que a ruína começou bem antes. Meu pai morreu há dez anos. O resultado é que as terras terão que ser vendidas. Simples assim.

— Pode ser simples para você, mas você acha que sua mãe vai aceitar isso?

— Ela vai ter que aceitar, como todos nós. Não há alternativa. Infelizmente. — Donald suspirou, sinalizando para um táxi. — Nada é como antes.

Dei meu endereço ao motorista e Donald pressionou uma nota em minha mão enquanto me abraçava.

— Vejo você amanhã? — ele perguntou.

— Termino meu turno às oito.

— Então nos encontramos e seguimos para jantar em algum lugar em Whitechapel.

— Acho que você não vai gostar de lá — eu disse, quando o táxi se preparava para partir.

— Não gostava muito da França até encontrá-la. — Sorrii. — Encontro você na frente do hospital às oito, Anni. Boa noite.

Me acomodei no banco macio de couro e minha mente começou a remoer os acontecimentos daquela noite e o que Selina disse. Se Astbury fosse vendido, porque precisava ser, então, talvez, apenas talvez, havia um futuro para mim e para Donald, juntos.

Pela primeira vez, e de modo perigoso, comecei a imaginar que era possível.

De um jeito ou de outro, nas duas semanas seguintes, Donald e eu conseguimos nos ver todos os dias. Selina retornou para Astbury Hall com a intenção de preparar o terreno para a chegada iminente de Henri e o anúncio de seu noivado, então Donald e eu tínhamos a casa em Londres só para nós.

— Sabe de uma coisa? A supervisora pode decidir me demitir por não parecer dedicada — eu disse, satisfeita, uma noite, ao lado de Donald na cama. — Já tive autorização para passar a noite fora sete vezes nas últimas duas semanas.

— Mas ela sabe que sua “tia”, uma prima da marani de Cooch Behar em pessoa, está na Inglaterra e deseja ver sua sobrinha — Donald disse sorrindo, acariciando meu cabelo suavemente e me olhando com seriedade de repente. — Ouça, Anni, preciso voltar a Devon logo e conversar com minha mãe sobre vender Astbury Hall. Quero esperar até que Selina anuncie seu casamento com Henri. Muitos sustos de uma vez podem ser demais para ela.

— Claro.

— E, depois, tem você e eu...

— O que você quer dizer?

— Anni, por favor. Você *sabe* o que quero dizer. Você e eu — ele repetiu. — Te amo, Anni. Você é minha melhor amiga, minha amante e a mulher mais bela e mais sábia que já conheci. Quero que seja minha esposa.

Olhei para ele, impressionada.

— Sua esposa?

— Sim, Anni, minha esposa. Como você pode ficar tão surpresa? Não posso suportar nem pensar em viver sem você. Existe algum motivo melhor que esse para se casar?

— Não, mas...

— Sem “mas”. — Donald tocou meus lábios com um dedo. Colocou seus braços a meu redor e nos acomodamos em uma posição mais confortável. — Sei

que você está ciente dos problemas que estou enfrentando no momento e que devo lidar com um de cada vez. Entretanto, quero que saiba que estou determinado a me casar com você. Espero que perceba que, com as coisas desse jeito, você não vai ser a dama de uma grande casa. Não vai sobrar muita coisa mesmo depois de o Hall ser vendido, especialmente porque tenho que estabelecer minha mãe em um lugar adequado com o dinheiro. Estive pensando que talvez pudéssemos viver aqui em Londres e comprar uma casa menor no campo quando os pequenos começarem a chegar.

— Ah, Donald. — Nesse ponto, comecei a chorar.

— Querida, o que foi?

— Eu só não... — Assoei o nariz e tentei outra vez. — Estou apenas surpresa por você seriamente considerar um futuro a meu lado.

— Por quê? Você não pensou nisso? — Ele estava admirado e um pouco triste.

— Donald, você não entende que eu nem mesmo ousaria pensar nisso? Somos de mundos tão diferentes... Sou uma enfermeira indiana pobre e você é um lorde.

— Você é da alta casta no seu país, Anni — ele me lembrou.

— Sim, mas, assim como a sua, minha família enfrentou tempos difíceis. Minha mãe se casou por amor, entende?

— Então, somos iguais. — Ele sorriu.

— Mas, Donald. — Eu me preparei para dizer aquelas palavras. — Você precisa perceber que não será apenas a sua mãe contra o nosso casamento. Já sofri preconceito por causa da minha raça e da cor da minha pele muitas vezes aqui na Inglaterra. Tem certeza de que pode viver com o estigma de ter uma esposa indiana?

— Adoro a cor maravilhosa da sua pele, minha querida. — Ele disse, beijando meu pescoço. — Para ser franco, não me importo nenhum pouco com quem não se importa comigo.

Encarei-o, e nunca o amei mais do que naquele momento.

— Você é um homem incomum, Donald Astbury.

— E você é uma mulher extraordinária. Eu te adoro.

Quando Donald partiu para Devon no dia seguinte, comecei realmente a imaginar nosso futuro. E, pouco a pouco, a caixa onde havia enterrado meus sentimentos por ele começou a rachar e a quebrar.



Enquanto Donald estava em Devon, me dediquei ao curso de enfermagem com determinação. Eu sabia que não havia me concentrado completamente antes. Independentemente do que o futuro reservava a nós dois, tratava-se de uma conquista pessoal.

Talvez seja verdade que, quando você é amado por outra pessoa, adquire uma aura de felicidade e confiança que outros consideram irresistível. Nunca fui convidada tantas vezes para bailes e passeios pelos médicos do hospital.

— A garota da vez — uma das enfermeiras me disse, quando recusei outro convite, dessa vez de um cirurgião.

Pela primeira vez em minha vida, aquilo que ela dizia parecia estar certo.

Apreendi, desde então, que nunca devemos ser complacentes em uma época especial de nossa existência. É tão passageiro esse momento em que nos sentimos invencíveis, e fico triste em dizer que meu momento chegou a um fim abrupto logo depois. Uma semana depois de Donald voltar para Devon, recebi uma carta na pensão, encaminhada a mim por Selina.

Palácio de Cooch Behar

Cooch Behar

Bengala

Dezembro de 1918

Minha querida Anni,

Não sei onde você está vivendo desde que retornou da França, há algumas semanas, mas pensei que os Astbury poderiam saber. Talvez você já tenha nos escrito com o seu novo endereço, mas você sabe como o serviço postal indiano pode ser lento. Preciso dizer que estamos todos orgulhosos de seu trabalho como enfermeira na linha de frente. Espero que esteja bem e finalmente consiga encontrar seu caminho depois da turbulência dos últimos quatro anos.

Por isso, é difícil escrever esta carta, uma vez que detesto ter que desviar a atenção da sua própria vida. Mas preciso de sua ajuda.

Como sabemos, Indira se apaixonou há muito tempo pelo príncipe Varun. Agora que a guerra acabou, os preparativos para o seu casamento começaram. Mas ela se recusa veementemente a se casar com o marajá de Dharampur. Todos tentamos conversar com ela, explicando que não tem

escolha — imagine o escândalo se ela declinar a essa altura; e o marajá é um bom homem, ainda que um pouco mais velho. Indira precisa cumprir sua obrigação com a família, não importa o que seu coração esteja dizendo.

No momento, ela tem se recusado a comer e, até mesmo, sair da cama. Ela me diz que prefere ficar deitada lá esperando a morte em vez de se casar com um homem que não ama. Ninguém no palácio consegue persuadi-la a ser racional, por isso imploro a você, Anni, como uma pessoa a quem ela ama, confia e respeita, que volte para casa, mesmo por pouco tempo, e nos ajude a fazer Indira compreender sua obrigação. Todos sentimos que você talvez seja a única pessoa nesta terra a quem ela ouviria.

Envio junto com esta carta uma passagem de primeira classe de volta para casa. É uma passagem com data aberta, já que não sei quanto tempo ela irá demorar para chegar até você, mas tudo o que você precisa fazer é entrar em contato com o escritório da P&O^[27] e informar a data exata em que deseja viajar.

Sei que estou pedindo muito, mas, além disso, já faz muito tempo desde que você esteve pela última vez em sua terra natal, e nós a amamos muito.

Minha querida Anni, precisamos de você.

Com amor...

A carta estava assinada apenas “Ayesha”, com o selo real abaixo.

Permaneci sentada na cama estreita da pensão, minha mente confusa com as lembranças do passado que a floravam violentamente. Minha imersão nessa nova vida foi tão completa que era difícil até imaginar o palácio, ou o rosto das pessoas que um dia significaram tudo para mim.

Inúmeros pensamentos passavam por minha mente, e o mais importante era: o que Donald diria?

Certamente, era demais pedir para que eu largasse tudo e retornasse, ainda que por pouco tempo, para uma vida que havia deixado para trás havia tanto tempo. Andei de um lado para o outro do dormitório, percebendo que, mesmo que decidisse ficar por duas semanas, apenas a viagem de ida e volta demoraria quase dois meses. Isso não poderia ter acontecido em pior hora.

Mas eu também sabia que tudo o que eu era e tinha devia a marani e sua família, que me acolheram e cuidaram de mim quando ninguém mais teria feito isso. A última vez em que vi a marani, ela havia me dado uma escolha, mas dessa vez eu não tinha nenhuma.

— É uma pena. — A supervisora suspirou na manhã seguinte, quando anunciei que precisava voltar com urgência para a Índia por questões familiares. — Você sabe quando volta?

— Espero que em três meses — garanti.

— Bem, suponho que devemos conceder a você uma licença. Isso significa que ainda teremos um lugar para você, tanto no hospital quanto em seu curso de enfermagem. Não gostaríamos de perdê-la.

— Senhora, sinto muito por isso, mas preciso ir. É uma questão familiar.

— Apenas se certifique de voltar, por favor, enfermeira Chavan.

— Claro que vou voltar. — Eu sorri com confiança, enquanto me levantava para deixar a sala. — Toda a minha vida está aqui na Inglaterra agora.

Como a marani pediu, visitei o escritório da P&O e confirmei minha passagem para a próxima viagem disponível. Enviei um telegrama a ela, dizendo quando chegaria, e me preparei para contar tudo a Donald, que estava para retornar a Londres em alguns dias. Como imaginei, ele ficou desolado quando soube.

— Ah, Anni — ele disse quando dei a notícia em sua primeira noite de volta a Londres. — Você tem mesmo que ir?

— Sim, tenho. Eles são o mais próximo que tenho de uma família. A marani foi tão bondosa comigo quando eu era criança e perdi minha mãe. Primeiro, foi ela quem me mandou para a Inglaterra e pagou meus estudos aqui.

— Mas, Anni — ele insistiu. — O que você pode fazer? Se Indira decidiu que não vai se casar com esse marajá, acho que ninguém, nem mesmo a melhor amiga dela, poderá fazê-la mudar de ideia. Ninguém poderia me dizer para deixar de amar você. — Donald acrescentou, com um sorriso.

— Você está certo. Duvido que possa fazer alguma coisa, mas a marani me chamou e não posso desapontá-la.

— Quanto tempo você vai ficar longe?

— Uns três meses, acho.

Donald pegou minhas mãos e as segurou apertado.

— Prometa: nem um dia mais.

— Tudo o que posso prometer é que voltarei para a Inglaterra assim que puder — eu disse, franzindo o cenho.

— Você não visita a Índia há muito tempo. Talvez os seus encantos a convençam a ficar.

— Isso não vai acontecer — garanti, com firmeza. — Agora, me fale sobre Devon e como sua mãe recebeu a notícia do noivado de Selina.

— Foram dias terríveis — Donald admitiu. — Quando cheguei, Selina me contou que mamãe praticamente desmaiou com o choque quando ela disse que se casaria com Henri e que se mudaria para a França. Minha mãe, claro, proibiu; disse que Selina nunca seria bem-vinda a Astbury outra vez e que a deserdaria se

ela ousasse se casar com Henri. Não que ela tenha alguma coisa para deixar para Selina — Donald acrescentou, ressentido. — Quando cheguei, alguns dias depois, ela estava de cama e se recusava a sair do quarto. Disse que estava doente e que não queria ver ninguém. Era só um resfriado, e quando consegui entrar ela estava bem longe das portas da morte — ele suspirou. — Levando em consideração como ela reagiu mal às notícias de Selina e obviamente não estava bem, não pensei que seria apropriado dizer que o Hall precisaria ser vendido. Ou que estou apaixonado por você, minha querida — ele acrescentou.

— Não, definitivamente seria demais — concordei.

— Então, estamos em um *impasse* no momento. E agora, com suas notícias, acho que, quando você partir para a Índia, voltarei a Devon para começar a procurar um comprador para as terras. E tentar encontrar o momento certo de contar para minha mãe.

— Não invejo sua posição, Donald. Onde está Selina agora? — perguntei.

— Embarcou com Eleanor e Henri para a França. Ele a está levando para conhecer seu *château* em Provence. Sorte dela — Donald comentou. — Queria poder ir para a Índia com você.

— Eu também — respondi com sinceridade.

Nos sentamos em silêncio por alguns momentos, contemplando as cartas que o destino nos revelou.

— Você vai escrever, não vai? — Donald perguntou.

— Claro que vou. Não vai ser por muito tempo. Tenho certeza de que Astbury vai manter você ocupado.

— Nem me lembre. Apenas minha mãe como companhia pelos próximos meses me dá calafrios. E quero contar a ela, Anni, não só sobre a venda, mas também sobre nós e nossos planos — ele explicou. — Estava até planejando pedi-la em casamento formalmente depois de contar a ela. Fazer a coisa direito, me ajoelhando e colocando um anel no seu dedo. Mas quero que você pelo menos entenda, antes de partir, que estou falando sério sobre o nosso futuro. Vamos nos casar, Anni, juro. É o que você quer, não é?

— É, quero tanto que me assusta — eu disse, com sinceridade.

— Então você me ama, querida?

— É *claro* que te amo, Donald.

— Às vezes acho que você é mais inglesa que eu, pelo jeito de não demonstrar suas emoções — ele brincou. — Como você sabe, nunca fui bom nisso. Demonstro claramente meus sentimentos e sempre fui assim. Então, poderíamos dizer que estamos “não oficialmente” noivos? — Ele beijou a ponta de meus dedos gentilmente.

Olhei para ele com todo o amor que eu sentia brilhar em meus olhos.

— Sim, eu adoraria. Gostaria muito mesmo.

Nos dias seguintes, com todas as barreiras esquecidas diante da separação iminente e a determinação de Donald de ficarmos juntos, demonstrei todo o meu amor por ele, aberta e honestamente. Como já estava de licença do hospital, tive que deixar a pensão das enfermeiras, então levei a mala para Belgrave Square e passei a ficar com Donald. Por sua vez, ele deu uma semana de folga para a criada, o que nos garantiu completa privacidade.

Nós nos comportamos como qualquer casal de jovens apaixonados, passando os dias caminhando pelos belos parques de Londres e as noites entrelaçados na cama. Deixei de me preocupar muito com isso, não tomando os cuidados necessários para me proteger, mas, naquele momento, nada importava mais que o nosso amor irrestrito.

Donald me levou para Southampton no dia em que eu partiria para a Índia. Ele subiu no navio comigo e admirou a cabine onde eu ficaria hospedada.

— A princesa retorna ao seu palácio. — Ele sorriu, me puxando para a cama e me envolvendo em seus braços. — Você acha que alguém iria notar se eu me escondesse debaixo do seu colchão?

— Tenho certeza que não.

— Ah, como eu queria poder ir com você — ele suspirou, quando o navio souou a indicação de que todos os não passageiros deveriam deixar a embarcação, que se preparava para partir. — Mas acho melhor voltar para casa e tentar encontrar um jeito de sustentar você como está acostumada — ele disse, tentando dar um pouco de humor àquele momento.

— Você sabe que não me importo com luxos, Donald.

— Bem, então são boas notícias, porque, quando você se tornar minha esposa, não vai haver luxo — ele brincou.

Nosso humor mudou enquanto caminhávamos pelo corredor em direção ao convés, onde dissemos nosso último adeus.

Ele colocou seus braços a meu redor e me abraçou apertado.

— Te amo, minha Anahita. Volte o quanto antes para mim.

— Volto, prometo — respondi. Vi que havia lágrimas em seus olhos, como havia nos meus.

— Certo — ele disse, depois de um último beijo. — Adeus, minha querida. Se cuide até que eu possa cuidar de você.

— Você também. — Eu estava sufocada de emoção, mal podia falar.

Ele me deu um pequeno aceno ao se virar e começar a descer a prancha com os últimos convidados. Pouco antes de chegar ao cais, gritei.

— Espere por mim, Donald! Não importa quanto tempo demore, espere por mim.

Mas o vento estava forte naquele dia, e minhas palavras se perderam na brisa.



A viagem de volta para a Índia foi tranquila e seria agradável se eu não sentisse tanta saudade de Donald. Havia uma série de entretenimentos para me manter ocupada e homens jovens, tanto ingleses como indianos, que buscavam minha companhia para o jantar e me convidavam para dançar depois.

Comecei a perceber durante a viagem que a desajeitada jovem de treze anos que atravessou o oceano para chegar à Inglaterra seis anos antes trocou de pele se tornara uma mulher elegante e razoavelmente atraente. Isso me agradou, como agradaria a qualquer mulher, e, por esse motivo apenas, me senti um pouco mais merecedora de Donald. Ele enviou telegramas ao navio, repletos de amor e humor, me dizendo que vendeu uma pintura e comprou mais ovelhas, que uma nova máquina de debulha estava barata em um leilão. E que sua mãe continuava de cama, fingindo estar doente. Seu último telegrama me fez sorrir:

Mãe recusa presenciar casamento de Selina Ponto Próxima semana em Londres Ponto Eu entro com ela igreja Ponto Nós os próximos, minha querida Ponto Donald

Enquanto o navio percorria mares calmos a caminho de minha terra natal, comecei a pensar em Indira. Sabendo como ela era teimosa, duvidava que pudesse fazê-la mudar de ideia. Esperava que minhas tentativas para convencê-la a pensar racionalmente seriam inúteis, mas que a marani me agradeceria por ao menos tentar. E, tendo cumprido minha obrigação, eu poderia voltar para a Inglaterra e para Donald o mais rápido possível.

Não queria ouvir as vozes que cantavam para mim, enquanto eu estava deitada na cama em minha cabine, embalada pelo mar, que diziam que o futuro não seria esse. Eu era responsável pelo meu próprio destino agora, respondia para as vozes. Eu *faria* esse futuro acontecer, a qualquer custo.

Na manhã em que o navio aportou em Calcutá, guardei meus agasalhos no fundo da mala e coloquei um velho vestido de verão. Depois subi até o convés e senti o cheiro do ar quente e abafado. Abaixo, uma colorida e barulhenta multidão esperava no cais por seus entes queridos.

Eu estava em casa.

A marani enviou Suresh, um de seus ajudantes, para me encontrar e me levar, de trem, de Calcutá até Cooch Behar. Enquanto ele falava comigo em hindi apressado, eu me esforçava para entender. Havia anos não conversava com alguém em minha língua materna. Durante a longa viagem de trem até Cooch Behar, percebi que precisaria me readaptar à cultura que havia quase esquecido. Sofri com o calor opressivo, meus ouvidos zuniam com o barulho incessante da

Índia e de seus habitantes. Era um ambiente urgente e intenso, ao qual achei difícil me ambientar, de tão acostumada que estava com o ritmo mais moderado da Inglaterra e dos ingleses.

Também me dei conta de que havia esquecido a beleza descomunal do Palácio de Cooch Behar. Enquanto o chofer nos guiava pelo jardim, devorei cada detalhe, como se meus olhos estivessem famintos por aquela paisagem dramática.

— A marani deseja uma audiência ao pôr do sol — Suresh me informou. — Ela virá até seu quarto. Até lá, aproveite para descansar.

Fui colocada em uma bela suíte na suntuosa ala de hóspedes, e, quando a criada fez uma reverência antes de deixar o quarto, percebi que talvez Indira não soubesse de minha presença ali. Então me deitei e imaginei como eu, uma mulher atualmente envolvida em um caso de amor clandestino, poderia tentar convencer outra de que ela deveria agir contra os desejos de seu coração.

Às seis horas, quando senti o *dhuan* sendo carregado pelo palácio e vi as lâmpadas a óleo sendo acesas, a marani apareceu a minha porta.

— Anahita — ela entrou com sua graça de movimentos, tão linda quanto a lembrança que eu tinha dela, e me abraçou. — Seja bem-vinda de volta para casa — disse, então se afastou e me examinou. — Nossa, você está uma jovem atraente e, acho que estou certa em dizer, uma mulher que viveu muitas experiências desde a última vez que a vi. Soube de sua coragem na França pelas cartas que Selina escreveu para Minty.

— Obrigada, alteza, mas fui apenas uma entre milhares de pessoas que fizeram o que deveria ser feito. Devo me desculpar por não ter roupas adequadas para usar aqui no palácio. Ultimamente, só tenho vestimentas ocidentais — eu disse, envergonhada, enquanto estudava o sari delicado que ela vestia, feito com um tecido púrpura e bordado com hibiscos dourados.

— Não tem importância. Vou pedir a nossa modista para vir ver você amanhã. Agora, vamos conversar lá fora.

Caminhamos juntas até um pátio coberto com plumérias de perfume doce e jacarandás. Enquanto o sol se escondia por trás do grande domo central do palácio, a marani me falava sobre Indira.

— Ela se recusa a deixar o quarto a menos que o contrato de casamento com o marajá de Dharampur seja cancelado e ela tenha permissão para se casar com o príncipe Varun. Sabemos que Indira pode ser muito teimosa e entendo que ela acredita amar esse homem. Mas é impossível, você não vê? — a marani disse, os gestos rápidos de suas mãos adornadas com anéis, mãos que traíam seu nervosismo. — Causaria um escândalo entre os principados da Índia, e não quero que minha filha *ou* minha família esteja no centro de algo assim.

— Indira sabe que estou aqui?

— Não, eu não disse a ela. Achei que seria melhor se você chegasse sem ser solicitada, apenas com vontade de ver a sua velha amiga.

— Por favor, me perdoe, alteza — respondi. — Indira pode ser muitas coisas, mas não é boba. Vai saber que a senhora me chamou.

— Sim, claro, você está certa — a marani balançou a cabeça, desconsolada. — Mas você é a única pessoa que acho que ela pode ouvir. O que Indira não entende é que o amor é algo que pode nascer. Meu casamento com o pai dela também foi arranjado. Ele não foi minha escolha, mas aprendi a amá-lo, e ele a mim, e somos muito felizes.

— Sei que são, alteza. Todo mundo pode ver e sentir.

— Entendo também que Indira teve um tipo de infância que eu não tive. Ela viveu e adotou as liberdades da cultura ocidental. É uma jovem que cresceu entre dois mundos. Enquanto o pai dela e eu acreditamos que estávamos ampliando seus horizontes, a verdade é que nós a deixamos confusa. Permitimos que ela acreditasse em escolhas que nunca poderia fazer. — A marani fitou o crepúsculo que se aproximava com tristeza nos olhos. — Mas você, Anni — ela se voltou a mim. — Você deve saber disso muito bem.

— Ah, sei sim. Temos a impressão de que não pertencemos a nenhum desses lugares.

— Pelo menos você não tem um casamento arranjado e pode seguir o seu coração. Infelizmente, Indira não. Então, por favor, vá vê-la esta noite. Tente convencê-la de que ela precisa dar ouvidos à razão, que não pode causar a vergonha e escândalo que isso traria a sua família.

— Não tenho muita esperança. — Suspirei. — Mas vou fazer o melhor que posso.

Ela tocou minha mão.

— Sei que vai.

Uma hora depois, fui levada ao quarto de Indira. Quando entrei, vi a cama onde dormi quando criança, vazia. Indira estava deitada em sua cama, ao lado, com os olhos fechados.

— Indy? — chamei baixinho. — Sou eu, Anni. Vim te ver.

— Anni? — Indira abriu um dos olhos. — Minha nossa, é você mesmo! Ah, Anni, não acredito que você veio.

— Claro que vim.

— Estou tão feliz por te ver. — Ela entendeu seus braços finos em minha direção e envolvi os meus ao redor de seu corpo diminuto. Desta vez não havia exageros sobre a saúde de Indira. Considerando sua aparência e seu toque, ela realmente estava se privando da alimentação, esperando morrer.

— Sua mãe escreveu contando que você estava doente, Indy — eu disse, me sentando em sua cama enquanto ela se apoiava em meu ombro.

— Sim, estou doente. Não quero mais viver — ela suspirou.

Uma parte de mim queria rir, pois Indira não tinha mudado nem um pouco. Quando ela era criança, o mundo acabaria por causa de algo simples que quisesse ou precisasse. Percebi, então, que, mesmo que nossos problemas tenham se tornado mais sérios na vida adulta, nossos comportamentos e atitudes para lidar com eles permaneciam os mesmos desde o dia em que nascemos.

— Por que você não quer mais viver? — perguntei com calma, acariciando seu cabelo.

— Por favor, não me trate como se eu fosse estúpida, Anni — ela disse, removendo a cabeça de meu ombro e me olhando fixamente, os olhos brilhando em seu rosto fino. — Sei que minha mãe mandou você vir e provavelmente já conversou com você depois que chegou, então você sabe por que estou assim. E, se você veio para tentar me convencer do contrário, por favor, vá embora. Porque não vou ouvir. Ah, Anni, eu...

Indira então começou a chorar, com soluços fortes que faziam seu corpo frágil tremer. Fiquei sentada com ela, mantendo a calma, como fazia com meus pacientes, dizendo pouco e esperando que a torrente de emoção diminísse.

— Aqui, pegue um lenço — eu disse finalmente, quando seus soluços se acalmaram.

— Obrigada — ela choramingou.

— Sim, sei por que você está doente. E sim, sua mãe pediu que eu viesse — admiti. — Mas eu escolhi vir. Deixei muitas coisas para trás na Inglaterra para estar aqui, Indy, e só fiz isso porque você é minha amiga. Amo você e quero te ajudar se puder.

— Como você pode me ajudar? — Indira perguntou, assoando o nariz. — Nem você, com toda a sua sabedoria e seu poder especial, pode mudar o fato de que, em exatamente quatro meses, devo me casar com um velho que só encontrei duas vezes, e passar o resto da vida em sua *zenana*, no seu palácio medonho e esquecido, que ninguém visita. Então, posso muito bem morrer aqui, onde pelo menos estou na minha própria casa em vez de estar trancada lá sozinha.

— Bem, acho que essa não é toda a verdade. Você está triste porque está apaixonada por outro — eu disse, gentilmente.

— É, e o fato de que poderia ter uma vida feliz com Varun, que não é muito mais velho que eu e a quem amo e desejo de todas as formas que uma mulher pode desejar um homem, só me deixa pior.

— Entendo o que está passando — eu disse quase em um sussurro. — Sei como é estar apaixonada.

— Você sabe? Bem, queria que meus pais também entendessem.

— Indy, vou pedir uma refeição. Estou com fome, mesmo que você não esteja. Enquanto comemos, quero que você me conte tudo sobre o seu príncipe.

Toquei o sino e falei rapidamente com uma criada, que assentiu com a cabeça

e desapareceu do quarto.

— Agora — continuei. — Vamos sair dessa cama e sentar lá fora, onde temos certeza de que ninguém vai nos ouvir, e você me conta tudo.

Trêmula, ela saiu da cama e eu a ajudei a se sentar nas almofadas confortáveis da varanda.

Indira me contou que ela e Varun haviam se encontrado em segredo nos últimos três anos sempre que possível. Durante a guerra foi difícil, mas nos últimos cinco meses, Raj, seu irmão mais velho, convidou Varun para visitar Cooch Behar e a paixão entre eles cresceu.

— Anni, nenhum de nós dois está disposto a viver sem o outro — Indira declarou.

Enquanto falava, consegui que ela engolisse algumas colheres da sopa que a criada trouxe; eu acreditava que uma tática de distração funcionava com pacientes sem apetite. Com o coração pesado, também notei que Indira estava decidida e era inútil tentar mudar sua opinião. Tudo o que podia fazer era ouvir e, como a enfermeira profissional que fui treinada para ser, ajudar seu corpo a ficar forte outra vez. O estado deplorável em que ela se encontrava não era favorável para contribuir com uma decisão lógica.

Na realidade, meu coração se abriu para minha querida amiga. A ideia de um casamento forçado com um homem que não amava para depois ser trancada por trás de um *purdah* em uma *zenana* pelo resto de seus dias me dava arrepios.

— Então, essa é a situação — Indira disse quando terminou de contar a história, e de tomar a última colher de sopa.

— Ainda me lembro daquele dia no navio, quando você viu Varun pela primeira vez e me disse que ele era o homem com quem iria se casar — recordei.

— Verdade, e eu vou! Eu preciso! — Indira se virou para mim. — Ah, é tão bom falar abertamente com alguém que entende como me sinto.

— Infelizmente, entendo mesmo.

Com isso, Indira colocou os braços a meu redor e me abraçou.

— Anni, é tão bom te ver. Tinha me esquecido de como você é especial. E acho... — Ela se afastou e me olhou de repente. — Acho que você não ficou só mais bonita, mas também mais sábia que antes. Então... — Ela pegou um chapati do prato e quebrou um pedaço. — Você não vai tentar me convencer a me casar com o velhote?

— Como eu poderia fazer isso? — perguntei, com um sorriso. — Lembre-se, conheço você muito bem e sei que é inútil tentar mudar sua opinião. Nossa tarefa, Indy, é descobrir como você *pode* se casar com o homem que ama sem causar uma guerra civil entre dois principados.

Meus olhos brilhavam e, por sorte, os dela também. Rimos como as crianças que um dia fomos.

— Você acha que o velhote vai procurar meu pai e exigir um duelo, como fazem na Inglaterra, porque sua honra foi traída?

— Talvez — concordei. — Mas sinto que seria melhor se ninguém precisasse morrer por conta de seu amor por Varun.

— Verdade — finalmente vi aquela velha centelha retornando aos olhos de Indira. — Mas como? — ela perguntou.

Também mastiguei um pedaço de chapati enquanto pensava na situação.

— Você me deixa pensar sobre isso?

— Só me prometa, querida Anni, por favor, que está mesmo do meu lado. — Indira implorou. — Você não vai contar para *Ma* o que eu disse?

— Claro que estou do seu lado e não vou dizer nada. Mas você precisa me fazer um favor também, Indy. Se vamos pensar em um plano, você precisa estar bem o bastante para executá-lo. Continuar deitada aí feito mártir, recusando comida, não a ajudará em nada. Se vou ajudar você, quero que prometa que vai comer a comer. Isso significa três refeições por dia e nada de ficar na cama sentindo pena de si mesma.

— Nossa. — Ela virou os olhos e sorriu. — Você ficou mandona desde a última vez que te vi!

— Bem, olhando para você do jeito que está, mesmo que encontremos um jeito de se casar com Varun, duvido de que ele vai querer você. Não tem nada de você aí! Você vai perder a beleza que ainda lhe resta se continuar assim.

— Você está certa — ela concordou. — Minha aparência está tão terrível quanto me sinto. Mas, até você chegar, não havia motivo para ser diferente.

— Bem, estou aqui agora — confirmei. — Temos um acordo, então?

— Realmente posso confiar em você, Anni?

— Indy — eu disse, irritada de repente. — Já a decepcionei? Viajei metade do mundo para tentar ajudá-la. E, que os deuses me perdoem, mas, por motivos só meus, quero que os seus problemas sejam resolvidos logo. Porque eu também tenho alguém e estou desesperada para voltar à Inglaterra e para junto dele.

— Sério? Que emocionante! Amanhã você tem que me contar tudo.

— Eu conto. E então? — olhei para ela inquisitivamente.

— Sim — ela estendeu a mão. — Temos um acordo.



Minha experiência como enfermeira me dizia que levaria tempo para Indira voltar à saúde de antes. Ela estava muito abaixo do peso e com o estado físico debilitado. Por isso, nos dias seguintes, sob minha insistência, Indira se levantava e tomava café da manhã. Caminhávamos um pouco pelo jardim e ela descansava antes do almoço. Pedi ao pessoal da cozinha que preparasse pratos simples e nutritivos. Um estômago que esteve privado de alimentação por tanto tempo não suportaria pratos muito elaborados. À noite, jantávamos juntas na varanda de seu quarto. Como incentivo, dizia a ela que não estava preparada para revelar meu plano para seu futuro até que ela estivesse forte o bastante para colocá-lo em prática.

O que esse plano era, eu ainda não fazia ideia, mas as ideias começavam a se formar em minha mente. A marani vinha me ver todos os dias enquanto Indira dormia à tarde, e seus olhos se encheram de admiração com a diferença que notava em sua filha.

— Você realmente faz milagres, Anni, estou muito grata por ter vindo. Talvez logo ela comece a ver as coisas com juízo.

— Ela encontrou um motivo para viver. Aceite que isso é o bastante, por enquanto — avisei.

À noite, em meu quarto, eu escrevia para Donald, contando sobre a Índia e a vida no palácio. Informei que talvez demorasse mais que o esperado para regressar à Inglaterra. Sentia muito a sua falta, e precisei de toda a minha paciência para acompanhar o lento progresso de Indira.

Depois de um mês, ela começava a dar mostras da Indira que sempre foi. Ela exibiu um pouco de seu antigo entusiasmo pela vida diária e estava forte o bastante para cavalgar curtos percursos pela manhã. Foi durante essa cavalgada que, finalmente, contei sobre meu amor por Donald e a vida que planejavamos para quando eu retornasse à Inglaterra.

Confessei minhas preocupações em relação à mãe de Donald e seus preconceitos.

— Pelo jeito como você fala dele, Donald não liga para o que a mãe dele pensa — Indira disse. — A propriedade é dele, e ele pode se casar com quem quiser.

— Bem, ele ainda não teve coragem de contar a ela.

— Tenho certeza de que ele vai contar e vocês dois viverão felizes para sempre. Além disso, você só precisa lidar com uma sogra carrancuda, enquanto eu enfrento a possibilidade de uma guerra entre dois principados. Você tem sorte,

Anni, de ser livre para fazer o que deseja. — Ela suspirou.

Consegui encontrar um pouco de consolo nas palavras de Indira, mas sabia que ela era incapaz de compreender a complexidade de minha situação. Naquele momento, havia uma coisa em particular que me preocupava. Escolhi ignorar, esperando, como toda mulher em minha posição, que pudesse estar errada.

Assim que deixei Indira naquela noite, andei de um lado para o outro, tentando pensar em como poderia ajudá-la. Eu sabia que, se ela fosse obrigada a se casar com um homem que não amava e a ficar confinada em uma *zenana* pelo resto de seus dias, definharia outra vez. E eu não estaria lá para ajudá-la.

Pedi às estrelas que me orientassem naquela noite. Minha mãe havia incutido em mim a necessidade de ser sempre muita cuidadosa ao interferir no destino de outras pessoas.

— Tome cuidado, pequena — ela me avisou um dia. — Ao ajudar alguém, *voce* se tornará parte do destino dessa pessoa.

Mesmo sabendo que qualquer plano que formulasse seria certamente uma traição à marani — a mulher que se tornara a pessoa mais parecida com uma figura materna que eu tinha na Terra —, não havia nada que pudesse mudar isso.

No dia seguinte, antes de encontrar Indira para o café da manhã, cavalguei pelo parque até a rotunda onde, seis anos antes, eu havia enterrado minha herança. Retirei o saquinho de estopa do buraco que havia cavado e me senti aliviada ao ver que as três pedras ainda estavam dentro dele. Coloquei os dois rubis menores no bolso de meu sari, devolvendo o rubi maior de volta a seu esconderijo.

Mais tarde, durante uma caminhada, levei Indira até um lugar do jardim onde sabia que ninguém ouviria nossa conversa. Ela me olhou com ansiedade nos olhos, enquanto nos sentamos sobre a grama, debaixo de um pé de jasmim.

— Então? Você pensou em um plano?

— Não sei se é um plano, exatamente — respondi. — Mas acho que, frequentemente, quando você apresenta algo como fato consumado, as pessoas tendem a aceitá-lo. Indira, você sabe onde Varun está no momento?

— Acho que ele está em algum lugar da Europa. — Ela esfregou o nariz, pensativa. — Mas seus criados encaminham uma carta para onde ele estiver.

— Então você deve escrever dizendo que irá encontrá-lo na Europa em algumas semanas. Talvez em Paris — sugeri. — Você deve especificar um dia e um lugar onde você vai estar e pedir para ele encontrá-la.

Indira me olhou surpresa

— Você está me dizendo que devo fugir?

— Não vejo alternativa. Direi a sua mãe que acredito que você precisará se recuperar da sua doença na Suíça. O ar fresco das montanhas e a mudança de

cenário vão contribuir para que você recupere suas forças e a ajude a esquecer Varun. Direi que você concordou e que, depois de se recuperar, estará preparada para retornar à Índia e se casar com o marajá de Dharampur.

— Ah, Anni — Indira colocou suas mãos junto às minhas. — Será que *Ma* vai acreditar em você?

— Lamento dizer que sua mãe confia em mim cegamente, Indy. Vou desempenhar meu papel e dizer que a convenci a cumprir sua obrigação. Mas você também precisa convencê-la de que está preparada para aceitar seu casamento.

— Com certeza — Indira disse, mordendo os lábios de ansiedade. — Eles nunca aceitarão meu casamento com Varun?

— Claro, não vão. E, se você insistir em seguir adiante com esse plano, isso é algo que você deve aceitar — afirmei.

Observei enquanto ela pensava sobre o que eu sugeria. Perguntei a mim mesmo se seria demais para ela perder o amor de seus pais e suportar sua fúria e decepção inevitáveis. Era uma escolha terrível. Mas ela precisava compreender as consequências de seus atos antes de concordar com o plano.

— Então, eu me casaria com Varun em segredo?

— Sim. Se Varun está tão apaixonado por você como você está por ele, então ele deve aceitar que esse é o único jeito. Pode não ser a grande cerimônia esperada da união de dois principados, mas vai ter que ser o suficiente por enquanto. Indy — respirei fundo. — Se você quer ficar com seu príncipe, não vejo outra escolha.

— Mas não tenho nenhum dinheiro. Nem mesmo para comprar um vestido de noiva! — Indira ria com nervosismo quando compreendia mais e mais as ramificações de seu dilema. — Assim que souberem, sei que *Ma* e *Pa* vão me deixar sem uma rúpia sequer.

— Eu tenho algum dinheiro guardado — falei, pensando na ironia de estar sentada em um palácio pertencente a duas das pessoas mais ricas do mundo e oferecer ajuda financeira a sua filha.

— Eles vão me perdoar um dia?

— Não posso responder isso. É uma possibilidade que você precisa aceitar se está determinada a ficar com Varun. Uma das coisas que aprendi quando estava na França como enfermeira, Indy, é que a vida é muito curta. Todos temos que fazer sacrifícios por aquilo que acreditamos ser certo.

— Bem, sei que o certo para mim e Varun é ficarmos juntos. Então vou escrever e dizer que devemos nos encontrar em Paris.

— Se ele concordar, falo com sua mãe.

Indira se levantou e andou de um lado para o outro por algum tempo, aflita

com a indecisão. Finalmente, parou e se virou para mim:

— Vou fazer, Anni. Vou escrever para ele agora. Você possa postar a carta para mim esta tarde?

— Claro.

Mais tarde naquele dia, depois que postei a carta de Indira para o príncipe Varun e outra minha para Donald, caminhei pela rua movimentada em transe, aceitando que meu papel ao ajudar Indira a mentir para seus pais certamente significaria que nunca mais seria bem-vinda ao palácio.

Mas eu tinha uma nova vida, uma vida em outro lugar. E, enquanto entrei em uma joalheria, meu amor por Donald me deu forças para entregar os dois rubis ao homem atrás do balcão.

Voltei para o riquixá meia hora depois, percebendo, pelo brilho nos olhos do homem, como minhas pedras eram preciosas e especiais. Ele certamente me pagou apenas um quarto do valor, mas bem guardado no meu bolso havia dinheiro suficiente para Indira comprar um vestido de noiva e para eu sobreviver por cerca um ano, se precisasse. O que eu começava a perceber que precisaria.

Por umas quatro semanas, eu e Indira vivemos com a angústia da espera pela resposta de Varun. Quando ela finalmente chegou, levei a carta para Indira imediatamente, e seus olhos brilharam com excitação e ansiedade. Lendo a carta rapidamente, seus olhos agora cintilavam.

— Ele também concorda que é o único jeito. E diz que não pode viver sem mim! E agora?

— Vou falar com sua mãe assim que possível.

— Ah, Anni! — Indira colocou seus braços a meu redor. — Como vou poder retribuir sua ajuda?

— Um dia esse momento chegará.

Naquela noite, respirei fundo e solicitei uma audiência com a marani. Contei sobre meu falso plano e, enquanto seus olhos negros me observavam, transbordando de confiança e gratidão, fiquei horrorizada com a facilidade com que fui capaz de mentir para ela. Quanto terminei de falar, ela pegou minhas mãos e sorriu para mim:

— Obrigada por ajudar, Anni. Suspeitei de que ela ouviria apenas você. Estamos todos muito gratos.

Deixei os aposentos da marani sentindo-me mentirosa e trapaceira. Mandeí Indira ver sua mãe, e ela também desempenhou seu papel com perfeição. No dia seguinte, nossa passagem para a Europa foi reservada para viajarmos em dez dias.

Enquanto isso, eu tinha outra situação urgente que precisava encontrar coragem para resolver. No dia seguinte, me encontrei na *zenana* procurando por

minha velha amiga e professora, Zeena. Caminhamos até o jardim, ela pegou minha mão e senti minha pulsação. Olhou para mim e acenou com a cabeça.

— Sei que você está aqui para me ver.

— Sim. Você pode me ajudar? — perguntei, ouvindo o desespero em minha própria voz.

— Você não quer a criança?

— Quero, mas não agora. Haverá outras...

Ela inclinou a cabeça.

— Procure-me hoje à tarde e veremos o que poderei fazer.

Voltei mais tarde, como ela pediu, meu nervosismo dissonante enquanto ela me examinava.

Então ela fez com que eu me sentasse, olhou para mim com firmeza e balançou a cabeça:

— Você já está com doze semanas. Se tentar, posso colocar sua vida em perigo e não estou preparada para correr o risco. Você sabe tanto quanto eu que é tarde demais.

Eu sabia, claro que sabia. Era uma enfermeira, afinal. Mas estava me escondendo, tão covarde e assustada quanto qualquer outra jovem em minha posição.

Zeena me observou.

— O pai a ama?

— Sim.

— Então, por que você está aqui? — Ela sorriu para mim.

— É... complicado.

— O amor é sempre complicado. — Ela riu e, depois, balançou a cabeça. — Conte a ele sobre esse presente precioso. Se ele a ama como diz, ficará feliz.

Quando compreendi as ramificações de minha condição, fui acometida por um pavor repentino:

— Zeena, você não entende. Não sei o que fazer.

— Você encontrará um caminho, Anahita, tenho certeza.

Eu me afastei dela com os olhos encharcados de lágrimas. Fui direto para os estábulos, pedi para o cavaleiro me preparar uma montaria e saí cavalgando a toda a velocidade, gritando ao ar quente e empoeirado sobre minha própria estupidez. Por que, ah, por que me recusei a admitir minha situação antes? Eu era uma enfermeira, uma “mulher sábia”, perfeitamente capaz de ajudar aos outros, mas acabara de conseguir destruir minha própria vida.

Enquanto forçava o cavalo a correr mais rápido, me perguntei se talvez devesse me atirar de suas costas em vez de enfrentar as terríveis consequências de meu futuro arruinado. Não importava o quanto Donald me amasse. Voltar da Índia grávida, quando a união que ambos desejávamos já enfrentava tanto obstáculos, seria demais, e até ele teria que concordar. Pensei na mãe dele, uma católica devota que certamente preferiria ver qualquer criança gerada fora de uma união consagrada ser afogada ao nascer — imagine uma criança gerada da união de seu filho com uma indiana “pagã”.

Parei o cavalo abruptamente, desmontei, caí de joelhos e chorei. Eu sabia que a culpa era minha e somente minha.

Finalmente, me levantando, consolei a mim mesma com a ideia de que pelo menos teria algumas semanas a bordo do navio para pensar no que deveria fazer a seguir e que tinha o dinheiro dos rubis para me ajudar com qualquer decisão que tomasse. A única certeza de que tinha era que a criança dentro de mim estaria em meus braços em alguns meses.

Eu costumava dizer a meus pacientes que deveriam aceitar a vontade dos deuses e orar por força e resignação. Esse era um mantra que eu deveria seguir agora, se pretendesse sobreviver.

Na semana seguinte, partimos para a Europa. As mãos de Indira buscaram as minhas enquanto estávamos no convés, observando a Índia desaparecer no horizonte enquanto o navio se afastava do porto. Nós duas estávamos sérias, perdidas em nossos próprios pensamentos.

Indira logo voltou à vida e dançou a noite toda com muitos dos jovens que estavam ansiosos por sua companhia. Finalmente encontrei a solidão que precisava para pensar sobre meu futuro e formular um plano.

Quando o navio aportou em Marselha, tomamos um trem para Paris e nos hospedamos no Ritz. Imediatamente enviei um telegrama à marani, informando sobre nossa chegada e que seguiríamos de trem para a clínica nos Alpes suíços em alguns dias. Esperávamos o príncipe Varun na manhã seguinte, e Indira estava em um estado alterado de empolgação enquanto experimentava vestidos e os descartava arbitrariamente sobre a cama.

— Não tenho nada para usar! Já faz tanto tempo que fiz compras na Europa. Tudo o que tenho é antiquado.

— Seu príncipe a amará independentemente do que estiver vestindo.

Naquela noite, deitamos na cama sem conseguir dormir.

— Você sabe para onde você e Varun irão depois? — perguntei.

— Ele disse na carta que devemos nos casar assim que possível e ficar na Europa até a poeira abaixar em minha casa. Ah, Anni, você acha que o que estou fazendo é errado? Vai partir o coração da *Ma* e do *Pa*.

— Eles vão superar isso um dia. Como eu disse várias vezes, Indy, devemos

tentar fazer o possível para sermos felizes.

— Mesmo que isso signifique magoar as pessoas que amamos?

— Às vezes, sim. Mas espero que não seja por muito tempo. Seus pais a amam demais para desistir de você, mas duvido que sua mãe vá me perdoar — confessei, na escuridão.

— Claro que vai, porque vai pensar que obriguei você a fazer isso. Eles vão culpar a mim, Anni, garanto. Eu me certificarei disso.

— E seu marido vai ser um príncipe atraente que a ama, como sonhamos naquela noite em que nos encontramos pela primeira vez.

— E você vai voltar para o seu e nós duas viveremos felizes para sempre.

Enquanto me virava na cama durante as longas horas até o amanhecer, sabia que *meu* conto de fadas tornava-se rapidamente um pesadelo.

No dia seguinte, me sentei com Indira enquanto esperávamos seu príncipe chegar. Finalmente a porta da sala de visitas se abriu e ele entrou. Indira soltou um grito de alegria e correu para seus braços. Deixei a sala discretamente.

Retornei algumas horas depois para encontrar Indira sentada diante de uma escrivaninha, com uma caneta nas mãos, pensativa.

— Ainda bem que você está aqui, Anni. Preciso de sua ajuda. Varun disse que preciso escrever para meus pais assim que possível e contar que vou me casar. Quando esta carta chegar à Índia, vai ser tarde demais para impedir nosso casamento. E... — Indira franziu a testa com ansiedade. — Não sei o que dizer.

— Claro que vou ajudar a você a escrever. Mas primeiro me conte: seu príncipe correspondeu às suas expectativas?

— Ah, sim, sim! — Indira disse, com o olhar sonhador. — Ele já conseguiu uma licença especial para nos casarmos. Ele disse que não há tempo a perder, já que minha família tem muitos espões em Paris e pode descobrir o que estamos planejando. Por isso, a cerimônia será depois de amanhã. Vamos à câmara municipal e vou precisar de uma testemunha. Você pode fazer isso por mim, Anni?

— Perdido por cem, perdido por mil — respondi, usando uma velha expressão britânica. — Claro que faço. Agora, vamos escrever essa carta.

Varun veio nos visitar no dia seguinte e nós três tomamos chá nos aposentos de Indira, discutindo os planos. Eu me senti pelo menos gratificada em ver que o amor de Indira era tão claramente correspondido por seu príncipe. Ambos transbordavam felicidade com o reencontro.

— Para onde você vai levar Indira depois que se casarem? — perguntei.

— Tenho um bom amigo que disse que podemos ficar em sua casa em Saint-Raphaël quanto tempo for necessário — Varun explicou. — Nossas famílias precisarão de um pouco de tempo para se acostumarem com o que estamos

prestes a fazer. Não quero aborrecê-los ainda mais ostentando nossa união entre a sociedade europeia, então vamos nos manter fora da vista por algum tempo.

— Tenho certeza de que a maior parte da Europa vai pensar que é tudo muito romântico — comentei, sorrindo. — Um príncipe e uma princesa fugindo juntos possui todos os elementos de um conto de fadas, não é?

— Varun disse que devo escrever uma carta para meu marajá rejeitado — Indira, na escrivania outra vez, fez careta. — Que diabos posso dizer? “Querido Príncipe Velhote, você é gordo e feio e nunca o amei. Lamento dizer que me casei com outro. Atenciosamente, princesa Indira”?

Todos rimos disso, então Varun colocou um braço ao redor de Indira.

— Sei que você não quer escrever para ele, minha querida, mas estamos magoando muitas pessoas. Precisamos tentar nos comportar, apesar disso, com a maior integridade possível.

— Sim, eu sei. — Indira suspirou.

Varun se levantou e se dirigiu a mim:

— Obrigado, Anahita, por tudo o que você tem feito por minha princesa. Ambos devemos muito a você. Agora devo deixá-las e escrever minha própria carta para casa. Vejo você, Indira, amanhã de manhã na câmara municipal.

— *Bon nuit, mon amour* — ela respondeu, soprando um beijo. Então, se voltou para mim. — Mal posso acreditar que amanhã é o dia do meu casamento. Sempre imaginei uma cerimonia grandiosa em Cooch Behar, com meu príncipe chegando ao Durbar Hall em um elefante, vestido em seus trajes cerimoniais. Em vez disso, vamos tomar um táxi para a prefeitura!

— Você se importa com isso? — perguntei.

— Nem um pouco, e nem ele.

— Acho que Varun é um bom homem, Indy. Você teve sorte por encontrá-lo. E, ainda mais importante, posso ver que ele ama você.

— Eu sei — ela disse, seriamente. — Devo fazer o meu melhor e parar de agir como uma criança mimada, o que sabemos muito bem que faço às vezes, quando me tornar sua esposa.

— Concordo — respondi, rindo. — Agora, o que a futura noiva gostaria de comer em seu último jantar antes do casamento?

No dia seguinte, apesar do fato de Indira não levar horas para ser banhada, coberta com óleos e vestida com as camadas complexas de um sari de casamento tradicional, e tendo apenas a mim para ajudá-la, ela ficou encantadora em seu vestido de renda branco, com pequenos botões de rosa cor de creme em seu cabelo negro. Ao me sentar em uma sala tediosa na câmara municipal com um dos criados de Varun assistindo ao casamento de minha querida amiga com seu príncipe, senti que completamos um ciclo em nossas

vidas. Nosso futuro não seria o conto de fadas com o quais sonhamos na infância, quando nos deitamos sobre a grama e fitamos as estrelas juntas; fomos tocadas pelo amor, e isso nos mudou de uma maneira que nunca poderíamos ter imaginado.

Depois da cerimônia, os recém-casados pediram champagne na suíte matrimonial que Varun havia reservado.

— Querida Anni, você deve me deixar seu endereço antes de seguirmos nossos caminhos — Indira disse.

— Sim, claro. Mando para você em seu endereço em Saint-Raphaël assim que chegar a Londres.

Vinte minutos depois, me despedi, percebendo que eles estavam desesperados para ficar sozinhos. Sorri com incentivo para Indira, sabendo que ela estava apreensiva e empolgada com a intimidade que compartilharia pela primeira vez com seu príncipe naquela noite. Quando deixei a suíte, sentia temor e alívio por, no dia seguinte, finalmente poder me concentrar em meu próprio futuro.

De manhã, quando o casal deixou seus aposentos por volta do meio-dia, eu já estava com as malas prontas para partir. A expressão de Indira se fechou ao ver minha mala:

— Você tem certeza de que não deseja ficar conosco em Saint-Raphaël por um tempo?

— Não, acho que vocês dois terão muita coisa para fazer. Não vão me querer por perto. Além disso — continuei, com mais alegria do que sentia —, preciso reencontrar meu próprio amor.

— Claro. Não há como expressar minha gratidão por tudo o que você fez para que eu encontrasse o meu.

— Agora precisamos dizer adeus.

Nós duas choramos enquanto nos abraçamos.

— Seja feliz, minha querida amiga — eu disse quando o porteiro chegou para carregar minhas malas.

— Vou ser. E você também, Anni. Nunca vou esquecer o que você fez por mim. Não tenho certeza se será possível retribuir, mas, se precisar de mim, tudo o que você precisa fazer é pedir.

— Obrigada — concordei com a cabeça, emocionada demais para dizer qualquer outra coisa. — Adeus.

Respirando fundo, me virei em direção à porta e deixei a sala. Não olhei para trás, sabendo que, se olhasse, perderia o controle completamente.

Do lado de fora, na praça Place Vendôme, parei por alguns momentos tentando me recompor. Caminhei em direção à caixa de correio mais próxima e postei a carta que havia escrito a Donald, explicando que estaria longe por mais

tempo. Então peguei minha mala e dei meu primeiro passo rumo ao desconhecido.

Astbury Hall

Julho de 2011





—Você gostaria de um conhaque? Eu preciso de um — Anthony perguntou a Ari assim que a Sra. Trevathan quebrou o silêncio ao chegar para retirar os pratos de sobremesa da sala de jantar.

— Obrigado — Ari respondeu, observando Anthony, que pegara a garrafa de uma bandeja em uma mesa lateral, derramou o conhaque em dois copos e entregou a Ari um deles.

— À sua saúde — Anthony brindou.

— E à sua. Peço desculpas sinceras se a história lhe causou aborrecimentos.

— Admito que precisei parar de ler depois que Anahita revelou sua gravidez. Eu só não sei se acredito que tudo o que sua bisavó escreveu seja verdade absoluta — Anthony confessou.

— Tenho certeza de que é a verdade que ela conhecia. O amor é algo estranho, suponho — Ari refletiu.

— Uma coisa que parece real é a descrição que Anahita faz de Maud, minha bisavó. Ela era medonha. Minha mãe e eu tivemos medo dela até o dia em que ela morreu.

— Posso antecipar que Maud desempenha um papel na tragédia que seguiu — Ari suspirou.

— Bem, o fato é que não há um resquício de evidência que confirme o relacionamento de sua bisavó com meu avô ou sua presença aqui em Astbury.

— Se Donald teve um filho com Anahita, com certeza, dado o escândalo que seria, qualquer rastro de Anahita e de seu filho deviam ter sido bem escondidos?

Ari notou Anthony estremecer.

— Mas a criança morreu, de todo modo. Você me disse que sua bisavó recebeu o certificado de óbito das mãos de Indira, sua amiga?

— Sim, e até agora não tenho provas para sugerir que ele tenha sobrevivido — Ari admitiu. — Quanto a isso, estou quase certo de que é uma busca inútil. Ainda assim, estou contente por ter vindo. Foi esplêndido conhecer um lugar tão importante para ela.

— Gostaria de poder ajudar mais em sua investigação, mas não posso — Anthony foi direto. — Certamente você considerou que muita coisa na história de sua bisavó pode ser fantasia. Foi escrita trinta anos após os acontecimentos, e sabemos que a memória fica confusa com o passar do tempo.

— Concordo que possa haver exagero naquelas páginas. Mas há apenas mais

uma coisa que eu gostaria de investigar. Nas páginas seguintes, ela menciona uma cabana, um lugar onde ela foi feliz por um ano ou dois.

— Que cabana? Há várias delas na propriedade — Anthony perguntou.

— A cabana na várzea, que fica em um declive perto do riacho. Rebecca e eu passamos por ela quando estávamos cavalgando. Tenho certeza de que é o lugar que Anahita menciona.

— Minha nossa! Aquele lugar está completamente abandonado, não tem nada lá dentro. Estou prestes a solicitar que seja demolido.

— Você já esteve lá dentro?

— Sim — Anthony respondeu, com firmeza.

— Bem, nesse caso, se possível, gostaria de aceitar sua oferta e pegar um cavalo emprestado para um último passeio pela várzea, se o convite ainda estiver de pé.

— Claro — Anthony concordou, tomando o último gole de seu copo. — Então, quando pretende voltar para a Índia?

— Depende. Preciso deixar meu quarto na pousada depois de amanhã. É a alta temporada, e a proprietária tem reserva de duas semanas para uma família, então preciso encontrar outro lugar para ficar.

— Bem, então — Anthony ergueu-se abruptamente. — Venha se despedir antes de partir.

— Venho sim, obrigado. — Reconhecendo que a noite chegou ao fim e que estava sendo dispensado, Ari também se levantou.

Anthony caminhou até a porta, então se virou como se tivesse esquecido alguma coisa:

— Se você sair com o cavalo amanhã, preciso que prometa que não irá entrar na cabana às margens do riacho. Está condenada e não me responsabilizo por qualquer acidente que possa vir a machucá-lo. Você me entende?

— Entendo. — Ari seguiu Anthony para fora da sala de visitas, até o saguão principal. — Obrigado pelo jantar.

— A porta da frente está destrancada; não será preciso acompanhá-lo — Anthony fez um gesto com a cabeça enquanto subia as escadas. — Lamento que sua viagem até Astbury Hall tenha sido infrutífera. Boa noite.

— Boa noite — Ari atravessou o saguão e saiu pela porta da frente; a noite estava silenciosa e estrelada. Enquanto caminhava até seu carro, ele ponderou sobre sua conversa com Anthony. Não conhecia o homem bem o bastante para decidir se desconhecia o passado e, portanto, protegia seus ancestrais a ponto de não suportar contemplar a verdade. Ou se, de fato, sabia mais do que estava disposto a admitir.

De volta a seu quarto depois de um banho, Rebecca viu que já passava das dez e Jack ainda não havia voltado de sua noite com James. Percebendo que poderia ter se juntado a Anthony e a Ari para o jantar se Jack tivesse dito que chegaria tarde, ela controlou sua irritação e tentou se concentrar no roteiro.

Às onze e meia, ouviu uma batida hesitante na porta.

— Entre — disse.

A cabeça da Sra. Trevathan apareceu:

— Desculpe incomodar, Senhorita Rebecca, mas seu jovem amigo volta hoje ou não?

— Sinto muito, Senhora Trevathan. Jack foi com James Waugh para Ashburton. Por que não vai para cama e eu espero por ele?

— Não será necessário, querida, mas, se ele pretende ficar aqui por um tempo, talvez deva me informar a hora em que pretende chegar quando sair futuramente.

— Claro. Eu o esperava mais cedo.

— Não se preocupe. Durma bem, querida, vejo você pela manhã.

A Sra. Trevathan fechou a porta e Rebecca decidiu que, se Jack pretendesse ficar por mais tempo, a melhor alternativa seria se mudar com ele para um hotel. Claro, a mídia ficaria louca com sua presença, juntos, na Inglaterra, e muito provavelmente os *paparazzi* ficariam acampados do lado de fora, mas ela não queria abusar da hospitalidade de Anthony e da Sra. Trevathan.

Hoje, ela se sentia mais confiante em seu relacionamento. Foi bom vê-lo, e o sexo a lembrou da intensidade do vínculo que compartilhavam. Talvez ela *tenha* subestimado os verdadeiros sentimentos dele por ela. O fato é que a chegada de Jack à Inglaterra para encontrá-la era uma prova do quanto ele se importava com ela.

À meia-noite, Rebecca desistiu e apagou a luz. Tinha outra gravação logo cedo no dia seguinte.

Ela acordou nas primeiras horas da manhã com um barulho no quarto. Acendendo a luz, viu Jack esparramado no chão, depois de certamente tropeçar na mesinha de centro.

— Desculpe — ele riu. — Estava tentando fazer silêncio para não acordar você.

Olhando para ele da cama, o coração de Rebecca se partiu. Era evidente que ele estava muito bêbado.

— A noite foi boa, então?

— James é um cara que conhece a balada. Deixei-o com uma mulher em seu quarto. Certo... — Ele tentou se levantar, fracassando na primeira vez, mas conseguindo na segunda. Se dirigiu para a cama e se deitou ainda vestido. Seus

olhos se abriram e ele a olhou, de braços. — Sabia que você é linda? — falou, de modo confuso.

Rebecca notou suas pupilas dilatadas.

— Jack, você cheirou algumas carreiras hoje, não cheirou?

— Só algumas. Agora vem aqui. — Ele estendeu o braço em sua direção, mas Rebecca, num movimento abrupto, se afastou.

— Preciso dormir, Jack, tenho uma cena em... — Rebecca olhou o relógio. — Quatro horas.

— Venha aqui, querida, vou ser rápido, prometo — ele disse, colocando a mão sob sua camiseta, procurando seus seios.

— Por favor, não! — Rebecca saiu de seu alcance e tentou apagar a luz.

— Desmancha-prazer. Eu só queria fazer amor com a minha namorada. Eu só queria fazer amor com a minha namorada. Eu...

Rebecca esperou, sabendo por experiência que ele estaria dormindo em dois minutos. Realmente, logo ouviu o som familiar de seus roncos.

Lágrimas alfinetavam seus olhos, e Rebecca fez o possível para dormir, também.

Bem cedo, na manhã seguinte, Ari dirigiu até os estábulos de Astbury. Debbie selou um garanhão castanho e ele partiu rumo à várzea. Era uma manhã gloriosa, e ele cavalgou rápido. Chegando à cabana às margens do riacho, vinte minutos depois, desceu do cavalo e foi em direção à cerca alta de madeira com um portão ao lado da construção. O portão parecia estar em melhores condições que o restante do exterior e, talvez, ele pensou, houvesse uma porta nos fundos. Ele puxou a trava, mas não conseguiu abrir, então viu o cadeado. Tentou inutilmente pular, mas era muito alto.

Posicionando o cavalo ao lado, Ari montou e agarrou a parte superior da cerca com as mãos. Ele tomou impulso, passou suas pernas para o outro lado e saltou. Aterrissando tranquilamente no chão, olhou ao redor e viu que estava em um pátio que continha uma série de edificações menores. Olhando rapidamente entre eles, notou que estavam vazios, exceto por uma velha charrete no canto de uma das construções.

Voltando a atenção para os fundos da cabana, caminhou até a única porta e tentou a maçaneta. Surpreendeu-se quando ela girou facilmente e a porta se abriu. Titubeando, ele se viu em uma cozinha.

Com base no exterior coberto por trepadeiras, e no que Anthony havia dito na noite anterior, Ari supôs que encontraria um interior sujo, coberto com teias de aranha. Mas não. Ele correu os dedos sobre a superfície de uma mesa de madeira que estava no centro da cozinha; havia uma camada de poeira, mas não a imundície resultante de noventa anos de descaso. Enquanto circundava a mesa,

notou copos pendurados de modo organizado em ganchos, o metal negro do fogão não exibia ferrugem, os pratos na cristaleira estavam lascados, mas limpos. Olhando para baixo, viu que seus pés não deixavam pegadas na poeira que, certamente, havia se acumulado ao longo do tempo sobre o piso.

Então viu uma chaleira elétrica, moderna, sobre o balcão de um dos lados do fogão. Ari puxou uma cadeira e se sentou abruptamente. Obviamente, aquela não era uma cabana abandonada, perigosa o bastante para logo ser demolida, como Anthony havia descrito.

Levantando-se, de repente ciente de que alguém poderia estar em outra parte da cabana, Ari foi lentamente até a porta da cozinha e a abriu. No corredor, procurou por algum som, mas não ouviu nada. Abrindo uma porta à esquerda, viu uma pequena sala de estar. Estava escuro, por causa da trepadeira que cobria as janelas, e Ari se esforçou para ajustar seus olhos à penumbra. A lareira exibia apenas um mínimo de poeira negra, que recentemente se soltara da chaminé. A cadeira ao lado era gasta, mas limpa.

Caminhando até as estantes, ele notou que estavam cheias de volumes antigos de clássicos da literatura britânica. Os livros que Anahita dissera que amava.

Ari seguiu pelas escadas estreitas e parou no patamar minúsculo antes de abrir uma de duas portas. Entrou em um quarto arrumado, com cortinas floridas desbotadas nas janelas e uma colcha de retalhos desgastada cobrindo a armação de cobre da cama. Os travesseiros vestiam fronhas, e os lençóis e cobertores pareciam preparados para que seu ocupante deslizesse entre eles. Sobre o criado-mudo havia vários frascos de cremes femininos e poções, além de um vidro grande de perfume.

Ari coçou a cabeça, sentindo-se confuso. Tudo o que viu deixou claro que havia um morador atualmente na cabana.

Mas quem?

A cabana era o lugar perfeito para se esconder, Ari pensou ao deixar um quarto para investigar o outro. Ninguém suspeitaria, olhando de fora, que alguém pudesse morar ali.

Uma nova onda de emoção o assaltou quando viu o que esse segundo quarto continha. Um berço de ferro enferrujado tomava a maior parte do espaço do pequeno cômodo, e um cobertor infantil comido por traças ainda cobria o colchão. Um par de olhos tristonhos olhava para ele de dentro do berço e Ari estendeu a mão para pegar o velho ursinho de pelúcia e o abraçar como a uma criança.

— Meu Deus — sussurrou. Agora ele acreditava que a história de sua bisavó era verdadeira.



Jack não se moveu quando Rebecca saiu da cama, na manhã seguinte. Bloqueando de sua mente o comportamento do namorado, ela vestiu uma calça de agasalho e desceu as escadas em direção à área de maquiagem.

Foi um dia longo, de gravações difíceis, e ela estava esgotada quando voltou para o quarto, às seis da tarde.

— Você está indo embora? — perguntou, surpresa, ao entrar no quarto e ver Jack devolvendo as camisas a sua mala.

— Sim, mas só vou até Londres. Meu novo melhor amigo, James, me falou sobre um filme em que Sam Jeffrey está trabalhando. Usei o telefone do escritório e liguei para meu agente, pedindo para que ele entrasse em contato e mencionasse que estou por aqui. Jeffrey quer me ver amanhã de manhã. Não é incrível, querida? O cara é um diretor jovem, mas sério, e já tem alguns BAFTAs na estante. Contratei um táxi para me levar para Londres. Estarei de volta amanhã à noite.

— Certo — Rebecca respondeu, surpresa.

— Seguir você até a Inglaterra foi uma boa decisão. — Ele se aproximou dela, colocou os braços a seu redor e a beijou. — Deseje-me sorte e prometa que não vai se jogar nos braços do meu novo melhor amigo enquanto eu estiver longe — acrescentou, pegando a mala e seguindo para a porta. — Sei por onde ele andou. Te amo, querida, tchau. — Jack piscou e fechou a porta ao sair.

— Pensei que você tivesse vindo me ver — ela sussurrou para si mesma ao se sentar, atordoada, na cama. Depois de alguns minutos absorvendo a partida abrupta de Jack, Rebecca se levantou e foi tomar um banho. A noite estava agradável, e, depois de ficar dentro da casa, sob uma iluminação quente, o dia todo, ela decidiu dar uma volta e respirar ar fresco. Encontrou a Sra. Trevathan na escadaria principal.

— Não passe por mim, Rebecca. Dá azar cruzar com alguém nas escadas — ela disse.

— Sério? Acho que deve ser uma tradição inglesa. — Rebecca ergueu os ombros.

— Você deve estar certa — a Sra. Trevathan concordou. Rebecca notou que ela parecia extremamente perturbada. — O seu rapaz já foi?

— Já, mas disse que volta amanhã.

— Entendo. Então, você vai querer jantar esta noite?

— Não, obrigada. Comi muito no almoço.

— Então vou deixar alguns sanduíches e um chá de camomila em seu quarto para mais tarde.

— Obrigada, Senhora Trevathan.

A equipe se deslocou para o vilarejo para as filmagens noturnas, portanto a casa e os jardins estavam calmos. Rebecca se sentou em um banco no jardim. As rosas estavam todas desabrochadas agora, e o perfume era divino.

— Olá. — A voz de Anthony a despertou de seus devaneios. — Ouvi que seu rapaz foi para Londres.

— Sim, mas ele volta amanhã. Por favor, se isso for um problema, nos mudaremos para um hotel.

— Não, não é um problema. Mas...

— O quê?

— Suponho que ele não seja o que eu esperava — Anthony admitiu. — Perdoe-me, quem sou eu para opinar sobre relacionamentos entre homens e mulheres?

— Está tudo bem, Anthony, de verdade.

— Contanto que ele cuide de você e que você esteja feliz, isso é tudo o que importa.

— Sim. — Rebecca preferiu não comentar; no momento, não confiava em si mesma para não dizer algo negativo.

— Então, o que você acha do nosso jovem amigo indiano?

— Gosto dele — Rebecca respondeu, com honestidade.

— Ele parece um bom sujeito, mas, pessoalmente, estou me esforçando para acreditar em sua história. Se acreditar, mudarei completamente minha percepção de Donald e Violet, meus avós, e acho isso muito desconcertante — confessou.

— Receio que não conheça a história toda, mas não entendo por que ele ou sua bisavó inventariam isso — Rebecca disse.

— A menos que ele quisesse alguma coisa — Anthony resmungou sombriamente.

— O que ele poderia querer?

— Dinheiro? Direito sobre a propriedade?

— Anthony, não li mais que as primeiras cem páginas, portanto não posso comentar. Mas Ari parece um homem honesto. Não acho que tenha vindo aqui causar problemas, mas apenas investigar o passado de sua própria família.

— Mesmo que esteja atrás de dinheiro, agora ele está ciente de que não há dinheiro algum — Anthony respondeu.

— Pelo que me disse, Ari é um empresário bem-sucedido. Realmente, acho que não é por essa razão que ele está aqui.

— Você não acha?

Mais uma vez, Rebecca sentiu a necessidade quase infantil de Anthony por apoio.

— Não, realmente não acho.

— Bem, nesse caso — Anthony continuou, visivelmente mais relaxado. — Acho que não fui muito hospitaleiro. Ontem à noite ele me disse que não tem onde ficar a partir de amanhã. Devo oferecer a ele um quarto até que volte para a Índia, em alguns dias?

— Acho que seria um gesto de muita gentileza — ela concordou.

— Minha nossa, esta casa não via tantos hóspedes há anos — Anthony exclamou.

— Você está gostando da companhia? — ela perguntou.

— Sim, acho que estou. A Senhora Trevathan não aprova, é claro. Bem, obrigado por seus conselhos, Rebecca. Vou entrar e telefonar para o Senhor Malik — Ele esboçou um sorriso e seguiu em direção à casa.

Rebecca se dirigiu ao parque em frente ao Hall. Precisava de um pouco de tempo para se acalmar e pensar no que fazer quanto a Jack. Menos de vinte e quatro horas com sua presença foram necessárias para que ela se lembrasse por que era tão difícil dizer sim para o pedido de casamento. Enquanto caminhava sem rumo pela grama e através das castanheiras-da-índia que salpicavam o parque, ela chegou à conclusão de que essas duas semanas em Astbury a mudaram. Ela era capaz de enxergar as coisas mais claramente, como se o espaço físico a seu redor fosse um reflexo de sua mente. E a dura verdade era que, quando Jack chegou bêbado e drogado na noite passada, ela sentiu repulsa.

Tendo Astbury como pano de fundo, tudo em Jack parecia e soava como um clichê, um estereótipo hollywoodiano. No mundo glamouroso de Hollywood, o comportamento de Jack, seu ego e sua indulgência excessiva podem ser considerados normais. No mundo real — o mundo onde pessoas comuns levam a vida batalhando dia após dia —, as coisas não eram assim. Não importava quantas vezes tentasse encontrar desculpas, ela não seria capaz de conviver com o vício de Jack em drogas e álcool. Ela aprendeu com o amargor da experiência que essa era uma estrada para lugar nenhum.

Simplemente não havia como aceitar a proposta. E daí se o mundo não compreendesse? Não era o mundo que viveria com ele. Rebecca sabia que deveria dizer que não haveria casamento a menos que ele deixasse as drogas. Pelo menos, pensou, ela diria agora, enquanto estivesse em Astbury e pudesse ficar protegida do frenesi da mídia. Seu agente enlouqueceria, mas Rebecca também começava a reconhecer que muitas outras pessoas — homens, em sua maioria — estavam no controle de seu destino nos últimos anos. Ela precisava

voltar a ser responsável por si mesma, não importava como.

Talvez a recusa em aceitar se casar com Jack se tornasse o empurrão de que ele precisava para enfrentar seus demônios. Mas, por algum motivo, Rebecca duvidava de que esse fosse o caso.

Ela ergueu os olhos e percebeu que estava em uma parte do parque que não visitara antes. À sua frente, rodeada pelas copas de algumas árvores, havia uma construção que se parecia com um templo grego, fora de contexto naquela Inglaterra agrícola. Caminhando em sua direção, ela subiu os degraus entre duas colunas de mármore branco. Esperava que a porta maciça estivesse trancada e ficou surpresa quando se abriu quando ela tentou girar a maçaneta.

Rebecca sentiu um calafrio ao entrar no ambiente frio e lúgubre, e se lembrou de Anthony mencionando que seus ancestrais estavam enterrados em um mausoléu na propriedade. Seu instinto a impeliu para que abandonasse o local imediatamente, mas, ao olhar as grandes placas de pedra nas paredes, dando nomes aos esqueletos que descansavam do outro lado, Rebecca ficou intrigada. Ela leu sobre ancestrais de Astbury cujos nascimentos datavam do século 16; maridos e esposas enterrados juntos por toda a eternidade. Aproximando-se dos túmulos mais recentes, ela parou diante do lugar de descanso de Lorde Donald e Lady Violet Astbury.

Donald Charles Astbury



1 de dezembro de 1897 –



28 de agosto de 1922

aos 25 anos

Violet Rose Astbury



14 de novembro de 1898 –



25 de julho de 1922

aos 23 anos

Um tremor percorreu sua espinha quando releu a data de falecimento de Donald Astbury. Ele morreu tão jovem... e apenas um mês depois de Violet. Seria coincidência? Rebecca estava desesperada para saber. Ao lado da lápide de Donald e Violet — tendo sobrevivido trinta e três anos a mais que seu filho, falecendo aos oitenta e três anos de idade, em 1955 — estava Lady Maud Astbury. Ela estava enterrada com seu marido, George, que havia falecido quarenta e quatro anos antes, em 1911. A lápide mais recente era a da mãe de Anthony.

Daisy Violet Astbury



25 de julho de 1922 –



2 de setembro de 1986

aos 64 anos

Anthony Donald Astbury



20 de janeiro de 1952 –



A data final sob o nome de Anthony ainda não estava gravada.

Abaixo da lápide, havia um vaso cheio de rosas frescas. Rebecca se ajoelhou e sentiu sua fragrância, ponderando sobre o fato de que o pai de Anthony não estava enterrado com Daisy, sua mãe. Em vez disso, seriam os ossos de Anthony que descansariam ao lado dela. Tremendo com o frio repentino, Rebecca deixou o mausoléu se perguntando por que Anthony havia escolhido, vinte e cinco anos antes ser enterrado com sua mãe e não ao lado de uma possível futura esposa.

Caminhando de volta pelo parque em direção ao Hall, Rebecca pensou novamente que Anthony certamente era gay. Ou talvez simplesmente não tivesse interesse em nenhum dos sexos e sempre soubesse disso.

Sejam quais fossem suas predileções, a visita ao mausoléu confirmou uma coisa para Rebecca: a vida era curta demais para se preocupar com as consequências de fazer a coisa certa. Quando Jack regressasse de Londres, ela o informaria de sua decisão.



Na manhã seguinte, Rebecca sentiu a náusea já familiar que indicava que uma dor de cabeça estava a caminho. Tomando dois comprimidos de ibuprofeno com a xícara de chá que a Sra. Trevathan trouxera, ela desceu as escadas e foi até a sala de maquiagem.

— Você está com a aparência doentia outra vez, Beck — James comentou enquanto caminhavam juntos até a sala de visitas para gravar a próxima cena.

— Não consigo me livrar dessa dor de cabeça — respondeu. — Mas estou bem.

— Sabe de uma coisa? Acho que você deveria pedir ao Steve para chamar um médico. Isso não é normal, querida?

— Por favor, não diga nada — Rebecca implorou. — Não quero que pensem que sou a típica americana hipocondríaca.

— Duvido que alguém pensaria isso, diante de seu estado atual — James disse. — Você está arrepiada, mesmo com esse forno que está aqui dentro.

— Prometo que procuro um médico se não melhorar logo.

— A propósito, quando meu novo amigo Jack volta de Londres?

— Não tenho certeza. Soube que vocês tiveram uma noite divertida — ela respondeu, com sarcasmo.

— Tivemos mesmo. Somos muito parecidos seu noivo e eu. Aliás, retiro o que disse sobre a galera de Hollywood não beber muito. Seu noivo me fez parecer um amador. — Ele riu.

Depois do almoço, Rebecca estaria livre até a noite, quando o elenco se reuniria para um jantar especial na varanda em comemoração ao aniversário de Robert Hope. Ela caminhou sem rumo pela casa e, por impulso, seguiu para a biblioteca. Ao entrar, dirigiu-se à lareira e olhou para o retrato de Violet Astbury.

— Sim, sua semelhança é extraordinária — uma voz disse atrás dela.

Rebecca se virou e encontrou Ari Malik sorrindo para ela de uma cadeira de encosto alto.

— Você me assustou. Não o percebi aí.

— Desculpe — Ari se levantou e veio em sua direção. De pé ao lado dela, fitou o retrato. — A pergunta que não quer calar é: você tem parentesco com Violet Astbury?

— Como disse a Anthony quando ele me mostrou essa pintura, minha família

é de Chicago e eles não tinham fortuna alguma. Até onde sei, não temos relação alguma.

— De um jeito ou de outro, o pobre Anthony deve achar que o passado de sua família voltou para assombrá-lo. — Ari suspirou.

— É verdade, falei com ele ontem à noite e ele definitivamente está perturbado. Parece que ele venera a memória de Violet e de sua mãe, Daisy — Rebeca disse. — Você o encontra hoje?

— Em algum momento, sim, creio, mas não o vi ainda desde que cheguei. Recebi uma ligação inesperada dele ontem à noite me convidando para ficar aqui até voltar para a Índia. Mas a Senhora Trevathan não parecia muito contente quando me mostrou meu quarto.

— Você encontrou o que estava procurando aqui?

— Vi o bastante para ter certeza de que minha bisavó *esteve* aqui e que a maior parte de sua história é verdadeira. Não vim para abrir feridas, e é compreensível que Anthony seja tão reticente em revelar tantos fatos sobre o passado de sua família. Acho que ele pensa que tenho segundas intenções.

— E você tem?

— Não — Ari disse, negando com a cabeça. — Nada além de confirmar que minha bisavó esteve aqui em Astbury e que seu filho realmente morreu na infância, como sua certidão de óbito diz.

— Você acha que Anthony sabe mais do que está dizendo?

— Às vezes acho que sim, mas, por outro lado, quando o encontrei para jantar depois que havia começado a ler a história, ele me disse não suportar continuar a leitura e eu acreditei nele. Foi uma tragédia para todas as pessoas envolvidas. — Ari suspirou. — Na verdade, acho que Anthony pode estar certo quando diz que a morte de seus avós, Donald e Violet, foi o catalisador do fim da fortuna dos Astbury.

— Ari, não conheço a história toda, mas, pelo que li, acho que o relacionamento entre Donald e Anahita estava no centro de tudo o que aconteceu depois. Estou certa?

— Estava — Ari concordou.

— Não quero me intrometer, mas isso significa que você e Anthony têm de algum modo uma relação de parentesco?

— É complicado, Rebecca. Isso abre a porta para muitas questões.

— A primeira questão que surge é que, se vocês são de fato parentes, você tem direito sobre essa propriedade — ela arriscou.

— Isso é algo que eu nem mesmo havia ponderado — Ari disse, com uma expressão de surpresa genuína.

— Mas talvez Anthony tenha *pensado* nisso. Pode ser uma boa ideia

tranquilizá-lo, Astbury é a vida dele.

— Você está certa. Para ser sincero, não consigo entender Anthony.

— Talvez esse assunto seja doloroso demais para ele. Às vezes, o passado machuca — Rebecca respondeu.

— Prometo que não vou mais pressioná-lo. Pelo menos posso continuar com essa investigação sozinho em alguns aspectos. De qualquer forma, chega de falar de mim e dos mistérios do meu passado. Como você está? O filme está indo bem? — Ari perguntou.

— Estou bem e, sim, as filmagens estão indo bem. Apesar de estar sofrendo com uma enxaqueca desde que cheguei aqui.

— Estranho. Já sentiu algo assim antes? — ele perguntou, encarando-a pensativamente.

— Não, é a primeira vez que tenho enxaqueca. Mas estou determinada a não permitir que ela arruíne minha estadia na Inglaterra.

— E como está o seu noivo?

— Ele está em Londres no momento, reunido com um diretor sobre um filme. Se é para ser completamente honesta, Ari, nosso relacionamento não está bem — ela suspirou.

— Pensei que você havia dito que as coisas pareciam melhores entre vocês depois que ele veio para cá...

Rebecca negou com a cabeça lentamente:

— Acho que eu queria acreditar nisso. E acho que preciso começar a confiar em mim para tomar minhas próprias decisões.

— Você meio que citou uma passagem de um poema que li recentemente. “Se”, de Rudyard Kipling. É o favorito do meu pai. Você conhece?

— Não — Rebecca respondeu. — Receio que não.

— Você deveria ler algum dia. O poema fala sobre ser verdadeiro consigo mesmo.

— Vou procurar — ela disse. — Bem, melhor eu ir. Haverá um jantar na varanda hoje à noite para o nosso diretor e eu preciso me preparar.

— Vou a um cemitério local para ver se encontro algum indício do filho de Anahita por lá, então seguirei para Exeter para ver se sua morte foi oficialmente registrada. — Ele caminhou em direção à porta e Rebecca o seguiu.

— Você me conta se descobrir alguma coisa? Pode parecer tolice, mas me sinto envolvida. Suponho que seja por causa da minha semelhança com Violet. Sua bisavó a conheceu?

— Sim, aparentemente sim — Ari disse enquanto deixavam a biblioteca e se encaminhavam para o saguão. — Tenha uma noite agradável, Rebecca, e, se

essas dores de cabeça não melhorarem, procure um médico logo, certo?

— Certo. Obrigada.

Ari observou enquanto ela flutuava graciosamente subindo a escadaria principal. Ele podia compreender por que Anthony estava tão afetado com sua presença ali. Mesmo Ari, observando de fora, não podia deixar de se sentir perturbado pela semelhança dela com Violet. Também havia certa vulnerabilidade inata em Rebecca, apesar de sua fama. Ele sentia que o destino o colocara em Astbury, como um peão inocente em um complexo jogo de xadrez.

Era impossível para ele — imagine para Anthony — ignorar o fato de que a história se repetia: Donald e Anthony, dois herdeiros solteiros de Astbury Hall; Violet e Rebecca, duas americanas ricas; Ari e Anahita, vindos de uma terra exótica e distante...

Ari olhou para cima, para o grande domo central, e pensou que, se Anahita realmente estivesse lá em cima, entre os espíritos que ela insistira que a guiassem durante sua vida, devia estar olhando para baixo com grande interesse enquanto uma nova geração de jogadores humanos se aventurava no intrincado jogo da vida.

Apesar de tomar o máximo que ousou de comprimidos para dor de cabeça, Rebecca ainda se esforçava para suportar o jantar de aniversário de Robert naquela noite.

— Você parece chateada, querida — James disse, colocando um braço ao redor de seus ombros. — Ainda não está se sentindo bem?

— Estou bem, James, de verdade. Obrigada por perguntar.

— O garoto-problema Jack volta esta noite, não?

— Acho que sim, mas ele não tem como entrar em contato comigo aqui em Astbury para dizer quando chega.

— Acho o fato de você tê-lo domesticado merece elogios, Beck. Naquela noite, no bar, havia mulheres dando em cima dele por todos os lados, e ele não chegou a olhar duas vezes para elas. Ele a ama de verdade, querida.

— Ama mesmo?

— Deus! Claro que sim. — James tomou um gole de champanhe. — Quero dizer, será preciso um tipo de mulher especial para me levar para o altar, posso garantir a você.

— Acho que posso tomar isso como um elogio — Rebecca disse. — Vou sair de fininho e dormir um pouco. Vejo você de manhã.

Subindo para seu quarto, com o som de gargalhadas ecoando da varanda, Rebecca ponderou sobre os comentários de James. Jack podia amá-la, podia ignorar as outras mulheres — por enquanto —, mas seus problemas permaneceriam insuperáveis a menos que ele os enfrentasse.

Ou ela estava sendo dura demais com ele?

Sentindo-se muito indisposta para dar sentido a qualquer coisa essa noite, mas não desejando a determinação para confrontá-lo desaparecesse, Rebecca se despiu e caiu na cama. Tomando um gole do chá de camomila ainda quente que a Sra. Trevathan deixara, olhou no relógio e se perguntou onde Jack poderia estar. Ao apagar a luz, parte dela esperava que ele não aparecesse, para que ela pudesse ter uma noite de sono ininterrupto.

Passava da meia-noite quando ele surgiu.

— Oi, baby. — Ele atravessou o quarto alegremente, a beijou e a envolveu em seus braços. Fedia a álcool rançoso e Rebecca, já enjoada, afastou o rosto.

— Você está bem, Beck? Está com uma cor estranha.

— É a dor de cabeça outra vez, está me dando náuseas. Vou ver um médico se não melhorar amanhã.

— Sim, faça isso. — Jack se sentou na beirada da cama e pegou sua mão. — Pobrezinha — ele sussurrou. — Ei, não acha que eu a engravidei por acaso, acha?

— Não, Jack, isso é impossível. Estou tomando anticoncepcional, lembra?

— Eu sei, mas não seria incrível se você estivesse? Seria a criança mais linda do mundo, garanto. E prometo que, se você estiver grávida, não haveria problemas. Não, senhor. Está na hora de eu me tornar papai.

— Jack, tenho quase cem por cento de certeza de que não estou grávida — Rebecca respondeu, cansada. — Como foi a reunião?

— Ótima. Eu e o diretor nos demos muito bem. Depois fomos almoçar e tivemos o que você poderia chamar de um momento entre homens — ele disse, sorrindo ao lembrar.

— Quando você fica sabendo sobre o papel?

— Nos próximos dias. Vou tomar um banho naquela banheira antiquada no fim do corredor, já que não tem chuveiro aqui. Jesus, que lugar maluco para ficar — ele a beijou no nariz. — Enquanto isso, relaxe.

Rebecca concordou com a cabeça e fechou os olhos enquanto Jack pegava suas coisas e deixava o quarto.

Ele voltou quinze minutos depois e se deitou ao lado dela.

— Você tem energia para tentar fazer um bebê hoje? — ele sussurrou, as mãos buscando o corpo de Rebecca.

— Por favor, Jack, realmente não me sinto bem. Pode me deixar dormir, por favor?

— Estraga-prazer. — No momento em que ele se inclinou para beijá-la, para seu horror, Rebecca viu um resquício de pó branco em sua narina.

— Desculpe, Beck, mas você precisa entender que estou na cama com a mulher que todo homem no ocidente deseja. Não é nenhuma surpresa eu estar excitado.

— Por favor! Já disse que não estou me sentindo bem e preciso dormir.

— Desculpe — ele disse, ofendido, quando ela se afastou e apagou a luz.

Pela manhã, Rebecca pediu para Steve chamar um médico. Incapaz de ficar na cama, uma vez que não queria encontrá-lo com seu noivo ainda desmaiado na cama por causa das drogas e do álcool, ela cambaleou escada abaixo e esperou pelo médico na sala de visitas.

Vinte minutos depois, um homem alto, de meia-idade, entrou, ao lado de Steve, carregando sua pasta.

— Vou deixar vocês a sós — Steve disse, da porta, enquanto o médico se aproximava e se sentava a seu lado.

— Olá, Senhorita Bradley. Sou o Doutor Trefusis. Qual é o problema?

Rebecca explicou seus sintomas e o médico a examinou minuciosamente.

— Certo — ele disse, ao completar suas observações. — Sua pulsação está acelerada e sua pressão arterial também está alta. Contudo, isso geralmente é causado pelo estresse, especialmente quando você tem que ver um médico estranho para descobrir o que está errado — ele disse, seus olhos gentis sorrindo para ela.

— Não entendo, quase nunca fico doente — ela disse, resignada.

— Bem, infelizmente, somos humanos e acontece com todos nós. Agora eu gostaria que você me desse uma amostra de urina e também gostaria de fazer um exame de sangue para eliminar algumas possibilidades. Por favor, procure não se preocupar, Senhorita Bradley. Você provavelmente tem algum tipo de virose. Não está com febre, mas isso pode ser por causa do ibuprofeno que tomou mais cedo.

Rebecca pegou um frasco de coleta e seguiu para o banheiro, depois virou o rosto quando o médico colocou uma agulha em sua veia. A imagem trouxe lembranças de sua mãe.

— Certo, tudo pronto. Aqui está o número do meu celular, caso se sinta pior. Entrarei em contato assim que receber os resultados. Fique ciente de que pode demorar alguns dias. Até lá, quero que você fique de repouso. Beba muito líquido, continue tomando ibuprofeno e vamos ver se há melhoras.

— Repouso? Não posso fazer isso. Minha agenda está cheia para os próximos dias, doutor, e não vou interromper as filmagens — Rebecca disse, horrorizada.

— Você não pode evitar ficar doente, Senhorita Bradley. Com certeza você não está num estado ideal para filmar no momento. Por que não conversa com o camarada que me trouxe aqui? Posso explicar a situação — Dr. Trefusis fechou

sua maleta e foi em direção à porta, parando de repente. — Você acha que pode estar grávida?

— Estou tomando pílula — Rebecca respondeu.

— Mesmo assim, vou fazer um teste de gravidez com sua amostra de urina esta tarde, apenas para eliminar a possibilidade. Adeus, Senhorita Bradley.

Rebecca se deitou no sofá, se sentindo indisposta e igualmente culpada por se sentir assim. Ela queria voltar para o quarto, fechar as cortinas e dormir. Mas a ideia de enfrentar Jack enquanto se sentia tão frágil não era agradável.

Dez minutos depois, Steve entrou na sala.

— Tudo resolvido, querida. Conversei com Robert e vamos reagendar as cenas para que você possa ter alguns dias de descanso e se recuperar.

— Desculpe, Steve. Me sinto tão mal por causar todo esse transtorno.

— Rebecca, deixe de ser paranoica. Toda a equipe adora você, e eles viram como você é dedicada e esforçada. Estamos só chateados por você não estar bem. De qualquer forma, vamos esperar que uns dias de repouso sejam suficientes.

— Sim, vamos esperar — ela disse, com gratidão. — Obrigada.

— Agora, por que você não vai para seu quarto e tenta dormir? — Steve sugeriu.

— Jack ainda está dormindo. Ele chegou exausto de Londres. Vou ficar por aqui até ele acordar.

— Certo... — Steve lançou um olhar estranho em sua direção. — Mas a nossa prioridade é você, e você precisa ficar de cama. Vou conversar com a Senhora Trevathan e ver se há outro quarto que você possa usar por enquanto.

Quando ele a deixou, Rebecca ficou incomodada e envergonhada. Ali estava ela, doente demais para trabalhar, com um namorado irresponsável dormindo em seu quarto.

— Olá, querida. — A Sra. Trevathan chegou à sala de visitas alguns minutos depois com uma expressão de pena nos olhos. — Como está se sentindo?

— Péssima — Rebecca respondeu, sua discrição se desmanchando diante da figura materna. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela as enxugou.

— Está tudo bem, querida. — A Sra. Trevathan tocou gentilmente a mão de Rebecca. — Steve me explicou a situação, então preparei outro quarto para você.

Meia hora depois, Rebecca estava deitada em uma cama enorme, coberta, enquanto a Sra. Trevathan entrava e saía com água, chá, torradas e algumas revistas que pensou que pudessem interessar a Rebecca.

— Acho que você aparece em algumas — ela disse, brincando.

— Este quarto é tão lindo. Acho que fui promovida — Rebecca disse com um

sorriso apagado.

— É mesmo, não é? Esse foi o quarto de Lady Violet e, com certeza, nos quarenta anos que trabalho aqui, nunca o vi sendo usado. Foi o próprio Lorde que sugeri que você se mudasse para cá quando perguntei a ele onde poderia colocá-la esta manhã. Tem a melhor vista dos jardins e da várzea e é o único quarto com um banheiro particular. Também tem uma sala de estar privativa e um vestiário atrás daquela porta — ela disse, indicando a porta.

— Por favor, agradeça ao Anthony por mim. Prometo que é temporário, até o Jack acordar.

— Se eu fosse você, ficaria aqui até estar melhor. Durma um pouco, querida.

— Muito obrigada por toda a sua gentileza.

— Não seja tola, estou aqui para isso. — A Sra. Trevathan sorriu e deixou o quarto.

Rebecca acordou mais tarde se sentindo um pouco melhor e se sentou na cama, tomando o chá que a Sra. Trevathan havia trazido. Pela primeira vez, notou os detalhes do quarto que ocupava. Era difícil acreditar que aquele cômodo não vira a presença de humanos por tantos anos. Tudo estava imaculado — até a pintura das paredes parecia nova e fresca. Seu olhar notou a penteadeira Art Déco altamente sofisticada e vidros de perfume, uma escova de cabelos e um colar de contas pendurado em um dos lados do espelho de três faces. Saindo da cama, ela caminhou até o móvel, pegou um vidro de perfume e cheirou. Surpresa, notou que o aroma era familiar... era o mesmo cheiro suave e floral que sentira, tinha certeza, pairando no ar de seu quarto algumas noites.

Caminhando descalça até a próxima porta, ela entrou no banheiro. Mais uma vez, a organização do lugar a impressionou. A banheira era antiga, mas sem os sinais de desgaste que predominavam em outras partes da casa. Uma longa série de guarda-roupas espelhados cobria toda a extensão de uma das paredes. Rebecca abriu uma das portas e respirou fundo ao ver um conjunto de roupas lindas, preservadas, imaculadas, sob a proteção de sacos plásticos.

— As roupas de Violet — ela murmurou. Fechando a porta rapidamente, voltou para o quarto e foi até a outra porta. Do outro lado havia uma sala de estar pequena, mas decorada com bom gosto. Fotografias em porta-retratos prateados estavam sobre uma cômoda, e ela viu o rosto de Violet, seu próprio rosto, olhando em sua direção. Ao lado de Violet estava um jovem atraente com roupas formais; só podia ser Donald, o avô de Anthony.

Outra porta levava a um quarto menor, sem adornos — um quarto de homem, sem qualquer acessório feminino. Percebendo que devia ter sido o vestiário de Donald, ela notou uma cama estreita, um guarda-roupa de mogno, uma cômoda e uma estante cheia de livros. Rebecca estudou os títulos. Havia de tudo, desde livros infantis a Thomas Hardy. Um livro em particular chamou sua atenção: “Rudyard Kipling – Se” estava gravado em letras douradas na lombada de um grosso volume de capa de couro marrom. Lembrando que Ari havia mencionado

esse mesmo poema, escrito pelo autor renomado, no dia anterior, ela pegou o volume cuidadosamente. Uma insígnia dourada e complexa estava estampada na capa. Ela se sentou na cama e abriu o livro com cuidado. Na capa interna, havia uma inscrição com tinta desbotada.

Natal de 1910

Querido Donald, este foi um presente especial dado a mim por sua alteza, o marajá de Cooch Behar, quando deixei minha posição como Residente, depois de cinco anos, para voltar à Inglaterra. Ele encomendou o exemplar especialmente para mim, uma vez que sabia que Rudyard Kipling era um dos meus autores e poetas favoritos. Ele contém um belo poema no início do livro, mas é, na verdade, um diário. Use-o como desejar.

Seu pai, que te ama,

George

Rebecca se lembrou da lápide no mausoléu e que George Astbury havia falecido poucas semanas depois, em janeiro de 1911.

Ela folheou a primeira página amarelada e viu o poema, como o pai de Donald havia indicado, escrito a mão, com uma delicada decoração dourada na página. Leu os versos e soube que não poderia haver um último presente mais comovente de um pai para um filho.

As palavras, depois de cem anos, fizeram com que *ela* se sentisse fortalecida também. Ela se levantou, prestes a devolver o livro à estante, quando uma mancha de tinta, no rodapé de uma das últimas páginas, chamou sua atenção e a fez virar para a próxima folha.

Ela se sentou outra vez para ler o primeiro registro, escrito de forma precisa.

Janeiro de 1911

Meu pai morreu há quatro dias. Soube na escola e agora estou em casa para o funeral. Minha mãe fica na capela a maior parte do tempo e insiste que fiquemos com ela. Francamente, neste momento, não tenho muita fé NELE, mas faço o possível para apoiá-la nesta hora de dor. Selina também está devastada. Entendo que sou o homem da casa agora e devo ser forte e corajoso. Pai, na verdade, sinto muito sua falta e não sei como consolar as mulheres.

O resto da página estava em branco, sem mais registros, mas, virando mais uma folha, Rebecca viu que o diário começava em 1912, com registros ocasionais durante os três anos seguintes e, então, frequentes a partir de fevereiro de 1919, logo após o término da Primeira Guerra Mundial.

Ela ouviu alguém chamar seu nome. Relutante em devolver o diário à estante, ela voltou rapidamente para o quarto.

— Como está se sentindo, querida? — a Sra. Trevathan disse, acabando de entrar.

— Estou um pouco melhor.

— Pelo menos está mais corada agora. Rebecca, Jack acordou e deseja ver você. Eu disse que você estava dormindo. Queria me certificar de que você está disposta a receber visitas. — O olhar que a Sra. Trevathan deu a Rebecca foi o suficiente para saber que ela entendia.

— Não. Na verdade, não — ela respondeu, com honestidade.

— Você gostaria que eu me certificasse que ele permaneça ocupado até amanhã? Posso sugerir que vá para um hotel em Ashburton com seu amigo ator mais tarde. Aliás, o Senhor James perguntou de você mais cedo e mandou lembranças — ela acrescentou.

— Isso seria muita gentileza sua. Mas, se Jack sair com James, ele pode voltar muito tarde. E...

— Sim, querida, eu sei — a Sra. Trevathan disse. — Não se preocupe, vou cuidar disso.

— Se ele causar algum problema, por favor, mande-o para mim.

— Posso garantir que já lidei com jovens muito piores na minha época — ela interrompeu, rispidamente. — Agora, vou deixar seu jantar, muita água e um copo de leite quente, que o Lorde insistiu que eu trouxesse. Aliás, ele também manda votos de melhora e uma recuperação rápida. Ah, e aquele cavalheiro indiano que agora também está ficando aqui estava preocupado e queria vê-la — ela acrescentou. — Bem, agora vou embora e garantir que você não seja incomodada por seus admiradores esta noite. — Os olhos da Sra. Trevathan cintilaram. — Se você precisar de alguma coisa, toque o sino ao lado da cama.

Rebecca olhou para o cordão.

— Ainda funciona?

— Claro que sim, querida — a Sra. Trevathan respondeu. — Por que você não toma um longo banho na banheira e vai para a cama cedo? Posso trazer algumas coisas do seu antigo quarto.

— Obrigada, vou sim. A senhora está certa, preciso de um pouco de paz.

— Eu sei, querida, consigo ver. Como eu disse, deixe comigo.

Por impulso, Rebecca foi até a Sra. Trevathan e a abraçou:

— Obrigada.

Claramente surpresa e embaraçada com tal gesto, a Sra. Trevathan rapidamente se retirou dos braços de Rebecca e caminhou rapidamente até a porta:

— Boa noite, querida, durma bem.

— Obrigada.

Sentindo-se mais calma agora que sabia que Jack não apareceria a qualquer momento, Rebecca tomou um banho e então pegou novamente o diário de capa de couro de Donald. Subindo na cama, ela abriu nas páginas seguintes ao fim da Primeira Guerra Mundial. O primeiro registro falava sobre “A” partindo para a Índia.

“Será”, Rebecca pensou de repente, “que Donald se referia Anahita?”

Se estava, então, esse livro aparentemente inocente, que permaneceu despercebido por décadas entre as outras obras na estante, poderia conter a prova de que Ari precisava para confirmar a história de Anahita.

Rebecca precisou ler apenas mais dois registros para ter certeza de que “A” era Anahita. Olhou para cima e sorriu ironicamente para os céus.

— Você nos trouxe até aqui, Anni, e eu a encontrei — ela sussurrou, se acomodando para deixar que as palavras de Donald a levassem para o passado...

Donald

Fevereiro de 1919





1 de fevereiro

A. embarcou hoje no navio que a levará para a Índia. Estou tão triste que não consigo explicar. Ela é maravilhosa em tudo – tão calorosa e sábia, o oposto de qualquer outra garota que já conheci. Não sei como vou conseguir ficar sem ela pelas próximas semanas. E amanhã preciso retornar a Astbury para tentar convencer minha mãe de que precisamos vender a propriedade. Temo a reação dela, para ser honesto.

19 de fevereiro

Em Astbury. Mamãe ainda se recusa a deixar o quarto, dizendo que está morrendo de uma doença terrível, mas o médico não diagnosticou nada fisicamente. A casa toda sabe que ela ainda está emburrada por causa do casamento de Selina com Henri. Recebi um telegrama lindo de A., que completou 19 anos a bordo do navio há três dias. Suas palavras de amor me sustentam. Ela chega a Calcutá em duas semanas. Posso apenas ter esperanças de que ela volte logo. Respondi com outro telegrama dizendo o quanto a amo. Quer minha mãe goste ou não, vou falar com ela hoje. Não podemos continuar assim por muito tempo.

Preparando-se, Donald bateu à porta do quarto de sua mãe. Ele ouviu o som das porcelanas encostando-se uma a outra e, finalmente, um quase inaudível “entre”.

— Olá, mãe, posso abrir as cortinas? Está tão escuro aqui que eu mal consigo vê-la.

— Se você insiste... Mas a luz machuca os meus olhos — Maud respondeu, com a voz trêmula.

Donald abriu uma das cortinas e caminhou até sua mãe:

— Posso me sentar?

— Coloque uma cadeira aqui do meu lado. — Ela indicou com um esforçado movimento dos dedos sobre os lençóis.

Donald fez como ela pediu.

— Como você está?

— Nada melhor.

— Pelo menos está um pouco corada.

— Provavelmente é o ruído que pedi para Bessie aplicar no meu rosto esta manhã — Maud respondeu, rudemente. — Me sinto pior a cada dia.

Donald respirou fundo:

— Mãe, entendo que você não está bem, mas há algumas coisas que precisamos discutir.

— Como a sua irmã se casando com aquele francês horroroso? Seu pai deve estar se virando no túmulo.

Donald pensou em seu pai amoroso e carinhoso e sabia que ele ficaria feliz por Selina ter encontrado alguém depois da tragédia que sofreu.

— O que está feito está feito, mãe, não há nada que possamos fazer para mudar. Selina é adulta e deve tomar suas próprias decisões.

— Se você não aprova, por que vai comparecer a essa cerimônia sórdida? — Maud retrucou. — Ninguém em Londres estará lá, com certeza.

— Ela é minha irmã, mãe. E, para ser sincero, gosto de Henri. Acho que ele ama Selina e vai cuidar bem dela e de Eleanor.

— Nesse caso, o que você deseja discutir comigo? — Maud mudou de assunto.

Ele se preparou para dizer o que precisava:

— Mãe, a propriedade está com grande prejuízo financeiro e, se eu não fizer algo logo, a casa vai literalmente cair sobre nossas cabeças. O banco pode até mesmo decidir confiscá-la, por causa do tamanho do nosso débito.

Sua mãe não respondeu, então Donald continuou:

— É trágico, mas a única coisa a fazer é vender. Rezo para encontrar um comprador com dinheiro suficiente para reconhecer o potencial do lugar e cuidar dele.

Com isso, os olhos de Maud rapidamente buscaram os de seu filho. Mesmo sob a luz fraca, Donald pôde ver que eles expressavam um horror ignóbil.

— *Vender Astbury Hall?*

Ele viu sua mãe jogar a cabeça para trás e cair na gargalhada.

— Donald, ainda que eu reconheça que a casa precisa de reformas, acho que você está exagerando. Claro que não podemos vender! Está na família desde os idos de mil e seiscentos!

— Bem, mãe, passei o último mês conversando com nossos bancos, com o contador e com o administrador, e todos concordam. A propriedade está falida e ponto-final. Sinto muito, mas é assim que as coisas são.

— Donald... — A voz de Maud se elevou de repente das profundezas de sua doença debilitante. — ... posso tolerar muitas coisas, mas nunca, nunca vou concordar em vender Astbury Hall.

— Mãe — Donald respondeu com toda a calma que pôde. — Você deve se lembrar de que, há três meses, quando me tornei maior de idade, o Hall foi passado legalmente para mim. Portanto, a decisão é minha. Por mais triste ou detestável que isso seja para todos nós, precisamos vender. Ou enfrentar os oficiais de justiça que virão nos retirar à força.

Com isso, Maud caiu sobre os travesseiros e levou a mão ao coração.

— Como você pode ser tão cruel? Sou uma mulher doente e você me dá essa notícia! Estou com uma dor terrível no peito. Por favor, chame Bessie, chame o médico...

Donald a olhou e notou que seu rosto realmente estava pálido.

— Mãe, por favor, eu não quis aborrecê-la, mas não temos escolha.

Ela estava ofegante agora, tentando recuperar o fôlego. Donald se levantou.

— Vou chamar o Doutor Trefusis. Sinto muito por tê-la deixado angustiada assim. — Ele suspirou e deixou o quarto.

O Dr. Trefusis veio imediatamente. Ele examinou Maud e encontrou Donald esperando, apreensivo, do lado de fora do quarto.

— Ela está sofrendo de algum tipo de ataque nervoso. Ministrei um sonífero e volto pela manhã para ver como ela está. Contudo, pelo bem de todos nós — ele acrescentou com rigidez —, sugiro que, por enquanto, não mencione mais o assunto que discutiram mais cedo.

10 de março

Recebi um telegrama de A. informando que o navio aportou em segurança na Índia e que ela está a caminho de Cooch Behar. Minha mãe ainda se recusa a deixar o quarto, ou a permitir que eu entre, e fico perambulando pelo Hall em um estado constante de ansiedade e desespero. Passei a tarde escrevendo uma longa carta para A. no palácio para me consolar. A atmosfera sombria que cobre Astbury no momento é palpável. Os criados são sempre os primeiros a farejar problemas e acho que sabem que alguma coisa está prestes a acontecer. Hoje de manhã, recebi um agente de imóveis. A propriedade foi avaliada e vale muito pouco, considerando o que contém. Mas, pelo menos, será o bastante para saldar o débito e comprar uma casa muito menor para mim e para A. no interior. Suficiente, também, para minha mãe pagar por algo similar.

Abril chegou, e Donald estava contente com os dias claros de primavera, que davam vida ao jardim e faziam o tojo ganhar um tom amarelo vivo. Mas, ao tirar Glory dos estábulos certa manhã, um temor insistente o consumiu. Ele não tinha notícias de Anni havia quase um mês, desde que ela havia chegado ao Palácio de Cooch Behar. Enquanto incitava Glory a ir mais rápido e a trotar pela várzea, pequenos demônios começavam a corroer sua confiança.

Ela havia voltado para a Índia para encontrar outro? Afinal, era uma mulher bonita, com muitos atributos — não uma princesa, mas uma aristocrata com o tipo de criação, graça e inteligência que qualquer homem consideraria atraente. Ele era um lorde da Grã-Bretanha, sim, mas um lorde falido que, assim que Astbury fosse vendida, não teria um reino para governar.

No último mês, Donald começou a perceber que sua educação o preparara apenas para ser um membro da nobreza e administrar suas propriedades e criados. A menos que ele retornasse ao exército — uma possibilidade que o assustava —, o que ele faria no futuro se a propriedade fosse vendida? Desmontando às margens do riacho onde ele e Anni haviam se conhecido melhor naquele primeiro verão, ele se deitou sobre a grama para pensar.

Depois de suas experiências na guerra, uma vida de ócio, sem propósito, parecia inútil. E ele se sentia culpado — culpado porque era ele quem apagaria centenas de anos de história de Astbury Hall. Ele se pegou tentando pensar, outra vez, se havia uma maneira de salvar a propriedade, mas nenhuma ideia plausível se revelou. Sabia que, se *houvesse* um meio, ele não pensaria duas vezes, não apenas por causa da história de sua família, mas também porque pelo menos estaria fazendo algo que valesse a pena para as duzentas e poucas pessoas, entre criados e fazendeiros locais que dependiam dele para ter seu sustento — sem contar sua mãe, que, apesar da teatralidade recente, estava genuinamente arrasada por ter que partir.

Donald se levantou e montou Glory outra vez. Disse a si mesmo que deveria aceitar o destino e se concentrar em um novo futuro com Anni e, com isso, descobrir um novo propósito para sua vida.

15 de maio

Ontem (finalmente) minha mãe deixou o quarto. Não recebo notícias de A. há quase dez semanas. Escrevi inúmeras cartas para o endereço que ela me deixou do palácio, mas não recebi nenhuma resposta. Onde ela pode estar? Nunca me senti tão perto do fundo do poço. Talvez ela tenha se esquecido de mim. Talvez ela, como sua amiga Indira, tenha encontrado um príncipe indiano e fugido com ele...

Donald jogou a caneta sobre a escrivaninha, se levantou e olhou mal-humorado, pela janela do quarto. O sol estava alto no céu e o dia estava agradável, mas ele não conseguia apreciar. Pensamentos assustadores sobre Anni e seus motivos para não responder a ele inundavam sua mente constantemente. Ou talvez, pensou, suas cartas simplesmente não chegassem até ele. O serviço de correios entre a Inglaterra e a Índia era famoso pela ineficiência. Mas ele sabia que não descansaria até ter notícias dela.

Durante o café da manhã, ele encontrou sua mãe comendo bacon com ovos.

— Estou contente por ver você melhor, mãe. — Com esforço, ele esboçou um

pequeno sorriso.

— Bem, você sabe como o inverno me afeta. Mas o verão está quase começando e há tanta coisa para fazer.

— Sério? — Donald disse, imaginando o que ela queria dizer com isso.

— Sério. — Maud passou uma carta sobre a mesa. — Alguns amigos do seu pai sugeriram uma possível visita. Claro que eu disse que podem vir.

Donald leu a carta, que vinha de um endereço de Nova York

— Aqui diz que eles chegarão em sete semanas. Mas quem são os Drumners?

— Ralph Drummer é o patriarca de uma das famílias mais antigas, e ricas, de Nova York. Acredito que ele seja dono de um banco e sua esposa, Sissy, pelo que me lembro, é encantadora. Eles têm uma filha, Violet, que é quase da sua idade. Ela parece estar viajando pela Europa, mas encontrará os pais aqui em algum momento durante o verão.

Donald ficou surpreso com o entusiasmo aparente da mãe. Maud considerava a maioria dos americanos “mediócras”.

— Bem, contanto que você esteja bem para entreter a visita, mãe, fico feliz com a ideia de que rever velhos amigos a alegrou.

— Sim, acredito que estou contente. — Maud sorriu para o filho.

Já que ela estava de bom humor, Donald resolveu mencionar Selina:

— Talvez, enquanto seus amigos estiverem aqui você possa pensar em convidar Selina para uma visita. Sei que a pequena Eleanor está com saudade de sua avó e de Astbury.

— Você sabe muito bem, Donald, que, enquanto estiver casada com aquele homem, Selina nunca mais será bem-vinda nesta casa. Fui clara?

Donald respirou fundo, sabendo que, como o Lorde Astbury e proprietário legal de Astbury, tinha direito de desconsiderar as ordens de Maud e convidar Selina quando bem entendesse. Contudo, haveria consequências inevitáveis se aborresse sua mãe quando ela parecia melhor e, no momento, ele não estava disposto a enfrentar tal situação.

9 de junho

Em Londres para ver o gerente do banco outra vez. Mais notícias ruins – o tempo está se esgotando e preciso fazer planos para colocar a propriedade à venda logo. Fui visitar a supervisora de A. no London Hospital, em Whitechapel, e ela me disse que também não tem notícias. Encontrei Selina brevemente e ela disse que encontrou Indira e seu novo marido no sul da França. Anni havia dito a Indira que estava voltando diretamente para a Inglaterra quando deixou Paris, em maio. Realmente estou enlouquecendo de tanta ansiedade. Sem ela, o que me resta?

14 de julho

Ralph Drumner e sua esposa, Sissy, chegaram a Astbury há uma semana. Eles parecem educados e, apesar do estado degradado da casa, estão encantados em ficar em uma mansão com um lorde inglês de verdade presente. Sissy até fez uma reverência quando chegou! Acho que Ralph Drumner é bem mais astuto do que parece. Ele é, claramente, tão rico quanto o rei Cresco; Sissy veste a última moda de Paris e vive coberta de diamantes. Ficarão aqui por dois meses, “conhecendo a Inglaterra”, como eles costumam dizer; e amanhã a sua filha, Violet, chega. Ainda sem notícias de A. Meu coração lentamente congela de medo, uma vez que não consigo pensar em bons motivos para ela não entrar em contato comigo, exceto um.

— Os Drumners voltam às três e meia, a tempo para o chá da tarde — Maud anunciou. — Sugiro que seja servido na varanda. Você sabe que foram a Londres buscar sua filha? Ela chegou de Paris ontem à noite.

— Sim, mãe — Donald respondeu, distraído, durante o café da manhã.

— Como vocês são próximos em idade, ajudaria se você se juntasse a nós e a entretesse.

Donald dobrou o *Times* e se levantou da mesa:

— Não se preocupe, farei sala para ela.

Naquela tarde, Donald cavalgou pela propriedade. Pelo menos os arrendatários que visitou pareciam contentes, depois da chegada de um clima ideal para uma safra extra de trigo, que seria ceifado nas próximas semanas. Eles acreditavam que essa notícia o agradaria; mal sabiam eles do destino que estava prestes a bater a sua porta.

Um comprador em potencial havia sido encontrado. O Sr. Kinghorn, nativo da Cornualha, era um negociante que teve muito lucro com o comércio de estanho durante a guerra. Ele parecia um sujeito decente e estava ansioso para comprar uma posição mais alta na hierarquia social através da aquisição de Astbury Hall. Ia pagar muito barato, simplesmente porque não havia concorrência nesses anos financeiramente sombrios do pós-guerra. Donald ainda precisava dar um último aval para concretizar a venda. Mas, pelo menos, se consolou ao entregar a égua para o cavaleiro e caminhar de volta ao Hall, a propriedade seria administrada de modo mais eficiente e profissional, sob o olhar atento de um novo dono.

Chegando ao jardim, Donald notou os Drumners e sua mãe sentados na varanda, tomando chá, e percebeu que estava atrasado. Teriam que tolerar sua presença em trajes de montaria em vez de ter que enfrentar a cara de desagrado de sua mãe. Enquanto subia os degraus, a jovem sentada à mesa chamou sua atenção. Seu lado masculino reconheceu imediatamente que Violet Drumner era atraente. Seu corpo esguio estava envolto em um belo vestido, seus cabelos loiros exibiam um corte moderno. Quando se aproximou, notou seus olhos castanhos e

lábios perfeitos contra uma pele pálida e sem defeitos.

— Boa tarde — ele disse ao chegar à mesa. — Mãe, Ralph, Sissy, perdão pelo atraso, e Senhorita Drumner — Donald disse, se voltando para a jovem. — Seja bem-vinda a Astbury. Posso chamá-la de Violet?

— Sim, por favor. — Ela sorriu, revelando um vislumbre de seus dentes perfeitos.

— Estou encantado em conhecê-la — ele disse ao se sentar, enquanto a criada se apressava em lhe servir uma xícara de café. — Como foi a viagem até aqui?

— Extremamente agradável — Violet respondeu. — Eu não havia estado fora de Londres antes. Todos os bailes em que estive aqui na Inglaterra no início do verão foram na cidade.

— E, claro, Violet foi debutante em Nova York no ano passado — Sissy acrescentou.

— Verdade — Maud disse, com um quase imperceptível levantar de sua sobrancelha.

— Você gostou da temporada aqui?

— Ah, sim! Conheci tantas pessoas interessantes. Simplesmente adoro a Inglaterra — Violet disse, em seu alegre tom nova-iorquino.

— Violet foi a beldade da temporada social em Londres sob todos os aspectos — Ralph disse. — Uma grande quantidade de jovens da nobreza corria atrás dela. E não adianta negar, Violet.

— Ah, pai, por favor. — Violet enrubescou. — Todas as jovens foram populares.

— Houve algum jovem em particular que chamou sua atenção? — Maud perguntou.

— Acho que ainda sou muito moça para pensar em me estabelecer — Violet respondeu, com diplomacia.

— Você cavalga, Violet? — Donald perguntou, mudando de assunto.

— Ah, sim, no Central Park, com frequência, e quando vamos ao nosso rancho de verão em Newport. Tenho meu próprio cavalo lá.

— Então, enquanto estiver aqui, você deve me permitir acompanhá-la em um passeio pela várzea.

— Gostaria muito, Donald.

24 de julho

Cavalguei com V. outra vez esta manhã. Ela tem técnica profissional, mas monta como uma garota, enquanto A. montava como um homem. Mas é gentil, inteligente e bem-educada, e sua alegria por estar aqui na

Inglaterra me faz sorrir: Ela também é muito bonita e olho para ela, às vezes, pensando que sua pele clara e seus cabelos loiros não poderiam ser mais diferentes da aparência exótica e provocante de A. Sua estadia aqui tem, ao menos, me ajudado a tirar A. da cabeça, já que sua energia natural é contagiante.

Donald percebeu que, pelo menos, havia um pouco mais de ritmo em seu caminhar nessas duas últimas semanas. Com seu entusiasmo tipicamente americano, os Drumners afastaram a atmosfera sombria que pairava sobre Astbury Hall ultimamente. Sua mãe ficou animada e convidou alguns membros da nobreza local para um jantar raro havia poucos dias. Mesmo os empregados pareciam genuinamente gratos pelo trabalho adicional que tinham por causa dos visitantes. Criadas subiam e desciam as escadas, preparando banhos para as duas americanas e cuidando de seus vastos guarda-roupas. O corredor dos quartos de hóspedes estava impregnado com o perfume de Violet, suave e fresco, como ela.

Suas expressões alegres o recebiam todas as manhãs na mesa do café, enquanto Ralph enaltecia seus planos de “invadir a Cornualha” nos próximos dias.

— Mãe — Violet disse. — Vocês se importam se eu não os acompanhar? Amy Venable vai dar um baile em Londres e escreveu me convidando. Seria bom ver algumas das minhas amigas inglesas mais uma vez antes de partir para Nova York

— Tenho certeza que sim, querida, mas você não pode ir para Londres sozinha. Isto está fora de cogitação — Sissy respondeu.

— Temos muito espaço em nossa casa em Londres — Maud disse. — Você pode ficar lá, Violet, querida.

— Seria muita gentileza sua, Lady Astbury.

— E você não disse que precisava ir a Londres nos próximos dias, Donald? — Maud acrescentou.

— Eu... sim, estarei em Londres — ele respondeu, desconfortável, sem querer parecer rude.

— Ora, perfeito: você pode me acompanhar ao baile! Tenho certeza de que Amy Venable não se importaria — Violet disse, batendo palmas.

— Que ideia excelente! — Maud disse. — Então, está decidido. — Ela sorriu para o grupo ali reunido.

Depois do café da manhã, Donald se retirou para a biblioteca com o *Times*, mas não conseguiu se concentrar. Embora já se tivessem passado cinco meses desde que teve notícias de Anni, ele estava desconfortável com a ideia de acompanhar Violet a um baile. Entretanto, parecia ter sido manipulado por sua mãe e seria intratável voltar atrás agora.

Refletindo sobre o surto repentino de vida em sua mãe e sua anormal atitude afável, Donald ponderou pela primeira vez se a chegada dos Drumners a

Astbury foi tão inesperada quanto parecia. Afinal, não havia dúvidas quanto à fortuna dos Drummers, e Ralph já havia mencionado o fundo fiduciário gigantesco que administrava para Violet até ela completar seus vinte e um anos, dali a três meses — uma fortuna que, certamente, levaria consigo quando se casasse.

— Diabos, mãe! — Donald jogou o *Times* sobre a mesa, se levantou e foi até a janela. Censurou a si mesmo por ser tão ingênuo; como ele pôde não ter visto a teia que sua mãe tramava a sua volta?

— Não serei comprado ou manipulado — disse, rangendo os dentes, enquanto olhava o sol de agosto banhando o parque com uma luz suave. Além disso, Maud não era capaz de controlar os sentimentos de Violet por ele. Com sua fortuna, personalidade atraente e beleza incontestável, Donald acreditava que ela poderia ter qualquer homem que escolhesse. Era duvidoso de que ela se interessaria por ele. Ainda assim, pensou no modo como ela sorria para ele, como parecia ansiosa em participar de qualquer atividade que ele sugerisse...

Durante a longa viagem de trem até Londres, Donald ouvia enquanto Violet falava de sua vida em Nova York, da casa onde vivia com os pais na Park Avenue e das coisas maravilhosas que havia visto em sua excursão pela Europa.

— Receio que será muito difícil voltar. Os americanos podem ser muito reservados, você sabe — ela acrescentou, como se a experiência de seus três meses na Europa fosse o suficiente para torná-la uma cidadã do mundo.

— Então você prefere a Inglaterra? — Donald perguntou, educadamente.

— Ah, sim, sempre fui apaixonada por sua literatura. Adoro o interior. Tudo é tão singular.

Chegando à casa na Belgrave Square, Violet foi levada a seu quarto por uma criada e Donald foi até a sala de visitas encontrar Selina, que estava sentada à escrivaninha escrevendo uma carta.

— Como está, Selina?

Acabei de chegar do *château* de Henri na França. Ele ainda está lá, cuidando de alguns negócios. Eleanor e eu ficaremos aqui por enquanto, até que nossa casa em Kensington fique pronta. Chá?

— Obrigado — Donald disse, sentando-se em uma cadeira enquanto Selina chamava a criada.

— Como estão as coisas em Astbury? — ela perguntou.

— Bem, nossa mãe certamente melhorou; ela está radiante em comparação com a última vez em que você a viu. — Donald ergueu uma sobrancelha para sua irmã.

— Alguma indicação de que serei perdoada?

— Para ser honesto, não toquei no assunto recentemente. Ela tem estado tão

contente que eu não quis arriscar mencionar algo que possa pôr um fim em seu bom humor.

— Além disso, você deve estar ocupado acompanhando sua jovem herdeira americana ao redor de Devon.

— Estou fazendo minha obrigação, com certeza — ele concordou. — Hoje à noite tenho que ir a um baile horroroso, com a presença de todas as suas amigas debutantes.

— Você gosta de Violet, Donald? Estou ansiosa para conhecê-la.

— Sim, ela é uma garota adorável. Mas... — a expressão de Donald ficou sombria. — Você sabe que é só isso.

— Claro. Alguma notícia de Anni?

— Nem uma palavra. — Ele suspirou. — Escrevi até mesmo para a Scotland Yard para ver se havia a possibilidade de investigar seu paradeiro, mas não conseguiram nada. Ela literalmente desapareceu.

— Bem, pelo menos é alguma coisa — Selina consolou. — Podemos supor que ela não esteja morta?

— Selina, ela pode estar em qualquer lugar. Pode ser que nem mesmo tenha retornado à Inglaterra, como disse que viria. Na verdade, estou começando a pensar que ela ficou na Índia e simplesmente não teve coragem de me dizer.

Ambos ficaram em silêncio, pensando, enquanto a criada trazia o chá. Selina serviu uma xícara para cada um, fitando Donald pensativamente.

— Donald, querido, odeio ter que dizer isso, mas...

— Eu sei, por favor não diga nada — ele a cortou. — Estou começando a me dar conta de que talvez não tenha outra escolha que não seja tentar esquecer.

— Temo que sim — Selina concordou. — Sei que você a amava, mas...

— Eu a *amo* — Donald interrompeu.

— Sim, a ama — Selina se corrigiu. — Mas um casamento entre vocês nunca seria fácil. Você sabe como a sociedade inglesa é, e vocês teriam que lutar por aceitação.

— Não ligo para essas coisas — Donald disse, com raiva. — Fiquei lado a lado nas trincheiras com homens de todas as cores e crenças, vi sua coragem. *E* vi quando morreram, com tanta dor quanto qualquer homem de pele branca, devo acrescentar.

— Bem — Selina respondeu, com a voz fraca. — É mérito seu que não tenha preconceito, mas você sabe muito bem que muitos outros têm, e sempre terão.

— Você está dizendo que Anni me deixou para me proteger disso?

— Não, apenas sugerindo que é uma possibilidade. Estou tão confusa quanto você com a falta de contato dela.

— Espero que Anni nunca tenha se sentido desconfortável comigo por causa da cor de sua pele.

— Donald, querido — Selina tentou acalmá-lo. — Não estou dizendo que ela sentiu isso em relação a você, mas talvez de outros. Veja nossa própria mãe, por exemplo. Como seria se vocês tivessem filhos? Ele seriam mestiços e...

— Chega! — Donald bateu sua xícara contra o pires.

— Me perdoe — Selina disse, com lágrimas nos olhos. — Eu estava apenas tentando ilustrar as dificuldades que vocês teriam se as coisas tivessem acontecido como planejado.

— Nada disso teria importância se estivéssemos juntos — Donald se levantou. — Preciso me arrumar para essa festa maldita.

Donald subiu as escadas até seu quarto e caiu na cama, com a cabeça entre as mãos. Será que a teoria de Selina poderia estar certa? Será que Anni, para protegê-lo, havia decidido que ficar longe seria melhor?

Ele simplesmente se recusava a acreditar que esse era o caso. Anni sabia que ele desdenhava qualquer forma de preconceito.

Repetidas vezes, Donald chegou à mesma conclusão. Ele estava, agora, convencido de que Anni simplesmente não o amava o quanto pensava. Ou talvez ela amasse outro ainda mais, pensou, com um calafrio.

Lágrimas vieram e, pela primeira vez, ele seriamente contemplou um futuro sem ela. E percebeu que estava começando a perder a esperança.



25 de agosto

Me diverti no baile ontem à noite mais do que pensei que seria possível. Dois amigos meus da Harrow estavam acompanhando duas garotas. Foi muito bom encontrá-los, e conversamos sobre os velhos tempos. Ambos estão com casamento marcado para as próximas semanas e me convidaram a comparecer. E ambos, claro, me provocaram por causa de V., dizendo que eu tinha sorte por estar dançando com a garota mais bonita do salão...

Violet decidiu ficar na cidade por um pouco mais de tempo do que o planejado. E Donald receava voltar a Devon para informar ao Sr. Kinghorn de sua decisão final sobre a venda da propriedade, então resolveu adiar um pouco mais. Além de acompanhar Violet a vários jantares e locais famosos em Londres, Donald ia a seu clube em Pall Mall. Ele gostava de renovar amizades de ocasião e conversar até tarde da noite sobre a guerra.

Mais e mais ele percebia que, quando esteve em Londres depois do armistício, seu mundo inteiro girava ao redor de Anni e de seu amor por ela. Nada mais tinha importância, exceto estar com ela, e ele tinha pouco tempo ou vontade para fazer outra coisa. Era como se ele vivesse em uma bolha, e, apesar de seu coração ainda chamar por ela, essa distração atual acabava sendo bem-vinda.

Reconhecia que gostava do fato de seus amigos invejarem sua relação com Violet, que realmente parecia ser a beldade do turbilhão social de Londres. Ela era linda, inteligente e, como Donald começou a notar enquanto estava longe do casulo superprotetor de seus pais, possuía um caráter jovial e um senso de humor afiado.

Ele próprio se viu encantado por seu espírito de diversão e seu prazer genuíno em simplesmente estar viva. Enquanto Anni era profunda, apaixonada e sombria, Violeta era feliz, frívola e leve. Ele também percebeu que era infinitamente generosa, muitas vezes organizando surpresas para agradar seus muitos amigos.

Os convites chegavam aos montes e rápido, e ela era acolhida em qualquer mesa de jantar em Londres. Os homens competiam para ocupar o lugar ao lado dela e aproveitar sua companhia. Donald se viu acompanhando-a na maioria de seus compromissos sociais quase todas as noites, e, tinha que admitir, começou a gostar disso.

Quando a temporada de Violet em Londres aproximava-se do fim, eles foram convidados para jantar com Lorde e Lady Charlesworth em sua casa nas proximidades do Hyde Park. Seu filho, Harry, era herdeiro de uma das maiores e

mais importantes propriedades do país. Ele também era muito atraente, com uma personalidade charmosa e exuberante. Como de costume, sendo a garota do momento, Violet foi colocada ao lado de seu jovem anfitrião para jantar, e Donald observou que Harry e ela sussurravam um para o outro de modo íntimo. Era óbvio que ele estava impressionado com ela, e ela com ele.

Enquanto apreciavam a sobremesa, ele sentiu uma pontada territorial no coração e percebeu, de sobressalto, que estava com ciúmes.

Surpreendido por essa compreensão súbita, Donald ficou pensativo durante a volta para casa. Violet estava com seu alto-astral habitual, cheia de comentários sobre Harry e dizendo que ele a tinha convidado para visitar sua propriedade rural, em Derbyshire, quando a temporada de caça começasse, em poucos dias.

Na manhã do dia seguinte, havia uma carta para Violet sobre a bandeja de correspondência no saguão. Donald, passando por ali a caminho do café da manhã, virou-a e viu o selo de Charlesworth. Naquela noite, Violet não pediu a Donald para acompanhá-la, como de costume; em vez disso, uma de suas amigas veio para acompanhá-la, e Violet partiu em um exuberante vestido novo Paquin e em uma névoa de perfume. Ele não conseguiu dormir até que ouviu o som de seus passos leves subindo as escadas nas primeiras horas da madrugada.

Ela não apareceu para o café na manhã seguinte, mas estava à mesa para o almoço, bocejando.

— Você se divertiu a noite passada? — Donald perguntou, educadamente.

— Foi maravilhoso — ela disse, com uma expressão de sonho. — Harry conhece os melhores lugares de Londres. Ele me levou a esse clube alternativo onde tocam o melhor do jazz! Dançamos a noite toda, tanto que meus pés estão doendo. E seus amigos foram maravilhosos.

— Você vai ver Harry outra vez?

— Espero que sim. Ele é tão divertido.

— Bem, acho que precisamos pensar em retornar para Devon. Ou devo deixar você aqui em Londres? — Donald sugeriu. — Parece que você pode se cuidar sozinha.

O olhar de Violet se voltou para ele sob seus cílios, frágil de repente:

— Não tenho certeza se gostaria de viajar essa distância sozinha.

— Não me deixe atrapalhar sua diversão — ele respondeu, se sentindo com o dobro de sua idade. — Por que não chegamos a um acordo e partimos para Devon no fim da semana?

— Sim, seria perfeito! Estou me divertindo tanto em Londres. Obrigada, Donald.

— Por nada. Estou contente que você esteja se divertindo. Agora, com licença, tenho um compromisso no clube. — Donald se levantou e seguiu em direção à

porta, então parou e olhou para trás. — Talvez, antes de partirmos, você possa me levar a um desses lugares que Harry conhece.

— Ah, Donald, seria um prazer!

De repente, as coisas mudaram. Em seu desejo de agradar Violet, Donald se viu aprendendo a dançar o novo ritmo, que era tão popular na América e causou grande agitação na Inglaterra, durante as três noites seguintes. Chegavam à casa da Belgrave Square pouco antes do amanhecer, transpirando e rindo. Donald lhe dava um beijo de boa-noite ao pé da escada e ela sorria para ele, em seguida, o tap-tap de seus pés femininos subindo as escadas, indo para cama.

Em sua última noite em Londres, Violet havia desaparecido no andar superior, como de costume, e Donald foi para a sala de visitas tomar um conhaque. Assim que tomou um gole, admitiu que, naquela noite, convenientemente, quis beijá-la. Com um suspiro, ele percebeu que estava ansioso para voltar a Devon no dia seguinte e tê-la só para si.

— Anni — ele sussurrou para o ar, afundando com culpa na cadeira. — Me perdoe.

Durante a viagem de trem para casa, Violet obviamente estava esgotada por causa de seus passeios em Londres e dormiu a maior parte do caminho, enquanto Donald aproveitou o momento para refletir sobre os seus sentimentos.

Ele não tinha certeza se o interesse crescente por Violet era simplesmente uma reação ao sofrimento por perder Anni, mas também não podia ignorar o fato de que via em seus lindos olhos uma alternativa para seu futuro. Se vendesse Astbury, ficaria sem um objetivo na vida. Quando pensou nesse cenário pela primeira vez, Anni estava incluída na equação, e a ideia de recomeçar com ela a seu lado tornava as circunstâncias suportáveis. Mas, agora, Donald pensou com um suspiro, se fosse para vender seu lar e ficar sozinho, qual seria o propósito de sua vida?

Por outro lado, casar-se com Violet, de quem gostava muito e que, sem dúvida, faria Astbury Hall reviver com sua fortuna, sua personalidade e suas relações sociais, seria uma alternativa realmente terrível?

E, talvez, pensou, de certa forma, Selina tivesse razão; nos poucos meses após o fim da guerra, ele estava mental e emocionalmente destruído, marcado pelas coisas terríveis que tinha visto. Partilhar essa experiência com alguém que o entendia foi vital. Mas a longo prazo... Donald olhou pela janela do trem e se perguntou, sem rodeios, se poderia realmente ter dado certo. Estaria ele vivendo no paraíso dos tolos?

Ele também admitiu que tinha se divertido em seu antigo mundo durante o mês que passou em Londres. Por mais fútil que pudesse ser às vezes, pelo menos, ele *pertencia* àquele mundo. Estava certo de que nunca poderia amar qualquer pessoa como amava Anni, mas quem, de sua classe, *podia* se dar ao luxo de se casar por amor? Estava certo de que esse não era o caso de seus pais — eles

simplesmente formaram uma parceria de sucesso.

E ele não poderia pedir uma noiva mais bonita, Donald ponderou, admirando Violet do outro lado da cabine da primeira-classe. Não seria uma dificuldade fazer amor com ela, seria? Não havia dúvida de que ele já a desejava fisicamente.

Claro, sabia que havia grande chances de Violet recusar sua proposta. Ele era apenas *um* em uma série de pretendentes, e praticamente sem um centavo no bolso.

No momento em que o trem chegou a Exeter, Donald já tinha se decidido a pedir sua mão.

Durante o jantar naquela noite, os Drumners falaram sobre sua viagem para casa em uma semana.

— Ficaremos tristes por deixar as terras inglesas. Não é verdade, Violet? — Sissy perguntou à filha.

— Muito tristes — Violet respondeu, com um suspiro. — Eu me apeguei tanto à Inglaterra.

— E a Inglaterra certamente se apegou a você — Donald disse, com um sorriso.

— Mais tarde, enquanto fumavam seus charutos e tomavam seus conhaques na biblioteca, Donald criou coragem para dizer o que precisava.

— Senhor Drumner...

— Por favor, Lorde Astbury, me chame de Ralph.

— Então você deve me chamar de Donald — respondeu. — Ralph, você deve ter percebido que ganhei uma afeição muito grande por Violet.

Ralph ergueu uma sobrancelha.

— Sério? Bem, então, seu relacionamento mudou neste último mês.

— Sim, mudou — Donald concordou. — Violet é muito especial e — Donald pensou cuidadosamente para escolher as palavras que usaria — passei a estimá-la de várias maneiras.

— Ela é realmente especial — Ralph o examinou. — E com uma grande fortuna. Você pode entender que eu não gostaria de ver minha filha explorada por qualquer homem por esse motivo.

— Claro que não — Donald concordou rapidamente. — E posso garantir: não é da minha natureza tirar proveito.

— Mesmo quando os Astbury precisam de uma injeção abundante de dinheiro? — Ralph o encarou. — Acredite, Donald, não sou cego ou estúpido. Andei dando uma olhada por aí e vi com meus próprios olhos o tanto de dinheiro que esse lugar precisa para voltar ao que era.

— Ralph, me perdoe a franqueza, mas estou falando sobre meus sentimentos por sua filha, não sobre minha situação financeira — Donald respondeu, com a voz calma. — Na verdade, tenho um comprador para a propriedade e estou pensando seriamente em aceitar a proposta.

Ralph ficou verdadeiramente surpreso.

— Sério? Você está preparado para vender sua herança, a história de sua própria família? Este lugar, que, desculpe se estiver enganado, pertence a sua família desde os idos do século 17?

— Se for necessário, sim. No momento estou com a corda no pescoço, e, se não consigo encontrar um meio para pagar os débitos e restaurar a casa, devo ser realista, desapegar e vender.

Ralph ficou em silêncio, e Donald pôde ver que ele estava refletindo:

— Onde viveria se vendesse?

— Não tenho ideia, para ser honesto. Isso não é tão importante quanto garantir que eu, minha mãe, minha futura esposa e filhos estejamos financeiramente seguros.

— Acho que o subestimei, meu jovem. Passo meus dias tomando decisões financeiras difíceis que não podem e não devem ser influenciadas por minhas emoções. Com minha experiência, encontrei poucas pessoas que enfrentam esse tipo de problema com pragmatismo. Especialmente quando envolve o lar de uma família.

— Posso apenas garantir, Ralph, que planejo uma visita meu potencial comprador, o Senhor Kinghorn, no final desta semana. Pretendo informá-lo da minha decisão final.

— Que é vender?

— Sim — Donald respondeu. — Francamente, não tenho escolha.

— Mas vai partir o coração de sua mãe, não vai?

— Como você mesmo disse, não posso permitir que minhas emoções me influenciem. Preciso ser pragmático, acima de tudo.

— Você mencionou as circunstâncias para Violet? — Ralph perguntou.

— Não, mas, supondo que aceite se casar comigo, ela deve me amar o bastante para que o lugar onde iremos morar se torne irrelevante.

Donald não conseguiu conter o sorriso quando o Sr. Drumner entendeu as implicações de seu comentário.

— Claro — ele concordou, depois de uma pausa. — Assim que você pagar seus credores, vai sobrar alguma coisa da venda de Astbury?

— O suficiente para comprar uma casa decente no interior e manter nossa casa em Londres.

— Entendo.

— Espero que seja o suficiente para satisfazer as exigências futuras de sua filha — Donald acrescentou.

— Devo entender que você está pedindo a mão de minha filha em casamento?

— Sim — Donald concordou. — Mas entendo que, depois do que discutimos, você possa considerar que não é sensato consentir. Afinal, não posso dar a ela o que outros pretendentes podem.

— Ouça bem, meu jovem, apesar do que acabei de dizer, eu sei que o dinheiro não é a coisa mais importante a ser considerada aqui. O coração e o futuro de minha filha são importantes para mim. Você conversou com ela sobre seus sentimentos?

— Não. Achei inapropriado dizer qualquer coisa antes de falar com você.

— Bem, Donald, você me deu algo a pensar. Mas acho que, no final das contas, a decisão é de Violet.

— Então tenho a sua permissão para perguntar a ela?

— Sim. Entretanto, prefiro que não mencione o fato de que está considerando vender Astbury. Ambos sabemos que isso não acontecerá se ela aceitar seu pedido. Sou pai e quero que minha menininha tenha o melhor. — Ralph tomou o resto de seu conhaque e olhou severamente para Donald. — Jovem, devo admitir que não tinha muita confiança em você, mas sua honestidade durante nossa conversa me conquistou. Acho que você será um bom marido para minha filha.

— Obrigado, Ralph. Fico feliz que se sinta assim.

— Estou feliz se minha menina está feliz. Agora, vamos nos unir às mulheres na sala de visitas?

Talvez fosse osmose emocional, mas as três mulheres olharam para Donald e Ralph ansiosamente quando entraram na sala.

— Estou pronto para ir para a cama. Sissy, você me acompanha? — Ralph disse enfaticamente para sua esposa.

— Claro — Sissy respondeu, dando um beijo de boa-noite em Violet e deixando a sala.

Maud seguiu o exemplo, desejando bons sonhos a Donald e Violet.

— Então, aqui estamos nós — Donald disse, sem graça, quando finalmente ficaram sozinhos.

— Sim, aqui estamos nós — Violet respondeu.

Donald se sentou em uma cadeira a sua frente.

— Sabe, estava dizendo a seu pai que vou sentir sua falta quando você voltar a Nova York na semana que vem,

— Você vai? — Violet perguntou, com os olhos arregalados. — Ah, meu Deus!

— Sim, vou. Neste último mês, você deve ter notado que minha admiração por você cresceu.

— É muita gentileza sua dizer isso, Donald, obrigada.

— E estava discutindo com seu pai um modo de convencê-la a ficar mais tempo.

— Como?

— Bem — Donald respirou fundo. — Violet, entenderei se você sentir que é uma sugestão inapropriada, pois não sei quais são seus sentimentos por mim. Mas descobri que estou apaixonado por você. Então, estava imaginando se poderia... hum... perguntar se você gostaria de ser minha esposa.

Ela olhou para ele, o começo de um sorriso em seus lábios.

— Donald Astbury, você está tentando me pedir em casamento?

— Sim, e peço desculpas se pareço um pouco estranho. Não faço esse tipo de coisa todos os dias, sabe? — Donald respirou fundo outra vez e se ajoelhou em frente de Violet. Ele pegou suas mãos. — Violet Drumner, peço que você me faça o mais feliz entre os homens e me dê a honra de se casar comigo.

Ela olhou para ele, mas não respondeu.

Sentindo-se envergonhado e desconfortável no silêncio que seguiu, Donald continuou:

— Entendo completamente se outro homem tiver roubado seu coração e prometo que aceitarei sua recusa com dignidade.

Com isso, Violet jogou a cabeça para trás e riu.

— Você está falando de Harry Charlesworth?

— Sim, para dizer a verdade, estou — ele respondeu, não entendendo a piada.

— Ah, Donald, me perdoe. — Violet tentou se recompor. — Harry não tem qualquer interesse romântico em mim. Na verdade, ele não tem interesse em garota alguma, se é que você entende o que quero dizer.

— Você quer dizer que ele é homossexual?

— Sim! Mas claro! Não é óbvio?

— Para mim, não é.

— Bem — Violet disse, recomposta. — Tenho certeza de que Harry continuará a ser um dos meus melhores amigos no futuro. Na verdade, falei muito com ele sobre você. — Os olhos de Violet ficaram sérios de repente. — Ele me disse que você era um mistério.

— Ele disse, é?

— Ah, sim, aparentemente houve alguns rumores sobre você em Londres no ano passado.

— Sêrio?

— Sim, algo sobre ter uma mulher misteriosa e escondê-la de todos.

— Minha nossa. — A surpresa de Donald era genuína. — Não sabia que meus movimentos eram seguidos tão de perto.

— Donald Astbury! — ela reprovou. — Você é um membro da nobreza e solteiro, ainda por cima. Claro que as pessoas prestam atenção em você. Então, antes de lhe dar minha resposta, preciso saber se isso é verdade. Você teve um amor secreto?

Donald tentou formular uma resposta eloquente, sabendo que era vital:

— Houve alguém com quem me envolvi, sim. Mas garanto a você, Violet, isso foi há muito tempo.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Pela primeira vez, Donald acreditou em suas palavras.

— Bem, devo confessar, estou surpresa com seu pedido. Pensei que não tivesse interesse nenhum em mim — Violet admitiu.

— Sêrio?

— Sim, quero dizer — ela enrubesceu graciosamente. — Pensei que você pudesse ter notado há algum tempo que eu estava muito interessada em você.

— A pergunta é: você ainda está?

— Ah, Donald! Como você pode duvidar? Fiz o que pude para você me notar nestas últimas semanas. Sinceramente, você não percebeu?

— Francamente, achei que você estivesse apaixonada por seu amigo Harry Charlesworth.

— Não, seu bobo! Passei a maior parte do tempo reclamando com ele sobre você não me notar. E Londres inteira sabe que estou loucamente apaixonada por você.

— Você está? — Donald perguntou, embasbacado.

— Claro, desde o dia em que vi você pela primeira vez, subindo os degraus da varanda com sua roupa de montaria! — Ela abaixou os olhos de forma faceira.

— Então, isso significa que você pode considerar se casar comigo?

— Sim. Na verdade, ficarei muito feliz em dizer sim agora mesmo.

— Então também sou um homem feliz — Donald levantou Violet da cadeira e a tomou nos braços. — Então, se nos consideramos formalmente noivos, posso beijá-la?

— Acho que sim, pode, mas preciso perguntar uma coisa: ganho um anel?

— Violet... — Donald ficou horrorizado. — ... está lá em cima. Posso ir pegar agora e...

Violet colocou um dedo sobre os lábios de Donald.

— Shhhhh, eu estava brincando.

Donald buscou seus lábios, e eles eram macios e receptivos. Ele não sentiu a mesma paixão ardente que sentira por Anni, mas estava satisfeito com o entusiasmo de Violet. Ela finalmente se afastou e levantou seu rosto para olhar em seus olhos. Donald perguntou:

— Então, amanhã diremos a todos que o Lorde Astbury escolheu sua futura “Lady”?

— Isso seria maravilhoso. Mas não acho que ficarão surpresos. Nós, mulheres, presumimos que o motivo de vocês terem demorado tanto fumando e bebendo seria porque você estava pedindo a minha mão. Não tenho dúvida de que meus pais ficarão contentes. Minha mãe sabe o que sinto por você, e acho que, já que meu pai quis ir para a cama mais cedo, ele não tem qualquer objeção. Contanto que papai esteja contente, acho que o negócio está fechado.

— Bem, parece que está — Donald disse sorrindo, pensando naquela escolha de palavras. Ele bocejou de repente. — Me perdoe, estou exausto. Provavelmente por causa do nervosismo por ter que falar com seu pai. Vamos nos recolher? — Ele estendeu a mão e ela entrelaçou seus dedos finos e gelados nos dele. Eles saíram da sala de visitas e pararam no saguão, ao pé da escadaria principal.

— Não consigo acreditar que esta será minha casa — ela disse, maravilhada ao olhar para o vasto domo acima dela. — Mas acho que uma camada de tinta faria bem, você não acha? — ela perguntou enquanto subiam as escadas lentamente.

— Com certeza.

— E aposto que não tem aquecimento adequado. Acho que é bem frio aqui no inverno.

— Mais uma vez, você está certa — ele disse quando chegaram ao topo da escada. — Boa noite, então, minha linda Violet.

— Boa noite — ela disse graciosamente, e se virou para o corredor que levava a seu quarto.

Donald se virou na direção oposta para ir ao seu quarto. Assim que entrou, se sentou na cama estreita e olhou para a luz da lua através da janela.

— Anni, onde quer que você esteja, por favor, saiba que a amarei para sempre. Me perdoe.

Ele colocou a cabeça nas mãos e chorou.



30 de setembro

Os “velhos” de V., como ela os chama, estão prestes a retornar para Nova York. Papai Drumner precisa voltar por questões de negócios – supostamente para contar seus milhões. Violet fica em Astbury para organizar o casamento com minha mãe. Se eu esperava uma cerimônia discreta, ficarei decepcionado. Qualquer um pensaria que é um evento da realeza vendo a quantidade de pessoas que V. está determinada a convidar. Graças a Deus papai Drumner está arcando com os custos por sua menininha. Ontem à noite ele me chamou até a biblioteca para uma conversa...

— Então — Ralph disse enquanto se servia de uma dose grande de conhaque antes de se sentar e acender um charuto. — Me aquece o coração ver minha garotinha tão radiante.

— Farei tudo o que puder para garantir que ela continue assim, senhor — Donald disse, sentando-se a sua frente.

— Agora, vamos falar sobre aquele detalhe, a fortuna de Violet. Passará para as mãos dela em seis semanas, em seu aniversário de vinte e um anos. É uma quantidade considerável de dinheiro, mas tenho ciência de que grande parte dele será usado para pagar as contas de Astbury Hall e restaurar o lugar que será seu futuro lar.

— Ralph, como eu disse na noite em que pedi a mão de Violet, se você está desconfortável com isso, ficarei contente em dizer ao Senhor Kinghorn que a propriedade é dele. Podemos nos mudar para um lugar menor.

— Como você sabe muito bem, meu jovem, minha filha ficaria horrorizada com isso — Drumner retrucou. — Vamos ao que interessa: quero saber exatamente quanto. E você pode acrescentar mais cinquenta mil para o interior. Você vai descobrir que minha filha só quer o melhor. Pode fazer isso por mim, filho?

— O que certamente posso fazer é lhe dar uma estimativa — Donald concordou.

— Bem, não seja tímido. Sou a favor de acertar as coisas desde o início, e quero que Violet tenha a melhor casa da Inglaterra. O que for preciso, garanto que tenho dinheiro suficiente para pagar. E mais um pouco — Ralph acrescentou. — Os investimentos dela decolaram desde a guerra. Violet é uma jovem muito rica. Tudo o que peço é que você faça minha garotinha feliz. Se não fizer, ou se fizer besteira, você sabe do que estou falando, não ficarei feliz. Você me

entende?

— Entendo — Donald concordou, pensando que Ralph Drumner sabia ignorar as leis da etiqueta assim como os sentimentos.

— Contanto que falemos a mesma língua, sou a favor do casamento. Parece que você tem um projeto em mãos, e, considerando que eu assinarei os cheques na posição de consultor de Violet, sugiro que você comece a fazer cotações o quanto antes.

— Vou começar.

Enquanto Donald começou a pesquisar os custos de restauração do prédio, Violet se ocupava da decoração. A casa ficou coberta com amostras de tecido para cortinas, e negociantes chegavam de Londres para oferecer móveis em estilo moderno, tapetes coloridos, abajures e colchões novos para todas as camas, que Violet insistia que ela e Donald deveriam experimentar.

— Se formos ter convidados durante os finais de semana, simplesmente não posso deixar que eles durmam nos que se encontram aqui no momento. Eles provavelmente estão infestados de insetos também — Violet estremeceu enquanto se levantava de um colchão colocado sobre o piso da sala de visitas. Pegando uma amostra de pano cor damasco, ela o segurou contra a luz — Você não acha que esse tom ficaria adorável aqui? Deixaria a sala mais aconchegante. — Ela colocou a amostra sobre os cabelos. — Em vez disso, devo usá-lo como um véu? — Ela caminhou na direção de Donald e deu-lhe um beijo amoroso no rosto. — Seria incrível se a casa estivesse restaurada antes de nossos amigos chegarem para o casamento.

Donald sabia que, se havia alguém que poderia deixar a casa em ordem rapidamente, essa pessoa seria Violet. Já era possível notar tábuas por todo o lado, com encanadores e eletricitistas estudando o que poderia ser feito para instalar aquecimento e iluminação modernos na casa, e pintores se reunindo para planejar o enorme trabalho de decoração dos quartos assim que o básico estivesse pronto. Donald enviava as estimativas para Ralph por correio assim que as recebia, seus olhos ardendo ao ver o custo. Até aquele momento, ele não tinha recebido reclamações.

Violet já havia contratado um designer de interiores, Vincent Pleasance, recomendação de seus amigos finos de Londres. Pessoalmente, Donald não conseguia suportar Vincent, pois ele desfilava pelo Hall exaltando sua visão do novo Astbury para Violet.

— Minha nossa — Maud disse durante o café da manhã, enquanto a atenção de Violet estava concentrada em redesenhar o quarto principal. — Ela não vê que é como a roupa nova do imperador? Aquele homenzinho horrendo vai colocar vocês para dormir sobre o *boudoir* de uma meretriz se você não tiver cuidado, Donald.

— Disse a ele que não tocasse em meu quarto de vestir, mãe. E que gosto da

maneira como está.

— Esperava que você gostasse. Violet também sugeriu que Vincent desse uma olhada na casa para onde vou me mudar depois do seu casamento, para “atualizá-la”. Basta dizer que recusei sua ajuda. Vai me servir bem do jeito que está.

A data do casamento foi marcada para o início de abril de 1920. Donald ficou aliviado em se retirar para Londres, deixando Violet no comando da organização da casa para o casamento. Ela era incansável em seus esforços para supervisionar o menor dos detalhes, e Donald sentiu que a melhor coisa a fazer era deixá-la cuidar de tudo.

No clube, ele recebeu inúmeros tapas nas costas e garrafas de champanhe.

— Conseguiu uma das boas, velho amigo!

— Ela vai servir para você bem até demais, e encher Devon de dinheiro!

— Deslumbrante! Mal posso esperar pelo casamento e aposto que você também não, hein?

14 de outubro

Voltei para Devon semana passada para falar com o administrador da propriedade sobre o novo equipamento de que ele precisa. A casa está um caos, com vendedores e trabalhadores por todo o lado e V. presidindo tudo como uma rainha. Realmente a admiro; sua tenacidade e recusa em aceitar um não são tão antibritânicos. Às vezes me pergunto se ela ama Astbury mais do que ama a mim...

Os Drumners voltaram de Nova York para o Natal, e Donald sabia que estavam impressionados com o que sua filha havia alcançado até o momento. Donald se recusou a comentar sobre a sugestão de tapetes para a sala de visitas. Antiquado composto de peles de dezoito leopardos, costuradas por um famoso designer italiano. Ele não pôde conter o riso ao ver a expressão no rosto de sua mãe quando ela examinou a peça pela primeira vez.

— O que você acha, mãe? — Violet havia começado a tratar Maud dessa forma.

— Bem, não é o que eu escolheria na minha época — Maud reconheceu, com certa graça.

— Acho que é maravilhoso, querida — Sissy disse, sentada na poltrona Chesterfield recém-revestida em vermelho. — Você deixou o ambiente mais aconchegante.

— Você gostou, Donald? — Violet perguntou a seu noivo. — As peles estão na moda agora.

— Acho que é bem... impressionante — ele respondeu, com diplomacia.

O planejamento era para que a maior parte do trabalho estrutural fosse executada quando Donald e Violet partissem para uma lua de mel prolongada depois do casamento, em abril. A primeira parada seria em Nova York, onde Donald seria apresentado à sociedade. Depois disso, Violet desejava voltar para a Europa, de modo que eles alugariam uma casa na Itália para o verão.

— Vai ser tão romântico em Veneza, apenas você e eu — Violet disse alegremente, quando fez a sugestão.

Conhecendo Violet, Donald pensou mais tarde, eles quase certamente não ficariam a sós por muito tempo. Ela também já tinha mencionado os amigos que estavam hospedados nas proximidades. Nunca tendo se interessado pelo frenético turbilhão social, Donald apenas esperava que, uma vez que retornassem a Astbury depois da lua de mel, Violet se acalmasse. Mas começou a duvidar disso quando um grupo de amigos de Londres veio para passar o fim de semana e os corredores tilintavam com o som de risos e do gramofone, que tocava sem parar.

— Precisamos contratar mais empregados, Donny — Violet disse em uma manhã de fevereiro, quando o último hóspede partiu depois de uma semana particularmente agitada. — Os que temos simplesmente não conseguem dar conta.

— Claro — ele respondeu e, em seguida, decidiu dar um passeio na várzea com Glory. Ele se sentou em seu lugar preferido às margens do riacho e tremeu com o ar frio da manhã, perguntando-se se teria coragem para dizer não a qualquer pedido de Violet. De fato, dado que ela tinha pago por tudo, como poderia negar alguma coisa?

Levantando-se e andando de um lado para o outro porque estava muito frio na várzea para ficar sentado, Donald se perguntou o que exatamente restaria do velho Astbury Hall quando Violet terminasse. O projeto atual focava em novas obras de arte para as paredes. Naquela manhã, ela manifestou seu descontentamento com os retratos de família colocados ao lado da escada.

— Eles são tão sem graça, querido! Há alguns trabalhos maravilhosos de artistas modernos que realmente iluminariam o lugar. Estou apaixonada por Picasso. Dei uma dica a meu pai de que o adoro e, por isso, estou esperando que ele possa obter uma peça para nós como presente de casamento. Não seria maravilhoso? — ela disse enquanto o abraçava.

Ele pressionou seus lábios, decidindo que seria melhor ter esse tipo de discussão depois que voltassem da lua de mel e a casa estivesse pronta.

Donald chutou um torrão de grama congelada. Não dormira muito bem nas últimas duas semanas, acordando no meio da noite, coberto de suor e em pânico sobre o futuro. Tudo que o sustentava era o fato de que Astbury estaria a salvo por pelo menos mais duas gerações, mesmo que ele tivesse de tolerar a casa cheia com os amigos de Violet.

Donald suspirou. Ao salvar Astbury, sentia que sacrificara a si mesmo. Ainda assim, sabia que nada poderia ser feito para mudar as coisas. As rodas foram

colocadas em movimento, e, como um trem desgovernado, tudo ganhou velocidade, até que eles fossem arremessados para a frente.

2 de abril

Amanhã me caso com V. A casa inteira está em estado de grande excitação e ansiedade, com V. correndo de um lado para o outro, se certificando de que tudo está exatamente como deseja, desde flores sobre a mesa do salão de festas até o estilo do cabelo das damas de honra. Ontem ela deu um escândalo e mandou devolver os cartões da liturgia porque a fonte não era de seu agrado. Às vezes, espero apenas ser do seu agrado, também...

Donald acabou de escrever em seu diário e o colocou na estante com os outros livros. Sentia que aquela era a única forma de expressar a si mesmo o que lhe restava — com quem mais poderia falar a respeito dos seus anseios sobre o futuro? Ele tinha visto as sobrancelhas de sua mãe erguidas inúmeras vezes para o que ela considerava ostentação e vulgaridade por parte de Violet. Mas, uma vez que ela mesma havia iniciado o processo para finalmente levar seu filho ao altar da capela da família, quase não podia reclamar.

Donald deitou-se em sua cama pela última vez como um homem solteiro. Amanhã à noite, estaria se mudando para a recém-decorada suíte do casal — com acesso direto para uma sala de estar e banheiro —, onde iria começar a compartilhar a cama e a vida com Violet.

Ele permaneceu deitado, sem dormir, até as primeiras horas da madrugada, ansiando pela calma e pela força de Anni. Quem dera fosse ela deixar a igreja amanhã como sua esposa, para depois compartilhar sua cama...

Culpado com sua súbita excitação ao pensar nisso, Donald se virou e tentou dormir.

Nos meses seguintes, o casamento de Violet Drumner com Lorde Donald Astbury ainda era mencionado em tom de deslumbramento. Os sortudos convidados que estavam presentes falaram, maravilhados, das lindas flores que decoravam a capela, da recepção suntuosa e do baile na ampla galeria ao som do Quarteto Savoy, que veio especialmente de Londres.

E, é claro, a própria noiva, com deslumbrantes bordados franceses e rendas feitos a mão, com uma cauda quase tão longa quanto a nave da capela. *Tatler* cobriu o casamento em inéditas oito páginas, com fotos da elite social americana e britânica, um encontro saudável entre políticos e estrelas glamourosas do palco e da tela.

Na manhã seguinte, durante o café da manhã, Donald chegou à varanda e encontrou os Drumner babando nas fotografias em todos os jornais nacionais.

— Ao que parece, nossa pequena festa causou uma grande agitação, filho —

Ralph comentou, sorrindo de orelha a orelha.

— Violet está maravilhosa nas fotos, e, é claro, você está bem atraente também, Donald. Falando nisso, — Sissy disse, com uma piscadinha —, como está a minha menina esta manhã?

— Muito bem, eu acho. A criada levou uma bandeja de café da manhã para ela e eu pensei em deixá-la sozinha um pouco.

— Rapaz sensato — murmurou Ralph. — Você está aprendendo as regras rápido.

Quando os hóspedes que passaram a noite ali começaram a chegar para o café, Donald disfarçou e subiu para seu vestiário.

4 de abril

Bem, aqui estou, casado com V. Todos estão contentes com os eventos do dia de ontem e, admito, V. fez um ótimo trabalho.

Ele parou, olhou pela janela e pensou em como expressar os seus sentimentos em palavras.

Foi tudo bem em nossa primeira noite juntos. V. parecia um sonho em sua camisola de seda – muito mais agradável que a montanha de rendas que ela usou para se casar comigo –, e acho que foi satisfatório. Claro, não foi como era com A., mas estou resignado com o fato de que nada poderia se comparar. Daqui em diante, sou um homem casado e farei o meu melhor para ser um marido respeitoso. V. é uma menina doce e merece isso. Preciso arrumar as malas para partir para a América com os Drummer amanhã de manhã.

Um mês depois, Selina estava na sala de visitas da casa em Londres, olhando as fotografias do casamento de Donald e sua noiva na *Tatler*.

Antes do casamento, Donald a havia visitado para informar que, após insistir com sua mãe, ela, Henri e Eleanor estavam convidados. Ela perguntou se ele estava feliz.

— O suficiente — ele respondeu, e logo mudou de assunto.

Selina estava na casa da Belgrave Square uma tarde, organizando os últimos itens que levaria para sua nova casa com Henri, em Kensington. Quando Donald e Violet retornassem da lua de mel, aquela casa seria apenas dele, e a criada estava no andar superior embalando o que restava de seu antigo quarto.

Selina ouviu a campainha tocar, mas não se moveu para atender. Três minutos depois, ouviu uma batida na porta e a governanta entrou.

— Com licença, condessa, há uma... pessoa estrangeira que deseja ver a senhora. Ela veio à casa ontem à noite, dizendo que havia deixado algo aqui

alguns meses atrás, mas eu a mandei embora.

— Sério? Qual o nome dela?

— Ela diz que se chama Anahita.

O coração de Selina perdeu o compasso.

— Certo — disse, se recompondo do choque. — Por favor, peça para ela entrar.

Ela se levantou quando Anni entrou na sala de visitas. Selina notou imediatamente que ela estava assustadoramente magra.

— Olá, Selina. Vim buscar minha mala. Deixei aqui antes de ir embora.

— Por favor, Anni — Selina respondeu. — Sente-se. Vou pedir um chá.

— Obrigada.

Ela se sentou e, assim que a criada foi dispensada, Selina perguntou:

— Anni, o que aconteceu com você? Onde estava? Sua aparência está péssima. Donald e eu ficamos loucos de preocupação.

— É uma longa história. Fiquei doente enquanto estava na França. Voltei para a Inglaterra e fiquei em um hospital por muitos meses.

— Anni, por que você não me procurou? Sabe que eu poderia ter ajudado.

— Sei, Selina, sei e agradeço, mas estava doente demais para saber onde estava. Algumas coisas acontecem... inesperadamente — Anni suspirou.

— Lamento ouvir que estava doente.

— Obrigada. Estou recuperando minhas forças a cada dia — Anni disse, sorrindo pela primeira vez.

— Onde você está morando agora? — Selina continuou, entendendo que, fosse qual fosse a verdade sobre o desaparecimento de Anni, ela estava receosa e relutante em falar a respeito.

— Uma amiga dos meus tempos de colégio, chamada Charlotte, mora em Yorkshire. Ela tem sido muito gentil comigo e me ofereceu um lugar para ficar até que eu pudesse me recuperar. Sua família tem uma casa na várzea de Yorkshire e nós... eu moro lá. Logo, quando estiver mais forte, espero voltar a Londres para trabalhar como enfermeira outra vez.

— Você deveria ter procurado um de nós, pelo menos, Anni — Selina disse quando a criada reapareceu com o chá.

— Mas, Selina, escrevi uma longa carta de Paris dizendo a Donald que ainda demoraria para voltar e pedindo para ele esperar por mim. Mandeí mais cartas recentemente, também. Ele não as recebeu?

— Não, Anni, ele não recebeu. Na verdade, ele não tem notícias suas há mais de um ano, desde que você chegou a Calcutá. — Selina notou Anni empalidecer,

e seus dedos longos e magros ficaram tensos ao redor de sua xícara.

— Como está Donald? — Anni perguntou.

— Ele está bem, ele está muito bem, ele está... no exterior até o fim do verão — Selina acrescentou, despreparada e incapaz de dizer a verdade àquela mulher triste e fraca.

— Ah, entendo. Então acho que não vou vê-lo por meses. — Ela sorriu debilmente para Selina. — Bem, se esperamos esse tempo todo, o que são mais algumas semanas?

— Claro — Selina disse, prestes a chorar diante de uma situação tão devastadora.

Anni tomou um gole de chá.

— Então, onde exatamente ele está?

— Em Nova York no momento, e depois acredito que ficará na Europa até o fim do verão.

— Suponho que ele tenha vendido Astbury e precisou de um tempo longe.

— Não, Anni, Astbury não foi vendida.

— Sério? Fico feliz por ele. Sabia que estava muito triste com a ideia de vender.

— Sim. E você teve sorte por me encontrar aqui hoje. Estou apenas coletando o resto de minhas coisas agora para a casa que tenho com Henri em Kensington. Estamos esperando um filho.

— Selina! — Os olhos de Anni se encheram de lágrimas. — Parece que seu amor, que teve um começo tão difícil, finalmente teve um final feliz.

— Sim, parece que sim.

Enquanto Anni tomava seu chá, Selina chegou a uma conclusão. Não era sua responsabilidade dizer a essa garota, que tinha escrito pedindo para Donald esperar por ela, que o homem que ela amava havia se casado com outra.

— Você poderia pedir para sua criada pegar minha mala? — Anni perguntou. — Acho que Donald guardou para mim no quarto dele.

— Claro. A melhor coisa é, na minha opinião, você deixar seu endereço, e ou o entregarei a Donald assim que ele voltar. Tenho certeza de que ele vai procurá-la imediatamente.

— Obrigada.

Selina chamou a criada para encontrar a mala e procurou papel e caneta na gaveta da escrivaninha.

— Agora, Anni, me diga a verdade. Você precisa de dinheiro?

— Não, obrigada, tenho o bastante — Anni respondeu, orgulhosa.

Selina ofereceu o papel e a caneta.

— Por favor, escreva seu endereço, e vou dar a você o meu endereço novo em Kensington. Enquanto Donald estiver fora, se tiver alguma coisa que você precise, me escreva. Promete?

— Sim, mas, como disse, espero voltar ao trabalho logo — ela respondeu enquanto a criada trazia sua mala. — Você tem o endereço de Donald em Nova York? Gostaria de escrever para ele também. Se ele não recebeu minhas cartas, deve estar preocupado.

— É verdade, mas, infelizmente, não tenho o endereço dele em Nova York; ele está se mudando muito de um lugar para outro — Selina mentiu. — Na próxima vez em que ele telefonar, vou dizer que você passou por aqui. Ele vai ficar aliviado por saber que você está viva e bem.

Anni colocou sua xícara sobre a mesinha. E a revista *Tatler*, suas páginas abertas nas fotografias do casamento, chamou sua atenção.

— Este é o Donald? — perguntou, se inclinando para olhar mais de perto.

— Sim, em algum evento...

Mas era tarde demais. Anni agarrou a revista.

A Revista *Tatler* comemora o casamento do ano entre Lorde Donald Astbury e Violet Rose Drumner...

Anni passou alguns segundos examinando as fotos, então se sentou abruptamente, os olhos cheios de angústia.

— Ele se casou? — ela disse, sua garganta se fechando, tornando difícil sua respiração. — Ele está casado... Eu... Por que você não me disse? Como pôde não me contar?

— Anni, eu...

— Não acredito que está casado. Pedi para ele esperar... — Sua cabeça caiu em suas mãos, que formaram punhos que batiam contra sua testa.

— Anni, por favor, Donald não teve notícias suas por meses. Sua amiga Indira disse que você retornaria diretamente para a Inglaterra de Paris. Como você não voltou, ele pensou que você não o quisesse mais. Por favor, já faz quinze meses desde que você foi para a Índia. Sinto muito, Anni, você não merece isso — Selina concluiu, sem mais chavões de conforto.

— Preciso ir embora agora — Anni disse, tentando se levantar. — Adeus — ela se virou em direção à porta da sala de visitas.

— Anni, garanto a você, ele não ama Violet. Sei que não. Ele sempre amou você, sempre!

A porta da sala de estar bateu depois que Anni se foi.

21 de agosto

Bem, aqui estamos, de volta a Astbury. Não que eu pudesse reconhecer o interior da minha velha casa. Os trabalhadores continuaram fazendo seu trabalho enquanto estivemos longe, e sinto como se estivesse vivendo em algum tipo de hotel de luxo quando vou até a sala de visitas ou à sala de jantar ou enquanto passo pelos corredores. Vou demorar a me acostumar, mas devo admitir que estou impressionado com a organização de V. Foi maravilhoso em Nova York; a família e os amigos de Violet me receberam de braços abertos. Não é à toa que ela é tão ativa — a energia da cidade é diferente de tudo o que eu já vi. O pulso da cidade bate rápido, vinte e quatro horas por dia, e há uma urgência que faz Londres parecer pedante e entediante.

Já a Europa foi tão civilizada quanto me lembrava, e Violet organizou festas e jantares todas as noites para nos manter entretidos. Ela é uma maravilha, e todos a adoram. Até mesmo o príncipe Henry, filho mais novo do Rei George, encontrou tempo para desfrutar de sua hospitalidade, que se tornou famosa na Itália.

Felizmente, gosto mais e mais dela, pois considero sua disposição em aprender e seu gosto pela vida atraentes, ainda que ela me faça sentir como um idoso. Às vezes, mal posso acreditar que temos quase a mesma idade. Ela é como uma criança hiperativa que também precisa de proteção e orientação, e, pelo menos, encontrei consolo ao dar isso a ela. Ainda não a vi desanimada ou de mau humor. Qualquer que seja o problema, ela se sente obrigada a resolver. Basta dizer que muitos dos meus medos antes do casamento foram acalentados. E, graças a Deus, realmente acredito que os fantasmas do passado estão finalmente me deixando...

Donald se sentou na escrivaninha de sua biblioteca, abrindo um monte de correspondências que se acumularam nos últimos quatro meses. Ele agora tinha o luxo de colocar todos os pedidos de dinheiro em uma pilha e entregar para Violet enviar a seu pai. O cômodo estava sufocante — foi a primeira vez que sentiu vontade de abrir uma das antigas janelas para deixar o ar entrar. Violet estava testando o novo sistema de aquecimento central, e o cheiro de tinta fresca pairava no ar. Donald afundou os sapatos no carpete, que era tão espesso que imaginava se deveria ser aparado, tomou um gole de seu café de uma nova xícara de porcelana Limoges. Tudo na casa foi projetado para o conforto, dos colchões novos e macios sobre as camas até as novas banheiras com suas torneiras douradas e reluzentes que sempre tinham água quente, a qualquer hora do dia. Voltando a atenção para a correspondência, reconheceu a caligrafia de Selina e abriu a carta.

21 Pitt Street,
Kensington, Londres
15 de agosto de 1920

Querido Donald,

Espero que esta carta o encontre bem depois de seu regresso das viagens. Obrigada pelos cartões-postais de todos os lugares maravilhosos que você teve a sorte de visitar. Talvez, quando estiver em casa, você possa encontrar tempo para nos visitar em Kensington. Tenho certeza de que não é tão grande como a nova e restaurada Astbury, mas gostaria de ver você assim que possível. Recebi uma visita, veja bem, de alguém que ambos conhecemos. Por favor, me telefone ou talvez você possa vir à cidade assim que possível. Você poderia incluir qualquer outro negócio que tenha pendente.

Com amor, querido Donald, e Eleanor te manda um beijo.

Selina

Donald releu a carta para se certificar de que não se enganou com a referência sutil, mas sabia que não era o caso. Ele se encostou na cadeira e então, sem enrotação, pegou o telefone recém-instalado, discou para a telefonista e deu o número de Selina para a atendente.

Dois dias depois, Donald viajou para Londres e foi direto para a casa de Selina em Kensington.

— Ela foi à casa de Belgrave Square? Você a viu? Como ela está? Onde ela esteve esse tempo todo? Eu...

— Donald, por favor, vou contar — Selina disse. — Mas primeiro vamos à sala de visitas, onde podemos ter privacidade.

— Desculpe, Selina, não consigo dormir há quarenta e oito horas, como você pode imaginar — ele suspirou.

— Entendo. Como o sol já está quase além do jardim, que tal uma bebida?

— Vou precisar de uma?

— Eu certamente vou — Selina suspirou e pediu ao mordomo para trazer a bandeja com a bebida até a sala de visitas.

Fechando bem a porta, Selina examinou seu irmão.

— Em primeiro lugar, Donald, devo dizer que você parece estar muito bem. Você se divertiu? — ela perguntou, sentando-se com dificuldade. Donald notou a protuberância.

— Sim, mas, Selina! Você está grávida. Que maravilha! — ele caminhou até sua irmã e a abraçou. — Parabéns. Para quando é?

— Uns dois meses e, para ser honesta, queria que chegasse logo. Está sendo um verão longo e quente, presa aqui em Londres. Henri se recusa a viajar para a França para não afetar o bebê.

— Você está radiante, Selina.

— Estou muito feliz, sim. É como se o ciclo estivesse se completando. Vai ser bom para Henri e para mim ter um filho nosso.

— Claro que sim. E esta casa é linda.

— Nos mudamos para cá para que as crianças tenham um pouco de espaço para correr, um jardim, quando estivermos em Londres — explicou. — Percebi, recentemente, que tivemos sorte em crescer em Astbury, com a várzea ao nosso redor.

O mordomo chegou com os drinks, e Donald tomou um longo gole de seu gim. Assim que estavam sozinhos outra vez, ele não pôde mais suportar o suspense.

— Diga, Selina, ela está bem?

— Bem, ela está viva, mas... Ah, Deus, ela estava com uma aparência péssima, Donald. Magra como um rastelo. Ela me disse que esteve muito doente, em um hospital.

— Meu Deus. — O sangue de Donald congelou em suas veias. — Ela está se recuperando?

— A verdade é que eu não sei. Juro que não disse nada a ela sobre o que aconteceu com você, mas ela viu as fotos de seu casamento na *Tatler*, que estava aberta sobre a mesinha de centro quando ela chegou. Depois, lamento dizer, ela foi embora correndo. — Selina mordeu o lábio.

Donald colocou a cabeça nas mãos.

— Que jeito terrível para ficar sabendo. Ela disse por que não escreveu?

— Ela disse que *escreveu*, Donald, para dizer que iria demorar mais do que esperava. E — os olhos de Selina se encheram de lágrimas — para pedir para você esperar por ela. Conteí que receava de que você nunca tenha recebido uma carta, já que você nunca me disse nada. Você recebeu?

— Não, não mesmo — Donald negou veementemente com a cabeça. — Eu teria contado a você. Se eu tivesse recebido tal carta, *teria feito* o que ela pediu. Você sabe onde ela está agora?

— Ela me deixou o endereço antes de a *Tatler* destruir seu mundo. Eu disse que o daria a você assim que chegasse da Europa.

— Onde ela está morando?

Selina se levantou e foi até a escrivadinha. Retirando um pedaço de papel da gaveta, entregou-o a Donald.

— Este é o endereço. Ela está em algum lugar em Yorkshire, com uma antiga amiga de escola.

— O que ela está fazendo lá? Anni sabia que, se precisasse, eu a ajudaria. Ela sabia como eu a amava e que tudo que ela precisasse eu...

— Donald, me perdoe, mas passei todos os dias desde que a vi, três meses

atrás, me fazendo as mesmas perguntas. — Selina torceu as mãos. — Tenho certeza de que ela teve seus motivos.

— Bem, claro. Devo ir até ela assim que possível. Você pode me ajudar? — ele implorou.

— Claro que sim, mas não é certo que você irá encontrá-la. Ela pode ter se mudado a essa altura.

— Pelo menos vão saber me informar para onde ela foi? Meu Deus, Selina, por que diabos não recebi aquelas cartas?

— Também pensei sobre isso — Selina disse, vendo a agonia nos olhos de seu irmão. — E temo que provavelmente tenha sido culpa minha.

— Como poderia ser sua culpa? — Donald perguntou.

— Porque mencionei Anni sem querer para nossa mãe, sobre você tê-la reencontrado na França quando a guerra acabou, pouco antes daquela discussão horrível sobre meu casamento com Henri. E também que Anni nos visitou na Belgrave Square — ela acrescentou, com tristeza.

Com isso, Donald se sentou, entendendo imediatamente o que sua irmã tentava dizer.

— Certo — ele disse.

— Claro, não tenho certeza, mas, considerando que nossa mãe sabia do estado de miséria de Astbury, não seria do interesse dela ver você vender o seu lar e se casar com uma indiana.

— Selina, você está tentando dizer que nossa mãe pode ter interceptado as cartas de Anni? — Donald perguntou, horrorizado.

— Por favor, essas perguntas você deve fazer a ela, se ousar. Certamente, se foram destinadas a você e postadas da Índia, ou de qualquer outro lugar no exterior, ela certamente poderia ter chegado a uma conclusão? E, então, quando você finalmente acreditava que Anni não voltaria, nossa querida mãe convidou a bela e rica Violet Drumner para cuidar do seu coração partido e encher os cofres de Astbury.

— Não posso acreditar que ela seria tão manipuladora. — Donald balançou a cabeça.

— Sério? Bem, se ela realmente interceptou as cartas de Anni, eu diria que seu comportamento foi esperado. Quero dizer, a vida de nossa mãe sempre girou em torno dela mesma, não é? Infelizmente, Donald, não duvido que ela tenha feito isso. Pelo menos me deixou determinada a ser uma mãe amorosa para meus filhos. Só Deus sabe como papai a tolerava. — Selina balançou a cabeça. — Ela sempre foi fria.

— Se ela fez isso, Selina — Donald cerrou os pulsos, em desespero —, juro que posso cometer um assassinato em breve. Aquela mulher não tem coração?

— Apenas o suficiente para mantê-la viva. Para ser justa, ela também teve que fazer um grande sacrifício para manter Astbury. Tenho certeza de que não deve ter sido fácil assistir enquanto sua esposa assumia o controle de seu adorador. Achei que não ouviria outra coisa durante o casamento exceto como o tapete Schiaparelli feito com dezoito peles de leopardo era medonho.

— É bem vulgar. — Donald fez uma careta. — Mas ouça, Selina, o que faço agora?

— Não sei, Donald. Duvido que Anni vá incomodá-lo agora que sabe sobre o seu casamento. Ela sempre foi muito orgulhosa.

— É verdade, mesmo me preocupando muito no início do meu casamento com Violet, temos nos dado muito bem nas últimas semanas — Donald admitiu. — Não gostaria de ferir seus sentimentos. Jurei no dia em que me casei com ela que seria um marido fiel. Posso não amá-la como amei Anni, mas nada disso é culpa dela.

Selina estendeu uma mão e tocou o ombro de Donald.

— Entendo. Talvez seja melhor deixar o passado no passado.

Donald encarou a irmã, seus olhos transbordando tristeza.

— Acho que ambos sabemos que não posso fazer isso.



1 de setembro

Ainda estou desnordeado com o que Selina me disse sobre a visita de A. O pior de tudo é que ela me escreveu. A raiva que sinto da minha mãe se ela, de fato, interceptou as cartas, como Selina suspeita, não conhece limites. Até confrontá-la, não saberei com certeza. Mas isso terá que esperar por enquanto, uma vez que a coisa mais importante a fazer é encontrar A. Mesmo que ela não esteja onde Selina indicou, espero que seus amigos tenham o novo endereço. Eu disse a V. que vou dar uma olhada em novos equipamentos para a fazenda. Odeio mentir, mas preciso encontrar A. a qualquer custo...

Donald encostou o carro ao lado da paróquia de Oxenhope, um vilarejo agradável em Yorkshire, aninhado na várzea. Seu coração batia mais forte quando deixou o carro e caminhou até o portão de madeira. Olhou para a casa, não ousando acreditar que a mulher que assombrava seus sonhos há quase dezenove meses poderia estar em algum lugar lá dentro.

— Por favor, Senhor, que ela ainda esteja aqui — ele murmurou em voz baixa.

Encontrando coragem, tocou a campainha. Uma criada abriu a porta poucos segundos depois.

— Posso ajudar?

— Sim, estou procurando por Anahita Chavan. Uma amiga disse que ela estava morando aqui.

— Sinto muito, nunca ouvi esse nome, senhor. Apenas o Reverendo Brookner e sua filha residem aqui no momento. Estou aqui há dois meses, mas tudo indica que a casa sempre foi deles.

— Entendo. O Reverendo ou sua filha estão no momento?

— O Reverendo está na paróquia, mas a Senhorita Brookner está no jardim.

— Posso entrar e falar com ela? — Ele entregou a ela o seu cartão de apresentação.

A criada estudou o cartão, depois ficou de lado para que Donald pudesse entrar. Ela o levou até uma sala de visitas escura.

— Por favor, espere aqui enquanto chamo a Senhorita Brookner.

— Obrigado.

Donald esperou ansioso por Charlotte. Finalmente, uma jovem de modos simples, com olhos inteligentes e acolhedores, entrou na sala.

— Lorde Astbury? — perguntou, fechando a porta atrás de si. — Pelo menos suponho que seja, já que está procurando por Anahita.

— Sim — ele respondeu, estendendo a mão para cumprimentá-la. — E você é a Senhorita Brookner, amiga de Anni?

— Sim, por favor, sente-se.

— Obrigado. Você sabe por que estou aqui? — Donald disse, tenso ao se sentar em uma cadeira.

— Sim, suponho que sim. — Ela olhou para ele com tristeza em seus olhos castanhos.

— Você sabe onde ela está?

— Sim, mas ela me fez prometer não contar.

— Ela está bem? Minha irmã disse que esteve doente.

— Anni estava bem o bastante na última vez que a vi.

— Ela disse a minha irmã que você tem sido bondosa com ela.

— Fiz o que pude para ajudá-la diante das circunstâncias... difíceis. Mas, então, meu pai retornou da África há dois meses e, diante da situação, era hora de Anni partir.

— Posso perguntar de que situação você fala?

— Meu pai é um homem da igreja, Lorde Astbury, e, mesmo que tenha piedade das almas que passam por atribuições, dar abrigo a uma mulher na situação de Anni, sob o seu próprio teto, não seria bem visto pelos paroquianos menos liberais. Essa é uma pequena vila em Yorkshire, não é Londres. — Charlotte fez uma pausa antes de prosseguir. — Confesso que estou surpresa por vê-lo aqui.

— Acredite, se tivesse recebido as cartas que ela aparentemente enviou, teria vindo muitos meses antes. Infelizmente, não as recebi. — Os ombros de Donald desabaram.

— Posso confirmar que ela escreveu para o senhor, Lorde Astbury. Eu mesma postei uma carta quando ela estava no quarto, fraca demais para deixar a cama.

— Posso apenas implorar que acredite que essa é a verdade. Não recebo nenhuma carta dela há mais de um ano.

— Desculpe a franqueza, mas, depois de meses sem Anni receber uma resposta, temo que desisti de você. Disse a Anni que ela deveria fazer o mesmo. Ela se recusou, e foi então que decidi ir a Londres tentar encontrá-lo.

— Entendo — Donald percebeu um indício de hostilidade na educação polida de Charlotte.

— Você estava em lua de mel, ao que parece — ela acrescentou, em tom frio.
— Foi uma viagem agradável!?

— Sim, eu... Veja bem, Senhorita Brookner, Charlotte, preciso que me diga onde Anni está. O mínimo que posso fazer é explicar que não ignorava as suas cartas. Fiquei quase louco de preocupação. Não sabia se estava viva ou morta. Nunca teria me casado com outra mulher se não acreditasse piamente que havia perdido Anni para sempre.

— Ela o amava mais que tudo e nunca dizia uma palavra negativa sobre você. Mesmo quando eu a lembrava de que você não merecia.

— Aceito que você pense que sou um canalha que a abandonou...

— Não, Lorde Astbury, acredito que, no fim das coisas, sua posição social jamais permitiria que você se casasse com uma mulher indiana — ela respondeu, com honestidade.

— Mas Anni deve ter mencionado a você que a pedi em casamento antes de partir para a Índia.

— Sim, claro que mencionou. Mas não fiquei surpresa quando a realidade bateu à porta e você mudou de ideia.

— Isso não é verdade! — ele se defendeu. — Se você precisa saber, tenho quase certeza de que minha mãe garantiu que eu não recebesse qualquer carta de Anni depois que ela chegou à Índia. E concordo que não seria ideal para *ela* se eu me casasse com Anni. Ou se, na verdade, precisasse vender Astbury, que era o que eu estava pensando em fazer.

— Então, poucos meses depois, você se casou com uma herdeira americana.

— Sim, mas apenas depois de esperar mais de um ano por notícias. A essa altura, não me importava com quem me casasse se essa pessoa não fosse Anni. — Lágrimas brotaram espontaneamente nos olhos de Donald. — Pelo amor de Deus, Senhorita Brookner, você precisa acreditar em mim. Sinto muito, eu...

Vendo a emoção genuína de Donald, a atitude de Charlotte pareceu ficar mais amena. Ela estendeu uma mão e, hesitantemente, tocou a dele.

— Se é possível acreditar no que você diz, então houve, sem dúvida, uma série de eventos trágicos. Infelizmente, não vejo como o consertar as coisas.

— Eu lhe imploro que me diga onde ela está e, então, eu e ela decidiremos o que fazer.

— Prometi que não diria...

— Você *precisa*! — Donald insistiu.

Finalmente, ela consentiu:

— Tudo bem. Acho que não importa se Anni quer vê-lo ou não, você pelo menos precisa de uma chance para se explicar. Mesmo que o sofrimento vivido nunca possa ser curado, você pode ajudá-la a entender por que as coisas

aconteceram desse jeito.

— Obrigado — Donald disse, num suspiro profundo, sentindo um alívio percorrer seu corpo quando Charlotte se levantou e foi até a escrivaninha no canto da sala. Ela pegou um caderno de endereços, um pedaço de papel e escreveu algumas linhas.

— Ela está morando em Keighley, uma cidade a uns quarenta e cinco minutos daqui. Devo admitir que não a visito desde que se mudou. Andei ocupada cuidando do meu pai, que voltou da África praticamente inválido.

Donald já estava de pé.

— Não sei como agradecer por me receber e por me dar esse endereço, Senhorita Brookner — Donald disse, colocando o papel no bolso. — Vou vê-la imediatamente.

— E talvez você possa me dizer como ela está — Charlotte pediu enquanto o acompanhava até a porta. — Não faço ideia de suas circunstâncias. Ela é orgulhosa, entende? Ofereci dinheiro, mas ela recusou.

— Essa é a Anni. — Donald suspirou. — Adeus, Senhorita Brookner, e obrigado mais uma vez.

Donald dirigiu pelo pequeno percurso, atravessando a várzea de Yorkshire, e sentiu um arrepio ao se aproximar da cidade industrial escura que era Keighley. Estacionando o carro, seguiu pelo labirinto de ruas estreitas, os prédios de ambos os lados enegrecidos com a fuligem das fábricas de tecido. Crianças sujas estavam sentadas nas soleiras das portas, com os pés descalços, mesmo em uma noite fria de setembro.

Perguntando por direções no caminho, finalmente se viu na Lund Street e caminhou por sua extensão até encontrar o número certo. Bateu à porta, que foi aberta por uma mulher de aparência miserável com um bebê em seu colo e uma criança pequena agarrada em sua saia. Ela o examinou com desconfiança.

— Cê num é o novo cobrador, é? Falei pro último que vamos acertar na sexta. Meu velho perdeu o emprego na fábrica, entende.

— Disseram que Anahita Chavan morava neste endereço — Donald explicou. — Mas talvez esteja errado.

— Não, num tá. Anni é nossa inquilina, mas num vai contar pro homem do aluguel. A gente num tem permissão pra isso, mas com sete boca para alimentar. Cê é amigo dela, é?

— Sim, meu nome é Donald. Ela está?

— Quase nunca sai, fica lá só com ela, nossa Anni. É boa menina. Melhor entrar — a mulher disse. Donald se esgueirou pela porta estreita e a seguiu até chegar a um cômodo pequeno que servia como cozinha. — Senta aqui, senhor, vou lá chamar ela.

Quando a mulher saiu, Donald viu uma série de olhos brilhantes olhando para ele com interesse do corredor.

— Qual o seu nome, senhor? — uma das crianças perguntou, um garoto por volta dos sete anos de idade.

— Donald. E o seu?

— Sou o Tom — o menino disse, se aproximando. — Cê fala bonito e suas roupa é boa. Cê é dono de uma fábrica?

— Não, não tenho uma fábrica.

— Quando crescer, eu vô ser dono de uma fábrica — Tom anunciou. — Eu vô sê bem rico, igual ocê.

Uma criança engatinhou pelo cômodo e, usando a calça de Donald como para ganhar impulso, tentou se levantar, suas mãos meladas deixando marcas.

— Joanna, largue o pobre homem! — a mãe da menina disse ao voltar para a cozinha. — Anni desce já já, disse que fala co'cê na sala da frente. Não pareceu feliz quando disse que cê tava aqui. Agora, vem.

— Obrigado.

A mulher o levou de volta pelo corredor e insistiu que esperasse na tranquilidade da sala de visitas. Quando fechou a porta, Donald se arrepiou com aquele lugar tenebroso. Por qual tipo de humilhação Anni precisou passar desde que a viu pela última vez?

A porta se abriu e lá estava Anni, sua beleza exótica em contraste com a decadência do ambiente. Seus grandes olhos castanhos e a maçã de seu rosto estavam ainda mais proeminentes por causa do peso que perdeu.

Ela fechou a porta atrás de si — ao mesmo tempo em que Donald se lembrou vividamente de como ela se movia — e ficou parada ali, sem se mover.

— Anni, estou aqui — Donald se castigou por dizer o óbvio em um momento tão importante, mas não sabia o que mais dizer.

— Sim — ela respondeu finalmente. — Você está.

— Eu... Como você está?

— Estou bem — ela respondeu, com frieza. — E você?

— Sim, sim. Anni... — Donald se sentou abruptamente, sentindo que suas pernas não poderiam sustentá-lo por muito tempo. — Não sei o que dizer. — Colocou a cabeça nas mãos.

— Não, suponho mesmo que não saiba.

— Você precisa acreditar que não recebi nenhuma carta sua desde que desembarcou na Índia. Não tinha ideia se estava viva ou morta. Até fui ao hospital onde você trabalhava e entrei em contato com a Scotland Yard. Fiquei desesperado. No fim, tive que aceitar que você não me queria mais. Que talvez

tivesse encontrado outro na Índia.

— Então você se casou com outra? — ela disse, em tom ríspido e falho, tão diferente de sua voz gentil.

— Sim, casei — ele concordou, em desespero. — Se não pudesse me casar com você, não ligava com quem seria. Para ser honesto, pelo menos o dinheiro da minha esposa salvaria Astbury.

— Li na revista que sua esposa é uma herdeira. Espero que estejam felizes juntos — ela continuou com o mesmo tom indiferente.

— Claro que não estou feliz!

— Você parecia feliz nas fotografias.

— Sim, provavelmente — Donald admitiu. — Mandam todos sorrir para as câmeras.

Houve silêncio enquanto Anni olhava para todos os lugares, exceto em sua direção, e ele simplesmente a devorou com os olhos.

— O que você tem a dizer?

— Não tenho ideia! — Donald soltou uma gargalhada abafada. — Queria explicar que tenho certeza de que minha mãe interceptou as cartas que você me enviou.

— Donald, se eu não tivesse notícias suas, esperaria por uma eternidade e nunca me casaria com outro. Mas por que isso importa agora?

A frieza distante de sua voz era novidade para ele. Queria desesperadamente colocar seus braços ao redor dela, procurar por aquela mulher apaixonada e espirituosa que conheceu um dia.

— Podemos pelo menos ir a outro lugar para conversar? — implorou. — Este lugar é insuportável.

— Você vai descobrir que não há hotéis por aqui onde pode tomar chá — ela respondeu, com sarcasmo. — Além disso, esta é minha casa.

— Anni, por favor, sei como você deve estar sofrendo e sei o que deve pensar de mim, mas juro que nunca deixei de amá-la nem de pensar em você nos últimos dezoito meses.

Anahita olhou para ele, impassível.

— Seja o que for que aconteceu no passado, Donald, eu estou aqui e você está lá, casado com outra.

— Independente da minha situação, meus sentimentos por você permanecem inalterados. Por favor, é *comigo* que você está falando — ele implorou. — Você, mais que ninguém, sabe quem eu sou.

— Pensei que soubesse, sim. Mas qual o propósito agora?

— O propósito, minha querida, é que encontrei você depois de todos esses meses terríveis e estamos sentados na mesma sala, juntos, conversando. Você não sabe o que isso significa para mim?

Ela não respondeu. Houve uma batida de leve e a porta se abriu. A senhoria de Anni entrou, segurando nos braços uma criança que chorava muito.

— Desculpa incomodar, Anni, mas ele tá dando trabalho na cozinha e não conseguimos nem pensar com o barulho.

Donald observou Anni pegar a criança em seus braços.

— Obrigada — ela disse para a senhoria, que olhou mais uma vez com suspeita para Donald, depois para o bebê, e saiu da sala.

Donald estava confuso.

— Não é filho dela?

Anni o examinou cuidadosamente, como se estivesse contemplando algo importante. Finalmente, ela suspirou.

— Não, ele é meu.

Donald olhou fixamente para o bebê, seu cérebro lentamente processando sua pele cor de mel, seus cabelos negros e os olhos azuis reluzentes que olhavam para ele, incertos.

Ele encontrou a voz:

— Eu... Ele é...

— Sim, Donald, este é Moh, o seu filho.



4 de setembro

Depois disso, usando a saúde e o bem-estar do meu filho em minha vantagem e recusando-me a ouvir um não, fiz A. pegar os poucos pertences que tinha. Dirigi com ela e com meu filho para longe daquela casa horrível onde a encontrei. Ficamos em um hotel naquela primeira noite, antes de começarmos a viajar para o sul. Não fazia ideia de para onde a estava levando. Simplesmente sabia que jamais poderia deixá-la outra vez. Toda a sua luz parecia tê-la abandonado, como se ela estivesse vazia por dentro, como se nada mais importasse. Na longa viagem de carro, ela quase não disse uma palavra e, quando dizia, respondia apenas monossilabicamente a minhas perguntas.

— Você está com fome? — Donald perguntou quando atravessavam os vales de Derbyshire.

— Não. Mas deveria trocar a fralda do Moh.

— Claro. — Donald estacionou em um hotel nos arredores de Matlock e os três desceram do carro. Enquanto ele esperava por Anni no restaurante, perguntou ao garçom se o hotel tinha um telefone, pois precisava fazer uma ligação. Começou a pensar em um plano durante a longa e silenciosa viagem. Colocaria todos à mercê de Selina, que, tinha certeza, estaria preparada para receber Anni e seu filho por algum tempo em sua casa em Kensington. Como medida temporária, era o melhor em que conseguia pensar, e pelo menos sabia que Anni não poderia desaparecer novamente se estivesse debaixo do nariz de sua irmã.

O garçom disse que sim, tinham um telefone, e Donald se afastou para usar o aparelho. Quando voltou ao restaurante, Anni estava sentada à mesa, com o bebê adormecido em seus braços.

— Acabei de falar com Selina. Você vai ficar com ela até eu pensar em algo mais permanente.

— Entendo — Anni respondeu, sem dar qualquer indicação de que o arranjo a agradava ou não.

— Pedi sopa e sanduíches. Vai ser suficiente?

— Obrigada.

Donald estendeu o braço sobre a mesa, desesperado.

— Anni, por favor, não posso imaginar o que você passou ou como você deve me odiar, mas estou aqui agora e juro que nunca mais vou decepcioná-la. Você

precisa confiar em mim e, por favor, acredite: jamais teria me casado com Violet se não acreditasse que havia perdido você para sempre.

Anni ergueu os olhos lentamente.

— Você a ama?

— Gosto dela, sim — ele respondeu, com honestidade. — Ela é gentil e muito jovem, apesar de ser mais velha que você; não gostaria de magoá-la, com certeza. Mas, não, não a amo e nunca a amei. Foi, de certa forma, um casamento arranjado, como vocês tem na Índia.

— Ela é linda.

— Sim, ela é, mas... pelo amor de Deus. — Donald balançou a cabeça em frustração. — Não posso continuar a repetir os mesmo motivos. Todos fazemos coisas das quais nos arrependemos.

Anni tomou sua sopa em silêncio, depois tentou comer um sanduíche. A comida pareceu reviver seu ânimo, trouxe um pouco de cor a seu rosto. Donald concluiu que, quase certamente, ela estava desnutrida.

Voltaram ao carro, e tanto Anni quanto o bebê dormiram o resto da viagem. Donald carinhosamente os acordou quando chegaram à casa de Selina em Kensington.

— Chegamos? — Anni perguntou.

— Sim. Posso ajudar com o bebê?

— Não! — Um vislumbre de medo surgiu na expressão de Anni. — Selina sabe da criança? Não contei a ela quando a visitei naquele dia, em Londres.

— Eu contei e ela não ficou surpresa — Donald consolou. — Agora ela entende por que você desapareceu.

Enquanto a criada acomodava Anni e o bebê em um quarto no andar superior, Donald engoliu um copo de gim com Selina na sala de visitas.

— Ah, Donald, é tudo tão trágico. Sei muito bem como o Anni deve ter se sentido. Aterrorizada. Aqui estou eu, com minha menininha sã e salva em um quarto e outro a caminho. O contraste não poderia ser mais assustador, poderia? — ela suspirou.

— Não. Minha nossa, Selina, se você visse onde Anni estava morando. Era um cortiço.

— Claro que Anni e seu filho podem ficar aqui por enquanto, mas o que você vai fazer a longo prazo? — perguntou. — Afinal, aquele menino é seu filho, e, até que você e Violet tenham um, poderia ser seu herdeiro, mas receio até pensar no que aconteceria se Violet viesse a saber dele.

— É uma complicação sem tamanho a coisa toda. Mas o importante é que encontrei Anni. Eu a amo, Selina. Tudo em que pensei naquele momento era tirar ela e o nosso filho daquele buraco. Não tive tempo de pensar nas

consequências. Uma alternativa seria estabelecer uma casa para ela e o bebê aqui na cidade, visitá-los sempre que estiver em Londres, mas não quero tratar Anni como uma amante, e tenho certeza que ela também não aceitaria isso.

— Anni deu alguma indicação do que *ela* quer? — Selina perguntou.

— Mal disse uma palavra — ele respondeu, descontente. — Ela apenas sobrevivia nestes últimos meses. Tenho certeza de que vai demorar um pouco para recuperar as forças, tanto mental quanto fisicamente.

— Bem, pelo menos posso lhe dar uma cama quente, boa comida e uma amaseca que cuide do bebê para ela descansar. Outro pequenino não vai fazer diferença. — Selina sorriu. — Afinal, são primos.

— E eu queria tanto que o mundo soubesse.

— Bem, o mundo não pode saber e ponto-final. Nada disso é culpa da pobre Violet, e, apesar de não poder garantir que seremos amigas um dia, não quero que ela sofra a humilhação de saber que seu marido teve um... — Selina se recusou a dizer o termo correto. — ... filho com outra mulher.

— Você está certa, claro — Donald disse, se servindo de mais uma dose de gim. — Meu plano, de imediato, é ir a Devon e confrontar nossa mãe. Preciso saber com certeza se foi ela quem orquestrou toda essa bagunça.

— Você vai contar a ela sobre o menino?

— Ah, sim. — Donald sorriu com crueldade. — Não consigo pensar em algo que a deixasse mais perturbada do que saber que tem um neto ilegítimo e mestiço que eu poderia nomear como herdeiro de Astbury.

— Meu Deus, Donald. Essa notícia provavelmente vai acabar com ela!

— Duvido. Mesmo que ela venha a agir como se tivesse oitenta anos, devemos nos lembrar que ela não tem nem mesmo cinquenta ainda — Donald destacou. — Ela é bem dura por baixo de todo o drama e provavelmente vai viver mais que nós. É uma situação pavorosa, e, se estivermos certos, a culpa é dela. Simplesmente não tenho mais medo.

Anni disse que estava muito cansada para se juntar a Donald e Selina para jantar naquela noite, e a criada lhe trouxe uma refeição. Antes de se recolher, Donald foi até seu quarto e bateu à porta.

— Quem é?

— É Donald. Posso entrar?

Não recebendo uma resposta, ele abriu a porta e encontrou Anni amamentando o bebê na cama.

— Desculpe — ela disse, afastando Moh de seu peito e se cobrindo.

— Não me importo — Donald respondeu. — Eu acho maravilhoso. A maioria das mulheres que conheço não daria o peito para seus próprios filhos.

— Não tive escolha. Não podia pagar pelo leite extra. Mas ele está crescendo agora. Vai completar um ano mês que vem, e meu leite já não é mais suficiente. Acho que era por isso que chorava tanto quando estávamos em Keighley.

— Ah, Anni — Donald disse, com um suspiro. — Posso me sentar?

— Se quiser.

Donald se sentou ao lado da cama e olhou para o bebê, satisfeito e dormindo nos braços de Anni.

— Posso segurá-lo?

— Claro — Anni respondeu, entregando Moh para ele.

Donald podia sentir o cheiro aconchegante de sua pele e a doçura do talco que a ama-seca usou depois do banho. Olhou para o rosto de seu filho e foi dominado por tamanho sentimento de amor que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mal posso acreditar que nós o fizemos.

— Toda criança é um milagre, seja qual for a vida para a qual nasce — Anni disse.

— Você me odeia?

Ela pensou antes de responder.

— Desejei odiá-lo, Donald, desejei muitas vezes. Posso não gostar muito de você no momento, mas o amo desde o dia em que o conheci.

— E agora que a encontrei? Você confia em mim para cuidar de você e do nosso filho?

— Que escolha eu tenho? — ela perguntou, melancólica.

No dia seguinte, Donald deixou Anni e Moh nas mãos competentes de Selina e da ama-seca e dirigiu para o sul, em direção a Astbury. Imediatamente ao chegar, foi para a casa onde sua mãe morava agora, nos limites da propriedade.

— Ela está, Bessie? — perguntou à criada assustada enquanto marchava casa adentro.

— Acho que está descansando, meu Lorde.

Donald subiu a escada, dois degraus de cada vez, e bateu à porta do quarto de sua mãe.

— Entre — uma voz respondeu, e Donald entrou no quarto de Maud para encontrá-la sentada ao lado da lareira, lendo um livro.

— Donald, o que você está fazendo aqui? — ela disse, com uma carranca de desprazer.

— Precisamos conversar. Por favor, guarde seu livro, mãe. Tenho algumas perguntas e quero que *você* as responda — Donald anunciou, sentando-se diante

dela.

Surpresa com a veemência de seu filho, Maud fez o que ele pediu.

— O que foi? — perguntou.

— Descobri recentemente que várias cartas endereçadas a mim desapareceram no ano passado em Astbury Hall, e tenho todos os motivos para acreditar que você deu um jeito para que eu não as recebesse.

— Cartas?

Donald observou enquanto sua mãe fingia desconhecimento.

— Sim, mãe, cartas. Cartas da Índia, de Paris e, depois, de Yorkshire, enviadas por uma jovem que você, de algum jeito, descobriu que eu admirava. Uma jovem que, só para você ficar sabendo, continuei e continuo a amar.

— Eu... Sério, Donald, recebemos tanta correspondência, cartas de todo o mundo. Com certeza é culpa do serviço postal se não chegaram. Não sei como você pode me culpar se elas foram desviadas.

— Ah, acho que posso, mãe. E vai ser extremamente fácil procurar os empregados do Hall, pessoas que, como você deve lembrar, são *meus* empregados atualmente, e perguntar.

Donald começou a se levantar, mas Maud o fez se sentar outra vez.

— Você perdeu a cabeça? A última coisa que queremos são empregados discutindo nossos assuntos particulares — ela disse, em tom contrito.

— Posso garantir que não me importo.

— Nem mesmo se chegar aos ouvidos de Violet?

— Isso pode acontecer de qualquer jeito, uma vez que encontrei Anahita. Ela está com Selina no momento, em Londres, até eu decidir o que é o melhor a fazer — Donald sentia uma vontade imensa de rir da expressão no rosto de sua mãe.

— O que você quer dizer com isso? O que é melhor? — Maud repetiu. — Certamente você não pretende contar a Violet sobre esse... caso que teve com aquela garota indiana.

— Ainda não decidi, mas, a menos que você abra o jogo e admita que interceptou as cartas, ficarei tentado a contar tudo.

— Pelo amor de Deus, Donald! Você ficou louco? Você vai arruinar a nossa família. Violet pediria o divórcio imediatamente, e, então, o que seria de Astbury?

— Você acha que eu ligo? Que alguma vez liguei? — ele respondeu. — Você sabia muito bem que eu estava preparado para vender e até tinha um comprador. Mas não era o que você queria, era, mãe? Admita, antes que eu vá contar a Violet. Confie em mim. — Ele olhou para ela com determinação. — Não tenho

mais nada a perder. Vender Astbury era minha intenção desde o começo. Eu ficaria contente com uma vida pacata ao lado da mulher que amo. Por falar nisso — Donald jogou o trunfo que tinha na manga —, Anni deu à luz um filho meu. O que significa que tenho um filho e você tem um neto.

Donald viu sua mãe murchar diante dele. Mas continuou:

— Então, mãe, você prefere que eu conte a minha atual esposa tudo isso? Consegue imaginar o escândalo?

— Pare com isso! Pare! Como você pode ser tão cruel? Eu sou sua mãe — ela gemeu.

— Sim, uma mãe que coloca os próprios interesses e vaidades acima dos do seu filho. Anni é uma indiana aristocrata e muito bem-educada. Não uma qualquer que encontrei em um prostíbulo!

— *Por favor!*

— E talvez lhe interesse saber, também, que há uma série de casamentos inter-raciais nos dias de hoje. Mas não, mãe, seu preconceito não permitiria que seu filho se casasse com uma mulher assim. Você é, e sempre foi, fria, calculista e intolerante. Eu...

— *Pare! Chega!* — Maud gritou e de repente se desmanchou em lágrimas.

Ver sua mãe chorando fez Donald dar um fim abrupto a seu discurso.

— Tome, mãe, enxugue os olhos — ele ofereceu um lenço, sem jeito, e ela aceitou.

— Você está certo — Maud finalmente admitiu. — Realmente escondi aquelas cartas ou pelo menos pedi que a correspondência fosse entregue diretamente a mim, assim eu podia olhar primeiro. Não vê que eu estava apenas tentando protegê-lo? Você diz que hoje em dia é aceitável se casar com alguém como ela. Não sei, você pode estar certo. Mas, além disso, você estava vendendo Astbury. O que você teria, então, com uma noiva indiana e sem terras ou posição?

— Teria amor, mãe — Donald disse, com a voz fraca. — Teria sido feliz. Mas não espero que você entenda isso.

Maud não respondeu, dando a impressão de estar perdida em seus pensamentos.

— Obrigado por admitir que pegou as cartas — Donald disse, finalmente. — Agora preciso tentar resolver essa situação em que você me colocou.

— O que você vai fazer?

— Bem, você vai ficar contente por saber que não tenho a intenção de magoar Violet. Nada disso é culpa dela. — Donald olhou para sua mãe com tamanha intensidade que ela corou. — Mas, igualmente, não estou disposto a deixar a mulher que amo e o filho que ela me deu escondidos, como se fosse um segredo sórdido, sem que eu possa ver meu filho crescer. Então, vou sugerir que

Anni e Moh venham morar aqui perto. Vou dar a eles um lar, em algum lugar na propriedade.

— Mas, Donald, e se Violet descobrir a verdade? — Maud perguntou, horrorizada.

— Apenas cinco pessoas no mundo sabem a verdade. Posso garantir que nenhuma delas irá dizer alguma coisa. Esse é o único modo pelo qual estou disposto a viver a mentira que você teceu para mim.

— Você decidiu se casar com Violet, Donald — Maud argumentou. — Não o forcei a entrar na igreja.

— Não, mãe, você não me forçou — Donald disse. — Mas, quando toda esperança está perdida, uma pessoa pouco se importa com o que o futuro reserva. Então, estamos de acordo?

— Como desejar — ela respondeu, abalada, com o olhar abatido.

— Que bom. Vou começar a pensar em um lugar adequado para Anni — ele caminhou até porta, acrescentando: — Talvez você queira visitar seu neto um dia. Ele tem os seus olhos.

Astbury Hall

Julho de 2011





Rebecca acordou sentada, com o diário de Donald em suas mãos. Não sabia em que momento caíra no sono, mas seus sonhos mais uma vez foram inquietantes e embalados por um canto estranho e agudo.

Folheando o diário, viu que os registros terminavam abruptamente depois de setembro, o que a desapontou, porque queria saber mais, especialmente sobre Violet. Rebecca olhou para o relógio e viu que já passava das nove da manhã.

Saindo da cama para usar o banheiro, ela lavou as mãos e examinou seu rosto no espelho. Sem dúvida, a descrição que Donald fizera de Violet poderia facilmente descrever a si própria.

Rebecca estremeceu de repente. Era triste que, pelo que havia lido, não foi Violet a quem Donald amou, mas uma jovem e exótica menina indiana de um mundo diferente. Rebecca vagueou pelos aposentos, tocando os pertences de Violet, sentindo o cheiro do aroma agora familiar de seu perfume, incapaz de se libertar daquela sensação surreal. Esta foi a cama de Violet, a cama que um dia ela dividiu com Donald. Ela vestia as roupas de Violet todos os dias, recriando o mundo em que ela havia vivido...

— Jesus. — Ela desabou em uma cadeira da sala de estar, se perguntando que jogada do destino a trouxera a Astbury. Era impossível ignorar as similaridades entre as duas.

— Beck, você está aí dentro?

Uma voz familiar interrompeu seus devaneios.

— Sim — ela respondeu, e poucos segundos depois Jack invadiu o quarto, seguido de uma Sra. Trevathan com o rosto vermelho de raiva.

— Oi, querida — ele disse, indo até ela.

— Sinto muito, Rebecca, sei que você precisa descansar e bem que tentei dizer ao Senhor Heyward que você não queria ser incomodada.

— Obrigada, Senhora Trevathan — Rebecca disse, calmamente. — Não se preocupe, estou me sentindo melhor hoje.

— Certo, estava fazendo apenas o que me pediram — ela disse, se virando e fechando a porta depois de sair.

— Obrigado. — Jack se sentou em uma cadeira e deu um suspiro sarcástico. — Quem ela pensa que é? Sua mãe? Como ela ousa tentar me impedir de ver minha noiva? Agora, venha aqui e me dê um abraço.

Rebecca não se moveu. Olhou com frieza para os olhos vermelhos e o cabelo

oleoso e malcuidado de Jack. Estava evidente que tivera outra noitada com James.

— A noite foi boa?

— Sim, foi divertida.

— Fico feliz por você.

Jack a fitou com incerteza, tentando entender o que ela queria dizer. Finalmente, percebendo que estava sendo irônica, ele partiu para o ataque:

— Pare de me tratar como uma criança, Beck! Esse é parte do seu problema — ele disse, apontando o dedo em sua direção. — Senhorita Careta e Perfeita, que não bebe, nunca fuma, nunca faz nada divertido. Que pensa ser tão superior a nós, meros mortais que nos divertimos.

— Eu não quis dizer isso, Jack — ela respondeu, em tom cansado. — Ouça, precisamos conversar.

— Ai, Jesus, lá vamos nós de novo. Outro sermão porque fui um menino malvado. Bem, vá em frente, mamãe, e me dê umas palmadas. — Havia sordidez em sua voz.

— Você tem um problema e precisar lidar com ele, Jack — Rebecca disse, baixinho. — Estou dizendo isso porque me importo com você e estou com medo de que, se você não parar, possa ficar ainda pior.

— E que problema seria esse?

— Não seja hipócrita, Jack. Nós dois sabemos que você anda bebendo demais, mais ou menos desde que nos conhecemos, e você tem cheirado cocaína o tempo todo. Você é um dependente, Jack. Enquanto não fizer algo a respeito — Rebecca se preparou para dizer as palavras —, não posso continuar tendo um relacionamento com você.

Jack tombou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Ah, Beck, você me mata de rir! Sabia que algo estava errado desde que você veio para a Inglaterra. Pensei que talvez você não estivesse mais apaixonada por mim, ou que havia outro cara. E agora você fica aí sentada e joga a carta mais manjada do baralho: você usa a *mim* e a um problema que não existe como desculpa para terminar comigo. Ah, sim. — Jack balançou a cabeça afirmativamente em sua falsa sabedoria. — Posso ver direitinho.

— Jack, eu juro, o único problema que tenho com você é o seu hábito de beber e usar drogas. Quando você está sóbrio e não está sob a influência da coca, você é um cara espetacular e eu o amo. Mas quando não, o que é o caso cada vez com mais frequência, eu simplesmente não suporto você. Então, o que proponho é que você volte para Los Angeles e procure um tratamento. Se fizer isso, estarei ao seu lado a cada passo do processo. Mas se não... — Rebecca deixou as palavras suspensas no ar.

— Isso é um ultimato? — Jack se levantou e ficou diante dela, com os braços cruzados. — Ou eu resolvo um problema que não tenho ou estamos terminados? É isso?

— Não, não é e você sabe. Quem mais vai lhe contar a verdade? — ela implorou. — Você não entende que isso é tão difícil para mim quanto para você? Não quero terminar, Jack. Amei você no primeiro momento em que o vi. O único motivo para não aceitar o seu pedido de casamento ainda é porque não sei lidar com o seu problema.

— Então... — Jack começou a andar de um lado para o outro do quarto. — Você está pedindo para eu me internar em uma clínica de viciados como prova de que a amo?

— Ah, Jack, seja como for que você queira descrever, não posso continuar desse jeito. Estou doente, tenho um filme para gravar e, independentemente do que venha a acontecer no futuro, quero que você procure ajuda. Talvez, quando eu voltar para casa, possamos conversar outra vez e ver como ficamos.

— Beck! Você pode parar de me subestimar? — Jack se sentou outra vez, furioso. — Curiosamente, há uma chance de eu fazer um filme com o cara que encontrei naquele dia. E meu gerente telefonou para dizer que acabou de receber alguns roteiros muito bons. Então, nem mesmo para agradá-la, não será possível incluir uma reabilitação na minha agenda.

— Fico contente que algumas oportunidades tenham surgido para você, Jack — ela respondeu, exausta.

— É, parece que seu homem não está tão acabado quanto você queria que ele acreditasse. Se tenho bebido muito, é por tédio, nada mais. Então... — Ele a olhou fixamente. — Você está falando sério? Quer terminar?

— Não, não quero, mas sinto que não tenho outra escolha.

— Tudo bem! — Jack bateu as mãos nos joelhos e se levantou. — Não vou mais ficar aqui e me defender. Se é isso que você quer, é isso que você vai ter.

— Sinto muito, Jack, de verdade. — Os olhos de Rebecca se encheram de lágrimas.

— Claro que sente — ele caçoou. — Mas acho que talvez você devesse se perguntar por que está sendo tão dura comigo porque eu simplesmente gosto de me divertir em uma festa. Não sou a sua mãe bebem, Beck, e não mereço ser tratado como se fosse ela. Se você acha que isso vai me derrubar, espere para ver. Talvez você fique melhor com um padre do que ficaria com um macho de sangue quente. Mas, ei, esse problema não é mais meu. Então, acho que agora só me resta dizer adeus.

Rebecca sentiu como se tivesse levado um tapa no rosto pelas suas palavras horríveis. Ela continuou sentada, em silêncio, incapaz de responder.

— Só mais uma coisa — Jack acrescentou. — Já que levei um pé na bunda e

fui mandado para casa por ser um menino malvado, é justo que eu libere a notícia para a mídia. Vou pedir para o meu gerente elaborar uma breve declaração. Tudo bem?

— Claro, diga o que quiser.

— Eu vou. E espero que você não se arrependa do que fez hoje. Adeus, Beck

Rebecca viu a porta bater depois que ele saiu. Fechou os olhos e apoiou a cabeça no tecido sedoso e fresco da cadeira, atordoada com a referência cruel que Jack fizera a sua mãe. E, sim, ela reconhecia, ele provavelmente estava certo. O que ela passou quando era uma criança a havia deixado sensível diante de qualquer forma de abuso de substâncias.

Isso, contudo, não tornava o comportamento de Jack aceitável.

Lágrimas brotavam em seus olhos outra vez, e, percebendo as consequências do que acabara de fazer, sabia que não haveria volta. Jack estava acostumado a ter as mulheres fazendo de tudo só para chegar perto dele. Ela duvidava que ele tivesse sido dispensado por uma namorada antes, e sabia que não perderia tempo em encontrar uma substituta. Quando ela visse a prova fotográfica desse futuro na mídia, se magoaria muito. Mas ela precisava aceitar que o Jack que ela amava havia desaparecido.

— Você está bem, querida?

Rebecca ergueu os olhos para encontrar a Sra. Trevathan parada ao lado da porta.

— Não é da minha conta, mas acho que você fez a coisa certa — ela disse, gentilmente. — Como a minha mãe sempre dizia, homem é o que não falta, especialmente para alguém tão adorável quanto você.

— Obrigada por dizer isso — Rebecca sussurrou, rouca. — A senhora poderia me informar assim que ele for embora?

— Claro, minha querida — ela sorriu com compreensão para Rebecca e saiu do quarto.

Meia hora depois, ela estava de volta com chá e torrada, dizendo que Jack havia deixado a casa.

— Como você está se sentindo?

— Abalada, acho. Espero ter feito a coisa certa.

— Se isso lhe serve de consolo, um dia fui casada com um homem como Jack. Ficamos juntos por anos até que o deixei. Não estou dizendo que Jack é do tipo violento, como meu ex-marido era, mas, quando eles procuram uma garrafa dia após dia, não sabemos o que podem fazer.

— Não. A senhora amava seu marido?

— Claro que sim. — Ela suspirou com tristeza. — Pelo menos no início. Mas no fim não suportava olhar para ele. Acredite, Rebecca, pode doer agora, mas é

melhor assim. Realmente é.

— Obrigada, Senhora Trevathan — Rebecca respondeu, com gratidão.

— Bem, tem várias pessoas que gostariam de subir para ver você, mas eu disse a todos que você está descansando no momento. Tudo bem, querida?

— Sim, talvez eu os veja mais tarde.

— Como está a dor de cabeça?

— Melhor hoje, obrigada.

— Você ainda está pálida, mas, de um jeito ou de outro, não estou surpresa. Volto mais tarde e você me dirá se está disposta a receber visitas.

Exausta, Rebecca dormiu por várias horas e acordou se sentindo um pouco melhor. Tomou um banho e se vestiu, depois, se sentindo culpada por manter todos angustiados, pediu que a Sra. Trevathan chamasse Steve, que perguntava por ela, e com razão.

— Desculpe perturbar você, meu doce, só queria ver como está se sentindo — ele disse ao entrar na sala de estar.

— A dor de cabeça está melhorando. Tenho certeza de que estarei bem para gravar amanhã — ela afirmou.

— Que boa notícia, Rebecca. Tenho certeza de que o estresse dos últimos dias também não ajudou.

— O que você quer dizer? — Rebecca fingiu ignorância.

— Querida, este é um set de filmagens. Ninguém deixou de notar o pequeno problema do Jack. Ele me perguntou se eu tinha algum pó da primeira vez que o encontrei.

— Ah, meu Deus. Desculpe, Steve.

— Não se preocupe, a culpa não é sua. Eu o vi há algumas horas, quando me pediu um motorista para levá-lo a Londres. Não vou questionar o estado das coisas, mas, pela expressão no rosto dele, as coisas não estão bem no Planeta Jack e Rebecca.

— Não — Rebecca concordou, decidindo que era melhor abrir o jogo logo. — Eu disse que era melhor terminarmos se ele não parasse de cheirar. Mas prefiro que isso não seja divulgado.

— Infelizmente, todos já adivinharam — Steve disse. — Você sabe como as notícias correm em um set. De qualquer forma, Rebecca, você e sua saúde são mais importantes. Agora que Jack se foi, você pode se concentrar nela.

— Claro. Garanto que estarei bem para gravar amanhã.

— Bem, veremos. Você está escalada para apenas uma cena amanhã, no fim da tarde. Mantenha a cabeça erguida, docinho — ele disse ao deixar o quarto.

Meia hora depois, houve outra batida na porta e Anthony entrou. Ele a fitou, soltou um suspiro de irritação, então forçou um sorriso.

— Estou só de passagem — disse, rispidamente. — Como está se sentindo?

— Melhor, acho — Rebecca respondeu. — Obrigada por me deixar ficar nestes aposentos tão bonitos.

— Não consigo pensar em uma pessoa mais adequada para ocupar este quarto — ele disse, com seriedade. — Soube que o seu noivo partiu?

— Sim, e não vai voltar.

— Entendo. — Ele continuou a olhar para ela. — Vou jantar com o nosso amigo indiano outra vez esta noite — comentou.

— É? — Rebecca respondeu, confusa.

— Bem, espero que se sinta mais animada amanhã.

— Também espero que sim. Obrigada por vir me ver.

— Até logo — Anthony disse, se virando e deixando o quarto.

Depois que Anthony deixou o quarto, Rebecca relaxou na banheira. Tendo dormido até tarde, agora ela se sentia desperta. Quando a Sra. Trevathan apareceu com chá e bolo, ela os comeu vorazmente.

— Realmente acho que estou melhorando — disse.

— É isso que gosto de ouvir, querida.

— O Senhor Malik está na casa? — perguntou.

— Ele saiu, mas acredito que esteja na propriedade, sim. Ele tem um jantar com o Lorde mais tarde.

— Se você o encontrar, pode pedir para vir me visitar se não for incômodo?

— Quando o vir, darei o recado — a Sra. Trevathan disse antes de sair.

Vinte minutos depois, alguém bateu à porta.

— Entre — Rebecca disse.

— Olá, Rebecca, você queria me ver?

— Sim, Ari, entre. Como foram as investigações na igreja? — ela perguntou.

— Bem, andei pelo cemitério, mas não encontrei nem sinal de uma lápide com o nome Moh. Então, fui a Exeter procurar por ele no Cartório de Registro de Nascimentos e Óbitos, mas novamente não encontrei nada. Então, acho, é outro beco sem saída.

— Isso não é estranho? — Rebecca questionou. — Qualquer certidão de óbito emitida não devia ser registrada?

— Eu imaginei que sim.

— Ari, encontrei uma coisa ontem neste quarto que é prova absoluta de que Anahita esteve aqui em Astbury.

— Sério? O que é?

— O diário de Donald Astbury. Você provavelmente já sabe muita coisa do que ele contém, mas é uma confirmação de que ele amava sua bisavó e que tiveram um filho juntos.

— Rebecca, isso é incrível! Eu adoraria ler — Ari disse, avidamente.

— Acho que você vai ficar surpreso quando vir o diário em si. Vou pegar. — Rebecca atravessou o cômodo, entrou no vestiário de Donald e pegou o livro da estante. — Aqui está — disse, entregando-o para Ari.

Ari examinou o título na lombada e a insígnia na capa. Ele abriu o livro, viu a inscrição e o poema.

— Meu Deus — ele suspirou. — É o poema que mencionei a você poucos dias atrás.

— Eu sei, e foi por isso que tirei o livro da estante, para começar. É como se algo nos levasse até ele.

— Sabe de uma coisa, Rebecca? Nunca dei muita confiança às maluquices da minha bisavó, como costumava chamar, mas agora... — Ele estudou o volume em suas mãos. — De um jeito ou de outro, estou começando a mudar de ideia. Você acha que Anthony leu isso?

— Acho que não — Rebecca disse. — Estava disfarçado como um livro qualquer na estante por todos esses anos.

— Pode me emprestá-lo hoje à noite?

— Bem, não é meu para dizer que sim, é?

— Não, mas acho que não vou correr o risco de perguntar a Anthony primeiro. — Ari ergueu uma sobrancelha. — Obrigada, Rebecca.

— Tudo que quero é um favor em retribuição, Ari.

— Claro. O que é?

— Bem, eu sei que soa ridículo, mas estou começando a sentir que há algum tipo de ligação entre Violet e eu. Está mexendo um pouco com a minha cabeça.

— Posso entender — Ari afirmou.

— Então... Quero saber como Violet morreu.

— Entendo. Bem... — Ari olhou para o relógio. — Preciso estar lá embaixo para jantar com Anthony em vinte minutos. O melhor que posso fazer é dar a você a história de Anahita. Ela explica tudo muito melhor do que eu poderia fazer.

— Então, você pegaria os papéis agora? — Rebecca perguntou. — Posso

começar a ler imediatamente.

— Sim. — Ari se levantou e deixou o quarto com o diário seguro embaixo do braço. Voltou poucos minutos depois trazendo a pasta plástica.

— Já aviso você, Rebecca, não é uma leitura agradável, mas acho que você está certa. Você deveria saber o que aconteceu com Violet.

— Certo — Rebecca concordou.

Assim que Ari saiu, Rebecca se acomodou no sofá, removeu a pilha de papéis da pasta e folheou até encontrar onde tinha parado antes...

Anahita

1920





Quando Donald me disse onde iríamos morar, fiquei surpresa e desnorteada. A primeira perguntar que fiz a ele foi o que a sua mãe diria.

— Absolutamente nada, Anni — ele respondeu, com firmeza. — Ela criou essa situação toda com suas ações egoístas. Se não fosse por ela, estaríamos casados agora, criando nosso filho juntos, e Astbury teria sido vendida.

Apesar de Donald tentar me reconfortar, uma inquietação distinta permaneceu. Maud Astbury nunca gostou de mim, e, instintivamente, eu sentia que era mais do que preconceito racial. Ela sabia que eu enxergava, através de sua máscara, sua alma egoísta.

— E se os criados começarem a falar? — perguntei a Donald. — Afinal, eles me conhecem.

— Sim, conhecem — Donald respondeu. — Mas eu já pensei nisso. Vamos dizer que você se casou quando estive na Índia, mas seu marido faleceu e você é viúva agora. Talvez seja sensato inventar um novo sobrenome para vocês dois. — Ele colocou sua mão sobre a minha. — Você vem comigo para Astbury, Anni? Quero você e nosso filho perto de mim. Pode não ser perfeito, mas é o melhor que posso fazer.

Pedi um tempo para pensar nessa sugestão. Havia muita coisa nisso que eu não gostava. Morar perto de Donald e ter que assistir a ele com sua nova esposa não era, de modo algum, agradável.

Pensando nisso agora, sei que estava muito vulnerável. Sim, sobrevivi, mas por pouco. Em Keighley, procurei apenas me manter viva, assim como você, meu querido Moh, desistindo de qualquer plano para o futuro. Precisei de todo o dinheiro dos rubis para pagar a conta do hospital, pagar o aluguel e comprar comida para nós. Ainda que desejasse recusar o apoio de Donald, no momento em que ele me encontrou, eu enfrentava a miséria. Não podia mais recusar ajuda.

Poderia ser mais feliz enfrentando uma morte prematura que traíndo meu precioso orgulho, mas não podia deixar você à mercê da sorte. A providência decretou que Donald nos encontrasse a tempo, e, apesar de sentir a bilis subir à garganta cada vez que pensava em nós dois escondidos por ele, sabia que não tinha outra escolha a não ser aceitar a proposta de Donald, fosse ela qual fosse.

Na última semana, enquanto estava sentada no belo quarto que Selina tão generosamente me deu, pude sentir minhas forças voltando. A boa comida e o descanso começavam a me restabelecer, e minha mente se tornava mais clara. Pelo menos, se achava a situação intolerável, eu poderia ver a oferta de Donald

como um período de descanso. E talvez, assim que ficasse mais forte, fosse capaz de retomar a enfermagem e ganhar nossa independência.

Mas eu poderia suportar a ideia de Donald retornando a sua esposa depois de estar conosco? Foi sobre isso que mais refleti. Nosso amor sempre foi tão completo; eu não conseguia imaginar como esse sentimento poderia sobreviver com uma terceira pessoa envolvida.

Então, através de Selina, que disse a sua amiga Minty que eu havia sido encontrada, recebi uma carta de Indira, me dizendo que estava grávida. Ela reclamava, com sua habitual veemência, dos enjoo matinais e da hostilidade da primeira esposa de Varun, que tinha superioridade sobre Indira no palácio, se não no coração de seu marido.

A carta me fez pensar sobre minha própria situação e questionar se era, de algum modo diferente, da posição de Indira. Os dois homens que amávamos tinham esposas que ganhavam precedência sobre nós, mesmo se, como Indira disse, nós tivéssemos o seu amor. Se eu tivesse me casado com um príncipe da Índia, teria que compartilhar meu marido com, pelo menos, uma mulher. Embora Donald não houvesse colocado um anel no meu dedo, éramos casados de todas as formas que importavam.

Assim que comecei a olhar as coisas dessa forma, passei a lutar menos. O fato de Donald ter se casado com Violet porque ela era considerada socialmente adequada e tinha um dote que garantia a permanência de Astbury Hall na família foi um acordo idêntico a qualquer casamento de um príncipe em meu país de origem. Se pensasse em mim como a segunda esposa de Donald em vez de sua amante, a situação pareceria muito mais aceitável para mim.

Além disso, qualquer dúvida que restava foi aniquilada pelo simples fato de que eu amava o seu pai.

— Vamos para Devon com você — eu finalmente disse a ele.

— Ah, querida! Estou tão feliz por você concordar. Sei que não é perfeito, Anni, e quem dera estar levando você para Astbury Hall. Pensei em uma cabana que não fica exatamente na propriedade ou no vilarejo, mas na várzea. É bem isolada, e isso é importante se eu pretendo visitar vocês regularmente.

— Estou contente em viver com o silêncio e a solidão, especialmente quando tenho Moh para me fazer companhia — concordei.

— Bem, a casa está vazia há muitos anos, então vai demorar umas semanas até eu deixar o lugar habitável. Você está de acordo em ficar aqui em Kensington enquanto isso?

— Se Selina não se importar em nos acomodar.

— Você sabe que ela adora você, e, com o bebê a caminho e Henri ainda na França, acho que é bom para ela ter companhia. Então, estamos decididos?

— Sim, acho que sim — respondi.

Donald ficou conosco por mais de dois dias, então disse que precisava voltar antes do fim de semana para Astbury Hall. Sua esposa estava organizando uma festa para mostrar a nova decoração, e ele deveria estar presente. Fiz o meu melhor para não me importar — aquela foi apenas a primeira de muitas ocasiões em que eu teria de suportar se fosse fazer parte de sua vida no futuro. Eu me despedi com um sorriso, me concentrando em Indira e em como ela deve cerrar os dentes e curvar-se diante da primeira esposa de seu marido.

Lembro-me das semanas enquanto esperávamos nossa nova casa ser renovada como dias tranquilos. Você, graças à oferta abundante de comida saudável, um berço limpo e quente e o par de braços menos cansados da mãe a seu redor, começou a desabrochar. Ganhou peso em menos de um mês e começou a engatinhar. Sua estrutura, agora robusta, o carregava rapidamente pelo chão do quarto.

O bebê de Selina chegou sem complicações em outubro e eu apreciei a oportunidade de retribuir sua bondade cuidando dela e do bebê, a quem ela e Henri decidiram chamar de Fleur. Depois, no início de dezembro, Donald nos levou para Devon. Eu percebia que ele estava animado com minha primeira impressão sobre a nossa nova casa.

Uma estrada acidentada atravessando a várzea nos levou a uma depressão onde um chalé estava bem aconchegado. Construída com pedra local, tinha uma janela de cada lado da porta principal e era muito bonito, lembrando um pouco a paróquia de Charlotte, em Oxenhope. O riacho onde Donald e eu passamos horas conversando naquele verão tão distante passava em frente da casa.

Donald estacionou seu Crossley na parte de trás do chalé, em seguida fechou o portão, que ficava em um muro alto de madeira, a fim de evitar olhares curiosos. Tomando minha mão, nos levou até a porta dos fundos e a abriu. Entramos em uma cozinha de teto baixo e seguimos por um corredor estreito até uma sala de estar pequena, recém-pintada, com uma lareira.

No andar superior, no minúsculo segundo quarto, que Donald cuidadosamente transformou em berçário, coloquei você no berço para descansar. Em seguida, entrei no quarto maior, notando as cortinas floridas que tocavam o chão e uma grande cama de casal coberta por uma colcha de retalhos.

— O que você acha, Anni? — ele perguntou, ansioso.

— É lindo, Donald — respondi, honestamente emocionada. Depois da miséria claustrofóbica de Keighley, parecia o paraíso.

— Mandei substituírem as janelas e instalar luz elétrica, além de incluir um banheiro ao lado da área de serviço. *E...* Isto é para você. — Ele tirou um feixe de papel do bolso e me entregou.

Olhei para as páginas, compreendendo seu significado.

— Isto quer dizer, querida, que eu, Lorde Donald Astbury, lhe garanto o arrendamento vitalício deste chalé. Significa que ninguém pode expulsá-la daqui,

não importa o que aconteça comigo. Por todo o tempo que desejar, esta é a sua casa.

Lágrimas espontaneamente brotaram em meus olhos. Desde que meu pai morreu e me mudei com minha mãe para a *zenana*, nunca tive uma casa minha.

— Obrigada, Donald.

— Querida Anni, isto não é nada. Você merece muito mais.

Ele me tomou nos braços e me abraçou, então começou a me beijar. Talvez fosse o alívio por finalmente estar em um lugar seguro, por ter alguém cuidando de mim tão enternecidamente, que senti meu corpo responder a ele. Caímos juntos sobre a cama grande e confortável. Talvez fosse o tempo, ou as muitas semanas que passamos juntos sem contato físico, mas fazer amor com Donald pareceu ainda mais ardente que antes. Ficamos deitados lado a lado depois, nossos braços envolvendo um ao outro, nosso filho dormindo tranquilamente no quarto ao lado. Fiz o melhor que pude para não imaginar Donald fazendo o mesmo com sua esposa.

Ironicamente, foi ele quem mencionou.

— Agora me lembro como isso deveria ser — ele disse, exasperado. — Te amo, Anni, você não pode saber quanto.

— E eu amo você, Donald.

Nós adormecemos, e eu sabia que ambos estávamos em paz pela primeira vez desde que parti para a Índia. Seja qual for o pacto que fizemos com o diabo para estarmos ali juntos, ou o quanto era moralmente errado, nada poderia ser mais certo naquele momento.

Bem mais tarde, enquanto eu o alimentava na cozinha, Donald me mostrou os armários estocados com comida.

— Tenho uma última surpresa para você. Vamos lá fora.

Com você bem protegido do frio em uma manta, seguimos Donald para fora do chalé. Havia um estábulo perto do celeiro no pátio quadrado. Donald abriu a porta e acendeu uma lâmpada pendurada em um prego.

— Aqui, menina, conheça sua nova senhoria.

Donald acariciou o focinho da égua. Seu pelo brilhava como mogno polido, e ela tinha uma estrela branca na testa.

— Ainda não dei um nome a ela. Achei que você deveria escolher, já que ela será sua.

Acaricieie o focinho macio da égua e você, atento para um novo brinquedo, estendeu suas mãos pequeninas para tocá-la também.

— Ela é linda, Donald, obrigada. Vou chamá-la de Sheba, já que se parece com uma rainha.

— Perfeito. Ela está longe de ser o garanhão que você estava acostumada a montar, mas é pacata o bastante para Moh aprender quando for maior. Também há uma carroça no celeiro, assim você pode ir ao vilarejo quando precisar.

— Parece que você pensou em tudo — eu disse enquanto nos apressávamos na volta ao chalé e eu colocava um pouco de água para ferver para fazer um chá. — Mas você sabe que o pessoal local vai perceber imediatamente que estou aqui, especialmente se eu for para a vila com um pônei e uma carroça — observei.

— Sim, Anni, claro que vão reconhecer você. Com certeza, muitos ficarão felizes por vê-la. Lembre-se de que é natural, dada sua relação antiga com minha família, que tenhamos oferecido um lar para você depois do falecimento de seu marido — ele me consolou.

— E Violet? — perguntei. — Se ela souber de mim pelos criados e suspeitar de alguma coisa?

— Posso prometer que a única coisa que não me preocupa é Violet. Atualmente, ela é a estrela da cena social, considerada a mulher mais bela de Londres, se não de toda a Inglaterra. Você nunca conheceu uma mulher mais confiante ou segura de sua posição e fascínio. Duvido que ela pense, por um segundo, em seu marido com uma viúva indiana que mora na várzea.

Donald notou minha tensão repentina.

— Desculpe, querida. — Ele tocou minha mão. — Quanto ao relacionamento dela com os criados, eles poderiam ser invisíveis se considerarmos o interesse que ela tem por eles ou por suas vidas pessoais. Apenas executam sua função, e ela não se interessa por nada mais. Há sempre muita coisa para eles se ocuparem. Ela toma dois banhos por dia. E os lençóis da cama dela são trocados toda manhã.

— Como uma rainha — sussurrei, me lembrando de que a marani tinha hábitos similares. Mas, por outro lado, tudo na Índia era vítima do calor e da poeira.

— Na América, Violet é parte da nobreza, criada com o melhor de tudo. Acredito que ela pense que nós, ingleses, eu inclusive, somos um tanto quanto imundos. — Donald sorriu. — O que estou tentando dizer é que é Violet quem está no centro do mundo de Violet. Duvido que ela irá notar quando eu contar a ela sobre a sua chegada.

— Você vai contar?

— Claro. Mas ela está, atualmente, envolvida em organizar um grande baile de Natal. Está convidando todos os seus amigos chiques de Londres. Tenho certeza de que não vai pensar em você duas vezes depois que eu falar com ela.

— Espero que você esteja certo, Donald. — Estremeci involuntariamente. — Nada disso é culpa dela. Você não deve magoá-la.

— Eu sei — ele concordou, olhando para o relógio. — E, infelizmente, o jantar

é em uma hora, e ela está esperando meu retorno de Londres. Venho ver como as coisas estão com vocês dois amanhã de manhã. Você vai ficar bem aqui sozinha? É realmente um chalé aconchegante. Queria, de todo o coração, poder ficar, mas não posso.

— Ficaremos bem — respondi, olhando você segurar no pé da mesa e tentar inutilmente ficar de pé.

— Moh vai começar a falar logo, não vai, pequenino? — Donald se curvou e deu um beijo suave em sua testa. — Certo, melhor eu ir — ele disse, abotoando o casaco e seguindo em direção à porta. — A boa notícia é que posso atravessar a várzea por aqui para voltar à estrada principal e entrar pelos portões principais de Astbury. Também posso simplesmente selar Glory e cavalgar diretamente da casa em quinze minutos. Você vai se cansar de me ver, garanto.

— Duvido — eu disse, beijando seus lábios. — Obrigada, Donald. Eu me sinto segura pela primeira vez em muito, muito tempo.

Ele me soprou um beijo, seus lábios se despediram e ele se foi.

Depois disso, coloquei você para dormir em seu berço e caminhei por minha nova casa, olhando contente para cada canto e detalhe que Donald havia preparado para mim. Acendi a lareira na sala de estar e examinei os livros que estavam nas estantes, de ambos os lados da lareira. Donald havia escolhido alguns dos meus romances preferidos, e eram histórias que eu iria ler e reler durante as noites que viriam.

Durante os longos meses de inverno, quando a várzea se tornava um deserto de neve onde eu estava presa e Donald se esforçava para chegar com Glory para trazer comida, leite e amor, eu lia incansavelmente. Ainda que minha vida fosse solitária, me encontrei vivendo com uma sensação crescente de paz interior. Talvez fosse a neve me proporcionando uma sensação falsa de segurança; ela me separava de Astbury Hall e de seus residentes invisíveis, e eu vivia em um vazio, apenas com você e Donald como companhia.

Em retrospecto, acho que aqueles meses foram exatamente o que eu precisava para curar minha alma ferida; houve momentos naquele primeiro ano de sua vida em que quase perdi toda a esperança. Quando não era mais capaz de ver, sentir, ouvir ou mesmo *acreditar* nas coisas que sempre me guiaram. Quando desejei a morte mais que a vida e compreendi, pela primeira vez, o que era não ter ninguém. Mesmo naquele momento, em dias que podiam passar sem que eu visse o meu querido Donald, eu sabia com certeza que era amada.

Me lembro que a época do Natal foi difícil. Donald estava ocupado com as celebrações no Hall, aonde muitos dos amigos e parentes americanos de Violet chegavam para comemorar com ela, então eu o via muito pouco. Na véspera de Natal ele nos fez uma visita breve, trazendo uma cesta com um peru grande o suficiente para alimentar uma família com doze bocas, e presentes para nós dois. Na manhã de Natal, abri meu presente, que havia ficado sob nosso pinheiro. Era um cordão de pérolas brancas, com uma mensagem amorosa escondida na

caixa. Eu o coloquei naquela manhã de Natal em 1920, e ele permanece ao redor de meu pescoço até hoje.

Quando a neve começou a derreter, no início de março, minha vida no chalé às margens do riacho começou a mudar. Donald me disse que a mãe de Violet estava doente e sua esposa estava retornando a Nova York para ficar com ela.

— Ela não pediu para você ir junto? — perguntei quando estávamos sentados diante da lareira na sala de estar, admirando você tentar dar seus primeiros passos.

— Claro que sim — Donald respondeu. — Mas mencionei que, se for administrar Astbury como um negócio, como papai Drumner deseja, a primavera é uma hora muito ruim para deixar o país, porque é quando as ovelhas dão cria. E Violet pareceu não ligar quando eu disse que deveria ficar.

Aquela primavera, quando Violet partiu para a América, foi uma época perfeita. Donald combinava com Selina para fingir que estava com ela em Londres. Durante aqueles poucos dias, ele dirigia até nós na várzea, escondia o carro nos fundos da casa e nós vivíamos como uma família normal.

Conforme a várzea ganhava vida a nosso redor, nós três apreciávamos a tranquilidade de nosso mundo isolado. A única tristeza era que você nunca poderia chamar Donald de “papai”, e precisamos tomar muito cuidado para não dizer nada importante em sua frente. Inevitavelmente, você encontrou seu próprio termo para o homem que se tornou uma grande parte de sua vida.

— Senhor Don, vem! — você exigia, levantando seus pequenos braços para seu pai te abraçar. Donald começou a colocar você sobre o pônei, trotando pelo jardim enquanto você gritava de prazer. E geralmente trazia pequenos agradados, sorvetes para você e mudas que apanhava dos jardins de Astbury para eu plantar em nosso jardim.

— Aqui — ele disse um dia, desmontando de Glory e me entregando uma pequena planta coberta de espinhos. — Trouxe uma roseira. O jardineiro de Astbury estava replantando alguns canteiros e me disse que esta é uma espécie incomum e exótica chamada Rosa da Meia-Noite. Imediatamente pensei em você. — Ele sorriu, me beijando. — Vamos plantar? Talvez no jardim da frente? — sugeriu.

Depois daqueles meses terríveis duvidando de que Donald me amasse, eu sabia agora, com todo o meu coração, que não era verdade. Enquanto o ouvia reclamar — da pobreza que muitos ainda viviam na Inglaterra, da injustiça por tanto pertencer a tão poucos, e de que ele não podia mudar o mundo, mas podia fazer algo para melhorar o estado das casas de seus próprios empregados na propriedade —, eu sentia mais respeito por ele.

— David Lloyd George está fazendo o possível, mas o medo de mudança entre alguns políticos, em sua maioria da classe aristocrática, dificulta que algumas reformas sejam aprovadas — Donald declarou quando estávamos

sentados no jardim em um fim de tarde.

— Meu pai sempre dizia que conseguir empurrar uma rocha apenas um centímetro durante uma vida inteira é o mesmo que arremessar um pedregulho no mar todos os dias. A mudança acontece devagar, mas acontece, Donald — garanti. — Você é diferente hoje, mas muitas pessoas começarão a enxergar o mundo como você.

— Minha mãe sempre me achou esquisito, porque era amigo de um dos filhos de nosso cavaleiro quando eu era jovem. Lembro-me que insisti que ele deveria jantar conosco no Hall, porque sempre parecia estar faminto. Eu costumava roubar comida da cozinha para dar a ele. Nunca tolerei o sistema de classes, e ainda não tolero.

— Estava pensando — eu disse, mudando de assunto. — Posso visitar o Hall antes de sua esposa voltar da América? Queria ver se algumas das ervas medicinais que plantei no jardim da cozinha ainda vivem. Gostaria de pegar algumas mudas e começar meu próprio jardim aqui.

— Claro que sim! Lembre-se, Anni, o único segredo é o que *compartilhamos* um com o outro, não sua presença aqui em Astbury. Não há necessidade alguma de você se esconder agora que a primavera chegou. Na verdade, seria mais natural se você não fizesse isso. — Ele estendeu a mão e tocou meu rosto suavemente. — Contanto que eu me lembre de não agarrá-la na frente dos outros. — Ele sorriu, olhando para o relógio da cozinha. — Certo, hora de voltar. — Ele suspirou. — As ovelhas vão começar a parir a qualquer momento.



Dirigi o pônei e a carroça com você alguns dias depois até o Hall e descobri que muitas das ervas que plantei no canto coberto do jardim da cozinha haviam florido. De joelhos e tentando evitar que você arrancasse as plantas do chão com suas mãos ansiosas, ouvi uma voz familiar.

— Ora, veja quem está aqui!

— Senhora Thomas! — Sorri para ela enquanto vinha em minha direção com sua cesta, pronta para apanhar os legumes de que precisava para o jantar daquela noite.

— Soube que você estava de volta, Senhorita Anni. Tilly disse que havia visto você na vila semana passada, mas eu disse que ela estava vendo coisas.

— Estou aqui desde o inverno, mas a neve estava muito alta na várzea e eu não andei muito bem — expliquei.

— Fiquei sabendo disso também, e que seu marido morreu. Sinto muito, minha querida — a Sra. Thomas disse, fixando seu olhar em você. Você se virou, olhou para a Sra. Thomas e acenou para ela educadamente.

— Oh, ele tem olhos azuis — a cozinheira comentou. — Minha nossa, nunca soube que indianos tinham olhos azuis!

— O pai dele tinha olhos azuis; poucos indianos têm — respondi, tentando disfarçar meu pânico repentino.

— Bem, eu não poderia saber, poderia? Ele parece um juvenzinho adorável e você não é mais uma estranha por estas partes. Assim que terminar aqui fora, venha para a cozinha e apresente seu menino para os outros empregados. Todos ficarão felizes por ver você, minha querida.

— Muita gentileza sua, Senhora Thomas. Estarei lá daqui a pouco.

Quando ela se virou, olhei para você com medo e percebi que seus olhos azuis traíam imediatamente o segredo que eu e seu pai guardávamos.

Na cozinha, os criados se amontoaram a nosso redor. Depois de tantos meses de isolamento, me senti grata pela real afeição e simpatia. Deram bolo para você comer, e chocolate, até que tive que recusar, com medo de que você ficasse enjoado. Sentei-me à mesa da cozinha com uma xícara de chá enquanto me interrogavam. Respondi as perguntas como o pude, até inventando o nome “Jaival Prasad” para meu falecido marido imaginário.

— Bem, acho que você já sabe como as coisas mudaram aqui no Hall — a Sra. Thomas disse, erguendo as sobrancelhas. — O Lorde Donald se casou com uma americana no ano passado e todos tivemos que nos adaptar aos modos

modernos de Lady Violet.

— É a pura verdade — Tilly resmungou.

— Devemos admitir que há algumas vantagens na nova Lady da casa — a Sra. Thomas disse. — Ganhei um fogão novo. — Ela apontou para ele com orgulho. — E um monte de panelas novas. Ela disse que as antigas não eram higiênicas e eu disse que ninguém tinha morrido ainda com minha comida. Mas admito que estou feliz com meus utensílios novinhos em folha.

— Vocês gostam da Lady Violet? — não resisti.

— Ela é gentil o suficiente, acho — a Sra. Thomas respondeu. — Quando se dá ao trabalho de nos notar. Ela não sabia nada sobre a comida inglesa e o que é servido em uma casa como esta, então precisei colocá-la na linha. Agora ela deixa por minha conta. O que vai para dentro do seu corpo não é especialmente interessante para ela. É mais o que vai *por fora* o que importa! — Todas as criadas riram com isso.

— Nunca vi uma mulher tão fútil — Tilly disse. — Mas eu estava conversando com a criada pessoal dela e ela disse que todas as ianques são assim. A Lady Astbury mandou construir uma parede inteira de guarda-roupas, e já estão todos transbordando.

— Mas ela é muito bonita. Nunca vi alguém tão bela — a copeira acrescentou, timidamente.

— Isso ela é — a Sra. Thomas concordou. — Mas todas nós não seríamos se nos preocupássemos tanto com nossa aparência e tivéssemos dinheiro para jogar fora nos embelezando com todos aqueles vestidos como ela?

— Ela é bondosa? — persisti, notando que não ouvi nada sobre a personalidade de Violet, apenas sobre sua beleza e riqueza.

— Bondosa o bastante — Tilly respondeu. — Quando a ajudo com o cabelo ou a se vestir à noite, ela não fala sobre nada além de suas roupas e joias. Não acho que alguma vez tenha me perguntado alguma coisa sobre minha vida.

— Diria que poderia ser pior — a Sra. Thomas acrescentou. — Pelo menos ela não é outra sargentona, como aquela que acabou de se mudar para a casa menor. E, pelo menos, a casa está sempre agitada e com pessoas jovens agora, em vez de viúvas de luto. Astbury voltou à vida desde que Lady Violet chegou, e todos nós devemos ser gratas por isso.

Daquele momento em diante, não fiquei carente de companhia. Você e eu éramos convidados com frequência para tomar chá em suas casas na vila ou para ir ao festival local, a feira que acontecia a cada dois meses em Astbury Green. Tomei cuidado para garantir que nós *as* visitássemos, lembrando de que seria mais conveniente, já que eu tinha um pônei e uma carroça e eram pelo menos quatro quilômetros de caminhada da vila até nossa casa na várzea. Ainda assim, eu vivia com medo de que alguém nos visitasse inesperadamente

enquanto Donald estivesse comigo.

A notícia de que eu estava de volta a Astbury começou a se espalhar no vilarejo, assim como os remédios com ervas que eu fazia para ajudar a artrite da Sra. Thomas, a bronquite de Tilly e até mesmo a gota do mordomo. As mudas que peguei do jardim da cozinha de Astbury e replantei em meu jardim estavam crescendo e florescendo. Donald construía para mim uma pequena estufa para proteger as ervas da geada do inverno, e, quando eu passeava pela várzea, encontrava várias plantas nativas medicinais, que também acrescentei a minha coleção.

Atravessei a várzea muitas vezes com você naquele verão, indo à casa de um morador da vila cujo filho estava com febre. Essas pessoas não tinham como pagar por cuidados médicos de qualquer tipo. O médico cobrava uma pequena fortuna por uma visita, e a maioria não podia pagar. Eu não cobrava nada; a expressão de uma mãe era o bastante.

Também comecei a perceber que meu treinamento tradicional como enfermeira combinava muito bem com meu conhecimento sobre ervas Ayurveda. Eu era capaz de identificar quando meus remédios não surtiam efeito. E, se o paciente estava além do que eu podia fazer, sugeria que o hospital local seria a única coisa que poderia ajudar.

Em julho, durante um batizado na vila, encontrei o médico local outra vez. Eu não o via desde que ele chegara tarde demais para o parto de Selina, tantos anos atrás.

— Posso agradecê-la, Senhora Prasad? — O Dr. Trefusis disse, fazendo uma leve reverência. — Você diminuiu o meu trabalho, e os moradores da vila estão se beneficiando do seu conhecimento. Já pensou em retomar a carreira? Uma enfermeira local seria uma bênção.

— Já pensei nisso, mas tenho um filho pequeno para cuidar, e qualquer tipo de emprego tomaria muito do meu tempo enquanto ele é tão pequeno — respondi. — Além disso, duvido que a profissão médica aprove o uso que faço de ervas para ajudar meus pacientes.

— Não, provavelmente você está certa — o Dr. Trefusis concordou. — Mas seria fascinante aprender mais. Qualquer coisa que proporcione aos pobres um alívio sem custo para seu sofrimento deve ser algo bom. Então, continue com o bom trabalho.

— Minha nossa, mal a vi estes dias, entre uma visita de misericórdia e outra — Donald comentou no fim de agosto. Era esperado que Violet chegasse a qualquer momento, então Donald “foi para Londres” e ficava conosco no chalé.

— Isso me mantém ocupada, e eu gosto de ajudar as pessoas — respondi.

— Sei que você gosta — ele disse, mexendo o ensopado que eu havia preparado para nós. — Mas não vai ser fácil durante o inverno, vai?

— Sheba é uma pônei forte, que já está acostumada com a várzea. Tenho certeza de que ela dará conta caso venha a nevar outra vez este ano.

— Talvez eu devesse pensar em instalar um telefone aqui — Donald ponderou. — Assim posso, pelo menos, falar com você se houver algum problema, e um aparelho no correio do vilarejo também seria útil se um paciente precisar de você com urgência.

— É gentileza sua, Donald, mas os telefones são tão caros, e eu prefiro não gastar mais dinheiro seu.

— Anni, querida, sustentar você não custa nada — Donald disse, tentando me dar um pouco de confiança. — Veja só, se fôssemos casados, você nem mesmo questionaria isso. E somos casados, minha querida, para todo os efeitos, ainda que não oficialmente. Além disso, o fato de você ajudar a comunidade local é algo maravilhoso, e estou muito orgulhoso de você. Portanto, instalar um telefone é o mínimo que posso fazer para ajudá-la.

— Tudo bem — eu disse, resignada. — Obrigada.

— O que você faz é um contraste tão grande com minha esposa — Donald também suspirou. — Violet não faz absolutamente nada para ajudar alguém que não seja ela mesma. Francamente, estou descontente com seu retorno de Nova York. Temos apenas as mais uma noite juntos. Não é muito satisfatório, é?

— Sou grata pelo que temos, Donald — respondi, apesar de o apetite desaparecer repentinamente ao dizer essas palavras.

— Talvez demore uns dias para eu conseguir fugir — Donald disse, me preparando, quando voltou para o Hall na manhã seguinte. — Até logo, minha querida. Cuide bem de você e do nosso menino, certo?

— Claro — eu disse, sentindo lágrimas brotarem em meus olhos. Mesmo sabendo que o veria logo, ele estava retornando para seu outro mundo e não seria mais apenas meu.

Outro inverno começou a chegar, e, com a vinda do clima frio, as necessidades de meus pacientes exigiam mais do meu tempo. Mas eu estava contente com a distração. Via Donald muito menos desde que Violet voltou para casa. Seria estranho se ele passasse muito tempo longe de Astbury depois que passaram seis meses separados. Ele me visitava quando podia, geralmente a caminho de Londres, para uma festa ou um baile.

— A maioria dos meus amigos é tão arrogante e entediante, mal consigo suportar — ele disse, com um suspiro. — Ainda assim, preciso cumprir certas obrigações.

Em um fim de tarde, em meados de dezembro, Donald chegou inesperadamente ao chalé. Ele parecia abatido e sério e me olhava com medo nos olhos.

— O que foi? — perguntei, sabendo imediatamente que alguma coisa estava

errada.

— Tenho notícias — ele disse, se sentando em uma cadeira na mesa da cozinha.

— Notícias ruins? — perguntei, colocando a chaleira no fogo.

— Duvido que as pessoas verão como algo ruim, mas me preocupo que você vá, Anni. E eu queria dizer antes, antes que soubesse por outra pessoa. Você sabe como as coisas são por aqui; fofocas, especialmente dessa natureza, se espalham como fogo numa floresta seca. E eu tenho certeza de que a maioria dos criados já sabe.

— Então me diga — pedi, não ousando pensar no que poderia ser.

Donald respirou fundo. Então, incapaz de me olhar nos olhos, olhou para os próprios pés.

— Violet... está esperando um bebê.

— Entendo. — Compreendi então por que ele sentia que eu era a única pessoa que não veria isso como uma notícia boa.

— Anni, seja honesta. Você se importa?

Claro que me importava! Não com a criança que estava a caminho, mas com o processo íntimo que aconteceu para gerá-la. Estremeci involuntariamente só de pensar. Contudo, queria agir com dignidade na frente de Donald. Eu sabia quais eram as circunstâncias quando concordei com isso.

— É natural que você e sua esposa queiram ter uma família. E um herdeiro para Astbury — acrescentei, tentando manter a amargura longe de minha voz. — Eu praticamente não estou em uma posição em que possa me importar, estou?

— Claro que está — Donald disse, furioso de repente. — Quero dizer, se as nossas posições estivessem trocadas e você estivesse me dizendo isso, duvido que eu fosse capaz de suportar.

— Não tenho escolha, preciso suportar — eu disse, com determinação.

— E você precisa saber, Anni, que o ato de gerar essa criança foi um dever, não um prazer.

Queria acreditar em suas palavras e, na verdade, não duvidava que ele falasse a verdade, mas a ideia de tal ato ainda me queimava a alma.

— E a pior parte é que Violet já está passando mal. Ela cancelou todos os compromissos para as próximas semanas porque diz que está muito enjoada e não sai da cama. Isso significa, infelizmente, que, pelo menos no futuro próximo, sua atenção não estará voltada para outras coisas como de costume. Vou precisar passar mais tempo em casa, com ela. Sinto muito, muito mesmo, Anni.

— Vamos superar isso, tenho certeza. Já superamos outras coisas, afinal.

— Claro, mas a cada dia que passa sinto mais e mais que a vida que levo com

Violet no Hall é uma mentira — ele disse, desolado.

— Bem, não há nada que possamos fazer, e ambos devemos tirar o melhor possível da situação. — Eu sabia que estava sendo rude com ele, mas ainda tentava compreender as implicações do que ele acabara de me dizer. Naquele momento, não conseguia ser compreensiva.

— Certo. — Ele me olhou com culpa, compreensão. — Querida, me perdoe. Hoje, mais que qualquer outro dia, eu deveria consolá-la. Mas preciso ir. O Doutor Trefusis logo visitará Violet. — Donald se levantou e beijou o topo de minha cabeça. — Vejo você assim que puder.



Donald me disse que o Dr. Trefusis declarou que Violet estava bem e saudável. Ele prescreveu carvão para seus enjoos e lhe disse para repousar até que as náuseas passassem. A notícia seria anunciada para o mundo quando a gravidez completasse doze semanas, mas ambos já haviam informado seus pais.

— Minha mãe me pediu para visitá-la esta tarde para discutir o que ela chama de “uma questão delicada”, então preciso ir — Donald disse, desculpando-se, quando veio nos visitar, poucos dias depois. — Só Deus sabe o que ela quer.

Assim que partiu, também me perguntei o que ela queria. Maud Astbury era minha nêtese, a pedra no meu caminho, esperando por uma chance de estraçalhar meus breves momentos de felicidade. Quando Donald chegou, no dia seguinte, vi em sua expressão que a “questão delicada” tinha a ver comigo. Fiz chá e nos sentamos na sala de estar para aproveitar o calor do fogo.

— O que ela disse? — perguntei.

— Ela disse que há boatos sobre meu paradeiro. Aparentemente, tenho sido visto regularmente cavalgando pela várzea.

— Não é um crime, é?

— Em uma direção específica — Donald acrescentou.

— Ah, entendo. Por quem?

— Aparentemente, o pastor das ovelhas contou para sua esposa, que contou para sua amiga, a Senhora Thomas, que contou para Bessie, a criada de minha mãe, que ele havia visto o meu cavalo nas proximidades deste chalé muitas vezes durante a primavera e o verão. Obviamente, eu expliquei a ela que isso, em si, não é motivo de boatos — Donald acrescentou. — Afinal, sempre cavaleguei na direção da várzea, parando às margens do riacho para Glory tomar água.

Permaneci em silêncio, ouvindo o que ele tinha a dizer.

— Minha mãe fez uma tempestade porque sou o lorde da propriedade e cada passo meu é analisado e discutido pelos empregados — Donald disse, pesarosamente. — Ela falou que o motivo de chamar minha atenção quanto a isso é o fato de Violet estar grávida, e o médico avisou que seu estado é delicado. Ela disse que não quer que rumores desse tipo, não importa quão falsos sejam, cheguem aos ouvidos de Violet enquanto ela carrega o herdeiro de Astbury. E acrescentou que, pelo menos por questão de decência, minhas visitas a várzea para vê-la devem cessar imediatamente por enquanto.

— Entendo.

— Para ser honesto, Anni, ela me fez sentir um lixo, dizendo que já é ruim o

bastante ter um relacionamento bem debaixo no nariz de minha esposa, e continuar com isso quando Violet está esperando um filho é repugnante.

— Bem, nesse caso, não importa o quanto isso doa em mim, acredito que sua mãe esteja certa — respondi. — Violet não sabe nada sobre nós. Na verdade, podemos dizer que isso faz dela a vítima, não nós dois.

— Eu sei, Anni. — Donald baixou a cabeça, envergonhado. — Ela não merece nada disso, especialmente neste momento.

— Não, não merece. E, se sua mãe está usando essa gravidez para atingir o objetivo de nos destruir, devemos ter compaixão por Violet. Não pense que não me sinto atormentada todos os dias por enganá-la — acrescentei. — Devemos agir com decência e integridade neste período. Portanto, você deve parar de me visitar.

— Mas o que você vai fazer, Anni? Como vai conseguir suportar? Mais precisamente, como eu vou suportar?

— Talvez possamos nos comunicar por carta.

— Muito engraçado. — Donald deu uma risadinha sarcástica.

— É melhor assim.

— Mas como posso ficar longe de você?

— Você simplesmente precisa.

Ele pegou minha mão e a beijou ternamente.

— Parece que precisamos dizer adeus mais uma vez. Mas apenas temporariamente, até essa criança nascer.

— Os meses passarão rápido, tenho certeza — assegurei.

— Meu Moh terá quase três anos quando eu o vir outra vez — Donald disse, com pesar.

Nos levantamos e caminhamos juntos até a porta da cozinha, então nos abraçamos apertado.

— Vou encontrar um jeito de me comunicar com você, minha Anni, não se preocupe. Eu te amo.

— Adeus, Donald — sussurrei.

Depois dessa conversa, me preparei para passar ainda mais tempo longe do homem que amava. Mas o fato de estarmos nisso juntos, igualmente com a intenção de fazer a coisa certa, tonava tudo mais fácil. Eu estava ocupada com você e com meus pacientes e fiz o melhor que pude para não pensar muito em nossa separação forçada.

O Natal chegou e, pela manhã, encontrei uma cesta na soleira de nossa porta contendo um peru enorme, vários agrados, um presente para mim e outro para

você. Naquela noite, me juntei aos moradores do vilarejo para uma festa no salão da vila. Foi incrível ver seu rosto se iluminar com a decoração exagerada do lugar.

Tilly e seu marido, Jim, nos convidaram para passar a véspera do Ano-Novo em sua casa. Eles tinham uma filha chamada Mabel, que era mais ou menos da sua idade.

— Feliz Ano Novo — sussurrei para Donald quando os sinos da igreja anunciaram a meia-noite. De algum modo, foi ainda mais difícil sabendo que ele estava tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

— Você está bem, Anni? — Tilly perguntou, me abraçando. — Pensando em seu marido, sem dúvida.

— Sim — respondi.

— Tenho certeza de que você vai encontrar alguém um dia, Anni. Você é tão bonita e inteligente, duvido que ficará sozinha por muito tempo.

Naquele momento, meu coração implorou que eu contasse a minha amiga a verdade sobre toda a situação, que confiasse em alguém, mas eu sabia que não podia. Não tinha escolha exceto carregar o peso de meu segredo sozinha.

Quis o destino que eu visse Donald outra vez bem antes do que imaginava.

Em uma noite fria e clara de janeiro, estava dando banho em você na banheira ao lado do fogão, na cozinha, quando ouvi o som de cascos entrando no pátio. Uma vez que ninguém me visitava à noite, presumi que fosse Donald. Ele bateu educadamente antes de abrir a porta da cozinha.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que havíamos concordado...

— Concordamos, e quero que saiba que minha esposa sabe que estou aqui — ele disse, ainda sem fôlego da cavalgada pela várzea.

— O que você quer dizer com isso?

— Posso entrar? — perguntou. — Vou explicar.

Fiquei de lado para que ele pudesse passar.

— Senhor Don!

Seus olhos se iluminaram quando você viu seu pai, e você espirrou água da banheira todo alegre.

— Olá, pequenino — ele disse, e abriu um sorriso antes de beijar sua cabeça ensaboada. Então, se voltou para mim. — O que acontece é que, infelizmente, os enjoos de minha esposa não melhoram. Ela parece não suportar o cheiro da comida, portanto não está se alimentando. O Doutor Trefusis não está muito preocupado, dizendo que isso vai passar mais cedo ou mais tarde, mas Violet está muito mal.

— Algumas mulheres sofrem terrivelmente durante toda a gravidez —

respondi, me perguntando por que ele estava me contando aquilo.

— É por isso que estou aqui. Parece que Violet ouviu as criadas conversando sobre os milagres que você faz com seus remédios e ervas. Ela pediu que você a visitasse para ver se há algo que ela possa tomar para acabar com os enjoos.

Encarei-o como se ele tivesse perdido a razão.

— Você não pode estar falando sério!

— Estou, sim, Anni. Sua fama se espalhou, e o problema é que seria muito estranho se você se recusasse a ver justamente Lady Astbury, e logo quando ela pediu especificamente a sua ajuda. Eu sei... — Donald balançou a cabeça e seus ombros caíram. — A última coisa que pensei é que viria ver você por ordem da minha esposa.

— Ah, Donald, eu...

Talvez fosse o alívio da tensão das últimas semanas sem vê-lo, ou a ironia da situação em que nos encontrávamos, mas de repente comecei a rir. Finalmente, e com alívio, Donald fez o mesmo, e você, meu querido filho, olhou da banheira para seus pais, maravilhado.

— Não é engraçado, realmente — eu disse por fim, enxugando minhas lágrimas com a toalha de banho.

— Não, não é — Donald concordou. — Nem um pouco. Ah, Anni, é tão bom vê-la — ele disse, me puxando para junto dele. — Você sentiu minha falta como eu senti a sua?

— Mais — respondi honestamente, apreciando a sensação de estar mais uma vez em seus braços. — Então, a Lady solicita minha presença? — perguntei, quando deixei os braços dele para tirar você da banheira.

— Sim, ela solicita. Eu disse que não tinha certeza se você estaria em casa, mas que viria e lhe deixaria uma mensagem, de todo modo. Ela gostaria que você a visitasse assim que puder. Talvez amanhã cedo.

— Vou precisar consultar meus compromissos, claro — respondi, com meus olhos cintilando de humor enquanto secava você. — Mas tenho certeza de que consigo encaixar sua esposa em algum horário.

— Obrigado, Anni — ele disse, com sinceridade. — Qualquer coisa que você puder fazer será bem-vinda, sério. A pobre está sofrendo muito, e ela faz questão de que todos saibam disso.

— Irei com a carroça amanhã logo cedo. Diga a ela para me esperar por volta das nove e meia — falei, enquanto você escorregava de meus joelhos e cambaleava em direção a seu pai com os braços erguidos.

— Abraço, Senhor Don — você pediu, e ele o sentou no colo.

— Como ele cresceu em tão poucas semanas — ele comentou, acariciando os seus cabelos negros e macios.

— Sim! E está falando por dois! Vou pedir a Tilly para cuidar dele enquanto visito sua esposa. Imagino que você já saiba que ela não está mais trabalhando no Hall. O marido dela, Jim, recebeu uma promoção para subchefe do correio.

— Perfeito. Já que estou aqui... — Donald colocou a mão no bolso e tirou algumas notas da carteira. — Aí está. Pelo menos não vou precisar do marido de Tilly para entregar isto a você dentro de uma carta. — Ele sorriu.

— Obrigada. — Eu detestava esses momentos, mas não havia nada que pudesse fazer para mudar as coisas.

— Senhor Don, cavalo? — você pediu, ansioso.

— Hoje não, homenzinho — Donald respondeu, com pesar. — Mas prometo que te levo para cavalgar em Sheba na próxima vez em que o visitar. Agora preciso ir.

Seu rosto se apagou, e você cambaleou atrás de Donald até a porta. Enquanto pegava você no colo, perguntei:

— Você vai estar com Violet amanhã?

— Acho que é melhor para todos os envolvidos que eu fique longe.

— Exatamente — concordei.

Depois que Donald foi embora, coloquei você para dormir e me sentei ao lado da lareira para meditar sobre sua visita surpreendente e as razões que a motivaram. Mesmo rindo da ironia das circunstâncias e minimizando a situação diante de Donald, meu espírito cantava com uma emoção diferente.

Naquela noite, enquanto tentava dormir, ouvi o canto. Estava distante, mas estava lá. E me dizia que o perigo não estava longe.

No dia seguinte, assim que deixei você com Tilly no vilarejo, dirigi a carroça até Astbury Hall. Entrando pelo meu caminho de costume, através do vestibulo e chegando à cozinha, fui recebida com sorrisos acolhedores.

— Estamos felizes por vê-la, Senhorita Anni — a Sra. Thomas disse. — Falei à Lady que, se havia alguém que pudesse ajudar, esse alguém seria você. Acha que consegue? Estou ficando sem ideias sobre coisas que possam persuadi-la a comer algo.

— Espero que sim, mas preciso examiná-la primeiro — respondi quando Ariane, a nova criada pessoal francesa de Violet, chegou à cozinha para me acompanhar até o quarto.

— Bem, vamos cruzar os dedos. Estamos todos ficando muito preocupados com ela — a Sra. Thomas acrescentou.

— Prometo fazer o que puder — confortei-a antes de deixar a cozinha e seguir Ariane pelo labirinto de corredores que levava ao saguão principal. Enquanto subíamos as escadas, fiquei chocada com a diferença na decoração do Hall e percebi que Violet obviamente conseguiu retirar os retratos de família que

ficavam alinhados ao lado da escadaria. Eles haviam sido substituídos por trabalhos impressionantes de arte moderna.

— Espere aqui, *s'il vous plaît* — a criada disse quando entramos em uma sala de estar suntuosamente decorada. — Vou informá-la de que você está aqui.

Notei que a temperatura no cômodo era a mesma de uma fornalha, tão quente e abafado que me lembrei dos dias em que vivia na Índia.

— A Lady vai vê-la agora — Ariane declarou, aparecendo na porta do quarto.

Segui a criada com certa hesitação quarto adentro, tão abafado quanto a sala ao lado. Meu primeiro instinto foi o de abrir as grandes janelas e deixar o ar fresco entrar.

Deitada em sua cama de quatro colunas, coberta por uma tapeçaria ricamente bordada, estava uma figura pálida, diminuída pelo tamanho da cama.

— Olá, minha senhora — fiz uma reverência. — Meu nome é Anahita Prasad, e acredito que a senhora solicitou minha presença.

— Sim, solicitei, depois de ouvir as criadas falarem sobre seus remédios milagrosos — ela respondeu, com o seu sotaque americano suave. — Por favor, se aproxime... Ariane, poderia pegar uma cadeira para a Senhora Prasad se sentar ao meu lado?

Ariane obedeceu e eu me sentei, estudando a mulher que era a esposa de Donald. Ela parecia tão jovem — pouco mais que uma criança. Com cabelos loiros, grandes olhos castanhos e lábios perfeitos em sua pele branca, sem marcas, ela me lembrou uma boneca de porcelana. Pude ver imediatamente que estava fraca, certamente pela falta de alimentação.

— Estou feliz que esteja aqui, Senhora Prasad. O Doutor Trefusis disse que seria bom consultá-la.

— É um prazer, senhora. Tenho certeza que o Doutor Trefusis a informou de que tenho qualificações como enfermeira, além da medicina Ayurveda que pratico.

— Qualquer um dos dois serve, se puderem me fazer sentir melhor — Violet suspirou. — Estou doente há semanas.

— A senhora se importa se eu fizer um exame breve?

— Vá em frente. Fui cutucada tantas vezes recentemente que perdi a dignidade há muito tempo.

Medi os sinais vitais de Violet, notando que seu pulso estava um pouco acelerado, mas muitas mulheres têm batimentos mais rápidos durante a gestação; sua temperatura estava normal, e seu coração batia em ritmo constante. Senti o bebê, que parecia pequeno para o número de semanas da gestação, mas que estava definitivamente vivo. A pele de Violet estava pegajosa, mas deduzi que isso fosse mais uma consequência do calor opressivo que uma

condição física. Verifiquei seus olhos e notei os sinais clássicos de anemia.

Satisfeita por completar um exame minucioso, tanto na medicina convencional quanto na holística, lavei as mãos na bacia sobre a mesinha lateral, sequei-as e me sentei. Violet permaneceu em silêncio e obediente durante o exame, mas agora notei que seus olhos estavam ansiosos.

— Bem, acho que posso ajudar, minha senhora.

— Ah, graças a Deus! Estou deitada aqui há dias, me sentindo como se estivesse morrendo.

— A senhora está perfeitamente bem, garanto. O Doutor Trefusis mencionou alguma coisa sobre anemia?

— Não. — Violet balançou a cabeça. — Ele receitou apenas canja de galinha, que odeio e detesto. O que é anemia? É grave?

— Nem um pouco, desde que seja diagnosticada a tempo e tratada. O que acontece é que o bebê está consumindo as reservas de ferro do seu organismo — expliquei. — Isso faz com que a senhora se sinta sonolenta e apática, mas é muito fácil curar. Senhora, já ouviu falar de uma bebida chamada *stout* [\[28\]](#)?

— Não é alguma coisa que os marinheiros tomam nas docas? — Violet torceu os lábios, com nojo.

— Sim, mas também é excelente para as grávidas porque tem muito ferro. Não é particularmente agradável, mas sei que vai ajudar. Também vou pedir para a Senhora Thomas cozinhar tudo o que a senhora come em uma panela de ferro. É um jeito natural de consumir a substância.

— Mas aí é que está o problema — Violet se queixou. — Simplesmente não consigo comer! Até o cheiro da comida me dá vontade de vomitar.

— Acho que também posso resolver isso. Tenho um pouco de gengibre fresco. Vou pedir para a Senhora Thomas fazer um chá com ele. É excelente para acalmar o estômago enjoado e vai ajudá-la a não se sentir tão mal. Por enquanto, você deve tomar o chá pelo menos três vezes ao dia.

— Gengibre? — Violet torceu o nariz. — Minha nossa, os remédios que você está receitando estão me deixando pior.

— Isso não vai acontecer, prometo. Também recomendo um composto de ervas que não só vai ajudar com as náuseas como vai lhe dar um pouco mais de energia e, quem sabe, trazer mais cor ao seu rosto. Vou colocar as instruções na garrafa. E não — adiantei —, não vai ter um gosto muito agradável. Por fim, senhora, este quarto está quente demais. É preciso diminuir o aquecimento e deixar o ar fresco entrar. Além disso, uma caminhada breve pelo jardim para se exercitar não vai fazer mal à senhora e ao bebê. Ficar deitada aqui, sozinha e desanimada, certamente não a ajuda em nada.

— Mas está frio lá fora. — Violet estremeceu.

— Eu sei, mas a senhora pode vestir roupas quentes. Se você fizer tudo que recomendo, logo vai sentir vontade de correr pelo jardim como uma ovelha na primavera.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tudo bem — ela suspirou, resignada. — Suponho que não tenho nada a perder se tentar fazer as coisas do seu jeito. Nada disso é perigoso para o bebê, é?

— Se fossem, senhora, eu não estaria recomendando.

— Não, claro que não. — Violet enrubesceu depois de seu comentário indelicado.

— Agora vou descer e falar com a Senhora Thomas. Juntas, vamos pensar em um modo de deixar tudo mais saboroso, mas tão nutritivo quanto uma canja de galinha.

— Bem, isso certamente seria uma melhora considerável. — Violet compartilhou um olhar conspiratório comigo.

— Volto em alguns dias para vê-la — eu disse, me levantando. — Se precisar de mim antes, mande me chamar.

— Sim, e não se preocupe em vir até aqui para trazer os remédios que quer que eu tome. Já incomodei bastante e soube pelas criadas que você tem um filho pequeno. Mando alguém buscar esta tarde.

— Obrigada. Fico feliz em poder ajudar.

— Adeus, Senhora Prasad. — Violet sorriu enquanto eu caminhava até a porta. — Deixe a conta com o mordomo.

— Ah, não, eu não cobro. Meus serviços são gratuitos. Tenha um bom dia, minha senhora.

Na cozinha, escrevi uma lista de instruções e expliquei para a Sra. Thomas o que fazer.

— Bem, se todas essas coisas que você está receitando funcionarem, eu sou o rei da Inglaterra, mas, considerando que você já cuidou de tantos de nós, estou disposta a confiar em você.

— Obrigada, Senhora Thomas. Agora preciso ir e pegar meu filho com Tilly. Ele deve estar se perguntando onde estou.

O próprio Donald foi até o chalé naquela tarde. Entreguei a ele o gengibre e o composto de ervas que preparei para melhorar o ânimo de Violet.

— Você deve notar uma melhora nos próximos dias se ela começar a tomar isso imediatamente — informei.

— Obrigada, Anni — ele disse, colocando o gengibre e o composto no bolso do casaco. — Vou encorajar Violet a fazer o que você mandou. É muita bondade

sua ajudá-la, diante das circunstâncias.

— Ela é um ser humano que está sofrendo — respondi, acompanhando-o até a porta. — Claro que quero fazer o possível para ajudar.

Quando voltei ao Hall, uma semana depois, fui levada para o andar de cima, mas dessa vez encontrei uma Violet completamente apumada na sala de estar.

— Senhora Prasad! — Ela se levantou e caminhou até mim e então, para minha vergonha, me abraçou. — Você faz milagres! Olhe para mim!

Olhei para ela e notei o rosado de seu rosto e uma nova vitalidade em seus olhos.

— Parece que a senhora se recuperou bem. — Sorri.

— Sim! Mas ainda não consigo acreditar. Primeiro, ter que beber aquelas coisas nojentas me fazia achar que ficaria ainda mais doente, mas não! Fiz o que você sugeriu, ao pé da letra, todos os dias e funcionou! Ah, Anni... posso chamá-la de Anni? Todas as criadas parecem chamar você assim. Como posso agradecer?

— Realmente, não há por quê. Já estou feliz que esteja melhor.

Ela fez um sinal para eu me sentar em uma cadeira à sua frente.

— O Doutor Trefusis veio me ver ontem e mal pôde acreditar na mudança. Claro, contei sobre você ter vindo e que você é tonificante — Violet disse, com admiração e gratidão no olhar. — Passei um telegrama para minha mãe em Nova York ontem. Ela estava tão preocupada que estava prestes a embarcar em um navio e vir me visitar. Mas ela também não está bem, então eu disse que não havia necessidade e que agora estou me sentindo melhor. Quando ela chegar para o nascimento, talvez você possa dar uma olhada nela também, caso ela não melhore até lá.

— Seria um prazer, se ela desejar, claro.

— Até me sinto capaz de convidar alguns dos meus amigos para vir aqui outra vez. Desde que fiquei doente, a casa está vazia.

Eu me senti satisfeita com a melhora de Violet e percebi que sua exuberância era uma parte natural de quem ela era. Gostei dela por isso.

— Bem, fico feliz em informar que a senhora pode parar de tomar o chá de gengibre. Tome apenas se sentir náuseas. Entreguei algumas folhas frescas de hortelã para a Senhora Thomas. Esse chá também ajuda com os enjoos, e que a senhora pode achá-lo mais saboroso. Mas lamento informar que deve continuar com a *stout*.

— Ah, já me acostumei com ela. Donny acha muito divertido me ver tomar — ela riu. — Ah, Senhorita Anni, ele tem sido tão gentil, tão preocupado comigo. Acho que ele quer abraçá-la tanto quanto eu quero!

Forcei os músculos do rosto a permanecerem impassíveis diante desse

comentário e me levantei.

— Preciso ir. Preciso visitar um bebê no vilarejo com urgência.

— Claro. — Violet também se levantou. — Espero que você possa me visitar com frequência. Talvez possa vir a um dos meus jantares.

— Bem... — Eu não sabia o que dizer. — Lamento, mas não poderia. Não teria com quem deixar o meu filho.

— Sim, Donny me disse que o seu marido morreu. Sinto muito. Se o seu garotinho é tão lindo quanto você, deve ser uma criança adorável. Você tem uma aparência tão exótica. Morro de inveja!

— Obrigada... Você é muito gentil. Agora preciso realmente ir.

— Talvez possa visitá-la em seu chalé e conhecer o seu garotinho também algum dia — ela disse, me acompanhando até a porta como um cachorrinho excitado. — Conheço poucas pessoas por aqui. Todos os meus amigos moram em Londres.

— Raramente estou em casa — eu disse, abruptamente. — Por favor, telefone antes.

— Telefone, sim. Até logo, Anni. E, mais uma vez, obrigada.



— Parece que tenho minha antiga esposa de volta — Donald disse dois dias depois, ao aparecer em outra missão para me entregar um presente de Violet: um enorme buquê de flores, chocolates e champanhe. — E você tem uma nova admiradora. — Ele sorriu. — Nunca, nem em meus sonhos mais loucos, pensei que traria presentes enviados pela minha esposa para você. A vida é bem irônica.

— Isso é verdade — respondi, tentando afastar suas mãozinhas do chocolate.

— Você é maravilhosa — Donald disse, me abraçando. — Os seus métodos não são os mais tradicionais, mas que permaneçam.

— Eles certamente são tradicionais na Índia, e são naturais — me defendi.

— Bem, você é incrivelmente inteligente, mas temo que haja um lado negativo em tudo isso — Donald comentou. — Violet, com sua energia restaurada, está correndo de um lado para o outro convidando Deus sabe quem para ficar em Astbury. Certamente está tentando recuperar o tempo perdido. E você sabe que eu detesto os amigos dela. Mas o lado positivo — ele me sentou no seu colo — é que tive um motivo para visitar você.

Ele me beijou e eu coloquei os braços ao redor de seu pescoço.

— Esse é um lado muito positivo. Mas sua esposa me perguntou se podia me visitar, aqui no chalé, e conhecer Moh.

— Sério? — Donald franziu o cenho. — E o que você disse?

— Pedi a ela que telefonasse antes, porque geralmente não estou em casa. Mas não posso impedi-la, posso?

— Não. Isso vai complicar as coisas. Não estou confortável com Violet sabendo exatamente onde você mora.

— E você acha que *eu* estou? O que posso fazer?

— Nada, suponho. Talvez seja melhor tirar aquela fotografia de nós três do seu criado-mudo. Ela pode achar aquilo estranho — ele acrescentou, brincando.

— Por favor, isso não é brincadeira. Violet é um peso na minha consciência desde o início, mas agora tenho que fingir que sou amiga dela... — Estremeci. — É muito estranho para mim. Além disso, Donald, gosto dela. Ela é doce e, apesar de todo o dinheiro que tem, parece muito vulnerável.

— Eu sei, Anni. Bem, vamos esperar que o interesse em você seja temporário. Como você foi a única pessoa que conseguiu ajudar, acho que ela se agarrou a sua imagem. Você se tornou uma fonte de conhecimento sobre tudo o que esteja ligado à gravidez. — Ele sorriu. — Acho que o Doutor Trefusis está ressentido.

— Na verdade, ele telefonou hoje e vem me visitar amanhã — informei. — Disse que queria ver meu canteiro de ervas e aprender mais sobre o que eu coloco nos remédios.

— Sério? Estou surpreso. Sempre pensei que ele fosse antiquado e tacanho.

— Bem, talvez ele seja mais receptivo a novas ideias do que você pensava.

— Eu realmente me pergunto se você não deve começar a cobrar por toda essa assistência que dá às pessoas — Donald confessou. — Eu não queria que se aproveitassem de você.

— Talvez, quando Moh for mais velho, eu pense mais seriamente sobre o futuro e sobre a medicina como profissão outra vez. Por enquanto, estou feliz com o jeito como as coisas estão.

— Mas não se desgaste, por favor, querida — ele disse, acariciando meu rosto suavemente. — E não deixe minha esposa convencê-la a fazer coisas que não quer. Ela pode ser bem persistente.

No dia seguinte, o Dr. Trefusis fez sua visita. Levei-o até minha pequena estufa e ele caminhou entre as prateleiras cobertas por diferentes espécies, me fazendo perguntas sobre cada um das ervas.

— Não é apenas o remédio em si — expliquei. — É diagnosticar *quem* seu paciente é e qual é o seu *dosha*, isto é, se a pessoa é *pitta*, *vata* ou *kapha*^[29]. Você descobre isso examinando a forma física e a cor do paciente, e fazendo algumas perguntas para avaliar sua personalidade e seu estado emocional. Então você pode recomendar o medicamento adequado. Os remédios que uso fazem parte da cultura indiana há milhares de anos. Além de usar plantas frescas, também deixo as folhas secarem e as guardo em potes ou as trituro até virarem pó. As raízes proporcionam os medicamentos mais fortes.

— Fascinante, absolutamente fascinante — ele murmurou. — Qual é o tipo da Lady Astbury?

— Ela é *vata*, o que significa que tem ossos pequenos, acumula pouca gordura e sente muito frio. Ela também tem um sistema digestivo temperamental e facilmente afetável, o que provavelmente explica seus enjoos matinais.

— Entendo. Você se importaria se eu pegasse algumas mudas e tentasse cultivá-las? Talvez você possa me ensinar a misturar alguns dos remédios básicos. Alguma coisa para dores no peito, por exemplo.

— Por favor, pegue o que desejar. Com licença, preciso dar uma olhada no meu filho. Ele já deve ter acordado a esta altura.

— Claro — o Dr. Trefusis disse. — Vou ficar aqui pegando as mudas, depois procuro você lá dentro.

O médico foi embora dizendo que retornaria em qualquer dia da semana seguinte para que eu o ensinasse a fazer um remédio. Ele nunca mais apareceu na soleira da minha porta.

Mas Violet, por sua vez, apareceu, se deliciando com o aconchego do chalé e dizendo inúmeras vezes que ele era perfeitamente *inglês*. Quando ela viu você pela primeira vez, segurei o fôlego, esperando por um comentário sobre seus olhos azuis, que revelavam nosso segredo. Mas o comentário nunca veio, felizmente.

— Oh, ele é tão lindo! A sua cópia, Anni.

Você pareceu gostar de Violet imediatamente, mas talvez fossem apenas os brinquedos e os doces que ela lhe trazia todas as vezes que vinha nos visitar.

— Por favor — implorei uma tarde, quando o chofer de Violet tirou um triciclo vermelho do porta-malas do carro e você começou a pedalar freneticamente ao redor do pátio. — Você o está mimando muito.

— Besteira! Na minha opinião, nenhuma criança pode ser mimada o suficiente — ela disse. — Além disso, Anni, sei que você não cobra por seus serviços e tem uma renda pequena, portanto isso é o mínimo que posso fazer.

Durante as semanas seguintes, em muitas das tardes frias de fevereiro, Violet e eu nos sentamos ao lado da lareira e saboreamos bolos que ela trazia consigo.

— Estou muito gorda para ir a Londres, então está se tornando um tédio ficar dentro de casa só com a companhia das criadas e de Donny — ela dizia toda vez. — Estou tão feliz por ter você para visitar.

Apesar de estar sempre tensa, sabendo que deveria ficar atenta, eu ouvia Violet fascinada enquanto ela falava sobre sua vida privilegiada na América. Ela, também, estava interessada em ouvir histórias sobre minha infância na Índia. Na verdade, eu me via mais e mais encantada com sua natureza doce e generosa e a certeza ingênua de que tudo em sua vida sempre daria certo. Comecei a esperar ansiosamente pelos nossos encontros, uma vez que a vitalidade de Violet alegrava muitos dias longos de inverno. Diria até mesmo que nos tornamos amigos, de certo modo.

Ela não era condescendente comigo em nada; na verdade, me disse em mais de uma ocasião que minha ligação familiar com a realeza da Índia fazia com que ela parecesse demasiado comum.

— Como todos na América, estou onde estou porque minha família teve sucesso nos negócios. É o dinheiro que compra a nobreza na minha terra, não o sangue. Claro — ela acrescentou com uma careta —, a mãe medonha do Donald nunca vai me deixar esquecer minhas origens. Você a conhece?

— Sim, ela morava no Hall quando fiquei lá anos atrás, durante minhas férias escolares — respondi.

— Sei que ela reprova tudo o que faço. — Violet mordeu seu bolinho, pensativa. Depois sorriu para mim. — Entretanto, ela ficou feliz por ver gastando meu fundo fiduciário para resolver os problemas de sua família. Ainda bem que Donald insistiu para ela se mudar para a casa menor. Acho que não suportaria

viver sob o mesmo teto que aquela mulher.

— Ela tem uma personalidade difícil — concordei, escolhendo cuidadosamente as palavras.

— Bem, eu diria que ela é uma bruxa! — Violet riu de sua própria grosseria.

— A maioria das sogras é. Ela simplesmente é de outra era e acha difícil se adaptar aos novos tempos.

— Ah, Anni, que alma bondosa. Você é sempre complacente com todo mundo, mesmo tendo sofrido tanto. As criadas falam como se você fosse uma santa. Espero aprender a ser uma pessoa melhor com você.

Estudei Violet naquele momento e vi que estava genuinamente ávida para fazer exatamente o que disse. Nunca me senti tão consciente de minha vida dupla.

Março chegou e, com ele, as geadas desapareceram e o tojo amarelo cobriu a várzea, espalhando-se como um tapete dourado na frente do chalé. Donald aparecia em missões ocasionais para Violet e reclamava, meio que brincando, que sua esposa via mais a mim do que ele. Também comecei a notar que, quando ele dizia algo negativo sobre Violet, eu me via saindo em defesa dela. Na verdade, quando abril chegou, comecei a acreditar que gostava mais de sua esposa do que ele mesmo.

Quando Violet era uma desconhecida, que eu via apenas através dos olhos de Donald, era mais fácil lidar com nossa situação. Mas, conforme minha afeição por ela aumentava, eu começava a questionar por quanto tempo ainda poderíamos sustentar aquele triângulo monstruoso de enganação em que nos envolvemos.

Certa manhã, recebi uma carta de Indira, encaminhada a mim de Londres, por Selina.

Patna Palace
Patna
Índia

29 de março de 1922

Anni, minha querida e velha amiga,

Como você está? ONDE você está? Estou feliz por saber que você não está mais perdida para nós, como Selina pensou que estivesse quando a vi pela última vez, na França. Por que você não me escreveu???

Por favor, escreva logo e me conte tudo.

Quanto a mim, Varun está na Europa e eu estou presa na zenana com a temerosa esposa Número Um. Querida Anni, te imploro que viaje para cá para visitar a mim e a meu lindo bebê. É um menino e o chamamos de

Kunwar. A mim agrada o fato de a Número Um ter apenas duas meninas, o que significa que nosso precioso filho será o príncipe herdeiro quando Varun se tornar marajá, depois da morte de seu pai. Varun prometeu voltar para me buscar em junho, quando o bebê estará com idade suficiente para viajar. Vamos alugar uma casa no sul da França. Talvez você queira nos encontrar lá, também...

Sinto sua falta, querida Anni. Por favor, escreva logo.

Indy

Na verdade, eu não havia escrito porque não sabia o que dizer.

Indira e seu marido convíviam nos mesmos círculos sociais que os Astbury, e a discrição simplesmente não fazia parte de sua personalidade.

Enquanto escrevia uma resposta dizendo o mínimo possível sobre mim e minha situação e perguntando sobre ela, fiquei triste com o fato de não poder ser honesta nem mesmo com minha amiga mais antiga. Toda a minha existência era uma teia de mentiras; mais e mais o equívoco fundamental de tudo isso pairava sobre mim, como uma nuvem negra. Independentemente do modo como olhava para as coisas, percebia que nossa farsa, que tinha o poder de ferir a alma de outro ser humano, estava destruindo o bem intrínseco do amor que havia dado início a tudo isso.

Toda vez que alguém me agradecia por cuidar dele ou de um parente e falava continuamente sobre minha bondade e generosidade, eu sentia a culpa dilacerar profundamente minha alma. Eu não era a pessoa que pensavam que viam — eu não era uma pobre viúva que doava seu tempo e conhecimento para a comunidade, a quem todos admiravam e em quem confiavam. Eu era uma concubina, uma adúltera que deu um filho ilegítimo a seu amante e continuava a ter um relacionamento com ele bem debaixo do nariz de sua esposa. A mesma esposa que acreditava que eu era sua amiga...

— Que foi, Anni? — Donald perguntou em uma tarde clara de primavera. Violet estava dormindo e ele aproveitou a oportunidade para nos visitar sorratamente. — Sei que alguma coisa está incomodando você.

— Sim, está. Eu me odeio! — Ao dizer isso, me desmanchei em lágrimas.

Donald imediatamente me tomou nos braços.

— Anni, tenho certeza de que assim que o bebê nascer, Violet voltará a sua velha vida, e uma variedade de coisas a manterá ocupada. É quase certo que ela vai desejar ir a Nova York exibir o bebê para seus parentes, e, claro, ela adora o inverno em Londres. Odeio ter que dizer isso, mas é quase certeza que ela vai esquecer de você.

Essas palavras caíam como gotas de chuva fraca no deserto, não chegando àquela parte de mim que precisava tanto de redenção. Eu o observei ir embora, sem saber como explicar que ele falava de questões práticas — compromissos

que deixariam Violet fisicamente longe de meus olhos, mas não chegariam perto de acalantar as emoções complexas e dolorosas de meu coração.

Naquela noite, depois que coloquei você para dormir, pensei em deixar Devon pela primeira vez. Talvez fosse melhor se nos mudássemos. Eu poderia viver abertamente como a pessoa que realmente era e ter a consciência limpa. Ao subir as escadas para o quarto, eu sinceramente não tinha certeza de qual destino era pior, mas sabia que a enganação me destruía por dentro.

Enquanto rolava na cama mais tarde, lembrei que Violet havia me implorado para estar a seu lado durante o nascimento de seu filho.

— Minha cunhada, Selina, disse que você foi maravilhosa quando ela deu à luz — disse. O mínimo que eu devia era fazer o que me pediu. Mas assim que a criança nascesse, precisava chegar a uma decisão definitiva sobre nosso futuro.

Para piorar as coisas, aquela cantiga ficava cada vez mais alta com o passar dos dias, me avisando de que o perigo e a morte não estavam longe. Eu esperava que fosse mera reflexão do meu próprio desespero e tentei ignorar.

As semanas finais da gravidez de Violet coincidiram com uma onda de calor abrasador em julho, e ela me implorava para visitá-la no Hall quase todos os dias. Sentávamos no frescor do jardim de inverno, onde ela havia instalado ventiladores elétricos.

— Minha nossa — ela falou uma vez, sentando-se. — Estou do tamanho de uma casa. É difícil dormir, especialmente com este calor.

— Não falta muito — respondi, tentando confortá-la.

— Você acha? Tenho a impressão de que posso ficar grávida para sempre. Você vai ter que me ajudar a emagrecer depois, e a ficar do jeito que eu era. Duvido que vá entrar nos meus vestidos outra vez — reclamou.

— Claro, a melhor coisa a fazer para recuperar sua forma, e também para garantir a saúde do bebê, é amamentar. Você está disposta a fazer isso?

— Nossa mãe! — Violet disse, com uma expressão de nojo. — Isso é o tipo de coisa que os nativos fazem na África. — Ela estremeceu.

— Eu amamentei Moh — falei calmamente, e notei que ela enrubescou.

— Anni, não quis ofendê-la. Quero dizer, você é de uma cultura diferente. Eu...

— Por favor, Violet — interrompi, tocando seu joelho. — Eu entendo você.

Alguns dias depois, notei que os tornozelos de Violet estavam inchados, e, recentemente, ela reclamara de dores de cabeça. Sugeri que ela repousasse com as pernas erguidas para amenizar o inchaço.

— Lady Astbury realmente está desconfortável — o Dr. Trefusis disse depois de visitá-la, certa manhã, e Violet insistiu que eu esperasse por ela na sala de

estar. — Sempre achei que dar à luz em agosto era terrível, mas suponho que deva ser assim o ano inteiro no lugar de onde você vem.

Ignorei o comentário.

— Ela tem reclamado de dores de cabeça nos últimos dias. Isso não o preocupa, doutor?

— Não muito — ele respondeu, guardando seu estetoscópio na maleta. — Apalpei o bebê e ouvi seu coração, que é forte e robusto. Ela ainda tem três semanas. Vamos esperar que o bebê não atrase mais do que isso. Talvez você possa lhe dar um de seus remédios para acelerar o processo — sugeri eu.

— Não gostaria de interferir na natureza nesse estágio. Os bebês nascem quando estão prontos — respondi, com firmeza.

— Pensei que tudo que você usa fosse natural — ele retrucou, de maneira mordaz. — De todo modo, volto amanhã cedo para ver como ela está.

— Claro.

Ele sorriu e deixou a sala. Entrei no quarto para ver Violet, que me estendeu a mão.

— Anni, esta dor de cabeça está um horror, e eu me sinto enjoada. Você não pode me dar nada?

Olhei para ela com atenção e vi que estava pálida. De repente, o canto começou, forte e alto em meus ouvidos. Ignorei-o com determinação, não desejando admitir seu significado.

— Vou pedir para sua criada trazer panos gelados, e talvez haja algo que eu possa administrar para a náusea. Por favor, tente descansar agora.

— Você pode ficar comigo um pouco? Eu me sinto muito mal, Anni.

— Claro que sim. Vou me sentar aqui até você adormecer.

Finalmente, quando Violet caiu em um sono inquieto, libertei minha mão e segui para a escadaria. Donald me encontrou ao pé dos degraus.

— Como ela está?

— Não está se sentindo bem hoje — respondi. — Está dormindo agora, e vou até minha casa ver se tenho algo que possa ajudá-la.

— O médico disse que não há nada com que se preocupar. Mas você está apreensiva, Anni.

Ele me ajudou a subir na charrete, mas não lhe contei que já havia visto aqueles sintomas antes e que não eram um bom sinal.

Depois de colher folhas frescas de hortelã e misturar sementes de erva-doce, cominho e coentro para os tornozelos inchados de Violet, fui até a casa de Tilly, no vilarejo, pedir que ficasse com você. Até deixei uma muda de roupas sua, caso eu demorasse para voltar.

— Lady Astbury está doente? — Tilly perguntou.

— Não está se sentindo bem hoje.

— Ela sempre foi tão frágil — comentou. — Fique com ela quanto tempo precisar, Anni. Posso colocar Moh para dormir no berço com Mabel.

— Obrigada.

Violet estava pior quando cheguei, dizendo que não conseguia mais suportar a dor de cabeça e que ainda estava enjoada.

— Por favor, beba isto — pedi, fazendo-a engolir o chá de hortelã. Coloquei um lenço aromatizado com lavanda em sua testa e medi sua temperatura, que estava normal, depois seu pulso, que estava acelerado demais. Se ela não melhorasse em uma hora, eu mandaria chamar o Dr. Trefusis. No fim, ela se acalmou e eu me sentei ao lado de sua cama enquanto ela dormiu tranquilamente por duas ou três horas. Em certo momento, ouvi uma batida na porta e vi Donald olhar para dentro do quarto timidamente.

— Como ela está?

— Dormindo. Veremos como vai estar quando acordar.

— Sim, claro. — Ele sorriu para mim com gratidão, de um modo tão doce que meus olhos se encheram de lágrimas. Não consegui imaginar como ele se sentiu ao ver sua esposa e sua amante lado a lado.

— Por favor, me chame se uma de vocês precisar de algo.

— Chamo. Obrigada.

Violet acordou pouco antes da meia-noite e notei que sua cor havia mudado. Ela levou as mãos ao estômago de repente e deu um grito de dor.

Movi as cobertas imediatamente e pedi para ela apontar para onde doía.

— É como... É como se uma faixa estivesse muito apertada ao redor da minha barriga — ela não conseguiu continuar, pois outra onda de dor súbita passou por seu corpo.

— Violet, você está entrando em trabalho de parto!

— Minha cabeça... Minha cabeça... — ela gemeu.

— Ainda está doendo? — perguntei, colocando a mão em sua testa. Ela estava ardendo em febre.

— Muito... — Enquanto as contrações continuavam, ela não conseguia falar.

— Não precisa ficar com medo — recomendei, confiante, puxando o sino ao lado de sua cama para alertar a criada. — O que você precisa fazer agora é seguir seu corpo. Ele sabe exatamente o que fazer, e você deve ouvir o que ele diz.

— Tão feliz... que você está aqui...

— Vou pedir para chamarem o Doutor Trefusis. Ele precisa saber que você entrou em trabalho de parto.

— Não me deixe! — ela pediu, buscando minha mão e a apertando com força.

— Violet, vou me afastar apenas por alguns minutos, prometo — falei, libertando minha mão e correndo pelas escadas escuras, tentando encontrar alguém para soar o alarme. O canto continuava em minha mente e eu não estava feliz com a condição de Violet. Nem um pouco feliz.

Não havia ninguém no andar de baixo, então atravessei a suíte de Violet e bati com força na porta do quarto de Donald.

— Anni, o que foi? — ele perguntou, de pijama.

— Violet está em trabalho de parto. Quero que você chame o Doutor Trefusis imediatamente. Ela está com febre e diz que ainda sente dor de cabeça. Acho que ela deve ser levada para um hospital assim que possível. Tem algo errado — acrescentei. — Chamei sua criada, mas ela não apareceu. Você pode acordá-la e pedir para trazer água fervente, flanelas frias e toalhas limpas enquanto esperamos o médico chegar?

— Claro, mas o médico ainda não tem telefone, então preciso mandar um dos cavalariços buscá-lo.

Concordei e voltei para o quarto de Violet.

Desde que a deixei, ela havia vomitado sobre as cobertas e estava gemendo de uma forma que não era natural. O bebê estava chegando rápido — rápido demais —, e a cantiga continuava em meus ouvidos.

Arranquei as cobertas de cima dela e a coloquei em uma posição mais confortável, sussurrando palavras de conforto, tentando acalmá-la.

— Ariane, procure o Lorde e o traga aqui imediatamente — ordenei, uma sensação de pânico começando a surgir devido à febre de Violet. Instinto e medicina convencional me diziam que ela estava em perigo.

Donald apareceu quase imediatamente.

— Meu Deus! — exclamou, chocado ao ver a esposa naquela condição.

— Se o Doutor Trefusis não chegar em meia hora, você precisa colocar ela no carro e ir para um hospital. Não podemos esperar mais que isso.

— Vou pedir para trazerem o carro para perto da casa. — Ele saiu correndo do quarto.

Vinte minutos depois, pedi a Ariane para acordar a Sra. Thomas para que esta preparasse uma mistura de água com açúcar, em parte porque não podia suportar a garota pairando a meu redor, aterrorizada e curiosa.

De repente, Violet ficou imóvel e seus olhos se abriram. Ela me olhou fixamente.

— Tem alguma coisa errada, não tem?

— Não, está tudo bem. O bebê quer chegar logo, mais rápido do que deveria, e você deve dar uma bronca nela.

— Nela? — Violet sorriu. — É uma menina?

Falei sem pensar, mas afirmei com certeza. E sabia que era importante que Violet soubesse.

— Sim, Violet. Acho que sim.

Seus olhos se fecharam e, depois disso, ela perdeu e recobrou a consciência várias vezes até que o Dr. Trefusis finalmente chegou. Vinte minutos depois, a neném de Violet e Donald Astbury chegou ao mundo. Quando olhei para ela, vi que era pequenina e me perguntei se sobreviveria. Mas era sua mãe quem nos preocupava. Ela continuava sangrando muito, e, apesar de o Dr. Trefusis e eu fizemos de tudo durante as duas horas seguintes, o sangramento não diminuía.

— Meu Deus — Donald dizia, sentado ao lado de uma Violet imóvel, acariciando seu cabelo. — Não há nada que possamos fazer? Devemos levá-la a um hospital!

— Lorde Astbury — o Dr. Trefusis disse. — Sua esposa está doente demais para ser removida.

— Mas não podemos simplesmente ficar aqui, assistindo enquanto ela sangra até morrer, pelo amor de Deus!

O Dr. Trefusis olhou em minha direção desesperado e balançou levemente a cabeça.

— Lamento muito, Lorde Astbury, mas não há nada que possa ser feito para salvá-la. Talvez você deva se despedir.

Vi Donald colocar a cabeça sobre o peito de Violet e começar a chorar.

Sabendo que não era meu papel oferecer consolo, peguei o bebezinho, que havia sido colocado em uma bacia, praticamente esquecido enquanto tentávamos salvar a vida de sua mãe.

— Vou levar a menina para ser alimentada e lavada — sussurrei para ele.

Ele moveu levemente a cabeça e eu deixei o quarto.

Às seis horas da manhã seguinte, a morte de Lady Violet Astbury foi anunciada pelo Dr. Trefusis. Ela nunca acordou para ver sua filha.



O vilarejo de Astbury entrou em luto. A morte trágica de Lady Violet criou uma atmosfera sombria que cobria toda a propriedade como uma neblina espessa. Fiquei isolada em meu chalé, atormentada com a lembrança daquele dia. Eu soube, nas últimas horas de sua vida, que algo estava errado. Tentei me consolar me lembrando de que o próprio médico estava convencido de que não havia perigo, mas, ainda assim, não consegui esquecer o olhar de Violet, tão confiante, tão crente de que eu poderia ajudá-la. Por não seguir meus instintos, fracassei da pior maneira possível.

Eu não via Donald desde o dia da morte de sua esposa. Ele também confiaria em mim para cuidar dela, assim como todo o vilarejo. Todos acreditaram tanto em mim... O fato de meu telefone já não tocar como antes com solicitações de visitas aos doentes dizia tudo o que eu precisava saber. De um modo imutável, eu sabia que estava sendo responsabilizada. Sim, eu podia curar reumatismo, gota e resfriado... Mas no momento mais importante eu havia fracassado.

Mesmo sabendo, do fundo do meu coração, que a condição de Violet estava além da capacidade de um humano ajudar — afinal, o eminente Dr. Trefusis estava a meu lado enquanto tentávamos salvar a vida dela —, eu não conseguia deixar de me torturar.

E, claro, Donald agora era viúvo...

A ideia de ele ser um homem livre, que, sob circunstâncias diferentes, me traria alegria, agora tornava tudo ainda mais insuportável.

Donald me culpava?

Se não, por que não havia telefonado nem cavalgado pela várzea para me ver? Minha afeição por Violet era aberta e genuína, e eu inúmeras vezes disse isso a ele. Com certeza ele não estaria pensando...

Poucos dias depois da morte de Violet, recebi uma visita. Da janela do meu quarto, vi Maud Astbury descer do carro e caminhar cuidadosamente pelo caminho estreito até minha porta. Colocando você em seu berço, com brinquedos para que permanecesse distraído, respirei fundo e descí as escadas para atendê-la.

— Olá, Lady Astbury.

— Posso entrar?

— Claro. — Ela me seguiu pelo corredor até a sala de estar. — Sente-se, por favor. Gostaria de tomar um chá? — perguntei, ao vê-la de pé e desconfortável no meio da sala.

— Não, obrigada. Esta não é uma visita social, como você pode imaginar.

Concordei com um suspiro triste.

— Como posso ajudar?

— Vim solicitar que você não compareça ao funeral de Lady Violet na próxima semana. Diante das circunstâncias, sinto que seria inapropriado se você fosse.

— Entendo.

— Certamente você concorda.

— Se a senhora se refere a meu relacionamento com seu filho, então, sim, seria errado comparecer ao funeral dela. Contudo, considerando apenas Lady Violet, ela era minha amiga e eu fiz o que pude para ajudar na noite em que ela morreu — respondi, com toda a calma que consegui.

— *Ajudar?* Você chama o que fez de ajudar?

— Sim. Lady Violet estava sofrendo de uma condição conhecida como eclâmpsia. Mesmo se fosse levada a um hospital, não poderia ter sido salva. Em minha opinião, pelo menos.

— Não creio que sua experiência limitada na medicina e a morte de um de seus supostos pacientes lhe dê o direito de ter uma opinião. — Maud torceu o nariz — Seja como for, Senhorita Chavan, não é meu trabalho julgá-la. Deixe que os outros façam isso. O que você vai fazer agora? — ela perguntou bruscamente.

— Não pensei nisso ainda — menti. — Ainda estou em luto pela morte de Lady Violet. Posso perguntar o que vai acontecer com a menina agora que sua mãe não está mais conosco?

— Vou me mudar de volta para o Hall, claro, e ajudar Donald a criá-la. Não é nada mais que minha obrigação. Donald insistiu que a criança seja chamada de Daisy, que era, ao que parece, a escolha de Violet.

Percebi pela expressão de Maud que ela não aprovava. Também sabia que não estava ali para discutir detalhes ou compartilhar alegrias.

— Senhora, posso perguntar o verdadeiro motivo de sua visita?

— Pode. Desejo que deixe Astbury imediatamente. Você já causou danos demais, e, pelo bem de meu filho e de sua filha recém-nascida, você deve concordar que não há alternativas.

— Assim como a senhora não teve alternativa ao interceptar minhas cartas para Donald — respondi.

— Fiz o que foi necessário para proteger minha família. Os outros podem ser enganados por sua expressão doce e carinhosa, mas, Senhorita Chavan, quando a conheci, soube imediatamente o que você é.

— E o que eu sou? — sussurrei, sentindo meu corpo tremer de raiva e tensão.

— Nada mais que uma vadia indiana. Não pense que não conheci o seu tipo antes, porque conheci. — Maud apontou o dedo agressivamente em minha direção. — Quando morei na Índia, vi o demônio em uma mulher que meu marido mantinha escondida de mim. Ele saía para seus encontros sórdidos no barraco onde a mulher vivia depois que ela deixava de nos servir como criada. E ele pensava que eu não sabia! Vi as lágrimas em seus olhos quando deixamos a Índia. Eram todas por ela.

Vi o nojo e a fúria ardendo nos olhos de Maud. E comecei a entender por que ela me odiava.

— Tal pai, tal filho, não? — Maud soltou um riso vazio. — Você até se parece um pouco com ela. Notei isso no dia em que você chegou, tantos anos atrás. Mas todos os indianos ignorantes se parecem, não é? Obviamente, seu tipo exerce uma atração imensa sobre os homens da família Astbury, Senhorita Chavan, você e eu somos mulheres e compreendemos como os homens são suscetíveis aos pecados da carne. Somos nós que devemos tomar as decisões por eles. Certamente, se você ama Donald como alega, perceberá que seu envolvimento na morte de Lady Violet torna sua presença em Astbury insustentável para ele.

— Senhora, não fui responsável pelo triste falecimento de Lady Violet. Fiz o que pude para tentar salvá-la.

— Você pode pensar dessa forma, querida, mas todos sabem que você estava com ela quando aconteceu. A língua corre solta. Você acha mesmo que pode haver algum futuro para você e Donald depois do que aconteceu? Entenda: continuar o relacionamento com ele não será apenas impossível, mas destruirá a reputação dele na sociedade.

— Devo perguntar a Donald o que ele acha. Não houve momento apropriado para discutirmos o futuro.

— Isso porque não há futuro.

Finalmente, fui obrigada a revelar meu coringa.

— E nosso filho, Moh? Ele também não existe? Perdoe-me se estou errada, mas posso torná-lo o herdeiro de Astbury.

Com isso, Maud jogou a cabeça para trás e riu.

— Senhorita Chavan, sabe quantas crianças bastardas foram geradas fora do casamento por homens na posição de Donald? Minha querida, seu filho nasceu do lado errado. Nunca herdará Astbury.

Olhei para ela e, de repente, percebi exatamente do que ela tinha tanto medo.

— Claro, você está certa. A menos que nos casemos no futuro, como originalmente havíamos planejado fazer há três anos.

Fiquei ali parada, examinando sua expressão horrorizada, e soube que meu

instinto estava correto.

— Meu filho nunca se casará com você — ela disse, sem olhar para mim.

— Bem, Donald já me pediu em casamento uma vez. Quem sabe ele não peça de novo? — acrescentei, e a vi franzir o cenho. Eu estava sendo a mulher cruel agora, mas havia sofrido tanto nas mãos daquela mulher simplesmente pelo fato de ter, em sua opinião, cor e nacionalidade erradas. — Irei informá-la assim que discutirmos nossos planos para o futuro, senhora. Agora, meu filho está chorando e preciso ir até ele. Isso é tudo?

— É dinheiro o que você quer? Tenho certeza de que posso conseguir algum se você partir imediatamente.

— Donald sempre cuidou muito bem de mim e tenho certeza de que continuará cuidando. Lady Astbury, devo pedir que se retire.

Caminei atrás dela em direção à porta, que abri quando chegamos.

— Então, o que você quer? — ela me olhou intensamente.

— Nada além da felicidade do seu filho — respondi.

Ela interpretou erroneamente o que eu disse. Vi o desespero em seus olhos.

— Você vai destruí-lo se ficar. Sabe disso, não sabe?

Não respondi. Ela deixou meu chalé, voltando para seu carro, onde o chofer a esperava. Fechei a porta, me sentindo subitamente sem fôlego. Corri para o andar superior, tirei você do berço e o abracei. Eu sabia que o que Maud disse estava certo, mas não daria a ela o prazer de lhe informar meus planos para o futuro.

Já havia decidido, nas horas longas e solitárias desde a morte de Violet, que não havia mais esperança para mim e Donald. Quando ela deu seu último suspiro, também tornou nosso fim evidente. Não importava a força do nosso amor, ou de que modo eu examinasse nossa situação, nada poderia sobrepujar a culpa que sentíamos para o resto de nossas vidas.

Maud tinha razão sobre as conclusões terríveis que poderiam ser tiradas sobre minha presença nas últimas horas de Violet. Mesmo minhas amigas, que me conheciam e me amavam em Astbury, não seriam capazes de aceitar meu relacionamento com Donald no futuro. Algumas poderiam até mesmo acreditar que executei um plano maquiavélico.

— Moh — eu disse, suspirando contra seu cabelo naquela tarde terrível. — Acho que não há esperança.

Nos dias seguintes, comecei a fazer planos. Tinha algum dinheiro guardado da pensão que Donald nos dera durante o ano. Se vendesse as pérolas que ele havia me dado no Natal, imaginei que teria dinheiro suficiente para comprar uma passagem de terceira classe para a Índia. Ainda tinha um rubi enterrado sob a rotunda no jardim do palácio em Cooch Behar. Se conseguisse pegá-lo, teríamos

dinheiro suficiente para manter uma casa até que eu encontrasse um modo de ganhar a vida.

Durante aquelas noites longas e silenciosas, escrevi para Donald inúmeras vezes, tentando explicar por que estávamos partindo. Rasguei cada uma das cartas porque pareciam imperfeitas. Talvez, pensei, fosse melhor não dizer nada. Se me amasse, me conhecesse como eu acreditava que conhecia, ele entenderia.

O funeral de Violet aconteceu três semanas depois de sua morte, para que seus pais tivessem tempo de chegar e cuidar dos arranjos. Meu coração sentiu por eles — que partiram de Nova York esperando estar ali para o nascimento de sua neta, e receberam a informação, no meio do Atlântico, de que sua querida filha havia falecido. Foi Tilly quem me contou, quando a encontrei no armazém do vilarejo depois do funeral. Ela nos convidou para tomar chá em sua casa.

— Ah, Senhorita Anni — ela disse quando comecei a chorar. A solidão com os meus pensamentos havia finalmente chegado ao limite. — Por favor, não chore. Sei que fez o que pôde.

— Sei que você sabe e a agradeço por isso. Mas todos no vilarejo e os empregados de Astbury me culpam.

— Ah, você não deve ligar para eles. Nada os deixa mais animados que uma fofoca. Vai passar logo, e vão voltar a chamar você quando alguém estiver com resfriado ou tosse, não se preocupe.

— Mas estão falando de mim?

— Bem, todos sabem que você estava lá e, é claro, o médico precisa culpar alguém, não é?

— Como assim?

— Quem viu você cuidar de Lady Astbury naquela noite sabe que tentou ajudar. Mas o médico não iria admitir que foi o culpado por não ter notado antes que ela estava com problemas.

Senti meu coração se transformar em chumbo quando ela disse aquelas palavras. Eu fui o bode expiatório do médico?

— De qualquer forma, vai passar agora que ela foi enterrada. O mundo continua girando, e haverá mais coisas sobre as quais fofocar. — Tilly tocou minha mão, tentando me consolar. — Não se preocupe com isso, Senhorita Anni. Nós que a conhecemos sabemos que não havia nada mais que você pudesse ter feito para salvá-la.

Olhei para ela, com a sinceridade estampada no rosto.

— Não, realmente não havia mais a nada a fazer.

Meu querido filho, estou prestes a falar sobre a última vez em que vi Donald, seu pai, e sobre o que aconteceu comigo depois. Farei o possível para descrever os fatos de modo direto, mas me perdoe se a narrativa desses acontecimentos

terríveis perturbarem você.

Uma semana depois do funeral de Violet, Donald bateu a minha porta. Seu estado era lastimável. Nenhum de nós sabia o que dizer, mas você, Moh, ignorando o que havia acontecido, pediu colo, como sempre, e se sentou sobre os joelhos dele. Fiz chá e nos acomodamos silenciosamente na cozinha.

— Você me culpa? — me lembrei de perguntar.

— Você disse que ela ficaria bem naquele dia...

— Eu disse que, se a dor de cabeça não melhorasse, deveríamos chamar o médico. E ela ficou melhor. Por pouco tempo, pelo menos. Por favor, se lembre, Donald, foi quando você veio nos ver e ela estava dormindo — supliquei.

— Claro, claro — ele respondeu, mas era possível notar que estava perdido em sua dor, ou culpa, eu não soube dizer. — Desculpe não ter vindo ver você antes.

— Eu entendo.

— Ah, Anni, o que fizemos? Eu...

Eu o abracei e ele chorou como um bebê. Eu compreendia o que ele estava sentindo, porque eu também sentia. Mesmo que ambos fôssemos isentos de culpa na morte de Violet, a verdade de fato não importava. Ambos nos *sentíamos* culpados, e isso era o que importava.

Coloquei você para dormir logo depois, não querendo que visse o seu amado Senhor Don tão angustiado. Voltamos para a cozinha, e eu sugeri que ele tomasse um pouco de sopa.

— Parece que você não come há semanas — disse.

— Provavelmente não comi — ele pausou com a colher perto da boca. — Não tem nenhum erva estranha nisto, tem?

— Donald, por favor, acredite em mim. Tudo o que dei a Violet era inofensivo. Nada que eu não daria ao meu próprio filho, ou a você... — Minha voz desapareceu.

— Desculpe, foi uma pergunta inoportuna — concordou. — Desculpe.

Quando terminou a sopa, ele parecia mais animado.

— Você tem conhaque?

— Acho que sim. — Ele me seguiu até a sala de estar, e eu tirei do armário uma garrafa que ele havia colocado em uma de nossas cestas de Natal. Tirei a rolha e lhe servi uma dose. Observei enquanto ele tomava gole atrás de gole, até o copo ficar vazio.

— Sinto-me melhor agora. — Ele me olhou direito pela primeira vez e estendeu as mãos em minha direção. — Perdoe-me, Anni. Você não merece isso de mim e sinto-me um lixo por causa de meu comportamento. A fofoca, sabe? Acho que mexeu comigo.

— Sim, percebi — respondi, com tristeza.

— Claro que você fez tudo o que podia por ela, eu vi. Venha aqui. — Ele abriu os braços e eu fui até ele, precisando desesperadamente sentir seu toque, seu calor, sua fé em mim. — Me perdoe — ele repetiu, começando a me beijar. — Eu te amo. — Suas mãos corriam por todo o meu corpo. — A culpa por amar você está destruindo minha sanidade. Eu te amo, Anni, te amo, te amo...

Antes daquele dia, eu conhecia Donald apenas como um amante generoso e gentil. Mas, naquela noite, ele me possuiu no chão da sala de estar, e, ao gritar meu nome, pude sentir sua frustração, sua culpa e sua angústia sendo despejadas dentro de mim.

Depois, ficamos deitados no chão.

— Sinto muito — ele sussurrou. — Não sou eu mesmo.

— Nenhum de nós é — consolei.

— Posso ficar aqui esta noite, Anni?

— Claro que pode — respondi, suavemente.

Dormi em seus braços naquela noite, querendo lhe dizer que eu e você deixaríamos Astbury nos próximos dias. Mas eu sabia que, se contasse, ele tentaria me impedir, e minha determinação não seria forte o bastante para resistir à força do meu amor por ele. Admirei-o enquanto ele dormia, e, fazendo isso, ouvi a cantiga novamente, me avisando de uma morte iminente. Ouvi alto dessa vez, alto, o que significava que estava muito próximo. Confusa, me convenci de que era porque, nos próximos dias, Donald estaria longe, para sempre fora do meu alcance. Nosso amor devia estar no fim.

Ao amanhecer, ele se levantou, se vestiu e disse que precisava voltar antes que os criados notassem sua ausência. Eu o acompanhei para me despedir. Ele me abraçou com tanta ternura, forte contra seu peito, que senti seu coração batendo junto ao meu pela última vez.

— Adeus, Donald — eu disse, acariciando sua face amada com as pontas de meus dedos, determinada a gravar cada detalhe na memória.

— Eu te amo, Anni. Por favor, lembre-se sempre disso. — Ele levantou o meu rosto e me olhou nos olhos. — Lembre-se sempre disso.

Olhei-o partir, controlando a vontade de correr atrás dele. Meu coração se despedaçou quando ele cavalgou pela várzea, mas precisava encontrar forças para amá-lo o bastante para deixá-lo partir.

Passsei os dias seguintes em uma espécie de torpor, arrumando nossas roupas e poucos pertences em uma mala. Decidi que viajaríamos para Londres e alugariamos um quarto em uma pensão até levarmos as pérolas para Hatton Garden e organizar a viagem de volta para a Índia, partindo de Southampton.

Na manhã seguinte, alguém bateu com violência na porta da frente. Abri e

havia dois policiais em minha soleira.

— Você é a Senhora Anahita Prasad?

— Sou — respondi, educadamente. — Posso ajudar?

— Você está presa por causar a morte da Lady Astbury. Não precisa dizer nada, mas pode prejudicar sua defesa se não mencionar, quando questionada, algo que seja relevante em seu julgamento. Qualquer coisa que disser será considerada uma prova contra você. Gostaríamos que nos acompanhasse até a delegacia.



Olhei para os oficiais como se eles tivessem perdido o juízo. Estava tão chocada que não encontrava palavras para responder, então fiquei parada ali, como uma tola, sem resposta.

— Vamos, Senhora Prasad. — Um dos oficiais estendeu uma mão para agarrar meu braço e me puxar porta afora. — Não nos crie problemas.

Sua atitude agressiva ajudou finalmente a encontrar minha voz:

— Meu filho está lá em cima, dormindo no berço. Preciso pegá-lo.

— Não precisa se preocupar. Alguém virá pegá-lo mais tarde.

— Não! — gritei, tentando me soltar. — Não posso deixá-lo aqui sozinho. Preciso pegá-lo agora!

A mão ao redor de meu braço apertou mais forte enquanto eu lutava para me soltar. O segundo oficial imediatamente pegou meu outro braço e me forçou a sair pela porta. Então, me fecharam na traseira do carro e me levaram para longe de você.

Minhas lembranças ficam vagas a partir daquele momento. Talvez, como qualquer pessoa faria, minha mente tenha bloqueado boa parte dos acontecimentos posteriores. Na terrível jornada através da várzea, acredito que tenha visto Donald e Glory um pouco antes de passarmos pelo vilarejo de Astbury. Me voltei em sua direção e gritei seu nome com toda a força, antes que uma mão masculina áspera fosse colocada sobre minha boca.

Lembro, vividamente, que o canto continuou a soar alto e forte em meus ouvidos, mas considerei que fosse por causa de minha própria aflição.

Assim que fui acusada formalmente, me levaram para a prisão de Holloway, em Londres, o tipo de lugar que alguém só é capaz de imaginar em um pesadelo. Lembro-me do frio e da umidade, causados pela água da chuva, que caía sem parar por uma grade de ferro na parede de minha cela, e do som de almas atormentadas física e mentalmente em minha volta. Nos primeiros dias, eu só pensava em você e em onde você estava. Assim, me juntei à cacofonia e gritei seu nome repetidamente. Implorava a qualquer pessoa que viesse que tentasse descobrir. A ideia de você estar sozinho, abandonado em um chalé na várzea, assombrou cada segundo de minha existência.

Não sei quanto tempo se passou antes que eu recebesse a primeira visita. Talvez tenham sido apenas alguns dias, mas pareceu uma eternidade para uma mãe que foi arrancada de seu filho sem ter ideia de onde ele estava.

Quando Selina entrou na escura sala de visitas, como um anjo de misericórdia,

caí de joelhos e chorei, meus braços abraçando seus tornozelos.

— Graças aos deuses, graças aos deuses você está aqui! Meu filho, Selina, não sei o que fizeram com Moh!

Fui brutalmente arrancada dela por um guarda e colocada em uma cadeira, com um aviso para que não tentasse tocá-la outra vez, ou meus braços seriam amarrados.

— Oh, Anni... Eu...

Pude ver que Selina também estava chorando.

— Sinto muito, muito mesmo — ela disse.

— Por favor, não se preocupe comigo. Preciso que você encontre meu filho — pedi, minha voz se desmanchando em desespero.

— Anni. Ah, querida...

Lembro-me da sensação de histeria crescendo dentro de mim, mas sabia que precisava me controlar para que ela pudesse me entender.

— Selina, por favor, você sabe onde ele está? Ele ainda pode estar no chalé. Acho que vi Donald quando estavam me levando, mas ele pode não ter me ouvido gritando por ele. Por favor, Selina, veja se Moh ainda está lá. Ele deve estar com tanta fome, tão assustado... — Perdi o controle outra vez e comecei a chorar com a cabeça enterrada nas mãos.

— Perdoe-me, Anni. Henri e eu estávamos viajando pela Europa. Chegamos ao *château*, na França, há poucos dias e recebemos ambos os telegramas. Claro, vim para a Inglaterra imediatamente. Ainda estou em choque. Que tragédia. Que tragédia terrível... Mal posso acreditar.

— Por favor, acredite em mim, Selina. Não matei Violet. Nada poderia ter salvo sua vida. O Doutor Trefusis estava lá e sabe disso. Não lhe dei nada que pudesse ter causado mal a ela.

— Tenho certeza de que você fez tudo o que pôde, Anni — Selina disse.

— Eu fiz, juro que fiz. E Donald? Como ele está?

— Ah, Anni, não lhe contaram nada, não é?

— Contaram o quê? Não vi ninguém desde que cheguei a este lugar horrível.

Selina levou os dedos à cabeça.

— Então, devo contar a você. Anni, sinto muito. Donald deve ter cavalgado de volta até o chalé para pegar Moh. E... Meu Deus, como posso dizer?

— Selina, por favor — implorei. — Seja o que for, me diga.

— Anni, ninguém sabe como aconteceu, mas Donald e Moh foram encontrados às margens do riacho. Acreditamos que Glory tenha tropeçado, Donald e Moh caíram. Quando finalmente foram encontrados, Donald já

estava... já havia partido. Ele bateu a cabeça em uma pedra. Acreditam que tenha morrido imediatamente. E Moh... — Selina tentou se recompor para dizer o que precisava. — Acreditam que ele tenha rolado para o riacho e... se afogado.

Encarei-a fixamente, como se ela fosse louca.

— Você está me dizendo que o meu filho está morto? E Donald também? Diga que é mentira, Selina, pelo amor de Deus. Me diga... Me diga...

— Não é mentira, Anni. Sinto muito, muitíssimo. Eu...

Um lamento profundo e gutural ecoou pelas paredes enquanto eu caí ao chão. Vi a expressão assustada de Selina, e um dos guardas me pegou e me arrastou pela sala, meio que me carregando, meio que cambaleando escada abaixo, antes de me jogar de volta à cela.

— Você poderá sair quando estiver mais calma — ele avisou, trancando a porta. O som de lamento continuou incessante em meus ouvidos, e demorei um pouco para perceber que era eu quem pranteava.

Depois disso, o tempo passou e a histeria finalmente me deixou. Em vez disso, tornei-me catatônica. Lembro-me de que ocasionalmente me levavam para a sala de visitas, onde sombras estranhas tentavam falar comigo e me explicar o que estava acontecendo, mas eu estava fora do alcance delas. Desapareci dentro de mim mesma, em um vazio infinito. Simplesmente deixei de existir, pois, se existisse, a dor seria insuportável. Os estranhos falavam sobre as acusações contra mim e como eu deveria começar a me defender, caso contrário provavelmente seria condenada à morte. Que, se eu não começasse a responder, me mandariam para um hospício até o julgamento.

Meu filho, talvez você pense que sua mãe foi fraca por não se defender. Mas a notícia de sua morte e da morte do seu pai me destruiu completamente. Eu ficava deitada lá, em minha cela, orando para que a morte chegasse logo e eu pudesse me unir a vocês dois.

— Levante-se! Tem alguém aqui para vê-la.

Me lembro que um dos guardas olhou para mim, deitada em minha cama. Balancei a cabeça com indiferença.

Ele me sentou, pegou um pano sujo, molhou na bacia de água e limpou meu rosto.

— Não podemos deixar ninguém dizer que não cuidamos de nossos prisioneiros aqui — ele disse, me levantando e me arrastando como a uma marionete até a sala de visitas.

— Agora, nada daquela bobagem de ficar gritando em frente à visita desta vez — ele ordenou.

Ele me deixou na cadeira da sala de visitas e eu deixei minha cabeça cair sobre o peito, fraca demais para sustentá-la e nem um pouco interessada em

saber quem era meu visitante. Quando a nova tortura terminasse, eu voltaria para a solidão de meu vazio.

Ouvi alguém entrar na sala e um perfume familiar invadiu meus sentidos, mas não consegui me lembrar de onde o conhecia.

— Anni? Anni, olhe para mim.

Também reconheci aquela voz, mas supus que fosse um sonho e não levantei a cabeça.

— Sou eu, Anni. Indira. Por favor, me diga que você sabe quem eu sou.

Uma voz em minha cabeça começou a rir da ideia ridícula de Indira estar naquele lugar medonho. Eu sabia que minha mente estava fazendo truques cruéis outra vez, pois tudo a respeito de minha querida amiga trazia lembranças de calor, segurança e felicidade.

— Anni — a voz implorou pela terceira vez. — Por favor, olhe para mim.

— Não é você de verdade — sussurrei para mim mesma, puxando com os dedos o algodão fino que cobria meus joelhos. — Eu só um truque, só um truque...

Ouvi o som de passos em minha direção, e um par de mãos quentes pegou as minhas.

— Anni, abra os olhos agora! Você não está sonhando, juro. Realmente estou aqui. Por favor, ande logo ou vou começar a acreditar que você está tão louca como dizem.

Finalmente encontrei coragem para fazer o que a voz me pedia e me preparei para o fato de que, quando abrisse os olhos, ela não estaria lá.

— Olá, Anni. Está vendo? Realmente estou aqui.

Indira estava agachada a minha frente, seus olhos cheios de preocupação.

— Sim, sou eu. Por favor me diga que você sabe quem eu sou, Anni.

Afirmei com a cabeça, ainda incapaz de falar.

— Graças a Deus.

Conforme os seus braços se estendiam para me envolver, finalmente comecei a acreditar que ela era real.

— Ah, Anni, em que estado você está — Indira sussurrou quando se afastou e me olhou com lágrimas nos olhos. — Mas estou aqui agora, e você não precisa se preocupar com mais nada.

— Quem lhe contou? — sussurrei quando consegui encontrar minha voz.

— Selina. Nos vimos na França pouco antes de ela receber aquela notícia terrível. Então ela me telefonou desesperada cerca de uma semana atrás, implorando a mim e a minha família por ajuda. Foi muita sorte ela me

encontrar, já que estávamos prestes a embarcar para a Índia. E aqui estou.

— Há quanto tempo... — Molhei meus lábios secos antes de continuar. — Há quanto tempo estou aqui?

— Umás três semanas, acho. De qualquer modo, podemos conversar depois de tirarmos você daqui.

— Não, Indy. — Neguei com a cabeça. — Não vão me deixar sair. Estou sendo acusada de matar Violet Astbury. Acho que vão me enforcar logo, mas não tem importância. Moh... meu filho, morreu. Donald também. Não quero mais viver.

Ela me olhou com severidade.

— Anahita Chavan, você não se lembra que eu disse essas mesmas palavras para você alguns anos atrás, quando você foi para a Índia me ajudar?

— Lembro.

— Bem, estou aqui para fazer o mesmo por você, minha querida amiga.

— Não, Indy. Isso é diferente. Moh se foi, Donald também. Quero morrer, de verdade. Me deixe.

— Concordo que isso é terrível. Mas, Anni, conheço você desde que era uma garotinha. Vi como você deu forças a outras pessoas, incluindo a mim, e agora você precisa fazer isso por *you mesma*. Você consegue, sei que consegue.

— Indy, obrigada — respondi, cansada. — Mas não há nada que você possa fazer. Vou ser condenada à morte, tenho certeza.

— Anni, não haverá nenhum julgamento. As acusações foram retiradas. Estou aqui para levar você para casa.

Olhei para ela, sem compreender. — Não posso voltar para o chalé às margens do riacho. Tenho certeza de que não vão deixar.

— Não, Anni, estou levando você para casa. Para a sua casa de verdade. Vamos voltar para a Índia.

Outra vez, minhas lembranças sobre deixar Holloway e chegar à casa da família de Indira em Knightsbride, onde fiquei quando criança, são vagas. Mais que qualquer coisa, me lembro da maciez maravilhosa que me rodeava — mãos gentis, travesseiros de penas e vozes falando comigo em sussurros. Não havia gritos de agonia, apenas silêncio. Acho que dormi constantemente — esse é o jeito de a natureza curar o corpo e a mente.

Mas me lembro de que, toda vez que acordava, Indira estava a meu lado, sentada em uma cadeira perto da cama. Delicadamente, ela insistia que eu abrisse a boca para que ela pudesse me alimentar com sopa, e eram suas mãos que limpavam e cuidavam das feridas que cobriam meu corpo fraco, causadas por semanas de sujeira. Frequentemente, enquanto cuidava de mim, ela relembrava acontecimentos engraçados de nosso passado, perguntando se eu me

lembrava de quando ela ia dormir com Pretty, a elefanta, antes de deixarmos a Índia para estudar na Inglaterra, ou da noite em que enganamos a Senhorita Reid no navio e ela se vestiu com aquele vestido cor de pêssego para conquistar o coração de seu príncipe.

Eu não respondia, mas ouvia.

Pensando naqueles dias, tenho certeza de que foi Indira, com seu amor por mim, quem me salvou. Finalmente, eu sabia que não podia mais me esconder por trás do véu do sono. Precisava encontrar forças para retornar à vida.

— Anni, acho que você está melhorando — Indira me disse certa manhã, enquanto eu pegava a colher de sopa das mãos dela dizendo que era capaz de me alimentar sozinha.

— Sim, acho que estou — concordei.

— Graças aos deuses por isso. Para falar a verdade, houve momentos em que me perguntei se você ficaria melhor. Estava começando a duvidar das minhas habilidades como enfermeira — ela sorriu. — Cuidar dos outros nunca foi o meu ponto forte.

— Indy... — Meus olhos ficaram úmidos. — Você foi maravilhosa. Se não fosse por você... — Deixei as palavras pairando no ar.

— Não se preocupe com isso. Sei que você ainda está fraca, Anni, mas gostaria de reservar nossa passagem para a Índia assim que possível. Eu não confio que aquela mulher maldosa de Astbury não tente mais alguma coisa.

— O que você quer dizer? — perguntei, com terror no coração. Eu não havia perguntado, nem me haviam dito, sobre os detalhes de minha sultura.

— Ah, não se preocupe com ela — Indira descartou a minha pergunta com um aceno. — A questão é que desejo levar você para casa. Quando você estiver em condições, conto tudo.

— Certo. — Eu não queria, de fato, ouvir nada no momento. — Sua mãe sabe que você está comigo? — perguntei.

— Claro que sabe! Foi ela quem conseguiu garantir a sua liberdade.

— Então... Ela me perdoou?

— Ah, Anni, claro que sim. E a mim também, o que é bem importante. No momento em que soube que tinha um neto, ela não resistiu e foi nos visitar. Ela escreve todos os dias, manda lembranças e diz que vai ver você logo. Agora, Anni, vamos ver se você consegue se levantar e caminhar um pouco até o banheiro.

Nos dias seguintes, meu corpo jovem começou a se recuperar. Fisicamente, eu sabia que estava bem. Concordei que Indira deveria reservar nossas passagens para a Índia para breve. Mas ainda estava incerta de minha capacidade mental e emocional, e evitei fazer as perguntas cuja resposta eu sabia que deveria

conhecer antes de deixar a Inglaterra.

Certa tarde, Indira entrou no quarto para dizer que eu tinha uma visita.

— É Selina. Anni, acho que você deveria vê-la antes de partirmos.

Meu coração se encheu de medo. Senti o sangue deixar o meu rosto. Indira pegou minha mão.

— Ficarei com você o tempo todo, prometo. Anni, partimos em dois dias, e você precisa falar com ela.

Concordei, resignada, e, cinco minutos depois, desci as escadas com Indira e seguimos até a sala de visitas.

— Anni — Selina se levantou e veio até mim, seu rosto preocupado e pálido como o meu. — Como você está? — ela disse, buscando minha mão e a segurando entre as suas.

— Estou melhor, obrigada.

— Graças a Deus! Fiquei tão preocupada quando vi você naquele lugar horrroso.

— Posso apenas pedir desculpas por causar tantos problemas — respondi, com tristeza.

— Anni, não ouse se culpar pelo que aconteceu — Selina disse, com uma veemência que eu não reconheci. — Essa tragédia terrível é o resultado do trabalho de uma única pessoa. Venha. — Ela me puxou pelo braço. — Por favor, sente-se.

Sentamos juntas naquele sofá Chesterfield, minhas mãos ainda entre as de Selina. Indira se sentou em uma cadeira a nossa frente, como uma tigresa protegendo seus frágeis filhotes.

— Obrigada por me ajudar, Selina.

— Bem, você não deve me agradecer. Foi Indira e sua família que fizeram milagre.

— Selina, por favor, me diga que sabe que eu não tentei matar Violet. Ela era minha amiga. Eu me preocupava com ela e no fim, mesmo sabendo que era inútil, fiz o que pude para salvá-la.

— *Claro* que eu sei disso, querida Anni. Você tem o coração repleto de bondade. Mas me deixe começar do início. Vai ficar mais fácil explicar assim. Quando recebi os dois telegramas na França, me informando da morte de Violet e do meu irmão, fui para Astbury imediatamente. Foi então que soube que você havia sido presa por assassinato. Eu sabia que havia apenas uma pessoa responsável por isso. Então, fui vê-la.

— Você está falando da sua mãe? — perguntei.

— Sim. Claro que ela disse que não tinha nada a ver com isso e insistiu que foi

o Doutor Trefusis quem disse que tinha dúvidas sobre os remédios que você havia dado a Violet durante a gravidez e no dia em que ela morreu. Os pais de Violet haviam chegado para o funeral, e o Doutor Trefusis discutiu essa preocupação com eles. É compreensível que quisessem culpar alguém, então, tanto os pais de Violet quanto minha mãe disseram que o Doutor Trefusis deveria contar à polícia sobre suas suspeitas.

— E ele sabia que ele mesmo tinha culpa — Indira acrescentou. — Afinal, ele era o médico responsável.

— Ambos tinham muitos motivos para querer você longe, Anni — Selina disse, suspirando. — O Doutor Trefusis a usou como bode expiatório e minha mãe... bem, todos sabemos que ela queria se livrar de você.

— Ela foi me visitar alguns dias depois que Violet morreu — comentei. — Ela estava preocupada que, com a morte de Violet, Donald se casasse comigo, conforme havia planejado originalmente.

— Se ele estivesse vivo, poderia muito bem ter feito isso — Selina disse, tentando me consolar. — Ele a amava tanto.

— E eu o amava... — Minha voz desapareceu, e eu senti os primeiros sinais de pânico ao pensar no que havia perdido. Sabia que devia me controlar para continuar consciente.

— Selina, preciso confessar que, mesmo antes de sua mãe me visitar, eu havia decidido deixar Astbury para sempre. Entendi que nenhum de nós jamais poderia superar a morte de Violet. Mas como poderiam encontrar provas de que eu a envenenei?

— Anni, você se lembra que o Doutor Trefusis a visitou uma vez e pegou mudas das plantas e ervas que você cultivava?

— Claro que sim. Ele disse que estava interessado em descobrir mais sobre suas propriedades medicinais.

— Infelizmente — Selina disse —, o bom médico não pegou apenas mudas de ervas inofensivas, mas também de espécies conhecidas por serem perigosas, especialmente durante a gravidez. Ele levou essas mudas à polícia como prova. Uma delas era poejo, uma espécie de menta que foi constatada como prejudicial a mulheres grávidas. No dia em que Violet morreu, você havia levado um remédio para seus tornozelos inchados e dado a ela um chá de hortelã para a náusea.

— Ah, meu Deus! — Levei uma mão à boca e meus olhos involuntariamente se encheram de lágrimas. — Dei, sim, mas não de poejo! Foram só folhas de hortelã comum, que eu também tinha em meu jardim. Selina, eu estudo medicina Ayurveda desde que comecei a andar. O poejo pode ser consumido em chá, em pequenas doses. Cresce sozinho em Devon e é bom para cuidar de gripes e resfriados. Mas claro que eu sei que ele pode ser perigoso para uma mulher grávida. Pode acelerar o parto, causar convulsões, sangramento... —

Perdi a voz quando percebi que todos os sintomas batiam com os de Violet.

— Anni, por favor, tente não se transtornar. Todos sabemos que você não causaria mal a ninguém — Indira disse, tentando me consolar.

— Para piorar as coisas — Selina continuou, — o Doutor Trefusis apresentou um artigo escrito por um professor renomado da América. O artigo descreve detalhes específicos sobre os efeitos nocivos do poejo em mulheres grávidas. O Doutor Trefusis também apresentou uma amostra de raiz de erva-de-são-cristóvão negra, outra erva considerada perigosa durante a gestação. Uma das criadas da cozinha disse que você havia dado a ela um chá dessa erva recentemente.

— Dei, mas apenas porque é bom para reumatismo! — Eu podia sentir meu coração batendo forte.

— Daí a polícia foi até seu chalé e viu que você realmente cultivava essa e outras ervas na estufa e no jardim — Selina disse.

— Mas, mesmo com as espécies no meu jardim, não havia provas de que eu realmente as havia ministrado para Violet.

— Querida Anni, não seja ingênua — Indira balançou a cabeça, exasperada. — Nada mais era necessário. Maud Astbury reina como uma rainha na região e tem as autoridades na palma da mão. Violet estava morta, e, se Maud decidisse que queria alguém acusado de assassinato, a polícia local daria um jeito imediatamente, não importando que as provas fossem inconclusivas.

— Claro — suspirei, desolada. — Acho que entendo. Então, como as acusações foram retiradas?

— Confrontei minha mãe imediatamente e implorei que ela convencesse a polícia a retirar a acusação. Ela não queria nem ouvir; disse que não estava em suas mãos e que a justiça deveria ser feita. — Selina fez uma careta. — Anni, preciso confessar que perdi o controle naquele dia. Temo que tenha dito exatamente o que queria dizer há anos; que ela era uma mulher amarga, egoísta e intolerante e que estava morta para mim, assim como o meu pobre irmão. Disse a ela que nunca mais pisaria em Astbury enquanto ela estivesse viva.

— Foi então que Selina entrou em contato comigo — Indira assumiu a história. — Felizmente, minha mãe é muito mais inteligente e tem amigos em posições mais elevadas que Maud — explicou, com um brilho de triunfo nos olhos. — Acredito que uma ligação telefônica tenha sido o suficiente para garantir que as acusações fossem retiradas. A única condição era que você regressasse à Índia e jamais voltasse para a Inglaterra.

— Entendo. E os Drumners? Ainda acreditam que causei a morte de sua filha?

— Acredito que eles tenham outros problemas — Selina disse. — Sissy não está bem de novo, mas, ainda assim, eles insistiram que sua neta fosse para Nova York com eles. Minha mãe, claro, se recusa a permitir, dizendo que Daisy deve ficar em Astbury Hall, sob seus cuidados, já que é a herdeira legal. Eles

voltaram para Nova York preparados para dar início a uma batalha judicial para ganhar a custódia de sua neta.

— Então aquela pobre neném pode ser criada por Maud? — eu disse, horrorizada.

— Quase certeza — Selina confirmou. — Afinal, Daisy é uma cidadã britânica, e nem mesmo o dinheiro dos Drumners pode ajudá-los a ganhar a custódia. Implorei que minha mãe deixasse Daisy comigo, para que eu pudesse criá-la com seus primos, mas, é claro, ela nem quis saber. Já estava se mudando outra vez para Astbury Hall, e, assim que reassumisse o controle do seu reino, teria carta branca para moldar a próxima geração a sua própria imagem. Eu não a via tão cheia de energia há anos — Selina disse, com amargura.

Nos sentamos em silêncio, e eu me senti enojada. Maud Astbury havia destruído uma geração e agora tinha o poder de destruir outra.

— Sempre pensei que ela fosse louca — Indira disse, com um sorriso, sempre disposta a iluminar uma atmosfera sombria.

— Você está brincando, mas acho que pode estar certa — Selina comentou. — Estava lá, visível nos olhos de minha mãe enquanto conversávamos. Alguma coisa que realmente se assemelhava à loucura.

— Ela é o demônio em pessoa — murmurei, estremecendo. — Desculpe, Selina — falei rapidamente.

— Por favor, diga o que quiser — ela me consolou. Posso garantir que sinto a mesma coisa. Tanto que Henri e eu decidimos nos mudar definitivamente para a França com as crianças. Não quero nem mesmo ficar no mesmo país que ela.

— As bruxas não podem atravessar a água corrente, pelo menos — eu disse, esboçando um sorriso.

Selina olhou para o relógio sobre a lareira.

— Sinto muito, mas preciso ir. Imploro a você, Anni, mantenha contato comigo. Se tiver uma oportunidade, venha nos visitar na França. Para onde vocês seguem depois que aportarem na Índia?

— Primeiro para o palácio dos meus pais, em Cooch Behar — Indira respondeu. — Minha mãe está desesperada para ver a pobre Anni, e isso significa que não preciso voltar para a zenana no palácio de meu marido por mais algum tempo. — Ela deu um sorriso impertinente.

Nos levantamos e Selina me abraçou.

— Lamento muito pela dor terrível que você está sofrendo. Tenho certeza de que, onde quer que estejam, Donald e seu pequenino estão vendo e amando você.

— Obrigada, Selina, por tudo — sussurrei. Enquanto ela caminhava em direção à porta, eu sabia que havia uma pergunta que precisava fazer, e que

estava evitando desde que ela chegara.

— Selina, onde meu filho está enterrado?

Ela parou ao lado da porta, respirou fundo e se virou.

— Fiz a mesma pergunta quando cheguei a Astbury. Anni, os moradores da vila e os criados não sabem da morte de Moh. Foram informados de que ele foi levado com você quando a prenderam. Minha mãe certamente não queria que soubessem que Donald morreu ao ir ao chalé para salvar o próprio filho. A única outra pessoa que sabe a verdade é o Doutor Trefusis, que me disse que Moh havia sido enterrado em um canto discreto da paróquia do vilarejo. Quando o visitei, havia apenas um túmulo feito de terra, mas o padre me disse que, quando fez o funeral, perguntou se uma lápide era necessária, e o Doutor Trefusis respondeu que não. O vigário foi informado de que a criança havia morrido no parto e não tinha nome. Sinto muito, Anni — ela disse, com lágrimas nos olhos.

— Mesmo na morte, sua existência foi um segredo — murmurei.

— Sei que não é consolo, mas ele está enterrado em um lugar tranquilo, Anni. Coloquei algumas rosas sobre seu túmulo por você. Sei que você é de outra religião, mas espero que tenha agido certo. Eu... Não há palavras para descrever como deve estar sendo terrível para você. Sinto tanto, Anni.

Também senti por ela, tentando encontrar palavras para não agravar minha dor ainda mais. Ela também era mãe.

— Obrigada, Selina. O que você fez foi perfeito.

— Também entreguei a Indira uma cópia da certidão de óbito de Moh, assinada pelo Doutor Trefusis — acrescentou. — Adeus, Anni. Cuide-se.

Quando ela partiu, vi a preocupação na expressão de Indira. Sabia que ela temia que enfrentar a realidade da morte do meu filho poderia me destruir mais uma vez. Foi, afinal, a primeira vez que mencionei o assunto.

— Vou para meu quarto descansar — disse a ela.

— Anni, está tudo bem?

— Está — assegurei, deixando a sala de visitas.

Ao subir as escadas e entrar no santuário tranquilo que era o meu quarto, percebi que estava realmente calma.

Mas por quê?

Foi enquanto nos afastávamos do litoral da Inglaterra dois dias depois, e o terror das últimas semanas começou a se dissipar gradativamente da minha mente, que percebi.

Eu soube naquele instante que havia ouvido por Donald o canto naquela última noite que passamos juntos. Mas nunca ouvi o canto por você, Moh. Naquela última manhã, quando o coloquei no berço, pouco antes de a polícia chegar, e

beije sua testa, como sempre fazia, não senti nem ouvi nada.

Todas as noites, ao ficar de pé no convés pedindo a ajuda dos espíritos, eu tentava ouvir as vozes que dominavam meus sentidos quando alguém partia, assim como fizeram por Violet e por Donald, mas não podia ouvir nada por você.

Pouco antes de aportarmos, Indira — que considerava minha recém-descoberta calma como aceitação — me entregou dois envelopes, certa noite, antes do jantar.

— Abra este primeiro — ela disse, apontando para o envelope menor.

Fiz como ela pediu, e meus dedos encontraram a textura fresca e macia das pérolas que Donald havia me dado.

— Estavam com suas roupas quando deixamos a prisão, mas pensei que você ficaria muito triste ao vê-las. Posso ajudar com o gancho? — ela disse quando tirei o colar do envelope.

— Obrigada. — Sentir o peso das pérolas ao redor de meu pescoço mais uma vez foi reconfortante. Ergui meus dedos para tocá-lo, como fizera muitas vezes antes.

Indira apontou para o outro envelope.

— Neste há uma fotografia sua com Moh. E a certidão de óbito, Anni. Pensei que você quisesse guardar.

Pausei por um momento antes de responder. Sorri para mim mesma.

— Obrigada, Indy. Mas não preciso da certidão de óbito.

— Entendo — ela respondeu, com compaixão.

— Meu filho não está morto. Ele ainda vive.

Astbury Hall

Julho de 2011





Rebecca abaixou as páginas e olhou para o relógio ao lado da cama. Passava da meia-noite. Ela olhou fixamente para a lâmpada fraca que iluminava o quarto, sentindo que seu coração batia rápido.

Violet Astbury havia dado à luz uma menina exatamente no lugar onde ela, Rebecca, estava deitada agora. Violet era uma mulher perfeitamente saudável, com vinte e poucos anos de idade, que reclamava de dores de cabeça e náusea e que, posteriormente, morreu.

— Pare com isso — Rebecca ordenou a si mesma, sentindo o pânico aumentar. — Violet morreu durante o parto! — Ela se levantou e caminhou de um lado para o outro do quarto, tentando se acalmar. — Você não está grávida, pelo amor de Deus, Rebecca...

Mas então se lembrou do médico imaginando que ela poderia estar e que ainda aguardava os resultados dos testes. Lágrimas escorreram, de medo e frustração. Mesmo que sua imaginação a estivesse dominando, uma coisa era certa; não podia continuar naquele quarto, que transbordava com Violet e sua tragédia, nem um minuto mais. Tremendo e em pânico, Rebecca decidiu que procuraria por Ari.

Ela saiu de mansinho da suíte e caminhou pelos corredores lúgubres, batendo de leve antes de abrir cada porta silenciosamente, tentando examinar o interior escuro.

Todos pareciam vazios no corredor em que seu quarto ficava, então ela atravessou o patamar da escadaria principal e começou a abrir cuidadosamente as portas da outra ala.

Então, um som repentino e familiar assaltou seus ouvidos. Era muito fraco, vinha de algum lugar distante, mas era o mesmo canto agudo que ouvia em seus sonhos. Assustada, mas sabendo que precisava enfrentar quem estivesse produzindo o som estranho que Anahita havia descrito como um aviso de morte, Rebecca começou a caminhar em sua direção.

Ela parou em um corredor escuro. O canto vinha de detrás da porta a sua frente. Usando todo o resquício de coragem que possuía, seus dedos tocaram a maçaneta e ela a girou silenciosamente, então empurrou a porta uns dois centímetros.

Rebecca espreitou o quarto pelo vão. Uma luz suave brilhava dentro dele. À sua esquerda, ela pôde ver uma figura sentada diante de um espelho. Abrindo a porta um pouco mais, Rebecca viu que a figura estava sentada de frente a uma penteadeira, escovando seus longos cabelos loiros, cantando para si mesma.

Mesmo a distância, ela podia sentir o perfume suave que invadia seu quarto à noite — o perfume de Violet. Abrindo a porta ainda mais um pouco, Rebecca tentou ver o rosto da mulher no espelho e o canto parou abruptamente. Alguma coisa havia alertado a mulher de sua presença.

Enquanto sua cabeça tomava o caminho para a porta, Rebecca fugiu pelo corredor, a respiração rápida e ofegante. Quase de volta ao santuário de seu quarto, uma figura emergiu de repente das sombras e a agarrou enquanto corria.

Rebecca gritou conforme os braços a agarraram e a carregaram através da porta do quarto.

— Shhh! Sou eu, Ari — ele disse, uma vez que ela continuava a lutar para se libertar de seus braços, respirando fundo e gemendo por causa do susto. — Rebecca, o que aconteceu? O que assustou você? Por favor, tente se acalmar — Ari pediu, enquanto ela se apoiava sobre a cama, tentando acalmar sua respiração.

— Ari, por favor, você precisa me tirar daqui... Acho que estou sendo envenenada, como Violet, e acabei de ver uma mulher estranha em um quarto, escovando os cabelos e cantando. Eu... — Rebecca respirou fundo mais algumas vezes, sem fôlego para continuar — não sei se ela está viva ou se é um fantasma, mas eu a vi, Ari, juro que vi. E sei que ela veio ao meu quarto enquanto eu dormia... Meu Deus... Violet morreu aqui! — Rebecca caiu no chão. — Ari, você precisa me tirar daqui hoje à noite! Estou muito assustada, muito assustada... — choramingou.

Hesitando, Ari se ajoelhou a seu lado.

— Rebecca, entendo que você está em choque e que ainda não está bem. Talvez esteja com febre, o que pode gerar todo tipo de alucinação e...

— Não! *Eu a vi* com meus próprios olhos e *a ouvi* com meus próprios ouvidos. Por favor, Ari... — implorou. — Você precisa acreditar em mim. Não estou enlouquecendo. Aquela mulher era real.

— Tudo bem — Ari disse. — Acredito em você. Então, vamos analisar isso racionalmente. Esta casa é enorme, sabe-se lá com quantos quartos. Pode ser que Anthony tenha uma hóspede na casa. Quero dizer, ele não teria obrigação de nos contar, teria?

— Não, mas eu a senti e ouvi antes — Rebecca insistiu. — E às vezes aqui, durante a noite, sinto o cheiro do perfume que ela usa; o mesmo que Violet usava. Se há outra mulher nesta casa, ela está aqui há algum tempo. Mas por que não a vimos? E por que ela vem ao meu quarto durante a noite? Tenho certeza de que veio, Ari. Estou tão mal nos últimos dias, essas dores de cabeça terríveis que sinto, e a náusea, assim como Violet. Juro, alguém está tentando me matar. Só quero sair daqui!

— Rebecca — Ari observou os ombros dela tensos de medo e emoção. — Entendo completamente que, depois de ler a história de Anahita, você considere

estranhas essas semelhanças entre você e Violet. Mas não há lógica na ideia de que sua presença aqui tenha sido garantida por alguém que lhe deseje fazer mal. O fato de você estar doente não ajuda, mas acho que você está dando asas a sua imaginação. Por favor, Rebecca, confie em mim. O que estou dizendo faz sentido.

— Não ligo para o que faz sentido, Ari. Quero sair desta casa. — Ela soluçou. — E quero sair *agora*.

— Eu sei, Rebecca, mas todos os hotéis por aqui estão fechados a esta hora. É quase uma da manhã. Tenho certeza de que podemos nos mudar amanhã.

— Meu Deus — Rebecca gemeu. — Não tem nem uma fechadura na minha porta. Qualquer pessoa pode entrar e...

— Rebecca — Ari disse, pacientemente. — Você se sente segura comigo? Quero dizer, você confia em mim?

Ela pensou nisso.

— Acho que não sei em quem confiar.

— Bem, sugiro que eu passe o resto da noite na sala de estar ao lado do seu quarto. O que você precisa, mais que qualquer outra coisa, é dormir um pouco.

— Jesus Cristo. Se outra pessoa me disser isso, acho que vou enlouquecer — Rebecca retrucou, com um longo suspiro.

— Mesmo se estiverem certos? — Ari sorriu. — Posso ajudá-la a se levantar?

— Não, eu consigo — ela respondeu, tentando debilmente ficar de pé e caminhar para a cama. — E, sim, eu ficaria grata se você dormisse no sofá na sala ao lado.

— O prazer é meu. Boa noite, Rebecca.

— Obrigada. Desculpe se estou me comportando como uma covarde.

— Está tudo bem. Eu entendo.

— Ari?

— Sim? — Ele parou ao lado da porta e sorriu.

— Amanhã quero fazer algumas perguntas sobre a história da sua bisavó.

— Tudo bem. Mas por enquanto, Rebecca, vá dormir.

Rebecca acordou assustada e desnorteada na manhã seguinte. Lembrando-se dos acontecimentos da noite anterior, saiu da cama imediatamente e correu até a sala de estar, que estava vazia. Deixando o quarto, ela se aventurou pelo corredor.

No topo da escadaria estavam a Sra. Trevathan e Ari. Conversavam em voz baixa e se viraram ao vê-la.

— Bom dia, dorminhoca — Ari cumprimentou. — Já passa do meio-dia.

— Ai, meu Deus! Tenho que estar no set à tarde e ainda tenho que arrumar minhas coisas para sair daqui e...

— Rebecca, por favor. Calma, querida — a Sra. Trevathan disse, vindo em sua direção, com Ari atrás dela. — Ari me disse quem você viu a noite passada, e, juro que há uma explicação bem simples. Venha comigo. Vamos voltar ao seu quarto.

— Verdade, Rebecca — Ari disse. — Realmente há.

— Bem, então eu gostaria de ouvir. Sei o que vi e não estou louca — acrescentou defensivamente, enquanto entravam no quarto. Ela se sentou no pé da cama, com os braços cruzados. — Então, quem era aquela mulher? E por que ela veio ao meu quarto algumas vezes durante a noite, enquanto eu estava dormindo? Porque ela veio, Senhora Trevathan, sei que veio.

— Sim, querida, acredito em você — a Sra. Trevathan respondeu. — A mulher que você viu a noite passada é minha mãe, Mabel. Ela trabalhou aqui como babá do Lorde, cuidando dele desde recém-nascido.

— Sua mãe? Mas por que ela está aqui?

— Por favor, Rebecca, deixe-me explicar. Meu pai faleceu há vinte anos, e, depois que minha mãe se aposentou, ela morou sozinha no vilarejo. Mas há alguns anos ela começou a levar tombos, e sua mente começou a falhar. Ela tem noventa e um anos.

— Claro — Rebecca disse.

— Então eu disse ao Lorde que não tinha escolha a não ser deixar meu emprego e voltar para a vila a fim de cuidar dela. Bem, ele pensou em outra solução. Ele se ofereceu para transformar o sótão em um apartamento confortável para ela. No começo foi tudo bem, já que eu podia cuidar dela e do Lorde, mas, no último ano, a saúde de minha mãe se deteriorou. O Lorde fez a gentileza de empregar uma enfermeira em período integral. Acho que você a viu na cozinha no dia que chegou.

— Vi — Rebecca admitiu. — E vi outra vez, do lado de fora. Ela estava empurrando uma senhora em uma cadeira de rodas. Achei que fossem figurantes do filme, para ser sincera.

— Bem, era minha mãe. O problema, Rebecca, é que às vezes a mente dela perde o rumo, e ela também. Especialmente à noite, quando a enfermeira está dormindo. O quarto em que você a viu ontem à noite é aquele que ela costumava ocupar quando foi babá do Lorde. Não é a primeira vez que a encontrei lá. Isso a faz se sentir melhor, querida?

— Tenho certeza de que a mulher que vi ontem à noite não era uma senhora idosa — Rebecca franziu o cenho. — Não a vi de frente, mas ela tinha longos cabelos louros e estava cantando enquanto os escovava.

— Minha mãe certamente tem cabelos compridos, mas eu diria que são mais

brancos que loiros. Sinto muito que tenha se assustado ao longo destas semanas, mas juro que não há fantasmas nesta casa, nem ninguém tentando lhe fazer mal. Há apenas uma velha inocente que às vezes não sabe onde está.

— Acho que fiquei impressionada ao ler a história que Ari me emprestou sobre Violet Astbury — Rebecca admitiu. — Ela teve dores de cabeça fortes, assim como eu, e, depois que morreu, pensaram que ela havia sido envenenada.

— Rebecca estava agitada demais ontem à noite — Ari disse. — Não acha mesmo que alguém está tentando envenená-la, está, Rebecca?

— Não, claro que não — ela se apressou em responder, compreendendo a expressão de Ari.

— Entendo — a Sra. Trevathan disse. — Bem, por que você não fica aqui com Rebecca enquanto vou buscar uma bandeja com o café da manhã para ela? Sugiro ovos mexidos e torrada. E tenho certeza de que você pode pedir ao Senhor Malik para provar primeiro, querida, caso ainda tenha dúvidas — a Sra. Trevathan retrucou ao deixar o quarto.

— Ah, não. Eu realmente a aborreci — Rebecca disse.

— Tenho certeza de que ela vai superar — Ari disse, não conseguindo evitar um sorriso. — Agora, a pergunta é: já que a Senhora Trevathan deu uma explicação plausível, você vai ficar aqui ou quer que eu peça a Steve para procurar um hotel?

— Não sei. Acho que exagerei um pouco ontem à noite.

— Tudo bem, mas me avise assim que decidir. Se for necessário, farei o que os meus ancestrais faziam quando estavam a serviço dos britânicos: me deito no chão ao lado da sua porta para protegê-la.

— Ari, não caçoe de mim! Mas, por Deus, a tragédia que li ontem à noite — ela suspirou. — Que mulher diabólica era Maud Astbury. E foi ela quem criou a pobre Daisy, mãe de Anthony. Não me surpreende que Anthony seja meio estranho.

— Estava pensando que, para uma grande família, com uma enorme propriedade, sobreviver por quatrocentos anos, os responsáveis precisariam ser implacáveis. Maud Astbury estava prevendo o fim de sua linhagem e estava preparada para fazer o necessário para salvá-la.

— Mas ela não salvou, certo? A menos que Anthony tenha filhos, os descendentes acabam nele.

— Você está certa. Aliás, li o diário de Donald ontem à noite. Foi por isso que eu ainda estava acordado quando a ouvi se esgueirando pelo corredor. Estava no banheiro quando você bateu na porta do meu quarto — explicou. — O diário preencheu algumas lacunas, então.

— Você acha que deveríamos entregar o diário a Anthony?

— Honestamente, jantei com ele ontem e tive a impressão de que está ainda mais reservado. Não tenho certeza se isso faria bem a ele. É óbvio que ele não quer saber. E eu compreendo.

— Eu também — ela disse, com sinceridade.

— Rebecca, posso perguntar uma coisa? Agora que leu a história, você acredita que Moh realmente tenha morrido afogado no riacho?

Rebecca respirou fundo antes de responder:

— Não sei como responder. Quero dizer, não há provas nem de uma coisa nem de outra.

— Não, mas, depois de não ter dado credibilidade à história de Anahita, meus instintos me dizem que ele não morreu — Ari disse, baixinho. — Estou desesperado para descobrir a verdade antes de partir.

— Bem, você notou, certo? Tilly, a amiga de Anahita no vilarejo, era a avó da Senhora Trevathan. O que significa que sua mãe, de noventa e um anos, que aparentemente me assustou tanto a noite passada, brincou com Moh quando ela era bebê.

— Claro, você está certa! Ela possivelmente era muito nova para se lembrar de qualquer coisa, mas nunca se sabe. Talvez eu faça uma visita a ela mais tarde.

— Tenho certeza de que a Senhora Trevathan também sabe mais do que admite — Rebecca acrescentou.

— Talvez ela seja fiel demais ao Lorde Anthony e aos Astbury para dizer qualquer coisa. Ainda assim, acho que você está segura aqui, Rebecca. Não gostaria de vê-la deixar este lugar acreditando em fantasmas, ou pensando que é a reencarnação de Violet Astbury.

— Tudo bem, chega de sermão. — Rebecca sorriu, com resignação. — Sob a luz do sol, tudo realmente parece loucura.

— Bom. Agora, se você me dá licença, preciso fazer algumas coisas, a não ser que você queira que eu fique para provar sua comida.

— Ari!

— Só estou brincando. Até mais tarde.

Rebecca comeu tudo o que a Sra. Trevathan serviu, mesmo sem sentir muita fome, e mesmo sem ser fã de ovos mexidos. Quando Steve veio visitá-la depois do almoço, ela se declarou bem o bastante para gravar a cena mais tarde, mesmo ainda sentindo dor de cabeça.

Quando apareceu no set, recebeu muitos abraços de boas-vindas do elenco e da equipe. Não tinha certeza se essa recepção calorosa era por causa do fim de seu relacionamento com Jack ou porque não se sentia bem.

Robert se aproximou para conversar com ela antes de as câmeras começarem a rodar.

— Querida, eu sabia que podíamos contar com você, e nós a agradecemos por isso. Vou tentar terminar as filmagens depois o mais rápido possível e então quero que você volte para o quarto para descansar. Sua agenda estará cheia amanhã.

James lhe deu um grande abraço enquanto esperavam para começar a cena.

— Sinto muito sobre Jack — ele continuou. — Acabou mesmo?

— A menos que ele procure ajuda, sim, é definitivo.

— Sinto-me meio culpado sobre a maneira como ele perdeu você. Não fui uma vítima durante as noites em que saímos juntos em Ashburton.

— Como foi com a garçonete? — Rebecca perguntou, insolente.

James enrubescou, e ela percebeu que havia acertado no alvo.

Naquele momento, Robert gritou:

— Ação!

— Na verdade, não consigo me lembrar muito bem — James disse depois que Robert declarou estar satisfeito com o take. — Não estou tentando culpar Jack, porque fui facilmente manipulado, mas aquele cara sabe curtir uma festa. — Rebecca foi poupada de dar uma resposta por Robert, que mais uma vez gritou:

— Ação!

Depois de meia hora de filmagens atropeladas, Robert indicou que tinham terminado e Rebecca fugiu para o figurino. Ao deixar a sala, dez minutos depois, a Sra. Trevathan a chamou:

— Estou feliz em encontrar você. O Lorde deseja saber se está bem para jantar com ele esta noite. Disse que não a vê há alguns dias.

— Sim, claro — ela disse, sentindo-se culpada por negligenciar seu anfitrião.

— Que bom. Tenho certeza de que isso irá animá-lo um pouco. Ele não está bem estes dias. — A Sra. Trevathan franziu as sobrancelhas, ansiosa.

— Ele está doente?

— Não, querida, não de verdade. Mas, com a equipe de cinema aqui e toda essa conversa sobre seus avós depois da chegada do Senhor Malik.. acabou sendo um pouco demais para ele. Ah, a propósito, o Doutor Trefusis telefonou e disse que trará os resultados dos exames amanhã.

— Obrigada, Senhora Trevathan. Até logo.

Ao subir as escadas, o nome “Trefusis” acionou um alerta em sua mente, até que ela percebeu a ligação com o médico do manuscrito de Anahita. Parecia não haver fim para a confusão entre o passado e o presente naquele lugar...

Depois de repousar por uma hora, ela acordou se sentindo um pouco melhor e tomou um banho. Às sete horas, enquanto decidia o que vestir para o jantar, alguém bateu a sua porta. Ela a abriu e encontrou Ari.

— Oi. Entre.

— Como está se sentindo? — ele perguntou.

— Estou bem. Vou jantar com Anthony. — Rebecca ergueu uma sobrancelha.
— Para ser honesta, preferiria não ter que passar por isso.

— A boa notícia é que ele nunca se recolhe depois das nove e meia, então pelo menos não será uma noite longa.

— Eu me sinto mal por todo esse alvoroço em torno de Jack. Ao menos vou ter uma chance de explicar e pedir desculpas. Você janta conosco? — Rebecca lhe dirigiu um olhar de expectativa.

— Não. Na verdade não fui convidado.

— Ah, a propósito — Rebecca se lembrou. — Percebi esta tarde que o médico que veio me ver outro dia deve ser parente do médico que foi cúmplice de Maud Astbury. Pelo menos eles têm o mesmo sobrenome: Doutor Trefusis.

— Sério? — Ari perguntou. — Essa é mais uma alternativa a ser investigada. Obrigado. Certo, agora vou deixar você se arrumar. Tenha uma boa noite com Anthony e se, por acaso precisar, meu quarto fica neste corredor, à direita.

— Creio que ficarei bem. Steve me disse que a equipe está filmando no parque no mínimo até a meia-noite. Estão atrasados com a programação porque um cavalo difícil não está ajudando. Pelo menos eu não fui a causa do problema hoje — Rebecca respondeu, com uma pitada de humor.

— Tudo bem. Até mais tarde. — Assim que Ari deixou o quarto, Rebecca olhou para o relógio e viu que já era hora de se preparar para o jantar com Anthony.

Vinte minutos depois, ficou surpresa ao entrar na sala de estar e ver Anthony vestindo o que parecia ser um casaco novo. Seu cabelo havia sido lavado e penteado, e ele havia se barbeado recentemente.

— Boa noite, Rebecca. — Ele exibiu um de seus raros sorrisos. — Sente-se.

— Obrigada.

— A Senhora Trevathan me disse que você não está se sentindo bem, então acatei sua recomendação e vamos comer peixe. Nada muito pesado para um estômago delicado.

— Que gentileza sua, Anthony — ela disse ao se sentar.

— Permita-me dizer: você está absolutamente encantadora esta noite.

— Obrigada — Rebecca respondeu, um pouco intrigada com os esforços nada sutis de Anthony para agradar.

— Então, está recuperada do drama de mandar seu namorado embora?

— Estou me sentindo melhor, sim. Não era algo que eu quisesse fazer, mas, infelizmente, ele não me deu escolha.

— Bem, se alguém não ama mais, é preciso fazer a escolha certa.

— Não foi tão simples assim, mas estou em paz quanto a isso.

— Vamos brindar a dias mais calmos e ao retorno à normalidade — Anthony exclamou, oferecendo a garrafa de vinho.

— Na verdade, Anthony, vou me limitar a tomar água esta noite — Rebecca insistiu, cobrindo o próprio copo.

A Sra. Trevathan entrou e começou a servir o peixe.

— Isto parece saudável — Anthony comentou. — Vocês, americanos, adoram peixe, não é? Violet pedia peixes frescos diretamente de Lynmouth quando estava aqui. Os britânicos são mais carnívoros.

— A maioria dos americanos também gosta de um bom filé — Rebecca respondeu.

— Então — Anthony disse, pegando seu garfo e faca. — Só mais uma semana e suponho que você estará de volta a Nova York.

— Mais ou menos. Ainda haverá alguns dias de pós-produção em Londres. Acho que vai ser estranho voltar a Nova York. Vou sentir falta da calma e da tranquilidade de Astbury Hall.

— Vai mesmo?

— Claro. É maravilhoso estar aqui, Anthony. Não sei como agradecer por sua generosa hospitalidade comigo.

— Não precisa agradecer. Está sendo um prazer ter você conosco.

Comeram em silêncio por um tempo.

— Estava muito bom — Anthony disse ao terminar, limpando os lábios com um guardanapo.

— Estava mesmo — Rebecca concordou.

— Minha querida Rebecca, está certa de que não tem parentesco com minha avó Violet? — Anthony perguntou de repente. — Porque acredito, honestamente, que você foi enviada a Astbury por algum motivo.

— Tanta certeza quanto é possível. Acho que é apenas uma coincidência. — Ela sorriu, tentando aliviar a tensão súbita que sentiu quando ele repousou seus talheres sobre a mesa e olhou para ela intensamente.

— Não acredito que seja.

Rebecca observou as mãos de Anthony se aproximarem uma da outra, seus longos dedos se entrelaçando e se soltando.

— É o seguinte, Rebecca. Eu...

— Anthony, o que foi? — ela perguntou, ciente de que ele queria desesperadamente dizer alguma coisa.

— Perdoe-me se este não é o momento apropriado, mas pensei que deveria falar com você antes que começasse a pensar em ir embora. Eu... Bem, desde o primeiro momento em que a vi, soube que você havia sido mandada para mim. A imagem viva da minha avó americana, Violet. Rebecca, você acredita em reencarnação?

— Nunca pensei nisso, para falar a verdade — ela respondeu, apreensiva, temendo pelo rumo que a conversa estava tomando.

— Bem, eu acredito — Anthony continuou. — Minha mãe sempre disse que eu era como Violet quando pequeno e, honestamente, eu me parecia muito com ela. Mas você, vindo da América, tão jovem e bela, exatamente como ela foi... — Anthony pegou a mão de Rebecca de repente, segurando firme. — Você não vê que isso era para acontecer?

— Isso o quê? — Rebecca perguntou, confusa e desconfortável com o modo como ele segurava sua mão.

— Eu e você, é claro! Donald e Violet, que morreram tragicamente jovens e foram incapazes de dar continuidade ao futuro de Astbury. Mas agora, juntos, estou certo de que podemos.

— Eu...

— Sei que é um choque para você — Anthony continuou rapidamente, tropeçando nas palavras. — Claro, como um cavalheiro, enquanto você estava comprometida com outro homem, eu não poderia declarar meus sentimentos abertamente. Agora que ele se foi, é como se o destino tivesse decidido. Nosso caminho está aberto. Você não vê, Rebecca? — ele insistiu.

— Anthony, eu... realmente não sei o que dizer. — Rebecca olhou para a porta, esperando que a Sra. Trevathan entrasse para retirar os pratos e aliviar a tensão.

— Pedi à Senhora Trevathan para nos deixar a sós até que eu a chamasse — Anthony disse, seguindo a direção de seu olhar e lendo seus pensamentos. — Não se preocupe, não seremos interrompidos. Meu motivo para lhe dizer isso esta noite é que eu sabia você iria precisar de alguns dias para pensar a respeito. — Anthony colocou a mão no bolso e retirou uma caixa de couro desgastado. — Rebecca Bradley, eu gostaria de pedir que me desse a honra de ser minha esposa.

Rebecca observou enquanto ele abriu a caixa para revelar um anel de noivado magnífico, com safiras e diamantes.

— Esse foi o anel que Donald deu a Violet quando a pediu em casamento. Ficou no dedo dela daquele momento até o dia de sua morte. É justo que seja seu agora. Me dê sua mão, Rebecca. Vamos ver se serve.

Ele buscou sua mão e, atordoada, ela viu Anthony colocar o anel em seu dedo. Servia perfeitamente.

— Aí está! — Anthony sorriu com prazer. — De volta ao lugar a que pertence.

Rebecca olhou para o anel, que brilhava ao captar a luz do lustre acima deles.

— Então, o que você me diz, Rebecca? — Anthony perguntou gentilmente. — Vai pensar a respeito?

Rebecca sabia que precisava escolher as palavras com cuidado.

— Perdoe-me, Anthony. Estou lisonjeada com seu pedido, mas, como você mesmo disse, até ontem eu estava noiva de outro homem. Acho que não estou pronta para outro relacionamento. Além disso, mal o conheço, e você mal me conhece.

— Entendo que você precise de tempo para pensar, mas, Rebecca, passamos tantas horas juntos desde que você chegou... Eu a abriguei em minha casa quando você precisou de um santuário. Não tenho dúvida de que você é a mulher por quem esperei a vida toda. Pense em como podemos reconstruir Astbury juntos! Sua presença aqui acabou com a escuridão, assim como a presença de Violet fez quando ela chegou. Com você a meu lado como a nova Lady Astbury, terei a força e a fé para devolver a esta casa toda a glória de antigamente para as gerações futuras que criaremos juntos. Violet, por favor, diga sim — ele pressionou.

— Anthony, meu nome é Rebecca — ela respondeu, firmemente.

— Desculpe. — Ele sorriu gentilmente. — É um erro compreensível.

— Sim, mas...

— Venha aqui — Anthony se moveu ao redor da mesa e, agarrando seus ombros, puxou-a em sua direção. Antes que ela pudesse impedi-lo, seus lábios estavam sobre os dela, violenta e agressivamente tentando penetrá-los para beijá-la. Ela se esforçou para se libertar, mas ele a segurava com muita força. De repente, ele se afastou e a soltou. Rebecca se apressou a se levantar para caminhar em direção à porta, mas, antes que pudesse fugir, ele pegou sua mão e a forçou a parar.

— Por favor, aceite minhas desculpas. Acabei me emocionando demais. Você é tão bela — acrescentou, parecendo envergonhado. — Perdoe-me por perder o controle.

Ela se virou e retirou sua mão da mão dele. Ele a soltou sem resistência, seus olhos transbordando de desespero, seus ombros repentinamente esmorecidos. Rebecca sentiu um misto de pena e nojo. Lentamente, moveu sua mão direita em direção à esquerda, retirou o anel de Violet e o devolveu a ele.

— Sinto muito, Anthony, mas não posso me casar com você. Acredito que seja melhor eu deixar sua casa assim que possível — acrescentou. — Obrigada por sua hospitalidade ao longo das últimas semanas. Adeus. — Rebecca se virou e caminhou rapidamente para a porta.

— Por favor, não vá. Violet, não me deixe...

Ela deixou a sala de jantar e subiu as escadas correndo até o santuário de seu

quarto. Ao chegar, desabou, ofegante, sobre uma cadeira.

Ela sabia agora, sem sombra de dúvida, que precisava deixar Astbury imediatamente. Anthony, aquele pobre homem iludido, realmente acreditava que ela era Violet. Atordoada, Rebecca colocou seus pertences na mala, imaginando se conseguiria deixar a casa sem que Anthony tentasse impedi-la. Primeiro, veria se Ari estava em seu quarto. Se não, ela sabia que a equipe estava em algum lugar do parque para as gravações noturnas.

Hesitando, Rebecca, abriu a porta e espiou o corredor. Parecia deserto, então ela bateu à porta do quarto de Ari. Não ouviu resposta; o quarto estava vazio. Não querendo passar outra noite na casa, correu pela escadaria principal e foi em direção às escadas que a levariam até a cozinha e para fora de Astbury. Quase tropeçando nos degraus estreitos enquanto arrastava a mala atrás de si, ela abriu a porta da cozinha vazia, correndo pelo saguão. Respirou aliviada ao chegar ao pátio lateral e ao contornar os caminhos usados para guardar os equipamentos.

A noite havia caído muito escura, sem a lua para iluminar o céu. Escondendo-se em arbustos em um dos lados do pátio, Rebecca parou para recuperar o fôlego e procurar sons que a levassem até o local da filmagem. Tudo estava em silêncio. Tentando se lembrar de qual era a cena — alguma com um cavalo —, Rebecca deduziu que deveriam estar em algum lugar próximo à frente da casa. Caminhando silenciosamente pelo cascalho, ela seguiu para o outro lado da casa, permanecendo próxima aos arbustos que a protegiam de olhares curiosos. Ao chegar à frente da casa e entrar no parque que se estendia pelos dois lados da estrada, Rebecca imediatamente viu que cometera um erro. Dali, as luzes brilhantes usadas para uma gravação noturna podiam ser vistas na várzea do outro lado do jardim, nos fundos da casa.

Guardando sua mala em um arbusto — de onde poderia resgatá-la mais tarde, pois agora apenas a atralhava —, Rebecca começou a refazer seus passos, ziguezagueando até os fundos da casa, depois ao longo da extremidade escura do jardim. Do outro lado da cerca-viva que separava o jardim da várzea, ela poderia seguir as luzes até encontrar a equipe e estar em segurança. Ela aumentou a velocidade. Chegando ao lado da cerca-viva, passou por uma abertura e lá estava, a menos de trezentos metros de distância, o set de filmagem.

— Graças a Deus — ela respirou aliviada, e parou por alguns instantes para recuperar o fôlego e a energia até correr a distância final através da várzea.

Houve um farfalhar súbito atrás dela. Rebecca começou a se virar, mas, antes que pudesse ver quem era, um pano foi pressionado com força sobre sua boca e nariz. Enquanto ela se esforçava para respirar, um cheiro forte penetrou suas narinas. Imediatamente, sentiu-se atordoada.

Poucos segundos depois, Rebecca perdeu a consciência.



Foi necessária uma longa busca para encontrar as escadas que levavam ao sótão de Astbury Hall, mas finalmente Ari chegou a um corredor estreito e escuro. Caminhando pelo labirinto de corredores, ele se perguntou em qual quarto Anahita ficara naquele primeiro verão.

O barulho de uma televisão alertou Ari para a área do sótão que atualmente estava ocupada, e ele bateu à porta. Poucos segundos depois, ela foi aberta por uma mulher vestindo um uniforme de enfermeira.

— Posso ajudar? — ela perguntou, desconfiada.

— Sim, eu gostaria de falar com a mãe da Senhora Trevathan. Acredito que ela viva aqui.

— Ela mora aqui, mas posso perguntar do que se trata?

— Estou hospedado no Hall, fazendo pesquisas sobre a história da família Astbury. Sei que ela trabalhava aqui e me pergunto se poderia me ajudar com algumas informações.

— Entendo. — A enfermeira hesitou.

— Quem é, Vicky, querida? — disse uma voz com um carregado sotaque de Devon.

— Um senhor gostaria de falar com você sobre a época em que trabalhou aqui, Mabel — a enfermeira respondeu.

— Então peça para ele entrar — disse a voz.

A enfermeira abriu caminho para Ari. Ele entrou em uma sala de estar acolhedora, mas muito quente, e viu uma senhora sentada em uma cadeira em frente à televisão com o volume no nível máximo. Seu cabelo branco estava preso em um coque na nuca, e Ari notou que ela tinha os mesmos olhos verdes de sua filha.

— Olá — ela disse. — Quem é você?

— Meu nome é Ari Malik. Sua filha me disse que a senhora morava aqui. Sou hóspede do Lorde Astbury aqui no Hall.

— Ah, sim, acho que Brenda, minha filha, mencionou você, mas ela não me disse para esperar uma visita — a velha senhora respondeu. — Mas não importa. Vi você no jardim pela janela. Desligue a tevê, Vicky, não consigo ouvir nem o meu pensamento — ela ordenou à enfermeira. — Então, querido, o que você gostaria de me perguntar?

— Posso me sentar? — Ari perguntou.

— Claro. Aliás, meu nome é Mabel Smerden.

— É um prazer conhecê-la, Senhora Smerden, e obrigado por me receber. Vim para Astbury porque descobri que um dos meus ancestrais passou os três primeiros anos de sua vida nesta propriedade. Seu nome era Moh Prasad, e acredito que Anahita, mãe dele, tenha sido amiga de Tilly, que era sua mãe. E que você, de fato, brincou com Moh quando era criança.

Enquanto ele falava, o sorriso de Mabel desapareceu abruptamente e ela pareceu afundar na cadeira.

— Minha mãe já morreu e eu não me lembro de nada.

— Não, provavelmente não — Ari disse gentilmente, percebendo o desconforto da mulher. — Mas qualquer coisa de que pudesse vir a se lembrar, mesmo um mero detalhe, pode me ajudar a descobrir o que aconteceu com ele. Penso, por exemplo, se tiraram alguma fotografia de Moh. Sei que ele ficava em sua casa, com você, quando sua mãe cuidava dele.

A mulher fungou.

— Pode haver uma foto, talvez — ela disse. — Em algum lugar entre as coisas da minha mãe.

— Gostaria muito de ver — Ari respondeu.

— Vicky? — ela chamou a enfermeira com urgência. — Pegue aquela velha caixa de papelão que está debaixo da minha cama.

A enfermeira fez como ela mandou e voltou à sala carregando a caixa.

— Entregue-a ao Senhor Malik, Vicky. — Voltando-se para Ari: — Você poderá encontrar uma ou duas fotos do seu parente. Há algumas minhas, de quando era bebê.

— Obrigado. — Ari abriu a caixa e viu as reminiscências em preto e branco de outra era. As mais recentes, mostrando imagens da Sra. Trevathan quando era criança, estavam por cima. Passando por elas cuidadosamente, Ari sussurrava, fascinado com a qualidade e o conteúdo das fotos, voltando no tempo. Sentiu que estava olhando para um recorte das mudanças que aconteceram nos últimos cem anos. E lá, quase no fundo da caixa, estava a foto de uma mulher que, sem dúvida, era sua bisavó Anahita, ao lado de uma mulher que provavelmente era Tilly. Estavam sentadas em cadeiras do lado de fora de um chalé de pedra, cada uma com um bebê, Mabel e Moh, no colo. Ari olhou fixamente para o filho de Donald e Anahita. Ele era um querubim, como todas as crianças são, de cabelos negros e olhos grandes, muito parecido com a mãe. Havia outras fotografias de Anahita com Moh em uma festa de Natal. Ao examinar a bisavó, ele notou que ela foi uma verdadeira beleza.

— Então, encontrou alguma? — Mabel perguntou.

— Sim. Eles parecem tão felizes — Ari disse, estendendo a foto para mostrar a ela.

— Parecem mesmo. Você pode levar, se quiser. Não preciso dela.

— Obrigado — ele disse. — Significa mais para mim do que a senhora possa imaginar.

— Você gostaria de beber alguma coisa, querido? Normalmente tomo chocolate quente a esta hora. Não é sempre que tenho visitas.

— Um chá seria ótimo.

— Certo, Vicky vai colocar a chaleira no fogo, não vai, querida?

Quando a enfermeira deixou a sala, Ari disse:

— Sei que você era um bebê quando isso aconteceu, Mabel, mas sua mãe alguma vez mencionou a forma como Moh morreu? Sei que ele caiu de um cavalo perto do chalé onde morava com a mãe dele.

— Você sabe disso? — Mabel olhou para ele com espanto. — Como?

— Antes de morrer, Anahita me confiou a história da sua vida. Lady Selina contou a ela que Donald foi buscar Moh no chalé logo depois que ela foi presa e que pai e filho morreram juntos quando o cavalo de Donald empinou. Moh se afogou no riacho, ao que parece.

— Eu... Minha nossa... — Os olhos de Mabel se encheram de lágrimas. — Senhor Malik, percebe que está mexendo em um ninho de cobras? — ela disse enquanto a enfermeira voltava com as bebidas. — Obrigada — Mabel agradeceu, controlando-se ao pegar o seu chocolate das mãos de Vicky. — Por que não vai para o seu quarto enquanto converso com o Senhor Malik? — ela disse à enfermeira.

— Se precisar, me chame — Vicky disse, e deixou a sala.

— Mabel, você sabe exatamente sobre o que estou falando, não sabe?

— Infelizmente, sim, eu sei — ela respondeu depois de uma pausa. — Tinham que dizer alguma coisa para a pobre mãe dele, não é? Caso contrário, ela não descansaria até encontrar o menino. Nenhuma mãe descansaria.

— A verdade é triste, Mabel. Anahita nunca descansou. Mesmo quando recebeu a certidão de óbito de Moh, antes de voltar para a Índia, ela se recusou a acreditar que ele havia morrido com Donald naquele dia.

Mabel olhou para o horizonte, e então suspirou com pesar.

— Aquela mulher — finalmente disse. — Nada podia impedi-la de conseguir o que queria.

— Você está falando da Lady Maud?

— Estou, querido, estou. Apesar de todo o tempo que passava na capela, havia pouco do Senhor dentro dela, essa era a verdade — Mabel murmurou. — Vi com meus próprios olhos quando fui contratada por Daisy para cuidar do pobre Anthony quando ele ainda era bebê. Todos nós sofremos muito em suas mãos.

— Sim, parece que sim, pelo que estou descobrindo — Ari concordou, com uma expressão séria. — A história de Anahita dá uma imagem muito clara de quem foi Maud Astbury.

— Bom, posso afirmar que ela não ficou melhor com a idade — Mabel disse. — Sem Donald e Violet, Lady Maud tinha carta branca para criar Daisy como bem quisesse. Aquela pobre menina, crescendo sozinha nesta casa gigantesca. Daisy era obrigada a orar naquela capela de três a quatro horas por dia, e ouvia a avó dizer constantemente que todos os homens eram o demônio. Não foi surpresa que Daisy tenha cometido tantos erros ao criar seu próprio filho, Lorde Anthony — Mabel disse. — Fui contratada como ama-seca e tive que assistir a tudo sem poder dizer uma palavra. Pobre menino. — Suspirou. — Ele não conseguia pensar direito, considerando o modo como Daisy o tratava. E todos esses problemas remontam a uma mulher diabólica, que conseguiu destruir a própria família e justificava seu comportamento dizendo que era isso o que o seu Deus queria. Mais provavelmente o diabo — ela murmurou, sombriamente.

— Mabel — Ari disse, sabendo que precisaria falar com cuidado. — Você não ficou surpresa quando mencionei que Moh morreu com Donald naquele dia. Se a vila e os criados foram informados de que Moh foi levado com Anahita quando ela foi presa, como você sabia a verdade?

— Eu não sabia — ela respondeu, movendo os ombros com certa inquietação. — Eram apenas fofocas e rumores que ouvi enquanto crescia. Você sabe como são os criados.

— Bem, estou aqui para afirmar que Moh *não* foi levado com Anahita naquela manhã. Não lhe deram permissão para pegá-lo quando a polícia a prendeu e ela nunca mais o viu. Mas acho que você já sabia disso — ele disse, baixinho.

— Eu disse que não sei de nada, com certeza — ela repetiu.

— Mabel — Ari tentou uma última jogada. — Volto para a Índia em alguns dias. Nunca mais retornarei a Astbury Hall. O último desejo de minha bisavó foi que eu descobrisse a verdade sobre seu filho perdido. E todos os caminhos parecem terminar em nada. Anthony não quer nem conversar, mesmo que ele *saiba* de alguma coisa, e...

— O Lorde não sabe de nada! — ela interrompeu, enfaticamente. — Claro que não sabe. Não o aborreça, Senhor Malik. Ele é delicado, entende? Minha filha já tem dificuldade para cuidar dele do jeito que está.

— Claro que não pretendo fazer isso, mas você é a minha última esperança. Por favor, Mabel, se você sabe o que aconteceu com Moh naquele dia, imploro que me conte. Juro que não direi uma palavra, mas acho que, depois de todo o sofrimento que Anahita suportou nas mãos da família Astbury, é justo que você me conte. Mabel, Moh morreu no riacho aquele dia, ou Anahita esteve certa todos esses anos e ele sobreviveu?

A velha mulher continuou sentada, seus olhos se movendo com nervosismo. Ari sabia que ela estava se lembrando.

— Não, o pequeno Moh não morreu naquele dia — ela finalmente sussurrou.
— Mas que Deus o perdoe se disser uma palavra disso para outra pessoa. Brenda não sabe de nada, nem o Lorde, entende?

— Entendo — Ari disse, sentindo-se subitamente sufocado de emoção por finalmente saber que o instinto de Anahita esteve certo por todos aqueles anos. — Obrigado, Mabel — ele disse, serenamente.

— Não chore, querido — Mabel disse, tentando consolá-lo. — Você precisa entender que eu soube disso apenas no leito de morte da minha mãe, Tilly. Ela queria confessar a alguém, entende. Havia guardado o segredo por toda a sua vida e se sentia traído sua amiga Anahita. Mas o que mais ela poderia ter feito? Se ela deixasse escapar uma palavra do que meu pai tinha visto, eles seriam expulsos do chalé e privados de seu sustento sem nem mesmo um até logo.

— O que o seu pai viu? — Ari perguntou, agora completamente confuso.

— Talvez o destino quisesse que minha mãe me contasse, já que agora você veio procurar Moh. Então, meu coração me diz que devo contar o que meu pai viu naquele dia, às margens do riacho. Ele era chefe-assistente do correio...

Chalé às Margens do Riacho

Agosto de 1922





Jim Fenton pedalava pela várzea, apreciando o calor do sol do meio-dia a suas costas. Em dias como aquele, Jim sentia que seu emprego, entregando correspondência, era o melhor do mundo, mas quando era inverno e a neve caía, as coisas eram bem diferentes. Ele gostava especialmente das raras ocasiões em que entregava cartas para a Senhorita Anni, que às vezes vinha até a porta quando ele chegava e o convidava para um chá. Ele normalmente não aceitava ofertas de hospitalidade, mas o chalé dela era tão isolado que provavelmente ninguém descobriria que ele estava descansando por uns quinze minutos.

Além disso, Jim sentia pena dela, morando ali sozinha, só com a companhia de seu garotinho. Tilly frequentemente dizia que Anni deveria se mudar para a vila, onde teria mais companhia, mas Anni parecia estar feliz por estar exatamente onde estava.

Ele ouviu o som estranho do motor de um carro atrás deles e olhou para a estrada acidentada. Carros eram raros na várzea. Quando passou a seu lado, Jim notou que era um carro da polícia. Ele se perguntou para onde seguia. Havia apenas uma casa por ali, e era o chalé da Senhorita Anni. Quando chegou lá, alguns minutos depois, viu que o carro estava estacionado na frente do chalé.

Então ouvi o som de vozes exaltadas do lado de dentro. Assim que encostou sua bicicleta contra a cerca, a porta da frente se abriu e ele assistiu, espantado, a dois homens arrastando a Senhorita Anni para fora do chalé.

— Não posso deixar o meu filho! Por favor, deixe-me pegá-lo. Ele vai ficar tão assustado. Não posso deixá-lo sozinho, *por favor...*

Por instinto, Jim se escondeu atrás da cerca alta. Anni foi colocada na traseira do carro, gritando histericamente. Ele ouviu o motor roncar e o carro deu ré, depois partiu a toda a velocidade de volta para o vilarejo. Jim não entendeu o que acabara de testemunhar, mas a única coisa que sabia era que o pequeno Moh estava sozinho no chalé.

Espiando atrás da cerca, Jim viu o carro desaparecer no horizonte em uma nuvem de poeira. Visualizou a porta dos fundos da casa e correu em sua direção, então a abriu. Alguma coisa estava cozinhando no fogão, e uma cesta de roupa molhada jazia sobre a mesa da cozinha. Independentemente do que acabara de ocorrer, a Senhorita Anni não esperava partir às pressas. Retirando a panela do fogão e desligando o fogo, Jim atravessou a porta da cozinha e seguiu por um corredor estreito procurando por Moh. A sala de estar estava vazia, então ele subiu as escadas e espiou no quarto menor. Lá estava Moh, ainda dormindo tranquilo, alheio ao rebuliço que ocorrera no andar de baixo.

Jim decidiu que a melhor coisa a fazer seria usar o telefone da Senhorita Anni

e pedir a Doreen, do correio da vila, para correr até sua casa e pedir a Tilly que telefonasse para ele, Jim. Tilly saberia o que fazer, mas ele não se sentia confortável deixando a pobre criança sozinha. Jim desceu as escadas em direção à mesinha onde ficava o telefone. Estava na metade do caminho quando ouviu o som de outro carro se aproximando do chalé. Incapaz de ver quem era, e percebendo que não tinha um motivo real para estar na casa na ausência da Senhorita Anni, Jim se virou e voltou correndo para cima. Foi do quarto com vista para a frente do chalé que viu quem era o visitante.

Seu coração parou de bater quando viu Lady Maud Astbury em pessoa sair do carro, acompanhada pelo Dr. Trefusis. Lady Maud atravessou o jardim, marchando em direção à porta da frente. Jim, agora aterrorizado pela possibilidade de ser descoberto, se ajoelhou e se espremeu debaixo da grande cama de cobre. Ouvia a porta da frente abrir e fechar e o som de vozes vindo lá de baixo.

— A criança deve estar dormindo. Vá pegá-la.

Jim ouviu os passos pesados do médico subindo a escada e prendeu a respiração quando a porta do quarto onde estava escondido se abriu. Viu um par de sapatos brilhantes, que parou por alguns instantes a poucos centímetros de distância dele antes de desaparecerem outra vez.

— Ele está aqui, Lady Astbury. Devo coletar alguns de seus pertences? Ele vai precisar de uma muda de roupa e algumas fraldas para a viagem — Jim ouviu o médico falar no outro quarto.

— Pegue o que precisar, mas seja rápido — ele ouviu Lady Maud responder, com irritação, do pé da escada.

Jim ouviu os ruídos que o médico fazia se movendo no quarto ao lado e, depois, o choro alto de Moh, antes de os passos descerem a escada.

— Quietos, menino — ele ouviu o médico dizer, tentando acalmar Moh, que tinha o direito de reclamar, já que havia sido despertado por um estranho tão bruscamente. — Devo levar algumas mamadeiras para ele, Lady. Tenho certeza de que a mãe tem uma na cozinha.

— Se precisar, mas não acho que essa criança vá morrer de fome durante a viagem para Londres — Lady Maud respondeu. — Por favor, apresse-se.

O coração de Jim agora batia forte em seu peito. Talvez estivessem levando a criança para sua mãe, em Londres. Ensinado desde a infância que não deveria questionar a aristocracia, Jim permaneceu escondido e ouvindo.

— Estamos finalmente prontos? — Maud disse, depois de alguns minutos.

— Sim, Lady Astbury.

— Bom. Agora me deixe na casa menor e siga para Londres com o menino.

— Sim, Lady. É um ótimo estabelecimento. Cuidam muito bem das crianças lá.

— Claro que você vai dizer que a criança foi abandonada e que não faz ideia do lugar de onde ela veio ou quem são seus pais.

— Certamente, senhora — o médico respondeu, e Jim ouviu a porta da frente ser aberta e fechada outra vez.

Jim soltou o fôlego, sem perceber que ainda o prendia, esforçando-se para entender as palavras ditas por Lady Maud e pelo médico.

Ele ouviu o motor do carro sendo ligado, seguido do som das rodas sendo viradas sobre a grama áspera.

Saindo de seu esconderijo debaixo da cama, ele arriscou olhar sorrateiramente pela janela e, ao fazer isso, viu uma figura a cavalo se aproximar do chalé a toda a velocidade.

Agachando-se, seu rosto escondido pelas cortinas, Jim viu e ouviu cada palavra dita, já que a janela estava entreaberta para deixar entrar o ar fresco.

A figura que desmontou do cavalo era Lorde Donald Astbury. Enquanto o carro se preparava para partir, ele colocou a mão à frente dele para impedir seu progresso.

— Onde está Anni, mãe? — ele perguntou, abrindo a porta do lado do passageiro com toda a força. — E para onde você está levando Moh? Que diabos está acontecendo aqui?

Donald colocou os braços dentro do carro, tirou Moh do colo de sua mãe e o pegou nos braços. A essa altura, o menino estava histérico, mas, quando olhou para a pessoa que o segurava, abriu um grande sorriso.

— Senhor Don! — ele disse, contente.

— Sim, sim, é o Senhor Don, Moh. Estou aqui e vou cuidar de você. Assim que descobrir o que está acontecendo.

Lady Maud já havia saído do carro, e Donald virou-se para encará-la.

— Acabei de ver Anni sendo levada para o vilarejo no carro da polícia. Ela estava chorando histericamente e gritou o nome de Moh para mim. Para onde você está levando o meu filho?

— Donald, eu soube o que aconteceu com a Senhorita Chavan e vim imediatamente pegar a criança com o Doutor Trefusis para levá-la comigo e cuidar dela até sabermos o resultado.

— Verdade, mãe? Bem, então Moh pode voltar para o Hall com seu pai a cavalo, não pode, pequenino? — Donald montou em Glory outra vez, colocando Moh a sua frente.

— Você ficou louco? — Maud gritou de repente. — Você não pode levar esse... *bastardo* para Astbury Hall. Pelo amor de Deus, Donald, pense! Sua esposa acabou de morrer, e sua amante foi presa por assassinato e levada pela polícia há menos de uma hora! Com certeza você entende o que isso significa. Qualquer

associação com aquela indiana e com... *isso* — ela apontou para seu neto — deve acabar. Se um detalhe disso vier à tona, você estará arruinado! E o nome de Astbury será jogado na lama!

Donald olhava para ela incrédulo.

— Anni foi presa pelo assassinato de Violet? Como? Por quê? Isso é totalmente ridículo, é obsceno!

— Donald, pelo menos uma vez na vida, não se deixe ser cegado pela luxúria! O Doutor Trefusis encontrou algumas ervas perigosas na estufa dela. Ele já tinha suspeitas, então as entregou para a polícia e ela, em seguida, foi acusada. Infelizmente, Donald, isso está completamente fora de nossas mãos.

— Não, não está, mas tenho certeza de que começou assim — ele disse, sua voz fria e com ódio. — Então, antes que eu tente libertar a mãe do meu filho, me diga para onde você imagina levar Moh. Talvez você tenha pensado que poderia se livrar dele completamente. Realmente acredito que você seria capaz disso.

— Não seja ridículo! O Doutor Trefusis me disse que conhece um bom orfanato em Londres onde lidam com casos assim.

— “Casos assim”? Pelo amor de Deus, mãe! — Donald explodiu. — Acho que você é louca. Mas parece que cheguei bem a tempo. Agora, se me dá licença, vou levar meu menino para Astbury Hall.

— Não! — Maud gritou quando Donald batia no flanco de Glory como sinal para partir. — Não posso permitir que você leve a criança — ela se colocou na frente do cavalo. — Me dê a criança!

— Mãe, sugiro que saia do caminho, porque, se não sair, simplesmente vou passar por cima, e não vai ser menos do que você merece!

Jim, ainda agachado ao lado da janela, assistiu ao impasse entre mãe e filho, ao mesmo tempo horrorizado e fascinado.

— Doutor, mova seu carro e impeça que ele vá — Maud ordenou.

— Pela última vez, saia do meu caminho.

Os cascos de Glory dançavam apreensivos enquanto a mulher a sua frente se recusava a se mover. Donald tentou desviar o cavalo para a direita, mas, ao fazer isso, o Dr. Trefusis moveu o carro para bloquear o caminho. Glory deu um grito de medo e empinou completamente, derrubando seu mestre com Moh ainda em seus braços.

Houve um estrondo terrível quando Donald, incapaz de usar as mãos para suavizar a queda, atingiu uma pedra pontiaguda que se projetava do chão. Pai e filho ficaram imóveis, a cabeça de Moh ainda descansando sobre o braço de seu pai.

O Dr. Trefusis saiu rapidamente do carro para prestar socorro, enquanto Maud olhava para ele, paralisada.

— Minha senhora, não consigo sentir o pulso dele. O Lorde Astbury bateu a cabeça na pedra. Há sangue saindo pelo seu ouvido. Precisamos entrar no carro e levá-lo para um hospital imediatamente.

— E o menino? — Maud perguntou. — Ele ainda está vivo?

Como se Moh quisesse provar que sim, ele se mexeu de repente e soltou um grito de dor.

— Ele também precisa ir para o hospital. Não sei que ferimentos ele sofreu internamente.

— Não seja estúpido, homem! Esta criança nunca deveria ter nascido. Você vai levá-la para Londres, como planejado.

— Senhora, imploro, não há tempo a perder. Devemos levar o Lorde Astbury para o hospital imediatamente! — o Dr. Trefusis repetiu.

— Você vai fazer o que eu estou mandando. Agora, pegue o menino e vamos.

— Não entendo... — Jim podia ver a agonia no rosto do médico. — Você vai deixar o seu filho aqui sozinho? Lady Astbury, ele pode morrer se não receber cuidados imediatos.

— Vamos, homem! Pegue a criança.

Relutante, o Dr. Trefusis pegou um Moh choroso e traumatizado nos braços e o colocou no banco de trás do carro enquanto Lady Maud se sentava no banco da frente. Eles partiram a toda a velocidade, para longe do chalé.

Jim, horrorizado demais para se afastar da janela, olhou fixamente para o corpo caído de Donald, seu cavalo de guarda a poucos metros dele.

— Meu Deus — Jim suspirou, se virando lentamente no quarto, com os membros quase dormentes com o choque. Ele viu, então, a foto de Moh com Anni e Donald ao lado da cama. Como se precisasse de mais provas sobre o que havia ouvido... Pegando a fotografia de onde ela repousava sobre o criado-mudo, Jim correu escada abaixo e saiu da casa para ver se podia ajudar Donald.

— Lorde, senhor, pode me ouvir? — Jim disse com urgência ao se agachar ao lado dele, desejando saber alguma coisa sobre primeiros socorros. Donald se mexeu, de repente, e abriu os olhos. — Isso mesmo, senhor, fique acordado até a ajuda chegar. Pelo amor de Deus, senhor, fique acordado! — Jim implorou.

Donald olhou para Jim. Um sorriso repentino apareceu em seus lábios.

— Anni — ele murmurou. Depois fechou os olhos pela última vez.

Astbury Hall

Julho de 2011





Quando a história de Mabel chegou ao fim, Ari notou que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele fitou Mabel, que olhava pela janela, observando a aproximação do crepúsculo.

— Isso é... tão revoltante que ultrapassa os limites da compreensão — Ari disse, limpando a garganta. — Uma mãe que deixa o próprio filho morrer sozinho na várzea. É difícil de acreditar.

— É verdade — Mabel concordou. — Minha mãe me disse que, quando meu pai voltou para casa depois que isso aconteceu, dizendo que Lorde Donald havia morrido em seus braços e Moh tinha sido levado embora, ela pensou que ele estivesse bêbado.

— Você acha que Maud queria que o seu filho morresse?

— Meu pai disse que levou mais de duas horas para que a ajuda chegasse. Claro que, quando chegaram, meu pai se escondeu. As coisas seriam diferentes se alguém soubesse que ele tinha testemunhado tudo. Lady Maud provavelmente mandaria matá-lo também. Que história horrível — Mabel estremeceu. — Assombrou meus pais pelo resto de suas vidas.

— Tenho certeza que sim, Mabel. Um segredo pesado para carregar. Você faz alguma ideia do lugar para onde o médico levou Moh?

— Meu pai achava que Moh havia sido levado para um orfanato em Londres.

— Estou impressionado que Maud não o tenha afogado no riacho imediatamente — Ari disse.

— Meu pai acreditava que ela teria feito exatamente isso se o médico não estivesse lá.

— Como se ele fosse de alguma ajuda — Ari disse com um suspiro.

— Senhor Malik, o senhor precisa entender que, naqueles dias, a aristocracia tinha os empregados na palma das mãos. Ninguém ousaria desobedecer uma ordem. O Dr. Trefusis não teve escolha exceto fazer o que ela ordenou. Ele sabia que Maud arruinaria sua vida de um jeito ou de outro.

— Foi ele quem assinou a certidão de óbito que Selina Astbury deixou com Indira para ser entregue a Anahita — Ari disse. — Isso certamente seria um crime.

— Mas quem saberia que ele não dizia a verdade? — Mabel disse. — Exceto o meu pobre pai? Depois disso, mesmo depois que eu cresci, minha mãe se recusou a trabalhar no Hall e eu nunca soube por quê. Eles teriam se mudado, se pudessem, mas, naqueles dias, era mais fácil falar que fazer.

Uma batida na porta os fez erguer os olhos.

— Perdoe-me por interromper, mas está ficando tarde e não quero que você se canse, Mabel — a enfermeira disse, empurrando uma cadeira de rodas pela porta. — Talvez vocês possam continuar a conversa amanhã, Senhor Malik?

— Ah, sim — Mabel respondeu enquanto a enfermeira a ajudava a se sentar na cadeira. — Mas não acredito que haja mais alguma coisa a dizer, exceto que, por favor, lembre-se de guardar o que eu disse com você.

— Claro. Não sei como agradecer por me contar tudo isso, Mabel — Ari acrescentou.

— Era a coisa certa a fazer. Sinto que pelo menos uma injustiça foi corrigida. Boa noite, Senhor Malik. Apareça para se despedir antes de partir. Quem sabe, falaremos sobre épocas mais felizes.

— Apareço, sim — Ari se levantou e, enquanto caminhava em direção à porta, foi acometido por uma lembrança. — Você não consegue andar, Mabel?

— Não, não mais. A artrite acabou com as minhas pernas. Só posso ir a algum lugar na cadeira de rodas. Às vezes o Lorde Anthony me carrega escada abaixo e Vicky passeia comigo no jardim para que eu possa respirar ar puro. Ele é gentil comigo — Ela sorriu. — Mas a minha massa cinzenta ainda está funcionando, não está, Vicky?

— Com certeza, Mabel — Vicky sorriu para ela. — Esta aqui não perde nada.

— Nisso eu acredito. Bem, boa noite — Ari disse enquanto fechava a porta ao sair.

Ari desceu as escadas, sua mente cheia com as novas informações. Ainda transbordava de euforia pelo fato de Anahita estar certa o tempo todo. Mesmo assim, o que havia acontecido com Moh depois que foi levado de Devon?

Ele de repente se lembrou de alguém que saberia...

Outra coisa que o incomodava era a audácia da Sra. Trevathan ao dizer que era Mabel que Rebecca havia visto naquele quarto a noite passada. A própria Mabel acabou de dizer que não podia andar... Como ela poderia vagar pelos corredores do Hall no meio da noite? Quanto à suposição de que ela seria senil, Ari não havia encontrado uma mulher idosa, desde Anahita, que fosse tão lúcida quanto Mabel. A Sra. Trevathan estava claramente mentindo. A pergunta era: por quê?

Rebecca sonhava outra vez com o canto, como o aroma floral daquele perfume, com a fuga de Astbury e de todos os perigos que o lugar oferecia...

Com um solavanco, ela acordou, abriu os olhos e percebeu que sua visão estava embaçada. Tentou mover uma mão para esfregar os olhos e tentar enxergar melhor, mas seus braços pareciam estar presos às costas e ela ansiava se soltar, pois eles doíam.

O perfume estava forte, mais forte que todas as vezes anteriores, e, na luz fraca, a mulher que vira antes estava ali outra vez.

“Estou sonhando”, pensou, “estou dormindo, e quando acordar ela não estará aqui.”

Algum tempo depois, os sentidos de Rebecca lhe disseram que ela *estava* acordada. Forçou seus olhos a se abrirem. Felizmente, sua visão estava melhor e, dessa vez, ela pôde ver as costas da mulher que havia visto na noite anterior, sentada à sua penteadeira, escovando os cabelos. Inclinando o pescoço, Rebecca viu seus próprios joelhos. Ela estava sentada em uma cadeira de encosto alto, e, ao testar partes de seu corpo, descobriu que tinha os braços amarrados atrás de si e os tornozelos presos juntos. Ainda desorientada, e com uma dor de cabeça que fazia as anteriores parecerem agradáveis, Rebecca se esforçou para organizar a mente e descobrir onde estava. Tombando a cabeça para a frente, seus instintos diziam que aquele não era seu quarto em Astbury Hall.

Rebecca fechou os olhos. Lentamente, seu cérebro entorpecido liberava informações: o pedido de casamento de Anthony, o beijo repentino e agressivo, a fuga de Astbury Hall em busca da equipe de filmagem na várzea, o pano cobrindo seu rosto e, depois, a escuridão.

Ela abriu os olhos outra vez e estudou a mulher. Respirou profundamente, sabendo que, quanto mais oxigênio inspirasse, mais rápido o seu cérebro estaria livre dos efeitos da droga. Quem quer que fosse que estava sentada à penteadeira, não era, com certeza, uma mulher frágil com mais de noventa anos. Por trás, seu corpo era largo e forte.

Rebecca examinou as próprias pernas e viu que não vestia mais o jeans, mas uma saia de seda suave que chegava aos tornozelos. Sorrateiramente, moveu os olhos para a frente do corpo e viu que o mesmo material cobria o seu torso.

Ela estava usando um vestido. O que significava que aquela mulher, seja ela quem fosse, a havia despido.

Um tremor de medo percorreu sua espinha.

“Vou morrer, assim como Violet, sei que vou...”

Ela fechou os olhos. Sua cabeça latejava e seu coração batia forte. Uma respiração profunda escapou por seus lábios, apesar dos esforços para abafar qualquer som.

— Sei que está acordada. Posso ver suas pálpebras tremendo. — Uma risada repentina tilintou. — Abra os olhos e me deixe ver sua beleza. Não vou fazer mal a você, prometo. A propósito, meu nome é Alice. Igualzinho a *Alice no País das Maravilhas*.

Com toda a força mental que possuía, Rebecca fez o que lhe foi pedido e viu que Alice havia se virado para ficar de frente com ela. Rebecca perdeu o fôlego, horrorizada. Não era uma mulher, mas uma paródia mórbida de feminilidade. Os cabelos loiros e longos contornavam um rosto coberto por maquiagem pesada

e mal aplicada. Pálpebras azuis, cílios falsos cobertos por rímel, delineador preto ao redor de todo o olho. Batom vermelho-vivo derretido nas pequenas linhas de pele envelhecida e círculos cor-de-rosa brilhavam em cada face.

— Aí está — Alice disse, sorrindo. — Viu? — Correu os dedos pelo próprio cabelo. — Sou tão assustadora assim?

Rebecca convenceu seus lábios a formarem um “não”.

— Bem, peço desculpas por ter que tomar algumas precauções para manter você aqui comigo. Não seria certo você ir embora. Espero que entenda. Você é minha nova amiga.

O instinto disse a Rebecca que deveria concordar com tudo o que Alice dizia enquanto tentava compreender o que estava acontecendo e onde estava.

— Pobrezinha. Você está pálida. Vou descer e fazer um chá para você.

Rebecca concordou outra vez.

— Me responda, querida. Mamãe sempre dizia que era rude não responder.

— Sim, por favor — Rebecca conseguiu dizer.

— Que bom — Alice se levantou e Rebecca percebeu que ela era alta. Desse novo ponto de vista, a mulher se elevava sobre ela. Seus olhos seguiram Alice enquanto ela deixava o quarto e viram que usava um vestido de seda antiquado, não muito diferente daquele que a própria Rebecca vestia. Conforme Rebecca girou o pescoço, até onde conseguia, para ver Alice sair, viu dois pés enormes calçarem um par de sapatos de seda.

— Meu Deus, meu Deus... — ela respirou, implorando que seu cérebro compreendesse o que acabara de ver. Finalmente, livre para virar a cabeça, ao olhar ao redor, notou estar em um quarto estranho. A cama de cobre antiquada tinha uma colcha de retalhos, e as cortinas fechadas eram estampadas com flores desbotadas. A penteadeira estava com sua superfície de mármore coberta por cosméticos. Um frasco do mesmo perfume que estava no quarto de Violet estava aberto.

“Pense, Rebecca, pense...”

Um soluço desesperado passou por seus lábios. Ela não entendia o que queriam dela.

Quem era Alice?

Rebecca ouviu passos pesados se aproximando e voltou a cabeça para a posição anterior.

— Aqui está. Fiz um chá para você. Vou desamarrá-la para beber sozinha — Alice disse, colocando duas xícaras sobre a penteadeira e derramando a maior parte do conteúdo. Ela veio na direção de Rebecca, movendo-se atrás dela para desamarrar seus pulsos e, depois, deu a volta para desamarrar seus tornozelos. — Espero não ter machucado você; foi para você não cair da cadeira enquanto

estava dormindo. Usei um lenço de seda para não arranhar seus pulsos. Pronto. Melhor agora, não?

Quando Alice olhou para ela, esperando uma resposta, Rebecca percebeu quem exatamente ela era.

“Falando no diabo”, Ari pensou, quando a Sra. Trevathan apareceu no corredor do quarto e olhou para ele, ansiosa.

— Você viu Rebecca? — ela perguntou.

— Pensei que ela estivesse jantando com o Lorde Anthony.

— Ela estava, mas depois desapareceu. Fui até o quarto dela e parece que foi embora, porque seus pertences não estão lá, nem a sua mala.

— Sério? — Ari franziu as sobrancelhas. — Talvez finalmente tenha decidido se mudar para um hotel. Eu não a culparia por isso, considerando o susto da noite passada.

— Sim, pensei nisso — a Sra. Trevathan disse. — Mas pensei que pediria para você a levar.

— Com certeza ela avisaria ao Lorde Anthony. Afinal, era ele quem estava jantando com ela.

— Sim, mas depois do jantar ele se recolhe ao quarto e eu não gosto de incomodá-lo.

Ari notou que a Sra. Trevathan parecia nervosa.

— Bem, talvez, nessas circunstâncias, você possa abrir uma exceção. Se me mostrar onde fica o quarto dele, posso perguntar.

— Tenho certeza de que não será necessário — ela respondeu. — Talvez deva ligar para Steve, o gerente de produção, para ver se ele soube alguma coisa. Ele deve estar no hotel a esta hora.

— Boa ideia — Ari concordou.

Ari a viu descer as escadas em busca do telefone no escritório de Anthony. Depois, foi para o quarto de Rebecca e verificou que, de fato, estava vazio; todos os seus pertences haviam desaparecido. Deixando o quarto, seguiu os passos da Sra. Trevathan para ver se Steve tinha notícias, mas sua expressão revelou imediatamente que não.

— Ele não sabe de nada — ela disse.

— Se você me emprestar a lista telefônica, posso ligar para os hotéis locais e verificar se ela reservou um quarto — Ari sugeriu.

Quinze minutos depois, Ari não encontrou nada em qualquer estabelecimento em um raio de trinta quilômetros. Steve ligou para dizer que teve a mesma ideia e o mesmo resultado.

Ari andou de um lado para o outro do pequeno escritório. Se Rebecca *tivesse* decidido partir, ele tinha certeza de que ela deixaria um recado em seu quarto ou, pelo menos, informado a Sra. Trevathan. Ela era educada demais para simplesmente ir embora. Além disso, quem a levaria? Steve disse que Graham também não sabia de nada. A menos que ela tivesse chamado um táxi.

— Alguma notícia? — a Sra. Trevathan perguntou quando voltou ao escritório.

— Não. Parece que Rebecca desapareceu. Estou muito preocupado, e temo que seja hora de perguntar ao Lorde Anthony. Ele foi, afinal, a última pessoa a vê-la.

— Ele me disse que não queria ser incomodado durante o jantar — a Sra. Trevathan disse, de repente, como se acabasse de se lembrar.

— Sério? Isso não é estranho?

— Eu... — Ela suspirou. — Nunca se sabe o que se passa pela cabeça do Lorde.

— Onde é o quarto dele? — Ari perguntou, saindo do escritório e marchando em direção às escadas. — Se você não me disser, vou arrebentar todas as portas deste mausoléu até encontrar.

— Está bem, está bem — a Sra. Trevathan se rendeu, quase chorando. — Vou levá-lo até lá.

Caminhando na direção oposta aos quartos que ele e Rebecca ocupavam, do outro lado da escada, a Sra. Trevathan passou por várias portas e parou diante de uma no fim do corredor.

— Esta é a suíte dele — ela indicou. — Agora, por favor, espere aqui enquanto eu bato. Não quero que ele o veja quando eu abrir a porta. O Lorde realmente não gosta de ser incomodado à noite, e é parte do meu trabalho garantir isso.

Ari deu alguns passos para trás. Satisfeita, a Sra. Trevathan bateu à porta.

— Lorde? Lamento incomodar, mas preciso falar com o senhor com urgência — ela disse alto.

Não houve resposta.

— Ele pode estar dormindo — a Sra. Trevathan disse, olhando para Ari com apreensão. — Vou tentar outra vez. — Ela bateu, mas continuou sem resposta.

— Você vai ter que entrar e acordá-lo — Ari ordenou.

Ele viu o medo dominar a expressão da Sra. Trevathan.

— Ele realmente não gosta que entrem em seu quarto sem permissão.

— Pelo amor de Deus, diga que é uma emergência! Se você não entrar, eu mesmo entro — Ari deu um passo em direção à porta e imediatamente a Sra. Trevathan tomou a iniciativa.

— Espere — ela pediu, desaparecendo dentro do quarto e fechando a porta.

Poucos segundos depois, ela voltou.

— Ele não está no quarto.

Ari a encarou, não convencido.

— Ouça, meu jovem, estou tão preocupada com Rebecca quanto você e estou dizendo que o Lorde não está aí dentro. Embora seja extremamente incomum ele sair para caminhar à noite.

— E aonde ele geralmente vai para caminhar?

— Ao redor da propriedade.

— Senhora Trevathan! — A paciência de Ari finalmente chegou ao limite. — Já passa da meia-noite e Rebecca está desaparecida. Anthony aparentemente também está sumido. Estou preocupado a ponto de chamar a polícia.

Ela olhou para Ari horrorizada.

— Por favor, não faça isso! Tenho certeza de que ela está bem. Talvez tenha ido com o Lorde... — Sua voz perdeu a força.

— Entendo que sua lealdade está dividida, mas ambos estamos cientes de que você sabe mais do que está admitindo. Estive há pouco com a mulher que você me convenceu que vagava pela casa à noite. Ela mesma me disse que não pode se locomover sem a cadeira de rodas. Não foi ela que Rebecca viu ontem à noite, foi? Você mentiu, Senhora Trevathan. Portanto, você tem precisamente trinta segundos para me dizer onde encontrar Lorde Anthony antes que eu chame a polícia!

Ari desceu as escadas rapidamente e marchou de volta para o escritório. A Sra. Trevathan correu atrás dele e entrou na sala ofegando de cansaço. Ela viu Ari pegar o telefone, seus dedos pausando sobre os números. Houve alguns segundos de impasse antes que a Sra. Trevathan se rendesse.

— Pare, por favor... — Sua voz se perdeu quando ela desabou sobre uma cadeira e se desmanchou em prantos. — Ela sabia que atrapalhar sua rotina seria ruim para ele. Contanto que ele tenha paz, tranquilidade e privacidade, nós conseguimos controlar as coisas. É tudo culpa dessa desordem, eu deveria saber que isso aconteceria.

— Ouça, só me diga onde podem estar e tenho certeza de que poderemos resolver isso sem envolver a polícia.

A Sra. Trevathan deu um último suspiro de rendição.

— Vamos precisar do seu carro.



Enquanto enfrentava o ritual de tomar chá com Alice, mil pensamentos corriam pela mente de Rebecca. Ela respondia educadamente de modo a manter Alice satisfeita, e assim a mente de Rebecca lentamente começou a refletir sobre as últimas semanas e a juntar as peças do quebra-cabeças.

— Não é divertido? Estamos tomando chá juntas!

— Claro que sim.

— Mamãe idolatrava você, Violet — Alice disse. — Ela manteve o seu quarto em perfeitas condições, certificando-se de que os criados tirassem o pó todos os dias, trocassem os lençóis, colocassem flores frescas nos vasos. Você estava morta, mas ela sempre dizia que eu a encontraria um dia. Acho que ela queria dizer no céu, mas aqui está você, na Terra! Não é incrível?

— É, sim — Rebecca respondeu, obediente.

— Enquanto você não estava aqui, enquanto estava lá em cima, mamãe gostava de fingir que *eu* era Violet. — Alice acariciou seus cabelos. — Mamãe sempre dizia que eu era igualzinha a você quando criança. Ela deixou meu cabelo crescer e me vestia em laços e fitas de seda. Ela me comprava vestidos lindos, enviados da Harrods, como este que estou usando agora.

— É muito bonito — Rebecca disse, aprendendo logo que Alice gostava de elogios.

— Obrigada. É tão bom sentar aqui e conversar com outra jovem. Mamãe nunca gostou muito de meninos, ou homens, para falar a verdade. Coisas desagradáveis, fedidas e agressivas, ela dizia sempre. Muito melhor ser uma menina. Lembro que ela dizia que homens eram úteis apenas para uma coisa e, minha querida, ambas sabemos para quê. — Alice riu, e um rubor genuíno corou sua face.

— Tenho certeza de que sua mãe estava certa — Rebecca disse. Quanto mais Alice falava, melhor Rebecca compreendia.

— Sabe, fui tão sozinha quando era criança. Mamãe não me deixava brincar com outras meninas, então não tive amigas. Eu queria que você estivesse aqui naquela época — Alice disse, com tristeza. — Nós duas nos damos muito bem, não acha? Somos parecidas, não somos?

— Sim — Rebecca disse. — Sinto muito por você ter se sentido tão só.

— Bem, na verdade, eu tinha uma amiga imaginária chamada Amy. Conversávamos por horas, embora eu soubesse que ela não era real. Mas agora tenho você. Quero que fique comigo para sempre. Você não vai me abandonar,

vai? — Lágrimas brotaram nos olhos de Alice.

— Não, claro que não.

— Minha mãe me deixou, sabe? E eu fiquei completamente sozinha. Sabe de uma coisa? Acho que ela não gostava muito de mim. Estava sempre gritando comigo. Eu...

Rebecca viu quando Alice começou a chorar, as lágrimas manchando o seu rosto com o negro da máscara.

— Quer um lenço? — Rebecca ofereceu, procurando uma desculpa para se levantar da cadeira.

— Obrigada, você é muito gentil — Alice respondeu, com gratidão. — Está na gaveta, no criado-mudo.

Rebecca percebeu que era agora ou nunca. Ela se levantou e seguiu o mais rápido possível para a porta do quarto, abriu-a com toda a força e desceu a escada estreita aos tropeços. Chegou até a porta da frente e girou a maçaneta desesperada, mas a porta não abria.

— Aonde você está indo? Volte!

Enquanto Rebecca se voltava para o corredor em direção aos fundos da casa, esperando encontrar outra saída, ouviu os passos de Alice descendo as escadas atrás dela.

— Socorro! — Rebecca gritou aterrorizada ao se encontrar na cozinha. Batendo a porta na frente de Alice, tateou seu caminho na escuridão, tentando encontrar a porta dos fundos. Ouvia Alice no cômodo com ela agora, tropeçando na mobília.

— Onde você está, Violet? Por favor, não gosto dessa brincadeira. Tenho medo do escuro...

Incapaz de encontrar uma saída, Rebecca se encolheu em um canto e deslizou até o chão quando ouviu Alice vindo em sua direção.

— Ai está você! — Mãos grandes levantaram Rebecca. Não gosto dessa brincadeira. Por que não voltamos lá para cima e brincamos de moda?

— Por favor... me deixe ir — Rebecca gemeu enquanto Alice a arrastava pela cozinha. Então ela ouviu uma porta se abrir em algum lugar da casa.

— Venha, querida. Deixe de ser desobediente e solte a sua amiga — uma voz familiar e gentil disse. — Sei que só está brincando, mas a sua mamãe não vai ficar feliz se souber disso.

Houve uma pausa antes que as mãos que a seguravam a soltassem. Rebecca caiu no chão como uma boneca de pano abandonada.

— Senhor Malik, pode acender a luz, por favor? Essas crianças levadas estavam brincando de “pega-pega no escuro”. — De repente, uma luz se acendeu e Rebecca, confusa, viu a Sra. Trevathan e Ari na cozinha.

— Sinto muito, Brenda — Alice disse. — Fui uma menina malvada, não fui?

— Sim, um pouco, mas, se você se comportar e vir comigo, prometo que não conto para a sua mãe. Vamos agora, querida. — A Sra. Trevathan estendeu a mão. — É hora de sua nova amiga ir para casa.

— Mas não quero que ela vá. Por favor, Brenda, ela não pode ficar? Eu...

Rebecca e Ari viram o lábio de Alice tremer quando ela começou a chorar.

— Se você for uma boa menina, talvez sua amiga possa voltar para brincar amanhã.

— Ela pode, por favor? Eu me sinto tão solitária aqui sem ninguém... Tão solitária...

— Eu sei, querida, mas já é tarde. Agora — ela disse para Ari — vou levar esta criança para o quarto e colocá-la para dormir. Por que não leva sua garotinha para casa e quem sabe elas podem brincar outro dia?

Ari, que olhava estupefato para a criatura que segurava a mão da Sra. Trevathan, concordou com a cabeça.

— Então, boa noite e obrigada por vir — a Sra. Trevathan disse, com firmeza.

Enquanto Ari ajudava Rebecca a se levantar e a carregava para o carro, eles podiam ouvir a voz da Sra. Trevathan conversando calmamente. Ele colocou gentilmente Rebecca no banco do passageiro.

— Você está machucada? — ele perguntou, sentando-se diante do volante e dando a partida. — Devo levar você para um hospital?

— Só me tire daqui — ela gemeu. — Me leve para longe daquela... *coisa* horrível.

— Ele machucou você, Rebecca? Eu prometi à Senhora Trevathan que não chamaria a polícia se ela me dissesse para onde ele havia levado você, mas o que vi superou as minhas expectativas.

— Não estou machucada. Só me tire daqui! — Rebecca repetiu, chorando.

— Tudo bem — Ari concordou. — Não se preocupe, vou levá-la para um lugar seguro.

Enquanto dirigia pela várzea, Ari pegou o celular e ligou para Steve.

— Rebecca está comigo. Não posso entrar em detalhes agora, mas preciso levá-la para um hotel e gostaria que você telefonasse para o médico que a viu outro dia e pedisse que vá examiná-la.

— Ela está machucada?

— Acho que não, mas precisa ser examinada.

— Certo, bem, traga Rebecca para o meu hotel aqui em Ashburton. Vou informar a recepção imediatamente. Tenho certeza de que arrumam um quarto

para ela. Caso contrário, ela pode ficar com o meu.

— E chame o médico assim que possível.

Steve deu o endereço do hotel para Ari, que configurou seu GPS.

Quando chegaram ao hotel, Ari ficou grato por Steve ter conseguido uma suíte para Rebecca. Ele havia deixado um recado na recepção pedindo a Ari para entrar em contato se precisasse de mais alguma coisa.

Rebecca deixou que Ari a guiasse até o elevador e, depois, pelo corredor até o quarto.

— Eu não trouxe nada — Rebecca disse, suspirando com pesar enquanto Ari a ajudava a chegar à cama.

— Onde está sua mala?

— Em um arbusto em algum lugar em Astbury. — Ela lhe deu um sorriso fraco.

— Deixa pra lá. Vou buscar amanhã. Não há nada de que você precise com urgência, espero.

Antes que Rebecca pudesse responder, ouviram uma batida na porta e Ari foi atender.

— Boa noite — o Dr. Trefusis disse — Ou devo dizer bom dia? Lamento ter demorado um pouco para chegar aqui. Estava com outro paciente. Como ela está?

— Pelo que posso ver, está fisicamente bem — Ari respondeu. — Mas muito abalada. Posso explicar o que aconteceu?

— Não há necessidade — o médico disse, calmamente. — O paciente que acabei de deixar é o Lorde Astbury. A Senhora Trevathan mandou me chamar.

— Entendo. Onde ele está agora?

— Ainda no chalé da várzea. Administrei um sedativo forte, o que significa que vai dormir até que eu possa organizar as coisas pela manhã. É possível que ele acorde sem se lembrar dos acontecimentos desta noite. De qualquer forma, deixe-me ver a Senhorita Bradley.

— Claro. Vou deixá-los a sós. — Ari discretamente deixou o quarto enquanto Dr. Trefusis se aproximava de Rebecca.

— Soube que você passou apuros esta noite — ele disse gentilmente ao se sentar na beirada da cama e pegar a mão dela para medir sua pulsação. — Ele machucou você?

— Não. — Rebecca estava tão cansada que mal podia formar uma frase. — Mas ele colocou um tecido sobre o meu nariz que cheirava forte e eu perdi a consciência, depois eu acordei naquela casa. Ainda não sei onde estava.

— Tenho certeza de que ele usou clorofórmio, que é o que os cirurgiões usam

para sedar os pacientes. É inofensivo, sem efeitos colaterais a longo prazo. A Senhora Trevathan acredita que ele tenha encontrado um vidro em um dos armários da despensa. Nem quero pensar em como deve ser velho. Ela me entregou o frasco e eu vou analisar o conteúdo amanhã, só para garantir.

— Pensei que... — Rebecca molhou seus lábios ressecados. — Pensei que não escaparia.

— Tenho certeza de que pensou mesmo, Senhorita Bradley. Foi um choque terrível para você. Tudo o que posso fazer é dizer que sei da condição do Lorde Astbury desde que assumi a clínica do meu pai. É altamente improvável que, independente do seu estado de perturbação e confusão desta noite, ele a tenha machucado.

— Ele pensava que eu era a sua avó Violet — Rebecca murmurou.

— Sim, a Senhora Trevathan me disse isso.

— Meu Deus! Ele não sabe onde estou, sabe? Vai vir atrás de mim? — Ela agarrou o braço do médico. O medo cintilava em seus olhos.

— Você está segura, Rebecca, confie em mim. Ele nem imagina onde você está e se encontra tão sedado no momento que não sabe nem onde ele está. Não vou fazer você reviver os acontecimentos desta noite, mas me deixe examiná-la.

Enquanto o médico checava seus sinais vitais, Rebecca permaneceu imóvel. Havia tantas perguntas a fazer, mas sua mente exausta e confusa não encontrava energia para dar voz a suas dúvidas.

— Como está a dor de cabeça? — ele perguntou, ouvindo seus batimentos cardíacos.

— Terrível.

— O clorofórmio que o Lorde Astbury usou não deve ter ajudado. Na verdade, eu iria visitá-la amanhã de manhã, por que acho que descobri porque você tem se sentido tão mal.

— Sério?

— Sim. E posso garantir que, pelo menos quanto a isso, não há motivo para se preocupar. — Ele sorriu.

— Estou grávida?

— Não, Rebecca. Todos os testes deram negativo. De qualquer forma, explico minha teoria amanhã. Agora... — O Dr. Trefusis pegou a pasta e tirou alguns comprimidos dela. — Sugiro que tome este remédio. É um sedativo leve, que irá acalmá-la e ajudá-la a dormir.

— O que há de errado com Anthony? Por que ele estava vestido como uma garotinha? Ele disse que se chamava Alice. Eu...

— É uma longa história, Senhorita Bradley, que ficarei feliz em explicar amanhã, quando você tiver descansado um pouco. Por enquanto, minha

recomendação é que, já que está fisicamente bem e segura, a melhor coisa a fazer é dormir. — O médico se levantou. — Vou dizer ao jovem do lado de fora que pode voltar agora. Boa noite.

Ari andava de um lado para o outro no corredor.

— Como ela está?

— Como você disse, não está ferida, mas muito assustada. Não a culpo.

— Eu o vi naqueles... trajes. Até eu fiquei com medo — Ari admitiu. — Sei que Rebecca não vai se sentir segura até que ele seja preso. Deveríamos chamar a polícia depois do que aconteceu com ela? Afinal, ele a sequestrou.

— Se for isso que a Senhorita Bradley decidir que deseja, então, sim, ela deve procurar a polícia — O Dr. Trefusis concordou. — Mas eu gostaria de falar com ela antes. Volto para vê-la amanhã cedo. Boa noite.

Ari observou o médico se afastar e entrou no quarto. Sentou-se ao lado de Rebecca na cama e pegou sua mão.

— Como você está?

— Bem — ela sussurrou, com os olhos fechados.

— Tudo bem se eu ficar com você esta noite? Posso dormir no sofá da sala ao lado.

— Não! — Sua mão apertou as dele, e ela abriu os olhos. — Por favor, não me deixe sozinha. Por favor, fique comigo, Ari.

— Claro, se você preferir.

— Prefiro, obrigada — ela disse, e sua mão relaxou. — Tantas perguntas — continuou, suspirando.

— Eu sei — ele concordou, tentando confortá-la. — Mas elas ficam para depois. Por favor, Rebecca, tente dormir — ele disse, indo até uma cadeira no canto do quarto.

— Ari? — ela chamou, tímida.

— Sim?

— Você pode me abraçar? Assim eu vou saber se você sair.

— Sim, mas posso deitar na cama com você? Vai ser mais fácil. — Ele sorriu.

— Claro que sim.

Ari se deitou na cama e Rebecca se virou para se aconchegar em seus braços, como uma criança.

— Obrigada por estar aqui — ela disse, exausta.

— Está tudo bem. Durma, Rebecca — ele sussurrou.

Enquanto Rebecca, pálida, mas calma, se sentava com uma xícara de café na manhã seguinte, o Dr. Trefusis falava com ela:

— O Lorde Astbury foi diagnosticado com esquizofrenia quando tinha trinta e poucos anos. Ele sofreu um ataque dos nervos depois que sua mãe faleceu e passou a exibir os sintomas que você viu ontem à noite. Não surpreende que ele tenha enlouquecido. Sua mãe, Daisy, o controlava completamente. Ela nunca o perdia de vista desde que ele nasceu. Ele ficou em um hospital psiquiátrico, onde passou quase um ano em terapia constante, controlado com drogas. Ninguém sabe exatamente o que causa essa condição, se é natural ou provocada, mas, diante da infância difícil do Lorde Astbury, tenho certeza de que essa foi uma das causas.

— Ele conversou comigo enquanto estava... — Rebecca engoliu a seco. — Fantasiado. Disse que a sua mãe lhe comprava belos vestidos na Harrods. Isso era verdade?

— Infelizmente é. A mãe do Lorde Astbury, Daisy, foi criada por sua avó, Maud, acreditando que todos os homens eram perversos. Então, quando foi obrigada a se casar para gerar um herdeiro para a propriedade, e esse herdeiro foi um menino, ela se recusou a aceitar — o Dr. Trefusis explicou. — Vocês podem perguntar à Senhora Trevathan, ou à sua mãe, Mabel, que o conhecem pela vida toda. Ela colocava laços nos cabelos longos do Lorde e ele usou vestidos durante toda a infância.

— Meu Deus, pobre criança — Rebecca disse. — Pensando nisso, vi uma fotografia no escritório dele... uma garotinha que se parecia com Anthony. Pensei que fosse sua irmã, mas devia ser ele. E o seu pai? — perguntou. — Ele não tinha nada a dizer sobre isso?

— De acordo com meu pai, que assumiu os cuidados com Daisy depois do meu avô, o pai do Lorde Astbury era um marido e um pai ausente. O casamento foi um arranjo, para começar. Não importava o quanto Maud Astbury odiasse os homens, ela havia aceitado que sua neta precisava de um para gerar um herdeiro. O homem que escolheu para Daisy se revelou um alcoólatra e passava a maior parte do tempo em Londres, torrando o dinheiro da família. Ele morreu quando o Lorde Astbury ainda era muito jovem.

— Anthony me contou sobre isso. Então, eram apenas Maud, Daisy e Anthony no Hall quando ele era criança?

— Sim. Depois que Maud morreu, o que deveria ter melhorado as coisas, o estrago já estava feito. — O médico balançou a cabeça. — Daisy se recusou a enviar Anthony para uma escola. Em vez disso, ele foi educado por professoras particulares. A obsessão de Daisy com Violet, sua linda mãe falecida, também não terminou aí. O Lorde Astbury foi criado para idolatrá-la.

— Sim, isso ficou claro — Rebecca disse, com ironia.

— De qualquer forma, quando ele foi considerado estável o suficiente para voltar para casa depois da crise, ficou sob os cuidados da Senhora Trevathan, que

trabalhava no Hall como governanta e entendia a situação. Juro, Senhorita Bradley, aquela mulher é uma santa. Dedicou grande parte da sua vida para cuidar dele. — O Dr. Trefusis respirou fundo. — Contanto que tudo esteja calmo e nada atrapalhe a tranquilidade e a privacidade do Hall, o Lorde Astbury é capaz de viver perfeitamente bem. Ele ama cuidar das flores de seu jardim, o que para ele é uma terapia. Os remédios que toma todos os dias o mantêm estabilizado, para que ele tenha pelo menos um resquício de normalidade. Ele costumava ir para o chalé da várzea para o que a Senhora Trevathan chamava de “brincar de casinha” e “brincar de moda”. Sabiamos que era melhor que ele desse vazão a sua outra personalidade em algum lugar isolado onde não fosse visto. Eu o via com frequência, claro, assim como o seu psiquiatra, e a Senhora Trevathan entrava em contato sempre que havia um motivo de preocupação. Ele passou vários anos sem uma recaída.

— Entendo — disse Rebecca.

— Mas, este ano, ele decidiu deixar que o estúdio de cinema usasse o Hall. Falta dinheiro em Astbury no momento, e ele precisava pagar algumas contas. A Senhora Trevathan foi contra desde o início. Ela o conhece bem o bastante para saber que ele certamente não conseguiria conviver com a situação, mas o que ela podia fazer?

— Nada, suponho — Rebecca concordou.

— Então, você chegou. E Anthony imediatamente viu a semelhança com a sua avó, Violet, que ele acreditava ser a mulher perfeita, de acordo com sua mãe, e a mulher que seu alter ego tentava copiar.

— Na primeira vez em que Anthony me encontrou, em roupas comuns, não teve nenhuma reação — Rebecca mencionou. — Foi só quando me viu com o cabelo loiro em um vestido dos anos 20 que disse que eu me parecia com ela.

— Sim, tenho certeza de que ele acreditou estar vendo um fantasma. Ao mesmo tempo, e estou apenas supondo, já que não li o relatório do psiquiatra ainda, ele também teve uma reação *masculina* normal em resposta a você. Isso o deixou totalmente confuso. Suas personalidades entraram em conflito, ambas desestabilizadas. Enquanto a principal parte de Anthony, masculina, se apaixonava por você, a “garotinha” não entendia por que Violet estava de volta, já que você deveria estar morta. Consegue entender, Senhorita Bradley?

— Consigo — Rebecca respondeu devagar. — Infelizmente, consigo. E tudo o que você contou combina com o que ele disse ontem à noite. Também o vi vestido de mulher outra noite, no Hall. A Senhora Trevathan jurou que era a sua mãe que eu havia visto, mas claro que não era. E também o ouvi cantar, em uma voz aguda e estranha. Também tenho certeza de que ele entrava no meu quarto à noite — Rebecca disse, com um tremor. — Sentia o perfume.

— Peço desculpas, Senhorita Bradley. Sei que a Senhora Trevathan se sente culpada por deixar que as coisas chegassem a esse ponto sem tomar uma atitude. Normalmente a segunda personalidade do Lorde não aparece no Hall. Para ser

justo com a Senhora Trevathan, ela apenas só estava tentando protegê-lo — acrescentou.

— Ela certamente soube, no dia seguinte, que eu havia visto Anthony. Aquilo me deixou maluca. Ela mentiu para mim, doutor — Rebecca reiterou.

— Sei disso, Senhorita Bradley, mas tente perdoá-la. Ela tentava proteger o Lorde Astbury porque sabia que, se ele *estava* tendo uma recaída, acabaria sendo levado de volta ao hospital psiquiátrico. E ele odiava aquele lugar.

— Eu entendo, de verdade, mas isso não justifica que Anthony, ou quem ele acreditava ser ontem à noite, possa me drogar, sequestrar e me prender em um chalé no meio de lugar nenhum! — Rebecca levou as mãos à cabeça. — Estou tentando considerar as razões pelas quais deveria deixar isso pra lá, mas realmente pensei que ia morrer na noite passada!

— Tenho certeza de que está aterrorizada, Senhorita Bradley. Lamento muitíssimo. Também me sinto responsável, pois deveria ter visto os sinais mais cedo — o Dr. Trefusis disse, abatido. — Você vai ficar aliviada em saber que, a partir de agora, o Lorde Anthony ficará internado em um hospital seguro, que lhe proporcionará toda a ajuda de que precisa. Quanto a envolver a polícia ou não, a decisão é sua. Embora as chances sejam de que, caso você venha a fazer queixa, o Lorde Anthony acabe exatamente onde está. Além disso — ele a lembrou —, ambos terão que suportar a exposição da mídia.

— Sei disso — Rebecca respondeu. — Quanto tempo ele vai ficar no hospital?

— Até que o psiquiatra acredite que ele recuperou a estabilidade. De acordo com seu estado atual, eu diria que serão muitos meses, se não anos. Infelizmente, pode ser que nunca mais tenha alta.

— Sabe, sempre senti que havia algo infantil em Anthony, mesmo quando ele estava bem. Eu sentia que devia protegê-lo de algum modo... — Rebecca notou que seus olhos se encheram de lágrima, de repente. — Ele era um homem tão gentil, mas, depois que vi como pode ficar... meu Deus, não sei descrever o quanto foi terrível.

— Senhorita Bradley, pelo seu bem e pelo bem dele, tente se lembrar de Anthony como o homem gentil e inteligente que conheceu, e não como a aberração que viu ontem à noite. Considerando o que sofreu quando era criança, ele merece a nossa compaixão. Nunca teve chance de viver uma existência normal. E pode ter certeza de que ele não causará mais problemas a ninguém, por um longo tempo.

— Entendo. E sinto muita pena dele — Rebecca concordou.

— Agora, antes que me esqueça, quero discutir com você a possível causa de suas dores de cabeça. — O Dr. Trefusis pegou sua pasta e retirou alguns papéis. — Como eu disse ontem, seus exames de sangue estão normais. Contudo, notei níveis altos de adrenalina em um deles. Então, me diga, Senhorita Bradley, você tem alergias?

— Sim — Rebecca parecia surpresa. — Chego a passar muito mal em casa. Notei que meus olhos coçaram, e a Senhora Trevathan disse que era uma reação a uma erva que cresce aqui na região.

— Certo. Próxima pergunta: você, por acaso, andou tomando chá de camomila?

— Sim, a Senhora Trevathan me serve chá de camomila com frequência; ela diz que é bom para relaxar. Tomo umas duas ou três xícaras por dia.

— Então acho que descobrimos a causa do problema — o Dr. Trefusis disse, aliviado. — A erva-de-santiago e a camomila são da mesma família, e a alergia a ambas, ingeridas simultaneamente, pode gerar uma reação contrária na corrente sanguínea, especialmente se o chá foi feito com folhas frescas da espécie local. Os sintomas geralmente causados são os mesmos que você descreve. Dor de cabeça forte e enjoo são os mais comuns. Suponho que esta seja a causa do problema, Senhorita Bradley — o médico disse com os olhos brilhando. — Portanto, assim que vir a Senhora Trevathan, vou informá-la de que ela *estava* envenenando você! — Ele fechou a pasta e sorriu. — Fique longe do chá de camomila de agora em diante e vamos ver se os sintomas desaparecem. Agora, deixei mais alguns sedativos, para o caso de precisar. Se tiver mais algum problema, ficarei feliz em visitá-la.

— Obrigada pela ajuda, doutor — ela disse enquanto ele caminhava até a porta. — Vou pensar no que fazer acerca dessa situação com Anthony.

— Claro. Até logo.

O Dr. Trefusis foi até o elevador e desceu para o saguão.

— Como ela está? — perguntou Ari, que estava ansioso esperando que o médico retornasse.

— Muito bem, diante das circunstâncias — o médico respondeu. — Ela parece frágil, mas é uma jovem forte.

— Acho que ela foi incrível até agora — Ari disse. — Antes que vá embora, doutor, há um assunto que eu gostaria de discutir com o senhor.

— E que assunto é esse?

O Dr. Trefusis ouviu quando Ari começou a explicar.

Ari se certificou de que Rebecca havia almoçado, depois sugeriu que ela descansasse. Uma hora depois, alguém bateu à porta e Ari foi atender.

— Como ela está? — James Waugh perguntou. — Posso entrar?

— Claro que pode — Rebecca respondeu, sorrindo quando entrou na sala de estar.

— Ah, que bom que melhorou! — James entrou no quarto e a abraçou.

— Rebecca, se você tem companhia, vai ficar bem se eu sair por uma hora?

— Ari perguntou.

— Sim, está tudo bem — ela concordou.

— Não vou demorar. E vou pegar a sua mala no Hall na volta.

— Obrigada, Ari.

— Ele está caidinho por você — James comentou depois que Ari saiu. — Mas me conte tudo. Você deve saber que o set está borbulhando com os rumores sobre o que aconteceu com você ontem à noite. Ouvi histórias sobre ter sido arrastada para um chalé abandonado no meio do nada pelo Lorde Astbury.

— Quem contou isso? — Rebecca perguntou, horrorizada.

— E quem sabe onde a história começou? Mas garanto que estão exagerando.

Como o Dr. Trefusis havia previsto, a última coisa que Rebecca precisava era que a história chegasse aos jornais. Era o tipo de notícia de que as pessoas não esqueceriam; perguntariam sobre isso em cada programa de televisão de que ela participasse dali em diante. Tudo o que ela queria era esquecer e seguir em frente.

— Ele me pediu em casamento e não reagi muito bem quando recusei — Rebecca resumiu, com um tom de ironia na voz.

— Minha nossa — James disse, se sentando na cama e roubando algumas uvas da cesta de frutas. — Os homens ficam loucos perto de você! E esse indiano charmoso que está bancando o seu protetor?

— Ari tem sido maravilhoso — Rebecca respondeu, na defensiva. — Mas é apenas um amigo.

— Se você acredita nisso... — James disse, com um sorriso maroto. — De qualquer forma, querida, é bom vê-la de volta ao normal.

— Eu disse ao Steve que estarei bem para gravar amanhã.

— Bem, eu não ligo nem um pouco para o atraso. Todas as cenas que faltam para mim são com você. Estou aproveitando esses dias de folga.

— Com a garçonete como companhia?

— *Touché!* — James sorriu. — Ela está me perseguindo agora, me seguindo no hotel. Acho que quer ter filhos comigo. Infelizmente, isso não está nos meus planos no momento. Bem, vou embora, mas, se quiser um jantar leve mais tarde, ficarei mais que feliz em fazer companhia a você.

— Obrigada, James, mas acho que vou ficar quietinha aqui e dormir cedo — Rebecca respondeu.

James semicerrou os olhos ao olhar para ela.

— Então, onde eu estou atualmente na fila das suas afeições? Devo estar subindo no ranking enquanto você despacha um a um.

Rebecca deu um soco amigável em seu braço.

— Você não tem jeito, James. Sei que não está falando sério.

— Não, provavelmente não — ele concordou. — Mas espero manter contato com você depois que voltar para os Estados Unidos. Sério, Rebecca, gosto da sua companhia. Tem sido divertido. Robert disse que nós temos muita química na tela. Nunca se sabe. Podemos nos tornar os próximos Olivier e Leigh, ou Brad e Angie! Mas preciso ver se a minha garçonete de estimação pode me servir um delicioso chá cremoso. — James lhe deu um beijo carinhoso e se levantou. — Vejo você mais tarde, querida.

Quando Ari chegou à casa do Dr. Trefusis, seguiu o médico até a cozinha.

— Aceita um chá? Eu ia colocar a chaleira no fogo.

— Obrigado.

— Como você pediu, verifiquei os registros dos pacientes do meu avô em 1922 e não encontrei nada sobre a morte de uma criança chamada Moh Chavan ou Prasad, nas datas exatas ou próximas às que você mencionou.

— Bem... — Ari disse, com um suspiro. — Para ser honesto, não estou surpreso.

— Estou confuso com o que aconteceu com seu parente. Você disse que uma certidão de óbito foi emitida para ele? — o médico perguntou, pegando duas canecas do armário.

— Isso. — Ari pegou a pasta e retirou a certidão. — Veja que foi assinada pelo seu avô. Mas procurei em todos os registros públicos e da paróquia para essa região e não há nada em lugar algum.

— Que estranho. — O Dr. Trefusis se inclinou sobre o ombro de Ari para examinar a certidão. — Sim, essa é a assinatura do meu avô, mas, de acordo com a lei, ele deveria ter enviado uma cópia para ser registrada.

— Verifiquei todos os registros públicos na internet também. Nem sinal. É natural. — Ari continuou. — A mãe de Moh nunca acreditou realmente que ele morreu naquele dia.

— Verdade? — O Dr. Trefusis estava claramente surpreso. — E então, ele morreu ou não?

— Não. Mabel Smerden confirmou que ele não morreu. Ela tem certeza de que Moh foi levado para um orfanato em Londres naquele dia.

— Por quem? — o Dr. Trefusis perguntou, se sentando à mesa.

— Lamento dizer que foi pelo seu avô.

Ari esperava uma reação defensiva, e ficou surpreso ao notar que o médico baixou o olhar.

— Infelizmente, isso não me surpreende. Não tenho certeza das condições do

nascimento do seu parente, mas posso confirmar que meu avô ajudou um grande número de jovens que estavam com problemas. Quando os bebês nasciam, ele os levava para orfanatos administrados pela igreja. Entenda, Senhor Malik, o mundo era diferente naqueles dias.

— Estou começando a acreditar que sim.

— Meu avô não era um homem ruim — o médico disse. — Ele fazia o que podia para ajudar. Na verdade, posso ajudar você com os nomes dos orfanatos a que o meu avô recorria. Só Deus sabe se algum deles ainda está aberto hoje, mas vale a pena tentar. Espere aqui.

O Dr. Trefusis se levantou e voltou poucos minutos depois com um livro fino de capa de couro.

— Esse era o livro de contatos médicos da região do meu avô. Ele tem endereços e telefones de hospitais da região, nomes de cirurgiões e coisas do tipo. Na última página há o endereço de três orfanatos. Apenas um fica em Londres. Devo anotar os detalhes para você?

— Obrigado, mas, como você mesmo disse, quem sabe se ainda existem? — Ari suspirou. — Além disso, não sei se Moh continuou com o nome de nascimento ou não, mas posso dizer exatamente o dia em que foi levado. Foi o mesmo dia em que Donald Astbury morreu.

— Verdade? Bem, tenho certeza de que é possível verificar na internet — o Dr. Trefusis sugeriu. — Se você não conseguir nada, por favor, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo e verei o que posso fazer. Devo admitir que estou curioso para saber mais sobre essa história.

— Mabel Smerden conhece a verdade e me fez jurar segredo. De qualquer modo, não devo tomar mais do seu tempo — Ari disse, enquanto se levantava. — Aviso se descobrir o que aconteceu com ele.

— Por favor, faça isso. Aliás, como está a minha adorável paciente?

— Muito bem, obrigado — Ari respondeu enquanto o médico o acompanhava até a porta da frente.

— Devo admitir que estou encantando com ela. Não me surpreende que o Lorde Astbury tenha se sentido assim. O senhor é um homem de muita sorte, Senhor Malik — O médico sorriu para ele. — Boa noite.

No caminho de volta, Ari pegou a estrada para Astbury Hall, estacionou no pátio e saiu procurando a mala de Rebecca. Demorou a localizar o arbusto onde ela a havia deixado, mas, quando a encontrou, guardou a mala no carro. Depois, entrou no Hall e seguiu a fim de o sótão para se despedir de Mabel Smerden.

Ela sorriu quando o viu.

— Tem tempo para tomar um chá? — ela perguntou.

— Não, Senhora Smerden, infelizmente não. Mas eu queria me despedir. Viajo

amanhã, e falei com o Doutor Trefusis esta tarde. Ele me deu o nome de um orfanato em Londres, então vou investigar se o lugar ainda existe.

— Que bom para você. Me conte se descobriu o que aconteceu com ele.

— Claro. Obrigado por confiar em mim.

— Estou feliz, por todos nós, que a verdade tenha vindo à tona. Minha mãe, Tilly, achava Anahita uma mulher maravilhosa.

— Ela era — Ari disse, com orgulho.

— A propósito, procurei isto para você. — Mabel estendeu a mão para pegar um porta-retratos que estava sobre a mesa ao seu lado e o entregou a Ari. — Esta é a foto do falecido Lorde Astbury com Anahita e Moh que meu pai pegou do chalé às margens do riacho.

Ari olhou maravilhado para as três pessoas na foto. Sua história era uma parte dele agora; ele a sentia nos próprios ossos.

— Obrigado, Mabel, vou guardar esta foto pelo resto da minha vida. Adeus.

Ari desceu as escadas para pegar suas coisas no quarto que ocupou. Ele ponderou sobre o diário de Donald antes de colocá-lo em sua mala, junto com a fotografia. Anthony certamente não precisaria dele, e também era parte da história de sua família.

Levando a mala e seguindo para o saguão principal, ele parou por alguns instantes sob o grande domo, pensando em Anahita e em tudo o que ela havia sofrido nas mãos dos Astbury. Ele ainda se perguntava por que Anahita o havia escolhido para descobrir sua verdade.

E então, ele ouviu, suave, tão suave que imaginou que seus ouvidos estivessem zunindo. Mas, o canto ganhou força, e um som perfeito e puro, que parecia crescer em direção ao domo, preencheu-o com uma euforia estranha, mas bela.

Ari se flagrou chorando enquanto ficou ali parado, olhando para cima, finalmente compreendendo que Anahita havia lhe dado muito mais que apenas a sua história.



Naquela noite, Ari e Rebecca jantaram juntos na suíte dela.

— Você é incrível — ele disse, servindo-lhe uma taça de vinho. — Se eu tivesse passado por tudo o que passou ontem à noite, estaria acabado.

— Bem... — Rebecca chacoalhou os ombros. — Acho que eu entendo os comportamentos estranhos. Mesmo que minha não fosse esquizofrênica como Anthony, quando ela bebia ficava agressiva. Estou acostumada a esse lado estranho da natureza humana. Mas você é o herói, Ari, que se recusou a acatar o silêncio da Senhora Trevathan e insistiu que ela o levasse onde eu estava. Graças a Deus! — Ela estremeceu.

— Não surpreende que Anthony não queria que eu investigasse o chalé no riacho. Ele me disse que o lugar estava em ruínas quando perguntei. Bem, a maior dúvida agora é se você *tem* algum parentesco com Violet.

— Como não sei quem é o meu pai, provavelmente nunca descobrirei. Mas sabe de uma coisa? — Rebecca disse. — Não quero saber. O passado já foi. Quero me concentrar no futuro agora.

— Você está certa, Rebecca, não há motivo para viver no passado. Vou seguir o seu exemplo: ser forte e seguir meu futuro, seja ele qual for. — Ari suspirou.

— Bem, farei o melhor que posso. Admito que chorei horrores quando vi uma foto de Jack com a nova namorada no jornal que entregaram no quarto. Doeue de verdade. — Rebecca se levantou, foi até o sofá e estendeu o braço embaixo do móvel, timidamente retirando um jornal. — Diz aqui, “Acabou! Jack deixa Beck por um novo amor!” Mas eu não esperava menos do que isso — disse, resignada.

— Lamento, Rebecca.

— Não lamente. É melhor assim, de verdade. Eu sabia que não tinha volta quando pedi que ele deixasse as drogas. O orgulho dele não suportaria.

— E a mídia está em volta feito um bando de urubus, querendo a sua versão da história?

— Aparentemente sim. O meu agente me ligou enquanto você estava fora. Pelo menos ninguém sabe que estou hospedada aqui. Mas alguém certamente vai contar, sempre contam.

— Sua vida não é nada fácil, hein?

— Meu agente quer que eu dê uma declaração. Sabe de uma coisa? Recusei. Estou cansada desse jogo. Quem liga para o que os outros pensam? Sei o que aconteceu, e é isso o que importa. Estou cansada de tudo isso. — Rebecca balançou a cabeça. — Você pode não acreditar, mas, depois das últimas vinte e

quatro horas, meio que sinto falta da paze e da tranquilidade de Astbury Hall. Ninguém me incomodava com esse tipo de coisa por lá. Estou em uma espécie de carrossel onde a minha vida é oferecida para especulação pública. Não quero mais isso.

— Entendo — Ari respondeu.

— Na verdade, tenho medo de voltar a esse mundo.

— Falando em voltar, preciso te falar que vou embora amanhã. Tenho algumas coisas para fazer em Londres antes de voltar para a Índia, no fim de semana.

— Você tem que ir mesmo? Quero dizer, eu entendo, claro.

— Você vai ficar em segurança, tenho certeza. Anthony está no hospital, e você está aqui no hotel com a equipe. Daqui a dois dias também vai para casa.

— Sim, claro. Então, estamos nos despedindo?

— Suponho que sim.

— Bem, tudo o que posso dizer é obrigada pelo que você fez para me ajudar nos últimos dias. Nunca vou esquecer.

— E não vai esquecer de mim, espero. — Ari sorriu.

— Não, não poderia me esquecer de você — ela respondeu em um sussurro. — Sabe, alguns dias atrás eu estava convencida de que tinha algum parentesco com Violet. Talvez eu tenha, mas nunca vou descobrir.

Ari a encarou:

— Por quê? Você não pode perguntar aos seus pais?

— Minha mãe morreu, e eu não sei conheci o meu pai. De qualquer forma, tenho um dia cheio amanhã, e, por mais que não queira, preciso me preparar. Tenho certeza de que você precisa arrumar as malas, também — acrescentou.

— Tudo bem. Vou deixar você fazer o que precisa.

Ambos se levantaram.

— Bem — ela disse, com um sorriso cintilante. — Acho que é isso.

— Sim.

Caminharam até a porta em silêncio.

— Boa noite. Cuide-se — ele disse.

— Vou me cuidar. — De repente, Rebecca sentiu vontade de chorar. — Vou com você até o elevador.

Deixaram o quarto lado a lado e seguiram para o elevador. Ele apertou o botão. Não disseram nada até o elevador chegar.

— Bem, adeus, Ari — ela disse depois que ele entrou e as portas começaram a

fechar.

Ele apertou o botão para reabrir as portas.

— Rebecca?

— Sim? — ela perguntou, com o olhar abatido.

— Olhe para mim.

Rebecca ergueu o olhar em sua direção e ele viu a emoção em seus olhos. Refletia o que ele sentia.

— Quero dizer uma coisa antes de partir. Ambos temos uma jornada para terminar nos próximos dias, e eu preciso voltar para a Índia. Mas acho que deveríamos nos ver outra vez. Você concorda?

As portas começaram a se fechar outra vez. Desta vez foi Rebecca quem pressionou o botão para impedir.

— Concordo — ela disse.

— Também quero dizer que, se você decidir visitar a Índia, me avise.

— Aviso.

— Promete?

— Prometo.

As portas começaram a se fechar, e Ari então desapareceu.

Quando voltou a Astbury Hall no dia seguinte, para filmar suas cenas, Rebecca estava nervosa.

— Tente não se preocupar. Estamos todos aqui para protegê-la de eventuais pretendentes se escondendo em corredores escuros — Steve disse enquanto a acompanhava até a maquiagem. — Só falta um dia.

— Vou ficar bem — ela respondeu, envergonhada porque uma versão da história já havia se espalhado entre o elenco e a equipe técnica.

Por sorte, a maior parte das gravações era externa, e Rebecca foi levada de volta para o hotel assim que terminou.

No hotel, ela percebeu que, já que não ficava mais em Astbury Hall, não via a hora de deixar Devon. Sentia certa claustrofobia em sua suíte, apesar de ser a maior do hotel, e ansiava pelos espaços abertos aos quais se acostumou.

— Deus me ajude quando voltar a Nova York — pensou, lembrando-se do apartamento no topo de uma torre de aço, onde ficaria encurralada pelos *paparazzi* assim que retornasse à cidade.

Mas não era apenas dos jardins e da natureza selvagem, se espalhando pela várzea de Astbury, que sentiria saudades. E também não era de Jack. Um vazio difícil de descrever havia caído sobre ela nas últimas vinte e quatro horas. Era

como se uma parte dela tivesse desaparecido e uma dor imprecisa tomasse lugar. Naquele momento, ela se recusava a reconhecer o que poderia ser.

No último dia de filmagem, assim que o diretor anunciou o fim, elenco e equipe técnica se reuniram na varanda ensolarada em uma tarde gloriosa para brindar com champanhe.

— Você está triste, Beck? — James perguntou.

— Por vários motivos, sim. Foi uma experiência incrível. Acho que cresci como pessoa e como atriz.

— É verdade — Robert disse, colocando os braços a seu redor. — Um trabalho espetacular, querida, realmente espetacular. Pode esperar muitos prêmios no próximo ano.

— Obrigada, Robert. Tomara que eu não decepcione.

— De jeito nenhum, querida. Quero que trabalhem juntos em breve.

Rebecca olhou do outro lado da varanda e viu a Sra. Trevathan servindo champanhe. Havia evitado falar com ela nos últimos dois dias, sem disposição para enfrentar o que havia acontecido. Mas agora sabia que precisava se despedir. Independentemente do que aconteceu, a Sra. Trevathan havia sido muito gentil.

Conforme a equipe começou a desmontar os equipamentos pela última vez, Rebecca entrou pela sala de visitas e procurou por ela. Estava na cozinha, lavando copos.

— Olá — disse, acanhada. — Eu só queria me despedir.

Rebecca viu quando a Senhora Trevathan enxugou as mãos no avental e olhou para ela com uma expressão de angústia.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você. A culpa foi toda minha. Eu era a única pessoa que poderia ter imaginado onde tudo isso acabaria.

— Por favor, não se culpe, Senhora Trevathan. Acho incrível o modo como a senhora cuidou de Anthony por todos esses anos.

— Bem, fazemos o que é preciso por aqueles a quem amamos — ela suspirou. — Espero que não se lembre dos dias que passou em Astbury Hall como uma época ruim.

— Claro que não. Exceto pelo que aconteceu há poucos dias, adorei ficar aqui. E a senhora? — Rebecca perguntou. — O que vai fazer agora que Anthony não estará aqui por algum tempo?

— Astbury está nas mãos dos curadores agora, querida. Vão decidir o que é melhor para o lugar. Mesmo se decidirem vender, vai demorar um pouco.

— Os curadores podem fazer isso? Pensei que apenas Anthony pudesse tomar essa decisão.

— Sim. Infelizmente, o Lorde será declarado mentalmente instável. Eu ia escrever para você, porque vou todos os dias ao hospital e ele gostaria que soubesse que sente muito por tê-la assustado. O problema é que ele se apaixonou por você e isso o deixou confuso, pobrezinho.

— Eu sei. O Doutor Trefusis me explicou. Lamento.

— Você não precisa lamentar. Não pode evitar ser quem você é, querida, nem como o afetou. De qualquer forma, se quiser escrever algum dia, sei que ele apreciaria o seu perdão. Pode até ajudá-lo.

— Vou escrever. — Rebecca viu o rosto da Sra. Trevathan se iluminar quando concordou. — Então, a senhora disse que ele está melhor?

— Bem, ainda é cedo, querida. É difícil ir visitá-lo; ele chora muito e pede para voltar para casa porque ainda não entende onde está. O pobrezinho está confuso. Tenho esperança de que se estabilize logo. Por isso seria maravilhoso se você escrevesse. Ele não tem mais ninguém no mundo além de mim.

— Prometo que escrevo. Mas agora é melhor eu ir. Viajo para Londres direto daqui.

— Aposto que você está feliz por voltar a sua vida em Nova York

— Francamente, por enquanto, não estou — Rebecca admitiu. — Vou sentir saudades, Senhora Trevathan, de verdade.

— Ah, pare com isso, querida! Você vai me fazer chorar. Você é adorável. Agora, me dê um abraço.

A Sra. Trevathan abriu os braços e Rebecca foi a seu encontro.

— Que momentos tivemos desde que você chegou. — A Sra. Trevathan suspirou ao soltar Rebecca. — Você vai ver aquele indiano outra vez?

— Não sei.

— Bem, não é da minha conta, mas acho que vocês fazem um belo par. Ele é melhor para você, a longo prazo, do que um ator irresponsável — acrescentou. Ambas ficaram em silêncio por um momento em memória de Jack

— Talvez — Rebecca concordou.

— Bem, agora vá e me encha de orgulho.

— Vou tentar, prometo. Se algum dia quiser ir a Nova York, saiba que tem um lugar para a senhora no meu apartamento, por quanto tempo quiser — Rebecca acrescentou.

— Obrigada, querida. Mas nós duas sabemos que não posso abandonar o Lorde nem por alguns dias. Escreva para mim, ouviu? E me conte o que está aprontando.

— Prometo que escrevo, Senhora Trevathan.

— Ah, acabei de me lembrar. Ia perguntar se não quer levar isto como

lembrança do tempo que passou aqui.

Rebecca viu a Sra. Trevathan pegar, do parapeito da janela ao lado da pia, a rosa que Anthony havia lhe dado, colhida nos jardins de Astbury.

— Dá para acreditar que continuou perfeita desde que a coloquei no seu quarto, tantas semanas atrás? — a Sra. Trevathan disse. — Quando você partiu há alguns dias, a primeira pétala caiu. Mas é uma cor tão bonita. Talvez você queira guardá-la em um livro. Pode ajudá-la a se lembrar do Lorde como ele era.

— Claro — Rebecca disse, pegando a rosa. Ela entendia por que a Sra. Trevathan queria que ficasse com a lembrança. Levando a flor ao nariz, sentiu o perfume ainda forte. — Adeus, Senhora Trevathan.

— Adeus, querida.

Rebecca deixou a cozinha e atravessou o saguão principal. Parou embaixo do domo, lembrando-se da primeira vez em que havia encontrado Anthony, parado ao lado da porta.

— Adeus — ela sussurrou para o silêncio.



Ari olhou pela janela e viu o verde exuberante do jardim urbano que rodeava a casa vitoriana. Ele conseguiu ouvir o burburinho das crianças brincando do lado de fora.

— A escritvã, Senhorita Kent, vai recebê-lo agora — a recepcionista disse.

— Obrigado — Ari respondeu, levantando-se e seguindo a mulher por um corredor estreito. O cheiro de comida o fazia lembrar de seus dias de estudante na Inglaterra. Ele foi convidado a entrar em um escritório pequeno e bagunçado, onde uma mulher por volta dos sessenta anos, pequena e bem arrumada, estava sentada atrás de uma mesa.

— Boa tarde, Senhor Malik Devo informar que isto é extremamente irregular. Você deve entrar com um processo em uma agência oficial de adoção, que então entrará em contato conosco para tratar do seu parente.

— Por favor, me perdoe, Senhorita Kent. Pedi essa exceção por uma série de razões. A primeira delas é o fato de que não sei o nome que foi dado ao meu parente. A segunda é que volto para a Índia amanhã.

— Entendo. Posso perguntar quando o senhor acredita que seu parente foi trazido a este orfanato?

— Acredito que tenha sido há oitenta e nove anos. Em 1922, no dia 22 de agosto.

— Isso é bem preciso — a Senhorita Kent comentou. — Quantos anos ele tinha?

— Uns três. Era de raça mestiça, anglo-indiano. E tinha olhos azuis. Acredito que tenha sido trazido aqui por um médico de sobrenome Trefusis, mas não sei dizer se ele usou seu verdadeiro nome.

— Parece que está muito bem informado, Senhor Malik. Mas devo avisá-lo que é raro uma criança dessa idade, especialmente mestiça, ser aceita aqui. Perdoe-me por usar essa analogia, mas, assim como filhotes de cachorro, os recém-nascidos encontram um lar com mais facilidade. Encontrar famílias para nossas crianças sempre foi o objetivo deste orfanato. Era um mundo cruel naquela época, Senhor Malik.

Ari compreendeu que a mulher era honesta, ainda que fosse indelicada.

— A família tinha dinheiro então talvez algum pagamento tenha sido oferecido.

— Talvez.

Ari notou que o olhar perspicaz da Senhorita Kent o examinava, como se ela

esmiuçasse em sua mente aquela situação incomum.

— Bem, embora o senhor tenha escolhido burlar o sistema, Senhor Malik, fico feliz por informar que esta instituição tem permissão especial para liberar aos parentes, os dados arquivados há mais de oitenta anos. O senhor entende, contudo, que isso ocorre porque supomos que a pessoa em questão possivelmente já morreu, portanto não será ameaçada se suas informações pessoais forem reveladas. Outros lugares estipulam noventa ou até cem anos antes que esse tipo de registro possa ser acessado. Estamos vivendo mais, como o pode ver.

— Digo que é certo que o parente que procuro já faleceu, mas se morreu na infância ou apenas há dez anos, ainda não posso responder.

— Bem, por que não começamos com a data que o senhor forneceu e vamos ver o que os arquivos guardam? — A Senhorita Kent pegou o telefone e solicitou a pasta em questão. Poucos minutos depois, uma jovem apareceu carregando um espesso livro de capa de couro.

— Obrigada, Heather. Vamos ver.

Ari assistiu em suspense agonizante enquanto ela virava as páginas para encontrar a data correta. Ele sabia que, se essa fosse outra rua sem saída, não saberia onde mais procurar.

— Certo, aqui está. Vinte e dois de agosto...

Ele prendeu o fôlego enquanto ela lia a página, grato por, pelo menos, haver alguma coisa escrita naquela página.

— Um menino foi trazido às dez horas da noite pelo Doutor Smith. A criança foi encontrada, aparentemente, depois de ser abandonada na soleira do médico.

— Duvido — Ari murmurou.

— Senhor Malik — a Senhorita Kent olhou para ele por cima dos óculos. — Posso garantir que essa é uma atitude normal em mulheres desesperadas. Era sempre o padre ou o médico da paróquia quem recebia os pequenos. E eles faziam o possível para ajudar.

— Claro.

— E o senhor está certo. — A Senhorita Kent voltou a sua atenção ao livro. — A criança não tinha nome. Foi descrita aqui como “de aparência euroasiática, com olhos azuis. Saudável, parece bem nutrido e tem por volta dos três anos de idade. Nenhuma marca distintiva. Doação feita”. — A Senhorita Kent olhou para Ari por cima dos óculos outra vez. — Parece ser ele?

— Sim. — Ari sentiu uma onda de emoção, mas fez o possível para se controlar.

— Não comemore ainda, Senhor Malik — ela disse, com o vislumbre de um sorriso. — Tem mais coisas.

— Deram um nome para ele?

— Deram.

— E...?

— Chamaram-no de Noah^[30]. Não me pergunte por quê. Talvez tenha havido uma inundação em Londres naquele dia. Acho que esse é um nome marcante.

— É verdade. E o sobrenome?

— Adams. Outro bom nome bíblico. Isso me faz lembrar de alguma coisa...

— Noah Adams — Ari repetiu para si mesmo. — Ele ficou aqui por muito tempo?

— Tenha paciência, Senhor Malik, estou verificando.

A Senhorita Kent se levantou e foi em direção a um armário de arquivos. Pegou uma pasta e a examinou. Depois olhou para ele, aparentemente comovida também.

— Minha nossa — ela exclamou.

— O que foi?

— Parece que ele se tornou nosso estimado curador e membro do nosso conselho, alguém que conheci como Doutor N. Adams.

— Você o conheceu?

— Sim, conheci. Era um homem maravilhoso. Fez tanto pelo orfanato, para conseguir dinheiro e melhorar as condições de vida das crianças. Ele se aposentou com quase oitenta anos por problemas de saúde e faleceu poucos anos depois. Ele era uma lenda aqui, posso garantir.

Ari procurou em sua carteira o envelope que Anahita havia enviado a seu advogado e removeu o conteúdo.

— Você sabe, por acaso, a data exata de sua morte?

A Senhorita Kent voltou ao arquivo e pegou a fotocópia de um obituário.

— Aqui. Isso foi publicado no *The Times*. Guardamos porque menciona que ele foi um de nossos curadores.

Ari pegou a cópia e leu a data de falecimento de Noah Adams. Depois comparou com a data que Anahita havia escrito dez anos antes, em sua caligrafia fraca, pouco antes de falecer.

— Meu Deus.

As datas eram idênticas.

— Está tudo bem, Senhor Malik? O senhor parece abalado.

— Estou, me perdoe.

— Bem, a boa notícia é que o senhor tem tudo o que precisa para descobrir sobre a sua vida, cortesia do *The Times*. Que estranho — a Senhorita Kent

refletiu. — Eu sabia que o Doutor Adams viveu aqui quando ainda era uma criança, mas nunca tive motivos para investigar. Gostava muito dele, todos gostávamos. — Ela entregou uma cópia do obituário para Ari.

— Obrigado. — Ari olhou para a fotografia em preto e branco de um homem idoso e simpático. Não havia dúvida de que estava olhando para as características de sua *própria* linhagem. Ainda impressionado, tentou se recompor e pensar no que mais poderia perguntar à Senhorita Kent para preencher as lacunas que o obituário não preenchia.

— Ele era um homem gentil?

— Ah, sim. Costumava visitar as crianças uma vez por semana, toda quarta-feira, e trazia bolo. Tomavam chá juntos e ele as ouvia, Senhor Malik, em vez de falar com elas. Como somos uma instituição particular, sem apoio do governo, o Doutor Adams fazia o que podia para levantar fundos e melhorar as condições deste lugar. Ele também patrocinou e encorajou as crianças mais inteligentes a entrarem para a universidade, como ele havia feito. Era uma inspiração para todos.

— Minha bisavó nunca acreditou que o seu filho havia morrido, como lhe disseram. Você sabe se, por acaso, o Doutor Adams tentou encontrar a sua verdadeira mãe?

— Não sei, Sr. Malik. Infelizmente, a única pessoa que poderia lhe responder isso, a sua esposa Samantha, também faleceu há alguns anos.

— Eles tiveram filhos?

— É uma pena, mas não. O Doutor Adams costumava dizer que as crianças daqui eram a sua família. Na verdade, quando sua esposa faleceu, descobrimos que ambos haviam deixado tudo o que tinham para o orfanato. Isso nos ajudou muito, Senhor Malik, posso garantir.

— Eles foram felizes?

— Acredito que foi um amor verdadeiro. Certamente pareciam dedicados um ao outro quando nos visitavam. Mas o senhor pode ler os detalhes no obituário.

— Claro. Obrigado, Senhorita Kent, por toda a sua ajuda. Acredito que não devo mais tomar o seu tempo.

— Não há de quê. Fico feliz por ajudar. Aqui está o meu cartão, com o meu e-mail. Se tiver mais alguma pergunta, não hesite em entrar em contato.

— Não hesitarei. — Ari colocou o cartão na carteira, então se levantou. — Adeus, Senhorita Kent.

Depois de fazer uma doação, Ari deixou o prédio para encontrar uma tarde iluminada de julho. Havia um parquinho de um lado, onde algumas crianças brincavam em um tanque de areia com baldinhos e pás. Ari ouviu seus gritos de alegria, viu os jardins bem cuidados e a pintura caprichada na casa antiga.

Esse é o legado de Moh, pensou, encontrando um banco para se sentar sob a luz do sol e ler o obituário. Anahita teria ficado tão orgulhosa de seu filho. Ele obviamente herdara o talento da mãe para a medicina, e a natureza filantrópica do pai.

Dr. Noah Adams, Bacharel em Medicina (Universidade de Oxford),
FRCOG,^[31] OBE

24 de fevereiro de 2001

Eminente obstetra-cirurgião, o Dr. Noah Adams cresceu no Randall Home for Foundlings, em Walthamstow, leste de Londres. Apesar da infância difícil, o Dr. Adams recebeu uma bolsa da Universidade de Oxford para estudar medicina. Seus anos na universidade foram interrompidos pela Segunda Guerra Mundial, e ele se uniu aos médicos voluntários para servir na França e, posteriormente, no leste da África. Regressando a Oxford para terminar os estudos, casou-se com Samantha Marshall, uma enfermeira britânica que conheceu enquanto servia na França. O Dr. Adams se mudou para Londres e trabalhou no Hospital St. Thomas, posteriormente completando os exames necessários para ingressar no Royal College of Surgeons. Sua especialidade era a obstetria e o cuidado com mulheres grávidas, especialmente. Foi um pioneiro no estudo das causas da pré-eclâmpsia, uma condição que pode resultar na morte das mães e dos bebês. O Dr. Adams escreveu muitos artigos ilustres sobre o assunto e sobre a saúde materna em geral. Era curador e membro do conselho que cuida do orfanato onde cresceu, sendo incansável na defesa de órfãos. Recebeu uma Ordem do Império Britânico (OBE) pelo trabalho de caridade e pelas pesquisas na obstetria. O Dr. Adams deixa sua esposa, Samantha.

Ari só percebeu que estava chorando quando notou a umidade que manchava as palavras na fotocópia. Enxugando os olhos, continuou sentado sob o sol, observando as crianças brincarem.

Ele pegou a certidão de óbito de Moh Chavan da carteira e a rasgou em pequenos pedaços que deixou cair ao chão ao seu redor.

— Eu o encontrei, Anahita — sussurrou. E olhou para o céu.



— Eu disse que vou dar um tempo, Victor — Rebecca repetiu para seu agente. — Não vou voltar por pelo menos seis meses, talvez um ano. — “Talvez nunca”, pensou.

— Mas, Beck! Você está no auge da beleza. Entendo que precise de umas férias, mas por que não volta para casa e planeja essa folga para depois?

— Não. Estou saindo agora — Rebecca respondeu, com determinação.

— Bem, eu acho que você enlouqueceu. A mídia vai pensar que está na pior por causa do Jack espalhar isso.

— Deixe que espalhem. Sabe de uma coisa, Victor? Realmente não dou a mínima.

O outro lado da linha ficou em silêncio.

— Não entendo, Beck. Todos esses anos que trabalhamos juntos, planejando sua carreira, escolhendo os filmes certos. Chegamos aonde chegamos e agora você decide largar tudo! Ei, você não está grávida, está?

— Não, Victor, não estou grávida — Rebecca respondeu, querendo encerrar logo a conversa. — Como eu disse, só preciso de um tempo.

— Tudo bem. Para onde você vai?

— Não vou dizer. Sei que você não compreende, mas não há nada que possa fazer para mudar minha decisão. Então, sugiro terminar esta conversa. Se você me repassar o que entrará na minha conta nos próximos meses, agradeço.

— Claro. Pode ser o último pagamento como atriz, se você continuar com esse plano maluco. Você sabe tanto quanto eu que o telefone para de tocar quando você é notícia passada.

— Adeus, Victor. E, honestamente, obrigada por tudo.

Rebecca desligou o telefone e caiu na cama, aliviada. Talvez *estivesse* louca, mas, pela primeira vez na vida, não queria agradar a mais ninguém. Precisava passar algum tempo aprendendo sobre o mundo e o seu lugar nele. Ela não era uma mercadoria, que podia ser comprada e vendida. Era um ser humano. Se a carreira acabasse enquanto estivesse afastada, qual o problema?

Como Marion Devereaux havia dito naquele dia, conhecer a si mesma e adquirir experiência de vida melhoraria suas habilidades. Não era provável que conseguiria isso vivendo em seu mundo privilegiado, interpretando mulheres irrealistas com finais felizes e sendo tratada como princesa. Ela olhou com atenção para seu quarto no Claridge e sorriu, sabendo que não haveria nada assim aonde

iria.

Rebecca havia deixado alguns recados para Ari, pedindo que telefonasse, mas até agora, nada. O seu silêncio machucava mais do que estava disposta a admitir, mas, se ele era ou não parte do pacote, ela não mudaria de ideia. Sabia que os homens e suas exigências desempenharam um papel muito forte em sua vida até o momento. Era hora de ganhar um pouco de respeito por suas próprias opiniões e inteligência, não por sua beleza. Talvez, depois, pudesse ter um relacionamento honesto e saudável com alguém.

Então, se Ari Malik retornasse ou não suas ligações, amanhã ela tomaria um avião para a Índia.

Ari voltou ao hotel, fez uma refeição rápida no restaurante e subiu para o quarto. Caiu na cama totalmente vestido, exausto com a tensão e a emoção dos últimos dias. Acordou às seis horas da manhã seguinte, notando que precisava deixar o hotel imediatamente se planejava pegar o seu avião. Jogando tudo na mala, deixou o hotel e pediu um táxi para levá-lo ao aeroporto. Olhando para o celular, viu que estava sem bateria e se repreendeu por cair no sono na noite anterior sem colocar o aparelho para carregar. Ele gostaria de se despedir de Rebecca, de lembrá-la do quanto gostaria de vê-la outra vez, mas agora teria que esperar até chegar em casa para fazer isso.

Entrando na fila da classe executiva, Ari considerou aquilo para o qual estava voltando. E não era agradável. Seu apartamento luxuoso e sem alma, e os dias seguidos no escritório, tentando recuperar o tempo perdido, não tinham mais apelo algum. Na verdade, nas últimas vinte e quatro horas, considerou vender seu negócio e acabar com aquilo. Ele queria fazer alguma coisa que valesse a pena, como Anahita e o Dr. Adams, não apenas garantir a própria segurança financeira.

Talvez pudesse ir diretamente visitar sua mãe, contar a ela o que descobriu na Inglaterra e pedir conselhos. E, claro, ele daria o diário de Donald a Muna, sua avó. Ele perguntou à Sra. Trevathan se poderia emprestá-lo por algum tempo, e a governanta havia concordado.

— Bem, o Lorde não vai sentir falta disso nas próximas semanas — ela havia dito, com pesar.

Recebendo seu cartão de embarque, olhou para a fila na classe econômica, pensando que, pelo menos, o seu trabalho lhe proporcionava algumas regalias. Enquanto observava, notou uma garota na fila, com uma mochila nas costas, vestindo uma camiseta, um *jeans* rasgado e chinelos. Seu cabelo escuro estava preso em um rabo de cavalo curto debaixo de um boné, e ela não usava maquiagem. Era vagamente familiar, mas Ari não conseguia se lembrar dela.

Estava prestes a se virar quando ouviu o som fraco do canto, que ouvira pela última vez em Astbury Hall, tocar seus ouvidos. Olhou para a garota com mais atenção e, dessa vez, reconheceu-a enquanto caminhava até o balcão de check-in.

Caminhando em sua direção, seu rosto abriu um grande sorriso porque, ao se aproximar, teve certeza de que era ela. Chegou até a barreira que separava a classe econômica da executiva e bateu em seu ombro.

Ela se virou, surpresa.

— Olá. O que está fazendo aqui? — ele perguntou. Quase não a reconheci com os cabelos escuros e o boné. E não se importe seu eu disser — ele sorriu. — Você não se parece nada com Violet.

— Não. — Ela chacoalhou os ombros. — Percebi que tudo não passava de ilusão. — Ela olhou para ele e franziu as sobrancelhas. — Você não recebeu meu recado?

— Não, meu telefone está sem bateria. Então... O que você está fazendo aqui? — ele perguntou outra vez.

— Como você pode ver, estou indo para a Índia. — Ela sorriu, e ambos caíram na risada.

— Na classe econômica?

— Isso — ela respondeu. — Quero fazer direito.

— Entendo — ele disse. — Mas você acha que, nesta ocasião em especial, posso convencê-la a se sentar comigo na executiva? Lembre-se: sou um nativo e seria uma pena se não pudesse passar as próximas nove horas ajudando você a decidir aonde deveria ir para se encontrar, não acha?

Ela pensou por um instante, depois disse:

— Acho que sim.

— Talvez eu possa acompanhá-la em parte de sua jornada. Continuar meu papel como o seu guia espiritual e protetor. A Índia pode ser um lugar bem perigoso para uma jovem sozinha, sabia?

— Sério? Tão perigoso quanto Astbury? — ela sorriu, com ironia.

— Duvido. Bem, Rebecca, você aceita se juntar a mim? — Ele estendeu a mão através da barreira e ela a pegou. Ficaram parados ali por alguns segundos, sorrindo um para o outro.

— Aceito — ela respondeu.

— Deixe-me cuidar disso — Ari disse, soltando sua mão, tirando a mochila de seus ombros e puxando-a por sobre a barreira. — Agora é a sua vez — ele avisou.

Ele ficou lá, esperando que ela passasse por baixo do cordão que os separava.

— Olá — ele sorriu.

— Olá.

E então ele a tomou nos braços.

Epílogo
Índia, 1957



Anahita

Assim minha história chega ao fim, filho. Tudo o que resta é dizer o que aconteceu depois que regressei à Índia. A marani me recebeu de braços abertos, como se eu nunca tivesse ido embora. Descobri que o último rubi ainda estava a salvo em seu esconderijo sob a rotunda no jardim e soube que, debaixo de seu exterior opaco, estava a chave para a minha liberdade e independência.

Indira estava desesperada para que eu a acompanhasse de volta a seu palácio e assumisse meu antigo papel como sua companheira, viajando de um lado para o outro da Europa com ela, mas eu recusei a oferta.

Veja, Moh, seu pai me deu um último presente antes de morrer. Apenas os deuses podem explicar como a pequena centelha de vida plantada em mim naquela última noite que passamos juntos conseguiu sobreviver a meu encarceramento, a meu luto e a minha doença subsequente, mas ela sobreviveu. Quando voltei a Cooch Behar, minha velha amiga Zeena, a curandeira, confirmou que eu estava grávida de quatro meses.

Desta vez não houve medo, apenas paz. Mesmo que meu coração estivesse despedaçado por perder você, fosse orquestrada pela mera ausência física ou pela morte, senti que pelo menos havia uma nova vida surgindo das cinzas da tragédia.

Indira retornou a seu próprio palácio, a seu marido e a seu filho logo depois que chegamos, mas eu permaneci em Cooch Behar. Uma tranquilidade estranha e soporífica caiu sobre mim enquanto minha barriga crescia, como a de uma égua em um campo coberto por feno recém-cortado.

Sua irmã, Muna, nasceu em 5 de junho de 1923, auxiliada por Zeena. E meu novo neném cresceu para se tornar tão calma e pacífica quanto a sua chegada a este mundo foi. Eu imaginava, às vezes, enquanto a amamentava nas primeiras horas da madrugada, se ela herdara o meu dom. Mas, conforme ela crescia, ficou claro que não era o caso. Contudo, eu sabia que, em algum momento, um de seus filhos, ou os filhos de seus filhos, o herdariam. E que eu saberia imediatamente, na hora certa.

Quando Muna tinha cinco anos, senti que deveria começar, finalmente, minha

própria vida, seguir meus sonhos e deixar a aura protetora do palácio.

Principalmente por causa de minha antiga coordenadora no Royal Hospital, que enviou meus registros da época da Primeira Guerra Mundial e uma referência pessoal elogiosa, me ofereceram um emprego no hospital local e comecei o treinamento oficial necessário para me tornar enfermeira. Claro, meu sonho sempre foi ser médica, mas isso era raro para uma mulher na Índia de 1928.

Fiz o melhor que pude e, conforme a Índia começou a mudar, minhas oportunidades também mudaram. Tornei público meu apoio a Gandhi, especialmente quanto aos direitos das mulheres. Meu querido filho, é verdade se disserem que ganhei certo renome.

Escrevo estas últimas palavras dez anos depois de nossa independência em face dos britânicos. O país ainda luta para encontrar sua própria identidade, para acreditar que é capaz de tomar decisões sozinho depois de tantos anos aceitando o que era imposto sobre nós. Mas acredito que chegaremos lá. Estou, atualmente, com o apoio de Indira e de sua mãe, implantando o primeiro hospital para mulheres na Índia. Com a ajuda de conexões com a nobreza, estamos em contato com alguns dos obstetras mais renomados do mundo.

Um em especial, um médico da Inglaterra, tem me ajudado muito. O Dr. Noah Adams trabalha no Hospital St. Thomas, na ala feminina, e tem contribuído com uma ajuda prática vital, enquanto luto para melhorar o cuidado com os pacientes. Espero, um dia, quando nosso hospital estiver pronto, que ele tenha tempo para me visitar aqui.

Meu querido Moh, preciso terminar esta história. Se você estiver vivo, como sempre acreditei que estivesse, desejo-lhe toda a felicidade, paz e alegria. Posso apenas orar para que, se não nesta vida, nos encontremos novamente quando deixarmos este mundo.

Meu filho, saiba sempre que você foi amado de verdade.

Sua devotada mãe,

Anahita

Agradecimentos



Gostaria de agradecer aos meus editores ao redor do mundo, especialmente Peter Borland, da Atria Books, que me inspirou a ter confiança para aceitar um desafio como *A Rosa da Meia-Noite*. Espero corresponder. Um agradecimento especial a Catherine Richards, da Pan Macmillan, que pacientemente organizou o manuscrito; a Jeremy Trevathan, Almuth Andreae e Georg Reuchlein, Judith Curr, Jorid Mathiassen e Knut Gorvell, Fernando e Milla Baracchini, Annalisa Lottini e Donatella Minuto. Sem sua amizade, apoio e incentivo, meus livros não alcançariam seus leitores.

Muitas pessoas me ajudaram na pesquisa, incluindo Raj Chahal, o Dr. Preema Vig, Rachel Jaspar, da Coram; Line Prasad, Pallavi Narayan, Mark, da “All Experts”; Radhika Artlotto, Greg e sua equipe no Dhara Dhevi Hotel; Chiang Mai, não apenas por me proporcionar a paz de que precisava para escrever a história de Anahita, mas também pelo curso de medicina Ayurveda.

Minha maravilhosa assistente, Olivia Riley (quem disse que em família não é possível trabalhar com sucesso?), meus amigos fantásticos e que torcem por mim: Jacquelyn Heslop, Susan Boyd e Rita Kalagate, minha mãe, Janet, e minha irmã, Georgia. E, claro, meu marido, Stephen, e meus filhos, Harry, Isabella, Leonora e Kit. Todos vocês fazem o trabalho valer a pena.

Finalmente, a todos os novos amigos e leitores que conquistei viajando pelo mundo, cujo entusiasmo e apoio me inspiram a continuar escrevendo.

Bibliografia



A Rosa da Meia-Noite é uma obra de ficção ambientada em um cenário histórico. As fontes que usei para pesquisar sobre o respectivo período e os detalhes sobre a vida de meus personagens foram:

BARNETT, Lionel D. *Hindu Gods and Heroes: Studies in the History of the Religion of India*. Crest Publishing, 1995.

CHOPRA, Deepak. *The Complete Book of Ayurvedic Home Remedies*. Piatkus Books, 1999.

DEVI, Gayatri. *A Princess Remembers: The Memoirs of the Marani of Jaipur*. Rupa Publications, 1995.

FORSTER, E. M. *A Passage to India*. Penguin Publishing, 1995.

KIPLING, Rudyard. *Rewards and Fairies*. Folio Society, 1999.

MOORE, Lucy Moore. *Maharanis: The Lives and Times of Three Generations of Indian Princesses*. Penguin, 2004.

JHABVALA, Ruth Praver. *Heat and Dust*. Abacus, 2011.

ROYLE, Trevor. *Last Days of the Raj*. Michael Joseph Ltd, 1989.

SCOTT, Paul *The Raj Quartet*. Arrow; New Edn, 1996.

STEWART, Amy. *Wicked Plants*. Algonquin Books, 2010.



- [1]. Do hindi, mãe. (N.T.)
- [2]. Do hindi, amada, adorada. (N.T.)
- [3]. Do hindi, abreviação de *maaji*, mãe. (N.T.)
- [4]. Do hindi, saudação, reverência. (N.T.)
- [5]. Do hindi, a parte da casa que é reservada às mulheres. (N.T.)
- [6]. Do urdu, um dialeto hindu, margens do rio. (N.T.)
- [7]. Do hindi, orações, rituais. (N.T.)
- [8]. Do hindi, filho. (N.T.)
- [9]. Ervas a que se atribuem poderes medicinais. (N.E.)
- [10]. Do hindi, filha. (N.T.)
- [11]. Do hindi, exorcista. (N.T.)
- [12]. Instrumento indiano de percussão. (N.T.)
- [13]. Do hindi, líderes espirituais. (N.T.)
- [14]. Esposa do marajá, ou feminino de marajá. (N.T.)
- [15]. Do hindi, a prática de impedir as mulheres de serem vistas pelos homens que não sejam seus parentes diretos. (N.T.)
- [16]. Do hindi, espécie de carruagem, às vezes colocada sobre elefantes, para carregar nobres indianos. (N.T.)
- [17]. Do hindi, objeto utilizados durante a prática das orações. (N.T.)

- [18]. Pessoa que monta em elefantes. (N.T.)
- [19]. “Como vai você?” (N.T.)
- [20]. “Estou honrada em conhecê-la.” (N.T.)
- [21]. “O prazer é todo meu.” (N.T.)
- [22]. Do hindi, chá. (N.T.)
- [23]. Do hindi, véu. (N.T.)
- [24]. Do francês, fato consumado. (N.T.)
- [25]. Planta comum na América. (N.E.)
- [26]. Local onde os sábios viviam em paz e tranquilidade no meio da natureza. (N.E.)
- [27]. The Peninsular and Oriental Steam Navigation Company. (N.T.)
- [28]. Tipo de cerveja escura. (N.T.)
- [29]. *Dosha* é o perfil biológico de uma pessoa, de acordo com os conceito do Ayurveda. Existem três *doshas*: *Vata*, *Ditta* e *Kapha*, e cada um apresenta características específicas. (N.E.)
- [30]. Equivalente a Noé. (N.E.)
- [31]. Membro do *Royal College of Obstetricians and Gynaecologists*. (N.T.)